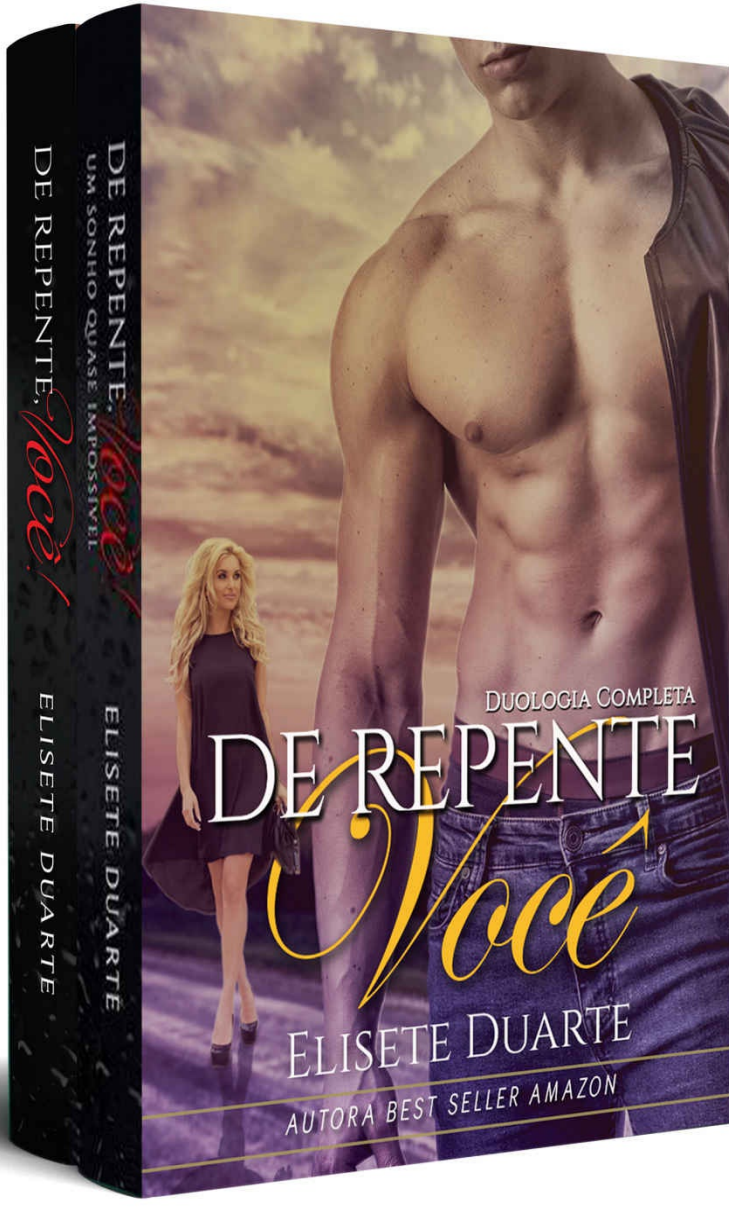
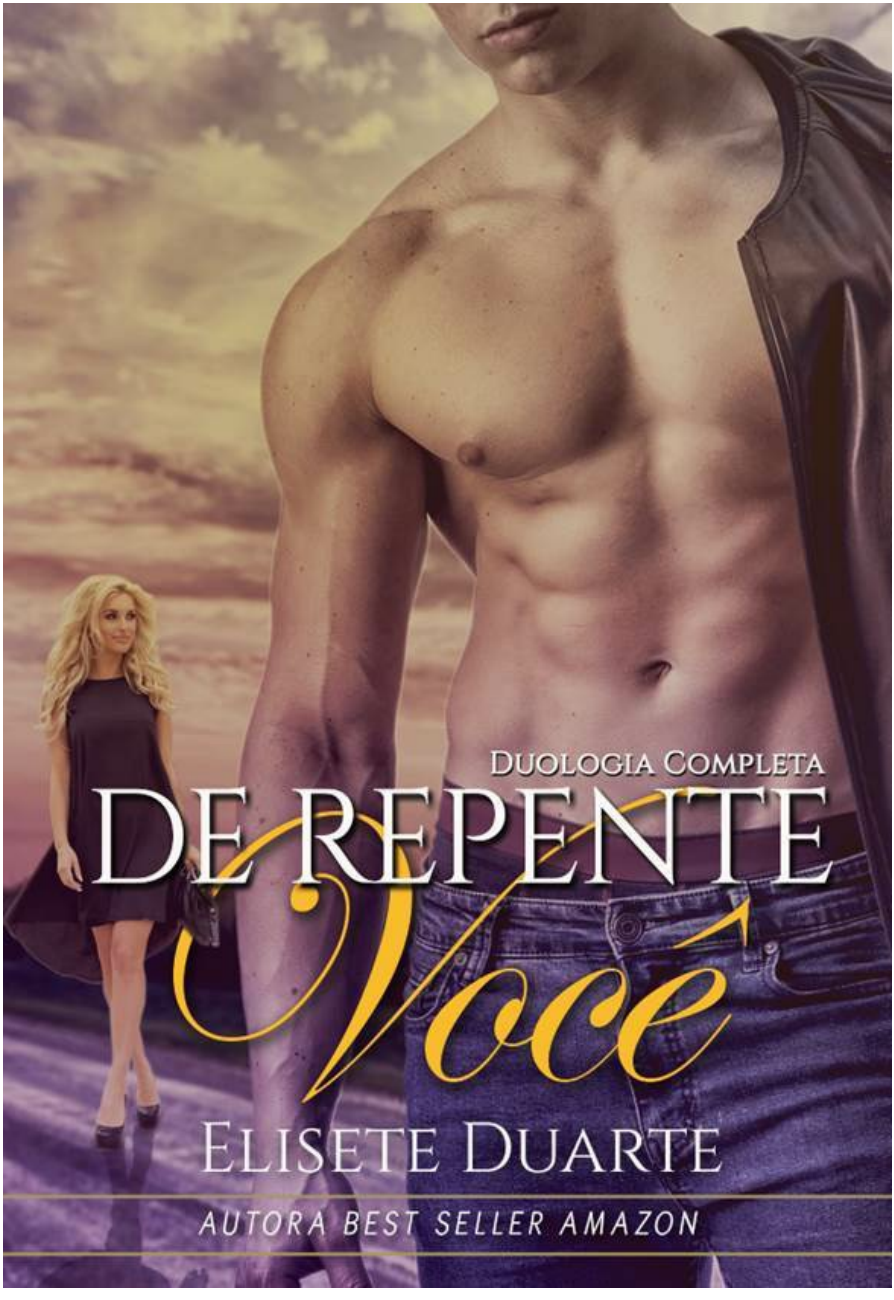

DE REPENTE, Você
UM SONHO QUASE IMPOSSÍVEL
ELISETE DUARTE
DE REPENTE, Você
ELISETE DUARTE
DUOLOGIA COMPLETA
DE REPENTE
Você
ELISETE DUARTE
AUTORA BEST SELLER AMAZON


DUOLOGIA COMPLETA
DE REPENTE
Você
ELISETE DUARTE
AUTORA BEST SELLER AMAZON

Copyright © 2016 Elisete Duarte

Site da autora

http://eliseteduarte.com.br/

De Repente Você!

Capa Ebook Box: Joice S. Dias

Beta Reader: Renata Margaria

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação digital: Ariane Lima e Joice S. Dias

2017

De Repente, Você!

Um sonho quase impossível

Livro 2

Capa Ebook Box: Joice S. Dias

Beta Reader: Renata Margaria

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação digital: Ariane Lima e Joice S. Dias

2017

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Agradecimentos

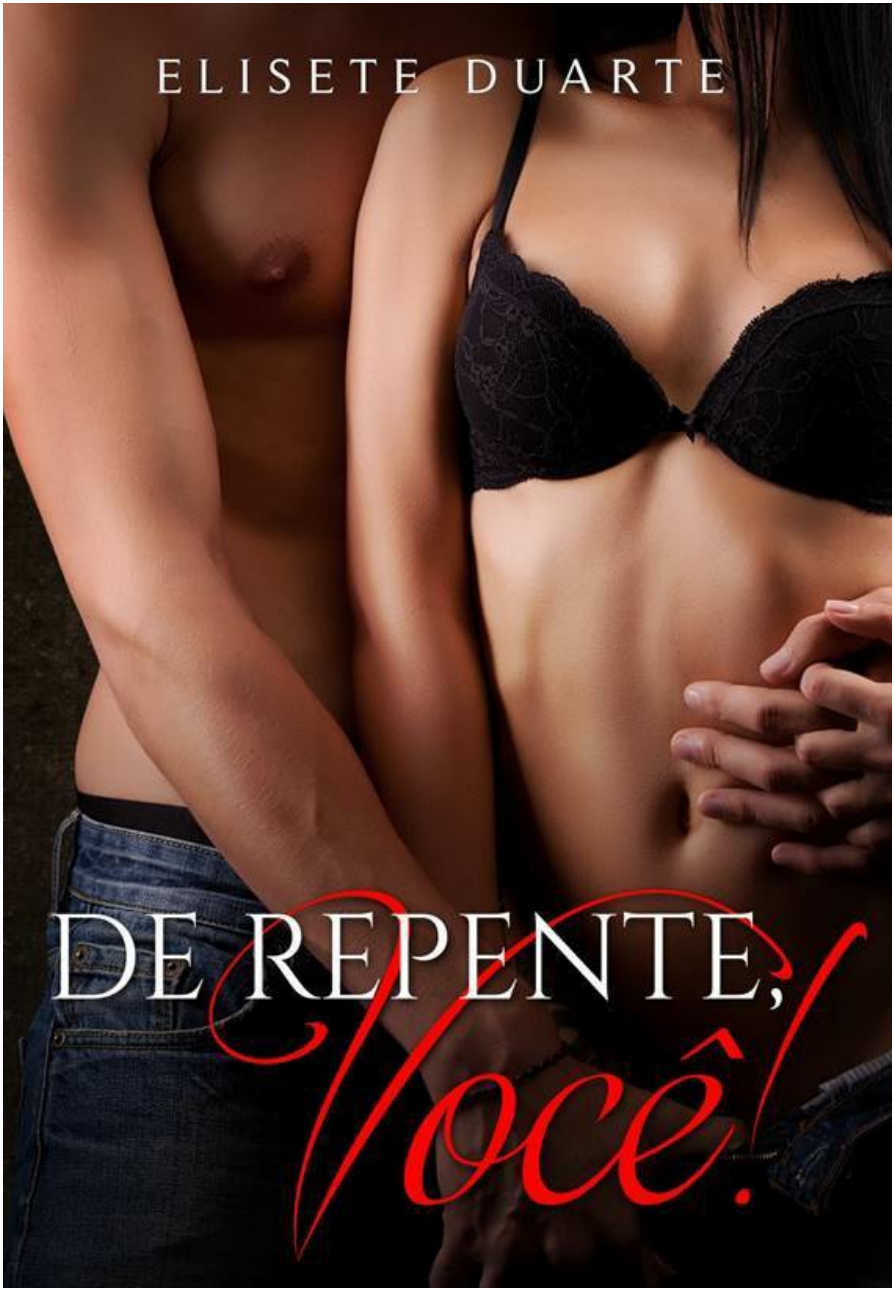
Eu não poderia deixar de agradecer, Marcia Barbosa, Penha Rangel, Cleidi Alcântara, Marli Ylonen e todos outros leitores do Wattpad que acompanharam a evolução desta história, participando com seus comentários, resenhas e palavras de apoio.

Uma experiência inesquecível, que carregarei em meu coração para toda vida! Amo vocês!!!

Índice

Prólogo
Capítulo 1
Caopítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Livro – 2
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6

Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Biografia
Contato
Outras obras


ELISETE DUARTE
DE REPENTE,
Você!

Livro 1

Prólogo



Fernando

-Com licença, senhor Fernando? — Distraído na leitura do contrato do empreendimento do novo Shopping em Porto Alegre levantei a cabeça, acenando para minha secretária, Estefânia, com a cabeça pelo vão da porta.

— Entre, por favor, Estefânia... — Ela é uma mulher de uns 40 e poucos anos, baixa, sua altura era um pouco acima da minha cintura, fortinha, cabelos curtos e ruivos e olhos lindos castanhos com aqueles cílios enormes pretos. — Estou só finalizando a leitura nos últimos ajustes do projeto para ir embora — expliquei enquanto ela fechava a porta e se aproximou.

— É que já passa das 19h30 e gostaria de saber se ainda vai precisar de mim — disse ela meio inibida.

Às vezes, eu me sinto mal com esta reação das pessoas, porém assumir esta postura séria, foi necessário.

O meu pai faleceu há três anos, vítima de um infarto fulminante, a Albuquerque Shopping Centers, a empresa da minha família, está sob meu comando desde então. Era um grande orgulho estar ali, administrando todo aquele

império que foi conquistado com muito esforço pelo trabalho exaustivo do meu pai. E hoje eu levo de letra com a experiência adquirida em trabalhar desde a adolescência ao seu lado e pela faculdade de Administração de Empresas.

É uma das maiores e mais bem-sucedidas empreendedoras no segmento de shopping centers do país, localizada na, Engenheiro Luís Carlos Berrini, uma avenida no bairro mais nobre de São Paulo. Há quase 30 anos no mercado brasileiro, uma gestora global de ativos focada em mercados imobiliários e de infraestrutura no Brasil e em mais alguns países. Uma empresa que investe milhões em projetos de expansões e revitalizações de novos empreendimentos.

— Pode ir para casa. — Um sorriso se alargou de um lado ao outro do seu rosto.

— Obrigada, senhor Fernando. O meu marido está me aguardando para o jantar, hoje estamos comemorando dez anos de casados. — A sua euforia me fez abrir um sorriso torto.

— Meus parabéns — desejei com um sorriso forçado.

Um calafrio de pavor desceu por minha espinha.

— Obrigada, com licença — disse ela.

Eu fiquei ali, contemplando-a até sair pela a porta e fechá-la atrás de si, pensando.

Está aí uma coisa que nunca vou me sujeitar na vida: casamento! Para mim casamento não passa de um cabresto, e também não tenho nenhum talento para ele. Eu nunca me apaixonei e nem quero! Não nasci para ser homem de uma única mulher, sou homem para várias.

E com esta definição, finalizei os últimos ajustes no contrato e segui rumo a mais uma noitada daquelas!



Mary

Nunca passou pela minha cabeça que, um dia, eu seria nomeada representante da liderança do movimento contra a desapropriação. Um título que me deixou muito honrada por lutar ao lado das pessoas injustiçadas. Cresci ouvindo dos meus pais, hoje falecidos num acidente de carro há cinco anos, que a grandeza do ser humano está em respeitar o próximo. Suspirei profundamente ao lembrar as palavras doces do meu pai: "A sua liberdade acaba quando começa a do próximo".

Por esta razão, eu comprei esta briga que nem é minha, mas que me dava o maior prazer, e a minha profissão de assistente social me colocou para bater de frente com os magnatas da construção civil. Eu não podia cruzar os braços, enquanto centenas de pessoas eram ameaçadas de serem despejadas de seus lares. Sem me importar com o longo caminho que percorri pelas rodovias em direção a São Paulo.

Foram 1129 km de Porto Alegre, um percurso de quase dois dias, com poucas paradas: apenas para banhos, me alimentar e algumas vezes para esticar as pernas, pois

ninguém é de ferro.

Uma viagem até tranquila, levando-se em conta as circunstâncias; apesar de cansativa, a minha única preocupação era com meu carrinho popular, de quase dez anos. Torci para não me deixar na mão, já que todo o dinheiro que possuía com o salário como assistente social estava em minha carteira, e não dava para muita coisa, nem mesmo para pagar um hotel. Me hospedaria na casa da irmã da minha mãe, uma senhora de 50 anos, solteira e que morava sozinha num pequeno apartamento no centro de São Paulo desde a adolescência e que demonstrou estar muito animada com a minha visita.

Ainda bem, afinal eu não me arrependi de ter aceitado a missão, todo este sacrifício valeria muito a pena, trazia comigo aquelas oito mil assinaturas contra a Construtora Albuquerque. Ia dar meu jeito de esfregar na cara dos comandantes da empresa e, se caso eles não se intimidassem, eu chamaria a imprensa, fazendo tanto barulho que levaria aqueles arrogantes ambiciosos para a sarjeta.

Eu nunca me intimidei diante de um magnata. Eles não

perdem por esperar...

Capítulo 1

Fernando

Sábado...

Acordei com meu pau duro, latejando.

— Que porra! — No silêncio do meu quarto eu aperto com vontade, morrendo de tesão. E não poderia ser diferente, passei a noite inteira sonhando com aquela bandida da Késsia me sugando, se deliciando com ele todo na sua boca, seus olhos castanho-clarinhos me olhando por cima, enquanto aquela boca gulosa me devorava. — Que boca, deliciosa! — Lembro-me de ter elogiado quando seu namorado e funcionário da área jurídica entrou na sala.

Eu não sei onde vou parar com esta minha tara. Bem... quero dizer: essa eu sabia, enterrado nela, porque era só o que eu conseguia pensar desde ontem de manhã.

"*Cachorra*", pensei me masturbando deliciosamente pensando nela, em seus lábios finos, porém promissores. Eu precisava saber...

Késsia Oliveira é uma mulher de 27 anos, exuberante, com peitos e bunda de silicone, alta, loira com corte no ombro tipo chanel, ousada e atrevida. Ela pensa que não percebi onde fixou os olhos enquanto estávamos na minha

sala, em reunião: exatamente sobre meu pau... Isto era uma rotina, depois que roçou aquela bundona nele ao passar por mim no corredor. Desde que Juliano a contratou como secretária, ela tem aquele olhar safado sobre mim.

O Juliano é um dos melhores advogados da minha empresa, eu costumo dizer que é o "*Cara*", pois em todos os boletins de ocorrência que surgem é ele quem resolve as questões adversas. E é o que mais existe no ramo da minha empresa.

E, claro, para a construção de novos projetos sempre haverá as desapropriações, é comum surgir em desapropriação em massa obstáculos enormes, moradores que não aceitam as propostas e os que recusam a sair do lugar onde nasceram por motivos emocionais.

E é exatamente aí que o Juliano atua. Aliás, ele nunca bateu na minha sala levando problemas, ao contrário o rapaz é tão eficiente que eu não preciso sequer perguntar como andam os processos, ele já vem com todas as sugestões possíveis e satisfatórias me blindando de situações constrangedoras.

E foi por este motivo, em respeito a ele, que não

convidei aquela safada para sair comigo, só que ela passou um melzinho na minha boca me deixando louco para comer do doce. E nem as noitadas estavam resolvendo aquele apetite. Eu não sabia como ia resolver este impasse.

— Ahhhh, ahhhh... — Me estiquei na cama, acelerando os movimentos de vai e vem revivendo o sonho, quase a ponto de gozar quando a batida na porta do meu quarto e a voz da minha mãe me fez pular de susto, puxei o lençol me cobrindo imediatamente, com o coração aos pulos.

Abri meus olhos na escuridão do quarto com o ranger da porta se abrindo, só consegui ver o vulto da cabeça dela pelo vão da porta.

— O que foi, mãe? — perguntei com voz sonolenta, fingindo que ela acabara de me acordar.

— Me desculpa te incomodar, meu querido, é que já passa das nove da manhã e o seu tio Gustavo e o Juliano estão vindo para cá, disseram que é uma emergência e que precisavam de sua autorização antes de tomarem uma medida drástica — explicou ela dali mesmo.

— Ah... — respondi apenas, sem conseguir assimilar o

que ela disse, afinal meu corpo ainda estava em chamas, eu precisava aliviar a cabeça de baixo para pensar com a cabeça de cima.

— Você entendeu o recado, Fernando? — insistiu ela com o meu silêncio.

— Mais ou menos, mãe. Preciso acordar primeiro.

— Eu posso entrar, meu querido? — Como se aquela pergunta fosse mesmo necessária, ela já entrou sem esperar a minha resposta.

Não, mãe! Rolei na cama e fiquei de bruços para esconder minha ereção dando um volume considerável sobre o lençol.

— Você precisa despertar, o Juliano me fez prometer que tiraria você da cama, pelo jeito que ele falou nervoso ao telefone devo concluir que seja algo muito grave. — disse ela.

A decoração do meu quarto de quatrocentos metros como em toda a mansão é da mais alta tecnologia com equipamentos de última geração. Ela pegou o controle remoto que comandava todo o quarto, cortinas, janelas, iluminação, o som, TV, ar condicionado e acionou o botão

das cortinas que se abriram para o lado, revelando o sol escaldante de setembro com seus raios invadindo em minha direção através da grande janela de vidro de parede a parede. Afundei a rosto no travesseiro para me esconder da claridade devido a ardência em meus olhos.

— Por favor, mãe, fecha esta cortina — pedi e foi o mesmo que nada.

— Sabe que este comportamento não é o meu, nunca incomodaria um homem aos 33 anos e ainda num sábado, um dia sagrado ao descanso, se não estivesse muito preocupada — ela falava enquanto veio se sentar ao meu lado na cama. — Se levanta, meu filho. — Suas mãos afagaram meus cabelos castanho-escuros, então inclinou-se, beijou minhas costas e se levantou caminhando em direção à porta e virou-se antes de sair. — Você comanda um império, então... — Inclinei a cabeça quando meus olhos se acostumaram à claridade e sorri *cansadão*. Afinal, fiquei até a madrugada bebendo com uns amigos no bar.

— Tenho que cumprir com as minhas responsabilidades, eu sei... — Ela sorriu satisfeita e saiu

fechando a porta atrás de si.

Fechei meus olhos se concentrando nos passos delicados sobre o salto alto de seu calçado se afastando pelo corredor dos quartos. Uma coisa que sempre admirei em minha mãe é a forma dela se vestir elegantemente ao se levantar, em seus 58 anos, aliás, sempre foi assim, até dormindo ela sempre está chiquérrima.

Então rolei na cama jogando o lençol para o lado, meu pau ainda latejava, mas com algumas massagens eu me arrepiei todo. Porém, bufando, saí da cama, não queria ser surpreendido novamente, daria um jeito nisto mais tarde, e quem sabe me encorajasse e ligasse para a Késsia, este foi o jogo dela e eu estava disposto a entrar nele.

Segui para o banheiro e, antes de entrar, fiz uma série de flexão na barra fixa da porta para acordar os músculos já bem definidos do meu braço e peito. Em seguida, me senti mais preparado para enfrentar o dia que, pelas informações da minha mãe, não seria nada fácil.

— Creio que o assunto deva ser de extrema urgência para você me tirar do meu descanso sagrado — disse assim que me sentei na confortável poltrona de couro em

frente ao sofá de dois lugares, onde se sentou o Juliano vestido em seu terno azul-marinho, camisa branca e uma gravata com uma estampa bem legal. Gostava da forma refinada que o Juliano se esforçava para se vestir para representar a Albuquerque, e seus cabelos loiros curtos, bem penteados, deixando seu rosto lisinho com a barba com ar mais sério. E o tio Gustavo, ele é o único irmão de minha mãe, cinco anos mais jovem. Os dois eram muito parecidos, cabelos castanho-escuros como o meu, e olhos castanhos como os cabelos, eu puxei os olhos verdes-acinzentados e expressivos do meu pai.

— Muito... — respondeu Juliano com certa aflição no olhar.

— Eu pensei que encontraria você vestido adequadamente para nos acompanhar — comentou meu tio me olhando de cima a baixo.

Aprendi com o meu pai que os finais de semana e feriados deveriam ser reservados à família. E eu vinha fazendo isto desde então, escolhi uma calça de brim branca e uma camiseta verde-limão de um tecido bem fresquinho me baseando no sol que atravessou minha

janela.

— É sério? — Fixei meus olhos em Juliano, que reprimiu os lábios com o olhar baixo. — Eu pensei que você daria conta dos problemas da empresa, Juliano. — Ele corou no mesmo instante com o meu comentário e me encarou firme. Eu gostava disto nele, a forma de enfrentar os obstáculos, ele era mesmo único.

— Eu também, Fernando. — Balançou a cabeça, chateado, eu ergui a sobrancelha em silêncio aguardando a explicação. — Acontece que não esperava que um movimento contra a construção do shopping fosse alcançar a proporção que chegou.

— Malditos ambientalistas! — praguejei impaciente e me levantei, passando a mão pelo cabelo úmido deixando os dois ali agitados sobre o sofá.

— Precisamos que nos dê permissão para processar um dos integrantes do movimento que estão difamando a nossa empresa. E acontece que este membro está em São Paulo e não tivemos outra opção a não ser marcar esta reunião para hoje, às 13h30. Ela ameaçou até chamar a imprensa na segunda-feira, logo pela manhã — rosnou ele,

indignado como eu estava. — Não nos deu outra alternativa — completou Juliano, nervoso.

— É muito preocupante e negativo para a empresa, não podemos permitir isso — emendou tio Gustavo.

Me virei de frente aos dois sentados no sofá.

— E por que já não fizeram isto? — Abri meus braços, impaciente, já pensando ser incompetência de ambos. — Não precisam de autorização para algo necessário. Aliás, os dois foram contratados justamente para resolverem todos os BO's que surgirem.

— Não seja injusto, meu sobrinho — repreendeu-me com olhar severo. — Não estaríamos aqui perturbando seu ilustre fim de semana se não fosse por uma boa causa e sabe disto! — vociferou, me fazendo baixar a guarda. Assenti com a cabeça e voltei ao meu lugar, cruzei as pernas e aguardei as explicações que me convenciam de que eles estavam certos de estarem ali.

— Então, vamos lá, sou só ouvidos. Quero um esclarecimento de tudo e nos mínimos detalhes — exigi conformado que o meu final de semana havia sido arruinado.

— Acontece que, desta vez, a construção do shopping é na última área verde na região escolhida da grande Porto Alegre, além, é claro, de uma vila onde se concentra creches e comércios que atendem a região. E tem causado polêmica entre a população que mobilizou vinte entidades da sociedade civil organizada: igrejas, professores sindicalistas, artistas, ativistas de Direitos Humanos e militantes da causa ambiental, tudo contra a obra. E além do mais estão questionando sobre a legitimidade das autorizações públicas das derrubadas das árvores centenárias, acusando-nos de fraude junto a prefeitura da cidade.

— Eu não consigo entender como pessoas possam ir contra ao crescimento, será que não entendem que vai abrir um leque muito grande de empregos, área de lazer, enfim... é o progresso. — Com o cotovelo apoiado no braço largo da poltrona segurei minha cabeça, inconformado com pensamentos tão retrógrados.

— As pessoas não estão olhando para este lado — emendou Juliano. Eu levantei a cabeça, fitando-o, sentindo que vinha mais uma bomba-relógio pronta a explodir. —

Já existe um abaixo-assinado de mais de oito mil assinaturas contra a construção do empreendimento alegando que existem suspeitas de irregularidades.

— Caralho! — explodi batendo com força nos braços na lateral da poltrona. Juliano arregalou os olhos, assustado, com a minha reação de indignação.

— É muito sério e também preocupante — confirmou, me deixando ainda mais irritado.

Já havia investido milhões neste projeto e não via a menor possibilidade de voltar atrás. Eu não sou homem de amargar prejuízos e me levantei, ambos à minha frente levantaram também.

— Podem processar quem for preciso, nem era preciso vir pedir minha permissão. — Juliano juntou as sobrancelhas.

— Era necessário levando-se em conta que ao abrirmos um processo desta magnitude, você, como presidente da empresa, ficará exposto a uma montanha de questionamentos, inclusive vai ter que peitar a imprensa, ou desistir... — sugeriu absurdamente aquela opção que me fez cerrar os punhos.

— Jamais vou desistir, não sou homem destinado ao fracasso. Se é briga que este povo quer, então é briga que terão — afirmei a passos largos em direção à porta e abri olhando para o relógio em meu pulso. — Agora são 10h15, acho que consigo chegar a empresa as 11h ou um pouco mais. Vou me trocar e, em seguida, vou para o escritório. Vão na frente que nos encontramos lá. — Saí fechando a porta com uma enorme impaciência.



Mary

Estava difícil manter os olhos atentos na estrada enquanto dirigia, o sol forte das dez e meia estava iluminando o meu rosto, fazendo a minha pele brilhar. A calça jeans clara começou a me incomodar grudando em minhas pernas, e a blusa branca decotada de algodão em decote V não eram o suficiente para trazer refresco ao meu corpo que parecia estar aceso por dentro. Já não bastasse todo o meu corpo úmido, ainda escorria o suor de minha testa em direção ao vão entre os meus seios fartos.

— Que porra de carro! — reclamei, abrindo os vidros até o limite na esperança daquele pequeno espaço abafado ficar mais fresco. Mas com o sol escaldante foi impossível. Assim que entrei numa avenida movimentada me animei com a placa indicando que já estava entrando na cidade e soltei o ar aliviada e abri um largo sorriso de um lado ao outro do rosto.

Ufa!

Peguei meu celular no banco do passageiro verificando as horas, ainda tinha três horas até a reunião marcada na

construtora, pensei que talvez pudesse tomar um banho e trocar de roupa antes de enfrentar as feras. Disquei o número, porque já era hora de avisar a minha tia de que estava chegando. Ela atendeu ao terceiro toque.

— Alô! Tia, sou eu, a Mary.

— Oi, minha querida. E aí, já chegou em São Paulo? — perguntou ela toda eufórica. — Só um minutinho, Mary — pediu ela. Ao fundo, ouvi uma voz masculina que lhe dava alguma ordem do tipo: "prepara algo leve para o jantar".

— Sim, senhor. — Ouvi ela dizer e, então, voltou sua atenção para mim. — Oh, minha querida, me desculpa, é o meu patrão...

— Imagina, tia, nem precisa se desculpar.

— Então, está com o endereço certinho lá de casa, né? Ah! — exclamou ela do outro lado da linha antes que eu respondesse. Até parece que eu havia me esquecido. — Você não sabe da pior, eu acabei me esquecendo de deixar a chave debaixo do tapete para você, meu Deus! — Seu desespero me deixou muito emocionada, ela lembrava muito a minha mãe no jeito de falar, de se preocupar e eu estava amando a ideia de passar alguns dias em sua casa.

Assim poderia matar a saudade dela, que é uma pessoa extremamente maravilhosa, e também recordar a minha querida mãe olhando para seu rosto tão parecido.

— Não tem problema, tia — tranquilizei-a. — eu vou procurar o que fazer, um shopping, por exemplo — sugeri assim sem pensar. Imagina eu em um shopping! Aliás, esta era a razão por eu estar aqui. Só falei mesmo para não a deixar ainda mais nervosa, eu procuraria um parque arborizado ou algo parecido.

— Não, não... — falou ela. — Anote aí o endereço aqui do meu emprego, não é tão longe assim.

— Não acho uma boa ideia, seus patrões podem não gostar e...

— Pare de bobagens, Mary — interrompeu-me ela. — Estou sozinha em casa, agora. E por outro lado, eles não se importam, são pessoas muito compreensivas, fica tranquila, e anota aí.

Conforme ela foi ditando, eu digitei no GPS do celular.

Em menos de dez minutos, eu já estava na Avenida Brasil, muito próximo ao bairro Jardim América e fiquei encantada com a região. Parada no farol, agarrada ao

volante, inclinada sobre o para-brisa, eu admirava tudo por ali, suas mansões de ambos os lados das ruas arborizadas e desertas naquele horário, um sonho, e nas ruas tranquilas de vez em quando circulava só carros de luxo. Comecei a rir sozinha pensando que meu carro velhinho não estava combinando em nada com aquilo tudo. Mas também nunca me importei com isso, estava feliz com a vida que levava e foi uma escolha que fiz.

Assim que o farol assumiu a cor amarela, aproveitei que não havia carro e, então, acelerei, já estava exausta da longa viagem e queria logo esticar minhas pernas quando, nem sei de onde, veio aquele carro preto de luxo, crescendo à minha frente, em alta velocidade, nem tive tempo de pisar no freio. Meu corpo foi projetado para frente com o impacto e o espelho retrovisor já quebrado se soltou e voou em direção à minha testa me acertando em cheio, antes do meu corpo ser projetado de volta ao encosto no banco.

— Ai... — gemi um minuto depois levando a mão esquerda na testa próxima à raiz do meu cabelo, o local latejava, quando me dei conta do ocorrido.

— Meu Deus! — Ouvi aquela voz ao meu ouvido que adentrou pelo vidro aberto em um tom grave e rouco ao mesmo tempo e deixou todo meu corpo arrepiado me fazendo até esquecer da dor. — Moça, moça! — Prendi a respiração ao sentir o prazer se espalhando pelo meu corpo. Uma sensação tão maravilhosa que me recusei a virar a cabeça para ele a fim de não quebrar a magia do momento. — Moça? Fala comigo, pelo amor de Deus... — ele chamou novamente com sua voz trêmula e acolhedora e abriu a porta do carro. Eu estava atordoada, mas era pelo tom daquela voz masculina e gostosa e não pelo acidente.

Virei então minha cabeça, e estremeci. Meus olhos percorreram seu rosto aflito, tenso e lindo de morrer. Uma visão de encher os olhos era o que estava diante de mim, ali tão próximo. Um tipo de rosto quadrado, forte e bem masculino esbanjando sensualidade com a pele lisinha de quem acabou de fazer a barba. Seu cheiro era bom, um perfume suave de quem acabou de sair do banho, os cabelos negros penteados para trás, ainda úmidos, confirmavam minhas suspeitas. — Nossa, moça você está

sangrando, vou ligar para a emergência. — Sua preocupação comigo me fez acordar.

— Eu estou bem... — respondi olhando suas mãos grandes segurando o celular em contato com o ouvido. — Alô, é do serviço de emergência, preciso de uma ambulância com urgência. — Ele pareceu não me ouvir.

Quando tirei a mão do local da pancada para tirar o cinto de segurança, senti um líquido quente descer em direção à ponta do meu nariz e rapidamente levei a mão e olhei, aquele sangue, embrulhou meu estômago, e justificava o desespero do homem maravilhoso. Eu precisava sair dali de dentro e rápido. Destravei o cinto de segurança e abri a porta com tudo, obrigando-o a se afastar. Quando ia me levantando, ele me segurou pelos ombros me impedindo.

— Calma, moça, não se levante tão depressa — aconselhou-me. Eu estava com fobia ali dentro e nada me deteria.

— Com licença, por favor. Eu estou bem — insisti descendo sem que ele se afastasse. — Sua mão quente e forte apoiou em minha cintura, o toque deixou todos os

pelos do meu corpo arrepiados, me fazendo fechar os olhos aleatoriamente por um segundo para sentir aquela sensação um tanto maravilhosa.

"Eu devo ter morrido, ele é um anjo na terra, não existe homem assim, não mesmo!", pensei com seus olhos analisando meu rosto sem nenhum constrangimento.

— Não creio que possa estar bem, está com um ferimento na testa. — Sua frase veio acompanhada de um suspiro à medida que seus olhos devoradores desceram junto com a gota de sangue em direção ao vão dos meus fartos seios através do decote da blusa, me fazendo estremecer.

E ele também.

Porque ficou claro quando sua mão subiu pelas costas sob a camiseta úmida molhada pelo suor, grudada em meu corpo. Arqueei a cabeça e me arrepiei ainda mais com seus dedos delineando minha coluna até alcançar a minha nuca, bem próximo a raiz dos meus cabelos, onde tocou os fios compridos. — Pode ser que tenha sido grave, é preciso avaliar. A ambulância já está a caminho. — Gente! É claro que não era nada grave e ele sabia, senti

uma pontinha de proveito por parte dele, o fato é que eu estava curtindo e muito. Tudo naquele homem me aprisionava, o timbre grave, rouco e lento com que ele falava era realmente demais... Reconfortante.

Com muita delicadeza, com a mão livre ele empurrou meu cabelo para cima do meu ombro ao notar o quanto eu suava. Levei minha cabeça para frente, enquanto seus olhos claros e iluminados voltaram para meu rosto, se encontrando com os meus, eles se estreitaram com um pequeno sorriso surgindo entre uma linha fina. Com o movimento de cabeça, mais uma gota saltou fazendo o mesmo caminho que os olhos dele. Eu nem me importei, eu só queria olhar para ele, não conseguia lembrar de um rosto mais lindo do que o dele, um olhar duro e misterioso.

Meu coração mais parecia uma batida forte de tambor, presa àquele rosto com um sorriso de canto de satisfação de quem estava gostando do que via. Seu peito arfou à medida que sua respiração ficou ruidosa.

Engoli em seco.

Notando que eu havia percebido sua mudança, seus

olhos subiram e fixaram em meus lábios, antes de se encontrarem com os meus. Por um instante, ficamos perdidos olho a olho, então ele respirou fundo, balançando a cabeça de forma frenética, e pegou um lenço do bolso da calça social preta.

— Deixa eu te ajudar... — E passou o lenço branco de tecido macio, entre o vão dos meus seios, me fazendo respirar com muita rapidez, suas mãos tremiam sobre minha pele com seus olhos fixos no trabalho, enquanto a outra pressionava em minhas costas. Fiquei excitada e com a respiração ritmada com ele mordiscando o lábio inferior sentindo a textura da minha pele, seus dedos sempre davam um jeito de escorregaram do tecido para me tocar, eu sabia que era proposital e deveria mandá-lo se danar.

Homens ousados e folgados me davam nos nervos!

Eu sempre gostava de estar no comando, no entanto, o atrevimento daquele homem se tornou interessante, todo meu corpo vibrava em rendição. Seu rosto marcante se mostrava perfeito aos meus olhos que o admirava, era extremamente sensual umedecendo os lábios... O fato é

que deixei rolar sem bloquear o momento e também não conseguiria se esta fosse a minha intenção, pois um calor conhecido se instalou em parte de meu corpo e eu rapidamente não pude evitar me molhar toda.

— Está tudo bem aí, precisam de ajuda? — A voz feminina vinda por trás dele, de uma mulher loira que parou seu carro de luxo SUV prata e colocou a cabeça para fora da janela, muito prestativa, me trouxe de volta, quebrando totalmente o clima. Neste instante me achei uma ridícula naquela situação constrangedora, me senti uma vadia oferecida e o empurrei pelo tórax sem deixar de notar o quanto era duro e convidativo.

— Está tudo bem, obrigada — disse me afastando, evitando olhar em seus olhos. E fixei meus olhos na dianteira do carro amassado, farol pendurado... Que ódio!

A mulher olhou na mesma direção que eu e deu de ombros quando recusei sua ajuda, acelerou e foi embora.

— Céus, cara, o que você fez com o meu carro?! — reclamei com as mãos à cabeça me aproximando dos carros batidos, inconformada. Eu mal tinha dinheiro para comer, como faria agora com meu carro naquelas

condições? E me virei me deparando com ele parado na calçada.

Oh là là!

O cara era mesmo perfeito, alto, vestido no elegante terno preto de alta costura. Ele colocou as mãos no bolso da calça, me olhando numa mistura de confusão e ira... Expressão que não consegui identificar.

— Era só o que me faltava — falou ele indignado com os braços abertos. — A senhorita cruza o farol amarelo, agora quer me acusar de ser o responsável da cagada? — Riu com indignação. — A lei do trânsito é clara, minha cara! O vermelho é para parar, o amarelo para aguardar e o verde é para seguir. — Eu não acreditava naquela arrogância dele e revirava os olhos impaciente.

— Acontece, senhor petulância, que a maioria das ruas desta cidade tem limites de velocidade, e eu não ia imaginar que um louco e folgado ia surgir do nada numa velocidade absurda nestas ruas pacatas — expliquei exasperada também com os braços abertos.

Ele começou a rir nitidamente irritado.

— Em primeiro lugar, a petulante aqui é você —

retrucou com voz fria. — Deveria ter aguardado o sinal verde.

— E você precisava correr tanto? Deveria prever que no farol amarelo existe o risco de colisão. — Eu me exaltei a ponto de sentir uma forte tontura que me fez encostar no carro e abaixei a cabeça respirando fundo, enquanto o sangue pingou no chão.

— Você está bem? — Ele se aproximou em seus passos atléticos, eu estiquei a mão para mantê-lo a uma distância segura.

— Eu estou ótima — respondi, arqueando a cabeça e respirei fundo, olhando para aquele céu azul sem nenhuma nuvem.

— É melhor se sentar, moça, a ambulância está a caminho... — Balancei a cabeça, revoltada, não precisava de ambulância, eu precisava do meu carro intacto. Respirei fundo e o encarei com firmeza.

— Não preciso de ambulância, moço, eu preciso que você pague o conserto do meu carro, já que foi imprudente e bateu em mim! — acusei, o encarando e ele balançou a cabeça, perplexo.

— Como é que é? Você que parece que tirou a carta pelo correio, e ainda destruiu o meu carro com esta lata velha que chama de carro — disse ele, irritado, enquanto veio a passos fortes de quem estava muito bravo, passou por mim e observou o estrago em seu carro. Realmente o carro de luxo levou a pior. — Eu deveria cobrar de você o conserto do meu. Olha só como ficou esta porra! — esbravejou, apontando para o carro e olhando em meus olhos com raiva.

Com os olhos semicerrados, eu balançava a cabeça, inconformada com aquele grosseirão.

— Seu arrogante e imbecil! — gritei.

Ele se aproximou e ficou de frente encarando-me em tom desafiador.

Eu fiquei muda ali, confesso que com um pequeno tremor acompanhado de um friozinho na barriga, porém não me deixei levar pela reação que ele causava em mim. Então seus olhos desceram para meus seios expostos, constrangida cruzei meus braços a fim de escondê-los.

— Em vez da ambulância deveria ter chamado a polícia para fazermos um boletim de ocorrência, você vai pagar o

meu carro — afirmei sem nenhuma convicção quando um sorriso debochado espalhou pelo rosto másculo.

— Embora seja uma ingrata, eu concordo que deva mesmo chamar pela polícia. Vamos, liga lá para eles. — Tirou o celular de última geração do bolso e esticou em minha frente. — Vai em frente, liga aí 190 e chame a polícia. Com certeza vai ter que pagar a conta do meu — Olhou com desdém em direção ao meu carrinho e torceu a boca. — Se é que você vai ter condições de arcar com os custos.

Ergui a sobrancelha, ofendida sem ter o que falar, pois neste ponto ele estava certo e comecei a entender que perdia meu tempo ali e o melhor era fugir de despesas. Inflei o peito, escorreguei para o lado e segui em direção ao carro.

— Espere aí, aonde você vai? — ele ainda perguntou quando entrei no carro.

Sem responder, preocupada em ser a errada, concluí que, na dúvida, sair da cena do crime seria mais apropriado levando-se em conta o pouco dinheiro que tinha no momento. Liguei e fiquei aliviada quando pegou

de imediato e já engatei a ré, saindo com o carro em disparada.

Segurando o retrovisor no local onde deveria estar eu ainda o vi acenando com aquela expressão tensa. Virei a esquina e peguei uma avenida movimentada a fim de fugir definitivamente dele, assim que vi que eram 12h30 no celular, fiquei desanimada, não havia mais tempo para passar na casa da minha tia. Então, parei numa rua bem distante e tranquila e desci. Peguei minha bagagem no porta-malas do carro, e trouxe para o banco do passageiro, peguei uma blusa preta de seda cavada e transpassada e vesti deixando minha cintura ainda mais fina e acentuando o quadril arredondado. Passei uma toalhinha no rosto, escovei os meus cabelos e apliquei uma maquiagem leve a fim de tirar aquela palidez no rosto. O sangue insistia em descer pelo corte superficial, peguei em minha caixa de primeiros socorros um band-aid e cobri o corte.

Liguei para minha tia para dar uma justificativa pela demora.

— Oi, querida. Está demorando, se perdeu? — indagou

ela, de imediato, ao atender.

— Vou mais tarde, tenho um compromisso e não posso me atrasar. — Não falei sobre o acorrido para não preocupá-la. — Assim que terminar, eu já vou me encontrar com a senhora para pegar a chave.

— Está bem, querida, se cuida. Vou ficar esperando por você.

— Obrigada, tia, de verdade. — Ouvi seu riso carinhoso.

— De nada, meu amor. — Então, ela desligou.

— Pronto — concluí satisfeita olhando-me no retrovisor. E me concentrei na reunião esquecendo-me do estrago no carro, cuidaria disto depois.

Fernando

Fiz todo o percurso até a empresa pensando naquela diaba gostosa de peitões lindos e saborosos, pensando se aquilo tudo era natural mesmo, pois pareciam! Só Deus sabe a força que fiz para não cair de boca neles, ainda mais com tamanha excitação desde que acordei. Que corpo que ela tinha! Tudo maravilhoso: seios, coxas, bumbum, aquele misto de inocência com cheiro de pecado, de mulher com a inocência de menina, muito interessante. Ela me deixou louco com aquele jeito bravo, mas eu sabia que mexi com ela, vi como seu corpo ficou trêmulo quando toquei em suas costas suadas.

Meu pau estava duro como pedra, coloquei a maleta executiva na frente a fim de disfarçar quando passei na recepção e cumprimentei o Jeferson, segurança atrás do balcão, que, sorrindo, me deu as boas-vindas. Ele era o único funcionário que permanecia aos finais de semana no prédio e revezava com mais dois que faziam o turno da noite.

Entrei no elevador e apertei o botão da cobertura no vigésimo andar, onde está localizada a sala da

presidência, diretores e outra ampla de reunião para trinta pessoas. Vi quando a porta do elevador se abriu em silêncio, e caminhei em direção à minha sala no fim do corredor. Aproveitando a privacidade ajeitei minha ereção na cueca pensando que teria que me masturbar antes desta reunião para aguentar a imagem daqueles peitos e olhos lindos impregnados em minha mente. Fiquei com um baita remorso em ser rude com ela. Poxa, ela me irritou com a sua forma arisca de ser. É claro que pagaria pelo conserto do seu carro, nunca a deixaria na mão. Mas não, ela tinha que sair daquele jeito, sem ao menos deixar seu contato?

Balancei a cabeça, e quando abria a porta me deparei com a Késsia na sala da Estefânia. Debruçada com os cotovelos sobre a mesa com aquela bundona de silicone empinada em minha cara, dentro da saia verde-escura quase nos joelhos, aberta nas laterais das pernas, lendo um livro. *Hum...* Já senti uma forte contração no meu pau. *É muita sorte minha encontrá-la ali, hoje!* Ele já estava babando dentro da cueca, quase estourando de tesão e mil ideias eróticas vieram à minha cabeça naquele instante.

Ela se virou imediatamente ao ouvir o ranger da porta se fechando e sorriu como uma diabinha com os botões da camisa bege aberta até quase nos bicos dos seios exibindo sua exuberância siliconada.

— Bom dia, senhor Fernando. Me desculpa, eu estava aqui lendo o livro da Estefânia — disse ela pegando-o sobre a mesa e seus olhos passearam sobre as páginas abertas vindo em minha direção e se postando ao meu lado, roçando meus braços com os dela, me mostrando sobre o que lia.

— E sobre o que exatamente fala o livro? — Minha voz saiu rouca sentindo o pau latejando, olhando os peitos apetitosos. Ela jogou seu olhar oferecido, coisa que vinha fazendo há algum tempo e sorriu de forma safada.

— Sobre uma jovem cheia de fetiches com o seu chefe. — Arqueei as sobrancelhas.

— Ah, é? — Mordendo o beiço inferior, ela assentiu que sim. — E onde estão o meu tio o e Juliano? — perguntei.

— Como o senhor estava demorando a chegar, eles mandaram avisar que saíram para almoçar e que não iam

demorar muito, então... — Agarrou a minha gravata e me puxou em direção à porta da minha sala, me empurrando para dentro e passando a chave na porta. — Hoje eu não quero desculpa, quero você todinho enterrado em mim. — Seu sorriso era lindo, sua boca parecia que chamava meu pênis.

"Que tesão, o Juliano que me desculpe!", pensei jogando minha maleta sobre o sofá.

— Vem cá. — Agarrei na sua bundona pressionando contra a minha ereção enfiando minha língua em sua boca deliciosa, mordendo seus lábios e invadindo para dentro, uma loucura com gemidos baixos muito baixos.

— Uau, que dureza! — exclamou ela, suspirando, rebolando em mim tremendo toda.

Logo a despi inteira e me despi também para termos tempo de curtir e seus olhos se prenderam, brilhando, quando meu mastro pulou para fora da cueca.

Apreciei sua vagina lisinha sentindo meu pau pulsar, querendo logo foder ela. Segurei em seu quadril, a virei de costas e tive a visão do paraíso daquela bunda empinada. Segurei em sua nuca, empurrei obrigando-a a

debruçar sobre minha mesa e me ajoelhei ali no chão.

— Que delicinha, gostosinha, vou te encher de beijos, lindona. — E a chupei muito, ela gemia baixinho se contorcendo de tesão.

— Agora é a minha vez, querido — falou a safada, se ajoelhando à minha frente me chupando. Deliciosamente, ela colocou inteiro na boca, chupando como se fosse um pirulito. Eu arqueei minha cabeça para trás segurando em seus cabelos ajudando no movimento de vai e vem e apertando meus lábios a fim de não deixar escapar os gritos de tesão querendo sair. Ela engasgava, engolia tudo e ainda lambia minhas bolas.

— Meu Deus! Assim eu vou gozar... — Malvada, ela punhetava com suas mãos delicadas, me olhando com aquela cara de safada, com um sorriso leviano no rosto. Puxei-a para cima pelos cabelos, e a beijei, nossas línguas se encontraram com ânsia. Estava com muito tesão, virei-a de costas fazendo-a debruçar novamente, não tínhamos muito tempo para preliminares, eu estava louco, muito louco de tesão.

Coloquei o preservativo que peguei na minha carteira e

esfreguei na portinha que estava molhadinha e enterrei, ela gemeu baixo.

— Vai, me fode gostoso, chefinho.

Enterrei tudo com o seu pedido, ela gemia alto desta vez jogando a cabeça para trás. Eu senti um arrepio, um prazer incontrolável e comecei a movimentar lentamente, já se contorcendo ela pegou em minha mão levando à sua intimidade. Entendi seu desejo e massageei seu clitóris enquanto estocava nela com vontade. Aumentei os movimentos no vai e vem, gemendo e a fazendo gemer alucinadamente.

— Isso, chefinho, que delícia, meu amor… Conti... Continua… Apaga meu corpo em chamas.

A fodia com tesão e comecei a sentir espasmos com a minha sensibilidade.

— Eu vou gozar...

— Goza, meu chefinho, goza tudo pra mim, goza... — ela tinha uma voz abafada e gemia loucamente.

A virei de frente, suas costas caíram sobre a mesa, eu penetrei-a e me debrucei, beijando seus lábios, a curva do seu pescoço e mamei em seus peitões bombeando forte.

Ela gemia, contorcia, fazendo movimentos rápidos, então ela gritou e gozou; e eu não resisti ao sentir seu líquido quente e gozei junto com ela.

Ficamos ali alguns segundos até nossas respirações se equilibrarem, então eu saí de cima dela.

— Acho melhor nos recompormos para não sermos flagrados — informei.

Me sentia leve agora, relaxado.

Peguei minhas roupas pelo chão e segui para o banheiro para me ajeitar para a reunião e ela ficou na minha sala se vestindo rapidamente.

— Você foi ótimo, chefinho, me deixou louca! — ela falou da sala.

— Você também foi maravilhosa, embora ainda ache que foi muito arriscado o que fizemos. Já pensou se o Juliano descobre? Eu não pretendo perdê-lo! — expliquei dando um nó na gravata e voltando para a sala. — Ele é o meu braço direito aqui na empresa. — Um sorriso desinteressado surgiu em seu rosto.

Safada!

— Não se preocupe, será o nosso segredinho.

— Assim espero — falei seco já com os problemas da desapropriação tomando minha cabeça.

— Estarei na minha sala se precisar de mim. — Rebolando com aquele bundão de encher os olhos e alertando o rapaz dentro das minhas calças, ela caminhou lentamente, me provocando, em direção à porta, e com a mão no trinco virou-se. — Ah, só para deixar claro, a partir de hoje eu não usarei mais calcinha, tá? — Piscou mordendo o conto do lábio inferior sensualmente, então com um sorrisinho diabólico ela abriu a porta e saiu rapidamente fechando-a atrás de si.

Ufa! Soltei o ar com força pensando que um dia ainda vou me dar mal com esta minha compulsão por sexo.

Mary

Resolvi estacionar o carro numa rua distante da Albuquerque, até mesmo por segurança, não sabia exatamente que tipo de pessoas eu encontraria, afinal todo cuidado era pouco, pois já ouvi muitas histórias tristes de assassinatos de ativistas e líderes de movimentos semelhantes a este que me propus a participar.

— Deus me livre! — Fiz o nome do Pai sacudindo a cabeça, assim que encontrei uma vaga e estacionei o carro. Estava confiante de que tudo iria dar tudo certo, se Deus quiser!

Peguei a cópia autenticada do abaixo-assinado numa pasta no banco de trás. Eu não me arriscaria entrar lá com a original, dobrei e coloquei em minha bolsa enorme preta. Sempre a carregava em viagens longas, devido ao espaço para as minhas coisas. Escovei meus cabelos todo bagunçado, depois do acidente com aquele cara chique, lindo, folgado e gostosoooo, eu havia me esquecido completamente dele. Pela forma que estava vestido, com certeza deveria ser algum magnata. Ri da minha própria conclusão, revivendo a cena quando precisei fugir da cena

do crime como se eu fosse uma marginal em fuga.

Mary, Mary...

Sacudi a cabeça com força para sacudir mesmo meu cérebro que a todo instante formava aquela linda imagem.

— Droga de cabelo! — reclamei com a escova enroscando nas pontas ressecadas. Fiquei inconformada com o meu descuido, fazia pouco tempo que havia feito luzes nos meus cabelos castanho-escuros, para realçar um pouco mais o meu rosto e me esqueci da hidratação. Mas agora não dava para pensar em estética, dei o meu melhor e sorri satisfeita com o efeito que deu com as pontas sobre meus ombros nus. O contorno do cajal preto em meus olhos meio puxados estavam ok, o brilho natural dos meus olhos ainda estava ali e intacto. E para completar o visual apliquei um brilho labial dando um ar mais sexy à minha boca.

— Pronto, agora estou pronta para enfrentar as feras — falei analisando meu rosto no espelho do retrovisor, guardei na bolsa e então, após respirar profundamente, eu desci e segui rumo ao meu destino: Albuquerque Shopping Centers.

O sol forte brilhava e queimava acima da minha cabeça fazendo o suor descer por minha testa, meus pés latejavam sobre a sandália preta de salto quando entrei na Avenida Luis Carlos Berrini, endereço da Albuquerque. Das outras visitas que fiz a minha tia, esta era a primeira vez que circulava de fato por São Paulo e estava adorando. Diferente do que haviam desenhado para mim, uma cidade de extremo trânsito, eu encontrei as ruas e avenidas calmas, acredito por ser sábado. Andava pela calçada admirando os arranha-céus de um ponto a outro da avenida, prédios de altíssimo padrão.

Quando parei em frente ao endereço, e não poderia ser diferente, um edifício comercial enorme todo em vidro de não sei quantos andares, não consegui ficar olhando para cima com a forte tontura que comecei a sentir, mas que poderia defini-lo como fantástico.

Entrei na enorme portaria de vidro e aço, em mármore bege, me deparei com um homem forte tipo aqueles lutadores de boxe, cabelo bem abatidinho, de pele jambo, me olhando de forma imparcial. Vestia um terno cinza sobre uma camisa branca e gravata atrás de um balcão de

madeira escura e atrás dele um painel elegante em ouro velho com o nome: Albuquerque Shopping Centers.

— Bom dia, senhorita — cumprimentou ele com um sorriso agradável. — Em que posso ajudá-la?

— Tenho uma reunião marcada com o senhor Juliano, às 13h30 — falei olhando para o meu relógio dourado em meu pulso. — Acho que estou em cima da hora, meu nome é Mary Lemos. — Ele franziu a testa.

— O senhor Juliano saiu para almoçar, porém creio que deva estar retornando em breve, só um minuto, por favor, senhorita Mary. — Assenti.

— Obrigada.

Enquanto ele falava ao telefone, eu aproveitei para olhar ao redor, encantada com todo aquele luxo, e olhei para minhas roupas pensando se estava vestida adequadamente para uma reunião num local tão luxuoso. Mas logo dei de ombros pensando que eles que se danassem, enquanto estavam mergulhados em todo este requinte, pessoas desprovidas e simples estavam apavoradas em ter que deixar seus lares. Não deveria me preocupar com isso em hipótese alguma, e também porque

a calça jeans justa flare com a sandália de salto dava um tom sofisticado. Mesmo com a conclusão, eu ajeitei as pontas dos cabelos sobre os ombros enquanto aguardava.

— Por favor, a senhorita pode me apresentar um documento com foto, para que eu a cadastre e libere seu acesso,

— Sim, claro. — Peguei o documento na carteira em minha bolsa e lhe entreguei. Ele tirou a foto, digital.

— O elevador fica no final do corredor à esquerda, pressione para a cobertura — disse ele, sorrindo ao me entregar o meu documento junto ao cartão de acesso.

— Obrigada — agradeci com o mesmo sorriso cordial enquanto prendia o crachá em minha blusa preta e segui na direção indicada.

Meu estômago embrulhou com a velocidade que o elevador atingiu, chegou tão rápido ao vigésimo andar que me surpreendeu.

Meus lábios entreabriram assim que as portas abriram e me deparei diante daquele grande salão em mármore bege elegantemente decorado com cinco salas espalhadas, uma mesa de centro com vasos de flores, revistas e jornais

sobre elas, e ao redor cinco poltronas de luxo, que eram usadas como uma sala de espera. Ao redor várias portas de salas, todas elas da metade da parede até o teto alto em vidros e com as cortinas em tom escuro em seu interior fechadas.

Não havia ninguém à minha espera e fiquei meio perdida, me dirigi para uma das salas e quando ia me sentar, surgiu uma mulher lindamente vestida numa saia longa verde-escura aberta nas laterais, onde suas pernas ficavam expostas a cada passo, tudo nela era exuberante e percebi que ela era amante de academia.

— Bom dia, você deve ser Mary Lemos — disse ela séria, estendendo a mão para me saudar quando chegou perto. Decerto conhecia os motivos que me trouxeram aqui.

— Sim — respondi apertando sua mão cheia de anéis dourados.

— Então, Mary, o Juliano precisou sair e até o momento não retornou, vou ligar para saber quanto tempo ainda vai demorar. Se não se importa, pode se sentar e fique à vontade. — Ela apontou para a poltrona atrás de mim.

— Claro que não me importo. Fica à vontade. — Apesar da sua frieza na recepção, eu sorri de forma gentil e me sentei. E fiquei ali repetindo em meu pensamento tudo o que eu precisava dizer-lhe.



Fernando

— Como assim, tio, o Juliano passou mal? — perguntei esmurrando minha mesa. Não que eu estivesse bravo ou coisa do gênero, é que desde que acordei estava carregando uma rocha de concreto nas costas. Tudo estava dando errado. E agora eu estava num dilema, pois não estava preparado emocionalmente para enfrentar nenhum ativista. Com a minha irritação eu poderia mandá-lo para a puta que pariu ao primeiro ataque que estas pessoas costumavam dar por se acharem injustiçadas. — Caralho, tio. — Coloquei no viva-voz e me levantei da minha cadeira executiva preta olhando para o horizonte através do vidro atrás de mim.

— O problema é sério, Fernando. A pressão dele está nas alturas e os médicos acharam melhor interná-lo. Estamos aqui próximo à Avenida Paulista — explicou meu tio, nervoso.

— Certo, certo... Cuida de tudo por aí, vou dar um jeito de dispensar o ativista e marcar uma outra reunião — falei quando ouvi o ranger da porta se abrindo e me virei. A Késsia enfiou a cabeça pelo vão, eu acenei para ela

entrar.

— Avisa a Késsia, por favor. O Juliano está apavorado — pediu ele. Késsia franziu a testa e se aproximou, se postando ao meu lado, ali na janela.

— Ela está aqui, está nos ouvindo... Só um minuto que vou passar o telefone para ela.

Enquanto meu tio passava as coordenadas, eu me atirei sobre o sofá de apoio ali na minha sala passando as mãos pelo cabelo. Era só o que faltava mesmo acontecer, hoje. O ar condicionado não conseguia me refrescar, tirei o paletó e a gravata e abri quatro botões abanando meu peito, suando.

— Eu preciso ir urgente ao hospital — informou ela, aflita, me olhando com preocupação.

— É claro! Você precisa ficar ao lado do seu namorado. — Me levantei e passei a mão pelo seu ombro, puxando-a para um abraço solidário. Além de um bom garanhão, eu tinha o meu lado humano, embora muitas pessoas duvidassem.

— A moça da reunião chegou e está lá fora aguardando, o que vamos fazer? — Arqueei a cabeça olhando-a

incrédulo. — O nome dela é Mary Lemos. — Soltei o ar com força e segui em direção à minha cadeira e me joguei sobre ela com as mãos à cabeça.

— Eu não faço a menor ideia, estou sem o mínimo de paciência para assuntos como este.

— Faz o seguinte, Fernando: vou dispensá-la neste instante e marcar uma outra hora — disse ela. Eu fiquei ali pensando que seria melhor iniciar esta conversa, já que o Juliano me alertou dos riscos.

— Espere, Késsia. — Ela girou no calcanhar. — Mande-a entrar, deixe que eu inicie esta conversa. Ela pode pensar que a gente armou isso, sei lá. — Ela ergueu as sobrancelhas, não muito certa disto.

— Você tem certeza? — Concordei e bati com as palmas da mão sobre a madeira.

— Mande-a entrar, por favor, que eu mesmo dispenso esta imbecil. E olha — falei antes dela sair. —, fala para o Juliano descansar, que assim que sair daqui eu passo lá no hospital, ok? — Sorrindo agradecida, ela saiu fechando a porta atrás de si.

Mary

A moça exuberante vinha em minha direção com passos apressados, com expressão séria, ou eu diria de alguém prestes a cair no choro. Eu fiquei me perguntando o que teria acontecido dentro da sala para deixá-la naquele estado. Na verdade... me deu um tremendo frio na barriga em pensar no tipo de pessoas que eu seria recebida.

— Pode me acompanhar, por favor. — Sua voz saiu abafada.

— Sim, claro. — Me levantei e a segui, ela me levou em direção à sala. — Com quem vou falar? — indaguei caminhando a um passo atrás dela, já que ninguém mais além de mim e dela circulou por aquele salão.

Ela respirou fundo e segurando na maçaneta, a virou e sorriu forçado. Cortou meu coração, era nítido seu estado de nervos. Porém, não fiz perguntas, mesmo porque não tínhamos intimidade para tanto.

— Com o senhor Fernando Albuquerque... Houve um imprevisto, infelizmente o Juliano não poderá atendê-la — informou ela, e abriu a porta antes que eu terminasse meu ataque de ansiedade. Nunca imaginei que falaria

diretamente com o dono de todo aquele império. Entramos numa outra sala menor, com armários ao redor, que deduzi serem de arquivos, deixando o ambiente elegante, bancos confortáveis nas paredes e uma mesa com objetos femininos que deveria ser da secretária. Então, atravessamos reto em direção à porta.

— Boa sorte — desejou ela.

Assenti e entrei enquanto ela fechou a porta.

A sala era imensa, senão maior, era do mesmo tamanho do salão onde esperei. A parede atrás da mesa enorme em madeira escura com três cadeiras em couro, sendo a do presidente com seu encosto alto, de vidro do chão ao teto. Eu podia ver a cidade com seus edifícios arranha-céus, uma visão deslumbrante. Do lado direito havia um sofá confortável para três pessoas; e do lado esquerdo, uma porta que dava para um corredor. As paredes brancas ganhavam vidas com as várias molduras elegantes com pinturas dos artistas mais renomados no mundo. Respirei fundo e soltei o ar para me preparar fisicamente e psicologicamente ao ouvir uma tosse de alguém que limpava a garganta vindo do corredor.

Eu fiquei momentaneamente paralisada com a visão diante dos meus olhos.

Sem crer que era aquele homem lindo, agora sem o paletó e com os botões abertos exibindo seu peito musculoso. Suspirei aleatoriamente sentindo em minhas mãos seu peitoral duro. Ele não estava diferente de mim, seus lábios entreabriram com um leve sorriso, incrédulo, balançando a cabeça levemente, fitando-me com olhos claros apertados.

Todo o meu corpo reagiu à sua presença, um tremor generalizado quase me fez pagar o maior mico da minha vida, baixei meus olhos parando em suas mãos ao lado do corpo. Seus dedos esguios se movimentavam freneticamente, podia senti-lo em contato com a minha pele, um momento que sempre me lembrarei. E as lembranças me deixaram cega por alguns instantes.

— O que foi? Se arrependeu de fugir e veio fazer a cobrança? — As palavras frias vieram em direção ao meu peito, num golpe fatal que me fez acordar. Franzi a testa, enfurecida.

— É o que eu deveria fazer mesmo — fui ríspida.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Sua atitude foi um tanto infantil, estava disposto a resolver o ocorrido de forma mais adulta... — Um calor subia por meu rosto, eu me conhecia, e sabia que ele ganhava um vermelho intenso à medida que as palavras agressivas saíam de sua boca. — Não era necessário agir daquela forma, fugindo...

— Olha aqui, senhor... — pausei com muito ódio, que fiquei sem fôlego com a minha respiração acelerada.

— Fernando Albuquerque — ajudou-me com ironia. Eu levantei a cabeça para enfrentá-lo. Não era porque o seu olhar era intimidador que eu ia enfiar o rabo no meio das pernas.

— Que seja... Acontece que eu estava com pressa, e homens como você só iam mesmo me fazer perder tempo. — Meus lábios tremiam como todo o meu corpo, puxei o cós da blusa para baixo na intenção de esconder o constrangimento, quando o decote se aprofundou e metade do meu seio ficou exposto. Seus olhos escorregaram para eles imediatamente e um sorriso de satisfação surgiu em seus lábios. Engoli em seco sentindo o calor se espalhar

pelo meu corpo e centralizar em meu centro.

— Eu pagaria um valor muito além do que vale aquele seu carro velho — a malícia sugestiva com a direção de seus olhos me fez tremer e não por atração desta vez.

A fúria me dominou.

Oras, quem ele pensa que é?

Está achando que sou uma qualquer e que vim aqui me oferecer... Minha primeira atitude foi subir o decote e esconder o objeto que ele desejava. Podia sentir o cheiro do seu hálito impregnado de tesão. E numa rápida baixada de olhar, notei seu pau duro, nítido sobre a calça que não era tão larga assim. E de novo suspirei aleatoriamente e fiquei muda, estática com uma excitação tomando conta de mim.

Ele sorriu de forma sugestiva e avançou alguns passos ficando a um centímetro de mim (Gelei com a aproximação, porém, não conseguia me mover por mais que quisesse, os saltos de minha sandália ficaram presos no carpete marrom). Tão perto que foi possível sentir o quanto era delicioso o seu perfume amadeirado, seu hálito quente cheirando a excitação batendo em meu rosto. Ele

inclinou-se até seus lábios tocarem em meu ouvido. Arfando, eu fechei os olhos com o hálito morno em minha pele.

— Eu garanto que seria compensador para você — sussurrou. Senti um arrepio gostoso pelo corpo e estremeci. Além da contração dolorida que molhou minha calcinha, eu não tenho certeza, mas acho que até gemi. Quando ele parecia seguir com a tortura ao notar o quanto eu estava mexida, deu mais um passo e roçou seu pau duro como uma pedra em meu ventre e suspirei enquanto meus lábios se entreabriram.

— É... é... — murmurei. Não havia como continuar na frase, eu estava totalmente entregue. Minha razão ainda tentou alertar-me do perigo, ainda tentei com um resquício de juízo, mas era fraca diante da minha emoção decidida, ela me incentivou a deixar rolar. Me dizendo que há muito tempo um homem não foi capaz de me fazer estremecer assim. Que virilidade é essa? Rodei legal com sua língua dentro do meu ouvido e ouvi seu gemido abafado.

— Hummm...

Eu não queria e não podia ter nada com ele, mas como

eu poderia me defender de um carrasco como ele, como? Meu corpo não reagia, meu cérebro ficou abobado e perdi totalmente a noção do porquê eu estava ali.

Suas mãos se levantaram e seus dedos riscavam meus braços, de cima para baixo, a minha única reação foi me arrepiar e ficar ofegante. Ele ousava a minha rendição, suas mãos desceram ao meu quadril, continuei ali trêmula e notei que ele tremia como eu. Segurando firme, pressionou-me, ajeitando seu membro duro e latejando espremido dentro das calças em meu meio e apertou.

— Ah... — A minha excitação foi tamanha que arqueei a cabeça para trás.

— Você é muito gostosa, menina. — Ele mordiscou meu pescoço exposto para ele. Então me virou de costas. Só que nós pulamos com a maçaneta da porta girando.

— O assunto que tenho para tratar com o senhor é de extrema urgência... — comecei a falar enquanto me afastava dele andando em direção ao sofá e me virei.

A secretária parou a porta, oscilando o olhar em minha direção e para Fernando parado no mesmo lugar olhando-me com um sorriso estranho de canto. Então ele olhou

para a moça sem nenhum constrangimento, como se aquilo fosse muito comum acontecer...tipo “ei, sou macho alfa”.

Um remorso avolumou em meu peito e explodiu lá dentro colocando meu cérebro em ordem, me trazendo à realidade. Eu não acreditei que deixei chegar àquele ponto, e foi então que caí na real. Como eu fui fraca! Será que que ele era tão gostoso assim para me deixar cega àquele ponto?

É claro, ele me comprava com seu charme irresistível. E eu estava caindo que nem uma patinha e aquilo era imperdoável. Fechei meus olhos comprimindo com toda a força, envergonhada do que fiz ou deixei fazer. Estava claro agora, ele fazia tudo aquilo para me convencer a desistir da briga. Filho da puta! Eu não ia desistir nunca, nunca mesmo...

— O que foi, Késsia? — perguntou ele depois que desviou os olhos de mim, e massageou seu gogó. — Esqueceu alguma coisa? — Notei que ela fechou o rosto, vermelho.

— E eu... — gaguejou ela. — voltei para pegar o meu celular e só passei para saber se precisa de alguma coisa.

— Não preciso de nada, obrigado — disse bem ríspido e em bom tom dispensando-a. Com um aceno sem graça, ela fechou a porta e ele me olhou por alguns instantes. Revirei os olhos para fugir da pressão dos dele.

— Vamos ou não continuar a nossa conversa? — O tom de malícia me enojou, abri a bolsa, peguei o baixo assinado e levantei no ar.

— Sobre esta conversa é que vamos tratar... — Ele franziu a testa e inclinou a cabeça com desdém como se não estivesse nem aí para o papel em minhas mãos. — Sabe o que é isso, não sabe, Sr. Fernando Albuquerque?

— Um papel fácil de rasgar e jogar no lixo. — Jogou seu olhar para o canto esquerdo que estava, e o segui me irritando ao ver a lata de lixo e voltei possessa, encarando-o.

— Acontece que este lixo aqui na minha mão — Sacudi freneticamente de forma brusca, ele riu disfarçadamente. Ai, que ódio! — é um abaixo-assinado com oito mil assinaturas e, como já é de seu conhecimento, vai barrar o seu projeto milionário na grande Porto Alegre.

Como se não tivesse prestado atenção, ele

simplesmente revirou os olhos, balançou a cabeça e seguiu em direção à sua cadeira e se sentou, e com as mãos cruzadas ficou me olhando ali em pé com aquele olhar lindo e indecifrável.

— Eu espero, no mínimo, um parecer, comentário ou o que seja, mas é necessário saber a sua posição. — Ele continuou com o olhar impenetrável. Segui até a cadeira em frente à sua mesa e me sentei debruçando sobre a mesa, estendendo o papel, e ele bufou antes de endireitar a cadeira e encarar-me.

— Acho que podemos deixar este assunto para depois, como vê, o Juliano, que é o advogado da empresa e o responsável pelo projeto, está hospitalizado neste momento. Qualquer decisão que minha empresa venha tomar, sua presença é imprescindível. — Ele se levantou. — Se não se importa, marcaremos uma nova reunião.

Ele me desmontou com a informação, eu estava seca para resolver aquele impasse, na verdade torcendo para uma boa resolução sem ter que fazer barulho e até mesmo protocolar na justiça por achá-la morosa demais. Mas, pela frieza em seu tom, senti uma rejeição: ele parecia

disposto a se ver livre de mim. Não acreditei quando um nó se formou em minha garganta. Eu quero chorar, é isso? Sacudi a cabeça e engoli forte a fim daquele nódulo descer, eu não poderia me sentir assim por aquele arrogante e metido.

— Concordo que devido ao ocorrido com o seu advogado, a reunião deverá ser marcada para outro dia. Então eu ligo na segunda-feira. — Ele concordou com um movimento de cabeça, deu a volta na mesa e novamente me intimidou com seu corpo quase colado ao meu. E meu coração disparou, é claro! Seus olhos fixaram no curativo em minha testa, então levou o dedo sobre ele.

— Você foi ao médico? — perguntou preocupado. O jeito dele soou tão carinhoso, que fiquei com medo e recuei.

— Está tudo bem, foi só um corte leve — garanti e baixei meus olhos.

Ele segurou em meu queixo e levantou, obrigando-me a encará-lo.

— Eu vou dar um jeito no seu carro... — falou suavemente baixo e generoso. Não, não, eu não podia cair

na dele. Com certeza, ele tentava me ganhar no papo.

— Então, você admite que foi o culpado pela batida? — Ele franziu o cenho, indignado, e negou, sacudindo a cabeça.

— É claro que não, foi você que passou no farol amarelo, deveria ter aguardado o verde, já que eu vinha em velocidade e...

— Não quero discutir com você, seu arrogante que não assume os seus erros — o interrompi falando entredentes. — Como não quero nada seu...

— Eu estou aqui querendo ser bondoso e você vem com uma porção de pedra na mão? — grunhiu impaciente.

Levei minha mão à cabeça, exausta, nervosa, ofendida e tudo mais...

— Eu não quero donativos, aliás, não preciso de esmola só porque meu carro é velho... E pare de insinuar que eu sou uma pobre coitada. Você não sabe nada de mim, então não venha me julgar, imbecil! — berrei sem me dar conta. Suas sobrancelhas se juntaram enquanto eu falava. Sempre fui uma pessoa controladíssima e por esta razão fui nomeada com o cargo de líder para representar o

povo local. Só que aquele homem conseguia mesmo me tirar do sério.

— Imbecil é você, sua cabeça-dura! — vociferou ele e foi se sentar, bufando, me deixando ali parada que nem uma boba.

— Eu vou embora antes que as coisas piorem entre nós com o calor da discussão, mas eu quero que saiba... — Apontei-lhe o dedo indicador da mão direita e ele levantou a sobrancelha em desdém e aquilo me deixou possessa. — que não é fazendo caridade ou mesmo me jogando charme que vou desistir de impedir a construção daquele shopping maldito que tem tirado o sono e o sossego de tanta gente inocente.

— Eu sinto muito desapontá-la, querida! — Sua voz fria atravessou meu corpo e minha alma como uma lâmina afiada. — Eu detenho o poder neste momento. — Espalmou as mãos sobre o tampo de madeira, seus olhos tinham um vermelho demoníaco. — Então, sua presença é insignificante. E não é um movimentinho, de araque que vai conseguir mudar um projeto de milhões.

— Ah, é... — enfrentei-o de peito aberto, arfando e

ergui a cabeça. Seus olhos novamente se descolaram dos meus para meus seios, eu não sei se vi direito, mas sua respiração oscilou, aquele gesto me fez esquecer por um segundo sobre o que eu falava. — E... — Tentei me manter no controle quando seus olhos voltaram. Estava difícil e não entendia porque me sentia tão vulnerável, ofendida. Só precisava reagir, ser a mulher durona que sempre fui e forte.

— E...? — Tanto seu olhar como seu tom de voz veio como provocação, porém estufei meu peito com a ira no controle.

— Espere só para ver a sua força... — ameacei dando a minha melhor expressão severa, seus lábios continuaram levantados num leve sorriso. — Argh! — rosnei e girei no calcanhar e saí da sala com passos fortes e decididos.

Queria demonstrar força com ele, mas, no fundo, eu estava destruída: o desânimo queria tomar conta, as lágrimas teimavam em fugir dos meus olhos, entretanto eu as detive, pressionando meus lábios um entre o outro. Esta molenga emotiva não era eu, aliás, nem sabia por que meu coração estava em minha garganta, me sufocando. No

elevador não foi diferente, havia câmera me observando, e continuei firme.

— Tenha um bom-dia, senhorita — disse o segurança me olhando assustado quando eu apenas assenti. Se eu abrisse minha boca, com certeza começaria o maior berreiro. E foi sufocando aquele sentimento que ganhei as ruas e quase corri pelas calcadas, com as pessoas me olhando como o segurança. E quando virei a esquina, eu deixei toda a emoção sair fortemente.

Capítulo 2

Fernando

Soltei o ar com força e esmurrei minha mesa com tamanha força que o telefone pulou para fora do gancho assim que aquela mulher arrogante e gostosa fechou a porta atrás de si.

Cobra venenosa! Relaxei os músculos tenso, devido ao meu esforço de disfarçar o quanto ela conseguia me abalar. Meu coração disparado e meu cérebro em confusão gritavam dentro da minha cabeça para ir à janela atrás de mim, porque queria vê-la mais uma vez. Fechei meus olhos, apertando-os, resistindo, sacudindo a cabeça em movimento negativo.

Não, eu não podia ceder, eu não queria, ela não me interessava em nada...

Uma descarga de adrenalina jorrou pelo meu corpo e se concentrou no meu pênis, que logo ficou duro como uma rocha com a imagem dos seios dela se formando em minha mente.

Droga!

Sua força sobre mim me fez levantar num pulo e me postei em frente à janela, fixando meus olhos lá embaixo. Respirei profundamente e foi aleatório, porque senão jamais deixaria aquilo acontecer. Lá embaixo parecia tudo muito pequeno e mesmo assim eu tinha impressão de enxergá-la com perfeição. Não só eu, o meu pau também teve a mesma impressão, e latejava, enquanto meus olhos fascinados jogavam para dentro a imagem dela caminhando em seus passos apressados pela calcada em direção à esquina.

Fiquei ali babando com meus olhos puxando o foco da imagem dela, um delírio de enlouquecer.

Eu conhecia a maciez da sua pele, seus peitões, seu lindo rosto sensual, sua cintura fina, sua inteligência, seu ar inocente de menina num corpo de mulher, agora sua bunda mesmo com a enorme distância era a primeira vez que tive a oportunidade de apreciar.

E que bunda!

Mordi o lábio, ofegando, observando dando vazão ao delírio do que meu cérebro projetava, sim com a distância seria humanamente impossível ver detalhes. Ela realmente

parecia grande e volumosa e me deixou em um estado que não tinha nem palavras para expressar nesse momento. Num balanço ritmado a cada passo, com seus cabelos longos e loiros voando com o forte vento, me encantou, me deixou louco com milhões de pensamentos eróticos. *Que efeito é esse?*

— Sua megera, deliciosa.... — Foi tudo o que consegui dizer enquanto quase engasgava com a boca cheia de água, quando ela virou a esquina deixando um vazio dentro de mim.

Acabei rindo sozinho ali com os olhos no horizonte, refletindo meu dia complicado.

Tem dia que parece que a gente acorda com o pé esquerdo mesmo.

Apertei meu pau sentindo um tremor pelo meu corpo, eu precisava de sexo novamente e urgente. Só que, infelizmente, no momento estava difícil parar e me masturbar, tinha que ir ao hospital visitar o Juliano.

Joguei o paletó sobre o ombro, decidido que não participaria mais das reuniões sobre o motivo que a trouxe aqui. Com a tara que desenvolvi em relação a ela,

eu poderia colocar os negócios em risco. Eu não poderia me permitir ser o causador de uma situação tão séria. E quando ia pegar a minha maleta sobre o sofá aquela mulher novamente povoou a minha mente e novamente senti a fisgada.

Preciso aprender a controlar esta minha compulsão. Ela ainda vai me levar para o abismo.

Bloqueei todos os meus pensamentos e segui rumo ao hospital.

As ruas e avenidas tranquilas naquele sábado contrastavam o trânsito caótico na cidade de São Paulo em dia de semana. O sol se escondia atrás dos altos edifícios dando um refresco às pessoas caminhando sem pressa pelas calçadas, muito diferente do que acontecia em dias normais de semana. E facilitou o meu percurso que foi bem rápido, logo estacionei em frente ao hospital e entrei.

— Me desculpe, Fernando — disse Juliano assim que entrei no quarto, já passava das 15h. Ele estava branco como cera e seus olhos tinha um contorno vermelho indicando o quanto ele estava abatido. Em pé ao lado de

sua cama, Késsia alisava seu cabelo da testa em direção à cabeça. — Estava aqui preocupado, e como foi a reunião? A Késsia me disse que você atendeu a ativista.

— Nem se preocupe com isso, imagina! — respondi colocando meu paletó e minha maleta sobre uma poltrona perto da janela. — Sua saúde em primeiro lugar, ainda vou precisar muito de você. — Me aproximei do outro lado de sua cama. — E como está se sentindo? — Ele sorriu, desanimado.

— Agora eu estou melhor, nossa! Sentia uma baita dor de cabeça e uma forte tontura no restaurante que pensei que ia morrer. Meu coração disparou legal. — Levou a mão ao peito com expressão de pânico.

Aquela conversa de coração sempre me assustou, afinal foi exatamente por causa dele que perdi o meu pai. No entanto, mostrei minha expressão de tranquilidade.

— Você sabia que sua pressão era alta? — Ele negou com a cabeça.

— Bem... Às vezes, eu tinha dores de cabeça — Deu de ombros. —, mas sabe como é! A profissão que exerço acaba influenciando em minha saúde.

— Tem razão, meu amigo. Precisa se cuidar a partir de agora, nem pense em morrer senão eu te mato — falei em tom de humor, porém sério. E todos caímos na gargalhada.
— E o meu tio? — perguntei olhando ao redor.

— Foi tomar um café, mas logo está de volta — informou e me olhou por alguns instantes com seus olhos especuladores, eu sabia qual o motivo e balancei a cabeça, inconformado com a imagem que se formou em minha mente. Em vez de mostrar uma víbora, chata e que parecia que ia me dar muitos problemas, foram os seus peitões que tomaram forma.

— Não queria te trazer problemas, enfim... — Encarei-o com firmeza. — Você precisa melhorar rápido. Decidi que não vou mais participar das reuniões, eu assino o que for preciso para você e o meu tio encabeçar a coisa. — Ele franziu a testa.

— O que aconteceu, a moça é tão difícil assim?

Supergostosa!

— Eu a achei tranquila — interveio a Késsia, dando de ombros.

Olhei em sua direção com o pensamento lá distante, lá

na minha sala. Exatamente no momento em que agarrado ao seu quadril, encaixei sua apetitosa bunda em meu pau, e um arrepio percorreu meu corpo alertando o rapaz dentro das calças e suspirei fundo.

— É impossível administrar uma empresa do porte da minha, se ficar focado em assuntos operacionais. — Juliano assentiu com a cabeça, concordando. — Então, Juliano, trate logo de ficar bem, como mencionei: quero você e o meu tio coordenando toda esta operação.

— Fica tranquilo, Fernando. O médico falou que vai me prender só hoje aqui no hospital para ficar em observação. Na segunda-feira eu cuidarei de tudo, como sempre cuidei. — Sorri agradecido.

— Muito obrigado por sua dedicação com a empresa. — Bati levemente em seu ombro. — Bem... deixa eu voltar para casa. — Olhei no relógio no pulso. — Se tiver sorte, ainda consigo alguma coisa para comer. Estou morrendo de fome... E também pretendo aproveitar o que sobrou do sábado.

— Eu também não almocei, se quiser podemos almoçar juntos — sugeriu a sem-vergonha da Késsia com aquele

olhar sedutor. Corei, revirando os olhos para Juliano me certificando se ele havia percebido. Seus olhos estavam fixos em meu rosto o que me fez soltar o ar, aliviado.

— Seria um prazer almoçar em sua companhia, só que eu prefiro realmente ir para casa. — Fui direto, curto e grosso. Afinal, não era novidade para ninguém que odiava ser importunado aos finais de semana com assuntos profissionais.

Corri para pegar meus objetos sobre a poltrona com a cara de desapontamento que a Késsia ficou. *O que ela está querendo? Me queimar com o meu melhor funcionário?*

— Bem... — Cheguei perto da cama novamente. — Se cuida, cara. E pede para o meu tio passar lá em casa, por favor.

— Pode deixar.

Eu não entendi a minha falta de interesse em algumas mulheres que cruzei pelo corredor do hospital, com seus olhares curiosos sobre mim. Antes de me esbarrar com aquela bandida muito mal-educada e ingrata, eu não deixaria passar tanto cortejo, não mesmo... Agora eu só

queria voltar para casa, tomar um bom banho, forrar o meu estômago agitado, roncando, e me jogar sobre minha cama e "pensar nela". Balancei a cabeça para clarear minhas ideias, isolando todo e qualquer pensamento que me desagradasse. E este era um deles.



— Filho da puta, filho da puta... — gritei esmurrando diversas vezes o volante do carro com tanta força que chegou a doer. Eu não acreditei que minhas lágrimas desciam, eu estava sentida como se tivesse saído de uma briga de namorados. *Ah, não, isso não pode estar acontecendo!* O fato é que estava e eu não conseguia controlar nada, apenas apoiei minha cabeça no mesmo lugar onde tinha batido momentos antes, soluçando, sentindo um enorme ódio de mim mesma.

Queria entender por que aquele magnata, que apesar de dinheiro e poder, não passava de um homem normal como qualquer outro. Nunca me intimidei diante deles, nunca... Então por que ele me faz sentir uma fracassada? Eu não podia esmorecer, assumi um compromisso com pessoas que dependiam de mim. Levantei a cabeça e respirei fundo enquanto secava as lágrimas com as mãos. *Se pensa que vai me comprar com presentes e flertes, ele está redondamente enganado. Ele não perde por esperar!*

Saí cantando os pneus rumo ao endereço do serviço da minha tia, porém precisei encostar o carro alguns metros à

frente devido a uma forte tontura. Fiz um exercício de respiração, até que o suor da minha testa cessou e me senti melhor. Também era esperado um sintoma como este, com o estresse que passei e ainda àquela hora estava em jejum, agravando ainda mais a minha situação.

O problema de tudo é que não consegui mais prestar atenção na cidade. Dirigia tensa no maior marasmo pelas avenidas, para evitar que outro imbecil batesse em meu carro. O ocorrido me deixou com trauma, além de me sentir uma verdadeira idiota, sem ter reagido às suas cantadas.

Todas as casas da região pareciam de cinema, mas a casa do endereço que minha tia me deu, era, na verdade, uma linda mansão que fez meu queixo cair literalmente. Ela ficava em meio a um terreno que mais parecia um sítio, uma enorme casa de três pavimentos na cor branca com janelas enormes em madeira escura, dando um toque especial à construção. Todo o terreno ao redor coberto por lindos e elegantes jardins, acho que nem no cinema eu já vi algo semelhante. Parei o carro em frente, e observava a casa através dos largos portões de bronze,

pensando que deveria esconder meu carrinho velho, envergonhada.

O toque do meu celular em minha bolsa tirou-me do meu momento babando, peguei-o sobre o banco do passageiro ao meu lado e atendi colocando no viva-voz.

— Alô, querida... E aí, já chegou em São Paulo? — Ouvir a voz do Luiz Augusto tirou um pouco daquela insegurança que estava sentindo. Me fez lembrar o porquê encarei aquelas centenas de quilômetros e estava aqui.

— Já, meu amor, inclusive tive um dia exaustivo e estou justamente em frente ao serviço da minha tia, pegando a chave da sua casa. Estou ansiosa para descansar. — Ele grunhiu do outro lado da linha.

— Está com uma vozinha triste, meu amor. O que foi? — Luiz Augusto me conhecia muito bem e me entendia, talvez por esta razão que estamos juntos até hoje. Afinal, não sou uma pessoa fácil. Costumo ser geniosa e controladora, nem sei como ele me tolera. Não mesmo!

— Só estou cansada mesmo. — Resolvi omitir todo o ocorrido para não causar preocupação e também porque estou com pressa e com fome, se não colocasse alguma

coisa na boca nos próximos minutos nem sei como seria!

— Tá, então a gente conversa depois — ele falou com voz preocupada, eu podia sentir e estalei a língua. Não queria mentir para ele. — E, por favor, querida, apresse as coisas por aí, nosso casamento está muito próximo e temos muito o que discutir ainda. — Comecei a rir do jeito que ele falou, carinhoso, apaixonado... Realmente ele deixava a minha vida mais centrada. — Beijos. Eu te amo. — Fechei meus olhos, sentia remorso por não sentir por ele o que ele sentia por mim. Ele merecia ser amado com intensidade, mas, apesar de não existir em mim aquele fogo da paixão, eu o respeitava com a força de minha alma e me acalmava neste quesito de lutar pelo próximo.

Às vezes, eu me colocava mesmo na linha de fogo e foram vários episódios que eu quase me machuquei. Minha mãe dizia que eu nasci com o espírito revolucionário, só que na minha opinião era o contrário, eu sentia que devia agir, fazer alguma coisa para ajudar aqueles que precisavam, fazer a minha parte que não era muito, eu sabia, no entanto o pouco de cada um unido se tornava muito, e era nisso que sempre me apeguei na vida

e tem me feito um bem danado, gostava de me sentir útil.

E se não fosse pelo Luiz Augusto, com toda a sua preocupação e cautela em me convencer a me afastar de certas situações, eu acho que nem estaria aqui para contar. Afinal, ele foi um grande amigo no momento mais difícil de minha vida e ajudou-me a superar.

— Eu também... — respondi apenas. Houve um prolongado silêncio, eu podia ouvir sua respiração pesada. Não era isso exatamente que ele gostaria de ouvir. Porém, a sua educação e compreensão não o deixava insistir.

Dei partida no carro para procurar um lugar distante para deixá-lo, quando alguém bateu.

— Mary, querida! Está tudo bem? — Minha tia sorriu com a cara no vidro do lado de fora. Limpei as lágrimas que me restaram e tentei me acalmar, respondendo que estava tudo bem, enquanto abria o vidro.

— Sim, eu só ia procurar um lugar para estacionar.

— Deixe o carro aí mesmo. Vem, vamos entrar — ela falou com um sorriso de um lado ao outro no rosto. Hesitei na dúvida, eu queria mesmo descansar um pouco.

— Acho melhor não, tia. Só vim mesmo pegar a chave e... estou exausta!

— Nada disso. — Ela abriu a porta do carro se recusando a aceitar minha decisão. — Olha só para você, está branca como cera. Não deve ter comido ainda, eu sei. Desce, que vou preparar um prato bem saboroso para você — insistiu com aquela cara de mãe brava. Eu não pude evitar de sorrir com carinho. Eu estava quase cedendo, afinal a proposta encheu minha boca de água, realmente irrecusável. Porém, tinha medo de atrapalhar seu serviço, pois a gente conversava muito ao telefone e ela reclamava em excesso sobre a crise no país, com medo de perder seu emprego com o argumento que pessoas com mais de 50 anos não são aceitas no mercado de trabalho.

— Pare de pensar, menina, e desce logo. — Seu sorriso fofo e carinhoso me fazia muito lembrar a minha mãe, eu não podia recusar.

— Tem certeza de que os seus patrões não vão se incomodar? — Ela sacudiu a cabeça, certa de que não.

— Eles nem estão em casa... E eu tenho certeza de que

não iriam se importar, são pessoas generosas e boas, minha querida.

—Ah... — Dei de ombros convencida, já imaginando comendo aquele prato de comida que ela me ofereceu. — Só que vou deixar meu carro escondido, ainda mais agora com todo o estrago. — Revirei os olhos, chateada.

Ela arqueou o corpo e notou a frente amassada e foi até lá dar uma olhadinha e sua expressão de pavor me fez rir.

— Nossa, o que aconteceu, minha filha?! — ela vociferou voltando em frente à porta aberta.

— Um babaca idiota, metido a rico, bateu em mim no farol. Nojento! — xinguei imaginando seu peito largo e um tremor tomou meu corpo. Balancei a cabeça no mesmo instante para dissipar as recordações.

— Está tudo bem com você, não se machucou? — Seus olhos castanhos viajaram pelo meu corpo e pararam em meus olhos, preocupada. Sorri confiante.

— Graças a Deus, o único aqui que saiu machucado foi meu carrinho velhinho. — Ela riu da minha resposta.

— Graças a Deus mesmo. — Ergueu as mãos aos céus em forma de agradecimento, uma fofa que encheu meu

coração de carinho. — Bens materiais a gente conquista novamente, a vida é única. — Concordei, sorrindo com meus lábios unidos.

— Ah, tia! Eu não sei se deveria entrar. — Olhei por cima de seus ombros com dúvida. Apesar do meu estômago estar gritando por comida, a minha razão me dizia que poderia atrapalhar a vida dela.

— Pare de bobagens, menina, vai entrar sim senhora e pode deixar o carro aí mesmo onde está. — Me neguei, já que ela não me deixou escolha.

— Vou procurar uma vaga bem discreta, assim fico mais confortável... — Ela deu de ombros, fechou a porta e ficou ali me aguardando enquanto segui em frente e virei a esquina. Logo encontrei uma vaga espaçosa e distante. E voltei caminhando para a frente da casa.

Ela abriu os largos portões, logo notei uma guarita escondida entre um pedaço de muro e cumprimentei um homem forte, moreno e de dois metros ou mais de altura.

— Mary, ele é o Eduardo, foi ele que me avisou que tinha um carro parado aqui em frente à propriedade.

— Ah... — Estendi minha mão. — Como vai, Eduardo?

— Muito bem e você? — ele perguntou apertando forte a minha mão.

— Meio cansada da viagem, mas nada que uma boa noite de sono não resolva. — Ele riu cordialmente.

Seguimos pelo jardim que de perto era ainda mais maravilhoso, passamos por um corredor de concreto e em torno havia lanternas brancas até a pequena escada na frente da porta da mansão. Do lado direito e esquerdo do jardim, grandes piscinas e árvores enfeitavam o local.

Eu ia dar a volta, intimidada por entrar pela porta da frente, só que a minha tia segurou em meu braço me puxando de volta.

— Vamos entrar por aqui.

Meu queixo caiu, literalmente mais uma vez. Tinha um carpete em tom pastel espalhado em todo o chão. A sala de estar era perfeitamente fina e decorada, e na parede de janelas tinha uma larga mesa cheia de cadeiras, e aquela escada em ondas, então! Magnífica em mármore no meio da enorme sala. Parecia que andamos quilômetros até entrar pela porta da cozinha, era também fina e bem decorada, cheia de utensílios caríssimos. Imagino o que

seus patrões faziam para conseguir acumular uma fortuna daquelas. Eu ficava tanto tempo falando da minha vida e família, que nunca me importei de perguntar sobre a vida dela por aqui.

— Fique à vontade, que vou preparar algo bem saboroso para você — falou ela, já encaminhando para o outro lado do balcão tipo ilha com um fogão embutido e por cima do mármore marrom vários vidros coloridos de alimentos e temperos de todos os tipos. E já iniciou a manipulação.

— Conseguiu resolver o seu problema? — perguntou ela enquanto cortava uma cebola sobre o balcão.

— Mais ou menos. — Me limitei nas palavras. Ela parou o que estava fazendo e fixou seus olhos em mim e arqueou as sobrancelhas. Pois a minha tia sempre foi contra o meu envolvimento nestes movimentos. Ela costumava dizer que eram muito perigosos. Por isso, eu não comentei o real motivo da minha visita. Na verdade, eu queria poupá-la de mais perturbação, afinal, na sua idade, ainda trabalhando como cozinheira, cortava o meu coração, eu queria ajudar, porém não da forma que ela

sugeria. — Acredito que na segunda, eu coloco um ponto-final neste assunto — finalizei diante do seu olhar, questionador.

— Mas do que se trata? Quando perguntei ao telefone senti você escorregar e mudou o assunto. — Torci a boca pensando rápido e nada me veio à cabeça.

— Tia, onde fica o banheiro, estou apertadíssima — foi a forma que encontrei de fugir da especulação. Ela grunhiu e apontou com a faca a direção que eu deveria ir e continuou seu trabalho.

Após admirar tudo eu retornei, e um cheirinho delicioso de alho e cebola fritos pairavam no ar.

— Que cheirinho bom. — Abracei-a pelas costas, na cintura, e inclinei minha cabeça em direção à panela e ela riu, satisfeita. — O que você vai preparar, tia? — perguntei pensando que ela era uma cozinheira de mão cheia.

— Surpresa. — Apontou com a colher para eu voltar a me sentar.

— E como estão os preparativos para o casamento? — ela quis saber.

— Daqui quinze dias... Você vai, né? Eu faço questão da sua presença! — Ela baixou os olhos, triste, me deixando desconfiada. — O que foi, não me diga que não vai ao meu casamento? — Ela soltou o ar com força e me encarou.

— Eu não faço ideia de como poderia me ausentar...

— Mas, tia, você é a minha família! Como pode pensar em não ir ao casamento da sua única sobrinha? Eu não aceito isso!

— Fazer o quê? — Ela abriu os braços dando de ombros, seus olhos estampados em consternação. — Eu não posso arriscar perder este emprego e você sabe disto. Se, pelo menos, você reconsiderasse aquele assunto de...

— Pode parar por aí... Sabe que este assunto me embrulha o estômago e não estou disposta a considerar nada. Por favor, não continue com isso e esqueça.

Ela respirou fundo e soltou o ar, frustrada.

— Então, eu sinto muito, querida...

— Eu não acredito! — rosnei, inconformada.

— Deixa eu terminar aqui... — falou decidida, se fazendo de brava, e logo uma expressão leve de amor

estampou em seu rosto. Ela tinha razão, na sua idade dificilmente poderia mudar o rumo de sua vida, e eu podia fazer algo. Só que não estava preparada para isso. Eu vinha tentando melhorar de situação financeira trabalhando como uma doida para trazer mais conforto para mim e sonhava em um dia levá-la para morar comigo. O fato é que a profissão que escolhi não ajudava muito, na verdade, era eu o problema, sempre envolvida na área voluntária que rendia muitas alegrias e levava alegria aos corações de muita gente, só que financeiramente deixava a desejar.



Fernando

Um banho era tudo o que eu precisava, entrei com o carro na garagem suando que nem um porco. Tirei a camisa e joguei sobre o ombro junto com o paletó e peguei minha maleta e desci.

Aguardei a minha mãe, ela acabava de entrar com o carro pelo portão.

— Boa tarde, meu filho. — Ela beijou meu rosto assim que desceu do carro. — Chegou agora, e como foi a reunião?

— Por enquanto não foi — falei caminhando ao seu lado, seguíamos pela porta da frente. Ela parou para eu abri-la me olhando com curiosidade. — O Juliano teve um problema de pressão alta e ficou hospitalizado. — A boca dela tomou um formato de "O". — Ele está bem, eu já passei no hospital.

Entramos, eu já me livrei da roupa sobre meu ombro e a primeira atitude foi ligar o ar condicionado para me refrescar.

— Graças a Deus.... Foi assim de repente ou ele já tinha este problema?

Expliquei tudo o que Juliano me relatou, então o meu celular tocou enquanto eu me joguei na poltrona para atender. Minha mãe ficou parada à minha frente quando ouviu eu mencionar o nome Leonardo, o meu irmão dois anos mais novo. Ele havia viajado com os amigos para Europa sem data de retorno e ligou justamente para dar-me a ótima notícia de que estava no aeroporto a caminho de casa.

— Que bom, meu irmão, que está de volta, sentimos muito a sua falta... Tudo bem, aviso sim a mamãe... — Olhei para ela e sorri. Seus olhos estavam imersos em lágrimas e um sorriso de alegria espalhou pelo seu rosto. — Vamos sim, meu irmão... Também te adoro. Até daqui a pouco.

— Eu não acredito que este maluco está de volta — murmurou ela numa voz embargada. E mesmo assim ela continuava a mulher chique e elegante de sempre. Me levantei e a abracei, ela me empurrou pelo ombro em tom de humor com aquela careta de nojo.

— Ah, não, Fernando... você está todo suado… — falou ela com voz chorosa e eu lasquei um beijo estalado

em sua bochecha. Ela desatou em lágrimas. — Nem acredito, este espírito de aventureiro dele ainda vai me matar.

— É o jeito dele, mãe. Ele gosta de sair pelo mundo sem compromisso...

— É um maluquinho que eu amo muito — confessou ela e suspirou. — Vou lá na cozinha pedir para a Ana preparar um banquete para ele. Tudo o que ele gosta. — E seguiu para a cozinha.

— Eu vou também, preciso beliscar alguma coisa antes do banho. — Eu a segui.

Parei próximo à porta e fiquei estático como uma estátua. Não podia ser verdade, era o meu cérebro que sugestionava aquela imagem, é claro que não era real, não era possível. *Mary Lemos*. A megerinha irritada, ali sentada à mesa com o garfo parado no ar, pálida, ainda mais linda e sensual com seus peitões quase debruçados sobre a mesa. Arrepiei-me com seus olhos brilhando em direção ao meu tórax e não pude evitar levantar meus lábios num sorriso de aprovação e excitado, meu pau já começou a se armar se preparando para uma possível

guerra.

— Ah, dona Vera, deixa eu apresentar... — Ana rapidamente limpou a mão no avental e deu a volta colocando a mão sobre as costas dela com um sorriso muito sem graça. — É a Mary, minha sobrinha, a filha da minha irmã que faleceu. — Minha mãe jogou seu olhar de sinto muito.

— Como vai, Mary? — Ela apertou a mão da jovem megera, porém linda, não posso negar. Ela não tirava os olhos de mim. Notei sua tensão e ergui a sobrancelha, pensando se todo aquele nervosismo era por me encontrar ali. *Que ironia do destino, duas vezes seguidas ele cruzou o nosso caminho.*

— Bem, obrigada. — Então ela se levantou, nervosa. — Me desculpa a invasão, eu só vim pegar a chave da casa da minha tia e já estou de saída.

— Imagina! — Minha mãe segurou em seu ombro, a colocando sentada novamente. — Termine a sua refeição sossegada. Depois você vai.

Engraçado foi a sensação de alívio quando minha mãe fez isso, era como se eu não quisesse que ela fosse

embora. Encostei-me no batente da porta e cruzei os braços, feliz. *Céus, o que está acontecendo comigo?*

— Ah, este é o meu filho Fernando. — Ela apontou em minha direção e Mary ficou tão vermelha que franzi a testa, intrigado. Seus lábios entreabertos me deu um apetite de tomá-los sobre os meus. Ela sacudiu em negativo, porque estava com medo, eu sabia. Não ia pegar bem se a minha mãe soubesse que ela era a ativista que estava ameaçando um importante projeto na empresa. Estendi minha mão e me aproximei dela e pisquei. Ela se endireitou na cadeira, seus olhos expressivos bem abertos, tentava disfarçar seu nervosismo olhando-me pela visão periférica, quando me aproximei ela estendeu sua mão em cumprimento.

— Muito prazer, Mary. — Inclinei para beijar seu rosto e um calafrio me tomou. Só Deus sabe a força que fiz para não enfiar a cara no vão de seus seios arfando com a respiração acelerada. — Só não posso dizer que é bem-vinda — sussurrei em seu ouvido. Ela fechou os olhos num profundo suspiro que me deixou muito excitado. Perdi um pouco a noção de tudo, esquecendo-me de que

não estávamos sozinhos.

Rapidamente me afastei indo em direção à geladeira e me servi de um copo com água, eu precisava de algo fresco para me refrescar do calor pelo meu corpo. Fiquei observando enquanto minha mãe se sentou à mesa e começou a conversar com ela.



Mary

"Meu Deus, me ajude...", pedia em pensamento sem conseguir prestar atenção numa só palavra que aquela senhora elegante e gentil dizia. Eu queria olhar para trás em direção à geladeira, mas não podia dar bandeira, porém eu sentia a pressão do olhar de Fernando e fiquei completamente sem chão. Como coisas como aquelas podiam acontecer?

Ele veio se sentar na cadeira à minha frente, com seus olhos intimidadores e ameaçadores, pois eu tremia de medo dele entrar no assunto.

— Está passeando na cidade? — perguntou em sua voz grave e rouca.

Um sorriso de alívio brotou em meus olhos, ele não comentaria, estava me poupando, e por quê? Levantei a cabeça para olhá-lo, meu cenho franzido, aqueles olhos me olhando tão significativamente.

— É... vim visitar a minha tia — respondi em meio a um sorriso fraco. Ele apertou o olhar cínico se aproveitando da situação ao notar que me sentia acuada. Eu odiava aquele homem com a força do meu coração.

Apertei a mandíbula para manter minha boca fechada a fim de não dizer poucas e boas.

Notando a mudança em minha expressão, ele ficou sério, apoiou os cotovelos sobre mesa e juntou suas mãos, apoiando seu queixo ali. Olhou para a sua mãe.

— Você já avisou a Ana sobre o jantar? — ele perguntou olhando em meus olhos.

— Ah, sim... Ana — Ela se levantou e foi em direção à pia e ficou ali conversando com a minha tia, enquanto ele me devorava com os olhos. Olhando significativamente para meu pescoço, meus punhos, e depois novamente em meus olhos antes de pousar em meus seios. Respirei fundo com o frio que senti em minha barriga.

— Vou cobrar isso de você... — sussurrou com os olhos sobre meus seios. Eu engoli duro, olhando para baixo. Eu queria me levantar naquele momento daquela cadeira e me livrar daquele assunto, ir embora e me libertar do tormento que era ele.

— Por favor, depois conversamos — precisei implorar com as duas que pararam a conversa e olharam em nossa direção. Então, me levantei rapidamente. — Acho que vou

indo, preciso descansar da viagem, espreguicei levantando meus braços e logo baixei com os olhos de Fernando passeando pelo meu corpo e, claro, me deixando completamente arrepiada.

— Se quiser ficar e esperar pela Ana, e também quero que saiba que é bem-vinda à minha casa — disse Vera educadamente.

— Prefiro ir na frente — fui sincera. Eu precisava de espaço, o Fernando me sufocava de um jeito que não conseguia controlar as batidas aceleradas do meu coração.

— Eu também acho que você deve esperar, dar uma carona para sua tia, coitada... — Gelei da cabeça aos pés com a ironia em suas palavras enquanto se levantava. Se postou bem ao meu lado inclinando a cabeça. O calor do seu corpo e o cheiro agradável do seu perfume me deixou zonza. Engoli fortemente e travei a respiração. — E onde você colocou sua lata velha? Não a vi lá fora quando cheguei — sussurrou ele.

Senti um calor subir pelo meu rosto, sabia que ficou vermelho em fúria e apertei os punhos na lateral do meu

corpo.

— Não precisa, eu vou de ônibus. Pode ir, minha querida, a gente se vê em casa. — Soltei o ar aliviada com a ajuda inocente de minha tia. Ela me entregou a chave e me beijou no rosto. Peguei na mão de dona Vera, e só acenei com a cabeça para o Fernando, que me olhou de um jeito debochado muito irritante, e saí apressada pela porta da cozinha, ciente de que seus olhos me seguiam.

Parecia que entrei num balão de oxigênio quando atravessei a porta da cozinha para o quintal. Eu estava a ponto de explodir, sufocada. Mas tinha que agradecer pelo Fernando não ter dito a verdade, quem eu era realmente.

Andei a passos apressados pela lateral da casa, quase corria... eu queria me ver livre de uma vez quando um braço forte enlaçou a minha cintura por trás, me puxou de encontro ao seu corpo, pressionando-me com força. Minhas costas se encaixaram perfeitamente no tórax nu. O perfume maravilhoso chegou em meu olfato invadindo-o, me deixando tonta.

— Agora você tem uma dívida enorme comigo — ele disse sussurrando no meu ouvido e beijando meu pescoço

de forma torturante. Eu estava na mais plena consciência e sabia que devia empurrá-lo para ficar longe, só que quem disse que eu conseguia reagir? E ele sabia disso, sentia meu tremor, minha rendição e era completa. Excitada e com fortes contrações em meio às minhas pernas, eu fiquei totalmente encharcada. Suas leves mordidas na minha orelha me faziam arrepiar e gemer baixinho.

— E eu não tenho dívidas com ninguém — retruquei num fio de voz e ainda gaguejando sem condições de nada. Ele ousava sua mão livre, que desceu pela minha perna até próximo ao joelho e ele apertou. Eu ficava cada vez mais acesa.

— Tem sim, senhora — sussurrou com a boca em meu pescoço enquanto eu inclinei a cabeça dando-lhe mais espaço. —, e eu não sou homem de perdoar dívidas de ninguém. — Seu hálito quente na pele do meu pescoço era demais e seus lábios roçaram do pescoço em direção ao meu ombro, sua mão em minha cintura me apertava contra a sua ereção tão dura que sentia pulsar em minha bunda, enquanto a outra mão fazia o caminho de volta pela minha perna e deslizou para minha vagina.

— Ah... — Fechei meus olhos gemendo, um tremor generalizado tomou conta do meu corpo, as contrações chegavam a doer.

Em toda a minha vida sexual onde eu controlava sempre, nunca nenhum outro homem me fez sentir tão vulnerável, entregue. Ali ele podia fazer o que bem entendesse, era como se eu estivesse anestesiada. Era bom demais, tenho que admitir. Com os olhos fechados em total frenesi, eu ouvia os cantos dos pássaros misturados aos barulhos da água caindo da fonte... som do vento fustigando as folhas das árvores, que fazia meus cabelos chicotearem meu rosto e o rosto dele beijando minha pele, refrescando nossos corpos em chamas, tarde mágica...

Então sua mão subiu em direção à minha barriga e desceu para o cós da minha calça. Travei a respiração com a expectativa e comprimi meu abdome para alargar o espaço para sua mão entrar. Ela deslizou para baixo e rompeu o elástico da calcinha. Com um dedo ele tocou meu clitóris, fiquei paralisada, com os lábios entreabertos.

— Céus, você está uma delícia — sussurrou, circulando

seus dedos de forma dura e firme, curvando dentro de mim, ao redor em minha lubrificação.

— Por favor, Fernando p-a-raaaa... — Sentia espasmos estava a ponto de gozar em sua mão e pressionava meu quadril nele. Sentia sua pele se arrepiando em contato com a minha, enlouquecedor.

Então, ele me virou de frente agarrado à minha cintura, me apertando nele, com os lábios entreabertos; ofegante, seu peito subia e descia tamanha a aceleração de sua respiração enquanto seus olhos verde-acinzentados sondavam meu rosto. Não havia como não admirar, ele era tão lindo, inacreditavelmente másculo, forte e, além de tudo, atrevido. Seu cabelo escuro voava por causa do vento que deixava a brisa fresca.

— Eu não quero parar — falou baixo com a voz embargada pelo desejo. — Eu preciso desta dívida paga... — Inclinou-se e sua boca macia e quente roçou a minha por um instante antes do beijo ficar intenso, com ele engolindo minha boca, e sua mão desenhando o contorno da minha bunda e apertando-a com vontade.

Eu não podia admitir, mas o fato é que o desejava, o

desejava como uma louca.

— Não podemos continuar com isso... — Ainda tentei num momento que ele me deixou respirar.

Foi o mesmo que nada, sua língua quente e firme invadiu minha boca, silenciando minhas palavras, mas deixando um estrondo dentro de mim, meu coração parecia batidas de tambores. Um beijo feroz, faminto, onde a nostalgia dos nossos ritmos cardíacos se misturara num só instrumento. Suas mãos deslizavam por minhas costas me pressionando ao seu corpo. Eu não sabia como ser santa, apertei sua bunda com força contra meu corpo, fazendo-o estremecer.

Eu gemia e perdi a noção do perigo, quando ele me arrastou mais para o canto, atrás da fonte na qual havia o som que havia ganhado a minha admiração, onde as folhas frondosas de uma grande árvore chegavam ao chão e me encostou no tronco.

Eu precisava senti-lo, era quase uma necessidade. Enfiei a mão pelo cós da calça social e não passou.

— Espera. — Ele abriu rapidamente o zíper e fechou os olhos quando invadi minha mão, segurando firme naquele

instrumento enorme, grosso e muito, muito duro. Minhas massagens de vai e vem o deixaram enlouquecido.

— Ah, isso... não para — sussurrou em meus lábios.

Eu não queria mesmo parar, eu precisava me entregar, queria ele enterrado em mim de qualquer maneira. E quando segurei no cós de sua calça para abaixar, eis que uma buzina começou a tocar em frente ao portão da casa. Assustada como no fim da anestesia, eu saltei para longe dele com meu coração acelerado, minha respiração acelerada.

— Você não podia ter feito isso — afogada, falei com as mãos ao alto e ajeitei minha roupa, me afastando. Ele fechou sua calça e correu atrás de mim, segurando em meu pulso com força, me puxando de volta. — Me larga! — gritei entredentes, pois não podia fazer escândalo ali em sua casa. — Você é um idiota aproveitador.

— Ah... — ironizou. — você se oferece para mim e agora eu sou um aproveitador? — Ele riu, inconformado. — Vê se enxerga, garota! Você tem uma dívida comigo agora e eu quero que você pague. — Foi duro nas palavras. Eu o encarei sem entender. — Não sei se agi

corretamente em esconder da minha mãe quem você é realmente e o que pretende.

Eu apenas engoli forte, tentando fazer aquele nó que formou em minha garganta descer.

— Ela te tratou com tanta educação. Não sente remorso? — Seu sorriso cínico fez com que outro nó se formasse, eu me sentia muito sufocada. Era isso que ele queria, me atingir emocionalmente e conseguiu e não parou por aí, continuou em seu joguinho emocional. — Ela não vai gostar de saber que há espiões debaixo do seu teto.

— A minha tia não tem nada a ver com isso — exasperei, segurando em seus braços e obrigando-o a me encarar. E um sorriso de satisfação em me humilhar se desenhou em seu rosto. — Eu nem sabia que você morava nesta casa, foi apenas uma amarga coincidência. — Ele torceu a boca levantando uma sobrancelha, descrente.

— Será mesmo? — afrontou. Respirei fundo travando meus lábios pronta a mandar ele tomar naquele lugar. Porém, não podia me desequilibrar, ele estava no controle e eu apenas tinha que implorar pelo amor de Deus!

— Por favor, Fernando... Seja generoso e não despeça a minha tia, tampouco conte a sua mãe… — Baixei meus olhos em tom humilde e ouvi seu riso maldoso e voltei a encará-lo com firmeza. — Ela não tem culpa de nada, é totalmente inocente nesta história. Nem sabe porque eu vim a São Paulo — confessei.

Ele torceu a boca e revirou os olhos,

— Ei, Fernando, seu irmão chegou. Não vai me dar um abraço? — Um rapaz muito parecido com ele, um pouco mais baixo, gritou da garagem, assim que desceu do carro e olhava em nossa direção.

Fernando respirou fundo e voltou seus olhos ameaçadores em mim.

— Eu vou pensar no seu caso, só que não prometo nada... — falou claramente e simplesmente me deixou sozinha ali, enquanto foi se juntar ao seu irmão.

Fechei meus olhos com força, com ódio, eu não iria me perdoar se a minha tia perdesse este emprego. Tinha que admitir, agora eu estava nas mãos dele.

Respirei fundo e segui em direção ao portão, não pretendia parar, porém quando o rapaz se afastou do

abraço de Fernando me olhou com estranheza. Ele vestia calça jeans clara e uma camisa na mesma cor, dobrada até os cotovelos. Apesar de ser alguns centímetros mais baixo que Fernando, seu corpo era bem atraente. Seus cabelos puxavam para um loiro-acinzentado, seus olhos de um castanho-claro, e um rosto muito marcante e bonito, de pele bronzeada abaixo da barba a fazer. Fernando lançou-me um olhar reprovador antes de nos apresentar.

— Esta é a Mary, é a sobrinha da Ana. — Ele ficou me olhando com um jeitinho tão bacana, que gostei dele.

— Tudo bem? — saudei com um meio sorriso. Ainda estava tentando recuperar o equilíbrio que aquele tonto do Fernando tirou de mim. O rapaz se aproximou e segurando em meu ombro beijou minhas faces.

— Muito prazer, eu sou o Leonardo, irmão deste cabra aqui. — Bateu no braço do Fernando, que me olhou de um jeito estranho que não consegui identificar. — Eu ouvi muito de você, sempre gostei de ficar na cozinha enquanto a Ana preparava suas guloseimas.

— O prazer é todo meu. Bem... até mais, eu tenho que ir. — Me desvencilhei de suas mãos e caminhei em

direção à saída. Ele não reparou em meu nervosismo.

— Janta com a gente, Mary? — ofereceu ele.

Eu girei no calcanhar, pois ele parecia tão educado e gentil, completamente diferente do irmão, que sorriu de canto de boca, seus olhos tinham um brilho que me deu medo.

— Obrigada pelo convite. Almocei agora há pouco, então acho que, por hoje, já comi a minha cota.

— Então fica para outro dia. — Sorriu.

— Tudo bem, tchau.

Saí em passos apressados em direção ao portão, o segurança abriu-o e sorriu com gentileza e eu retribuí me sentindo tensa, trêmula, mas não olhei para trás porque queria sumir dali o mais rápido possível.

Capítulo 3

Fernando

Eu estava decidido. Essa mulher era desesperadamente delirante, sua bunda era exatamente como pensei, demais! Só que já mexeu demais com meu juízo por apenas algumas horas, e aquilo já estava passando dos limites. Nem transamos e eu já estava completamente fodido. Desejando desesperadamente sentir novamente seu cheiro delicado, sua língua afiada, seu corpo perfeito. Então eu estaria completamente arruinado se isso se estendesse, do jeito como já estava meu estado de espirito.

Enquanto a família, à mesa da cozinha, onde a Mary se sentou, escutava a narrativa das aventuras do Leonardo pelo mundo, eu estava no jardim revivendo a maciez do seu corpo, o seu tremor... e me arrepiava pensando nela. Os pelos do meu corpo assim como meu pênis estavam em pé, precisei me segurar para não gemer e chamar a atenção de todos. Até a Ana, que estava em pé atrás da minha mãe, participava. Afinal, ela sempre foi como uma

mãezona para o Leonardo e, de repente, senti um pouco de ciúmes com esta proximidade, me deu certa insegurança, não me agradou em nada a forma carinhosa como ele a tratou. Eu notei bem como seus olhos brilharam interessados sobre os seios dela e aquilo me matou por dentro.

Ainda bem que ela não aceitou o convite para o jantar.

Senti-me péssimo, pensando daquela maneira a respeito do meu irmão, ainda mais pelo tempo que não o via. Eu deveria estar ali todo animado ouvindo o que ele dizia eufórico, pois sempre fomos muito unidos, no quesito baladas, mulheres... Ambos éramos grandes galinhas, enfim em quase tudo. Apenas em relação à empresa é que nossos pensamentos divergiam, o Leonardo era daqueles caras que conseguia sobreviver com tão pouco. Eu nunca consegui entender. Liberei um cartão de crédito com um limite altíssimo, a questão é que quando as suas faturas chegavam me deixava intrigado, o valor gasto era tão irrisório que, às vezes, eu cheguei a desconfiar que ele estava mexendo com algo ilegal e rentável, por esta razão não consumia com o dinheiro da família. Quando era

questionado, ele garantia que não.

Mano, com a vida que levo não preciso de mais do que eu gasto com o cartão. Ele sempre repetia isso como uma ladainha que acabei parando de ficar desconfiando dele.

Na verdade, acho que estava sendo injusto. Sempre se vestia com estilo, sabia combinar bem as suas roupas, que eram legais e agradava até a mim, porém nenhuma das peças que havia em seu guarda-roupa eram de grifes e seu carro só era trocado quando eu e a mamãe fazíamos por conta própria, senão ele atravessava mais de dez anos com o mesmo. Todos nós já estávamos acostumados com a sua simplicidade.

O fato é que eu não conseguia prestar atenção, eu só conseguia pensar em seu corpo trêmulo, sua vagina molhadinha implorando pelo meu pau. Ou seja, eu só pensava com a cabeça de baixo, pensamento que não deixava a chama se apagar, ele doía dentro das calças, latejava pensando em foder com ela.

Só que tinha plena consciência de que não podia deixar ser influenciado pela cabeça de baixo, precisava manter o foco na de cima, afinal havia interesses milionários em

jogo ao qual ela queria colocar em risco. Precisava da minha sanidade de volta, o problema é que não sabia como recuperar, se não sabia administrar o problema Mary.

— Você não acha, Fernando? — As gargalhadas da minha mãe me trouxeram à realidade, fixei meus olhos nos seus e ela me olhou, questionadora. — Você está bem, filho?

Ao meu lado, Leonardo inclinou a cabeça, fitando-me com expressão humorada.

— Afinal, desde que sentamos aqui na mesa, eu não ouvi a sua voz, irmão. Estava onde, se importaria em nos dizer? — Corei com a cobrança, preocupado.

— É... — pensei numa desculpa convincente. — Na verdade estava lá na empresa.

— Acredita que o Fernando precisou ir até a empresa, hoje? — contou minha mãe. Respirei aliviado longe da pressão dos olhares.

— Verdade? — Leonardo me encarou, surpreso. — Sabadão?

— Infelizmente surgiu alguns obstáculos, mas nada que

não possa ser solucionado — falei calmo, despreocupado. E Leonardo levantou a sobrancelha.

— Isto eu sei... Você sempre foi este homem forte que não mede esforços para manter a empresa saudável. O que me intriga é o fato de ceder ao sábado.

— Pois é, não tive escolha. — Bati em sua mão sobre a mesa. — E aí, continua, as suas aventuras estavam bem interessantes — menti que prestei atenção.

Ele se empolgou e continuou narrando e quando falou das mulheres com quem se relacionou, ele jogou seu olhar interessado sobre a Ana.

— Aliás, Ana, eu me encontrei com a sua sobrinha quando cheguei.

— A Mary? — Ele balançou a cabeça, impressionado.

— Você sempre falou dela, só que nunca mencionou o quanto ela é gata! — Um sorriso orgulhoso se espalhou pelo rosto de Ana, e pelo meu "hum" de extrema irritação, travei a mandíbula para não tentar mudar o rumo daquela prosa. Ouvir todo o interesse do meu irmão causou algo muito conflitante dentro de mim e não gostei.

— Realmente é uma bela moça, e pareceu muito

inteligente — emendou minha mãe no elogio. Torci a boca.

Deixa só você saber que ela quer arruinar o seu império, aí quero ver qual será sua opinião.

— A Mary é especial, uma pessoa fora de série. — Ana suspirava ao falar da sobrinha, deixei meus olhos em seus lábios e de alguma forma senti ainda mais atraído pela moça. — Ela nasceu com um coração do tamanho do mundo, vive a sua vida em prol dos outros, e acaba deixando a sua de lado. — Franzi a testa na conclusão.

— Ela é das minhas, hein?! — Leonardo sorriu superinteressado, eu não sei por que tive o ímpeto que, graças a Deus, consegui segurar, em bater meu ombro no dele para derrubá-lo da cadeira. Era a primeira vez que me irritava com o Leonardo, não me irritei nem quando meu pai morreu, que era para nós dois trabalharmos juntos na empresa e ele bateu o pé se negando, que não passaria o resto da sua vida como o meu pai, enterrado nos negócios e deixando a família de lado.

Uma visão que nunca concordei com ele, entretanto fui forçado a aceitar. Tirando os sábados, meu pai foi ausente

mesmo, no entanto ele fez tudo isso para dar o conforto que temos hoje. Argumentar sobre esta pauta com o Leonardo significava perda de tempo. Ele não se importava com nada do que tínhamos.

— E ela faz o que, Ana? — perguntou minha mãe. — É formada, quantos anos ela tem? — Fiquei curioso.

— Ela tem 27 anos e é formada sim — garantiu Ana, orgulhosa. — Ela é uma menina de ouro, não tem igual, muito estudiosa... — afirmou em sua simplicidade. — Ela cursou duas faculdades, uma em Arquitetura, e como ela é criativa... precisa só ver! — Cerrei meus olhos cruzando meus braços sobre a mesa em desaprovação com o brilho nos olhos do meu irmão, enquanto a Ana continuou: — Seria uma excelente opção para melhorar sua condição financeira. Ela já recusou muitas propostas de empregos, tudo porque ama trabalhar como voluntária, e devido a este amor incondicional ela acabou fazendo Serviço Social. E por isso vive nesta pindaíba, ainda tem outras coisas que poderiam ajudá-la. Só que, infelizmente, ela já tem tudo definido em sua vida e não aceita conselhos de ninguém.

— Puxa! Que preciosidade de menina! — exclamou minha mãe e Leonardo, encantados.

— Preciso conversar melhor com a sua sobrinha, ela é bem interessante. — Ana arqueou a cabeça, seu rosto corou.

— Leonardo! — esbravejou minha mãe batendo em seu ombro e ele inclinou-se, abraçando com tanto amor que suspirei. Eu não podia sentir aquele sentimento de raiva pelo meu querido irmão e afaguei suas costas. Afinal, a Mary encantava qualquer um, era mesmo um arraso de mulher.

Enquanto a conversa fluía em todos aqueles elogios, eu ficava cada vez mais interessado, mexido, excitado e com todos os pelos do meu corpo eriçados; porém, não deu para evitar meus mamilos rígidos de ficarem nítidos por estar sem camisa.

Não pense nela nestes termos!

Eu ordenei a mim mesmo severamente. Se ela não fosse quem é e estivesse aqui para me aporrinhar, talvez as coisas poderiam seguir o rumo que meu corpo e cabeça de baixo queriam. Só que, infelizmente, ela se tornou uma

pedra dentro do meu sapato, ou duas na verdade.

— Ela é das minhas — comentou Leonardo todo eufórico.

Fiquei farto, e me levantei neste instante.

— Então vocês me deem licença, eu preciso descansar mais um pouco,



Mary

Fiquei tão apavorada com a possibilidade daquele homem metido e egoísta demitir minha tia que, mesmo seguindo o GPS, eu consegui me perder por aquelas ruas e avenidas. Quando notava, eu acabava no mesmo lugar, no mesmo farol, dei voltas e mais voltas pela cidade, andando em círculos, pois a cada erro que o GPS recalculava seguia do zero e tudo o que consegui foi permanecer na mesma região. A realidade era que eu me perdi nas ruas e na razão.

— Droga, droga, droga... — gritei loucamente batendo no volante tamanho era o descontrole em que estava, quando o farol que eu já havia parado por três vezes consecutivas, fechou.

— Calma, Mary, calma, pelo amor de Deus! — disse para mim mesma em voz alta para ver se conseguia convencer meu corpo incendiado, arrepiado... e respirei fundo, quando inclinei minha cabeça em direção ao carro ao lado do meu com impressão de estar sendo observada. E não era somente impressão, o motorista, um jovem bem loirinho e magro, de não mais de 18 ou 19 anos, ria muito

com o meu descontrole. — Ai, que ódio. — Revirei os olhos, irritada com seu humor, enquanto eu me remoía por dentro, fechei os olhos respirando profundamente.

Aquele idiota me tirou completamente do sério acabando com toda e qualquer concentração. Aquilo já era uma demonstração de como seria dali para frente, eu não tinha forças para enfrentar aquele homem, não mesmo. Ou eu faria um treinamento de autocontrole, ou teria que arranjar um substituto.

— Vai se acovardar agora, Mary? — Lá estava eu novamente enfiando o rabo no meio das pernas, aliás, era isso mesmo que ele queria, me fazer desistir! Fechei os olhos repetindo que eu não poderia fraquejar, pois as pessoas colocaram a maior fé em mim. Eu só não sabia como poderia fazer isso.

As buzinas exageradas me lembraram de que o farol estava verde, vi muita gente passando por ali, ouvi vozes se misturando à poluição sonora... Um emaranhado de confusões que, envergonhada, pisei no acelerador para sumir dali.

Livre do trânsito, soltei o ar com força e sem opção

estacionei o carro na primeira vaga e, então, o jeito foi pedir socorro ao doutor Google.

Digitei novamente o endereço e fiquei ali por alguns instantes analisando o mapa, o problema é que aquele rude gostoso me deixou transtornada, e não conseguia me encontrar de jeito nenhum. A impressão que eu tinha é de que seu rosto lindo estava estampado em tudo que era lugar, até ali na tela do celular, a cada tentativa de me concentrar, o meu cérebro formava sua imagem e, como não poderia ser diferente, o arrepio percorria meu corpo e toda aquela tensão sexual se concentrava no meio das minhas pernas me deixando excitada.

"Gente, mas o que é isso? Nunca nenhum outro homem causou tamanho turbilhão dentro de mim!", questionei-me em pensamento, brava e, ao mesmo tempo, curiosa.

Enfim, em mais uma tentativa, digitei o endereço e segui em frente. Dei mais algumas voltinhas desnecessárias e, desta vez, consegui chegar.

Começava a escurecer deixando o céu com um tom avermelhado do pôr do sol, às seis da tarde, quando estacionei em frente ao portão da garagem do prédio de

cinco andares, agora na cor verde-claro o que combinou muito com as janelas de alumínio, diferente do bege descascado da última vez que estive rapidamente de visita aqui, no ano retrasado, que dava um aspecto de abandono, para ser mais exata.

Enquanto aguardava o zelador abrir o portão eletrônico, eu olhava ao redor: a rua continuava a mesma, calma, com quase nada de movimentos de carro, apenas alguns garotos aproveitando a tranquilidade para bater uma bolinha. Apesar de ser um bairro simples, eu gostava da localização, as árvores permeando a rua dava um clima arejado causando uma grande sensação de prazer.

— Obrigada. — Acenei pelo vidro quando o portão finalmente abriu. Agradeci pelo pequeno estacionamento estar vazio àquela hora. Facilitava estacionar com as vagas separadas com pilares de concretos, ao qual já deixou sequelas no meu carrinho, nada que precisasse de reparos, diferente de hoje, pois a batida com o carro do Fernando deixou-o num estado deplorável, precisava de uma reforma geral. Agora eu me afundaria em dívida, se é que a reforma seria feita, não podia contar muito com o

meu minúsculo salário.

O apartamento era no último andar, de cara já notei que fora totalmente reformado quando entrei, conforme a planta que fiz para ela, e apesar dos novos móveis serem simples dava um ar fino, os estofados na cor marrom e a mesa com tampo de vidro com seis cadeiras na sala de estar no espaço dividido em dois ambientes de madeira escura contrastavam a tonalidade bege dos tapetes e parede. Respirei profundamente para sentir o perfume agradável e sorri orgulhosa. Além da aparência e seus trejeitos de ser, a sua mania de limpeza era bem semelhante a da minha mãe. Meu coração se encheu de saudades, as lembranças encheram meus olhos de lágrimas.

Ao fechar a porta atrás de mim ao entrar, senti minhas pernas pesadas, exausta. Abri a porta de vidro para a pequena sacada, uma brisa fresca bateu em meu rosto refrescando muito pouco meu corpo ainda em chamas e entrou pela sala adentro. Levei minha mala para o segundo quarto do corredor à direita e entrei. Só um banho poderia tirar a fragrância do perfume do Fernando, que ficou

impregnado minando o tesão pelo meu corpo, uma sensação prazerosa não posso negar, porém extremamente perigosa sendo ele quem é.

Decidi pelo banho literalmente frio, esfregando meu corpo com força para me livrar do gosto e do cheiro dele. E então vesti minha camisola de malha com estampa, já com a certeza de que não sairia mais hoje e voltei para a sala com o ambiente mais fresquinho.

Joguei-me sobre o sofá e lá estava meu cérebro sugestionando aleatoriamente, o canto da minha boca se levantou em um sorriso, safado. *Caralho!* Fechei meus olhos me recordando do seu pau duro, quase perfurando minha bunda, tamanha pressão que ele exercia roçando sobre meu corpo.

"Hum...", gemi.

Podia sentir seus dedos circulando meu clitóris inchado de tesão e imediatamente me senti molhada mentalizando seus dedos escorregando em meu líquido de prazer entre meus lábios vaginais.

O pensamento reacendeu uma necessidade sem procedente. Suspirando comecei a me tocar em carícias,

visualizando suas mãos grandes e fortes sobre meu corpo, afastei o elástico da minha calcinha enquanto minhas pálpebras se fecharam. E com os dedos fazia círculos lentos, imaginando os dedos hábeis do Fernando.

Com a mão livre acariciei meus seios inchados, meus mamilos enrijecidos... imaginando o beijo do Fernando no meu pescoço com aquela expressão de homem viril, decidido e idiota, totalmente perfeito, o que é inegável. Eu o queria dentro de mim e comecei a fantasiar sua cabeça escura entre as minhas coxas me devorando. Arrepios pelo corpo me deixaram ofegante. Meus quadris se contorciam, ao ver em minha mente, ele roçando a minha carne trêmula contra os lábios firmes, me lambendo avidamente. Ele me molhava mais e mais e sentia contrações fortes e doloridas, eu já via em meus dedos a sua língua, um delírio dos céus.

Conforme meu corpo ficava mais tenso pelo orgasmo, cada centímetro de mim parecia contraído, apertei meu mamilo tenso, estimulando e abri minha boca quase no ápice, quando fiquei atordoada com aquela buzina dos infernos em minha cabeça. Me levantei e fui a sacada, na

rua bem em frente ao prédio dois carros estavam parados um ao lado do outro, e com certeza os ocupantes eram garotos para fazerem tanto barulho. Soltei o ar com força, rindo de mim mesma. *A que ponto cheguei? Só eu mesma!* E cheguei a mais clara conclusão de que eu fui salva. Afinal, eu precisava de sexo urgente, no entanto em hipótese alguma deveria ser com Fernando, nem mesmo em pensamento.

Esta era a minha razão falando, cérebro e corpo não fazia mais junção, pois meu corpo estava queimando por dentro, o que demorou muito para pegar no sono.

Um falatório vindo do corredor do lado de fora me despertou, espreguicei bocejando quando a porta se abriu e surgiu por ela a minha tia, e logo atrás dela uma moça loira, magra e alta de cabelos bem lisos, ambas carregando sacolas de supermercado.

— Entra, Suzane, por favor — convidou minha tia. Ela entrou na porta à direita, onde era a cozinha e a tal Suzane entrou atrás.

— Posso colocar as sacolas aqui? — A cozinha integrada à sala, conhecida como cozinha americana,

permitia a quem estava cozinhando interagir com as pessoas da sala. O balcão que dividia os ambientes com seis banquetas altas servia como apoio compondo harmonia e beleza. Eu a vi perambulando na cozinha colocando as sacolas na mesinha embutida na parede abaixo do balcão.

— Ah, sim, por favor. Obrigada, Suzane...

— De nada, imagina.

E quando a moça retornou em direção à porta da saída, minha tia a chamou.

— Deixa eu te apresentar minha sobrinha. — Apontou em minha direção e a moça educada voltou e se aproximou de mim, ali na sala. Educadamente eu estendi a mão.

— Prazer, Mary — me apresentei. Ela apertou minha mão com um sorriso contagiante no rosto, achei-a muito simpática.

— O prazer é todo meu.

— Ela acabou de chegar na cidade, aliás, bem que vocês poderiam sair juntas, são jovens, bonitas — minha tia sugeriu, eu corei. Balancei a cabeça, negando. Já havia

feito planos do meu percurso no resto do dia, ir da sala direto para o quarto. Estava quebrada, e dormir era tudo o que pensava. Não estava em condições, tampouco a fim de sair.

— Ah, legal. Se estiver a fim, vou encontrar uns amigos num barzinho, lá no Jardins, lá pelas 22h — Fiz minha cara de dúvida. —, um bairro nobre aqui de São Paulo, onde se concentra os restaurantes mais famosos — ela falou com tanta gentileza que concordei.

— Bem, eu não conheço, mas me parece bom.

— Eu acho uma ótima ideia, assim ela não fica enfiada aqui dentro de casa. — Minha tia estava mesmo disposta a me empurrar. Eu sorri forçado e ela deu de ombros. Sabia que eu não gostava de sair por aí.

— Então, às 21h30 está bom para você? — ela perguntou, sorrindo.

— Eu não sei se vai dar, bati o carro e... — falei na tentativa de me esquivar quando ela ofereceu, me interrompendo.

— Sem problemas, vamos no meu.

— Ah, está bem... Às nove e meia, então — falei dando

o meu melhor sorriso e ela saiu sorrindo em sua simpatia que ganhou a minha admiração. Agora sair, curtir a noitada paulistana não estava em meus planos.

Minha tia caiu na gargalhada e foi para a cozinha, eu sentei na banqueta me debruçando no balcão fuzilando-a, rosnando.

— Nem adianta protestar, agora já está combinado — ela falou ali de costas mexendo na pia.

— A senhora é uma grande estrategista...

Ela se virou e encostou o bumbum na pedra da pia e, sorrindo, falou:

— É uma forma de me vingar. — Apertei os olhos sem entender. — Você não me engana, Mary. Sei que veio a São Paulo para se enfiar em algo bem cabeludo, quem te conhece que te compre, menina... — Balançou a cabeça em desaprovação e deu-me as costas novamente.

Eu não podia contar-lhe o real motivo, ela me faria retornar mesmo antes de resolver o que precisava. Mas por outro lado eu a entendia, afinal o perigo de vida que eu corria realmente era preocupante, até para mim mesma.

— Tudo bem, tia, eu não quero discutir com você —

disse vencida. Ela virou de frente pra mim, ali de cabeça baixa. E imagina! O imbecil do Fernando ficou povoando minha mente me fazendo sentir aquele friozinho gostoso na barriga.

Inferno!

— Tenho muito medo do que possa te acontecer, sua mãe sofria tanto com este seu jeito revolucionário, sempre achando que pode resolver o problema do mundo.

Estalei a língua e fui me sentar no sofá, por mais que eu explicasse ela não me entendia, acho que ninguém entendia. Uma coisa que nunca consegui na vida foi ignorar os problemas dos outros. Tenho aqui dentro de mim que eu posso e devo fazer a minha parte, ciente de que, diante deste mundão, era muito pequeno, entretanto eu me sentia melhor, mais humana. Mas eu não ia explicar os motivos novamente, venho fazendo isto desde a minha adolescência ao primeiro movimento que participei.

— Não precisa se preocupar, tia — falei simplesmente e fiquei ali pensativa com o olhar perdido, e nem precisei jogar meu olhar na sua direção para saber que ela me olhava, desconfiada.

— E o Fernando, ele falou alguma coisa quando... — Parei imediatamente de falar ao pensar na grande besteira que fiz. Imagina, ela desconfiaria de alguma coisa. Quando olhei, ela sorria de uma forma estranha.

— Hum... este seu jeitinho me diz que ficou interessada no meu patrão — ironizou ela, eu ruborizei no mesmo instante e travei a respiração.

— É claro que não, eu conheço exatamente o meu lugar. — Ela inclinou a cabeça, descrente.

— Bem... também do jeito que o Fernando é lindão não tem como não suspirar mesmo... — Ela voltou aos afazeres na pia dando-me as costas, eu suspirei, aliviada. — As mulheres ficam louquinhas por ele, que é muito safado.

— É mesmo? — me interessei saber um pouco mais dele.

— É um cafajeste quando se trata de mulheres, mas por outro lado é uma excelente pessoa, muito humano. E cuida muito bem da família na ausência do pai.

— Eu o achei meio arrogante, não tem cara de ser protetor — falei despretensiosa querendo estender a

conversa porque estava curiosa.

— O quê? — Ela se virou. — Ele é capaz de matar, se alguém ousar tocar em alguém da sua família.

— Hum... — Fiquei refletindo e me irritei. Então me levantei, seguindo para a sacada, e fiquei ali contemplando a rua silenciosa. "Até que esta saída vai me fazer bem, ver gente, conversar... tenho certeza de que ajudará espairecer minha cabeça, desviar o foco dos meus pensamentos. E, quem sabe, consigo relaxar, apagar o incêndio que o Fernando causou porque as brasas continuavam queimando", pensei.

Conversamos mais um pouco e, então, segui para o quarto e me deitei a fim de mais uma relaxada, a cochilada de uma hora não foi suficiente, aproveitaria a próxima hora para dormir e descansar.

Despertei às 21h de um sono profundo, o quarto reinava a completa escuridão e ouvia o som baixo da televisão vindo da sala. E quando fui averiguar encontrei minha tia, sentada com os pés sobre o sofá, a cabeça arqueada no encosto, dormindo profundamente com a boca aberta. Pé ante pé me aproximei da tevê, baixei o volume e, apesar

dela estar desconfortável, eu não a acordei, porque não gostava de fazer isso com as pessoas. E voltei para o quarto e fechei a porta antes de acender a luz.

Tomei outro banho para ver se me animava e acordava, e na hora de me vestir foi um parto, eu não conseguia decidir sobre o que vestir para uma noite paulistana. Corri até a janela e levantei a cortina branca, o céu estava limpo com sua constelação brilhando como diamantes. Mas ainda abri o vidro e uma brisa fresca agradável permanecia, e adentrou no quarto levantando meus cabelos refrescando meu corpo em chamas.

— Bem... vamos ver... — Eu tenho esta mania de falar sozinha e analisei minhas roupas na mala. — Bem, uma temperatura agradável merece uma roupa leve. — Peguei uma calça de um tecido fino na cor bege, vesti uma calcinha também da mesma cor. A combinação opaca me deixou para baixo, apagada, eu precisava vestir algo de cor mais forte e vibrante para ajudar a levantar meu astral. Uma roupa mais sexy, começando pela lingerie. Então decidi pôr um vestido justo que trouxe na cor cinza-chumbo franzidinho nas laterais com um zíper frontal. E

por baixo escolhi um espartilho de renda e tule completo, uma lingerie sensual, um tipo de roupa que desperta o apetite sexual de qualquer homem.

No espelho da porta do armário eu aprovei o visual, escovei meus cabelos rebeldes com a falta de uma boa hidratação e prometi que a minha próxima tarefa seria cuidar melhor de mim. Passei um creme nas pontas e apertei dando-lhe uma forma cacheada até que ficou legal, deu um pouco mais de vida a luzes. Apliquei um rímel preto nos cílios, contornei meus olhos expressivos castanhos com um cajal puxando uma linha tipo gatinho. Apliquei um bom perfume que ganhei do meu noivo. E para finalizar uma sandália de salto na cor preta. Se tivesse combinado não daria certo, pois a campainha tocou assim que deixei o quarto.

Capítulo 4

Fernando

Embora é costume eu acordar excitado, desta vez era difícil explicar, pois meu tesão era tanto que meu pau doía de tanto latejar. E tudo isso acontecia com aquele rosto lindo da Mary tomando minha mente, dominando tudo. Sua intimidade encharcada, cremosa. Fechei meus olhos e meu corpo todo estremeceu de um jeito que me irritei e saltei da cama.

Onde já se viu, ser dominado por uma mulher, ainda mais folgada!

Pelo menos, dormi a tarde inteira, pois foi o tempinho de trégua, mas do que adiantava se aquela diaba não saía da minha cabeça. Eu estremecia pensando enterrando dentro dela. E aquilo deixava meu pênis ereto, muito duro com as veias saltadas. Pensar nela me deixava idiota. *Também todo o sangue desviava da cabeça de cima para a de baixo.*

Tirei a boxer preta e fiquei ali em frente ao espelho, admirando o quanto ele era grande, grosso, e fazia a

alegria da mulherada. E foi um pensamento rápido, pois tudo o que visualizei, fantasiei na verdade, era colocando a Mary de quatro e penetrando-a completamente.

Balancei a cabeça para expulsar aquela mulher da minha cabeça. Eu só precisava me aliviar com uma ou duas gostosas e pronto, ela apagaria por completo da minha cabeça.

—Calma, rapaz, vou dar o que comer logo, logo para você — falei o balançando e segui para o banheiro, decidido que iria à boate de um amigo, onde lindas e jovens mulheres faziam companhia para homens solitários como eu.

Enquanto a água corria sobre meu corpo eu questionava como a vida poderia agir daquela maneira misteriosa? É claro, pensando nela, aquela besta ficou ali dentro impregnada, grudada como um carrapato. Tentei me livrar dos pensamentos e relaxar, massageava o meu rapagão, quando fiquei com a sensação de estar sendo observado. Passei a mão pelo vidro fumê do boxe embaçado com o vapor da água quente, quando vi um vulto perambulando o ambiente. Fiquei alerta e fechei o chuveiro tentando ver

através do vidro, no entanto não consegui visualizar ninguém. Todo o banheiro foi tomado pela fumaça branca comprometendo a visibilidade. Esforcei-me um pouco para ver melhor, e mesmo assim não deu. Percebi que a porta da suíte que separava o banheiro do quarto estava aberta. Eu me lembro de tê-la fechado.

Ou será que não? Será que tinha alguém ali?

Pensei ser a minha mãe com toda a sua ansiedade, e que tinha esta péssima mania de entrar no banheiro para conversar.

— Mãe? — eu perguntei, pigarreando. Não obtive respostas. — Leonardo? — Embora soubesse que o meu irmão jamais teria uma atitude como esta, arrisquei. Sem respostas de novo.

De repente, notei o vulto sair do banheiro, eu estava vendo alguém sim, não estava louco. Eu abri um pouco o boxe e puxei a toalha bege que estava pendurada ao lado e enrolei-a em minha cintura só para que eu saísse. Nem mesmo me dei ao trabalho de me enxugar. Abri o vidro e saí. A corrente de vento extremamente gelado bateu em meu corpo me deixando arrepiado.

Saí decidido do banheiro e quando entrei no quarto fiquei surpreso. Natalie, minha prima de coração por parte de pai, porque meu tio estéril a adotou ainda bebê. Uma garota de dezenove anos estava sentada na beirada da minha cama. Ela usava um shortinho jeans tão curto que ambos os lados estavam enterrados em sua virilha.

— Surpreso em me ver? — ela perguntou em sua voz assanhada com seus lábios entreabertos. Ela não chegou numa boa hora, me tornei um perigo para sua inocência. Quero dizer, de inocente ela não tinha nada. Mas era a sobrinha do meu falecido pai, e todos a consideravam, só que ela não entendia desta forma. Gostava de me provocar.

Sentei-me ao seu lado para disfarçar, afinal ela tinha um corpo escultural espetacular. Foi aí que me toquei que avancei seu território quando sua mão veio sobre a toalha em minha perna.

— Hummm, está com o corpo úmido, quentinho. — Ela se inclinou riscando meu peitoral com seus olhos azuis devoradores tentando me convencer. Eu saltei da cama no mesmo instante. Eu iria para o inferno se continuasse com

aquilo.

— Eu não entendo este seu medo de mim, Fernando — ela reclamou frustrada com a minha rejeição juntando os cabelos loiros, um pouco abaixo dos ombros atrás da cabeça e deu um laço com o próprio fio. Uni as sobrancelhas ao ver que ela abria os primeiros botões da camisa branca.

— É, eu acho melhor você sair do meu quarto. — Segui em direção à porta e ela me fez parar, segurando em meu braço.

— Por favor, Fernando, pare de ser chato, nós não temos o mesmo sangue...

Alguém bateu na porta, eu corri para abri-la, dando de cara com meu irmão. Muito bem arrumado, vestia uma calça e camisa jeans arregaçada nas mangas. Seus cabelos ainda estavam úmidos e usava um perfume muito bom, eu admirava seus gostos e não entendia como conseguia tudo aquilo com tão pouco dinheiro. Entrou com o seu laptop em mãos.

— Eu sabia que você estaria aqui, sua diabinha de araque! — disse ele passando por mim, passou a mão

livre pelo ombro da Natalie e beijou sua testa com um carinho de irmão. O mesmo sentimento que eu nutria por ela. — Fernando, o carregador do meu laptop não está funcionando, será que poderia deixar usar o seu por um instante, preciso pegar o endereço do bar.

— Não precisa de endereço, Leonardo, eu sei exatamente onde fica — interveio Natalie com os braços cruzados, se achando a garota mais esperta, o que me fez sorrir de canto de boca. O pior que a menina era muito esperta mesmo, se der bobeira ela enrola a gente direitinho.

Eu estou esperto com ela!

— Mesmo assim eu preciso carregar, não posso ficar sem a minha belezinha aqui.

— Tira o meu e conecta o seu — falei apontando em direção à mesa no canto, onde eu usava como um pequeno escritório improvisado e que tinha uma visão geral do quarto.

Ele colocou o aparelho dele sobre a mesa, e o meu ele guardou na gaveta abaixo do móvel. Conectou e se posicionou em frente à câmara.

— Vem aqui, Fernando, você também Natalie — chamou. — Vamos registrar este momento.

— Agora não, né, cara, estou só de toalha. — A Natalie jogou seu olhar safado na direção do meu pênis, eu balancei a cabeça em desaprovação. Gente, eu via nela uma criança crescida, mesmo não sendo do mesmo sangue, não havia a menor possibilidade de colocar a mão nela.

— Vamos filmar só os rostos, vem logo — insistiu ele. — Não temos nenhum registro dos três juntos.

Ajeitei meu cabelo molhado para trás e passei a mão pelo ombro do Leonardo e a Natalie no outro e nossos rostos risonhos de uma família feliz foi filmado.

— Está pronta, vamos — ele falou quando terminamos a sessão registro. Natalie concordou me olhando desapontada.

— Não quer ir com a gente, Fernando? — ela perguntou com seu olhar esperançoso.

— Acredito que não, tenho compromisso. — Tudo o que eu precisava era me aliviar esta noite. Não conseguiria dormir.

— Nossa, você é muito careta, cara — hostilizou-me ela, e Leonardo caiu na gargalhada, pois é conhecedor dos sentimentos dela.

— É, cara, vem com a gente, nós vamos para aquele bar no Jardins com música ao vivo. Matar a saudade da galera.

— Fica para outra hora — fui claro e me dirigi para o closet à procura de uma roupa.

Antes do ranger da porta se fechando, ouvi passo pelo quarto em direção onde eu estava. Leonardo entrou com aquela cara de expectativa que estranhei.

— Mano, empresta a chave da cobertura, estou morrendo de saudades de uma brasileira gostosa. — falou quase num cochicho para Natalie não ouvir.

Trinquei os dentes, eu mantinha a cobertura de luxo no Brooklin, além de ser próximo a Albuquerque tinha a facilidade por estar em uma agitada vida noturna justamente para levar minhas garotas e já estava com a intenção de usufruir no dia de hoje. Olhei em seus olhos, ansiosos, pensando que ele merecia tal agrado, afinal passou tanto tempo longe!

— Está bom... Pega a chave na gaveta do criado-mudo ao lado da cama. — Cedi, rindo, e ele bateu várias vezes no meu ombro em sinal de agradecimento.

— Valeu, mano. — E antes de sair do closet se virou. — Caso seu compromisso se tornar chato e careta, vai lá se encontrar com a gente no bar — sugeriu saindo em passos rápidos e logo ouvi a porta se fechar antes mesmo de responder que não.

Eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser sexo. Fiquei obcecado por aquela maldita garota, que de garota não tinha nada. Era sim uma tremenda gostosa que só de pensar nela, nos seus peitões, o meu menino cutucou eriçado dentro da cueca. O zíper da calca jeans não subia com todo aquele volume tomando forma.

Droga!

— Calma aí, amiguinho, daqui a pouco eu vou dar do docinho para você. — Comecei a rir de mim mesmo. Finalmente consegui fechar o zíper, vesti uma camisa social esporte na cor preta de mangas longas, dobrando-a até o cotovelo e fiquei na dúvida se dentro ou fora da calça, e o espelho não me ajudava. Por dentro achei legal

e por fora até que ficou bom. Então coloquei um cinto e camisa por dentro mesmo. Depois que penteei meus cabelos fiquei com um visual bem atraente, eu precisava de charme, pretendia pegar pelo menos duas apetitosas esta noite.

— Insaciável! — falei em voz alta enquanto fui ao banheiro e borrifei um pouco de perfume no pescoço e dentro das calças.

De volta ao quarto me bateu o desânimo, era engraçado! A vontade de sair, deu adeus, tudo o que conseguia pensar era me atirar naquela cama e ficar ali pensando nela. Todo meu corpo se arrepiou apenas com o pensamento. Irritado eu caminhei de um lado para o outro com os meus pensamentos involuntários me dando a ideia de ligar para a Ana para saber onde poderia encontrar sua sobrinha, ao mesmo tempo que planejava o que faria quando me encontrasse com ela novamente. Meu desespero era tão grande que, ao fechar os olhos, imaginava suas pernas entrelaçadas em minha cintura com o meu pau todo enterrado nela. Além de intensificar um pensamento excessivo em sexo que já faz parte do meu cotidiano, essa

maldita me roubou a vontade que sempre tive de variar.

Caralho! Será que vou ter que foder com ela, antes da minha vida voltar ao normal?

Balancei a cabeça para expulsar.

Precisava colocar meus pensamentos em ordem na cabeça. É brincadeira! Não é possível entrar nesta em tão poucas horas. Era arriscado demais me envolver com esta mulher, seus planos eram sórdidos que vislumbravam a minha quebra. Não podia seguir nessa direção, eu não poderia tocá-la de forma alguma. Ela era um perigo para os meus negócios, ou seja, para a minha família. Precisava esquecer e batia o pé com firmeza no chão, e saí rumo à noite paulistana me esperando!

Em meio ao jogo de luzes intermitentes e coloridas da BOATE NIGHT CLUB reservada para a alta sociedade, estava lotada de homens executivos à procura de prazer. O lugar ideal, pois só as beldades trabalhavam ali, uma mulher mais linda do que a outra, morenas, loiras, mulatas todas altas, vistosas e muito seguras de si. No momento, uma bela loira que eu comia com os olhos, fazia um show com movimentos extremamente sensuais para os homens

alucinados que assistiam sentados abaixo do palco.

Logo avistei o Claudinho. Ele também era de família nobre, seu pai era um empresário forte no ramo de vestuário masculino. E o cara sabia se vestir bem, o que deixava bem apresentável, as mulheres que frequentavam o lugar ficavam loucas quando ele chegava. Também o homem era fortão, temos a mesma altura 1,80m, de pele jambo, e olhos verdes que destacava sua cabeça raspada e no cavanhaque bem feito. Nos conhecemos numa partida de tênis há cinco anos, e dali em diante costumávamos sair para beber e se divertir na boate. Acenei para ele sentado no sofá vermelho na área VIP rodeado por cinco gatas, e antes mesmo que ele retribuísse o aceno, uma das gatas beijou-o com sofreguidão.

— Será que vai sobrar alguma coisa para mim neste cantinho quente? — perguntei com humor, gritando para Claudinho, num beijo devorador, me ouvir devido à música de batida quente e alta. E me joguei em meio a duas morenas apetitosas com suas pernas quase todas despidas, sentadas com seus microvestidinhos.

— Eu garanto a minha parte — a gostosa da esquerda

disse, já me esfregando e lambendo meu rosto enquanto a da direita me acariciava delicadamente.

— Hum... — Fechei meus olhos me deliciando.

— E aí, Fernando tudo bem? — Claudinho se afastou da moça enquanto ela fazia carícias dentro do cós de sua calça.

— Tudo bem, cara. E você?

— Como pode ver, eu estou ótimo... — Olhou ao redor com sorriso de malícia e eu ri também. — Estava precisando relaxar, a semana foi estressante.

— Nem me fala, eu estou mais que ferrado, com um pepino na horta tamanho gigante para colher. — Ele sorriu diante da minha resposta. Beijou a moça mais uma vez, e pediu a ela para ir buscar uma bebida para a gente, já que a garrafa na mesa estava seca. E logo as outras se levantaram quando foi anunciado o próximo show e prometeram que voltariam logo.

— Eu queria muito falar com você, Fernando, sobre aquele novo empreendimento que me falou na semana passada, o de Porto Alegre. Pensei até em te ligar, mas como imaginei que o encontraria aqui não o fiz.

Estremeci com a lembrança, o projeto me lembrou Mary e meu corpo inteiro já reagiu com o meu cérebro fazendo a encenação do que vivi com ela nos meus braços.

Que droga, esta mulher não vai me deixar em paz?

Engoli forte e virei o copo de uísque, que a garçonete acabara de colocar sobre a mesa, de uma vez na boca. Irritado, Claudinho, debruçado sobre a mesa redonda com as mãos cruzadas, ficou aguardando que eu dissesse alguma coisa.

— E qual seria o seu interesse? — a pergunta saiu seca. Na verdade, eu não estava em condições para falar sobre negócios, ainda mais com o meu coração agitado dentro do meu peito e aquele frio irritante na barriga.

— Estive analisando a região e devo dizer que você é um cara de visão. Realmente o local está carente em meio à expansão que vem acontecendo ao redor.

— Eu não faria tal investimento senão tivesse seguro sobre os lucros. — Coloquei mais uma dose da bebida. Estava sem paciência com aquele assunto e perdi totalmente a vontade de permanecer ali na boate enquanto

bebia e ele fez o mesmo. Eu pensava numa forma de encerrar o assunto e me despedir.

— Vou ficar com algumas cotas, acredito num futuro promissor — disse ele ao colocar o copo sobre a mesa.

— Vamos marcar uma reunião na Albuquerque, colocamos você a par de todo o projeto. Na semana que vem já estaremos com a maquete pronta.

— Vamos sim. — Então me levantei bruscamente e dei a entender que iria embora, quando ele terminou a frase e ficou me olhando com a testa franzida. Joguei o dinheiro em cima da mesa.

— Como assim, Fernando? Você já vai embora, mas tão rápido?

— Não estou no clima hoje, até pensei que vindo aqui ia dar uma clareada, e, pelo jeito, me enganei — respondi guardando a carteira no bolso de trás da calça.

— Realmente o pepino deve ser muito grande para distrair você assim. — Riu, preocupado.

Você nem imagina!

— Mas não é nada que eu não consiga encontrar o eixo — nem sei porque falei aquilo. Soou ridículo para mim,

eu estava totalmente sem foco e já estava começando a ficar preocupado. Ele estendeu a mão pegando forte na minha.

— Até mais, cara.

— Eu aguardo você na empresa. — Ele assentiu e eu fui embora.

Depois do balde de água fria que Claudinho jogou em minha cabeça em me lembrar de tudo que se relacionava a Mary, o melhor a fazer depois de brochar era voltar para casa, me trancar no meu quarto e amargar meu fracasso.



Mary

O clima de bar misturado com boate é uma graça, um casarão agradável com música ao vivo de rock clássico dos anos 60 aos 80. Também com a opção da área externa, onde ficam as mesas, é um convite à conversinha mais íntima e se estiver com fome, eles servem pratos apetitosos. Joguei meu olhar para um exclusivamente com um belo filé à parmegiana e lembrei que a única refeição do dia foi na casa do Fernando.

Suzane deu um sorriso surpreso ao ver minha expressão de fome. Eu sorri amarelo, embaraçada.

— Se quiser comer antes de entrar lá para dentro, tudo bem — sugeriu ela, educada.

Realmente, a garota ganhou minha admiração, além de linda por fora, vestida na calça jeans escura e aquela blusa com estampa em branco e azul com mangas bufantes, que a deixou sensual com os cabelos loiros longos sobre os ombros, não passava despercebidos pelos rapazes flertando com ela, era linda por dentro.

— Tá, não se preocupe — falei.

Eu amei tudo por ali, com muita gente bonita, e caras

para lá de interessantes de olho em mim. Me animei de imediato. E como ela deu a deixa, assim que passamos por um corredor em direção ao salão onde o rock agitava as pessoas na pista, nos deparamos com outro ambiente no meio do caminho, na verdade um corredor ao ar livre, que interligava os dois espaços, barzinho e danceteria. E o melhor, uma irresistível vitrine com alguns pratos prontos apetitosos, desde suculentos filés até moqueca de peixes.

— E aí, vai encarar? — Ela se dependurou sobre o balcão de vidro, como eu, e devorava tudo aquilo com os olhos. — O pessoal não deve ter chegado, acho que dá tempo para uma xepinha — disse com humor e rimos.

— O que as moças vão querer? — perguntou a garçonete atrás do balcão. Apesar da fome, pensei que deixaria para comer no final da noite, para não ficar com o desconforto de estômago pesado, além de que, cansada como estava devido ao sono atrasado, eu acabaria dormindo em pé.

— Acho que só licor — falei com meus olhos parando sobre a garrafa no canto do balcão.

— Eu também quero uma dose, eu volto num instante —

emendou Suzane se afastando e entrou no banheiro das mulheres, enquanto eu fiquei ali me deliciando com a bebida forte e açucarada. Uma delícia e que ajudou a saciar minha fome, temporariamente.

Fiquei bem rente ao balcão, para não atrapalhar a passagem, pois várias pessoas chegavam ao bar e se dirigiam pelo corredor em direção à pista de dança. No momento em que a moça servia mais uma dose do licor, senti um braço passar por minha cintura e a mão masculina pressionar meu estômago.

— Só pode ser obra do destino encontrar você aqui. — O hálito morno e perfumado do irmão do Fernando, batendo na pele do meu rosto, com ele sussurrando em meu ouvido, causou uma onda de arrepios. Ao mesmo tempo que minha barriga ganhou aquele gelo, é claro. O Fernando invadiu os meus sentidos. — É tão bom rever você. — Revelou passando os dedos no cabelo loiro-acinzentado caindo-lhe sobre a testa, quando discretamente me afastei e fiquei de frente para ele. Seu sorriso, que estava me desconcertando, me deixou arrependida.

— Oi...— Pausei pensando o nome dele que não vinha à minha mente.

— Leonardo — ele completou com um sorriso ansioso enquanto seus olhos faziam uma análise sobre meu corpo. Não curti muito, pois, apesar de gentil, achei aquele comportamento folgado.

— Claro! Leonardo. É bom rever você também – falei agradavelmente.

— Que coincidência encontrar você aqui. — Concordei, acenando com a cabeça. E peguei a taça de licor sobre o balcão.

— E coloca coincidência nisto! Servido? — Estendi a taça em sua direção e ele, com um sorriso simpático, negou com um movimento de cabeça.

— Não, obrigado... se eu tomar algo tão doce com o estômago vazio, eu dou P.T. — Caímos na gargalhada enquanto virei à bebida de uma só vez.

— Nem me fale em fome. — Joguei meu olhar na vitrine e ele seguiu franzindo a testa. — Acho melhor sair daqui para não cair em tentação.

— Acho que somos dois, comi pouco no jantar e

também faz um tempão que não degusto uma boa comida brasileira — disse ele se espremendo com aquelas pessoas que não paravam de chegar. Ele estava sendo sincero, seus olhos claros cintilavam sobre o filé à parmegiana. — Gente, que aperto.

— Esta cantina, se é como podemos chamá-la assim, foi muito mal projetada, bem na estreita passagem — comentei e ele concordou e, novamente ao grudar no balcão ao meu lado, passou a mão novamente pela minha cintura e eu dei aquela tradicional esquivada bem disfarçada no qual era mestre com alguns amigos que gostavam de avançar o sinal. Não queria ser grosseira para não deixá-lo constrangido; afinal, o cara não deixava de ser simpático, porém ele merecia com a sua ousadia.

Engraçado... por que eu não conseguia fazer o mesmo com o irmão?

— Desbloqueia o corredor! — Alguém gritou lá atrás.

— Vamos sair daqui. — Leonardo segurou em meu braço me puxando em direção à pista, eu travei.

— Espere aí, deixa pegar o licor. — Voltei para pegar o licor da Suzane que ainda não saiu do banheiro, deduzi

que deveria estar bem cheio como toda a casa. E então paramos no canto bem ao lado do corredor.

— Vamos ficar aqui por enquanto, a minha prima se enroscou com um amigo lá na frente, senão ela vai se perder de mim — disse ao meu ouvido. A música estava tão alta, a batida tão forte, que sentia o tremor por baixo dos meus pés, um som que contagiava a todos na pista. Eu concordei, a casa estava para lá de lotada com muita gente bonita e interessante.

— É... a minha amiga também foi ao banheiro — falei de volta no ouvido dele, quando ele tentou novamente passar sua mão em volta de mim. Sorrindo, escorreguei, fugindo. — Você falou que faz tempo que não come comida brasileira, estava fora do país?

— Europa — respondeu ele com um olhar meio estranho, talvez pela minha recusa ao seu toque. — Sou daqueles caras que percorre o mundo. Um aventureiro, como diz minha mãe.

Era incrível a reação do meu corpo, sentia uma ansiedade imensa, que todo meu corpo tremia, uma sensação de pressa, ou coisa do tipo, uma expectativa sem

procedente de ver o Fernando. Ainda mais quando ele estendeu a conversa à sua mãe, eu tinha esperança de que o próximo da pauta seria ele.

— Um dia, eu ainda vou fazer isso — falei de volta, aliás, este meu dia estava a milhões de quilômetros de distância com a falta de dinheiro, ou melhor dizendo milhões de anos-luz seria a definição mais exata.

Ele era persistente, e sem que eu esperasse, ousadamente, sua mão quase boba fez o caminho de volta à minha barriga e me puxou, eu precisei arquear a cabeça para nossos narizes não se tocarem.

— Eu teria o maior prazer em te apresentar ao mundo, Mary.

Ele não esqueceu meu nome.

— Ah... — Sorri constrangida com a proximidade, e me afastei com jeito fazendo ele me soltar e virei o restante do líquido na boca. — Só um minuto, vou jogar o copo no lixo. — Ele sorriu sem jeito. Soltei o ar e joguei o copo descartável no lixo a alguns metros dele, e quando me virei para voltar a Suzane estava beijando seu rosto.

— Vocês se conhecem? — perguntei quando me

aproximei.

— É com eles que viemos nos encontrar — disse Suzane toda alegrinha ao meu ouvido. Ela segurou em seu braço. — Deixa eu te apresentar o Leonardo.

— Nós já nos conhecemos — respondeu ele com seus olhos claros observando meu rosto, talvez para saber se eu esboçaria algum tipo de interesse nele.

— A minha tia é cozinheira na casa dele — expliquei. Suas sobrancelhas subiram em uma risada, incrédula e desapontada com o rapaz mordendo o lábio com aquele olhar interessado sobre mim.

— Nossa a vida é mesmo repleta de coincidências.

— Concordo — disse apenas por falar. *Será?*

Na verdade, estava começando a ficar preocupada com a forma que me esbarrava o tempo todo com a família Albuquerque, relembrando a frase que cresci minha mãe dizendo: "Muitas vezes o que achamos ser uma coincidência, pode ser na verdade destino".

Algo que sempre achei um absurdo, imagina! Tipo de coisa que nunca passou pela minha cabeça, na minha crença nós precisávamos correr atrás das coisas para

acontecerem, então o destino era nós mesmos traçamos. Mas, diante das circunstâncias inexplicáveis, eu estava começando a rever este meu conceito, e aquilo me metia um baita medo.

Notei que a Suzane ficou preocupada com a minha presença depois que Leonardo, a cada palavra que saía da minha boca, atraía seus lábios úmidos que voavam sem constrangimento em direção à minha face, como se fosse um favo de mel. Tipo peguete mesmo, sabe? Ele não se cansava com suas tentativas, e não sei por que não me afastei, se não gostava daquele tipo de comportamento, ou sabia? O fato é que permaneci e a coisa se repetiu mais duas vezes. Mesmo procurando recuar, ele sempre me puxava de volta, e a coisa piorou com os copos de cerveja que ele tomava.

Logo algumas pessoas do grupo foram chegando, inclusive a sua prima que ele a apresentou como Natalie. Uma moça jovem e muito agradável, além de linda e exuberante.

Ali no ambiente nós mais dançávamos do que conversávamos, não havia a menor possibilidade de

manter algum diálogo, eu curtia a cada canção, embalada no licor. Eu estava explodindo de fome! Era minha primeira vez na bebida docinha, e confesso que estava adorando cada gota daquele líquido viscoso, que, além de matar a fome, me deixou viciada. Nem sei quantas doses eu tomei, o fato é que decidi curtir cada segundo, exagerei em tudo, e, de repente, eu não conseguia mais raciocinar, dançava de forma solta. Sensual e, claro, agradável.

— Oi linda, posso te fazer companhia? — Um cara alto, loiro e muito bonito sussurrou ao meu ouvido, enquanto eu dançava ao ritmo da música. E foi justamente no momento que me afastei um pouco do grupo para ver se Suzane se sentia mais relaxada, não estava me sentindo bem com a sua tensão, estava nítido seu interesse em Leonardo.

— E por que não? — Dançamos um de frente ao outro, ele a todo instante falava ao meu ouvido. Perguntou de onde eu era, qual minha profissão, disse que tinha me achado linda e que queria me conhecer melhor. Bem... ele fazia muito o meu tipo! E servia muito bem para a carência que vivia no momento.

A conversa amadureceu para certas intimidades, sua

mão boba, aproveitando o meu estado alterado com o excesso do álcool, se tornou ousada e já passava da curva da cintura em direção às minhas nádegas.

— Espere aí, cara — Tirei a mão dele. Embora flutuando em meio às nuvens, já vendo tudo muito distorcido e embaçado, ainda assim restava juízo. Só que ele era persistente e não desgrudava de mim, quando o Leonardo chegou junto e com a mão em minha cintura me tirou das garras do urubu pronto a devorar minha carne.

— Cara chato! — declarei quando ele me levou a um canto reservado e colocou os cabelos em meu rosto atrás da orelha de uma maneira gentil. Ele realmente era um fofo e ganhou meu coração.

— Por isso a salvei... eu vou salvá-la sempre! — Seu hálito morno bateu em meu rosto e fechei os olhos suspirando. E quando abri, senti seus lábios pressionando os meus. Eu mantive meus lábios fechados, com o rosto do seu irmão inundando minha cabeça e escorreguei para o lado. Foi quando vi a Suzane saindo do salão em direção ao corredor, apressada.

— Suzane? Suzane... — Cambaleei, quando ameacei

seguir ao encontro dela e Leonardo me segurou.

— Epa! — Riu e com as mãos em volta do pescoço dele, eu ri também.

— Acho que exagerei no licor — confessei.

Olhando em meus olhos, ele disse:

— São sequelas das bebidas muito doces, ainda mais com o estômago vazio. Talvez precise forrá-lo.

Ele roncou com a frase, a necessidade de me alimentar começou a ser insuportável.

— Vou comprar alguma coisa para comer. — Apontei em direção ao corredor já me desvencilhando de suas mãos. Apesar de estar alta, ainda assim seu toque me incomodou e muito.

— Tenho uma ideia melhor, vamos para o meu apartamento e eu mesmo preparo uma comida italiana. Notei seus olhos brilhando no filé à parmegiana. — Sorri com água na boca.

— Amo filé à parmegiana, mas você não falou que está com saudades de comida brasileira?

— Não esquenta, os temperos que vou usar são brasileiros — disse, rindo. — Só um minuto que vou

chamar a galera.

Eu revirei os olhos, pensativa, refletindo sobre sair sozinha com ele dali. Diante de todo o interesse que ele demonstrou, acho que a coisa não ia rolar de jeito nenhum. No final da minha conclusão, percebendo minha hesitação, ele segurou em meu pulso.

— Tranquilo... só um minuto, que vou chamar a galera. — Um sorriso aliviado se espalhou em meu rosto ao mesmo tempo que meu estômago roncou, faminto. Assim a coisa mudava de figura e concordei.

Fiquei ali, enquanto ele falou com a prima, e notei sua cara de desaprovação em relação ao rapaz que, agarrado à sua cintura, não olhou em sua cara.

Então seguimos para seu apartamento, eu, ele, sua prima e mais duas garotas que fui apresentada, mas não me lembrava do nome. Fiquei superchateada com o sumiço de Suzane, porém, eu não estava em condições de ficar sozinha, e aceitei o convite, decidida que no dia seguinte explicaria para ela.

Mesmo com a visão em movimento e turva, eu pude apreciar a cobertura. Era linda de morrer, quero dizer de

viver... O prédio em formato de círculo, estava localizado dentro de um condomínio de uma estrutura fantástica, e numa das únicas partes da região onde não havia prédios, dando uma enorme privacidade.

— O que querem beber? — Leonardo perguntou assim que todos entraram pela grande e suntuosa porta de madeira e a fechou atrás de si.

— Eu aceito uísque — Natalie falou, já se dirigindo ao bar todo em mármore num canto da sala, onde a parede era de pedras com um móvel lindo de madeira clara, havia as mais variadas bebidas e tipos de copos, e o balcão de mármore preto.

Uma pediu um Martini, a outra cerveja e eu permaneci ali encantada, analisando cada espaço, enquanto admirava embasbacada.

Além de ter um elevador que dava ali direto na sala, as janelas com molduras brancas, eram todas em vidro, do chão ao teto com as cortinas eletrônicas abertas, dando total visão de toda a cidade. Mobílias extremamente luxuosas e bem colocadas em cada canto do ambiente, algo que achei existir somente nos filmes. Nunca pensei

que alguém na vida real poderia viver num lugar como aquele. Suspirei ainda mais encantada com as luzes de fora sendo acesas por Leonardo. Através da porta de vidro que cruzava toda uma parede com a mesma moldura branca da janela, revelava o terraço da cobertura, todo o piso de madeira escura, os móveis rústicos não menos suntuosos que do interior, em volta de uma grande piscina horizontal com suas luzes de néon colorida dando um show aos meus olhos encantados.

— Gostou? — Leonardo perguntou agarrando-me por trás em minha cintura.

— Maravilhoso! — murmurei.

— O que você vai beber, linda? — Eu me virei com a pergunta.

— Água para mim já é o suficiente. — Queria diluir o álcool do meu sangue, só assim poderia sair do estado alcoólico em que me encontrava.

— De jeito nenhum, Mary! Estou planejando servir uma massa italiana, deliciosa que não cai bem com água. — Grunhi em um sorriso. — Mas não se preocupe, tenho um vinho fraco, e de excelente qualidade, que vai curtir —

ele disse indo em direção ao bar ao lado da prima. Abriu a geladeira que ficava dentro de um móvel e pegou uma garrafa de vinho tinto.

Enquanto ele abria a garrafa e as meninas seguiram para o lado externo em direção ao terraço, eu fiquei ali refletindo que em outro momento eu daria meia volta e sairia dali, no entanto do jeito que me encontrava, não podia fazer muita coisa. Resolvi que aceitaria o convite para jantar, e sairia dali mais equilibrada.

Meus olhos se agraciaram com tanto luxo, tão lindo como a casa dos Albuquerque, eles viviam mesmo num conto de fadas. Aquele meu pensamento me deixou triste, lembrando das pessoas humildes que esta família queria destruir, tirando o pouco que tinham.

Realmente depois da boa conversa, eu não resisti o vinho, aproveitei cada gota do líquido.



Fernando

A bebida não me ajudava a relaxar, já era o quinto copo de uísque que estava engolindo, e tudo o que conseguia era visualizar seus lábios entreabertos me deixando louco de vontade dela. Precisei me segurar com os ímpetos que vinham a todo instante de ir procurá-la na casa da sua tia. Eu conhecia o endereço, já havia levado a Ana em casa algumas vezes, devido às crises de dores na coluna que vinham sempre depois de permanecer muito em pé. Isso se repetia sempre com as festas que costumávamos dar em casa, e não abríamos mãos de suas mãos de fada para cozinhar.

Só que aquilo não poderia prosseguir, passou da hora de dar um basta, agradeci pelo silêncio... Já era quase duas horas da manhã, minha mãe já havia se recolhido, com o Leonardo e Natalie fora, eu tinha toda a sala à minha disposição. Deitei e apoiei a cabeça no braço largo e confortável do sofá de couro da minha mãe, me sentia sufocado com os botões da camisa fechados até quase no colarinho. Já começava a ficar tonto da bebida, e um calor se espalhava pelo meu corpo, quando abri os seis

primeiros botões, me abanando com o próprio tecido da camisa. O controle remoto que controlava todos os sistemas da casa estava por ali, então apaguei a luz, acendi o abajur de luz amarela e fechei meus olhos por um instante, e logo ouvi o ranger da porta se abrindo, despertando-me. Ergui minha cabeça e vi a Natalie no momento em que fechava a porta ao entrar.

— Mas já?! — exclamei e voltei a apoiar minha cabeça e respirei fundo fechando os olhos apertados com a claridade queimando minhas pupilas quando ela acendeu a luz no interruptor ao lado da porta. — Apaga esta luz, Natalie... — praguejei. Ela nem sequer me respondeu e veio se jogar no sofá aos meus pés. Sua cara emburrada indicava o grau da sua irritação. — Hum... que cara é esta, mulher?

— A única que Deus me deu — respondeu muito mal-educada. Eu nem me importei, pois ela era a caçula da família e sempre foi muito mimada.

— Eu, hein, que bicho te mordeu? — perguntei, me sentando. Seus olhos azuis saltaram para meu peito nu com os botões abertos.

— Eu nunca dou muita sorte mesmo, sabia? — Apesar do seu olhar insinuante em meu corpo, fiquei comovido com o seu tom triste de voz.

— E o que de tão grave aconteceu para baixar assim a sua autoestima, priminha? — Pronto, foi só dar corda e ela se arrastou para bem perto e jogou sua perna direita por cima de mim, prendendo meus quadris com suas pernas e agarrou o meu pescoço me prendendo ali no sofá. — Ei, calminha, aí... — repreendi-a, segurando em seu quadril, afastando-a para trás para afastá-la de mim, consegui só o suficiente para afastar nossos sexos, ganhando seu olhar, frustrado.

— Qual é, Fernando? Por que você me trata assim... é muito cruel, sabia? — Ela saltou de cima do meu colo e se dirigiu para o bar se servindo de uma dose de uísque. — Quer uma dose também? Por estar tão cedo em casa, deve estar desanimado como eu estou.

— Se eu beber mais um, não consigo nem subir as escadas para o meu quarto — falei a mais pura verdade.

Ela voltou com o seu copo e se jogou ao meu lado.

— Eu não sei mais o que fazer para você me aceitar,

sabe que te amo e mesmo assim me trata como a garotinha, irmãzinha... — Virou o copo de uma vez na boca em tom de amargura. Pensei em colocar a mão em sua perna em tom de consolo, no entanto estava ciente da sua interpretação, e não o fiz.

— Eu amo você, só que é um amor de irmão. Eu te dei banho, ajudei a trocar sua fralda. Como acha que podemos ter alguma coisa mais íntima, Natalie? Proponho que acorde para a realidade, menina...

Ela revirou os olhos, revoltada.

— Você é um imbecil... — Se levantou para se servir de mais uma dose da bebida.

— É melhor ir com calma — aconselhei-a, enquanto voltava a me deitar.

— Ir com calma?! — Ela me imitou fechando a garrafa com violência, muito transtornada. — Todo mundo se ajeita com a pessoa que escolhe, até o seu irmão que chegou hoje lá do fim do mundo, já se ajeitou com a sobrinha da Ana.

Senti meu corpo congelar com a notícia, meu coração bateu com tanta força que podia senti-lo pulsando em

minha garganta.

— O que foi que disse? — explodi do sofá em sua direção de tão desesperado que até assustei-a, e ao invés de se sentar, se afastou, com os olhos saltados.

— O que foi isso, Fernando? Eu, hein...

— Você disse o quê? — Eu avancei os passos, completamente transtornado, diminuindo a distância entre nós. Ela arqueou o corpo com medo. Afinal, ela estava certa em sentir medo, porque eu sentia de mim. Eu ouvi exatamente o que disse, e aquela informação me deixou furioso, ninguém mais além de mim poderia tocar a Mary, jamais... Ainda mais meu irmão, bem que notei seu olhar interessado... — Fala logo, Natalie! — exasperei. Ela recuou até conseguir uma distância que achou mais segura.

— Pare com isso, Fernando, está me assustando, cara!

Ofegante, respirei fundo caindo em mim, seu rostinho contraído em pânico me deixou arrependido pela minha reação. Só que eu estava a um fio de explodir, só Deus sabe o quanto foi difícil me manter no equilíbrio. Balancei a cabeça forçando um sorriso, que nem sei se consegui, acho que não, porque ela continuou amedrontada.

— Tá... desculpe! Hoje o meu dia ficou arruinado, não está sendo fácil contornar a situação... Desculpe, por favor. — Estendi minha mão na direção dela. Seus olhos desviaram de minha mão em direção aos meus olhos, eu não queria assumir o que estava acontecendo comigo, porém sabia que todo o meu sentimento estava estampado em meus olhos, pois o meu coração, o meu corpo reagia. Então revirei os olhos fugindo da revelação. Sorrindo, ela deu de ombros e segurou na minha mão, eu apertei com carinho.

— Não tive a intenção de assustá-la... desculpa, tá? — Sorrindo, ela assentiu. Então eu a puxei em direção ao sofá. Lá dentro de mim estava um turbilhão fervendo, todo meu corpo e órgão entraram em erupção, enquanto ali por fora tentava mostrar o quanto eu era sensato. Coloquei-a sentada e me sentei ao seu lado. — Ando muito estressado, Natalie, você nem imagina o quanto! — disfarcei. Ela sorriu, inclinou-se e beijou minha face queimando de ansiedade, isso eu não podia esconder.

— Eu sei, priminho, eu sei.... Precisa convencer o Leonardo a ajudá-lo na administração da empresa, não é

justo toda a carga ficar sobre você, né? — Eu balancei a cabeça freneticamente concordando com muita pressa.

— Tem razão, você comentou sobre o Leonardo estar com Mary. — Suas sobrancelhas se juntaram em surpresa.

— Eu não disse o nome da sobrinha da Ana, você também a conhece?

Dei de ombros erguendo as sobrancelhas e me levantei para não dar bandeira, ela me seguiu com os olhos, desconfiada.

— Mais ou menos, ela veio aqui falar com a tia dela, só isso.

— Hum... — Ela virou o copo de bebida na boca me deixando ainda mais ansioso.

— Vocês foram à casa da Ana? — tentei ser imparcial indo em direção ao bar e quando servia uma dose de uísque ela continuou:

— Nós a encontramos no bar, ficamos juntos, aí o Leonardo teve a brilhante ideia de preparar o jantar para nós.... Mas acho que a sua intenção era preparar o jantar para ela, isso sim...

Senti meu coração pular uma batida e, então, disparou.

— Como assim?

— Ah, acho que a garota é fraca na bebida, ou misturou, eu não sei... Mas teve um momento que o Leonardo expulsou eu, a Cláudia, a Valéria e a Júlia. E o safado ficou lá com esta Mary. — Ela balançou a cabeça inconformada, e eu na mesma sincronia, muito chocado, desesperado...

Peguei a jaqueta de couro sobre o sofá que nem havia usado, e enquanto a vestia, o celular no bolso da camisa vibrou, eu não tinha tempo de atendê-lo. Peguei a chave do carro. O sensato seria esquecer esta mulher, deixar passar esta ansiedade que tudo voltaria ao normal, mas quem disse que eu consegui?

— Para onde você vai? — Natalie quis saber.

— Esqueci que havia marcado um compromisso — respondi sem olhar para trás, o estrondo sobre o sofá indicou o quanto ela ficou chateada.

Enquanto seguia para a garagem e abri a porta do carro, atendi o celular colocando no viva-voz. Não queria perder tempo, precisava chegar antes do Leonardo colocar as mãos no que me pertencia. Olhei no visor e

estranhei ao ver a foto da Késsia, temi que algo de ruim aconteceu com o Juliano, e estremeci... Não tinha tempo para dois assuntos tão urgentes.

— Tudo bom, Késsia?

— Você está em casa, Fernando? — ela perguntou.

— Na garagem, saindo agora. Por quê? — Gelei com a possibilidade, porém não parei, assim que a garagem abriu eu saí com o carro.

— Espera um minuto, eu tenho um documento muito importante que o Juliano mandou te entregar com urgência. — Soltei o ar com força, menos mal.

— São quase duas da manhã, Késsia! — comentei e ela grunhiu do outro lado da linha.

— Pois é, Fernando! Eu falei isto para o Juliano. E você sabe como ele é ansioso, disse que costumeiramente aos sábados você amanhece acordado, e me fez sair do hospital para vir te encontrar.

— Você está onde, agora?

— A dois quarteirões da sua casa, me espera aí.

— Ok... — Desliguei o aparelho, minhas mãos tremiam em desespero e meu coração se apertando cada vez que

imaginava o Leonardo com as mãos pelo corpo perfeito da Mary.

Comecei a ficar agitado, nervoso, esfregando meu queixo e ofegante. Fiz uma loucura como há muito tempo não fazia, desci do carro achando o espaço resumido demais para a ansiedade que estava sentindo.

Andei de um lado ao outro, suando frio, a temperatura corporal subindo a níveis absurdos, nem o vento gelado que passava pelo meu corpo, com a mudança brusca de temperatura, foi o suficiente para me refrescar. Encostei-me ao carro e abaixei a cabeça, respirando fundo, e não adiantou porque a fúria transbordava em meu corpo, em meu olhar, e Késsia notou ao passar ali por mim e estacionar seu carro esporte vermelho na frente do meu e desceu. Ela ainda estava com a mesma saia verde da manhã, e veio caminhando em minha direção rebolando, fazendo questão de deixar claro sua intenção.

— É impressão minha, ou você está muito nervoso? — Seus olhos passeavam pela minha face, queimando. — Nossa! Nunca vi você com esta expressão, é de dar medo! — fingiu tremer batendo os dentes e na ponta dos pés veio

para beijar meus lábios, só que eu segurei em seu ombro, afastando-a.

— Estou com pressa, Késsia. — Chocada, ela apertou os lábios e se afastou, tirou da bolsa em seu ombro um envelope pardo com um bilhetinho grampeado nele, que eu nem me dei ao trabalho de ler tamanha a minha pressa, porém, quando ela me entregou, perguntei concluindo que seria mais rápido.

— O que é isso?

Ela ainda estava desapontada com o chega para ela que levou e respondeu sem vontade:

— O Juliano passou o dia preparando este documento, e comentou que é de extrema prioridade.

Concordei apenas, dobrei o envelope em várias dobras e coloquei no bolso de dentro da jaqueta e abri a porta do meu carro.

— Obrigado, Késsia, preciso ir. Tenho um compromisso, inadiável. — Me joguei sobre o banco e dei partida. Ela ficou ali me olhando com seus olhos insinuantes.

— Talvez depois do compromisso a gente possa

conversar um pouco, estou tão carente! — Seu joelho direito escapou pela abertura na lateral da saia e veio encostar na minha perna. Levantei os olhos encontrando os oferecidos dela.

— Acho que hoje não vai dar mesmo, me desculpe.

Ela sorriu sem jeito e se afastou para que eu fechasse a porta e sem mais nenhuma palavra, com o coração batendo na garganta, eu acelerei e saí dali em direção à minha cobertura.

Capítulo 5

Fernando

Nunca corri tanto em minha vida, a pressa era mais do meu coração, tudo o que eu precisava era chegar a tempo de evitar o que não queria que acontecesse. Acho que tudo conspirava contra mim, o mundo me desfavorecia, se foi azar ou não, eu não sei afirmar, logo quando entrei na última avenida muito próxima à minha cobertura, eis que me deparei com um comando e fui o escolhido para parar.

— Boa noite, senhor — disse o policial assim que baixei o vidro evitando respirar em sua direção para não sentir o cheiro de álcool.

— Boa noite — respondi observando que um outro policial atrás dele se aproximava.

— Preciso dos seus documentos, por favor — pediu ele educadamente.

Sorrindo, nervoso, eu peguei no porta-luvas e o entreguei. Ele ficou algum tempo analisando minha mão trêmula, eu não tive como evitar, eu estava escravo da

minha ansiedade e medo.

— O senhor está bem? — ele perguntou, desconfiado, pegando os documentos de minha mão.

— Estou sim. — Ele assentiu e se afastou com os meus documentos. Passados menos de três minutos, ele voltou e pediu para eu sair do carro.

— Por que, por acaso algum radar me pegou? — Sem perceber, eu já fui me entregando. Ele ergueu a sobrancelha sem nenhuma outra expressão.

— Não, senhor. É apenas a operação Lei Seca, o senhor consumiu álcool? — Engoli em seco.

Nem preciso dizer o que aconteceu, acabei sendo levado à delegacia após soprar o bafômetro com a alegação de que a embriaguez ao volante era um crime de trânsito. Além de amargar um tempão na delegacia, retiveram o meu veículo.

Saí de lá arrasado, não pela infração. Os agentes agiram corretamente, fiquei arrasado não pelo carro, afinal, na cobertura, havia carros reservas em caso de necessidade, e sim devido à desconfiança que chegaria tarde demais à cobertura a ponto de evitar o pior, já se

aproximava das três da manhã e aquilo afastava minha esperança. Pedi que o taxista apertasse o pé.

Em posse do controle no bolso da calça, entrei pelo portão da garagem. Notei que o carro do Leonardo estava por ali e a minha pressa aumentou. Nunca pensei tanto em quebrar a cara do meu irmão, nem mesmo quando a gente brigava por alguma razão. O fato é que só em imaginar ele com as mãos na Mary, a minha fúria ia se avolumando. Com a chave acionei a cobertura, só eu tinha a chave e, graças a Deus, o elevador estava parado no andar.

Respirei fundo com a porta deslizando, e revelando a sala à meia-luz e no maior silêncio.

Parei em frente à porta fechada do meu quarto, meu coração batendo no ritmo de um tambor, eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Estava me achando um tremendo de um imbecil, ali parado à porta fechada com meu corpo todo trêmulo, eu era um homem de negócios, sensato nunca a emoção falou mais alto, nunca.

Mas eu não conseguia me controlar, segurei na maçaneta e parei ao ouvir a voz do Leonardo.

— Pronto, amor, tomei um banhão delicioso só para

você... — Fechei meus olhos, com um ódio profundo da blitz, teria dado tempo se eles não tivessem me parado. — Sério! Você dormiu?

Aquela última frase me fez girar a maçaneta com tudo e entrar.

— O que está fazendo aqui, Fernando? Não pode entrar deste jeito — reclamou Leonardo cobrindo suas partes íntimas com as duas mãos.

Eu soltei o ar com força sem ouvi-lo, eu só tinha olhos para a Mary ali deitada naquela cama, como se fosse a Bela Adormecida, seus cabelos loiros espalhados pela minha cama, seus olhos fechados num sono profundo, respirando fundo, enquanto algumas lágrimas escorriam pela lateral do seu rosto. Seus lábios carnudos ainda rosados com uma raspinha do batom, senti uma ternura tomando conta do meu coração, enquanto meus olhos desceram para seu corpo, linda naquele vestido justo e discreto marcando as curvas do seu corpo, e deixando à mostra apenas um pouco das coxas, e a sandália ainda em seus pés. Me deu a certeza de que eu cheguei a tempo. Senti meu sorriso se alargar, era uma felicidade que não

pude conter, perdi o ar e ganhei em meu coração o mundo.

Eu queria levá-la em meus braços e dizer a ela que iria protegê-la.

— O que estava pensando, Leonardo? — Ele deu de ombros com os olhos, assustados sem entender o meu questionamento. — Não pensou que agindo assim você magoaria a Ana? Puxa! Ela trabalha tanto tempo com a gente. — Apertei meu olhar, o deixando sem palavras. — Onde está todo o carinho que sempre disse que sentia por ela?

— Mas do que você está falando, cara? Uma coisa não tem nada a ver com outra — ele tentou explicar totalmente confuso e nervoso.

Com o calor da discussão, ela se moveu sobre a cama, a vontade que eu tive era de amá-la ali no meu quarto e senti raiva por ter sido o Leonardo e não eu a trazê-la até ali. Ela estava linda à luz da lua, e não era apenas sua aparência, havia algo além de tudo isso que eu não sabia como definir.

— Fernando... você? — Notei o quanto ela estava fora de si, e não podia deixar aquilo continuar. Peguei-a no

colo e quando ia saindo do quarto, o Leonardo segurou em meu braço.

— Espera, onde você vai levá-la?

— Para um lugar seguro — disse apenas indo em direção ao elevador. Eu só queria protegê-la com a mais pura das intenções.

Dentro do elevador, eu suspirava admirando os traços delicados do seu rosto. Seus braços vieram ao meu pescoço e seu rosto aconchegou na parte descoberta do meu peito, estremeci com seu hálito morno em contato com a minha pele e beijei sua testa apertando-a com tanto jeito, e descobri que entre todas as mulheres com quem já saí até agora, somente ela conseguia me transmitir tanto prazer. E não era só algo carnal, eu queria e desejava muito mais daquela mulher linda de língua afiada, que estava aqui justamente para me quebrar.

Desci no andar do hall decidido pegar um táxi, eu a queria no meu colo. O porteiro que me ajudou, não demorou muito a chegar e entrei com ela.

— Fernando... — Em meu colo, ela olhava ao redor e fixou seus olhos nos meus, confusa. — onde está me

levando?

— Para a casa da sua tia, que é o lugar onde deveria estar.

Ela arrastou seu corpo para fora do meu em direção ao banco, o simples e inocente gesto de sua bunda roçar meu pau, o acordou e foi de forma brusca. Ficou duro como uma rocha. Carinhosamente coloquei uma mecha loira dos cabelos sobre os olhos atrás de sua orelha e ela riu sem graça.

— Eu estou confusa, o que aconteceu no apartamento do seu irmão... Eu não...

— Não... — a interrompi feliz com a sua preocupação — fica tranquila. — Ela respirou aliviada. Ali eu sabia que ela não sabia mesmo o que estava acontecendo.

— Eu não sou muito boa com bebidas — explicou com uma mão na testa, aquela expressão contraída de quem está arrependida, linda.

— Percebi. — Ela fechou os olhos e cobriu a cabeça com as mãos.

— O que foi? Não está se sentindo bem?

— Um pouco tonta, ou melhor, péssima... — Fixou seus

olhos lindos nos meus. — Acho que exagerei no licor, cansada da viagem, com o estômago vazio e o vinho depois... — ela parou de falar com o meu sorriso, carinhoso. Eu estremecia com o seu jeitinho cativante e ela ficou mexida também, enquanto me olhava.

— Eu também não tive muita sorte hoje com a bebida — expliquei ganhando uma expressão, confusa e sorri. — Daqui a pouco você vai ficar bem — garanti mudando de assunto.

Ela ficou algum tempo em silêncio, notei o quanto precisava de cuidados.

— Fernando, eu sei que as coisas não andam muito bem entre nós, mesmo assim eu gostaria de pedir um favor. — Torci a boca adorando ser útil.

— Diga.— Não posso chegar neste estado na casa da minha tia, tudo o que eu não gostaria neste momento é causar constrangimento. Será que a gente não poderia ir a algum lugar até esta bebedeira passar?

Um sorriso de alegria se espalhou pelo meu rosto, eu não estava acreditando que errei ao profetizar que minha noite estaria arruinada.

— Tem certeza? — Ela assentiu.

Dei o endereço de um hotel que costumava ir quando queria fugir da vida real, na parte bem arborizada da cidade, Parque Burle Marx. Com uma decoração personalizada no embalo do clima de romance total. Sofisticado e elegante, que oferece o cenário com vista panorâmica para os jardins e decorações confortáveis, em tons claros de bege e mobília em madeira escura. Um espaçoso banheiro em mármore que possui uma banheira de hidromassagem e uma cozinha completa. Com extensas mordomias e detalhes que faziam toda diferença para que tudo fosse especial. Um lugar ideal para levá-la.

Ela ficou me olhando com aqueles olhos lindos, quando fechei a porta da suíte presidencial. Um sorriso encabulado me dava a dimensão do quanto ela não estava à vontade, era nítido o tremor em suas mãos na lateral de seu corpo.

— Fica tranquila, estamos aqui apenas para você se recuperar — falei na tentativa de deixá-la mais relaxada. Porém, seu sorriso ainda demonstrava nervosismo. Sorrindo de forma natural caminhei em direção à mesa, a

direita do quarto, onde havia um balde com gelo e duas garrafas de espumantes e coloquei sobre ela os documentos que tirei do bolso da calça. Estática e ofegante seus olhos estavam sobre a bebida, enquanto eu tirava o casaco de couro e ajeitei sobre o encosto da cadeira luxuosa.

— Está tudo bem? — Não resisti na pergunta.

— Eu não sei... — A dúvida pairou no ar quando avancei alguns passos e parei a poucos centímetros dela com seus olhos crescendo em apreensão. — Eu nem sei se fiz certo em pedir a sua ajuda — completou. Passou por mim e foi se sentar na beirada da cama.

Aspirei o perfume que seu rastro deixou e fechei meus olhos com uma emoção que não cabia em meu peito. "Coisa estranha!", pensei e me virei em sua direção para não dar tanta bandeira, eu estava de quatro por aquela mulher maldita e gostosa. Tudo nela era especial, até seu jeito apimentado e arisco de ser. *Uma delícia que eu precisava provar a todo custo*.

— Minha única missão esta noite foi salvar você — falei com as mãos espalmadas em minha frente, ela sorriu

do meu gesto e fui me sentar ao seu lado. De cabeça baixa notei a direção de seus olhos sobre minhas mãos apoiadas sobre minhas coxas. — Embora você esteja endividada comigo, por hoje eu não estou cobrando o pagamento. — Seus olhos vieram aos meus divertidos com o que falei. Me apaixonei ainda mais pelo seu sorriso sincero.

— Obrigada por não ter comentado com a sua mãe sobre quem eu sou. — Torci a boca e dei de ombros.

— Não pense que fiz isso gratuitamente, sou um cara estrategista e sei definir bem uma estrutura infalível.

Seus olhos sondaram meu rosto e vice-versa, só eles conversaram por alguns instantes, e nossos corpos reagiam àquela conversa silenciosa. Nossas respirações ficaram ofegantes por longos e tortuosos minutos, eu sentia a necessidade de tomá-la em meus braços, beijar aqueles lábios entreabertos, fazer dela minha, só minha... Eu precisava sentir o seu sabor sem pensar no amanhã, o pensamento me deixou excitado e meu pênis tomou forma absurdamente nítida sobre minhas calças. Afinal, tudo entre nós era muito além de incerto, cada um com seu objetivo traçado, e o proibido se tornava ainda mais

instigante. Ela então se levantou ao notar meu estado de excitação, como se sentisse medo de mim e deveria mesmo sentir, eu estava a um fio de agarrá-la, devorá-la.

— Deixemos esta conversa para depois, ok? — ela falou de costas com sua voz trêmula. — Eu preciso de um copo com água urgente. — Engoliu forte.

Eu não estava suportando permanecer longe dela, seu perfume ganhou todo o ambiente, sem resistir me levantei e quando me aproximei minhas mãos acariciaram seus ombros, por alguns instantes. Sua respiração acelerou e sua cabeça arqueou levemente à medida que minhas mãos tocaram em sua pele quente e macia.

— Sua pele é tão gostosa — murmurei em seu ouvido arrancando um gemido profundo de seus lábios. Com as pontas dos meus dedos desci riscando seus braços até suas mãos, vendo-a se arrepiar toda. Entrelacei as minhas mãos nas dela e apertei trazendo-a para mais perto e encaixei meu pau querendo explodir para fora, em sua bunda. — Você me deixa louco... — Respirei em seu ouvido, eu não me aguentava mais, eu precisava dela urgentemente, entender aquele domínio que ela exercia

sobre mim. Por causa dela abandonei uma noite promissora, com muitas mulheres ao meu dispor. Eu só a queria...

— Por favor, Fernando... Nós não podemos — murmurou ela jogando a cabeça para trás até encostar em meu peito. Meu coração parecia querer quebrar minhas costelas de tão forte que batia. E ela não estava diferente.

— Por que não? Somos adultos e nos desejamos... — Agarrado às mãos dela dei a volta em sua cintura, roçando-me nela e ganhando seus gemidos de tesão. Aquela entrega já era o suficiente para me encorajar. — Eu quero você, Mary... eu preciso de você. — Soltei uma das mãos deslizando lentamente de forma sensual pela lateral de seu corpo até a barra do seu vestido, ela tremia toda com o meu toque e comigo não era diferente. Apertei sua perna e fiz o caminho de volta por debaixo da roupa, deleitando-me ao percorrer sua pele macia e quente, trilhando caminho interno de sua coxa até alcançar sua virilha sem nenhuma recusa. Apenas arrancando gemidos dela, todo instante.

— Céus, Fernando... — meu nome em sua boca soou

como um mel e me deliciei com aquilo, pressionando-a com meu pau, minhas mãos ficaram agitadas sentindo o contorno da pequena calcinha. Quando descobri que ela estava vestida com um espartilho, nossa, aquilo aumentou o meu fogo. Com as mãos abertas descobria cada parte do seu corpo por cima do tecido macio de renda, provocando-a.

Subi até seus seios apalpando-os com força sem machucá-la, e então desci pelo centro do seu abdômen até sentir a pele macia de sua coxa e toquei gentilmente a área quente entre suas pernas.

— Ah... — Seus lábios se abriram à medida que ela virava o rosto para me beijar, eu a queria totalmente entregue, e estava conseguindo deixá-la vulnerável. Era até estranho vê-la tão frágil ali em meus braços, totalmente entregue, ela que era tão arisca... Fugindo de sua boca implorando pela minha, segui rumo à pele cheirosa de seu pescoço.

A minha Mary...

Agora podia chamá-la assim, estava totalmente arrepiada, e eu pude sentir sua respiração ficar mais

ofegante no momento em que meus dedos atravessaram o elástico da calcinha na altura de sua virilha e tocaram-lhe a vagina que, por sua vez, já se encontrava deliciosamente úmida e quente e, em seguida, movia em seu clitóris, acariciando lhe rápido e forte.

Meu pau doía de tão duro que estava ainda preso na calça, abri o botão e desci o zíper, e abaixei-a o suficiente para dar liberdade a ele pedindo para respirar.

— Me deixa sentir você, Mary, por favor — implorei ao seu ouvido, enfiei a língua e dei-lhe um beijo que a senti estremecer.

— Deixo — autorizou com a voz embargada.

— Sério? — murmurei em seu ouvido.

Ela assentiu com a mão para trás em minha bunda pressionando meu quadril ao dela.

Agarrado a sua cintura, beijava seu pescoço com ardor. Levantei seu vestido, ela afastou o elástico da calcinha me oferecendo tudo aquilo, e coloquei bem em seu meio, deslizando em seu líquido deliciosamente quente e escorregadio, deixando-a sentir meu membro quente e louco para sentir o seu calor interno.

— Que delícia... — ela repetia muito esta frase, rebolando em mim, me deixando ainda mais alucinado.

— Você me quer, Mary, diga que sim... eu preciso ouvir de sua boca.

Sabe aquele momento em que a gente acha que nosso coração foi ganho? Algo que soa lunático eu sei, improvável a conhecendo há tão poucas horas, não sei se foi a forma tempestuosa que nos cruzamos, ou mesmo o jeito arisco dela me enfrentar, eu não sabia explicar, só sei que era exatamente assim que me sentia, com o meu coração ganho... e de quatro por ela.

Ela virou-se de frente para mim, as pontas dos seus dedos tocaram meus lábios levemente. Foi uma sensação dos céus, me causando arrepios por todo meu corpo e, assim que fechei meus olhos, ela me beijou com vontade, minha mão subiu sensualmente por suas costas até sua nuca pressionando seus lábios maravilhosos contra o meu, nosso beijo era intenso... diferente de qualquer outro que já experimentei. Então, ela me surpreendeu ao se pendurar em meu pescoço e me abraçar com as pernas, com nossos sexos unidos necessitando um do outro. Sustentei seu peso

com as mãos em sua bunda, enquanto sua língua quente explorava minha boca.

Ali estava uma nova Mary, uma mulher quente e faminta que me desejava com fervor, ela me deixava fora de mim, nunca senti aquilo com outra mulher. Mordeu meu lábio inferior e puxou levemente, todo meu corpo tremia como o dela, eu sentia espasmos sentindo muito dela, pulsando em meio a suas pernas.

— Eu quero sentir seu sabor — pedi e ela assentiu. Eu, então, a coloquei no chão. Desci o zíper do seu vestido e o tirei. — Uau... linda, simplesmente linda — murmurei em admiração.

Fazia muito tempo que não via uma mulher usando um espartilho, o tirava devagar sem pressa. Tínhamos a vida toda para nos conhecer, eu estava me sentindo nas nuvens. Ela me ajudou na parte mais difícil e a livramos de todos os tecidos que cobriam seu corpo, agora não havia mais obstáculos e tudo era perfeito. Pressionando sua cintura virei-a para mim, cada curva que meus olhos encontravam fazia meu pênis pulsar. Cai de joelhos, trilhando com as minhas mãos o caminho de sua pele luminosa, reluzente,

ela gemia toda arrepiada, a cada toque... Como eu a queria, ah, como...

Agora a virei de frente, olhando para cima e prendendo seu olhar, abri mais suas pernas e me ajoelhei com meus lábios à altura daquela delícia depilada e rosada.

— Linda, simplesmente linda! — murmurei encantado com a visão deslumbrante.

Agarrei em seu quadril, e minha língua invadiu a sua entrada até encontrar seu clitóris, inchado, molhado, delicioso a fazendo gritar. Num ritmo devagar, mordia-o, passava a língua ao redor e enfiei dentro dela, tirei, circulei, encaixei novamente e beijei. Explorando intensamente, arranquei dela gemidos constantes e altíssimos com ela agarrada aos meus cabelos e com a cabeça levemente arqueada para trás, fazendo-a estremecer. Depois de alguns instantes, com um orgasmo intenso, delicioso de se ver, ouvir e sentir, é que fiquei satisfeito.

— Você é muito bom nisto — admitiu ela em êxtase. Subi roçando meus lábios úmidos pela sua barriga e passei entre o vão dos seus seios apertando os bicos

rígidos, fiz a curva do pescoço, queixo e alcancei sua boca num beijo de pura sedução, envolvente, demorado, molhado e gostoso... Um beijo desconhecido para mim até este momento. Meu coração tinha uma batida diferente, com uma onda de carinho que me tornava prisioneiro. — Você quer mais... — sussurrei em sua boca.

— Quero tudo o que você tem a me oferecer...

— Hum... — Desci o beijo até seus seios, e abocanhei o direito com pressa, passando a minha língua com rapidez em seu mamilo rígido e delicioso, sugando-os, enquanto eu acariciava o bico do esquerdo com a mão.

Suas mãos foram aos meus ombros, me afastando, e seus olhos cintilantes de tesão, prenderam aos meus, enquanto ela abria os botões de minha camisa; ela foi tirando lentamente, me deixando arrepiado e a jogou em qualquer lugar do quarto.

Fechei meus olhos ao sentir as pontas de seus dedos delicados se arrastaram acariciando meu peitoral em direção ao início do meu pênis. Meu coração palpitou dentro do meu peito, aquilo era muito mais que apenas uma atração carnal, havia um feitiço, uma energia que

ambos sentíamos, algo inexplicável, desde a primeira vez que nos olhamos. Abri meus olhos com seus dedos fazendo o caminho de volta e me deparei com seu olhar indecifrável.

— Eu sei que vou me arrepender disto, mas não consigo resistir a você, por quê? — indagou ela com seus olhos cintilantes.

Passei a mão pelo seu cabelo, meus dedos seguindo os fios dourados até as pontas trazendo um feixe ao meu nariz e aspirei o perfume delicioso do seu xampu. Ela sorriu para mim, ficando nas pontas dos pés, unindo nossos lábios em outro beijo intenso tão molhado e gostoso como o outro.

— Vem cá! — Abracei-a forte, com seu rosto pressionando meu peito eu podia sentir o calor de sua respiração. — Se você quiser parar, está tudo bem para mim... — sussurrei sobre sua cabeça e ela negou.

— E quem disse que eu quero parar?

De forma sensual, me provocando, ela me afastou pelos ombros e seus lábios roçaram levemente de forma tortuosa meu tórax em toda sua extensão. Ela sabia como

me enlouquecer, ah, como sabia! Então, prendendo meu olhar com os dela, foi descendo suas mãos pela lateral do meu corpo deixando cada pelo em pé. Chegando no cós já baixo da calça ela foi descendo junto com a boxer, e eu terminei de retirá-la com os pés. E ficou ali em frente ao meu garotão admirando ele apontado, gritando pelos seus lábios úmidos e quentes.

— Ele é lindo, puxa! É tão grande...

Senti um gelo no meu estômago, sem mais resistir segurei, colocando a cabeça em seus lábios entreabertos. Sua língua molhada circulou ao redor e engoliu a cabeça diversas vezes. Aquela sensualidade como ela fazia me deixava alucinado.

— Simplesmente delicioso — sussurrou sobre ele.

— Você gostou dele? — murmurei e ela assentiu com um movimento de cabeça e voltou a tortura, gente! Esta mulher é uma loucura...

— Muito... — disse enquanto seus lábios o deixaram, senti um vazio sem ele.

— Então chupa, faça o que quiser com ele. — Ela tomou posse. Eu empurrei até sentir sua garganta. Minhas

mãos pressionavam meu quadril e com minha cabeça arqueada eu gemia com ela segurando-o com as duas mãos, trabalhando deliciosamente nele. Chupou, lambeu, beijou, tudoooo.

Ela se levantava lentamente, com as mãos espalmadas sobre meu abdômen, seus olhos ardiam de tesão e ela girou indo para trás de mim. Fechei meus olhos com suas unhas riscando minhas costas, e gemi alto, ofegante, tremendo, jogando minha cabeça até encontrar sua testa quando ela apalpou minha bunda.

— É tão firme — murmurou quando suas mãos vieram em meu pênis duro, pulsando e o masturbou um pouco mais. *Ela é demais, surreal!*

Fiquei em suas mãos por alguns instantes e estava adorando tudo aquilo. Ela voltou à minha frente, e com muito cuidado e carinho com as mãos em meus ombros ela foi me empurrando de costas até eu cair de costas sobre a cama e coloquei a mão atrás da minha cabeça, admirando-a, fascinado.

— Eu quero torturar você mais um pouquinho.

— Ah, é? E o que pretende fazer comigo? — Soltei a

pergunta numa voz rouca e notei o quanto ela estremeceu ao olhar para o meu garotão ereto gritando pelos seus lábios deliciosos.

— Eu preciso mostrar na prática — ela falou sensualmente e piscou vindo engatinhando para o meio das minhas pernas. Ela era um sonho, eu fiquei doido, seus seios fartos pendurando e não resisti em tocá-los apertá-los. Mas ela recuou. — Estou impressionada, Nossa! Como é grande, grosso... — disse ela segurando-o e sua língua fazia movimentos circulares ao redor da cabeça, os dedos ainda provocando minhas bolas. E seus lábios sugavam a ponta, ele pulsava loucamente, e gritei enquanto o engolia — delicioso, eu não consigo parar.... — sussurrou ela muito sexy enquanto eu segurava seus cabelos num rabo de cavalo e ajudava-a no movimento de entra e sai. Ela fazia como ninguém, me masturbava e me sugava com destreza. Nunca ninguém havia me chupado assim, as comparações eram inevitáveis.

Eu não aguentei mais, precisava enterrar nela, sentir sua lubrificação intensa e deliciosa. Puxei-a para cima pelo cabelo até seus lábios encontrarem os meus e a beijei,

minha língua invadiu sua boca num beijo faminto, eu precisava daquela mulher e tinha que ser agora.

— Eu quero você agora! — Girei com ela e, segurando em seu quadril, a coloquei de quatro, ali sobre o colchão macio, ela empinou bem a bunda. Peguei o preservativo no móvel de apoio ao lado da cama e o vesti.

E posicionei em sua entrada e introduzi lentamente, deslizando, sentindo sua intimidade reprimir meu membro engolindo-o, preenchendo-a. Foi uma penetração lenta, porém firme, segurei a fina cintura de Mary até sentir meu quadril tocar o seu. Coloquei tudo, enquanto ela gemia alto de prazer me pedindo mais e mais, e eu dava-lhe tudo o que ela me pedia: fortes e fundas estocadas.

— Eu vou gozar, Fernando — ela murmurou com a voz embargada.

— Aguenta mais um pouco, eu quero olhar para você... — A virei de frente e fui para cima dela voltando para o seu calor interno e úmido.

Meu coração acelerado se aqueceu olhando em seu rosto em pleno prazer anunciando seu ápice. Nunca havia sentido a necessidade de ver o reflexo de uma mulher, era

como se quisesse ter certeza de que eu conseguia proporcionar-lhe o prazer que sentia. Delicioso, extremamente delicioso, quando ela cravou suavemente as unhas em minhas costas e minhas mãos pousavam em seu quadril estocando com força e parei beijando seus lábios com ternura, um beijo lento como as estocadas que, aos poucos, tornou-se rápidos e desesperados. Ambos gemíamos na boca do outro e chegamos ao orgasmo juntos.

Ofegantes ficamos ali por um longo período, um olhando nos olhos do outro, e novamente eles conversavam por si sós, causando uma enorme reação em nossos corpos, trêmulos, suados e completamente realizados: um mais fascinado do que o outro. Um sentimento maravilhoso que me metia medo, e mesmo assim não me afastei com a deliciosa sensação.

E quando foi possível cair do seu lado da cama sem soltá-la, envolvi-a em meus braços e sua cabeça aconchegou em meu peito e ficamos ali, calados, ouvindo nossas respirações e as batidas fortes de nossos corações.



Mary

Domingo...

Despertei com a ofuscante claridade que atravessava minhas pálpebras fechadas sentindo os braços fortes e quentes em volta de mim, me fazendo lembrar de onde e com quem estava. Abri levemente os olhos, acostumando-os à claridade e meu coração se aqueceu. Eu deveria estar arrependida por ter cedido aos encantos de Fernando, no entanto, olhando-o ali em seu sono profundo, um sorriso bobo e realizado se espalhou pelo meu rosto, analisando cada detalhe do seu rosto másculo, lindo! Soltei o ar lentamente tomando cuidado para não acordá-lo, me sentia triste, dividida, afinal muitas pessoas contavam comigo

E agora, Mary? Se meteu numa enroscada, garota!

Eu nem sei como seria dali em diante, eu não conseguia mais o ver como um inimigo, ele raptou o meu coração literalmente.

Revirei os olhos já sentindo canseira de imaginar o que me aguardava, foi quando me lembrei das horas, da minha tia. Preocupada, tirei a mão do Fernando ao meu redor,

ele sequer se mexeu em seu sono profundo e me levantei rapidamente. Entrei no chuveiro, tomei um rápido banho, me troquei, e fiquei ali com cara de boba sorrindo feliz, olhando aquele semblante tranquilo, sereno, lindo! Reprimi o ímpeto de beijá-lo, com dó, ele dormia tão serenamente, que achei cruel acordá-lo. Soltei um beijo na intenção de ir embora, porém antes de sair, preparei o café na cafeteira, e ajeitei uma deliciosa mesa, queria deixar tudo muito lindo e saboroso para quando ele acordasse.

E claro não podia de deixar um bilhete o agradecendo e dizer o quanto ele foi maravilhoso e me deixou realizada. Procurei sobre a mesa onde estava os espumantes, algum bloco de papel e caneta, quando esbarrei em sua jaqueta sobre a cadeira e caiu algo parecido a um envelope no chão.

Quando ia colocá-lo de volta no bolso da frente, notei um bilhete grampeado naquele envelope pardo, eu não leria se a primeira palavra em letras garrafais não tivesse me chamado atenção.

"Neste envelope está mais uma das formas de você

deter a ativista, quero só ver se ela vai resistir. KKKK".

Senti uma pressão sem precedentes dentro de mim, como se eu estivesse inflando e fosse explodir, as lágrimas foram as primeiras e fizeram o caminho de minha bochecha. Eu não podia acreditar naquilo, como o Fernando poderia ser aquele crápula? Joguei meu olhar sobre a cama, deitado de lado com uma das mãos embaixo do travesseiro, ele dormia serenamente... e solucei com um aperto em meu peito, tudo o que eu podia ouvir era a sua respiração suave e o meu coração batendo alto numa batida de tambores. Ele me enganou, então era isso, a sedução fazia parte de um plano e sórdido? Uniu ao irmão para ver qual dos dois me levaria para a cama, acreditou que me seduzindo levaria vantagem, e eu caí que nem uma patinha. *Mais uma forma de me fazer desistir, como assim?*

É claro, ele alcançou seu objetivo.

Ele me enrolou direitinho, ele, seu irmão, a sua família! Não foi o destino, tampouco uma coincidência e sim uma armação para me pegar, um complô... A família reunida para me deter...

Burra, burra! Que ódio!

Solucei e abri o envelope, ainda com a estúpida esperança de que estaria enganada. Mas eu não estava... Estava tudo ali confirmando as minhas suspeitas. Tudo o que massacrou o meu coração. Ali estava um documento redigido ao qual se referia a um processo contra a minha pessoa, reclamando que eu estava difamando a empresa e as pessoas que dirigia e muitas coisas mais, de difícil digestão...

Minhas pernas amoleceram e deixei-me cair sentada na cadeira, a emoção da dor profunda por me permitir ser enrolada descaradamente não me deixou reagir por alguns instantes, permaneci ali mais um pouco, pensando, pensando e olhando para ele em seu sono profundo e lindo. Sem acreditar que me deixei levar pelo seu charme.

Ele e o irmão ririam muito da minha cara, eu sei que sim.

Eu me sentia ofendida, humilhada, besta, tudo... Eu precisava sair dali, nunca mostraria a minha fraqueza a ele e a ninguém da sua maldita família.

Coloquei novamente o documento dentro do envelope,

ajeitei do jeito que deu o bilhete e coloquei no mesmo bolso. Humilhada, eu deixei o quarto e o hotel, pensando que o meu coração nunca mais seria o mesmo. Eu já não acreditava no amor há muito tempo, desde que descobri que o meu pai tinha uma amante, eu odiava até este termo "amante", nunca aceitei o fato de ele trair a minha mãe. Só que agora tudo se moldou a um ódio enorme, ele me tornou fria e descrente no amor. E aquilo me trouxe uma força que nem sabia que tinha, saí de lá com uma única certeza: ele pagaria por isso, ah, se pagaria! Agora, mais do que nunca, eu iria até as últimas consequências para levá-los à sarjeta, e doa a quem doer.

Capítulo 6

Mary

O mundo desabou sobre mim, eu sentia um peso enorme sobre as minhas costas, a responsabilidade que assumi no momento em que aceitei o desafio de enfrentar as feras da Albuquerque, e agora tudo o que enxergava à minha frente era a derrota, eu me permiti ser seduzida e embrulhada, e o pior, não era a dor do meu fracasso e sim o tamanho da crueldade com que o Fernando agiu. Ele não é humano, não é de Deus uma pessoa assim, é claro que não...

Um ser humano não jogaria tão sujo, fechei meus olhos soluçando, os pingos de chuva misturavam-se às minhas lágrimas, formando uma cachoeira em meu rosto, desaguando sobre o vão dos meus seios pelo decote do vestido. Eu tremia de frio com a temperatura fria da água e daquela manhã cinza sem vida, como o meu coração... E tremia em dor, uma dor profunda, que me fazia sentir a pior das criaturas. Presente e passado se fundiam de forma clara, eu sempre desviei da verdade, e agora tudo

do que sempre fugi vinham à tona sobre mim sem que eu pudesse me desviar. Eu estava sendo enganada e poderia fazer algo a respeito, pois a minha mãe nunca soube o que acontecia às suas costas.

Com os braços cruzados, encolhida no canto da calçada, onde havia uma enorme árvore com folhas frondosas, e que não dava conta de bloquear a água da chuva que caía sobre minha cabeça, inundando minha roupa, eu lamentava o meu fracasso; nem a promessa que fiz antes de sair do hotel tinha sustentação, eu só queria partir, voltar para Porto Alegre e me envolver nos braços do Luiz Augusto.

Ele era e sempre foi o meu porto seguro, mesmo sem despertar o furacão que o Fernando despertou em mim, eu o queria ao meu lado. A sua presença me trazia equilíbrio, serenidade, tranquilidade, um tipo de amor calmo, e isto era tudo o que precisava naquele instante. Por outro lado, eu não poderia voltar agora, não antes de resolver o que me propus. Esperavam por uma solução, eu era a solução de tantas pessoas que perderam a sua fé.

Com o braço limpei meu rosto; decidida não choraria

mais, porque eu enfrentaria aqueles arrogantes de cabeça erguida. E o primeiro passo seria deixar a casa da minha tia, poupá-la de tudo aquilo, ela precisava de blindagem. Se eu não queria ajudá-la, jamais poderia atrapalhá-la. E permanecendo longe, era a melhor maneira de preservá-la. E com as mil ideias que surgiram em minha mente eu iria vencer, e colocar aqueles idiotas frios e arrogantes no seu devido lugar.

O desafio agora era vencer aquele lugar ermo onde eu estava, eu não aceitei a oferta do funcionário do hotel para chamar um táxi, eu tinha pressa de sair dali. E agora eu estava naquele lugar desconhecido, perdida com as ruas desertas; ao redor só se via bosques e jardins, não se via ninguém, tampouco carros, nenhum ponto de ônibus ou táxi, nada. O hotel era na parte alta e ao longe, em toda a volta, para além das árvores, estavam os prédios. Eu teria uma boa caminhada pela frente até a civilização, eu não pensei nisto, apenas segui em frente, determinada e em passos rápidos, preocupada com a nuvem negra muito grande, de aspecto tenebroso, que se formava no céu anunciando um dilúvio.

— Você não precisa ficar na casa de nenhuma amiga, tem espaço aqui para nós duas, Mary? — De penhoar e cabelos desgrenhados de quem acabou de se levantar, numa manhã fria de domingo, minha tia cruzou os braços encostada no batente da porta do quarto, depois que informei minha decisão. Seus olhos cintilavam em desaprovação.

— Não se trata disto, por favor, não dificulte as coisas para mim. — Procurava não olhar em seu rosto, para ela não notar o quanto meus olhos estavam inchados de chorar e continuei ali pegando as roupas no armário e ajeitando em minha mala.

— Então, o que é? — Eu não respondi, apenas respirei fundo com aquele nó na garganta que não me abandonava. Eu estava mais sentida do que com raiva, esta era a minha realidade. — Fale comigo, menina... Eu já estou ficando preocupada.

Dobrei o vestido molhado e coloquei-o dentro de um saco plástico antes de enfiá-lo no canto, dentro da mala, e seus olhos fixaram, intrigados, sobre minhas mãos.

— Você tomou chuva? — ela perguntou em voz baixa, porém preocupada. Eu levantei a cabeça encarando-a, antes de responder; ela franziu o cenho e passou a avaliar meu rosto melhor, pois percebeu que algo não estava bem.

— Um pouco... — Ela sorriu em desconfiança com o fio de voz que saiu de minha boca.

— Você está me escondendo alguma coisa, eu sei, te conheço muito bem. Esta sua decisão não tem nada a ver com algum destes movimentos que você costuma se enfiar, e que sua vida fica na linha tênue entre a vida e a morte, né?

Acabei rindo de sua colocação e, respirando fundo, baixei a cabeça.

Eu não, no entanto o meu coração sim estava equilibrando sobre esta linha para não cair, e eu teria que ser rápida antes que a queda fosse inevitável. E toda minha vida ficou bagunçada demais, e de quebra ainda sem querer a envolvi nesta trama de gigantes, justamente ela que sempre fez tudo certinho em sua vida, até mesmo para evitar julgamentos errados. Eu precisava sair logo da sua casa, para o seu próprio bem.

— Fique tranquila, tia. — Iniciei meu trabalho. — Eu só estou indo para mais próximo da faculdade, onde vou fazer um curso rápido de Design e de Arquitetura — menti.

Seu sorriso alargou-se tanto que poderia rasgar seu rosto, ela não conseguia conter a felicidade que a embalava. E meu coração se apertou, eu não gostava de mentir para ela, entretanto eu não tinha outra alternativa.

— O quê? Não me diga! Finalmente você criou juízo! Então é por isso que fez tanto mistério com sua visita a São Paulo, queria me fazer uma surpresa? Meu amor. — Ela veio a passos rápidos perto de mim próximo à cama e me abraçou tão forte e emocionada que meus olhos se encheram de lágrimas de arrependimento. Afinal, eu declarei o seu maior desejo, desde que os meus pais morreram e ficamos só nós duas, ela vem apostando todas as fichas em mim. Para ser sincera, eu estava começando a ficar esgotada, não suportava mais aquilo, era muita gente para cuidar, o fardo estava pesado demais.

Fechei os olhos com força reprimindo a emoção que vinha com força de dentro para fora. E me afastei

rapidamente.

— Deixa eu terminar logo isso... — Ajeitava a mala apressada e ela ainda com aquele olhar questionador.

— Mary, por que não descansa hoje? É domingo, minha querida, afinal nem teve tempo suficiente para isso depois que chegou, deve estar exausta! E amanhã cedo você vai — sugeriu ela, e meu coração se contorceu de remorso pela enganação.

— Falei que chegaria na próxima meia hora, só assim consegui segurar a vaga disputadíssima do único quarto do hotel.

— Tá, tá... — A felicidade não cabia nela, que se sentou na cama e soltou o ar com força com as mãos espalmadas sobre o colchão, seu sorriso continuava estampado no rosto. — Que notícia maravilhosa, minha filha. Se a sua mãe estivesse viva estaria muito orgulhosa de você. — Eu apenas sacudi a cabeça que sim, meu coração acelerou, frenético.

Guardei a última peça de roupa, fechei a mala e a encarei-a ali na maior felicidade.

— Estou muito triste com a sua partida, amo estar em

sua companhia; contudo, por outro lado, eu estou muito, mas muito feliz. — Um sorriso triste tomou meu rosto e ela se levantou. Segurou nas laterais dele e o puxou de encontro aos seus lábios beijando minha testa com ternura. — Agora sim você está no caminho certo, não poderia desperdiçar toda a criatividade que existe em você. Acredito que depois deste curso, você possa finalmente seguir a profissão de arquiteta e vai vencer na vida. Que bom, Mary, que bom... — Eu apenas suspirei com o outro beijo na testa.

— Ficou feliz, né, tia? — Ela assentiu.

— Muito. Você é muito talentosa, e espero do fundo do coração que um dia nós duas possamos morar juntas. E para isso acontecer só depende de você, eu já passei dos cinquenta anos, não dá para sonhar mais. — Bati levemente em seu rosto antes de beijar no mesmo local.

— Você é jovem e linda...

— Obrigada — Ela deu de ombros. —, ainda assim a minha idade me discrimina em relação a emprego, infelizmente. Quem sabe agora o sonho de voltar para Porto Alegre se concretize. — Sua esperança me deixou

mal, peguei minha mala de rodinha e saí com ela porta afora em direção ao corredor e ela correu passando por mim em direção à cozinha. — Espere, Mary! Acordei meio tarde hoje — explicou ela enchendo a chaleira com água e olhou no relógio na parede, que já passava das 10h30. — Também com este tempinho chuvoso! Vou preparar um café da manhã.

— Obrigada, tia. Eu passei na padaria antes de vir para cá. — Mais uma mentira, daqui a pouco meu nariz ia começar a crescer. Ri disfarçado do meu pensamento.

— Mas, Mary, ao que me consta estes cursos são caríssimos. Como vai pagar por ele? — Gelei, revirando os olhos, precisava de uma resposta rápida a fim dela não desconfiar. E comecei a rir, quando encontrei uma com a certeza de que meu nariz ia mesmo crescer, não tinha jeito.

— O Luiz Augusto vai me fazer um empréstimo, depois eu dou um jeito de pagá-lo. — Ela riu tipo: “Ah, tá bom”.

— Daqui alguns dias serão uma família, e esta dívida não vai existir mais. — Inocente minha tia, eu não podia dar tantas esperanças, eu me sentia uma verdadeira diaba. E aquilo causou o maior rebuliço no meu estômago.

— Eu pretendo pagar sim senhora. — Tirei o carregador do meu celular que estava carregando na tomada perto da porta e o enfiei na mala e coloquei o celular no bolso de trás da minha calça jeans escura e, em seguida, fechei o zíper da jaqueta preta de couro com o ar gelado que estava ali na sala.

— Você fica neste aperto porque quer — arriscou ela, trincando os dentes. Ela sempre soltava uma daquelas me deixando irritada.

— Não diga mais isto, por favor! — Apontei o dedo indicador direito em sua cara, e ela fez biquinho encolhendo os ombros, uma fofa, não havia como ficar brava com toda a sua simpatia. Eu entendia que tudo o que ela fazia, era para o meu bem. — Ah, vem cá! — Puxei-a para um abraço. Ficamos ali por alguns instantes em silêncio até que me afastei segurando em seus ombros. — Eu espero de verdade, tia, um dia levá-la de volta para casa, quem sabe a gente possa morar numa casa bem grande, com aquele quintal de terra para você cultivar sua horta, uma de suas maiores paixões. — Ela deu de ombros.

— É... quem sabe. Boa sorte, minha sobrinha.

— Obrigada. — Abri a porta; dirigi-me ao elevador e segurei a porta aberta antes de entrar. — Tia, faz um favor para mim. — Ela assentiu. — Diz para a Suzane que qualquer dia deste eu venho para a gente conversar melhor e...

— Por que, o que aconteceu? — ela me interrompeu com expressão preocupada.

— Nada, só diga isto a ela, por favor.

— Está bem, eu digo... Ah, Mary me dê o endereço onde você vai ficar — pediu ela.

— Ainda não tenho, eu ligo depois de me instalar.

— Vai com Deus, minha filha.

— Fica com Ele também!

Eu estava perdida sem ter onde ficar, entrei no meu carrinho embaixo da chuva torrencial castigando a capital paulista e em sua companhia circulamos sem destino certo. Eu não fazia ideia de qual rumo poderia seguir dali em diante, o dinheiro que tinha em minha carteira era o suficiente para abastecer o carro para o retorno e me alimentar, não cabia mais nenhuma despesa extra. Só que

eu não poderia voltar com uma mão na frente e outra atrás. Seguiria com o plano que arquitetei, o problema era que ele não tinha nenhuma garantia. Entretanto, era isso ou nada.

A chuva caía sem dó ou piedade, bombardeando o para-brisa. O único limpador funcionando mal revelava a imagem de fora, era tanta água que ele não dava conta. Não havia como continuar; eu estacionei o carro longe do bairro da minha tia, aproveitaria para pensar numa alternativa.

Meus olhos fixaram à frente, hipnotizados com o movimento ritmado do limpador do para-brisa, ouvindo o barulho da chuva caindo no teto do carro. Um aglomerado de sons que clareou a minha mente,

É claro, era mesmo a minha única opção!

Pediria dinheiro emprestado ao meu noivo para pagar uma estadia simples, acho que não seria um problema para ele, afinal ofereceu ajuda financeira quando falei que viria a São Paulo. Não era exatamente uma pessoa rica, no entanto estava muito bem empregado na área de informática o que lhe rendia uma renda mensal satisfatória

dando-lhe o luxo de poupar alguma quantia. E amenizaria o meu coração, poderia considerar uma mentira a menos que contei a minha tia, quem sabe ainda dou sorte de manter o meu nariz do tamanho que está!

E foi assim, rindo da minha piadinha que busquei no meu amigo Google uma hospedaria simples e encontrei. E quando pesquisei a região no mapa escancarei um sorriso, havia uma faculdade de Arquitetura próxima. Uniria o útil ao agradável, liguei o GPS e fui.



Fernando

A lembrança dela aninhada em meu peito, o contato com sua pele arrepiada, despertou meus pensamentos e emoções. De repente, seu cheiro doce invadiu meu ser, todo meu corpo se arrepiou e logo a excitação estava ali me deixando louco. Com os olhos fechados, estiquei o braço para trás à sua procura e tateei, e tudo o que encontrei foram os lençóis frios. Me virei rapidamente dando de cara com o vazio, ela não estava mais ali como em nenhum outro lugar no quarto onde meus olhos alcançavam.

— Mary? — chamei-a com os olhos ainda sonolentos ao redor, tinha a estúpida esperança de que ela surgiria do nada. Ninguém além de mim parecia estar ali no ambiente. O aroma do café espalhado pelo ambiente alegrou meu coração, acreditei que ela pudesse estar no banheiro, que estava com a porta fechada. Desabei sobre a cama masturbando-me e me preparando ainda mais, para surpreendê-la com o meu presentão, no momento em que ela saísse por aquela porta.

Estava difícil conter a emoção querendo explodir de

dentro de mim; respirando fundo e me segurando eu a aguardei, ansioso. Trovejava lá fora, a chuva batia musicalmente nos vidros da janela. Passaram-se cinco, dez, quinze, vinte minutos e só o som da chuva lá fora chegava até mim.

Então me levantei e me aproximei da janela. Olhando para o horizonte vi que a chuva com rajadas de vento uivando feroz despencava do céu; as árvores robustas inclinavam-se a ponto de se partirem ao meio; e fiquei encarando a queda de água caindo, por um longo período. Aquele tempo fechado causaria tristeza em qualquer coração menos ao meu. Eu me sentia diferente, agradavelmente diferente, excitado, arrepiado. Sentia meu coração aquecido, uma sensação boa, porém que me causava estranheza; em minha vida sentimental e sexual nunca me senti assim com ninguém. Primeiro porque nunca gostei de acordar ao lado de nenhuma mulher para não soar sério; e outra, que minhas preferências eram sempre variar, e agora eu queria repeteco, meu corpo pedia bis, meu coração gritava por ela.

Eu, hein?!

Balancei a cabeça. De repente, aquele sentimento me meteu medo.

— Mary... — com receio chamei-a novamente. Eu já estava acreditando que estava sozinho. Peladão, me aproximei da porta e bati, não obtive nenhuma resposta e quando abri a porta me senti um idiota.

Eu não podia acreditar que fiz papel de bobo, quase meia hora ali, acreditando que ela poderia estar no banheiro. Olhava para o vazio, desolado.

— Um bilhete — falei em voz alta e corri para olhar em cima da mesa, olhei em tudo e não havia nenhum bilhete, nem mesmo uma partícula de poeira, nada. — Por que ela foi embora assim, sem se despedir? Será que aconteceu alguma coisa? Talvez a Ana tenha ligado, alguma emergência. Era apenas nisto que eu queria acreditar, e nada mais. Nem mesmo o número do telefone dela eu tinha, e me odiei por nunca me interessar em pegar o telefone da Ana nestes anos todos.

Tomei um banho muito rápido, me vesti e desci.

— Por favor, por acaso você viu como a moça que se hospedou comigo ontem à noite foi embora? — perguntei

ao porteiro, um homem grande com ombros largos e bem alto. Mesmo com o terno elegante usado como uniforme, podia se notar que ele era daqueles tipos que curtem um halterofilismo, o cara era um monstro de grande. Ali da recepção, ele parecia que foi o único que pernoitou. Ele bem viu quando cheguei, pois notei seus olhos interessados na Mary. Sua beleza tinha mesmo este poder, encantou até a mim de uma forma que pensei que jamais seria pego.

— Vi sim, senhor — *É claro que ele a viu, que pergunta idiota a minha!* — Ela saiu caminhando daqui, ofereci chamar um táxi, porém ela se recusou e saiu sem mais nenhum comentário — continuou ele.

— E faz tempo, isso? — Ele assentiu quebrando o meu barato. Por um momento acreditei que ainda teria tempo de alcançá-la. E logo caí na real, levando em conta os mais de vinte minutos esperando ela sair do banheiro, ainda tinha o tempo que levei no banho, me vesti e desci, além do bate-papo ali parado à porta do hotel. Baixei minha cabeça, pensativo.

— O senhor deseja mais alguma coisa, senhor? — ele

perguntou quando alguém o chamou atrás do balcão de mármore da recepção.

— Só pede um táxi, por favor. — Educadamente ele acenou de cabeça e se afastou.

Intrigado, apertei a jaqueta em volta de mim com o frio cortante e o vento jogando gotas de água gelada em meu corpo. Fiquei incomodado com o envelope no bolso de dentro que a Késsia me entregou ontem à noite, cutucando meu peito, ajeitei-o e entrei no carro, ajeitando meus cabelos encharcados para trás, me arrepiando todo com as gotas que seguiam pelo pescoço adentrando pelo colarinho da camisa.

Enquanto descia a ladeira com a paisagem passando lentamente pela janela, eu olhava ao redor procurando-a, quem sabe ela poderia estar escondida da chuva em algum lugar por ali? Fiquei preocupado, as trovoadas seguidas por relâmpagos estrondosos, com suas enxurradas alagando todas as ruas, demonstravam toda a dificuldade que ela passou até lá embaixo, o único local onde poderia pegar uma condução.

Eu não conseguia entender o que aconteceu, porque ela

agiu daquela forma estranha, que a meu ver era tempestuosa.

Será que não gostou do que experimentou?

Balancei a cabeça com aquela ideia absurda.

É claro que gostou, senti sua entrega, foi total.

Não havia motivos para me deixar, depois do que aconteceu entre nós. Uma transa magnifica que estremeceu todas as estruturas, meu corpo ainda estava em chamas, o dela não poderia estar diferente. Normalmente qualquer outra mulher ficaria implorando por um relacionamento. Mulher nenhuma nunca me abandonou no silêncio como ela fez, plantando a sementinha da dúvida que brotava rapidamente, e com uma força surpreendente. A sensação que ela deixou foi de incompletude, aliada a um vazio... além do sentimento de insegurança.

Eu não podia ficar sem informação, no vácuo... então decidi passar na cobertura para pegar um dos carros, e seguiria para a casa da Ana, o lugar mais provável para encontrá-la.

Assim que estacionei meu carro SUV na cor preta com película em frente ao prédio, naquela rua tranquila e

arborizada, me lembrei da última vez que estive aqui, e fiquei encantado com alguns garotos talentosos batendo uma pelada de fim de tarde, um pensamento vapt-vupt, pois logo a imagem da Mary se formou em minhas lembranças, meus lábios devorando os deliciosos dela, olhando em seu rosto franzido de tesão, enquanto eu a preenchia de forma lenta. E lá estava eu mergulhado na melhor sensação que já senti nesta vida. Além do tremor, meu corpo ficou arrepiado e ainda senti aquele maldito e gostoso frio na barriga.

Que caralho!

Bati com os punhos fechados no volante.

— Fernando, é você mesmo? — Alguém bateu no vidro. As recordações aliadas aos vidros embaçados e fechados me tirou de órbita e não percebi a aproximação da Ana. Inclinada, vestida num agasalho no tom preto com alguns detalhes em branco, e seu cabelo curto bem penteado como sempre, ela tentava focar dentro do carro se protegendo da chuva com aquele enorme guarda-chuva e me olhava surpresa.

— Ah... — foi a única palavra que consegui enquanto

abria apenas uma frestinha do vidro.

— O que aconteceu, está perdido por estas bandas? — ela indagou, intrigada. Eu abri um sorriso fraco, sem saber explicar. Notei que a Mary escondia da tia o real motivo de estar aqui em São Paulo. E longe de mim ir contra ela neste momento.

— É... Eu estava indo para a casa de um amigo e o GPS me enganou e reconheci seu apartamento, por isso acabei parando. E você, por que está debaixo desta chuva?

— Estava indo à padaria comprar um pãozinho — explicou ela encolhendo-se com a chuva apertando.

— Entra aí, eu levo você — ofereci, já me inclinando para abrir a porta do passageiro.

— Sério?

— Claro, entra logo... — ordenei, sorrindo da forma gentil que fazia parte daquela mulher meiga que sempre admirei como ela sempre tratou a minha família. E mais do que nunca, eu me afeiçoava a ela, aquela bandida está me afetando em todas as esferas. *Filha da puta!*

Quando Ana fechou a porta, seus olhos curiosos e um tanto descrentes focaram em meu perfil enquanto eu saía

com o carro.

— Qual caminho eu vou?

— Segue reto, a padaria fica no final da rua, à direita — falou ela.

— Ok. — Segui em silêncio, ansioso para perguntar sobre sua sobrinha, no entanto me segurei.

— Este tal amigo mora aqui próximo, talvez se me disser o nome dele ou mesmo o endereço, talvez eu possa te ajudar. — Senti um calor subir pelo meu rosto, sabia que havia corado. Eu não conseguia pensar numa resposta plausível, então acelerei o carro e logo que virei a esquina suspirei ao ver a padaria. — Ah, depois a gente vê isso, vai lá comprar o seu pãozinho que te aguardo para levá-la de volta.

— Não precisa, Fernando, eu vou caminhando, é pertinho. — Eu neguei com a cabeça.

— De jeito nenhum, não me custa nada. — Ela franziu a testa, estanhando. Eu não a culpo, eu não me lembrava do dia que fui tão simpático com alguém. Pois a minha cabeça sempre esteve voltada para os negócios, e para desestressar: as farras com as mulheradas. Do resto nunca

teve importância, alguma.

— Então, tá... Já que insiste, obrigada — ela disse.

Abriu a porta, e antes de descer abriu seu guarda-chuva e entrou no estabelecimento em seus passos graciosos. Ali, a contemplando, eu notava o quanto ela tinha da Mary.

Fiz o caminho de volta tão devagar para ganhar tempo, que a Ana até desconfiou, e ela não dizia nada. Apenas quando eu estacionei foi que ela me convidou para fazer companhia no café da manhã com o argumento que eu deveria experimentar o pão quentinho. Sorrindo eu agradeci de imediato, não sairia dali sem antes falar com a Mary, e além do mais aquela simplicidade que eu não conhecia, até que estava me agradando.

— Não repara, Fernando, meu apartamento em relação a sua casa é muito humilde — explicou ela assim que entrei. — Fique à vontade, por favor.

Eu olhava ao redor, completamente encantado, o pequeno apartamento, além de lindo era inspirador pelas cores, referências e tendências de decoração.

— Puxa! Lindo demais este apartamento.... — Meus

lábios entreabriram, eu já conhecia seu talento na cozinha, seus pratos além de saborosos eram muito bem apresentados aumentando ainda mais o apetite. Eu não imaginava que ela tinha tanto talento, e não era só na decoração, algumas paredes rasgadas como ali na cozinha estilo americana, demonstravam que também na arquitetura.

— Sério? Você gostou mesmo? — Ela arrumava o balcão com os pães, a geleia que tirou da geladeira, e colocou o leite para ferver.

— Eu amei, vou contratar você para trabalhar na empresa, o que me diz? — Ela caiu na gargalhada, eu me sentei na bancada e fiquei olhando para ela. — É deste tipo de talento que precisamos na empresa — falava sério e ela fez cara de quem não acreditou.

— Pare, Fernando... Tudo isto é mérito da Mary. Desde pequena teve jeito em deixar as coisas harmoniosas com os custos baixíssimos, foi ela que projetou tudo isso. — Meu coração agitou com a menção "Mary".

— Hum... — Com a mão no queixo eu analisava melhor os fatos. *Então ela tinha mais talentos, além de atazanar*

os corações dos cabras?

— E por falar na sua sobrinha, onde ela está? — Aproveitei a deixa. Seus olhos arregalaram-se e seu rosto iluminou-se de alegria

— Ela não está aqui. — Um desânimo tomou conta de mim com a notícia inesperada. Esperava do fundo do meu coração encontrá-la ali. — Graças a Deus ela tomou juízo, Fernando — continuou ela. — Ela veio a São Paulo justamente para fazer uma surpresa para esta velha, tia. Acredita que se matriculou no curso de Design e Arquitetura e escondeu isso de mim até hoje pela manhã? — Sua empolgação me intrigou, eu não entendia a correlação.

— Ela foi para onde? — quis saber, mergulhado num turbilhão de confusão.

Ela terminou de ajeitar as coisas por ali, deu a volta e veio se sentar na baqueta ao meu lado, e me serviu de uma xícara com café preto. Ela sabia os meus gostos e a paixão pelo pretinho que eu tinha pelas manhãs, apesar de estar quase na hora do almoço!

— Ela ficou de me ligar quando se instalasse para me

dar o endereço. Bem, isso eu também achei estranho, mas parece que esta vaga surgiu hoje mesmo pela manhã, e ela precisou voar para lá para não perder, devido estar sendo disputadíssima.

Um sorriso discreto se espalhou pelo meu rosto, talvez este tenha sido mesmo o motivo para ela desaparecer sem deixar vestígios. Pode ser que ela tenha recebido uma ligação, ou quem sabe uma mensagem de texto, o toque do telefone teria me acordado, com certeza! *Bem, nem eu sabia na verdade, a transa com ela foi tão prazerosa que dormi profundamente, nada era capaz de me despertar.* E de qualquer forma eu me animei com a notícia.

Ana repetiu os elogios que fez da sobrinha em minha casa, na presença da minha mãe e do Leonardo, enquanto eu pensava numa forma de conseguir o celular dela. Não poderia perguntar, daria muito na cara. E quando ela se levantou pedindo licença que precisava ir ao banheiro, eu aproveitei que sua agenda de telefone estava na mesa ao lado do sofá embaixo de um aparelho de telefone, peguei e abri na letra M e não achei nenhum nome Mary. Folhando rapidamente, encontrei na letra S “Sobrinha

linda" sorrindo da forma carinhosa que Ana anotou na agenda, digitei no meu celular e enfiei no bolso rapidamente ao ouvir o barulho no trinco da porta do banheiro e me levantei.

— Eu vou indo, Ana. — Beijei seu rosto quando ela se aproximou. — Obrigado pelo café, foi muito bom.

— Foi uma honra receber você aqui, faça sempre isso... — A sua simpatia ganhou meu coração.

— Agora que já conheço o caminho, pretendo repetir a dose.

— Ah, vai, Fernando. Você já esteve aqui antes. — Sorrindo ela bateu em meu braço. *Pois é, mas os tempos eram outros*. Eu não me permitia prestar atenção nas pequenas coisas da vida. *E como são prazerosas!*

A chuva finalmente deu uma trégua, o sol dissipou as nuvens negras enquanto eu, ali dentro do carro, disquei para o número do celular da Mary, que me atendeu ao segundo toque.

— Alô. — Meu coração disparou ao ouvir sua voz.

— Mary, é o Fernando — bastou dizer meu nome que ela desligou na minha cara. *Ou caiu a linha?*

Disquei novamente e todas as outras dez tentativas caíram na caixa postal e na última deixei um recado acreditando que a culpa da recepção, seria do mau tempo.

— Mary, liga para mim, precisamos conversar.

Ainda insisti, perambulando pela cidade. Pelos locais que conhecia que havia faculdade de Arquitetura e nada, não a encontrei e não me restou outra alternativa senão voltar para casa, arrasado sem um por quê.

A casa estava no maior silêncio, quando subi as escadas para o meu quarto. E estranhei pelo fato de encontrar o Leonardo dormindo em minha cama com a mesma roupa que ele saiu ontem à noite. Ele acordou, quando fechei a porta e se sentou. Havia um vermelho fogo ao redor de seus olhos claros, algo que nunca havia visto antes.

— Ah, então o senhor chegou? — disse ele com ironia.

Dei de ombros e joguei o molho de chaves sobre a mesa ao lado do laptop, quando ele se levantou como um furacão e sua direita veio com força total em meu nariz sem eu ter a chance de desviar.

— O que é isso, Leonardo? Você ficou louco?! — gritei

com a mão no local do murro, sentia o líquido quente e viscoso descer em direção à minha boca. A fúria me dominou, fiquei cego e revidei, já estava totalmente fora de mim que nem pensei nas consequências, o soco foi tão feroz e com tanta violência embaixo do seu queixo, que ele caiu de costas sobre o tapete e ficou zonzo com a pancada na cabeça.

— Leonardo? Leonardo! — Joguei-me de joelho ao seu lado, desesperado e arrependido.

— Seu imbecil... — gritou ele quando voltou a si, mas ainda sem conseguir se levantar. — O que você estava pensando hein?

Senti um tremendo ódio de mim, pelo meu ato impensado. Me levantei e ofereci minha mão para ele que bateu com força, recusando a minha ajuda.

— Eu não quero a sua ajuda, você não tinha o direito de entrar daquele jeito no apartamento, me deixou numa situação embaraçosa, sabia? — reclamou, quando finalmente se levantou e sentou na beirada da cama, massageando o local onde eu o acertei, num vermelho intenso. — E que loucura foi aquela? Eu quero saber o

que o senhor foi fazer lá? Sabia muito bem que eu estaria com alguma mulher.

O sangue que circulava pelas minhas veias ferveu.

— Acontece que a sobrinha da Ana não é qualquer mulher, você deveria respeitar a moça.

Ele ria, indignado.

— Olha só quem fala! — Sacudia a cabeça freneticamente. — Quem ouve você falar pensa que é o maior entendedor de respeito. Ora, Fernando, você nunca respeitou ninguém, e agora vem com esse papo furado para cima de mim! Se eu soubesse que prestaria a tal papelão eu não teria pedido a chave emprestada.

— Eu nunca faltei com respeito com as pessoas de casa. — Inclinei-me sobre ele que pendeu para trás com meu nariz quase encostando no dele a ponto de uma gota de sangue seguir em direção à sua perna, deixando a marca vermelha no tecido da calça, possesso com a acusação. Eu precisava me defender. — Se você não considera a Ana, eu a considero, portanto, seu cretino, não me acuse de forma injusta.

— Ninguém desrespeitou ninguém! — ele explodiu ali,

saltou e se colocou a minha frente, ficamos os dois, olho a olho se enfrentando — A Mary é uma mulher madura, ela foi comigo para o apartamento porque quis, por livre e espontânea vontade.

— Alcoolizada... — completei com os ciúmes tomando conta só em imaginar ele colocando as mãos naquele corpo que eu queria só para mim. Ele reprimiu os lábios com um rubro de ódio tomando seu rosto.

— Está me acusando de estupro, é isso? — pronunciou entre os dentes em sua voz abafada. O calor da discussão era tamanho, que não notamos quando a porta se abriu e nossa mãe, vestida de penhoar, surgiu por ela.

— Ei, rapazes, o que está acontecendo aqui, por que estão se estranhando? — Ela se colocou em nosso meio com uma mão em cada peitoral nos afastando de iniciar a rinha.

Naquele instante, nossos olhares de fúria deram lugar para olhares de reflexão, nenhum dos dois tinha a intenção e nem coragem de denegrir a imagem da Mary, perante a minha mãe. Principalmente pelo retrato perfeito que a Ana pintou dela.

— Nada, mãe. — Apesar de espevitado, o Leonardo parecia mais sensato do que eu. Eu continuava ali mergulhado nos ciúmes do que teria acontecido se eu não chegasse a tempo naquela cobertura.

— Olha só para isso, meu filho! — Minha mãe analisava o ferimento no meu nariz, enquanto o Leonardo voltou a se sentar na beirada da cama me fuzilando com os olhos. — Vai lá no banheiro, Leonardo, e pega um pedaço de papel para limpar este sangue — ordenou. A contragosto ele se levantou, obedecendo.

— Nossa, que gritaria é essa? — Natalie entrou no quarto, usando um baby doll rosa bem curtinho e transparente... muito escandaloso nos fazendo esquecer da confusão. Entreolhando, eu minha mãe e o Leonardo, que saía do banheiro, caímos na risada, incrédulos que ela poderia ser tão descarada. Ela ficou ali sacudindo a cabeça como quem não entendia o motivo dos risos. É lógico que ela entendia! Ela fazia aquilo de propósito só para me provocar, só a minha mãe que ainda acreditava em sua inocência.

Uma sem-vergonha!

— Natalie, minha querida, já falei para você não andar pela casa assim, temos homens na casa. — Segurando em seu ombro, minha mãe a virou de costas cobrindo-a e empurrando para fora do quarto. — E vocês se recomponham, meninos. Não quero mais ver vocês dois brigando — completou, e fechou a porta atrás de si.

Sentei na cama às gargalhadas e o Leonardo fez o mesmo.

— Esta Natalie não toma jeito mesmo — falou ele. Acenei ainda rindo e grunhi.

— Ela não tem vergonha na cara — emendei.

— É... cara, você que não se cuida, que ela vai botar na sua bunda — disse ele humorado e eu acabei rindo sem nenhuma preocupação.

— Imagina! Estou muito mais do que esperto com esta guria, vacinado... Ela está perdendo o seu tempo.

Com uma expressão mais leve, sem aquela raiva toda, Leonardo assentiu e se levantou repousando a mão em meu ombro.

— Foi mal, Fernando! Eu peguei pesado, desculpa. — Entregou-me o papel. Limpei em volta do ferimento.

— Está tudo bem, eu que peço desculpa. Mas enfim... já passou e a vida segue.

Assentindo ele se dirigiu à porta, abriu e se virou.

— Você a levou para a casa da Ana, ela ficou bem? — ele perguntou com olhar diferente, havia um pouco de resignação.

— Sim, sim... — respondi apenas, porque não podia contar nada sobre a gente para ninguém.

E sem dizer mais nada, nem ao menos perguntar novamente como e porque eu fui parar lá, ele saiu fechando a porta atrás de si.

Todo aquele estresse com o meu irmão serviu para esvaziar a minha mente, tirei toda a minha roupa, inclusive a cueca e me atirei nu sobre minha cama macia, e logo adormeci.

Capítulo 7

Mary

-Babaca, babaca, BABACA... — gritei jogando o celular sobre a pequena cama de solteiro. E me joguei de costas ali cobrindo minha cabeça. Eu me sentia a pior das criaturas, como eu pude permitir ser usada, enganada, pisoteada daquele jeito?! Como deixei meu corpo falar mais alto do que a minha razão. Eu que sempre me achei uma espertona, vacinada contra caras assim. Por que com ele eu não consigo reagir?

Além de tudo ainda tinha o Luiz Augusto, estava me sentindo muito mal por ainda precisar de sua ajuda. Ele não merecia o que eu estava fazendo com ele.

Olha só o que este cara fez comigo?

Olhei ao redor, naquele minúsculo quarto fedorento, pensando que ele fez eu sair do conforto da casa da minha tia e vir parar nesta espelunca que mal cabia a cama e um cômoda de madeira corroída pelos cupins. As paredes todas mofadas, uma televisão de cerca de 20 polegadas e ainda de tubo, e que, pelo aspecto, eu duvidava muito que

funcionasse. Ambiente abafado, a única janela dava para o corredor, onde circulava todo tipo de pessoa que precisei levantar para fechá-la.

Não era exatamente tão próximo a faculdade, mas com o pouco dinheiro que pedi ao meu noivo depositar, infelizmente era o que eu podia pagar. O proprietário fazia propaganda enganosa, ele deveria mudar a placa lá na entrada de hotel para cortiço.

Não era só o quarto que era horroroso, eu também sentia uma sensação pavorosa: aquela sensação de fracasso de que eu não ia conseguir finalizar meu objetivo com sucesso. Eu estava ciente e me dava conta de que diante do Fernando, eu nunca assumiria a minha posição de líder. Eu teria que entrar na dele, jogar sujo como jogava comigo. Precisava de uma ideia fantástica, não dizem que sou criativa? Então: precisava de uma infalível.

Eu me joguei sobre a cama e fechei meus olhos, tentando projetar algo brilhante. E foi o que varreu a imagem dele da minha mente, ouvindo a chuva que recomeçou cair no telhado, e o cansaço absurdo, não levou muito para pegar no sono.

Segunda-feira...

Despertei só na manhã seguinte, e com uma gritaria em minha cabeça que me deixou com o coração disparado em meu peito. Era um coro de vozes femininas e masculinas que se misturavam. Me levantei com uma tremenda dor no corpo, também pudera, o colchão mais parecia um bloco de concreto, e me dirigi para a porta e enfiei minha cabeça pelo vão.

Uma fila enorme de pessoas aguardava para usar o banheiro comunitário.

— E aí... gata... — ouvi um homem gordo e careca com seu olhar nojento sobre meu rosto, e fechei a porta com força e me encostei nela. Olhando para o teto caindo aos pedaços, eu respirei fundo. Aguardaria até que todos saíssem, para usar o banheiro com calma.

E a pressa me dominou, seguiria com meu plano rapidamente para cair fora logo dali e voltar para a minha Porto Alegre, para a minha já resolvida vida e meu querido noivo. Um calafrio desceu por minha espinha ao pensar nele. Talvez o arrependimento batia à porta do meu coração!

Meu celular não parava de tocar dentro da bolsa, a minha tia almejava saber o meu endereço, pois estava preocupada. Eu não atendi, ela deveria estar na casa dos Albuquerque, eu não queria mais sequer ouvir o nome do Fernando, pensando que para ele me ligar com certeza pegou o meu número com a minha tia. Porque eu nunca deixei o meu contato na empresa dele, eu que sempre ligava para reclamar, ou mesmo marcar a última reunião que não aconteceu.



Fernando

— Bom dia, Ana — cumprimentei-a assim que entrei na cozinha. No fogão, distraída, ela pulou com o tom da minha voz e se virou.

— Aí que susto, Fernando...

— Me desculpe, eu não queria assustá-la. — Me encostei à pia ao seu lado, ela olhou para mim, estranhando o meu jeito, afinal, pelo que me lembre, era a primeira vez que entrei na cozinha pela manhã.

— Não precisa pedir desculpas, imagina! — Ela voltou ao que estava fazendo — Acordou cedo, daqui a pouco eu termino de arrumar a mesa do café.

— É que acabei dormindo direto, e nem jantei. Não se preocupe, eu só queria um xicara de café. — *E saber da Mary, por favor.* Eu só precisava saber dela, aquele silêncio associado ao sumiço, estava me matando aos poucos.

— Só um minuto, que já sirvo você — ela disse toda prestativa e nervosa com a minha presença. Não achei legal aquele comportamento, comecei a analisar que era exatamente este tipo de reação que causava nas pessoas,

intimidava-as com o meu jeito ríspido e sério de ser.

— Vou esperar ali na mesa. — Ela assentiu e eu me sentei bem na cadeira em que ela se sentou, tudo o que relacionava a ela fazia de mim um bobo. Mas o que eu poderia fazer, ela dominou de uma forma inevitável de impedir.

Um minuto depois, ela me servia uma generosa xícara com aquele líquido preto de aroma agradável que sempre precisei para despertar de verdade e sorriu com meus olhos sobre suas mãos.

— Esta estranho hoje, Fernando! — ela questionou pousando a garrafa térmica sobre a mesa e voltou para a pia.

— Estranho como? — Levei a xicara à boca e beberiquei com prazer, degustando prazerosamente a bebida quente deslizar por minha garganta. Ela voltou com uma cesta com croissants fresquinhos que o padeiro acabara de deixar e um pote de manteiga colocando ali na mesa.

— Pensativo... Está com muitos problemas?

Um montão de Mary na minha cabeça.

— Alguns meios confusos — disse apenas com a questão Mary me sufocando, eu ansiava muito perguntar dela sem levantar suspeitas, só não encontrava meios para isso. E quando o celular no bolso do paletó cinza claro vibrou é que a minha esperança foi por água abaixo. — Com licença. — Ela assentiu voltando aos seus afazeres.

— Bom dia, Juliano, como você está se sentindo, meu amigo?

— Graças a Deus recuperado, e pronto para outra — respondeu ele animado e me animei também. Eu precisava dele a frente dos negócios principalmente agora que me sentia engessado, e a empresa dinâmica como sempre foi não poderia seguir no marasmo. — E já estou a caminho da Albuquerque.

— Fico muito feliz e tranquilo com a notícia, Juliano. Temos muitas pendências para resolvermos na empresa hoje — falei.

— Hoje vamos tirar o atraso — disse ele convicto. — Ah, Fernando? Você chegou a ler o documento que pedi a Késsia para lhe entregar? E desculpe pelo horário, é que a urgência pede isso. — Pensei um pouco antes de me

lembrar. Minha cabeça estava tão cheia de Mary, que não estava cabendo coisas importantes e eu precisava tomar cuidado com aquilo... Poderia significar minha ruína.

— Nem tive tempo ainda, Juliano — fui sincero.

— Pelo amor de Deus, Fernando! — alertou-me ele. — Este documento é de extrema urgência e importância para a saúde da empresa... — ele vem repetindo esta frase sempre que conversamos. — Tenho pressa para entrar com este processo. — Se ele diz, quem sou eu para desacreditar? O Juliano sabia como administrar todos os problemas da empresa. Era realmente um funcionário exemplar, braço de ferro... completo.

— Fica sossegado, assim que chegar ao escritório é a minha primeira leitura. Vamos fazer assim, a gente lê juntos. E sobre o que se trata? — perguntei.

— Eu tenho plena convicção de que é a solução dos problemas atuais da Albuquerque. Gostaria que você mesmo analisasse os pormenores, sei o quanto é exigente no quesito qualidade e perfeição. — Balancei a cabeça, orgulhoso do meu funcionário nota dez. Ele realmente conseguia me deixar tranquilo.

— Se é o que diz, eu acredito e agradeço pela sua dedicação.

— Então está certo, nos vemos daqui a pouco na empresa — disse ele.

— Até daqui a pouco, então. — E desliguei o telefone.

Realmente neste ponto ele estava coberto de razão, gostava de analisar na íntegra todos os documentos importantes da companhia e da minha vida pessoal também não era diferente. Meu pai já havia levado alguns escorregões no passado, erro que eu fazia de tudo para não se repetir. E então conversamos mais um pouco, e desliguei.

Ana estava ali distraída e não notou minha inquietude, o tempo todo, enquanto falava ao telefone, impaciente, eu batucava com as pontas dos dedos no tampo da mesa. Eu precisava perguntar e não sabia como. Enrolei com aquela xícara com apenas uma gota de café.

— Filho? Já acordado e fazendo seu desjejum aqui na cozinha? — Minha mãe, vestida elegantemente, numa calça branca em seda de boca larga, e uma sandália de salto na cor prata como a blusa de gola alta chiquérrima,

entrou na cozinha e veio em minha direção. Beijou minha cabeça. — Hum, que perfume gostoso... Bom dia, meu querido, como passou a noite?

— Bom dia, mãe. Dormi, ontem sem jantar e acordei morrendo de fome — tentei explicar. Seus olhos desconfiados pousaram sobre o cesto de croissant intacto e sua testa franziu.

— É mesmo? Você não está com cara de quem está com fome — disse ela com humor. Eu ri do seu comentário insinuante.

A minha fome é outra.

Ela puxou a cadeira e se sentou ao meu lado. Inclinou a cabeça para trás em busca da Ana.

— Acho que vou fazer meu desjejum aqui mesmo, Ana traga uma xícara para mim, por favor. — Enquanto a Ana trazia a xícara e arrumava a mesa para minha mãe com carinho, ela pousou sua mão sobre a minha na mesa. — Se ajeitou com seu irmão, ontem à noite?

Assenti com um movimento de cabeça.

— Foi só um momento de bobeira nosso, mas já passou, conversamos civilizadamente, depois. — Ana ficou ali

parada com seus olhos observadores e, ao mesmo tempo, especuladores sobre mim e perguntou:

— Eu entendi direito, você e o seu irmão se desentendendo?

Minha mãe só inclinou a cabeça torcendo a boca, em desaprovação.

— Eu também não entendi isso, nunca vi vocês dois sequer discutindo nem mesmo quando eram apenas garotos — comentou minha mãe.

Ali eu sentia que o assunto ia se prolongar, embora estivesse muito curioso, não me restou outra alternativa senão me levantar. Precisava fugir de toda aquela pressão e urgente.

— Seria ótimo ficar aqui conversando com vocês duas — Um sorriso se alargou pelo rosto de Ana ao incluí-la. —, mas os negócios me chamam… — Minha mãe levantou a cabeça para eu beijar sua testa. E apenas apertei o braço da Ana e me dirigi em direção à porta me esbarrando com a Natalie, que veio correndo atrás de mim vestida com um biquíni ultrapequeno, com seus pequenos seios explodindo pelo decote com a canga na cintura.

— Vai aonde tão cedo, Fernando? — Até parece que ela não sabe. — Normalmente eu saio cedo, priminha. Você é que costuma dormir demais. — Assim que peguei minha maleta sobre o sofá, ela se colocou à minha frente expondo seus atributos.

— A gente precisa conversar, Fernando — começou ela com cara de malícia. — Você saiu na madrugada do domingo e me deixou falando sozinha, e ontem acordei com aquela guerra com o seu irmão, e dormiu o dia inteiro sem me dar a chance de perguntar. Afinal, estou muito curiosa para saber os detalhes. — Seu dedo riscou meu queixo e desceu pelo meu abdômen de forma sensual até no cós da calça quando segurei forte em seu pulso, impedindo-a de continuar.

— Você precisa é colocar uma roupa decente para andar pela casa, não ouviu o que a mamãe, falou? — Ela revirou os olhos com a minha advertência e soltou o ar com força.

— Um dia, você ainda vai me enxergar como uma mulher que te ama, e não como a priminha bobinha.

Ah, vá!

Segurei firme em seu queixo e a puxei de encontro ao meu rosto, e a danada ainda teve coragem de aspirar meu perfume com os olhos fechados.

Não era o caso da Natalie, porque para mim ela sempre foi e sempre será a priminha que todos amamos e cuidamos como se fosse nossa irmãzinha querida. Mas aquele gesto dela, se repetia em minha trajetória de vida com outras mulheres, talvez por esta razão eu me tornei o galinha que sou hoje. Respirei profundamente até confundindo a menina ali em frente a mim, achando que eu a beijaria. O fato é que tudo o que via em minha cabeça era o rosto lindo da Mary, meu cérebro ainda tinha a capacidade de espalhar o seu perfume pelo meu interior, me deixando arrepiado. Beijei sua testa.

— Um dia você vai encontrar o grande amor da sua vida, Natalie. Só precisa ter paciência. — Ela me olhou, decepcionada.

— Eu só quero você, Fernando...

Com um sorriso compreensivo com sua persistência, eu a soltei. Fiquei um segundo pensativo com a sensação de que estava esquecendo de algo, e como não veio nada à

minha cabeça, saí da sala sem mais nenhuma palavra.

O lindo amanhecer de sol, ganhava um céu mais cinza com as nuvens carregadas se aproximando, o vento trazia uma garoa fina em contato com o para-brisa. Eu não conseguia me concentrar em mais nada, nem no trânsito e começava a parar. Eu não aguentava mais de tanta ansiedade.

E onde esta diaba gostosa se enfiou, afinal?

O toque insistente do celular desviou minha atenção por apenas um instante. Foi só o tempo de tirar do bolso da calça, e apertar o viva-voz. No outro eu já estava nela novamente, não ouvia uma só palavra que o meu tio falava. Não era possível desviar minha atenção.

— Você está me ouvindo, Fernando? — ele gritou do outro lado da linha.

— E-estou sim... Pode falar.

— Como assim, meu sobrinho? — Vociferou ele. — Estou há meia hora falando e você me pede para falar novamente. — Ouvi seu bufado de total irritação.

— Tudo bem, tio. Estou só resolvendo um assunto particular, eu não demoro.

— Então deixe este celular ligado, e no modo de atendimento automático. Liguei repetidas vezes até cair na caixa postal.

Meio que no automático eu obedeci, e então desliguei e coloquei de volta no bolso.

Bem... nem preciso dizer qual foi o meu destino, né? Só a cabeça de baixo pensava, impedindo a de cima de encontrar o seu eixo. Fiz mais uma tentativa de encontrá-la, em algumas das faculdades espalhadas pela capital de São Paulo, eu precisava esclarecer uma porção de coisas.

Mary

— Finalmente! — exclamei me levantando da cama com o silêncio que ganhou ao redor. Todos pareciam ter saído daquela espelunca. Tomei um banho naquele banheiro horrível com pentelhos espalhados pela bacia, pia onde se fazia higiene bucal, um nojo. — Seus nojentos!

O banho inevitavelmente foi rápido, eu me sentia para baixo, arrasada, então caprichei no visual para ver se melhorava minha autoestima.

Escolhi um vestido preto levando em conta um ditado que ouvi um dia e nunca mais me esqueci: "O preto transmite poder, formalidade, elegância, seriedade, autoridade". E eu necessitava de tudo isso, e muito mais para enfrentar o meu dia que não começou nada fácil.

Girei em frente ao espelho, satisfeita com o resultado o corte *evasê*, aquele de cintura marcada e saia mais rodada que favoreceu mais minha silhueta. Com o pequeno e velho secador fiz uma rápida escova deixando as pontas cacheadas para tirar aquele *frizz*, apliquei uma base própria para o dia, um rímel para alongar meus cílios, um

batom cor *nude* e pronto. Achei que a maquiagem ficou na medida certa.

Calcei um sapato de salto em couro, borrifei um bom perfume e segui meu destino. Passaria no fórum para juntar o abaixo-assinado a ação coletiva que já existia. A princípio, após uma assembleia com os interessados em Porto Alegre, era tentar o diálogo, em certos casos pode resolver, na segunda tentativa teria que apelar para a imprensa, geralmente o barulho tendia a trazer solidariedade das pessoas para a causa. E, por último, acionar a ação, a mais demorada e que por se tratar de peixe grande já estada fadada ao insucesso.

Mas eu não tinha mais alternativa, não havia como dialogar com o Fernando, apesar de estar odiando-o, do fundo do meu coração, eu não tinha forças contra ele, cheguei à conclusão de que o mais razoável seria voltar com a mão na frente e a outra atrás, e nomear outra pessoa que tivesse mais condições do que eu.

Esta possibilidade apertava o meu coração, eles esperavam por mim ansiosos, eu não queria estragar o sonho de ninguém eu não tinha este direito, afinal de

contas ninguém tinha culpa da minha covardia. Então, antes de voltar eu juntaria o abaixo-assinado aos autos, aí sim daria adeus a tudo isso.

Novamente a chuva recomeçou forte como no dia anterior, morria de pena do meu velhinho, com tudo o que eu fazia ele passar. E prometi que assim que chegasse em casa, eu daria a ele o descanso merecido, até juntar um dinheiro para a reforma da lataria, ou seja ele precisava de uma reforma geral.

Resolvi de última hora passar na minha tia primeiro, deixaria um bilhete explicativo, ou sei lá o que diria. Abalaria seu coração, ao contar-lhe a verdade, que eu não fazia curso algum... Fechei meus olhos com força, com uma dor profunda em meu peito, eu não queria mais ser a causa da sua infelicidade.

Droga!

Bati no volante com força. Eu não compreendia aquela coisa de ser a estrutura onde todos costumavam se apoiar. Estava começando a me cansar de tudo aquilo, considerando-me incapaz.

Estacionei em frente à garagem, com a intenção de

entrar por ali para não me molhar, buzinei uma, duas, três vezes e nada do porteiro abrir aquele portão. Dei ré até a portaria social e foi que notei que ele dormia profundamente com a cabeça debruçada sobre a mesa dentro da guarita. Só comigo mesmo para acontecer coisas daquele tipo.

Desci do carro e corri até a pequena parte coberto bem próximo ao portão e a chuva se apertava mais e mais...

Um dilúvio caía do céu naquele instante, meus pés ficaram encharcados.

— Américo, Américo — gritava com a mão no interfone, quando ele levantou a cabeça, assustado, eu já parecia um pintinho molhado, todo esforço que fiz para ficar bonita foi por água abaixo. Apontava em direção ao portão da garagem, então sonolento acionou o controle do portão que se abriu. Entre a distância entre mim e o carro e a garagem, eu optei por deixar o carro ali mesmo e correndo segui em direção à garagem.

— Mary? — Fechei meus olhos e parei no meio do caminho. Meu coração pulou uma batida, com certeza. As mãos quentes de pegada forte abraçaram minha cintura por

trás, causando um choque térmico do meu corpo gelado da água fria. Aquilo não era real, apenas a sugestão do meu cérebro. Imagina! O que ele fazia ali em frente à casa da minha tia? Era um sonho e dos bons.

A chuva torrencial e fria caía em nós, e era surpreendente o calor que sentia por todo meu corpo, uma erupção que me deixou sem ar.

— Eu preciso falar com você — sussurrou em minha cabeça sobre os meus cabelos molhados. Fechei meus olhos para sentir o choque do seu hálito quente em meu couro cabeludo, meu corpo todo tremia e não era de frio.

"Acorda, Mary, acorda! Você não pode cair no papo dele novamente pelo amor de Deus!", meu eu interior gritava como um louco lá dentro de mim. E quem disse que a minha emoção me deixava escutar? Ela usava meu coração, fazendo-o bater no ritmo de um tambor sobrepondo a qualquer outro som.

— N-não... — gaguejei quando, segurando em meus ombros, ele me virou de frente a ele. Era difícil de entender aquela magnitude que ele me transmitia, parecia que existia no mundo somente eu, ele e a chuva

despencando do céu. Meus olhos idiotas, que sabia que estavam cintilantes, estreitaram em contato com aquele rosto lindo, másculo e seguiam o movimento da água da chuva descendo em direção ao seu peito e à camisa branca de tecido fino marcando o peitoral, que eu tive o prazer de tocar, e queria de novo. Balancei a cabeça para dissipar aquela tentação. Assim eu iria direto ao abismo.

— Será que você poderia deixar de ser tão arisca, mulher, e me ouvir, por favor — ele pediu.

Eu neguei com um movimento de cabeça, tentando tirar as mãos dele dos meus ombros.

— Não temos nada a conversar...

Ele me segurou forte.

— Como não? — Apertou ainda mais a mão em meu ombro. — Vamos sair da chuva, vem? — Me arrastou em direção ao seu carro estacionado de qualquer jeito ali na guia.

— Não vou a lugar algum com você, o que é que está fazendo aqui? — Me libertei de suas mãos e quando fui correr em direção ao portão da garagem, o salto do sapato enroscou em uma pedra irregular solta no chão, fazendo-

me torcer o pé. — Ai — gemi sentindo uma fisgada dolorosa no tornozelo, quando ele, em sua linda expressão preocupada, me segurou pelo ombro para não cair.

— Você está bem, se machucou? — Eu neguei com um movimento de cabeça.

— Só vou ficar bem quando você me deixar em paz — falei firme, porém ele sequer deu atenção, pegou-me em seu colo e correu comigo para dentro da garagem. Neste instante, o portão começou a se fechar.

Surpreendentemente o frio e a chuva fizeram me sentir ainda mais aconchegada com nossas roupas ensopadas.

— Não posso deixá-la nesta situação — disse ele de forma autoritária, me irritando.

— Me coloca no chão agora! — ordenei entredentes. Emaranhei meus dedos em seu cabelo molhado na nuca, puxando-o para longe.

— Vai mesmo arrancar meus cabelos? — questionou, fazendo careta de dor. Envergonhada soltei. Eu não tinha outro jeito de lidar com ele. O fato é que ele me tirava do sério, do meu juízo normal.

— Desculpa — falei num fio de voz. O canto de sua

boca se levantou num discreto sorriso.

— Assim está melhor — disse ele movimentando o pescoço de um lado ao outro, talvez eu tenha puxado um pouco forte demais. Meus olhos se prenderam às gotas descendo por seu rosto, tudo dentro de mim estava estranho. *O que é isso que estou sentindo?* Eu não compreendia o porquê de todo aquele turbilhão dentro de mim ou compreendia? Eu não sabia definir mais nada, infelizmente. A verdade é que eu parecia uma boneca nas mãos dele, estava totalmente entorpecida. — Olha não quero tomar seu tempo precioso, Mary, só vou te levar para o apartamento da Ana, e analisar o ferimento do seu tornozelo, depois eu vou embora, eu juro. Tudo bem?

Dei de ombros apenas e quem tinha condições de se manifestar? Só o meu corpo fazia isso, sentia uma necessidade de tocar aqueles lábios carnudos, senti-lo contra minha boca. Eu queria tudo dele... Nossa!

Mesmo encharcado, era possível sentir seu tortuoso perfume; em contato com aquele corpo forte eu me arrepiava e me excitava. Não podia nem fechar os olhos para não reviver a noite magnífica que tivemos. Eu tinha

que ter em mente quem era ele, e quais eram seus planos sórdidos. Eu precisava encontrar um jeito de ferrar com ele, fazer seu jogo sujo.

Ele me levou para a cozinha, onde o piso era frio para não molhar o apartamento. Achei interessante a sua atitude, e lá estava eu novamente, babando.

— Senta aqui. — Puxou a cadeira e me ajudou a sentar, e se abaixou à minha frente — Deixa eu olhar o seu tornozelo.

Lentamente ele tirou meu sapato, não sentia mais dores foi só na hora, no entanto fiquei ali admirando o seu cuidado comigo, e confesso que estava adorando toda aquela atenção. Eu não assimilava o que era aquilo, a sua presença despertava algo no mais profundo de mim, uma coisa esquisita que estava além da minha compreensão, me fazendo esquecer do resto: que eu tinha uma vida me esperando, um noivo que me amava e que eu sempre o respeitei, que aguardava o meu retorno para a realização do nosso enlace matrimonial. Eu tinha consciência de tudo isso, no entanto mal conseguia pensar com o Fernando ali tão próximo.

Com um jeito muito especial, levantou meu tornozelo para próximo aos seus olhos intimamente lindos, ao primeiro toque da pele de sua mão quente na minha, eu me arrepiei. Engoli com força e notei que ele também.

Um momento que teria tudo para ser silencioso se não fosse as batidas fortes de nossos corações. Era incrível aquilo, extremamente sedutor... Seus olhos se arrastaram até os meus lábios entreabertos e ele sorriu fraco. Um sorriso que aqueceu o meu coração.

— Está tudo bem com o seu tornozelo — balbuciou ele. Se levantou em seguida e ficou ali parado sem reação à minha frente, com suas mãos caídas na lateral de seu corpo minando ao nosso redor que formava um lago.

Meus olhos fixaram na altura do seu quadril, era nítida sua excitação na calça social cinza-claro molhada, grudada em seu corpo, tanto quanto o tremor em suas mãos porque fazia movimentos de abrir e fechar, na tentativa de relaxar. Toda aquela visão dos infernos fazia meu corpo vibrar e o calor foi tomando conta e se concentrou no meio das minhas pernas. Eu tinha medo de levantar meus olhos, pois sabia o que aconteceria, a magia estava no ar.

Ele então tomou a iniciativa e pegou em minhas mãos me puxando para si, sem encontrar nenhuma resistência.

Sem soltá-las juntou as duas, pressionando contra seu peito ao mesmo tempo que colou sua testa na minha. Ambos estávamos com os olhos fechados, ofegantes, enquanto o calor de nossos hálitos junto com a respiração acelerada se misturava causando uma emoção que nunca senti antes.

Ali, eu me esqueci de tudo, me fiz de surda, joguei a razão para o espaço, eu sabia que poderia me arrepender por me permitir ser feliz, era exatamente assim que me sentia. Feliz como nunca fui antes nos braços de alguém. Os seus olhos pararam nos meus, e começou a passar lentamente seu nariz no meu, uma atitude totalmente tortuosa, o carinho causava uma contração dolorosamente gostosa em minha intimidade já encharcada, gritando por ele. Tudo ali era muito devagar, ambos degustávamos um do outro, pelo menos era assim que sentia, imaginava. Sua boca pressionou a minha roçando-a.

— Eu quero você, Mary... — ele murmurou sobre ela, fazendo minha respiração falhar — preciso urgente de

você.

Suas mãos soltaram a minha e desceram lentamente pelo meu ombro deslizando até minha cintura e quadril pressionando contra sua ereção a ponto de explodir. Eu precisava dele na mesma intensidade.

— Por favor, Mary... me deixa sentir você mais uma vez... por favor... — seu sussurro arrancou um gemido profundo, aumentando a temperatura a ponto de nossas roupas começarem a secar em nossos corpos.

O pinguinho de juízo que ainda existia em mim, se manifestava pedindo para não deixar aquilo seguir em frente.

— Ah... me… solta... — disse meio arrastada e sem ar. — Por favor... — A necessidade de afastar era enorme, só que eu não tinha controle do meu corpo e ele sentia a minha entrega e fazia disso seu trunfo. A única força que eu tinha naquele instante era de me arrepiar e me permitir sentir. Aquilo atravessou a barreira do universo, era transcendental.

Ele negou, e me devorou, sua língua invadiu minha boca num beijo feroz, faminto, urgente.

Sua mão puxou e segurou a parte de trás do meu pescoço quando nossos lábios separaram para respirar. Seus olhos ardentes de tesão examinavam minha expressão, totalmente em rendição.

— Me fala olhando em meus olhos que você não me quer, que não me deseja, fala...

— E-eu... — Não podia dizer-lhe a verdade de minha boca, porém ele fez a leitura dos meus olhos e meus gemidos e me virou de costas para ele, encaixou seu pau duro na minha bunda e suas mãos faziam um tour pelo meu corpo enquanto eu, derretida, curtia seu atrevimento.

— Senti falta deste seu cheiro — cochichou com a voz rouca em meu ouvido, aspirando profundamente, me fazendo arrepiar. — Por favor... deixe-me sentir você... — pediu novamente. — Você me deixa com muito tesão — sussurrava à medida que seus lábios desciam roçando na pele do meu pescoço, uma loucura! — Vamos lá, linda, me deixa enterrar bem gostoso... — Meu coração disparou na expectativa.

Era muito estranho a sensação, mas o fato é que eu me sentia protegida nos braços dele. Um absurdo que eu

mesma não compreendia, ele realmente era torturantemente envolvente!

Inclinei minha cabeça para trás, para que eu pudesse olhar em seus olhos, ele apenas sorriu preguiçoso, massageando meus seios de forma firme e sensual me deixando completamente excitada. Eu o queria muito, ele nem imaginava o quanto! Minha resposta veio com o meu gesto, inclinei meu corpo e levantei meus braços enlaçando em sua nuca deixando tudo à sua disposição.

Ele suspirou, tremendo, esfregando-se com gosto e meu corpo ansiava por mais, passava suas mãos em meu corpo, sentindo seu pau pulsando em mim, enquanto ele dizia em meu ouvido o quanto eu era linda e gostosa, que a minha pele parecia uma seda de tão macia, o quanto amava me sentir. Palavras que penetravam, tocando diretamente a minha alma, e aquilo me deu a certeza de que não era mais possível deter.

Uma de suas mãos soltaram do meu seio e desceu até para baixo da minha saia e fez o caminho de volta levantando-a, acariciando minhas pernas, apertando o interior das minhas coxas, subindo lentamente por ela.

Sentindo a minha umidade através da calcinha, ele tremeu. Minha respiração travou.

— Olha só... está toda molhadinha, que delícia — ele sussurrou mordendo minha orelha e arfei empurrando meu quadril sobre seu pau pulsando, eu estava desesperada, porque ele me deixava assim. Eu fechei meu olho quando seu dedo afastou a calcinha deslizando em minha lubrificação do amor, de cima a baixo, circulando pelo meu clitóris inchado e pulsando de uma forma dolorosamente gostosa.

— Porra, Fernando! — Escapou junto a um gemido, que o deixou alucinado. Falando palavras picantes, seus dedos faziam movimentos tortuosos e arrancando-me gemidos baixos. Eu me contorcia toda, me empurrando contra seu dedo, eu via estrelas literalmente. Gemendo com os olhos fechados com aquela sensação magnífica, senti espasmos pelo meu corpo enquanto com o dele trêmulo, eu só conseguia pensar no seu pau gostoso entrando em mim, devorando-me.

— Geme pra mim, gata — ele sussurrou no meu ouvido, eu me soltei e obedeci. — Você é tão apertadinha e

gostosa... Eu preciso disso, eu preciso de você...

Soltei uma das mãos do seu pescoço e tentei enfiar pelo cós da sua calça, eu queria senti-lo em minhas mãos, mas não tinha espaço para ela.

— Deixa eu te ajudar — murmurou com a voz abafada de tesão. Com as mãos trêmulas abriu o botão e desceu o zíper, o resto eu fiz enquanto a mão veio macetear meus seios; e a outra, continuou ali sentindo minha umidade, o meu calor.

Enfiei minha mão, ele estremeceu ao sentir minha mão envolta do seu instrumento enorme e deliciosamente duro pulsando. Peguei seu eixo rígido e apertei.

— Ah... — ele gemeu em meu ouvido, suspirava sentindo meu toque, movimentando-me sobre seu pau duro apertando-o; as contrações em meu centro ficavam cada vez mais doloridas sentindo o pulsar contra minha mão.

— Por favor... eu preciso sentir você, Mary... — ele falou e já abrindo o zíper do meu vestido e deixando-o cair ao chão, desceu minha calcinha até meu quadril; em seguida, desceu sua roupa; e com a mão em minha nuca, inclinou-me o suficiente. Então eu senti a ponta do seu

pênis contra o meu clitóris.

— Céus! — Eu mal conseguia respirar, não dava... A sensação de prazer em senti-lo em contato comigo, me deixou sem condições de mais nada a não ser me entregar.

Seu rosto pressionava a pele nua de minhas costas, eu delirava sentindo o calor de sua respiração e suas mãos seguraram em minha cintura me apertando mais contra ele, eu me movimentava o deixando louco; ele tremia e não era pouco, e comigo não era diferente com aquela cabeça enorme roçando em mim.

— Eu quero entrar em você, por favor... Me permita entrar em você, na sua pele. Eu preciso de um sim... — Sua voz rouca e urgente me fez entreabrir os lábios para um sim, eu estava ganha, não havia espaço para juízo, não mesmo. Meu corpo formigava, eu esquecia da proteção necessária, de quem era ele, e porque estava aqui. Ele me fez esquecer de tudo. — Eu tenho muito a explorar de você, antes...

Não houve tempo dele completar a frase, não houve tempo de eu dizer que sim, o celular no bolso do paletó era tão estridente que acabou tirando a nossa

concentração. E quando o toque deu lugar a uma mensagem de voz masculina, eu congelei na primeira frase, senti um balde de gelo sobre minha cabeça e comecei a tremer.

— E aí, cara, onde você se meteu? O mundo caindo aqui na empresa, e você evaporou sem dar sinal de vida... Não podemos perder tempo, Fernando, é preciso agir rápido contra a ativista, preciso terminar o contrato que a Késsia lhe entregou para leitura e dar entrada logo, antes que a ativista dê seu bote, senão eu quero só ver...

Branco, Fernando pegou o celular no bolso e travou me olhando perturbado.

Abraçada ao meu corpo nu, eu tremia, meus lábios tremiam... de frio, de nervoso, agora sim sentia o efeito da chuva. Eu me sentia péssima, um ser desprezível, eu não podia acreditar que, mais uma vez, me deixei levar pelo seu joguinho de sedução.

Meu Deus!

Eu fazia um esforço fora do comum para reprimir as lágrimas que pressionavam meus olhos para saírem, eu não poderia demonstrar fraqueza, era exatamente isso que

ele pretendia... Solucei disfarçadamente com aquele nó na minha garganta me sufocando. *Agora eu entendi a sua frase: "Eu tenho muito a explorar de você, antes... antes de te foder"*, completei em pensamento a frase dele.

— Mary... — Ele ficou ali estático com as calças arriadas me olhando com aquele pênis maravilhosamente grande, gostoso e ereto apontando em minha direção tipo: "eu não tenho nada com isso".

— Já chega, Fernando, deste joguinho sujo entre nós. Vamos ser práticos agora, transparentes. — Suas sobrancelhas se juntaram dando uma de desentendido.

— Do que você está falando? — Ele avançou alguns passos. Com a mão estendida para ele parar, eu recuei os mesmos passos. Muito perto, eu não teria chance para sustentar a postura firme que adotei com muito sacrifício, só Deus sabe o esforço que eu fazia para não me desmanchar em lágrimas.

— Estou falando que já basta deste joguinho sujo de sedução. É bem isso... — Ele balançou a cabeça em negação, seus olhos tinham um brilho lindo, eu poderia dizer que eram apaixonados. *Ah, como eu queria que*

fosse isso mesmo. Solucei disfarçadamente. — É o seguinte, vamos ser claros e objetivos, Fernando. Estou aqui justamente para impedir o projeto que você vislumbra bilhões, sem se importar com o sentimento de ninguém e que se foda o mundo. Ou seja, eu sou a ativista como disse o rapaz ao telefone, sou uma pedra no seu sapato mesmo. — Coloquei meus cabelos caindo na lateral do meu rosto atrás da orelha e continuei tentando ser convincente: — E não vou sossegar até que consiga levar paz aqueles coitados que você quer tirar o pouco que lhes resta. E você que siga seu objetivo e vá se defender, estou farta desta sujeira que nós dois começamos.

— Que sujeira, Mary? — ele falou, indignado, subindo as calças e fechou enquanto eu me agachei para pegar o meu vestido, minhas mãos tremiam tanto, que não conseguia achar a parte do vestido para vestir.

E neste vira-vira o meu celular caiu ao chão e acionou sozinho o alarme. Sentia pontadas em minha cabeça com o som insuportável. Nervosa, eu apertei vários botões porque só queria que aquilo cessasse; quando consegui,

coloquei de volta no bolso e finalmente me vesti. Logo depois passei como um furacão por ele e corri para a sala e ele me seguiu. — Acredito que há algum equívoco acontecendo aqui — ele tentou mais uma vez colocar a mão em mim e novamente me afastei.

— Por favor, não coloque mais as suas mãos em mim. Como eu falei agora, o assunto é outro. — Seus olhos passeavam pelo meu rosto com imprecisão, então ele fechou e os abriu novamente.

— A pauta aqui é sobre nós, sobre o que sentimos. Apenas isso...

Soltei uma gargalhada alta, eu não conseguia compreender a sua cara de pau, e pior de tudo, sua voz, seu olhar, seu jeito... tudo nele soava sincero, que ator espetacular que ele era, Jesus! Coloquei as mãos na cintura e fiquei olhando alguns instantes para o teto, ouvindo sua respiração pesada; meu coração batia tão forte que parecia que quebraria a minha costela; o nó em minha garganta dificultava a minha respiração.

— Que hipocrisia, meu Deus! — A minha ironia o deixou possesso, afinal estávamos possessos.

— Ah... — grunhiu ele passando a mão nervosa pelos cabelos molhados. — Eu não estou entendendo esta sua ironia, poderia me explicar, por favor?

Joguei meu olhar frio sobre ele, ganhando um olhar apertado, e suspirei... Ele era muito irresistível, e desviei os olhos rapidamente para não cair em tentação e beijar aqueles lábios apetitosos.

— Ah, não... — Ele movimentou a cabeça num movimento negativo. — Então eu vou explicar para você. É o seguinte: Não *existe* nós — frisei. — Nunca existiu, entendeu agora? Ou preciso desenhar para você entender?

Seu rosto ganhou um vermelho no instante que inalava muito ar para seus pulmões, bufando de ódio. E soltou com força, como se estivesse buscando o equilíbrio que o abandonava.

— É mentira, sua... Você gostou, eu sei que sim, você mesma falou... — *Eu amei cada instante em seus braços.* Forcei outra gargalhada quando ele correu e segurou forte em meu ombro, as pontas de nossos narizes quase se encostando, eu estremeci com o calor de sua respiração em contato com a minha pele e me segurei, eu precisava

me aguentar... — Não faça eu te odiar, Mary, o que aconteceu entre nós foi especial, não fica debochando como se tudo fosse uma brincadeira para você... — Revirei os olhos sustentando o riso.

— Ah, meu amigo, as pessoas mentem às vezes, quando querem alguma coisa. Eu já estou acostumada a brincar assim, para mim não foi nenhuma novidade — desdenhei.

Ele me sacudiu.

— MENTIRA! — gritou ele. — Você gostou, vai, fala a verdade! — Seus lábios mordiscavam meu pescoço e sua língua quente me deixava louca. Eu resisti respirando fundo. — Gostou da minha virilidade, curtiu, fala sério?

Com as mãos em seu peito, eu o empurrei rindo na cara dele, desdenhando ou me esforçando para conseguir, este era realmente o meu objetivo. Era a única forma de me vingar, pelo que fez comigo, me ganhando na sedução e eu me permitindo. *Que ódio de mim!* Novamente reprimi meus lábios com o nó na garganta, eu almejava muito chorar.

— Ah, Fernando, você não achou que fosse tudo isso, né? — Ele ficou mudo, seu olhar chocado parou em meus

lábios. — Cai na real, meu filho... Você está a milhões de distância para conseguir satisfazer uma mulher, imagina! — A frieza de minha voz enganou até a mim mesma.

Para continuar naquele jogo, eu corri para a cozinha o deixando ali sozinho. Apoiei-me no mármore da pia. Quando vi que ele vinha no meu rastro, abri a torneira aguardando o copo encher de água fresca e virei de uma vez na boca para ver se refrescava aquele calor que tomou meu corpo e me virei. Ele estava ali encostado no batente da porta, com os braços cruzados, imóvel.

— O que foi, por que não foi embora ainda? Quer saber mais da verdade? — Ele me olhava, indignado. — Então, tá. Se é o que deseja, vou dizer: você é péssimo na cama, a pior das minhas experiências, eu já vi melhores... Não faz ideia quantos! — Encostei minha bunda na pedra com as mãos apoiada nela para não cair de tão mole que estavam minhas pernas, encarando-o, eu estava me odiando pelo fato de ser cruel. Mas ele merecia, jogava sujo, como estava jogando comigo. Uma moeda de troca.

— Eu não quero pensar que você é uma vadia... — balbuciou. Sentia algo diferente nele, ele não reagia e me

perguntava onde estaria o Fernando arrogante, frio e calculista.

— Não sou uma vadia, eu sou prática, Fernando. Quando tenho um objetivo traçado, eu não meço esforços, enfrento sem pensar nas consequências. *Mentira, eu nunca fui assim.* Eu vou provar para você quem eu sou, vai sentir a minha força, vai parar aquela obra por bem ou por mal...

Assustei-me com a sua reação, meus olhos saltaram quase para fora quando ele descruzou o braço e esmurrou o batente com violência.

— É briga que a senhorita quer, é? — Por que eu perguntei dele? Ele estava ali agora e estava receosa com sua frieza.

— É por isso que estou aqui, para impedir sua ganância.

— Você é uma vaca, isso sim... E pode tirar o seu cavalinho da chuva para não se molhar! — vociferou entredentes vindo até minha frente, inclinando-se de forma intimidadora e conseguiu. E arquei para trás evitando me chocar com ele. — Eu vou continuar meu projeto de

milhões e não é uma biruta como você, e um bando de pobres coitados que não tem aonde caírem mortos que vão me fazer desistir. Eu quero que todo mundo se foda! — gritou fazendo meu coração disparar.

E com seus passos apressados seguiu em direção à porta.

— A justiça vai nos apoiar. Você vai ver, seu arrogante metido a besta! Vai ter que enfiar o rabinho no meio das pernas e engolir esta sua grosseria! — gritei quando ele parou com a mão no trinco. *Ai, meu Jesus Cristinho!* Senti medo dele, quando se virou e me encarou com fúria.

— Para seu governo, minha filha, e eu já te falei isso uma vez, eu detenho o poder, o dinheiro... Idiota de juiz algum vai julgar a causa desfavorável... E sabe por quê? Primeiro que homens como eu fazem a diferença — disse ele friamente batendo a mão direita aberta no peito. —, e segundo porque a corrupção corre solta neste país! Então, minha querida, nada que uma malinha de dinheiro... de pinga para mim, possa resolver o meu problema... Conforme-se.

Solucei sem mais conseguir me segurar, seus olhos se

apertaram arrependido e veio até mim, me abraçando, me beijando e me deixando com as pernas bambas.

— Não é nada disto, Mary, é da boca para fora...

— Não. — Levantei minhas mãos diante de nós ele parou respirando fundo.

— Me desculpa, eu não quis dizer isto, foi da boca para fora, verdade! Eu não sou tão frio e calculista como você me acusa. Eu só estou tentando te atacar, poxa, você está me ofendendo! Por favor, a lei é séria, os juízes também. E eu jamais compactuaria com isto, mesmo porque na primeira tentativa eu seria preso, falei apenas besteira. Me perdoa. Poxa, você é muito irritante, às vezes!

Meus lábios começaram a tremer olhando em seus olhos profundos, tristes. De novo, ele tentava me ganhar no papo e eu não iria consentir, não mais.

— Não tenho o que perdoar, apenas estamos jogando... É uma moeda de troca, Fernando — falei da maneira mais gélida que consegui. — É melhor você sair logo daqui, e, por favor, já que não vai pagar pelo conserto do meu carro, então que tenha dignidade de não envolver a minha tia neste nosso assunto. Precisa se lembrar da dedicação

que ela sempre dispensou a vocês. É o mínimo que você pode fazer.

Ele balançou a cabeça, fechou os olhos e quando abriu levantou os dois braços como se estivesse relaxando, e então sorriu friamente e deu-me as costas, abriu a porta da sala e saiu fechando-a violentamente me fazendo pular de susto.

Sempre fui uma pessoa emotiva, uma manteiga derretida chorando pelas causas dos outros, entretanto agora estas lágrimas me incomodavam, não era para ser assim. Fechei meus olhos, e lágrimas reprimidas começaram a descer como uma enxurrada pelo meu rosto. Era como se eu chorasse por uma vida inteira, sem conseguir mais segurar meu corpo sobre as pernas me deixei cair sentada na cadeira e chorei. Chorei tudo o que dava para chorar aos soluços.

— Mas por que eu choro tanto por ele? E por que estou chorando? Eu não deveria chorar por ele, existem motivos muito importantes para me emocionar, afinal o conheço em tão pouco tempo, não faz sentido. — Minha voz saiu abafada com minha alma em pedaços. Só o ódio poderia

secar minhas lágrimas, mas eu não conseguia odiá-lo.... Por quê?

Eu sentia medo da resposta, eu não a queria, não podia me esquecer que me casaria dali a alguns dias com uma pessoa especial. Eu já estava sendo muito injusta trilhando por este caminho. Me levantei dali exausta, precisava parar de lamentar. Peguei o rodo e um pano de chão na lavanderia e sequei toda a casa para minha tia não perceber o que aconteceu ali. Deixei tudo em ordem, fui para o banheiro tirei o vestido, calcinha, sutiã e torci, tirando o máximo de água que consegui, minha mala de roupa estava no carro e ali no apartamento não havia nenhuma peça de roupa que me servisse. Escovei o meu cabelo e me vesti novamente, sem me importar com a roupa amarrotada. Eu precisava dar um basta em tudo aquilo de uma vez.

Minha tia querida,

Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que te amo do fundo do meu coração. E espero que um dia você possa me perdoar pelas tantas mentiras que lhe contei. Eu me senti uma traíra, no entanto não foi minha intenção, só agi conforme a minha consciência. Eu nasci com este espírito de luta e acredito que vou morrer com ele, não tem jeito.

Eu não vim a São Paulo para fazer curso algum, meus objetivos foram outros que não posso lhe contar, embora a senhora saiba, não é mesmo?

Bem... agora estou voltando para casa e espero que a senhora consiga uma folga para ir ao meu casamento. Me deixaria muito feliz, afinal somos só nós duas. E me desculpa por não lhe oferecer a vida que sempre sonhou.

Te amo, tia, e fique com Deus, tá?

Deixei o bilhete em cima do balcão, respirei fundo e segui meu rumo até o Fórum de São Paulo. Juntaria logo este abaixo-assinado à ação e esperaria pelo julgamento do juiz, não havia outra opção, eu não me sentia mais

capaz, só assim minha vida poderia voltar ao normal.

Assim que cheguei fui direto para o banheiro e troquei minha roupa, o ar estava gelado, vesti uma calça de brim preta, uma camisa de seda branca de mangas longas e bufantes, por cima um blazer na altura da cintura na mesma cor da calça. Uma sandália de salto nude, era a única que deixaria mais elegante para circular no fórum. Retoquei a maquiagem deixando bem natural

Está ótimo! Suspirei dobrando o vestido molhado quando esqueci do meu celular, que caiu no chão novamente e novamente o alarme ativou.

— Que droga, deve estar com mau contato — falei em voz alta, pressionando um botão e, sem perceber, apertei o botão do gravador e não acreditei no que ouvi. Toda a minha discussão com o Fernando foi gravada ali, na íntegra.

Fiquei pensativa com mil coisas passando pela minha cabeça, a minha criatividade acendeu seu pisca alerta. Aquela gravação editada e os autos do processo junto com o abaixo-assinado me daria a grande vitória.

"É muito sórdido, Mary... não pode usar sua

criatividade para o mal!", minha consciência alertou-me. Porém, minha razão ficava me incitando, dizendo que ele era um calhorda, eu jamais deveria refletir em favor dele e que a causa pela qual eu lutava era muito maior. Aquela era a chance de levar alegrias aos corações daquelas pessoas, que já perderam a esperança. "Não, Mary, isto está errado, não... Apaga logo esta gravação antes de fazer merda!", meu coração se intrometeu também.

— Ai! Ai! — gritei, pulando freneticamente em agonia agarrada ao aparelho. — Ai, meu Pai do Céu, me ajuda! — rogava por seu amparo. Eu precisava de uma luz, me sentia tão perdida... sozinha. Uma decisão difícil, no entanto, era necessária, apesar de tudo o que o Fernando me fez, ele e os administradores daquela maldita empresa, eu ainda não queria seguir com esta ideia... dizer que eu daria o bote... *Que absurdo!* Isto sim é sórdido... Então, por que eu estou hesitante? Não estou fazendo nada além do que ele faz comigo... — Me ajuda, meu Pai! — pedi com os olhos sobre o teto, ofegante.

Eu tinha que decidir por um lado, ou pelo outro.

"Você não é esta pessoa horrível, Mary. Há formas mais

dignas para atingir o seu objetivo", a voz da minha consciência se manifestou.

Eu não via outra alternativa, ali estava a forma de eu não voltar uma fracassada. Era inegável que ali na minha mão estava os maiores dos trunfos. Enquanto analisava em silêncio, de repente eu revivi aquele documento ao qual ele entraria com um processo com o argumento que eu difamava a empresa e seus administradores, e a outra frase que ele disse que tinha muito a explorar antes... É claro que ele falou sem querer, por isso não completou ao perceber a grande burrada que faria.

Ali estava o incentivo para seguir em frente, não havia mais dúvidas. E não estava com tempo de refletir mais...

Saí dali para procurar uma *lan house* a fim de editar aquele áudio e, para piorar a minha situação, meu carro resolveu abrir o bico, aquilo me deixou arrasada, pois significava mais um dia na cidade até sua manutenção, não podia seguir viagem com ele naquele estado. Ele começou a falhar e morrer e foi um Deus nos acuda até encontrar o estabelecimento. Pedi ajuda de um dos funcionários, para me ajudar a editar o áudio.

É o seguinte, vamos ser claros e objetivos Fernando. Estou aqui justamente para impedir o projeto que você vislumbra bilhões, sem se importar com o sentimento de ninguém.

... levar paz aqueles coitados que você quer tirar o pouco que lhes resta.

— Eu vou continuar meu projeto de milhões e não é uma biruta como você e um bando de pobres coitados que não tem aonde caírem mortos que vão me fazer desistir. Eu quero que todo mundo se foda!

... A justiça vai nos apoiar, você vai ver...

— Para seu governo, minha filha, e eu já te falei isso uma vez, eu detenho o poder, o dinheiro... Idiota de juiz algum vai julgar a causa desfavorável... E sabe por quê? Primeiro que homens como eu fazem a diferença; e segundo porque a corrupção corre solta neste país! Então, minha querida, nada que uma malinha de dinheiro... de pinga para mim, possa resolver o meu problema.... Conforme-se.

Não era exatamente o que meu coração pedia, só que aquele imbecil não me deixou outra alternativa.

Capítulo 8

Fernando

-FILHA DA PUTA, FILHA DA PUTA! — Esmurrava o volante com a mão direta com violência. — Quem ela pensa que é para falar comigo daquele jeito? Nenhuma mulher ou ninguém nunca me peitou assim, então por que eu deixava ela me espezinhar? — VADIA! — gritava como se daquele jeito eu pudesse me vingar.

O resultado não era este, ao contrário. Sem a minha permissão, as lágrimas abandonavam meus olhos seguindo pelo meu rosto. Era incrível o que aquela mulher causava em mim, comecei a rir da minha vulnerabilidade. Quanto mais aquela arisca me enfrentava, mais eu a queria. Ela se tornava interessante, nunca me senti assim por mulher alguma, eu estava literalmente de quatro. E não era só eu, meu pau pensava da mesma forma. Com todo aquele rancor, ele conseguia se manter em pé, ereto e ainda gritando pela sua umidade e seu calor.

— Droga! — Esmurrei, mais uma vez, o volante. Eu estava sem controle, era capaz de matar qualquer um que

surgisse em minha frente. Eu precisava aliviar meu tesão, meu coração estava inchado dentro do peito, me dando a sensação de que o espaço interno do meu tórax não era mais o suficiente para ele.

O sol finalmente resolveu dar suas caras, batendo forte em meu peito e o aquecendo e aquilo piorou o meu estado de espírito novamente e me deixei chorar, magoado. Eu estava disposto a abrir meu coração, entregar a ela de bandeja. Eu não me conformava com a sua recusa, o que mais doía era o fato dela dizer aquelas palavras duras.

Será que ela tinha mesmo razão? Não, não! Balancei a cabeça, duvidando, pois se fosse mesmo como ela diz, alguma mulher já teria reclamado. *Ou não?* Esta raça é unida, de repente elas comentam entre si e riem da minha cara... e eu me achando... *Caralho!*

— Esquece isso, Fernando... você sabe que seu instrumento ganha de muitos homens, não encuca.

Aquela diaba além de despedaçar o meu coração, me humilhar, ainda me planta a semente da dúvida.

— VADIAAAA....

Eu não sabia mais o que pensar ou agir, se eu lamentava

o acorrido, mas, de repente, comecei a lamentar mais sobre este assunto que ela jogou no ar. Eu precisava confirmar isso.

E foi neste espírito que passei pela porta de vidro, os seguranças assim como o atendente atrás do balcão de informação, que me esqueci seu nome de tão nervoso que me encontrava, me olharam, estranhando o fato de eu estar encharcado, sentia a água entrar por meu sapato e meu pé ficar escorregadio.

— Bom dia, senhor Fernando! — ele me cumprimentou cordial e eu apenas assenti. Não tinha condições de falar, eu estava muito emocionado e não queria pagar nenhum mico. Tinha que permanecer firme, e demonstrar minha postura séria, uma forma que conquistei para impor respeito.

Olhos curiosos vinham de todos os lados quando a porta do elevador deslizou. Eu me mantive sério, ignorando a todos, e segui pelo corredor em direção à minha sala, sem responder os vários bons dias que surgiam de todos os lados. Naquele instante odiei a empresa por ser tão espaçosa, não chegava nunca à porta

da sala da Estefânia.

— Senhor Fernando! — O tom surpreso na voz de Estefânia não era diferente do seu olhar.

— Eu preciso que me arrume roupas secas, por favor — ordenei sem olhar em sua cara,

— Sim, senhor. — Sua voz soou muito estranha. Entrei na minha sala e fechei a porta atrás de mim.

Salvo das especulações na privacidade da minha sala, soltei o ar com força olhando o horizonte através da janela, com o coração apertado. Meu pensamento era só a Mary quando o interfone sobre a minha mesa tocou. Escorreguei meus olhos até o aparelho, embora estivesse sem condições eu precisava resolver os problemas da empresa, só não sabia como, enfim larguei a maleta sobre o sofá à direita e depois me joguei em minha cadeira e atendi.

— Alô... — Minha voz saiu tensa e o Juliano notou.

— Até que enfim você chegou, Fernando! Nossa! O que aconteceu? Estou te achando estranho! — Até parece que com apenas uma palavra curta ele poderia definir meu estado. Balancei a cabeça impaciente, alguém com certeza

deveria ter dado com as línguas nos dentes e contado sobre o estado como cheguei na empresa.

— Precisei resolver alguns imprevistos, e agora estou aqui, não estou?

— Ok... não precisa se alterar — disse ele calmamente.

— Ninguém aqui está alterado. — Eu não sei quem eu queria enganar.

— Tudo bem, olha só... a maquete ficou pronta. Poderia dar um pulinho aqui na sala de reunião? A dona Vera, sua mãe, está aqui. — Uma informação não muito agradável, mas enfim eu precisava me recompor, separar as coisas...

— Só me dê um segundo, vou usar o banheiro e, em seguida, vou. — Assim que desliguei o telefone, a tristeza queria me dominar. Eu me recompus pensando que não podia perder a minha fama de homem forte dos negócios. Este jeito palerma não poderia continuar. E pensar que eu sempre critiquei homens palermas apaixonados, sofrendo por causa de uma mulher.

De repente, isso seja mesmo da natureza humana. O que eu nunca acreditei antes.

Me concentrar em minhas obrigações era o melhor a

fazer, eu só precisava separar as duas coisas, juntas eu não daria em lugar algum.

Estefânia bateu à porta.

— Pode entrar — autorizei. Com a mão acima da sua cabeça, entrou segurando o cabide com o terno preto.

— Com licença, aqui está sua roupa. — Me levantei e peguei o cabide de sua mão.

— Obrigado, Estefânia.

— Imagina! — Educadamente e discreta como sempre ela saiu da sala.

Vesti o terno sem a cueca, pois a que estava usando estava encharcada. Penteei meus cabelos e segui para enfrentar o mundo real.

— Que beleza de projeto, Juliano! — Pelo vão da porta eu ouvia a minha mãe analisando a maquete com olhos brilhantes, admirados lindamente maquiados. Respirava fundo me preparando para conversar de forma imparcial para ninguém notar o que se passava comigo. — O Fernando é mesmo um visionário, o pai dele teria muito orgulho se estivesse vivo. — Ao seu lado, Juliano concordava com a cabeça, orgulhoso também, afinal tudo

aquilo tinha um pouco dele também.

— Realmente foi uma excelente sacada... então aqui olha... — ele explicava todos os detalhes, ganhando suspiros de admiração de minha mãe, encantada. Fiquei feliz e, ao mesmo tempo triste, pois nunca pensei que o projeto que me deu tanta satisfação e ganhei tantos elogios pudesse me trazer tamanha tristeza.

— Não é mesmo maravilhoso? — perguntou Juliano com a boca cheia, ajeitando todo orgulhoso, o terno azul royal no corpo. Ele gostava de ousar nas cores e acertava sempre.

— Este projeto inovador além de trazer o progresso para Porto Alegre ainda vai render-nos bilhões — explicou meu tio, de frente para a irmã, do outro lado da mesa de reunião, no centro da enorme sala com vinte cadeiras de estilo europeu com seus encostos estampados e macios onde foi montado a maquete, enquanto fechava o botão do paletó cinza-chumbo. Ela olhou para ele, sorrindo.

— Arruma o cabelo. — Minha mãe alertou-o mostrando com seu dedo na própria testa a fim de mostrar onde

estava errado.

Ele rapidamente passou as duas mãos pelos cabelos castanhos e continuou:

— O Fernando realmente está de parabéns — concluiu ele.

Engraçado, eu não conseguia me alegrar com tantas rasgações de seda.

— O que me preocupa, Juliano, são os custos disto... — E quando o Juliano deu os números, seus lábios se separaram, ficando apavorada.

— Nossa senhora! O Fernando é maluco... investiu tudo isso? — Juliano assentiu — Gente! Se não sair como planejado, vai nos levar à falência — pronunciou, preocupada.

— Vai dar tudo certo, eu tenho certeza — garantiu meu tio.

Senti um calafrio descer por minha espinha, havia tantas dúvidas em minha cabeça.

O Juliano contou sobre a ativista em detalhes ou quase, ainda bem que não citou o nome da Mary. Eu nem sei por que eu queria protegê-la, o correto seria dizer logo toda a

verdade pela empresa pertencer a ela também e deixá-la decidir. Só que me acovardei de um jeito que me odiei.

Ela não poderia ficar de outro jeito que não pasma e com a mão no peito. Notei sua respiração acelerada de medo.

— Pelo amor de Deus, vocês precisam fazer o que for possível para neutralizar esta ativista — disse com um tom voz de trêmulo.

Eu também sentia medo, mas só não sabia do quê.

— Fica tranquila, dona Vera — tranquilizou-a Juliano indo em direção ao frigobar e tirou três garrafas de água mineral. — Aceita uma água?

— Obrigada. — Ela pegou a garrafa de sua mão. — Depois desta informação, eu preciso mesmo refrescar minha cabeça. Nem sei se vou conseguir dormir esta noite.

— Como eu estava dizendo, não há motivos para tanta preocupação. Eu já estou cuidando de tudo, não tem como dar errado. Só preciso de aval do Fernando num documento que está em seu poder para entrar com um processo que vai nos favorecer com certeza, uma excelente defesa para a Albuquerque. — Ela sorriu

confiante diante de sua explanação.

— Sempre eficiente. Obrigada, Juliano, pela sua dedicação com a nossa empresa.

— Não faço nada além das minhas obrigações — disse mais uma vez todo orgulhoso e merecidamente.

— Mas enfim... Confio no meu filho, ele sempre soube o que faz. — *Sabia...* Agora eu estava perdidinho, perdidinho. — Todos os seus negócios foram muito bem-sucedidos. Puxou ao pai... — concluiu ela, respirando aliviada.

Ela tinha razão, eu não entrei nesta para perder e aquela vadia não vai mais me confundir. Com esta linha de raciocínio, eu entrei na sala.

— Mamãe. — Passei a mão por sua cintura e beijei-lhe o rosto macio e quente como brasa.

— Oh, meu filho... Estava aqui conversando com o Juliano e o seu tio sobre o projeto. Você está de parabéns, é magnifico.

— Obrigado, mamãe. Agradeça a eles também, que me ajudaram muito nesta faceta. — Olhei para os dois.

— Ah, eu já agradeci... — disse ela, sorrindo,

simpática. — Então, o Juliano estava me contando sobre o tal movimento da ativista que veio com um abaixo-assinado...

— Absurdo estes tipos de pessoas que não enxergam o progresso. — Segurei forte em suas mãos macias, olhando para o esmalte vermelho em suas unhas longas e lindas e inclinei-me, beijando-as. — O Juliano já está cuidando de tudo, vai neutralizá-la eu tenho certeza, não é mesmo, Juliano?

— Com certeza absoluta — garantiu ele, como sempre fazia. Botando maior fé no seu trabalho de extrema competência.

— É só mais um desafio, apenas isso… — emendei e ela sorriu ainda sem confiança.

— É preciso manter esta moça calada, afinal de contas o investimento deve ter esvaziado o cofre da empresa.

— Não se preocupe tanto, mamãe. — Beijei sua testa. — Vamos até minha sala para tomarmos um café juntos.

— Claro... Obrigada, Juliano e Gustavo...

— Não há de quê — os dois responderam ao mesmo tempo.

— Com licença — ela pediu e seguimos para a minha sala conversando sobre a Natalie.

Comentou que estava preocupada com a moça, da forma indecente que ela estava andando pela casa, e que estava pensando em mandá-la para sua casa e pediu minha opinião.

— Acho que a senhora deve fazer o que achar melhor — disse apenas, eu tinha problemas demais para administrar para ficar pensando na Natalie.

Após meia hora de conversa, com um monólogo onde só minha mãe falava, minha cabeça virou uma palestra. Era um tal de minha emoção opinar, a minha razão discordar e meu coração abobado bater descompassado no meio de tanta confusão.

Suspirei aliviado quando ela se mostrou decidida a ir embora, eu precisava de um tempo sozinho para colocar minha cabeça em ordem. Só que não conseguia, o café que sempre me acalmou agora me deixou agitado, ansioso. Me levantei e me servi de uma dose de uísque na lateral da minha mesa, peguei no frigobar algumas pedras de gelo e voltei à minha poltrona e fiquei ali girando sobre ela e

saboreando o líquido, nem o horizonte em esplendor se revelando pelo vidro foi capaz de chamar a minha atenção. Me distraí, até que Juliano interfonou.

— Fernando, você pode me mandar o documento, por favor? — Balancei a cabeça sem entender sobre que documento ele falava.

— Qual documento?

— Como assim, qual documento, Fernando? — Sua voz se alterou em advertência eu revirei os olhos buscando forças para não mandá-lo à merda. Afinal, eu mandava nesta porra toda. — O contrato que a Késsia te entregou. Você leu e está de acordo? — concluiu ele.

Contraí meu rosto, eu bem que sabia que estava esquecendo algo antes de sair de casa.

— Ah, Juliano! Esqueci o envelope no bolso da jaqueta, me desculpa.

Houve um silêncio indignado antes dele continuar.

— Tudo bem, Fernando, já entendi... Hoje você não está nos seus melhores dias, mas fica tranquilo que vou pedir para a Késsia imprimir novamente e te levar para a leitura. E, por favor, precisamos ser rápidos.

— Você fala e eu obedeço... — disse por fim.

— Preciso ir a uma audiência e não demoro, talvez fique ausente por duas horas, não mais do que isso.

— Vai tranquilo, eu vou ler o documento com calma e assino.

Dez minutos foi o tempo que a Késsia levou até surgir pela minha porta. Uma delícia, vestida com um tubinho preto até na altura do joelho com um decote fundo que valorizava seus peitões, não era assim tão justo o problema era a exuberância do seu corpo. Se o Juliano tivesse um pouco de juízo não a deixaria sair de casa com uma roupa como aquela. O fato é que senti uma fisgada no meu pau, recordando da promessa que ela fez da última vez, que estaria sempre sem calcinha. Com um bom arquiteto, já fiz aquela estrutura erótica em minha mente, ela era a pessoa ideal para tirar as minhas dúvidas.

— Passa a chave na porta, por favor — pedi. Seus olhos se apertaram e um sorriso safado se espalhou pelo seu rosto.

— Se você está mandando, eu fecho. — O tom de sua voz ecoou ao redor, jorrando sua saliva, repleto de

partículas sexuais. Ela veio com seus passos sensuais em cima do salto alto, alertando minha necessidade carnal.

— Eu posso colocar o documento aqui. — Ela inclinou-se ao máximo na lateral da mesa, esfregando aqueles peitões siliconados na minha cara, e colocou o papel sobre a mesa. Senti meu pau latejar dentro das calças, sem a cueca até machucou pressionando a pele no zíper. Para aliviá-lo, abri o zíper.

Seus olhos escorregaram para os meus, e suas mãos entraram por minha braguilha e pressionou-o com firmeza.

— Hummm, chefinho, sem cueca... — Ela fechou os olhos e mordeu o lábio inferior me deixando louco, queria penetrá-la rápido tamanha minha excitação. Mas eu ainda precisava tirar algumas dúvidas, agarrei a sua cintura e a coloquei sentada em meu colo. — Ui, ui, ui, que delícia, chefinho... Está com tanto tesão assim... — murmurou esfregando a bundona e inclinando-se enfiou a língua dentro da minha boca.

— Você não faz ideia do quanto. — Apertei seus peitões enfiando minha cara entre o vão, quase perdendo o folego. Eram grandes demais e apetitosos.

— Estou sem calcinha. Será que o chefinho não quer confirmar? — disse, segurando em minha mão.

— Sem calcinha, é? — Ela assentiu com um olhar faminto e levou minha mão para debaixo de sua saia. E arfou enfiando ainda mais os peitões na minha cara agarrada a minha cabeça. — Nossa... molhadinha, que delícia! — Sentia um tremor forte pelo corpo, e meu pau estava louco para sair de dentro da calça à medida que meu dedo deslizava no seu mel, e a penetrava para seu interior quente num movimento rápido.

Abri o botão da calça e abaixei, ele pulou duro como uma pedra para fora. Peguei o preservativo na gaveta e vesti-o rapidamente, enquanto seus olhos flamejavam sobre ele.

— Vem cá! — Peguei uma de sua perna e passei para o outro lado do meu quadril. E segurando em seu quadril, eu deslizava meu parceiro pulsando em sua lubrificação enquanto ela rebolava nele, arqueada para trás e soltava gemidos bem baixo, se lembrando da minha secretária na sala ao lado.

— Ah, eu quero sentir ele um pouquinho, estou com

saudade... — Escorregou a bunda para trás até cair de joelhos à minha frente, tirou o preservativo o jogando no chão ao seu lado e tomou posse do meu garotão. Eu o achava grande e estava bem duro. Balancei a cabeça. *Por que eu estou pensando nisso agora? Caraca!*

Ela colocou seus lábios em volta da cabeça do meu pênis, passando a língua sensualmente me olhando.

Gemi umedecendo meus lábios secos.

— O que você acha dele? É grande o suficiente? — perguntei com a voz abafada e rouca. Eu sentia um puto tesão, mas era só carnal, meu coração parecia uma pedra de gelo, estava sentindo falta da emoção dele. Meu pau latejando em sua boca, porém a necessidade de ouvir sua resposta era maior. Ela não respondeu, apenas sorriu, chupando, cuidando só da cabecinha como se estivesse fazendo suspense. Trabalhava bem com a língua ao redor e deslizava sobre a cabeça dele até as minhas bolas, uma delícia. O problema era a minha cabeça, só pensava nas palavras duras e agressivas da Mary.

Fechei meus olhos quando ela começou a chupar forte.

— Sua gulosa!

Segurava seus cabelos num rabo de cavalo ajudando-a no movimento. Ela chupava todinho, ficava beijando a cabeça e me masturbando... Tudo junto.

E satisfeita, montou sobre mim me olhando nos olhos e ficou ali aguardando, eu sabia sua intenção, abri a gaveta e peguei outro preservativo e o vesti.

— Prontinho, querida, ele é todo seu.

Segurando-o, ela encaixou em seu meio e foi sentando devagar rebolando enquanto eu a preenchia, escorregava para dentro, gostoso. E ficou cavalgando forte, gostoso... enquanto eu chupava seus seios.

— Ah, eu vou gozar, chefinho, goza comigo, vai... — ela gemeu arqueando a cabeça para trás enquanto eu segurei forte em sua cintura ajudando no movimento de sobe e desce.

— Eu também... — disse em um gemido. — Vamos gozar juntos, vem...

E num grito abafado para não levantar suspeitas, gozamos.

Com o ato finalizado, eu só queria que ela saísse de cima do meu colo, meu corpo formigava pela Mary. *O que*

aquela mulher fez comigo? Céus!

Tirei-a lentamente de cima de mim segurando sua cintura. As comparações agora eram inevitáveis, diferente de tudo o que vivi ou senti, até colocar os olhos naquela diaba. Eu não transei com ela, eu fiz amor com ela.

— O que você achou, acha ele grande? — perguntei com os olhos nele, já tristonho, caído de lado. O que não acontecia quando estava com a Mary, eu a queria toda hora, sempre. Minha excitação não diminuía nada, e meu coração teimava em bater forte, enquanto aquele carinho por ela não me deixava nem respirar direito.

— Por que você está me perguntando isso? — Ela balançava a cabeça, confusa.

— Por favor, me fale a verdade — implorei. Sorrindo, ela obedeceu enquanto ajeitava o vestido no corpo.

— Você é ótimo, seu pênis é enorme, uma delícia, você é o cara, Fernando. — Embora ela parecesse bem convincente, eu não conseguia sentir firmeza em suas palavras. Mas olhei bem em seu rosto enquanto falava, ela não hesitou. Então por que eu me sinto inseguro?

— Você está bem, chefinho? — Sua voz preocupada,

me fez levantar a cabeça e encará-la.

— Sim, sim... — respondi sem nenhuma convicção. Sua mão macia veio ao meu rosto com carinho.

— Estou te achando tão estranho... — Olhou bem nos meus olhos e sei lá o que ela viu quando ficou séria. — Está muito abatido, aconteceu alguma coisa, quer conversar?

— Obrigado, e-eu... — gaguejei enquanto retirava o preservativo e me levantei. — Estou muito bem... Só um minuto. — Peguei o preservativo que ela jogou no chão e segurando a calça, eu me dirigi ao corredor para o banheiro. Fiz toda higiene, fechei minha calça, ajeitei o paletó e retornei. Ela continuava ali, com os braços cruzados, me observando com expressão curiosa.

Aproximei-me do sofá, peguei minha carteira dentro da maleta e coloquei no bolso de trás da calça e segui em direção à porta. Ela me acompanhou com o olhar, estática, sem entender o meu comportamento. Afinal, nem eu mesmo me entendia.

— Você vai sair, Fernando? — Eu me virei e balancei a cabeça em tom afirmativo.

— Eu preciso resolver umas coisas... — E quando coloquei a mão na maçaneta sua voz soou aflita.

— Mas, Fernando, você precisa ler este documento antes, o Juliano precisa dele ainda hoje. — Apontou para a mesa e eu olhei também. O problema era que eu não tinha cabeça para nada, só precisava sair dali para respirar ar fresco.

— Eu não demoro... — Abri a porta e saí em passos apressados sem ouvir nenhum outro questionamento.

O sol que demorou a aparecer na manhã chuvosa, se despedia envolvendo o horizonte, deixando um tom alaranjado no céu, ou era vermelho? Eu não sabia definir aquilo, aliás, eu não sabia definir mais nada. Só sei que ali trafegando sem rumo por aquelas ruas e avenidas de São Paulo já congestionadas eu sentia um vazio enorme dentro de mim. E por fim concluí que a bebida poderia me ajudar a relaxar, eu estava tenso demais.

E parti para a BOATE NIGHT CLUB, sei que ainda estava fechada, e pensei que tenho alguns privilégios por ser um cliente VIP. Gastava horrores, na verdade um caminhão de dinheiro, por isso acreditei que não

encontraria obstáculos em relação a isso.

E eu estava certo, o proprietário, um senhor alto, com sua peruca preta, superestranho... abriu as portas assim que cheguei, sem hesitar.

Escolhi a área VIP ao qual eu já estava acostumado e pedi uma garrafa de uísque. Foram muitas doses pensando na Mary, em tudo o que ela disse e que me deixou encafifado de um jeito que sempre ao lembrar-me sentia um calafrio na espinha. Eu sempre me considerei um macho-alfa, agora ela vinha com isso? E observando o ambiente vazio, confesso que era triste, sem vida, desestimulante, na verdade.

Só que eu continuei ali, já bebia a metade da segunda garrafa quando as funcionárias começaram a chegar, às 21h. Enquanto eles preparavam o local para o público, eu estava finalizando a garrafa. Àquela altura já tocava a música, as pessoas circulavam por ali, algumas mulheres se aproximavam, o fato é que eu não via ninguém com clareza, tampouco conseguia definir aquele som na minha cabeça.

— E aí, Fernando, chegou cedo, hoje, cara! —

Reconheci a voz do Claudinho, porém, ao levantar a cabeça eu não conseguia focar seu rosto, tudo estava distorcido.

— Precisava de um tempinho para relaxar — falei com minha voz mole e solucei. Me sentia totalmente alcoolizado.

— É, pelo jeito as coisas não andam muito bem para você... — disse ele se sentando e pediu a garçonete uma garrafa de uísque. — O que há, precisa conversar, amigo?

— Eu nem sei o que preciso, cara... — Sentia minha cabeça balançando de um lado ao outro, sem controle, e o soluço irritante que não dava uma trégua.

Duas garotas se aproximaram com a garçonete e meio que turvo vi quando o Claudinho acenou com a mão para elas se afastarem. E quando fui me servir de uma dose do seu uísque, ele tirou a garrafa das minhas mãos.

— Acredito que já extrapolou a sua cota por hoje — advertiu-me de forma responsável.

— Qual é, Claudinho? Deixa eu beber, cara! Preciso afogar uma porção de coisas que está aporrinhando a minha cabeça.

— Talvez desabafar seja o melhor caminho — aconselhou-me.

Grunhi.

— Desabafar? — Balancei a cabeça, desanimado, segurando-a para não cair e esborrachar sobre a mesa.

— Eu não preciso desabafar, Claudinho, eu preciso me internar porque estou ficando doido. — Girei o dedo indicador direto ao redor do meu ouvido simulando o meu argumento. — Ultimamente, eu não consigo me concentrar em nada. — Olhei bem em seus olhos tentando focar, mas não adiantava, só meu estômago embrulhava. — Você entende isso?

— Os problemas são assim, eles surgem sem a gente esperar e causa uma tempestade... — tentou me acalmar.

— É foda... eu só consigo pensar com a cabeça de baixo, a de cima parece que está em cima do pescoço apenas como enfeite. — Bati em minha cabeça com força. — É impossível se concentrar, eu não controlo mais nada, acredita? — Balancei a cabeça, enraivecido, sempre segurando para não cair, eu estava muito tonto. — Eu estou escravizado... — Claudinho tentou se manter sério,

porém não conseguiu, caiu na gargalhada. Eu nem liguei, afinal a minha vida estava mesmo uma grande palhaçada. — É... pode rir, eu também acho tudo isso engraçado... — Apontei o dedo indicador esquerdo para cima. — Cara do céu, esta mulher me levou ao inferno em três dias... — Desci o dedo ao chão encarando-o com a minha expressão alcoolizada e nervosa. — Três dias... — Fiz questão de abrir meus dedos, e comecei a contar para ele entender o que eu queria dizer. — Um, dois, três... Você acredita nisso, tem noção do que significa? — O Claudinho ria cada vez mais com a minha definição. — Que porra é essa, cara! — exclamei, indignado.

— Calma, meu amigo — ele tentou, entretanto, o meu sangue fervia em minhas veias.

— Calma? — exasperei e ele ergueu as sobrancelhas, humorado. — Aquela mulher só pode ser uma bruxa dos infernos que veio lá das profundezas só para me atazanar. — Soltei o ar cansado, antes de continuar. Levantei a cabeça e solucei alto, apontando o dedo para ele. E ele ali, se segurando para não rir — A minha vida toda eu fugi das drogas, justamente para não ficar assim, doidão. E do

que adiantou! — Abri os braços e outro soluço indignado escapou dos meus lábios. — Ela veio até mim. — Eu tô é fodido e mal pago — falei batendo no peito; em seguida, bati com as duas mãos à mesa, até o copo de uísque do Claudinho virar espalhando líquido por todos os lados, e escorrerem em direção as nossas pernas. — Ela é uma filha da puta!

— Garçonete? — Claudinho chamou acenando com a mão para a moça que circulava com a bandeja em meio à boate e se levantou.

— Espera aí, eu ainda não acabei. — Acenei para ele se sentar e ele o fez, humorado. Eu não olhei ao redor, porém sabia que todos riam da minha cara. Só que eu estava totalmente fora de mim, perdido, fodido.

Bati no meu peito com força.

— Do todo-poderoso homem de negócios, decidido, o temido... — Consegui com muito esforço esticar o peito. — agora eu me resumi a um merda, cara. Estou até duvidando da minha masculinidade.

— Cara! — Claudinho não se aguentava. — Você está mesmo precisando de um café amargo e uma boa noite de

sono para curar esta bebedeira. — Eu nem ouvia o que ele dizia. Ele se levantou para conversar com a garçonete passando por perto.

Eu só me lembro dele pedindo para ela chamar um táxi. Isso eu me lembro bem. Depois só me lembro quando a porta da sala da minha casa se abriu e a Natalie, em sua simpatia e indecente como sempre, me recebeu na porta, tentei focar, mas a única coisa que enxerguei foi um pedaço de pano escuro em seu corpo. E ela tentando me beijar, quando eu já estava na minha cama, só me lembro de ficar movendo a cabeça de um lado ao outro e sentindo uma pressão em meu pênis e tudo se apagou.

Terça-feira...

Sentia minha cabeça latejar, e aquela incomoda pressão sobre meu peito, e com muita dificuldade abri meus olhos, o quarto estava à meia-luz, com um raio de luz atravessando o vão da cortina aberta. Tateei aquilo pesando em meu peito quando senti aqueles cabelos macios, e desci minhas mãos sentindo a pele quentinha e macia.

— Hum... — Ouvi aquele gemido e baixei meus olhos, eu não podia acreditar naquilo, era uma pegadinha, não estava acontecendo, não podia ser real.

— Meu Deus, meu Deus! — Empurrei a Natalie para longe de mim. Meu coração estava disparado de nervoso, ela estava nua ali na cama, e eu também. — O que aconteceu aqui, Natalie? — Ela espreguiçou descaradamente na cama, gemendo. Eu fiquei ali em choque.

— Nada de mais, só tivemos uma noite linda de amor, você estava tão carente e pedindo para eu te aquecer, e então aconteceu.

Engoli em seco, aquilo era mentira, jamais tocaria na

minha irmãzinha mesmo que estivesse bêbado, impossível. Ela pulou da cama, pegou no meu pau eu recuei.

— Ainda está com o esperma, grudadinho.

Fixei meus olhos sobre ele e comecei a tremer de remorso. Ela tinha razão, meu pênis estava envolvido com o esperma endurecido, eu gelei.

— Não, isso não... Como você pode se aproveitar da minha fragilidade, Natalie, eu não estava no meu juízo, tocar em você é pecado e eu vou direto para o inferno.

— Ah... — ela grunhiu e se jogou na cama. — sou uma mulher adulta e você não precisa se preocupar, não é o meu primeiro e pelo jeito nem será o último — bufou. — Pelo que estou vendo, você nunca vai me aceitar... tudo bem, vamos fazer desta noite o nosso segredinho. — Bateu na cama. — Vem aqui me fazer feliz só mais uma vez, por favor.

Fechei os olhos, inconformado, e prometi para mim mesmo que nunca mais beberia na minha vida, não como ontem.

— Se veste, menina. — Peguei um roupão pendurado

atrás da porta e obriguei-a a vestir em baixo de protesto. Minha mãe tinha razão quando queria pedir para ela voltar para sua casa, só demorou demais para tal atitude. Acho que já previa que uma coisa daquelas poderia acontecer. Eu não ia me perdoar nunca. — Vai, sai daqui e nunca mais chega perto de mim, entendeu, garota? — Exagerei na bronca e acho que a ofendi, eu não me importei com isso, eu me punia por ter permitido transar com a minha priminha. Ela saiu correndo pelo corredor em direção ao seu quarto e bateu a porta com força ao entrar.

Capítulo 9

Mary

Estava me sentindo o pior dos seres humanos da face da Terra, aquele tipo de pessoa como se diz o ditado: “raposa em pele de cordeiro”. Um calafrio de pavor desceu por minha espinha. Balancei a cabeça para dissipar aquela impressão. Afinal, com o andar da carruagem, o Fernando deveria prever que algo deste tipo poderia acontecer, estava agindo conforme o seu ensinamento, em três dias ele conseguiu me transformar na péssima pessoa que ele é. Um tremendo mafioso e da pior espécie! Eu não podia acreditar que ele fosse entrar com aquele documento mentiroso de difamação e agressão a sua família, e ainda me seduzindo para me fazer desistir da luta, nunca! Eu nunca poderia abandonar aquelas pessoas que colocaram todas as suas esperanças em mim. Eu tinha uma obrigação com elas.

Mas caiu do cavalo, agora vai saborear o seu próprio veneno.

“Não se sinta tão mal, só agiu conforme a sua

consciência, Mary", disse mentalmente, na tentativa de amenizar a culpa que dominou o meu coração. Mas não dava, eu me odiava pelo que fiz.

— Maldito acidente! — gritei a plenos pulmões, joguei minha cabeça contra o encosto do banco e fechei meus olhos revivendo cada minuto daquele fatídico dia. Meu corpo todo estremeceu sentindo suas mãos aprofundando pelo vão entre meus seios, aquela sensação arrepiante acendeu uma chama dentro de mim... Inevitavelmente causou aquela tristeza, que me deu vontade de chorar. "Não chora!", repreendi-me abrindo os olhos e me endireitei no banco.

Ele tocou fundo na minha alma, não é justo! Eu teria que esquecer aquele maldito, porque eu carregaria para a minha vida toda o que estava sentindo, mudar o foco devia ser o meu ponto de partida, meu casamento estava próximo e o Luiz Augusto não merecia ser traído assim. Ele era uma excelente pessoa...

Ali dentro do carro onde passei a noite sentada, sem conseguir pregar os olhos, o único dinheiro que tinha na carteira dava apenas para pagar o conserto, e ainda estava

rezando para não ficar caro, a fim de sobrar para o combustível para retornar a Porto Alegre e talvez eu jejuasse por falta dele. Eu nunca dei muita importância a grana, embora ele sempre me rodeasse, eu abri mão de tudo, me sentia feliz com a vida que levava. Só que nestas horas é que a gente percebe o quanto ele é importante. Só não passei a noite ao relento devido a generosidade do mecânico, que guardou meu carro na sua oficina, permitindo que eu passasse a noite ali.

Minhas pernas formigavam pelas horas sentada na mesma posição, abri a porta e desci a fim de esticá-las. O cheiro de graxa misturado à gasolina naquele ambiente fechado, sujo e totalmente desorganizado com pneus usados e peças por todos os lados no chão preto manchado de óleo queimado, embrulhou o meu estômago. Eu seria injusta em reclamar, afinal o homem foi supergentil comigo.

Notei que havia uma porta no canto do salão, e deduzi que seria um banheiro, e confirmei ao verificar, nojento, é claro! E para a minha felicidade, havia um pequeno chuveiro atrás do boxe de cortina de plástico. Eu ainda

tinha meia hora antes que fosse aberto, e aproveitei para tomar um banho rápido.

O ambiente abafado indicava que o dia merecia uma roupa leve e foi o que escolhi, me lembrando de que passaria horas na estrada. Uma calça jeans básica de cintura baixa flare e uma sandália de salto branca, mesmo na minha simplicidade eu não abria mão de um bom salto, ele dava um ar mais elegante, independente da roupa. Uma blusa de seda branca transpassada e cavada com colarinho alto, escovei meus cabelos, e por último peguei o retrovisor quebrado sobre o banco do passageiro e ri do acidente com as recordações. Talvez se eu não estivesse esbarrado com o Fernando naquele dia, nada disto teria acontecido, eu seria a Mary de antes, como em todas as reuniões batendo de frente com os todo-poderosos, sem me sentir atingida, emocionalmente.

Agora é tarde, é sentar e chorar! Eu ainda tinha esperança de um dia tirar ele da minha cabeça, não era possível que eu o carregaria em meus pensamentos pelo resto da vida, é claro que não! Vi seu rosto em três dias apenas, ele não deveria ter ido tão fundo...

Balancei a cabeça para dissipar aquele pensamento e me concentrei na tradicional maquiagem leve, tudo muito natural. E foi neste instante que a porta do estabelecimento se abriu.

— Hum, cheiro bom feminino — disse o mecânico, aspirando o meu perfume no ar. Apesar do macacão cinza, sujo de graxa, até que ele era charmoso, magro, nos seus cerca de 1,80m. Pela aparência tinha a minha idade ou um pouco mais; sua pele bronzeada destacava o olho castanho quase mel, seus cabelos curtos e castanho-claros eram cacheados.

— Você não se importa, né? Usei seu banheiro para tomar um banho — comecei a explicar e ele estalou a língua sacudindo a cabeça.

— É claro que não, pode ficar à vontade! — Ele era muito gentil mesmo. Eu o segui até o balcão onde estava as ferramentas. — Deve estar exausta, deixa eu começar logo os reparos no seu carro.

— Pela sua experiência, acredita que vai levar muito tempo? — Ele deu de ombros e se virou indo em direção ao capô e o abrindo, seus olhos analisavam o motor.

— Eu espero que não — informou, já tirando uma peça e olhou para mim. — Eu aconselho você a sair um pouco, tomar um café da manhã. — Apontou a direita. — Na esquina tem uma boa padaria, eu recomendo.

— É, acho que vou seguir o seu conselho — falei ao sentir o burburinho dentro da minha barriga vazia. — Será que você poderia colocar o retrovisor no lugar dele? — pedi, ele sorriu divertido.

— Bem... seu carro precisa é de uma boa reforma. — Sorri com os lábios fechados, pensando que ele ganharia uma reforma, entretanto só no futuro. — Mas fica tranquila, vou dar um jeito nisto para você.

— Obrigada.

— Não há de que — ele falou voltando ao trabalho e eu saí rumo a tal padaria.

Duas horas depois quando retornei, ele já havia encontrado o problema, eu fiquei indignada quando me contou que o defeito era a gasolina batizada no tanque. Que após trocá-la e uma boa limpeza no carburador o carro ficou em excelentes condições de uso. Até o custo me agradou, o preço de um tanque de gasolina, e seu

trabalho. Ele fez por um valor irrisório, uma pechincha.

Um amor este cara!

Depois de dias chuvosos, o dia estava calmo como as árvores que permeavam as ruas e avenidas tranquilas àquela hora da manhã, não havia brisa; o sol brilhando naquele céu azul infinito batia confortavelmente em meu rosto, aquecendo meu coração. Um dia ideal para os amantes, e haviam tantos caminhando pelas calçadas, aquilo doía em meu coração batendo forte, minha respiração estava completamente, ofegante.

Tanta calma me levou até a Berrini, estacionei meu carro na única vaga em frente ao prédio luxuoso. O som dos motores e das buzinas aumentava a minha sensibilidade, agarrei ao volante com os meus olhos fechados, sentindo um tremendo aperto no peito, pensando nele... Revivia cada instante, era como se eu pudesse senti-lo.

Uma mistura de sentimentos foi tomando conta de mim, entre confusão, dor, remorso.... Meus olhos ardiam, minha cabeça latejava. A minha causa estava ganha independente dos métodos usados, foi por isso que lutei a minha vida

inteira, então por que eu não sentia feliz? Talvez pela forma suja, sentia a imundície em minhas mãos e de certa forma aquilo me fazia mal...

Eu precisava sair dali, para não me afundar ainda mais no abismo profundo e mergulhar na escuridão. Eu nunca me senti tão só em minha vida, nem mesmo quando perdi meus pais amados. Liguei o carro e segui meu rumo. À medida que eu saía da cidade e ganhava distância, ganhava um vazio. Sabe aquela dor em partir com a sensação de que estava deixando alguma coisa muito importante para trás? Algo que percebia agora me movia, e partir significava perder as esperanças, nunca me senti tão só como me sentia agora, perdida de uma forma que sei que nunca conseguirei me achar... Eu nunca senti tanta falta de alguém...



Fernando

Minha vida executiva sempre foi exaustiva, grandes discussões, obstáculos, porém nada disso me estressou da maneira como estou agora. Sentado na poltrona ao lado da porta do banheiro, com os cotovelos em meus joelhos, eu segurava minha cabeça e bagunçava meus cabelos em total indignação. Encher a cara demonstrou o tamanho do meu descontrole, e a falta de juízo.

Desgraçada, eu odeio você, sua megera ingrata!

Era o que eu queria sentir, no entanto não era o que sentia. A filha da puta bagunçou minha vida, e ainda me levou ao fundo do poço. Onde já se viu beber tanto e me deixar ser seduzido por uma criança? Era exatamente assim que via a Natalie. Eu não ia me perdoar nunca na minha vida, nunca. Eu nem precisava me punir, com certeza eu ferveria no caldeirão do inferno, pelo ato impensado.

O toque estridente do celular sobre a mesa tirou-me do meu momento punitivo, levantei a cabeça e bufei. Não estava com paciência para ninguém e fiquei ali com o olhar perdido até que parou de tocar. E novamente

recomeçou, cedi e me levantei desanimado e vi que era o Juliano.

— Alô — falei ríspido demonstrando o tamanho da minha amargura.

— Fernando do céu! — Franzi minha testa, estranhando. Foi a primeira frase que ele falou, sua voz demonstrava um nervosismo que nunca havia percebido antes. — A casa caiu, precisa vir correndo para empresa... correndo não, voando... — Balancei a cabeça, eu não estava em condições para nada. A intenção era trabalhar à tarde depois de passar a ressaca, aquela puta dor de cabeça.

— Eu vou mais tarde...

— Em que parte da casa caiu você não entendeu? — falava exasperado do outro lado, interrompendo-me. — É caso de vida ou morte, sua presença é imprescindível! — Com aquela frase, eu senti uma angústia no peito.

— Então fale, cara! — exigi.

— É um tipo de assunto que só se pode dizer pessoalmente, diz respeito a toda a sua família. É melhor vir já — alertou-me em um tom desesperado, o que me fez repensar.

— Ok, em meia hora estarei aí.

— Esperamos por você, não demore, por favor. — E desligou me deixando com a pulga atrás da orelha.

Nem passei pela cozinha quando desci para o andar de baixo, a urgência na voz do Juliano me dizia que eu precisava mesmo correr. Uma sensação estranha assumia meu corpo.

— Bom dia, filho, não vai tomar o seu café antes de sair? — Minha mãe descia as escadas no instante que girei a maçaneta.

— Bom dia, não vai dar tempo, beijos. — Soltei um beijo estalado no ar e ela retribuiu com outro e saí.

Sempre elegante, e hoje vestido num terno preto de caimento perfeito, o Juliano estava apavorado quando entrei pela porta de vidro, ele me aguardava no hall. Aquele gesto me deixou em alerta.

— Ainda bem que chegou, você não vai acreditar no que aconteceu! — exasperou ele caminhando ao meu lado em direção ao elevador e entramos logo que a porta se abriu.

— Bem que você poderia me adiantar alguma coisa. —

Já estava ficando impaciente com tanto suspense. Ele apenas sacudiu a cabeça, inconformado.

— Quero que veja você mesmo. — Seu desânimo me assustou, porém não indaguei nada. Eu já estava uma pilha de nervos, e mais uma eu enlouqueceria de verdade.

— Bom dia! — Késsia passava pelo corredor com seu vestido vermelho, discreto, porém muito sensual, com os cabelos sobre os ombros, me olhando com seu olhar descarado. *Ela não vale nada mesmo.* Como poderia ter aquela cara de pau, com seu namorado ao meu lado? Apenas acenei com a cabeça e Juliano piscou amorosamente para ela. *Coitado!*

Aliás, estava difícil de cumprimentar todos os funcionários, seguimos direto para a sala de reunião. O ambiente requintado e claro estava carregado de tensão. Meu tio estava sentado em uma das cadeiras de frente para a porta. Ao lado da xícara de porcelana, brilhando sobre a mesa, havia um aparelho de som. Seu olhar aflito me deixou intrigado.

— Bom dia, Fernando — cumprimentou ele enquanto o Juliano fechava a porta ao entrar.

— Acho melhor você se sentar para não cair duro no chão — alertou-me Juliano. Torci minha boca, colocando minha maleta na cadeira vaga e me sentei, e o Juliano deu volta pela mesa e sentou na cadeira vaga ao lado do meu tio. E os dois fixaram seus olhos, assustados. — Preparado? — Juliano perguntou com o dedo sobre o botão no aparelho.

— Estou assustado com este jeito de vocês — confessei.

— Quando ouvir o que está aqui, vai nos dar absoluta razão. — E ele apertou o botão.

Meus lábios se separaram e começaram a tremer, de raiva, ódio, tudo... os piores sentimentos se apoderaram de mim. Aquela voz doce adentrou pelos meus ouvidos e foi me partindo ao meio, o meu coração foi o mais afetado porque acelerou de um jeito que quase não conseguia respirar. *Maldita, mil vezes maldita!*

É o seguinte, vamos ser claros e objetivos, Fernando. Estou aqui justamente para impedir o projeto que você vislumbra bilhões, sem se importar com o sentimento de ninguém.

... levar paz para aqueles coitados que você quer tirar o pouco que lhes resta.

— Eu vou continuar meu projeto de milhões e não é uma biruta como você e um bando de pobres coitados que não tem aonde caírem mortos que vão me fazer desistir. Eu quero que todo mundo se foda.

... A justiça vai nos apoiar você vai ver...

— Para seu governo, minha filha, e eu já te falei isso uma vez, eu detenho o poder, o dinheiro... Idiota de juiz algum vai julgar a causa desfavorável... E sabe por quê? Primeiro porque homens como eu fazem a diferença... e segundo porque a corrupção corre solta neste país! Então, minha querida, nada que uma malinha de dinheiro... de pinga para mim, possa resolver o meu problema.... Conforme-se.

Fiquei em choque quando o som cessou, ofegante e com o olhar perdido. Não podia acreditar que ela havia feito aquilo, então é isso... ela é uma cobra peçonhenta e deu o primeiro bote quando me distraí.

Ela me enfeitiçou com a sua magia negra, me fez esquecer de quem eu sou, e ainda por cima me jogou na

cara que eu sou um homem de poucos dotes... E o pior, me tornou descrente. Por mais que ouvisse de outras mulheres o quanto era gostosão e demais eu não conseguia mais acreditar. Era como se só a opinião dela importasse. Ela comandou toda a minha vida, meu corpo nestes poucos dias. *Eu te odeio, você vai pagar por isso...* Foi a promessa que me fiz ali mergulhado naquela sensação de ter sido enganado.

— Como isso aconteceu, Fernando? — Juliano estava tão agitado que se levantou e inclinado colocou as duas mãos sobre a mesa encarando-me, pedindo explicações. — Você não havia me dito que a conversa entre vocês chegou a este nível! — reclamou ele, transtornado, e apertou os lábios um sobre o outro, inconformado. E meu tio ficou ali em silêncio, observando o calor da conversa.

— Não foi bem assim que aconteceu, ela editou esta porra! — falei meio perdido ainda, em choque. Estava mais preocupado com a forma como ela agiu comigo do que propriamente o projeto.

— Então você confessa que esteve com ela e trocaram estas farpas todas sem a minha presença? — A voz do

Juliano soou como um trovão, senti um calor subir por minha cabeça, atingi um nível elevadíssimo de estresse que parecia uma dinamite pronta a explodir. E eu explodi.

— EU VOU MATAR ESTAR MULHER! — gritei socando a mesa, com os punhos fechados e me levantei simulando com as mãos a minha intenção. — EU VOU PEGAR NO PESCOCINHO DELA, ASSIM Ó... — Com os dedos cruzados, eu apertava com força com toda a minha ira. — E VOU APERTAR ATÉ DESTROÇAR ELE ASSIM, VOCÊS ESTÃO VENDO? ESGANAR ATÉ ELA PERDER A ÚLTIMA GOTA DE AR! — Eu fiquei totalmente fora de mim, saíam faíscas dos meus olhos. Eu só conseguia pensar em vingança e nada mais, assustando aos dois me olhando ali, confusos com a minha reação. Aquilo foi a gota d'água, eu não podia mais suportar, e segui em direção à porta quando o meu tio que até então não havia opinado segurou firme em meu braço.

— O que é isso, Fernando? Você está perdendo a razão. Temos os meios legais para fazer isso, é melhor se acalmar — falou ele muito sério, me resgatando do olho do furacão.

Sem ar, eu fechei meus olhos por um instante, respirando fundo e suavemente, e ele continuou:

— Precisa sossegar, Fernando, não pode sair por aí fazendo justiça com as próprias mãos, isso vai levá-lo para atrás das grades, está ficando louco? Poxa, o que está acontecendo com você, meu sobrinho? Sempre foi um cara sensato, equilibrado!

Eu era, até a megera da Mary aparecer!

Soltei o ar com força e fechei meus olhos por um instante procurando o equilíbrio que me deixou e, então, me virei, oscilando meu olhar e começando a ficar mais sereno, entre os olhares apavorados dos dois. Ele estava repleto de razão, eu não poderia deixar pistas do que pretendia fazer com ela.

— Só falta agora você mandar matar a moça! — *Esta é exatamente a minha intenção, minha única vontade.* Aí ele me deu um safanão que acho que colocou meus miolos soltos no lugar.

— Tem razão... — admiti e me soltei de sua mão. *Sem pistas, Fernando!* Voltei a me sentar e os dois fizeram o mesmo, e em silêncio, receosos por iniciar novamente a

conversa, talvez com medo de mais uma explosão. Eu alcançava um nível de controle agora, refletindo no silêncio dos meus pensamentos, precisava neutralizá-la como disse minha mãe, e faria isso só que com a maior discrição. Se ela pensa que vai sair desta impune, ela está redondamente enganada. — Vamos então para a parte prática. — Meu tom de voz saiu, equilibrado. — Notei os músculos tensos dos dois relaxarem.

— É prevendo algo deste tipo que insisti para você assinar aquele documento, que você sequer botou os olhos. — Seus dedos nervosos entrelaçavam sobre a mesa.

— Tudo bem. Acha que ainda dá tempo de a gente entrar com a defesa? — Ele inclinou a cabeça, descrente.

— Talvez sim, talvez não... — ponderou ele. — Com este áudio, e as ofensas, juiz nenhum neste país vai julgar a seu favor. — Baixou os olhos, pensativo. Eu concordei com ele, não havia mais chance de continuar este projeto. — O que podemos tentar, e mesmo assim não é garantido. Eu vou entrar em contato com o meu amigo, que trabalha no fórum. Aliás, foi ele que me entregou este áudio pela

manhã.

— E quando ela juntou este áudio ao processo?

— Ontem à tarde.

Respirei sentido, com aquele nó na garganta, depois de tudo o que aconteceu entre nós... É inadmissível... Fechei meus olhos, apesar do ódio no meu coração e me sentindo traído, aquele maldito frio delicioso se concentrou em minha barriga. O efeito que ela causava em mim chegava a doer, me destruía como homem, como profissional.

— Então faça o seu melhor, Juliano, você sempre foi eficiente, espero que agora não seja diferente. — Arrastei a cadeira para trás e me levantei, peguei minha maleta e sorri desanimado para os dois.

— Por favor, meu sobrinho, a primeira coisa que tem a fazer quando entrar na sua sala é ler aquele documento e assinar. Agora não há tempo a perder, precisamos correr contra o tempo.

Assenti e baixei a cabeça, e foi exatamente assim que deixei a sala.

Parei ali no corredor, observando os funcionários me olhando com aquelas caras estranhas. Talvez pelos meus

berros... Eu não estava nem aí com a posição que tinha, eu não conseguia mais manter as aparências.

Eu sou humano de carne e osso, porra! Passei a mão trêmula pelo meu rosto, o descontrole começando a tomar conta, eu precisava tirar satisfação olhando na cara dela, as coisas não poderiam ficar como estava. E foi com esta definição que, ao invés de seguir em direção à minha sala, eu me dirigi ao elevador, que permanecia parado no andar e entrei apertando o botão do térreo.

Na garagem dentro do prédio, eu tentei ligar várias vezes para o celular dela e nada, tocava até cair, eu estava amargurado e precisava ficar de frente com ela, nem que fosse a última coisa que eu fizesse em minha vida.

Primeiro passei no apartamento da Ana, o porteiro me informou que estava vazio, então não me restou alternativa senão perguntar diretamente a ela. Estava tão alterado que nem arquitetei como poderia chegar perguntando da sua sobrinha. Entrei em casa, alguns funcionários estavam fazendo faxina e apenas assenti, eu não estava em condições de falar com ninguém e segui para a cozinha a passos pesados e apressados.

— E aí, minha querida, você já chegou em Porto Alegre? — Parei antes de cruzar a porta ao ouvir a Ana. Ela estava debruçada sobre a pia de costas para a porta e não percebeu a minha presença, com o celular ao ouvido.

Porto Alegre? Então ela não quer me atender?

— Agora? Mas você deixou o bilhete ontem, à tarde, que já estava a caminho... Você precisa aposentar este carrinho velho, minha querida... Não, não... Não se preocupe com isso, você não tem obrigação de me carregar como um fardo, eu só insisto naquele assunto que você tem pavor em ouvir, apenas porque quero um futuro brilhante para você, e claro não seria nada ruim um dia morar com a minha sobrinha querida! E ainda em nossa terra natal... Não se torture assim, não chora, querida, que me faz chorar também... Eu também te amo... Não precisa pedir perdão, afinal de contas eu estou feliz aqui no meu emprego... Eu só quero que seja feliz, e olha, vou pedir uma licença para a dona Vera, acredito que ela me dê, afinal, quando falar que semana que vem é o seu casamento, ela vai ficar feliz, gostaram muito de você aqui, viu?

Casamento? Desta vez, toda a emoção explodiu pelos meus olhos, não consegui reprimir as lágrimas. Eu precisava me vingar por tudo, pela tentativa de levar a minha família à falência, por ter roubado o meu coração e depois tê-lo afundado na lama. Por rir nas minhas costas como se eu fosse um bobo da corte, eu vou a Porto Alegre se for preciso. *Ela vai se foder comigo, ah, se vai! Vai casar, o caralho! Eu vou matar ela antes...*

— Vai com Deus, meu amor... Sim, claro, eu vou fazer o possível para estar lá, um dia tão importante em sua vida.

Ordinária! Solucei ainda descrente que tudo aquilo pudesse estar acontecendo na minha vida. Eu o todo-poderoso Fernando Albuquerque virou um fantoche nas mãos de uma suburbana qualquer! Imperdoável.

— Vai com calma, tá... Está onde? Não entendi... Acabou de acessar a BR-116? Nossa, tem chão pela frente ainda, mesmo assim vai sem pressa e que Deus a acompanhe.

Eu não esperei nem ela desligar o celular, saí correndo dali em direção à porta de saída, peguei meu carro e saí em disparada atrás daquela bandida. Ela ainda estava

perto, eu hei de encontrá-la pelo caminho, mas só passaria na farmácia antes.

Capítulo 10

Mary

Eu não estava conseguindo conviver com aquele arrependimento no meu coração. Por mais que eu soubesse que ele agia de forma hedionda com a minha pessoa, mesmo assim eu não poderia me igualar a ele. Esta pessoa horrível não era eu, precisava consertar isso. Só assim encontraria o remédio para a dor em meu peito. Retornei ao fórum de São Paulo... Era tarde demais!

O processo deu seguimento e eu não poderia fazer mais nada a respeito. Eu apenas poderia retirá-lo judicialmente assinando um termo de fraude onde responderia criminalmente pela prova ilícita. Eu não me importei, porque só queria fazer a coisa certa antes de tornar público. O fato é que eu teria que aguardar a decisão do juiz, e isto poderia durar alguns dias. Um ato tempestuoso, impensado, que custaria um amargo arrependimento. Eu não poderia mais permanecer em São Paulo, precisava dar um jeito na minha vida e então entraria com o pedido de cancelamento através de uma carta precatória no fórum

de Porto Alegre mesmo.

Estava apenas há uma hora e meia na estrada e não conseguia manter meus olhos abertos, a noite maldormida me cobrava descanso. E pensar que eu tinha ainda um longo percurso pela frente, e o meu carrinho não ajudava muito. O motor sempre foi lento, mas a impressão que eu tenho é de que depois que o mecânico mexeu ele perdeu muito da sua potência. Eu não tinha alternativa a me acostumar na marcha lenta.

O vento forte que balançava as folhas das árvores e toda vegetação ao redor da estrada que entrava pelo vidro aberto levantava meus cabelos, cumpria seu papel de me refrescar com o mormaço que estava ali dentro. O sol reinava absoluto no céu azul, limpo, minhas pálpebras pesavam sobre meus olhos querendo se fechar, porém eu me esforçava a mantê-los abertos, não dava, era quase impossível porque estava hipnotizada pela estrada infinita à minha frente. Para a minha própria segurança, tomei a decisão de parar no primeiro posto que encontrei.

Havia poucos veículos na lateral do estabelecimento, quando, depois de lavar meu rosto e comer alguma coisa,

eu voltei para o meu carro. Abri a porta quando senti um peso sobre meu corpo, me empurrando para dentro do carro.

— O que é isso? — gritei.

— Silêncio! — A voz áspera do Fernando explodiu em meu ouvido. Meu coração disparou. *Ele vai me matar!* — Vai para o outro banco! — ordenou me empurrando até que consegui pular a marcha e me sentei com a mão no trinco para abrir a porta e fugir, enquanto ele entrava e fechava a porta.

— Não... — Ele inclinou-se sobre meu colo, seus olhos ardiam em chamas sobre mim, achei melhor soltar minha mão e encolhi-me no banco com medo ao vê-lo bufando, nervoso, totalmente transtornado.

— Tudo bem, Fernando. — Encostei-me de costas para a porta e ergui as duas mãos em tom de bandeira branca. Meus cabelos caíam em meus olhos, só que eu não tinha coragem de tirá-los. Permaneci ali, nervosa, trêmula, olhando ao redor procurando alguém a fim de pedir ajuda, no entanto nenhuma alma viva surgia naquele momento desesperador. — Vamos conversar... — falei na tentativa

de manter a calma, até mesmo para acalmá-lo, supunha que a notícia do áudio já deveria ter chegado. Eu não o reconhecia, sua expressão estava fria demais, o que o deixou assustador com os cabelos castanho-escuros desalinhados, o suor descendo por sua testa passando por entre a barba a fazer, a jaqueta enorme de couro naquele calor, sufocante. Eu via a morte ali em minha frente e, em seguida, um tremor tomou conta do meu corpo e meus olhos marejaram.

— Ah, agora a senhorita quer conversar?! — Eu me assustei com seu tom irônico e seu olhar demoníaco enquanto pegava algo no bolso da jaqueta que imaginei ser uma arma. E engoli forte. — Agora que o caldeirão está fervendo para o seu lado? Agora que a água fria bateu na sua bunda, você quer conversar?! Agora é tarde, pode chorar que a titia não está aqui para acudir.

— Pelo amor de Deus, cara! O que você vai fazer?

— Espera só para você ver... — ameaçou com aquela voz sinistra que me fez ficar cega e lutar pela minha sobrevivência. Me virei para abrir o trinco da porta, quando sua mão segurando um pano embebedado com um

cheiro forte, apertou sobre minha boca e nariz.

— Não, por favor, Fernando! — implorei. — SOCORRO! — Como não suportei segurar a respiração, inalei forte e minha visão foi ficando branca, até que fui perdendo os sentidos e apaguei.

Sinto-me totalmente esquisita, e não consigo compreender o que aconteceu, minha consciência estava perdida em algum lugar dentro da minha cabeça. Minha mente não consegue processar nada, sentia aquela corrente de ar congelante atravessando pelo meu corpo, um frio, um tremor incontrolável me fez contrair-me sobre aquela superfície macia, lembrando um colchão onde emergia um perfume agradável do tipo rosas, lavanda... que invadia minhas narinas. Eu não sabia definir exatamente, mas era restaurador e estimulou meu cérebro, encorajando-me a abrir os olhos. O calor do edredom me abraçando era o responsável pelo perfume acolhedor.

— Onde estou? — Fui me sentando devagar, olhando ao redor pelo ambiente espaçoso à meia-luz. Meus batimentos cardíacos estavam acelerados, descompassados; tensionando meus músculos com a

minha consciência se organizando dando-me de volta as minhas últimas memórias, tudo ia rebobinando. — Fernando? Fernando? — gritei dali sem conseguir segurar minhas lágrimas. — Fernando... — comecei a soluçar com o silêncio que se estendeu, nenhum som, nada.

— Fernando... — Cheguei à conclusão de que ele me largou sozinha neste lugar, com um frio que me fazia arrepiar. Desesperada, ainda fora de órbita, repassava meus olhos ao redor, quando os fixei naquela enorme janela de madeira, estilo colonial. De imediato recordei, ter visto uma assim em alguma revista que retratava uma casa de fazenda. Ela estava trancada a cadeado com a vidraça aberta, que permitia uma quantidade suficiente de luz junto a um vento gelado que invadia o ambiente. Abracei meus braços gelados notando então que estava apenas de calcinha e sutiã.

Quando levantei, meus pés afundaram no tapete de pele de carneiro, bege clarinho, ao pé da cama. Olhando ao redor procurei minhas roupas e não havia nada além dos móveis rústicos, me dando a convicção de que eu estava mesmo em alguma casa de fazenda. Rústica e elegante,

assim eu definia a decoração. Obras de arte interessantes em quadro nas paredes, a cama king size que acordei, com dois criados-mudos bem largos e sobre cada um deles, um abajur com a copa arredondada. E num canto havia uma porta fechada de madeira de lei, aliás, tudo ali seguia o mesmo padrão em esquadrias. Não eram escuras, porém não tão claras, um tom que deixava o ambiente harmonioso.

Temia pelo pior, Fernando estava tão diferente da pessoa que conheci. Temperamental e dono de si, é verdade, mas nada que justificasse a violência e agressividade que sofria por ele.

Ou melhor, acho que justificavam sim, admiti caindo na real. Quando juntei o áudio ao processo eu esperava pelas consequências, só não imaginava que seria assim e tão rápido. Ele me mataria com certeza, demoraria até a minha tia descobrir que eu não cheguei a Porto Alegre, afinal não liguei para Luiz Augusto avisando. Portanto, a minha ausência demoraria a ser notada.

Em desespero me aproximei da porta, colocando meu ouvido, a madeira de qualidade bloqueava todo e

qualquer som, joguei meus olhos agora mais concentrados, sobre a janela e suspirei aliviada. Porém, ainda era dia, isso significava que não fiquei tanto tempo assim desacordada. Ou fiquei? Passou pela minha cabeça que talvez estivesse ali há dias.

Seja lá o que ele usou para me fazer dormir, não deveria ter sido em quantidade letal. Se a intenção dele fosse me matar teria feito ali mesmo no estacionamento. Ele teve condições e tempo para isso.

— Fernando... — Batia a porta freneticamente. — Fernando... Abre esta porta, por favor, Fernando? — berrei a plenos pulmões e chorei muito, deixando-me cair de joelhos e, em seguida, de lado no chão, encolhida pelo frio que congelava meus ossos. — Fernando... — Minha voz já não saía mais, meu corpo congelado tremia. Respirei profundamente e me levantei voltando à cama, e me deitei debaixo do perfumado edredom e deixei o cansaço tomar conta, fechei meus olhos, minha respiração foi normalizando e o sono chegando...

Fernando

"Droga, droga! Fernando não... você precisa matá-la, não vai dar para trás agora!", a voz da minha razão gritava dentro da minha cabeça. Tapei meus ouvidos para não ouvir seus gritos vindo lá de dentro do quarto. Por que estou aqui com esta merda de coração apertado? Eu deveria estar odiando-a e não desejando abrir aquela porta e envolvê-la em meus braços. Fazer dela minha, só minha.

Sentado sobre o sofá confortável de couro, fechei meus olhos sem tirar as mãos dos meus ouvidos, só assim poderia me aguentar. Eu não tinha forças o suficiente. Se continuasse ouvindo sua voz doce em gritos de medo chamando pelo meu nome, com certeza não ia resistir.

O silêncio, de repente, fez o seu caminho justo, abri meus olhos, antes de liberar os ouvidos. Eu precisava manter o foco na minha família, precisava dar um jeito na bagunça que aquela vadia causou. Olhei em torno e temi do fundo da minha alma. Tudo em nossa vida foi uma conquista, só Deus sabe o quanto lutamos para acumular nossa fortuna.

Inclusive esta casa maravilhosa, em equilíbrio com a decoração no estilo rústico adequando o ambiente rural, sem perder a sofisticação. Com todos os cômodos espaçosos confortáveis, dividido em três ambientes: a sala de jantar tinha uma mesa com o tampo de madeira de lei em tom claro, que dava aquele toque harmonioso, combinando com as cadeiras de estofados com o fundo branco, numa leve estampa floral em vermelho e amarelo ouro. Todos os elementos decorativos se completavam, inclusive os tapetes em tons mais escuros e as peças de antiquário.

Meu pai priorizou o aconchego na sala social escolhendo materiais mais quentes e intimistas, com aquelas mantas e peles que cobriam sofás e poltronas, bem como tapetes de inspiração persa, tudo adequando aos tons inspirados na própria natureza. Tudo ali foi um trabalho supereficiente da empresa que ele contratou na época: estantes e paredes, elementos mais bucólicos, como quadros com temática de paisagens da natureza e peças étnicas.

Fez tudo aquilo com o suor do seu trabalho, e agora

tudo isto está ameaçado escapar de nossas mãos, tudo porque eu fraquejei por um rabo de saia, eu deveria ter me mantido na austeridade como sempre fiz, mas não! Não é justo acabar assim...

Levantei, me aproximando da porta, e fiquei ali estático com aquela vontade de abri-la, ciente de que eu não podia. Meu corpo todo vibrava e sabia que eu cederia aos meus desejos. Mudei minha rota e segui para o banheiro, o frio e a água gelada ajudariam colocar as ideias no lugar no meu miolo mole.

Não foi exatamente o que pensei, no entanto ajudou. Vesti uma camiseta branca de mangas longas e uma calça de moletom cinza sem cueca, roupa predileta que curto usar em casa por achar confortável, acendi a lareira e me sentei ali e não resisti por muito tempo. Acabei saltando dali e peguei o aparelho celular dela sobre o sofá da outra parede ao lado de sua mala de roupas. Sentindo o perfume que suas mãos e seu ouvido deixou nele, tudo dentro de mim vibrou, coloquei o aparelho no bolso de trás da calça. Eu precisava ver como ela estava.

Enfiada debaixo do edredom sua respiração era leve,

profunda. Ajoelhei-me ao seu lado analisando os traços perfeitos do seu rosto, fascinado. Respirei fundo, sentindo o aroma do seu hálito quente.

— Oi, minha linda — articulei com a boca. Surpreendentemente como se sua alma tivesse me escutado, ela sorriu fazendo meu coração disparar de paixão. Eu daria tudo, tudo... até meu último centavo para tê-la novamente em meus braços. A sensação era maravilhosa, tudo se acendeu em meu corpo, se arrepiando, meu pau se levantou e latejava de tesão. — Eu preciso de você — articulei e novamente ela sorriu. Eu sorri, emocionado, passando minha mão por cima do seu corpo embaixo do edredom sem tocá-la.

— Fernando... — Fechei meus olhos com meu nome sendo pronunciado por seus lábios carnudos e rosados. Cheguei mais perto, sem tocá-la, apenas o suficiente para sentir correntes elétricas me arrepiando por completo.

— Eu estou aqui. — Com as pontas dos dedos toquei seu perfil muito levemente e suspirei quando seus olhos se abriram e sua expressão se fechou.

— O que está fazendo? — Assustada, ela se afastou, foi

para o canto da cama, encostou as costas na cabeceira, segurando o edredom no pescoço. — Você é um monstro, Fernando, como pode ter coragem de me sequestrar, seu imbecil? Eu vou denunciar você às autoridades, o que fez é um crime! — ela gritava em desespero.

— Calma, Mary... — pedi com as duas mãos erguidas para ver se ela baixava a guarda. Ela sacudia a cabeça ininterruptamente. Eu ainda tentei subir na cama para me aproximar quando ela pulou para o outro lado.

— Não chega perto de mim! — gritando, ela arrancou o abajur da tomada, agarrando-o e eu não acreditei quando ela o lançou sobre mim. Por pouco, eu não consegui desvencilhar minha testa. Ele se estilhaçou todo na parede.

— Ah, sua filha da puta! — gritei com ódio mortal, louco para esganá-la. Aquele comportamento já passava dos limites. Apesar do olhar de pânico, ela não tinha vergonha. Como ela teve coragem? Aquela tinhosa queria mesmo acabar comigo, me destruir. Mas não ia mesmo, eu acabo com ela antes... Pulei sobre a cama para me aproximar, a fim de agarrar aquele pescocinho lindo e

delicioso, que era uma pena ficar sem ele. Eu vou destroçar... seguir com os meus planos. Saía faíscas dos meus olhos.

— NÃO, FERNANDO! — ela berrou antes mesmo que eu me aproximasse e saiu correndo em direção à porta aberta.

— Diabos! — E corri atrás dela.

Ela parecia ter rodinhas nos pés, muito rapidamente ela alcançou a porta da saída, abriu e saiu mergulhando na escuridão.

— SOCORRO! — ela gritava se embrenhando em meio à mata. O forte assobio do vento e o farfalhar das folhas se misturavam ao tom de sua voz. — SOCORRO!

— Pode gritar, sua louca, ninguém pode te escutar aqui... Agora você vai ver só a porca torcer o rabo! — ameacei.

A Mary mais parecia uma maratonista. Gente, como esta mulher corria! Eu não dava conta de alcançá-la.

— Por favor não, Fernando... Me deixa ir embora, por favor... — Fiquei inconformado com o meu coração apertado sobrepondo a fúria dentro de mim, expulsando-a.

O vento zunia forte enquanto seus braços delicados estavam ao redor do seu corpo nu. Ela deveria estar morrendo de frio, aquilo não me agradou. Acelerei e a agarrei por trás pela cintura tirando seus pés do chão. Eles se debatiam no ar e suas mãos atrás da minha cabeça puxavam os cabelos da minha nuca.

— Para com isso, Mary! — gritei com uma puta dor na cabeça, sentia cada fio sendo arrancado do meu crânio. Além de rápida ela era muito forte. Céus, que mulher é essa?

— Me larga! — O simples fato de sua bunda esfregar meu pau tentando se livrar dos meus braços, fez com que ele acordasse sem se importar com a dor na minha cabeça. *Ah, é só isso que me faltava mesmo! Agora ele tem vida própria?*

— Está frio aqui fora, vamos conversar lá dentro — falei ríspido arqueando a cabeça conseguindo me livrar de seus dedos chatos.

— Eu não vou entrar lá, você vai me matar! — Ela se debateu tanto que me obrigou a colocá-la no chão e quando ela tentou fugir novamente eu a envolvi em meus

braços prendendo os dela e a suspendi.

— Agora eu quero ver você arrancar os meus cabelos — meu tom ameaçador despertou ainda mais seu instinto de sobrevivência.

— Você enlouqueceu, Fernando... — Eu a prendi de uma forma que ela não conseguia nem se mexer.

— E a culpa é toda da senhorita... — Quando falei, ela deu um impulso para trás que tropecei numa pedra e caí de costas no chão sem soltá-la, sorte que foi numa parte onde a grama abundante era macia. — Ai... — gemi sentindo a pancada e afrouxei.

Esperava ela sair correndo e, para a minha surpresa, ela se virou de frente e ficou com as pernas abertas ao redor do meu quadril.

— Você se machucou? — Ela ficou encurvada sem me tocar, enquanto seus olhos lindos sondavam meu rosto, muito preocupada. Uma emoção tomou conta de meu coração. O vento me torturava fazendo os cabelos lindos esvoaçarem e chicotearem seu rosto úmido pelas lágrimas que eu provoquei. Havia um misto de medo e algo a mais em seu olhar.

— Eu estou bem — disse esfregando um lábio sobre o outro e segurei em seu braço gelado e arrepiado de frio. Eu queria protegê-la. — Vamos entrar agora.

Ela estava tão temerosa... claro que deveria estar! Sabe que fez coisa errada. Mas se levantou e novamente tentou correr, e eu segurei-a prendendo, mais uma vez. Eu a levei direto para o quarto, joguei-a sobre a cama e voltei até a porta passando a chave e a coloquei no bolso.

— Abre esta maldita porta, Fernando! — Quando me virei ela estava logo atrás, tão próxima que meu coração disparou.

— Agora não — falei sério. Ela correu, pulou sobre a cama, pegou os travesseiros e atirou um por um em mim.

— Pare, sua louca varrida... — gritei, já rindo de tudo aquilo. E notei que ela se segurava para não rir.

— Vai ter que lutar muito para me matar. Uma coisa que aprendi na minha vida é me defender.

— Estou vendo... — disse quando o último travesseiro se rasgou e penas voaram por todo o quarto.

Ficamos ali estáticos observando pena a pena pousar no chão. Então, ela bufou exausta e se atirou sobre a cama, o

mais distante de mim, encostou as costas na cabeceira, e novamente se escondeu segurando o edredom no pescoço com seus olhos fixos e tensos. E eu fiquei no lugar de antes, ali em pé analisando-a.

— Se acalmou agora? — Ela não respondeu. — Prometo que não vou machucar você, embora merecesse, né? — disse num sussurro. Seu olhar de medo percorrendo meu rosto fez com que eu me arrependesse da minha atitude impensada. *Onde eu estava com a cabeça de sequestrá-la? O que eu estava pensando?* A verdade é que eu não estava no meu juízo normal. O manicômio já era o meu lugar. — A princípio, eu queria matar você, só que a vontade passou... — Ela ainda me olhava acuada. Me senti mal com aquilo.

— Então, por que me trouxe para cá? Que lugar é esse? — Suas lágrimas desciam enquanto olhava ao redor e fixou seu olhar no meu. Suspirei. Eu me sentei no lugar ainda quente onde ela dormia, e meu corpo todo se eriçou. Seus olhos não estavam mais assustados e escorregaram para o meu pênis marcando seu volume na calça do moletom. Senti uma fisgada quando ela fechou os olhos

suspirando profundamente. Ali, eu sentia nosso sentimento mútuo, ela me queria como eu a queria, então por que foi embora do hotel? Aquela reação não justificava suas palavras duras me colocando para baixo, tampouco aquele áudio editado.

— Não se preocupe. — Tirei o celular dela do bolso e coloquei sobre a cama empurrando em sua direção. — Isto é para provar que está segura. — Seus olhos subiram encontrando os meus. — Estamos no interior, próximo a São Paulo e você dormiu apenas algumas horas — expliquei logo para ela ver que a minha intenção não era machucá-la quando a fiz inalar o produto. — Eu não sou nenhum bandido como você pinta... A culpa é sua pela minha atitude, você me fez perder a cabeça — falei baixo e magoado, arrependido. Seus olhos subiram encontrando com os meus. E ela soluçou. — Como você foi capaz de ser tão sacana? Por que gravou a nossa conversa, e ainda a editou de forma cruel? Por que você me odeia? Me diga! — me exasperei, com o coração doendo dentro do meu peito. Ela balançou a cabeça de um lado ao outro, chorando de um jeito que eu queria ampará-la.

— Eu não odeio você, embora devesse. — Olhei em seus olhos e vi ali a sinceridade. — Estamos de lados opostos, você tem os seus interesses e os meus batem de frente com os seus. Nascemos para sermos inimigos.

Eu não conseguia aceitar aquela condição.

— Não, Mary — Coloquei os pés sobre a cama e cruzei as pernas ficando de frente para ela, mas ainda existia uma enorme distância entre nós em tudo até ali. — Nunca seremos inimigos, nem que eu queira eu consigo odiá-la.

Suas lágrimas desciam em enxurrada enquanto eu a fitava intensamente, desejando-a. Todo meu corpo tremia e se arrepiava.

— Por favor, não chore, me parte o coração...

Segurando nas bordas do edredom, ela o jogou em direção aos seus pés. Meu coração tinha a batida de um tambor, todo o ambiente era capaz de ouvir, meus lábios entreabriram quando ela veio de joelhos até a minha frente, linda... Tão minha! Meus olhos apaixonados percorriam seu corpo lindo, louco para sentir sua pele macia, perfumada, seus seios fartos. Eu queria muito tocá-los, mas não ousei, eu não queria mais assustá-la. Nunca

mais... Eu não queria vê-la triste, eu só pensava em dar tudo a ela. Não era mais apenas uma sensação, o meu coração foi mesmo ganho.

Suas mãos vieram em minha face, arrepiado eu fechei meus olhos.

— Me desculpa, desde que entreguei aquele áudio eu não tive mais sossego. Até tentei retirá-lo e foi tarde... Eu não sou esta pessoa horrível, nem vingativa, eu juro que não! E nem me importo com o que você faça comigo. Mesmo que me odeie e queira me punir, eu aceito seu castigo, qualquer um... — Ela tomava as rédeas, e eu estava adorando aquilo. Seus lábios úmidos e quentes tocaram levemente os meus, roçando suavemente, me provocando calafrios. E sua testa ficou ali por algum tempo contra a minha, enquanto nossas respirações se fundiam. — Me perdoa! — ela sussurrou olhando-me por cima dos olhos.

Me ajoelhei em sua frente.

— Vem aqui, vamos esquecer tudo isso... por enquanto. Depois a gente resolve!

Segurando em sua cintura, ambos ofegantes, ficamos ali

enquanto nossos olhares se comunicavam intensamente. Eu estava apaixonado e não me importava se seus sentimentos não fossem tão profundos como os meus. Eu só a queria sem pensar em mais nada, nem mesmo que ela era noiva e que daqui a pouco partiria para pertencer a outro. Eu só a queria naquele momento, e deixei todo meu sentimento falar mais alto.

— Eu preciso do seu perdão, eu agi por impulso porque estava com raiva, muita raiva mesmo, machucada. Na verdade, uma covarde sem escrúpulos. Levei para o lado pessoal para me defender, eu estava olhando para o meu próprio umbigo e também aquele doc... — balbuciou ela, nervosa, quando eu a interrompi. Ela estar ali comigo já era o suficiente. Deixaria as diferenças para depois... de curtir ela, conhecê-la melhor.

— Não tenho o que perdoar, Mary — sussurrei em seus lábios, eu não queria explicação eu só a queria para mim. Mordi e puxei sensualmente enquanto ela gemeu passeando as mãos macias pelas minhas costas.

— Você não está bravo comigo? — Ela ficou ainda mais linda com aquela vozinha amedrontada. Suspirei

realizado com ela ali totalmente entregue para mim.

Eu a abracei forte, muito forte.

— Eu não posso dizer que fiquei confortável com a desordem que você causou na minha vida, na empresa — cochichei em seu ouvido sentindo-a a estremecer em meus braços. *Uau... Eu amo esta mulher!* — No entanto, o problema é que não consigo ficar bravo com você, eu já tentei e falhei, minha birrentinha! — Ela riu tentando se afastar, mas eu não permiti. Apertei-a ainda mais, eu queria sentir seu corpo tremendo em contato com o meu, era só isso que ansiava. Era como se nada neste mundo fosse mais importante. — Você só agiu conforme a sua consciência e eu a admiro muito esta sua coragem...

Eu me arrepiava embaixo do tecido fino. Em um roçar suave, nossos corpos, que estavam em chamas, suavam. Eu não tinha pressa, eu desejava que tudo fosse devagar e, claro, que pudesse se prolongar. Comparando, agora eu entendia o que era um sentimento de amor. Você quer a pessoa sempre, e só para você. Invadi sua boca com minha língua, havia fome no beijo dela, no meu... Minhas mãos subiam e desciam levemente por sua cintura, eu

sentia todo seu corpo arrepiado como o meu. Nossa união era perfeita.

Minha excitação estava no ápice, contudo eu achei mais prudente interromper, primeiro precisávamos acabar com o fantasma que nos assombrava, pois só conhecendo um pouco mais dela e ela de mim é que nossa relação poderia evoluir. Sem soltar de sua cintura e lábios, eu me sentei na cama, arrastei minha bunda até que minhas costas encontrasse a cabeceira e arrastei-a comigo. Em seguida, coloquei-a sentada no meio das minhas pernas, agarrado a sua cintura; ela puxou o edredom cobrindo-nos. Sem que eu precisasse dizer nada, as nossas almas se entendiam, assim como ela me entendeu. A necessidade de nos conhecer era mútua.



Mary

Eu estava preparada para uma decepção, pois era sempre assim. Nunca daria certo um relacionamento entre nós, eu não podia ficar do lado dele, havia muita gente envolvida que nos impedia de ficar juntos. Se é que ele falava a verdade... mas quem se importava com isso? Dane-se que ele jogava sujo, dane-se o mundo, eu decidi aproveitar o momento e depois eu resolveria o que fazer e deixei para pensar nisto depois. Seus lábios pressionaram minha cabeça num beijo quente, profundo, eu diria apaixonado... *Para, Mary, não sonha!*

— Sabe, Mary, eu nunca entendi as pessoas que abrem mão de conforto em prol de outras pessoas, só que agora estou começando a entender. Você tem me mostrado um lado bom de tudo isto, sabia? — Levantei a cabeça para encontrar seus olhos, sem acreditar que palavras como aquelas poderiam sair de sua boca.

— Está falando, sério? — perguntei confusa e ele assentiu, sorrindo com os lábios fechados.

— Nasci e cresci em berço de ouro, não sei o que é passar necessidade, talvez por isso que sempre lidei com

frieza quando me deparava com causas como a que você se propôs a lutar. — Virei meu rosto pressionando em seu peito quente e fiquei ali ouvindo as batidas ritmadas do seu coração. Ele parecia ser tão sincero! — Vamos falar de mim depois, eu gostaria de saber um pouco mais de você! Me conta um pouco a sua história, acho que chegou o momento da gente colocar nossas vidas em pratos limpos, não acha? — Concordei com ele.

— Acho sim... — Dei de ombros. — Apesar de simples e com os protestos dos meus pais e da minha tia, sempre achei a minha vida emocionante. — Ele me apertou forte e beijou minha cabeça, o meu coração me dizia: "Beija ele, vai, beija!". Respirei fundo para continuar, porque, como ele mesmo disse, chegou o momento dos esclarecimentos. — Ao contrário de você eu nasci pobre, o meu querido pai e minha mãe trabalharam duro para não deixar faltar nada. E nunca faltou, sabe? — Eu comecei a me emocionar com as recordações que procurava fugir.

Seus braços me apertaram com mais força e ele inclinou a cabeça beijando meu rosto com tanto carinho que me incentivou a continuar, eu precisava colocar

aquele trauma para fora, até mesmo para me libertar.

— Comecei a trabalhar muito cedo, aos quatorze anos, na prefeitura da cidade.

— Oh, meu amor! — Senti uma batida diferente em seu peito.

— E foi a melhor coisa que me aconteceu na vida, sabia? — Levantei a cabeça buscando seus olhos, que estavam lindos, cintilantes. Um olhar que eternizou em mim. Ele fechou-os, e seus lábios quentes e úmidos tocaram na pele de minha testa, causando uma onda de arrepios que circulou por todo o meu corpo, com ele me apertando cada vez mais. Eu queria que ele me apertasse para a vida inteira, queria ser sua prisioneira, o queria muito, demais... — E adivinha em qual departamento?

— Qual?

— No departamento de Serviço Social. — Notei que ele riu orgulhoso.

— Então foi a partir daí que você começou a se envolver nas causas solidárias?

— Eu não chamaria de envolvimento. Eu vivia de verdade os problemas das pessoas que chegavam ao

balcão de atendimento. Eram tantos, Fernando!

— Me conta pelo menos um, eu gostaria de entender como isto funciona — pediu, interessado.

— Sei lá... são tantos. — Fiquei em silêncio forçando a minha memória algum para narrar. — Um caso que mexeu muito comigo na época em que eu era apenas uma garota aprendendo como era a vida, sem nenhuma experiência e que foi muito importante... — Ele beijou novamente minha cabeça, aquilo me mostrou o quanto estava envolvido na minha história. — Chegou umas dez mães para protestar sobre uma praça que seria construída num terreno de um bairro da região. Poxa! — Me afastei um pouco para olhar para ele, a euforia me dominava. Sempre me empolgava com estas conversas. Sua mão veio em forma de concha em minha face, pressionando-a, eu o beijei e continuei: — Ao vê-las ali, em seus gritos de socorros, ativou meu botão solidário e revoltado com as injustiças. Veja se não é para se revoltar? Essas mães precisavam trabalhar pra levar alimento para a mesa a fim de alimentar seus filhos, elas necessitavam de um lugar para deixar seus filhos em segurança e não uma praça simplesmente para enfeitar o

lugar. — Minha indignação ganhou um beijo de língua daqueles, eu me derreti toda. — Elas não reivindicavam muito, apenas um direito que é de todos, condições de sobrevivência. E aí, pensa no que aconteceu? — Ele riu animado da forma que falei. — Mudei de lado, saí de trás do balcão e passei para o outro lado.

Ele caiu na gargalhada jogando a cabeça levemente para trás, me fazendo suspirar, não reprimi a vontade de beijar embaixo do seu queixo. Ele segurou meu rosto e me beijou, e ficou ali alisando as laterais da minha cabeça sobre meus cabelos, sondando meu rosto de um jeito impossível de não se apaixonar.

— Então foi a partir daí que se tornou uma revolucionária? — Eu sacudi a cabeça, discordando.

— Eu não entendo estes títulos, revolucionária, ativista como o seu funcionário mesmo falou. É apenas uma contribuição minha que aquece o meu coração, me traz paz.

— Vem cá. — Me aconchegou em seus braços novamente, tão forte, que fiquei sem fôlego. — Você é muito linda... Tem um coração maravilhoso de um jeito

que nunca pensei que existia. Você é a fada madrinha destas pessoas. Elas têm muita sorte de ter você.

— Não... Sou um grão de área, apenas... Tem muito ainda a se fazer por este mundo afora.

— Você tem um pouco do Leonardo, claro! Não na mesma proporção. Mas neste desapego com o dinheiro.

— É... sempre pensei no dinheiro como o suficiente para sobreviver... Esta coisa de luxo, ostentação, não me encanta em nada.

— Você não existe, é uma preciosidade como disse a minha mãe — comentou ele. Eu inclinei minha cabeça.

— Sua mãe?

Ele concordou.

— Depois que você saiu da minha casa, a Ana rasgou seda a seu favor, que impressionou a minha mãe.

— Já sei, ela deve ter comentado sobre a faculdade de Arquitetura. — Assentiu de cabeça. — É um sonho dela que eu siga esta profissão, porque tanto ela como os meus pais nunca aceitaram o caminho que decidi na minha vida. De certa forma eu até concordo... Conforme o tempo foi passando, eu fui amadurecendo. Com as ideias

fervilhando e o espírito de luta enfrentei movimentos maiores. Algumas vezes até recebi ameaça de morte.

— Uau! — Ele se arrepiou e me agarrou. — Graças a Deus você está viva e aqui comigo. — Fechei meus olhos por um instante para degustar suas palavras. Virei-me dependurando em seu pescoço e o beijei com carinho.

— Você é muito fofo, eu já te disse isso? — sussurrei em seus lábios sentindo sua pele embaixo dos meus dedos.

— Ainda não... — sussurrou com os olhos fechados. Era incrível a sensação de quando nos tocávamos, era mágica, única.

— Meus pais eram apaixonados — comecei a falar aconchegando minhas costas em seu peitoral enquanto suas mãos apertavam sobre meu estômago. — Um amor que todos ficavam encantados, um amor raro. Aos 18 anos, quando eu estava cursando a faculdade de Arquitetura, veio a mais dura realidade. A morte dos meus pais num acidente besta. Meu pai dormiu ao volante. — Solucei. Ele me apertou um tantinho mais como se quisesse me proteger, a energia que ele me transmitia era

muito boa e me senti segura.

— Eu sinto muito.

— Eu já superei a morte deles, a minha tia sempre me ajudou com sua presença, se não pessoalmente com sua voz de conforto. A gente conversava muito ao telefone. O que eu nunca superei foi o fato de que no dia do velório, surgiu uma mulher linda, elegante, enfeitada no ouro, dizendo que sempre foi amante do meu pai, me oferecendo um lar, a companhia... — Não aguentei e a emoção se tornou intensa neste momento. — Eu não posso nem ouvir a palavra "amante", me faz pensar que a minha mãe não merecia isso. — Ele segurou em meu queixo e me beijou longamente, até que me acalmei.

— Eu queria muito ter conhecido você antes — disse segurando em meu queixo com seus fascinantes olhos verdes acinzentados percorrendo meu rosto, me causando arrepios. Eu o amava.

— Sabe, Fernando, eu me tornei uma pessoa amargurada, nunca aceitei o fato do meu pai trair a minha mãe. — Senti um gelo percorrer meu corpo com aquela frase. Minha consciência me cobrava, era exatamente o

que eu fazia com o Luiz Augusto. Precisava resolver logo esta situação. Ele beijou levemente meus lábios e então continuei: — Passei a ficar descrente no amor e trabalhar como voluntária fez com que encontrasse o meu caminho. Eu me descobri capaz de viver bem e forte neste mundo de traidores. Então decidi nunca trabalhar na área de Arquitetura e acabei fazendo outra faculdade, a de Serviço Social. E acabei nestas causas enormes como já é do seu conhecimento... — Ele riu, orgulhoso de mim. Franzi meu nariz e ele beijou a ponta, acompanhado de um suspiro apaixonante.

— Sua história de vida é linda...

— Só tenho pena da minha tia, desde a morte dos meus pais combinamos de morarmos juntas, o fato é que trabalhando como assistente social o dinheiro me rende muito pouco.

— É, imagino o quanto levando em conta seu carro caindo aos pedaços — disse humorado. Virei-me e bati no seu braço.

— Para de falar mal do meu carrinho, ele me serviu por muito tempo e continua me servindo. E você me deve o

conserto, não se esqueça. — Ele riu da brincadeira.

— Posso até te fazer um favor, se quiser.

— Não é nenhum favor, você bateu nele! — Ele balançou a cabeça em tom de deboche.

— A senhorita não tem conhecimento das leis de trânsito, por acaso tirou a carta pelo correio?

Rindo, nos abraçamos. Estávamos vivendo um momento íntimo e perfeito, parecia que tudo se encaixava entre nós!

— Enfim... continuando, esta mulher que se intitulou amante do meu pai veio a falecer logo depois num infarto fulminante e descobri que toda a sua fortuna foi deixada em meu nome em testamento. — Ele grunhiu.

— Gente, que história surpreendente!

— E não é?

— E qual o problema de aceitar, você não tem culpa dos atos do seu pai. E, de repente, este dinheiro pode até ajudá-la nas causas sociais que você diz amar tanto.

Virei-me e fiquei olhando para ele e admirada com sua destreza de resolver as coisas.

— Eu nunca pensei sobre este ângulo.

Ele deu de ombros num sorriso divertido.

— Ninguém consegue ser perfeito em tudo, infelizmente. — Fiz uma careta humorada para ele quando continuou: — Eu aconselho que então passe a pensar, minha bela. — Selou meus lábios e sorriu. — Eu creio que este dinheiro pode trazer muito mais felicidade a este coraçãozinho… — Com as pontas dos dedos, ele passou sensualmente entre o vão dos meus seios me fazendo arrepiar. Cada pelo do meu corpo ficou em pé e fechei meus olhos. O beijo foi inevitável, ele conquistava o meu coração mais e mais. Nunca pensei que este cara fosse bom de papo. Completo, somando-se com a sua pegada forte.

— Eu ouvi a Ana falar com você hoje pela manhã ao telefone — ele sussurrou em meus lábios. Eu respirei fundo e afastei, sabia exatamente o seu questionamento e fitei-o. — É verdade, você vai mesmo se casar?

O celular vibrou sobre a cama desviando nossa atenção, ele pegou e olhou no visor antes de me entregar com aquela expressão séria que apertou meu coração.

— Luiz Augusto, amorzinho... — disse num sorriso debochado. Sem jeito, eu peguei o aparelho de sua mão

com as minhas trêmulas e ia desligar quando ele segurou em minha mão. — Atende! — pediu num tom de voz baixo.

Pensei um pouco, ele assentiu de cabeça e então contrariada, saí da cama me afastando. Não conseguia olhar para trás, pois podia ouvir sua respiração pesada.

— Oi, Luiz Augusto...

— *Luiz Augusto?* — Um longo suspiro indagador soou do outro lado da linha. — *Senti falta do "oi, amorzinho...".* — Gelei com a cobrança, me sentindo péssima com a situação. Ele continuou com o meu silêncio: — *Acabei de ligar para sua tia, ela me disse que você está voltando para casa, é verdade?*

— Sim, é verdade, já estou a caminho... — resmunguei. Me sentia apreensiva com a situação, e piorou quando o Fernando limpou a garganta, talvez me lembrando da sua presença.

Me virei. Seus olhos estavam inexpressivos, fitando-me. Ele continuou ali, encostado na cabeceira e com os braços cruzados, sério...

— *Você está muito longe, ainda?*

Dei-lhe as costas para continuar a conversa aos cochichos.

— Eu não vou demorar...

— *Estou louco para olhar este seu rostinho, lindo, meu amor! Espero que você esteja tão ansiosa quanto eu!* — Fechei meus olhos com aquela angústia no peito. Eu havia, sem dúvida alguma, despertado a sua desconfiança.

— É claro que sim, também estou ansiosa — respondi num fio de voz quase imperceptível para ele não escutar a mentira que acabei de falar. Toda e qualquer decisão deveria ser olhando em seu olho. Ele merecia a minha sinceridade. Mordi os lábios, ofegante com o silêncio que se estendeu. — Eu te ligo depois, tá?

— *Mary? Você tem certeza de que está tudo bem?*

— Eu estou bem sim... — respondi, tentando parecer o mais normal possível. — Olha, eu tenho que desligar agora, parei no posto para abastecer.

— *Tudo bem, estou aqui te esperando...*

Desliguei e respirei fundo antes de me virar.

Fernando continuava ali, impassível, sem demostrar

nenhuma emoção, o que me deixou confusa e perdida, aliás, esta explosão entre nós, ou pelo menos comigo, aconteceu em um espaço de tempo muito curto, algo inexplicável para mim. Enquanto com o Luiz Augusto era algo que vinha de longas datas, eu não podia me esquecer. E falar com ele fez meu coração se apertar arrependido, embora já soubesse exatamente o que eu precisava fazer quando chegasse em Porto Alegre. Voltei para a cama, e me sentei de frente para ele com as pernas cruzadas. Ele sorriu fraco, sua respiração acelerou, pois percebia seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Então é verdade, você vai mesmo se casar?

— O casamento está marcado para a semana que vem... — precisei ser sincera, não mentiria mais para ele e para ninguém, tampouco agiria da forma cruel e inconsequente. Confesso que errei, sou humana e tenho este direito como qualquer pessoa. Assumo, já com a intenção de corrigi-lo. Vou enfrentar as consequências deste meu ato incoerente. Mesmo ele não querendo falar sobre a sujeira que a sua empresa tentava contra mim, eu não me importava, porque precisava olhar para os meus atos, ser digna até mesmo

para garantir o meu lugarzinho no céu.

E esta reparação se estendia ao Luiz Augusto. Antes de tomar qualquer decisão contrária, eu precisava conversar antes com ele e pessoalmente. Ele merecia um pouco mais de respeito por minha parte, eu assumia toda a responsabilidade da minha desonestidade. Isto nunca havia me acontecido antes, o Fernando bagunçou muito a minha vida, mexendo intensamente com as minhas emoções, me fez tornar-me vingativa por alguns dias. Eu agradeço a Deus que este momento de revolta que brotava dentro do meu coração passou. E agora a possibilidade de consertar estava em minhas mãos e eu daria o meu melhor. Nem que para isso eu pagasse com o ódio do meu noivo, acho que seria mais sensato dizer, ex-noivo. E com um processo nas costas. Porque é exatamente o que vai acontecer quando eu for tirar o áudio do processo, quando explicasse os motivos. Deveria dizer a verdade para a lei: "Cometi uma fraude".

Seus olhos se estreitaram e desceram para suas mãos. Seus dedos entrelaçavam deixando aquela impressão de nervosismo. Eu inclinei enfiando os dedos em seus

cabelos ajeitando-os para trás. Ele levantou os olhos e sorriu. Nossa! Fiquei confusa, sem saber definir se era ou não tristeza que via ali. Me sentia sufocada com aquela imensa vontade de dizer a ele as minhas pretensões, dizer o quanto eu já o amava em tão pouco tempo. Os meus sentimentos chegam a ser até inverossímeis. *Coisa estranha isso!*

O fato é que não podia, mesmo porque já errei muito até aqui. Caso eu decidisse arriscar e me declarar, primeiro colocaria um fim no meu relacionamento e depois o faria.

— Que bom para você — disse ele bem baixinho quando desceu os olhos, fugindo dos meus. Complicado o que estava acontecendo naquele instante. Não compreendia aquela frase... Fiquei em silêncio pensando no que dizer, como dizer... Ele não parecia interessado. *Será que não se importa?*

Seu silêncio me deixou constrangida, tirei minhas mãos dos seus cabelos, e fiquei ali com elas no ar, fechadas, mexendo um dedo no outro, esperando mais alguma palavra, que não veio. O silêncio só não foi absoluto devido aos ruídos fortes de nossas respirações. O ar

gelado se tornou um mormaço, tamanho o calor pelo meu corpo, nu. Tampouco ele levantou os olhos, então baixei minhas mãos com aquela dúvida enorme na cabeça.

— Suas mãos são tão delicadas, macias... — Ele quebrou o silêncio segurando-as com firmeza e levou até seus lábios molhados num beijo carinhoso que me deixou arrepiada. E ficou ali olhando para elas, quieto, como se tivesse diante dos seus olhos uma pedra muito preciosa e rara.

Ele era uma incógnita. Quem me garantia que ele não continuava em seu joguinho sujo e por isso me sequestrou? De repente, era uma forma de retirar o áudio do processo e livrá-lo desta. Ele não precisava fazer isto, porque independentemente de estar arrependida, eu faria de qualquer jeito. Eu me enganei, não estava preparada para mais um golpe, ou acreditava que sim, não sabia! Acho que merecia, afinal colhia o que plantei.

— O Luiz Augusto foi o meu porto seguro todo este tempo, uma pessoa muito importante e apesar...

Ele saltou da cama antes que eu pudesse completar a frase. *Ele não se importa!* Esta certeza fez meu coração

acelerar de um jeito doloroso.

— Eu não estou muito a fim de saber detalhes, poupe-me, ok? — Suas palavras frias atravessaram meu peito rasgando-o como se fosse uma navalha afiada. A dor intensa me fez perder o fôlego.

— Fernando, você precisa entender que...— parei de falar com sua mão estendida em minha direção. Havia sombras em seus olhos.

— Eu não preciso entender nada, é obvio que você precisa tocar em frente... — disse ríspido. — Pensando bem, Mary, acho melhor você voltar mesmo para sua casa, seguir sua vida. O seu amor está te esperando, não é certo deixar o amor da vida da gente esperando, não é mesmo?

Franzi a testa sem conseguir decifrar aquela frase enquanto seus olhos críticos passeavam por meu rosto.

— Quero te pedir desculpas mais uma vez, por ter agido de forma agressiva em sequestrá-la — ele quebrou o silêncio.

Eu assenti, ele respirou fundo, saiu do quarto e fechou a porta atrás de si sem trancá-la.

Baixei meus olhos, minha cabeça ficou na maior

confusão. Ele parecia sincero, contudo aquela reação de indiferença parecia uma expulsão. Deixava claro que eu não deveria acreditar tão fielmente nele. Minha razão pedia cautela, pois em todas as vezes que estivemos juntos ele foi tão convincente como hoje.

Fiquei ali, pensativa, e não surgia nenhuma alternativa em minha cabeça a não ser o meu corpo gritando por ele, meu coração berrava. Enrolei-me no edredom a fim de me declarar logo. Eu não queria mais protelar, mesmo que seus sentimentos não fossem recíprocos eu precisava dizer o que estava sentindo e me jogar em seus braços. Porém, quando abri a porta, ouvi o ronco do motor do carro e, em seguida, os pneus saindo em disparada.

— Fernando? — Corri em direção à porta de vidro, gritando seu nome até a luz vermelha desaparecer da escuridão.

Voltei para dentro me jogando sobre o sofá, e foi então que vi minhas roupas sobre uma poltrona, ao lado a minha mala. Entendi aquele gesto como uma despedida, ele caiu na real e estava mesmo me dispensando. Por isso ficou tão pensativo. Então eu estava certa, escolhi a semente errada,

plantei erva daninha... A colheita iria ser amarga e eu merecia pelos meus atos. Como diz o ditado: "O Inferno é aqui na Terra". Eu pagaria pelos meus pecados. Agora com o meu coração batendo forte pelo Fernando eu teria que engolir este amor e vivê-lo sozinha. De repente foi melhor assim, ficar com ele significava trair multidões.

O medo bateu forte em meu coração, porém com medo ou não eu teria que enfrentá-lo. Aguardei o amanhecer com a estúpida esperança de que o Fernando voltasse, mas ele não voltou, não me ligou. Ele simplesmente me eliminou de sua vida.

Ele se comoveu com a minha história e deve estar me achando uma coitadinha e como ninguém é tão frio, ele resolveu abandonar seu plano por pena, cheguei a esta triste conclusão.

Antes de partir da cidade, eu voltei ao fórum em mais uma tentativa de retirar dos autos o áudio que o incriminava. Independentemente do que ele me fez, eu não queria prejudicá-lo. Eu não queria carregar comigo para Porto Alegre aquela incerteza e também porque o amava.

— Eu sinto muito, senhorita Mary Lemos — disse o

escrevente que me atendeu. — Não há como retirar o áudio, como já lhe expliquei ele já seguiu em frente. A única forma é por meios judiciais, entretanto, precisa aguardar mesmo a decisão do juiz.

Saí de lá arrasada com a informação, teria que sobreviver com a dúvida, entretanto ainda havia esperança de conseguir cancelar antes de chegar à boca do povo. Ou teria que amargar meus dias sabendo que ele me odiaria pelo resto de sua vida e com razão, eu estava me odiando. E foi com esta sensação que segui meu rumo, pois em São Paulo não tinha mais espaço para mim.

Capítulo 11

Fernando

-Que merda de vida, porra! — gritava com muito ódio. — Passei a noite toda perambulando pelas ruas com aquela frase na minha cabeça. *Ele é o meu porto seguro*. — Caralho, ela é muito fria mesmo. Falando isso na minha cara, eu me senti um João-bobo, e precisei de autocontrole para não explodir com ela. Ela precisava desaparecer da minha vida, só assim eu teria paz. É bom que se vá mesmo. *Mas o que eu estou pensando?*

Bati levemente com a cabeça no volante para ver se os miolos iam para o lugar. Estava me sentindo um imaturo em abandonar o barco daquele jeito, mas o que eu poderia fazer? Não consegui suportar a angústia dentro do meu peito depois que ela falou com o seu noivo. Eu estava dando murro em ponta de faca, insistindo num amor impossível, precisava dar um basta e seguir em frente com a minha vida, pelo menos tentar. Ela tinha uma vida antes de mim, eu não queria forçá-la a nada. Nem pedir para ela terminar com esta história de casamento, mesmo porque

quando joguei no ar que não se deixa um amor esperando, ela ficou calada. Isto só prova que ela o ama.

Como eu poderia pedir isso, quem sou eu? Eu caí de paraquedas na vida dela, e vice-versa. Primeiro que para um ato desta proporção, ela teria que me amar de verdade. Eu acho que ela não me ama. Ela não teria feito o que fez, me largado no hotel sozinho, sem nenhuma explicação e entregue aquele áudio editado se me amasse como eu a amo.

Amor imaturo? Eu tô falando de amor? Eu só posso estar ficando louco mesmo!

De repente, ele é o cara certo para ela.

O sol fraco não conseguia aquecer, com o vento gelado nesta manhã, as pessoas se protegiam com seus agasalhos. As ruas de São Paulo já se tornavam insuportavelmente irritantes com seu trânsito infernal em horário de pico. Quando cheguei em casa, eu ainda estava sem noção da vida, sem noção de nada.

Em pé, de frente à mesa em meu quarto, eu passei a mão por cima dela, derrubando o laptop que ficou dependurado sobre o fio do carregador. Meu ódio era

tanto que o puxei com força e o atirei no chão. E pulei em cima com os dois pés, pois minha ira ia além, do meu controle, eu estava com vontade de matar um e descontei toda a minha raiva sobre o equipamento deixando-o todo arrebentado, na verdade deu perda total.

— Fernando? — Leonardo entrou vestido de pijama olhando-me intrigado em minha fúria intensa, quando seu rosto contraiu e ele grunhiu. — Cara, o que você fez com o meu laptop? — Levei um choque com a constatação, me lembrando então do dia que eu, ele e a Natalie filmamos abraçados. Estremeci ao lembrar dela, sobre o que aconteceu entre nós. Me sentia aliviado por ela ter decidido voltar para sua casa numa cidade do interior de São Paulo, depois de tudo. Um pouco de juízo naquela cabeça, aliás, estava demorando para isso acontecer. Ele se abaixou recolhendo o que sobrou dele. — Puxa, olha como ficou isso, as filmagens e as fotos da minha viagem estão tudo aqui, e o pior que nem tive a chance de mostrar a você e a mamãe — disse desolado.

O Leonardo era daqueles caras que sentia orgulho de suas aventuras e não deixava de registrar nem um passo

sequer.

— Foi mal, mano... — Repousei a mão sobre seu ombro, já me sentia mais calmo e envergonhado por, mais uma vez, perder a cabeça. — eu pensei que fosse o meu.

— Acabei me esquecendo de pegar. — Deu de ombros olhando com preocupação para mim. — Nem vou perguntar o que aconteceu, já deduzi que foi coisa séria. Você precisa se cuidar, Fernando, eu nunca tinha visto você perder a cabeça com tanta frequência — advertiu-me. Eu afirmei com a cabeça e soltei o ar com força.

— Tem razão, eu vou me controlar mais, estou de cabeça quente ultimamente — confessei. — Desculpa pelo laptop.

— Não esquenta, acho que consigo recuperar o HD.

— Boa lembrança. — Sorri e bati em seu ombro.

— Se cuida, cara!

— Pode deixar, agora as coisas vão ser diferentes. — Uma promessa que faria de tudo para cumprir.

Nem adiantava deitar e dormir, no estado em que me encontrava era humanamente impossível. O banho foi o mais demorado da minha vida, fiquei embaixo da água

morna, revivendo os meus últimos momentos com a Mary. E comecei a rir do nosso instante divertido. Balancei a cabeça enquanto desligava o registro do chuveiro, pensando que tudo nela era diferente até estes momentos de maluquices. Linda!

Arisca! Apesar de tudo ela ainda conseguia estampar meu rosto com um sorriso. No entanto, não mudou minha angústia, minha paciência estava indo ribanceira abaixo quando cheguei na Albuquerque, me dirigi rapidamente para a minha sala, a fim de me esconder e não adiantou. Quando soube da minha chegada, o Juliano correu ao meu encontro.

Assim que pisei na minha sala, ele já entrou me espezinhando a cuca, fazendo cobranças, me enchendo a cabeça, me estressando.

— Cale a sua boca, Juliano, por favor. — Bati em minha mesa com as mãos espalmadas, fuzilando-o com os olhos. Ele recuou, assustado como o dia na sala de reunião. Eu não havia dormido e ainda irritado não consegui conter a explosão.

— Nossa, Fernando, eu juro que não entendo você,

cara! — reclamou ele com voz mansinha, o medo estava ali estampado em seu rosto pálido. — Só estou fazendo o meu trabalho, ajudando a empresa não cair no buraco e é assim que você me agradece?

— Está certo, está certo... Estou mesmo relapso. — Baixei a cabeça, eu não conseguia mais foco na minha vida. — O que você precisa de mim, então? — perguntei esfregando meu queixo na maior impaciência.

— A única forma da gente se defender é entrando com este processo de difamação. — Apontou para o papel à minha frente que a Késsia deixou ali. Franzi a testa, intrigado com aquela a palavra "Difamação" e rapidamente peguei. Assim que meus olhos voaram pelas letras, meu coração começou a disparar, eu não acreditava.

— Então é por isso que ela foi embora do hotel? Meu Deus! — Soltei o papel sobre a mesa, passando as mãos nervosas pelos cabelos.

— Do que você está falando, Fernando? — Encarei-o. Ele me olhava, confuso.

— Isto aqui é mentira, Juliano. — Sacudi a cabeça,

indignado. — A Mary não difamou ninguém, nem a empresa, nem a minha família. — Ele soltou uma daquelas gargalhadas que me deixou possesso. Eu comecei a juntar o quebra-cabeça. É claro, ela leu o documento, estava no bolso da jaqueta, e quando ele ligou no meu celular naquele dia na casa da Ana, suas palavras ofensivas me acusando de fazer jogo sujo... foi por isso que ela ficou tão nervosa, exasperada.

— Não estamos fazendo nada além do que a ativista fez... — acusou-a estalando a língua como se estivesse acima da razão. — E daí que é mentira, você não falou que ela editou o áudio, ela é uma víbora sem escrúpulo, é assim que se trata esta gente!

— NÃO FALE ASSIM DA MARY, EU NÃO VOU PERMITIR, ENTENDEU? — gritei, apontando com o dedo em sua cara e me levantei. Ele recuou com olhos saltando para fora. — Você não a conhece, não faça julgamentos enganosos. Ela apenas se defendeu desta sujeira que você queria aprontar com ela. Ela é doce, uma pessoa íntegra. — Girei o dedo indicador no ar. — ELA ABRIU MÃO DE CONFORTO EM PROL DOS

NECESSITADOS, PARA SE DOAR AOS OUTROS, DOAR O SEU CORAÇÃO. — Apontei agora para o seu nariz. — Você já fez isso? — Seu rosto ganhou um vermelho absoluto enquanto eu falava alterado. — Não, né? Porque eu nunca fiz... — Pressionei o dedo no meu peito. — E duvido muito que alguém aqui nesta empresa tenha feito. — Girei ao redor o mesmo dedo que apontava para ele. — Só ela fez. ELA É, SEM DÚVIDA ALGUMA, UMA JOIA RARA, NÃO PODE FALAR ASSIM DELA, ENTENDEU, JULIANO? — Apontei o dedo na cara dele novamente, totalmente transtornado, em pé diante da mesa, quando desviei o meu olhar com o ranger da porta se abrindo.

— Você está falando da sobrinha da Ana, ela é a ativista? — O olhar assustado de minha mãe me fez engolir em seco. Era engraçado, eu temia pela Ana. Engoli forte, paralisado, sem saber o que responder. Ela veio até mim parando ao meu lado. — Me responde, Fernando! — ordenou como a matriarca.

— Sim, é ela.

— Meu Deus! — Ela ergueu as mãos acima da cabeça.

— Eu tenho inimigos dentro da minha própria casa, espiões e você escondeu isso de mim por que, filho? — Seus olhos marejavam de nervoso.

— Porque eu não sei... — disse apenas para não a deixar ainda mais apavorada. Chocada, ela deu a volta e se jogou na cadeira ao lado do Juliano e permaneceu de cabeça baixa, digerindo a informação bombástica.

Eu estava me sentindo malditamente carente e solitário, triste e enciumado. Só em pensar que logo ela levaria o sobrenome de outro homem me matava aos poucos. Eu queria gritar para qualquer pessoa ali ouvir, que eu a amava...

— Juliano, pode nos dar licença? Eu gostaria de falar com o meu filho — ela quebrou o silêncio tenso.

— Sim, claro — respondeu ele.

— Dá um tempinho para mim, mãe, eu preciso fazer umas coisas importantes. Vai com o Juliano para a sala de reunião que daqui alguns minutinhos eu encontro vocês.

— Mas Fernando...

— Por favor, mamãe, me dá uns minutinhos, por favor — implorei com uma voz calma e serena. Eu sabia

exatamente como agir agora e nada me faria mudar de ideia.

— Tudo bem... — Ela se levantou e saiu da sala em silêncio com o Juliano em seus passos elegantes.

Fechei meus olhos, meu coração estava tão apertado com aquele nó se formando em minha garganta. Eu havia tomado uma decisão que se estendia a toda a minha família, eles poderiam me odiar pela vida inteira. Eu não podia mais me enganar, me sentia um calhorda, sujo como a Mary me acusou. Eu precisava resolver isto de uma maneira justa até para me sentir melhor comigo mesmo, com a minha consciência.

Meia hora foi o tempo que levei para entrar na sala de reunião, minha mãe, meu tio sentado na cadeira ao seu lado e o Juliano sentado à ponta, tomavam cafezinho quase mecanicamente, eles repousaram a xícara sobre a mesa, olhando-me na maior expectativa.

— Aqui está, Juliano, eu quero que você dê entrada neste processo agora — minha voz fria e áspera fez com que minha mãe se levantasse, exasperada. Ela me conhecia e sabia quando algo de ruim pairava no ar.

Juliano pegou o documento de minha mão e à medida que seus olhos percorriam pelo papel sua expressão escureceu e ficou dura.

Que conhecedor, o investidor de toda uma repercussão social, econômica e de inviabilidade da edificação do shopping na localidade até porque já tem ciência da existência de um processo judicial contra ele, que possivelmente inibiria essa construção.

Este se reuniu com todos os seus investidores e parceiros, inclusive aqueles de aportes de capital, dizendo que a possibilidade de um eventual embargo a construção de nunciação de obra nova, levaria a paralisação, repercussão com relação a prejuízos econômicos, inclusive de cunho social e a sua imagem. Viu-se por bem em reunião decretadas entre eles, de paralisar a ação da construção, devolvendo todos os investimentos aos seus credores e seus parceiros, comunicando inclusive aos interessados por meio informal, que não mais edificaria a ponto de não ter o seu desgaste, tanto no processo, como econômico e evidentemente paralisando a ideia da edificação do

shopping na localidade.

— Como assim... isto aqui é uma desistência... — Ele estendeu o papel para minha mãe, que segurou e leu com as mãos trêmulas, enquanto seus olhos marejaram,

— É exatamente isso. Eu desisti do projeto num todo.

— Hum... — Ele sorriu, descrente. — É uma brincadeira, né?

— Estou com cara de quem está brincando? — Juliano torceu a boca e jogou o olhar indignado sobre minha mãe, que me olhava pasma com os lábios entreabertos e rosados de batom. — O fato é que eu errei na escolha do local, ou seja, a minha ambição, arrogância e egoísmo me levou a ficar cego. Olhando só para meu umbigo, não enxerguei as necessidades das pessoas passando por cima de todos. Eu simplesmente resolvi levantar aquelas torres luxuosas e pronto. Vamos pensar num jeito de substituir o local para um novo projeto, é só isso que tenho a dizer.

Virei as costas e saí da sala, deixando todos ali boquiabertos.

— Fernando — o Juliano me chamou sem que eu respondesse, enquanto segui em direção ao elevador.

— A senhora precisa internar este cara, ele deve estar muito doente, perturbado, acho melhor interditar ele, caso contrário ele vai levar a família toda para a sarjeta. — Ouvi o Juliano dizer e acabei rindo. No fundo, eu estava me direcionado a uma parte mais justa da vida. E de certa forma, aquilo me fazia bem. Eu não podia conviver com a Mary me odiando.

— Filho? Filho? — Minha mãe saiu da sala correndo atrás de mim. Eu parei antes de entrar no elevador que acabara de abrir a porta. — Esta sua atitude indeliberada vai quebrar a nossa empresa.

Baixei os olhos. Eu me senti muito mal, contudo aquilo levava todo mundo ao buraco junto comigo e levantei sorrindo, chateado, com os lábios fechados.

— Eu sinto muito mesmo, mãe! — Entrei no elevador e ouvi seus passos pelo mármore e, antes da porta se fechar, fiquei ali a observando, gritando com um olhar de desespero, com as mãos na cabeça. Eu sofria com ela, mas por outro lado me sentia feliz em ver a felicidade da Mary. Comigo ou não, só de ver ela feliz, já me contentava apenas com isso.

— Fernando, Fernando, não seja imprudente, meu filho. Volta aqui agora, seu moleque teimoso! — E a porta se fechou de vez.



Mary

Levei quase dois dias até chegar a Porto Alegre, me sentia suja, triste, com remorso, arrependida, apaixonada. Luiz Augusto me esperava sentado na sala da minha casa, ou melhor, nossa casa térrea de três cômodos: sala quarto e cozinha com decoração simples. O local onde programamos morar juntos pelo resto de nossas vidas. Ele largou o controle que segurava sobre o estofado preto e saltou do sofá assim que entrei pela porta. Seu cabelo loiro-acinzentado no ombro estava desgrenhado de quem acabou de acordar, seus olhos castanhos brilhavam sobre mim e vestia apenas seu pijama de algodão, a camiseta cinza em decote V, um shortinho largo com seu pênis até grande marcando sem cueca, a visão me soou tão sem graça. Em outros tempos eu ficaria excitada, diferente de agora que fiquei preocupada com ele vir com gracinha.

— Nossa, que saudade de você, minha querida. — Me abraçou, beijando minha boca, meu rosto, meu ombro nu. Suas mãos começaram a descer de minhas costas e ao fazer a curva em direção à minha bunda, incomodada disfarçadamente me afastei.

— Eu também, querido — respondi forçando um sorriso feliz. — Eu vou tomar um banho e aí a gente mata a saudade, tá?

Ele fez uma carinha triste e se aproximou. Suas mãos vieram ao meu quadril e me puxou ao seu encontro, o simples contato me causou repulsa. Eu não estava me sentindo à vontade, só precisava arrumar um jeito de fugir sem magoá-lo.

— Um banho vapt-vupt — falou se esfregando em meu ventre enquanto seu membro ficava duro.

— Deixa comigo. — Com as mãos em seus ombros, o empurrei devagar. Ele soltou os músculos relaxando em frustração.

Acho que nunca tomei um banho tão prolongado, ele gritava por mim querendo saber das novidades e me falava palavras sensuais e de carinho ameaçando entrar no banho comigo. Torci para ele não tentar, afinal tranquei a porta com a chave.

— Anda logo neste banho, querida... estou quase gozando nas mãos.

— Só um instante, amor — gritei abafado devido às

minhas mãos cobrindo meu rosto. Eu me sentia péssima fazendo aquele jogo. Ele não merecia. Respirei fundo uma, duas, três e na quarta vez vesti minha calcinha, sutiã e um vestido de malha larguinho, estampado em marrom e bege, confortável na altura dos tornozelos. Eu precisava despistá-lo, escondendo o máximo meu corpo. Por mais que me doesse, eu não conseguirei me relacionar intimamente com ele, pelo menos por enquanto. Meu maior medo era se isso se estendesse para a vida toda. "Eu preciso esquecer, o Fernando", repeti umas dez vezes para ver se entrava no meu cérebro a fim dele passar a informação ao meu coração derretido, entregue. Ele se recusava a continuar sem ele. Um arrepio percorreu minha espinha com as lembranças.

— Delícia... — Saiu involuntariamente e alto.

— Está uma delícia mesmo... — Luiz Augusto batia a porta do banheiro. A casa era tão pequena que se podia escutar em qualquer cômodo. — Sai logo daí, gata... Estou morrendo de saudades, passei dias demais comendo você com a mão... Agora quero sentir seu calor, eu te amo!

Suspirei com a declaração, encostada à porta de costas,

ofegante. E eu nem preciso falar porque, né?

— Só mais um segundo, Luiz Augusto. — Eu precisei de dois minutos para encontrar o equilíbrio indo ribanceira abaixo. E quando abri a porta me deparei com ele com as mãos apoiadas no batente da porta, seus olhos me olhavam de forma especulativa. — O que foi? Que cara é essa? — perguntei sem entender toda aquela tensão.

— Você nunca me chamou antes num momento de intimidade pelo nome... — declarou ele com voz de advertência. Seus olhos sondavam meu rosto. Eu torci a boca e nas pontas dos pés eu dei um selinho nele e o empurrei para passar. E me joguei sobre o sofá, eu já não conseguia mais esconder os meus sentimentos, estava tudo destacado em minha pessoa.

Ele veio se sentar ao meu lado e passou a mão pelo meu ombro, já mais tranquilo.

— Bem que notei você diferente ao telefone. O que há, Mary? Estou sentindo falta daquela mulher fogosa, ainda nem me jogou sobre o sofá, me dominando... — Olhei para ele quando terminou de falar, seus olhos frustrados cortaram meu coração. Ele não merecia ser enganado,

porém eu decidi pelo silêncio. Não estava preparada para discutir a relação. Toquei as pontas dos dedos em seu rosto e sorri.

— Estou exausta. Dois dias na estrada não é fácil, Lui... — Parei com seu olhar em desaprovação. — meu amor. — Com a pronúncia, minha mente projetou o rosto do Fernando.

— Mary, onde você está? É como se eu estivesse sozinho aqui. Ainda.

Para disfarçar inclinei-me beijando sua face, e com isso abri uma brecha. Ele começou a beijar meu ombro, subiu para meu pescoço e foi agarrando a minha cintura caindo no sofá e me colocando em cima dele. Eu fechei meus olhos, sentia choque pelo meu corpo. Não estava dando para continuar, meu coração não deixava.

De repente, ouvi uma gritaria vindo lá de fora, uma mistura de vozes masculinas e femininas, como se uma multidão passasse pela rua protestando algo.

— O que será que está acontecendo lá fora? — Me sentindo salva pulei de cima dele para o chão e corri para a janela, ele ficou ali deitado, frustrado, me observando

com uma expressão estranha. E mesmo antes de levantar a cortina, eu escuto o meu nome sendo gritado lá de fora por um tom de voz que eu conhecia. Era de um dos líderes da associação de moradores, e tão só de repente meu nome soou na voz de todos, e em coro.

— Céus! — Levei a mão à boca, emocionada com todas aquelas pessoas. Curioso com a minha expressão, o Luiz Augusto se levantou e se postou ao meu lado.

— O que os seus amigos lá da associação querem com você? Jesus, tem uma multidão aí fora, vou me trocar rapidinho! — exclamou ele e correu para o quarto. Fiz um rabo de cavalo no cabelo com os próprios fios, vesti meu tênis branco então saí para saber do que se tratava tanto alvoroço.

Era inacreditável o que acontecia ali em frente ao portão da minha humilde casa, aquelas pessoas que viviam chorando despedaçando o meu coração, agora estavam ali, com faixas escrita o meu nome, todas sem exceção sorriam extremamente felizes.

Me aproximei do portão a passos lentos, boquiaberta, surpresa e abri o portão.

— Nós conseguimos, Mary! Você conseguiu, nós conseguimos. Vencemos graças a você, nossa heroína — Cristóvão, um senhor de mais ou menos cinquenta e poucos anos, de cabelos grisalhos, olhos azuis muito claros, da minha altura, segurou em minha mão apertando na maior euforia.

— Mas... — Eu não entendia o motivo de todo aquele contentamento. — o processo ainda não foi julgado — expliquei.

— Não importa, garota — disse ele puxando para beijar minha testa. — Sabe que temos contato no fórum da cidade, e fiquei sabendo em primeira mão, que você conseguiu uma prova incontestável e juntou aos autos do processo e que a causa está 100% ganha. Você é demais! — disse ele, gozando da mais plena alegria. — Mary, Mary! — incitou a multidão e todos começaram a gritar o meu nome e me levantaram do chão andando comigo pelas ruas.

Eu não consegui segurar a emoção, as lágrimas desciam dos meus olhos. Com a mãos na boca eu ria e chorava ao mesmo tempo. Enquanto as pessoas acreditavam que era

de emoção, eu me desmanchava com ódio da minha pessoa por causar a desgraça na vida do Fernando. *A notícia chegou rápido demais, até parece castigo.* Eu pretendia tirar aquele áudio antes de aparecer, mas agora como eu poderia fazer isso? Olhava para aqueles rostos em completa felicidade... Eu não podia seguir com aquilo. Ele era dono do meu coração, e agora?

— Deus, me ajuda... — implorei articulando com os lábios olhando para o céu, as nuvens eram tão claras e em total movimento que me deixavam zonza. Meu estômago revirou devido a minha angústia. *Eu quero morrer!*

Eu não ia me perdoar pelo resto da minha vida pelo que causei a ele, por ele me odiar. Vim todo o percurso rezando para o juiz decidir a tempo de pedir a retirada, só que agora não podia fazer mais nada, o que eu temia aconteceu, estava na boca do povo. Eu não podia destruir toda a felicidade daquelas pessoas me carregando em seus braços, confiantes agora, achando que a justiça existia de verdade. Eram pessoas boas, dignas, que lutavam por respeito e direitos por suas moradias, apenas isso. No entanto, nem imaginavam a forma porca que consegui

aquela prova.

Deus, por favor, não deixe que ele sofra, por favor... Cuida dele para mim.

Depois deste fatídico dia, não teve apenas um capaz de arrancar um sorriso do meu rosto. Procurava permanecer a maior parte dos dias na associação de moradores, porque era a único lugar onde eu conseguia um pouco de paz com a distração, olhando para o contentamento de todos. Sem contar com o fator Luiz Augusto, eu não queria magoá-lo, já que ele estreitou todo e qualquer espaço para entrar no assunto de discutir a nossa relação. Eu estava angustiada pela minha situação, conversando era a única maneira de resolver definitivamente, libertar-me desta culpa, pois ele se recusava a me ouvir. Com as minhas recusas, no fundo ele notou que eu não conseguia esconder meus sentimentos porque sempre fugia na tentativa dele me tocar.

E faltando três dias antes da data, que, graças a Deus, resolvemos fazer uma recepção com um número pequeno de convidados e foi fácil passar a informação do cancelamento, foi que ele me deu a chance e eu declarei

que não estava pronta para me casar com ele.

— Eu nem posso dizer que estou surpreso, Mary. — Vestido numa calça jeans clara, uma camisa preta por fora da calça e cabelos desalinhados, em pé diante de mim, na sala onde fizemos muitos planos sobre a nossa vida em comum, Luiz Augusto respirou fundo nitidamente abalado e se jogou sobre o sofá, soltando todo o peso sobre ele e com a cabeça arqueada ficou ali me olhando seriamente.

— Eu tentei conversar e você não me dava a chance, só que agora é muito importante, eu não pretendo deixar você consternado e... — pausei quando ele estendeu a mão em minha direção e se levantou, se posicionando em minha frente.

— Eu até aceito o rompimento, contudo acho que não estou em condições de ouvir os motivos... — Seus dedos subiam e desciam pelos meus ombros nus com o vestido de alcinha, longo e estampado. E então segurou as pontas dos meus cabelos e levou ao nariz, aspirando o perfume. — Estou possesso e se a conversa seguir em frente, eu posso faltar com respeito. — Aquelas palavras serviram como um tapa na minha cara com luvas de pelica. Eu fui

sacana com ele e nem sei se um dia poderei reparar este erro, como o erro com o Fernando. Acho que não nasci com o coração do tamanho do mundo, como já ouvi várias pessoas dizendo. Acho que na realidade eu nasci para fazer as pessoas me odiarem, eu precisava me livrar deste imã. Esta definição cabia na medida certa.

— Por favor, Luiz Augusto, é sensato esclarecer e... — tentei mais uma vez. Ele recuou com um sorriso amargurado no rosto.

— Eu prefiro deixar esta conversa para o futuro... — Neguei com um movimento de cabeça, destruída. — Eu prometo que volto para a gente conversar melhor — disse e simplesmente deu-me as costas e foi embora. Da mesma maneira que o Fernando fez... Eu já estava me acostumando com a indiferença. Eu atraía para mim.

Eu amarguei vinte e oito dias sem notícias dele. Foi doloroso, me fazia pensar o quanto fui injusta. Só que, por outro lado, valia muito assistir a alegria de todo aquele povo. *O preço foi muito alto.*

Eu assistia de perto a tudo aquilo, ocupando minha mesa no galpão. Era um espaço muito simples, como todas

as casas do bairro ou até mais conservado. Com duzentos metros, paredes de tijolos vermelhos, apenas alguns arquivos de ferro na cor cinza na parede atrás da mesa, onde eu me sentava. E todo o restante do espaço era ocupado com bancos de madeira, enfileirados. Já até tentei liberar o espaço para uma ou outra família que viviam em situações mais precárias, ali no bairro. Com suas casas destelhadas formando um rio em seu interior quando vinha a chuva. Pessoas que trabalhavam duro e o que ganhavam mal dava para comer e não sobrava para reforma. Eu sofria com o sofrimento de todos. Infelizmente, o galpão não resolvia o problema de todos. Então, de certa forma a alegria deles em, pelo menos, garantir suas moradias no lugar onde escolheram para morar já valia a pena. O problema era o meu outro lado.

— Tudo bem, Mary? — Rabiscava um papel à minha frente. Minha mente vagando lá para São Paulo. Aliás, ela vivia lá. Levantei a cabeça forçando um sorriso para Cristóvão. Estava muito difícil sorrir ultimamente.

— Estou ótima — menti. — E você?

— Feliz, com tudo encaminhando conforme a nossa

luta. — Ele se sentou na cadeira à minha frente, e colocou as mãos sobre a mesa.

O significado daquela frase foi como um golpe em meu peito, doeu e não foi pouco e Cristóvão notou minha distância.

— Eu tenho notado que você anda diferente, desde que chegou a cidade — ele comentou. Eu neguei com a cabeça.

— É impressão sua, Cristóvão — assegurei, tentando convencê-lo. — Eu estou me sentindo bem em ver todos tão felizes. — Suspirei e fechei os olhos, arrependida. Acho que essa era a minha condição. Eu não conseguia me perdoar pelo meu ato.

— Aqueles magnatas nunca pensaram que uma garota com esta carinha meiga pudesse colocá-los no lugar deles, né? — disse orgulhoso de mim. Como eu poderia me sentir orgulhosa? Não dava.

— Espero que tudo se direcione no caminho reto... — desejei no fundo do meu coração.

Ele não teve tempo de responder porque o Luiz Augusto passou pela porta dizendo:

— Oi. — Em seguida, se dirigiu ao Cristóvão. — Como vai, Cristóvão? — Ele apertou a mão dele estendida, que logo se levantou notando a direção dos olhos dele diretamente nos meus, e sério.

— Ótimo, graças a Deus — respondeu acenando com a cabeça para mim. — Eu já estou de saída. É muito bom ter você de volta, Mary — ele falou e eu sorri. — Com licença.

— Toda.

Luiz Augusto sentou no lugar dele, jogou as costas no assento da cadeira e cruzou os braços, encarando-me de forma estranha.

— A gente vai ou não conversar? Vinte e oito dias e nenhuma ligação sua, tive esperança de que você pensaria melhor e mudasse de ideia. — Deu de ombros. — Mas até agora só obtive o silêncio. Acha que foi justo a forma que me dispensou da sua vida? — Eu não concordei, sacudindo a cabeça em negação.

— Você não quis saber a verdade! — Me defendi diante da sua amnésia.

Ele torceu a boca e eu relevei. Afinal, eu era a errada

em tudo desde o início. Eu mudei as trajetórias nas vidas de todos, eu sou muito má, cruel... Um monstro! Ele deu de ombros antes de continuar:

— Que seja... Não acha que eu mereço uma explicação agora, Mary? É o mínimo depois do que passamos juntos — exigiu. Ele tinha mesmo razão, eu estava sendo ingrata com todo mundo até com o meu coração.

Olhei em seus olhos inexpressivos e sorri sem jeito.

— Estou muito envergonhada por te dizer a verdade. — Ele franziu a testa e permaneceu em silêncio, aguardando. — Eu acabei me envolvendo com alguém emocionalmente e... — Parei quando ele limpou a garganta, colocando suas duas mãos sobre a mesa, pressionando-as contra a madeira.

— Você me traiu com esta pessoa? — indagou friamente.

— Olha, eu juro que eu não queria...

— Eu te fiz uma pergunta simples — me interrompeu com voz áspera. —, não quero rodeios, eu mereço a sua sinceridade, concorda comigo? — Nervosa, eu concordei freneticamente de cabeça.

— É claro que sim... — Ele inclinou a cabeça e sua expressão se contraiu. — Nos relacionamos... — falei apenas olhando para ele, aguardando sua reação, que ficou inalterada, enquanto me olhava com o semblante fechado. — Foi só um romance passageiro, um caso que acabou por lá mesmo.

— E você o ama? — Assenti. Eu sentia meu rosto queimar de vergonha, baixei a cabeça com o olhar fixo dele em meu rosto.

— Me desculpe, não fui honesta com você, no entanto eu não pude evitar... Lamento muito.

Ele grunhiu e baixou a cabeça, repousando as mãos sobre suas pernas.

— Não posso dizer que estou feliz, porque o que estou sentindo é uma sensação de desprezo... — disse ele batendo levemente sobre a madeira. Eu sacudia a cabeça num movimento negativo.

— Não... e-eu...— Ele não me deixava explicar.

— Pelo menos, agiu decentemente comigo. — Olhei-o, confusa. — A minha reação seria outra se depois deste cara, você tivesse transado comigo ou mesmo se casado.

— Você é uma pessoa admirável...

Ele grunhiu revirando os olhos.

Ele me deu espaço e eu contei-lhe toda a verdade, que amava este alguém que me odiava. Apesar de muito magoado, ele aceitou numa boa. E nem sequer me perguntou o nome da pessoa que habitava meu coração. Ainda bem que a minha tia ligou para informar que não poderia vir ao casamento porque a dona Vera estava enfrentando uma fase muito difícil de depressão. Eu não tive coragem de contar-lhe a verdade, pois sabia que eu era a causadora de tal sofrimento e nem perguntei dele. Eu apenas sofri em silêncio, agora morando sozinha.

— Alô? — Eu estava em minha cama, acabara de acordar e não pretendia sair, quando desanimada me levantei para atender ao telefone e coloquei no viva-voz de tão pesado que estava meu braço, eu carregava uma pedra de concreto nas costas.

— Mary, minha filha, o que aconteceu? Você não ligou mais. E como foi o casamento, pelo menos saiu de lua de mel? — Suspirei profundamente e mantive-me em silêncio, amargurada, com a respiração pesada como

estava o meu coração.

— Você não está bem, querida, eu posso sentir. — comentou ela preocupada. Não havia como esconder, ela me conhecia mesmo. Ela era como a minha mãe, tinha aquela coisa de sexto sentido, quando se tratava de mim.

— Não, estou emocionada de ouvir a sua voz, tia... — tentei responder com a voz limpa, porém ela veio com vários ruídos. Embora fosse também uma verdade.

Agora eu entendo, quando via minhas amigas chorando baldes de lágrimas quando sofriam de amor. E como eu fui injusta em criticá-las...

— Foi tudo bem, tia — menti engatando uma pergunta sem dar chance de continuar. Eu não podia mentir assim, principalmente para ela. Mas, infelizmente, eu precisava poupar o seu emprego. — E a senhora, como está?

— Ah, filha... Acho que vou voltar em breve para Porto Alegre — informou ela. Eu gelei com medo da dona Vera tê-la despedido.

— E por quê? — Houve um pequeno silêncio e aquela voz ao fundo que fez meu corpo estremecer. — É ela sim, Fernando — minha tia falou e depois não ouvi mais

nenhuma palavra. Eu queria tanto ouvi-lo um pouco mais, eu estava morrendo de saudades. Meu tempo passou, agora era tarde demais. — Desculpa, Mary, o Fernando entrou aqui na cozinha, eu esperei ele sair.

— Ele está bem? — falei num fio de voz, arfando.

— Ninguém anda bem aqui nesta casa. — Sua voz saiu quase num cochicho. — A empresa anda de mal a pior. Acho que é um tal projeto que foi interrompido, alguma coisa assim, eu não entendo destas coisas. Eu só sei que trouxe muita infelicidade a todos, por isso eu não consegui a licença, a dona Vera está muito depressiva, coitada! Eles são pessoas tão boas, não merecem este golpe.

Senti uma dor no meu peito como se uma faca afiada penetrasse abrindo tudo por dentro. Perdi o fôlego, nervosa, esfreguei a mão na cabeça.

— Mary, Mary, você ainda está aí, querida? — ela me chamou com o meu silêncio.

— Estou sim, tia. — Se arrependimento matasse eu estaria morta. Eu não conseguia esconder minha dor.

— Sua voz está estranha, você está tristonha sim, eu sei. O que aconteceu, menina? E não minta para sua tia —

disse ela com sua voz brava do jeito que minha mãe costumava falar quando eu não a obedecia.

— A verdade mesmo... é que eu não me casei, decidi seguir minha vida sozinha. — Pude ouvir seu suspiro, surpreso.

— Como assim?

— Acabou, tia, apenas isso.

— Não fique triste, meu amor, queria tanto estar aí para consolá-la. O mundo não acabou, logo vai conseguir outro rapaz à sua altura. Você é uma pessoa muito especial, você sabe disto, né?

Eu sou uma pessoa horrível!

Eu lamentava e me punia me xingando em pensamento de tudo quanto era nome feio, daqueles bem cabeludos, que nem ousava deixar sair pela minha boca. Não podia preocupá-la.

Eu não conseguia digerir aquela informação. Podia sentir a dor do Fernando e aquilo não estava me fazendo bem.

— Obrigada por ser tão gentil comigo, tia, eu te amo.

— Eu também te amo, minha filha. Vai lá descansar,

amanhã eu te ligo novamente para saber como está se sentindo.

— Está bem... Beijos.

— Beijos e fique com Deus — ela falou antes de desligar.

Nunca que Deus vai querer ficar do lado de uma pessoa perversa como eu, quando eu morrer vou amargar séculos no Purgatório, até que minha alma se purifique. E olha lá!

Fiquei ali sentada no sofá segurando minha cabeça baixa, pensando. Eu estava numa linha tênue, de um lado eu poderia ir ao fórum e me entregar como uma fraudadora, confessar meu crime, e se eu fizesse isso quantas pessoas chorariam suas perdas...

Eu só podia contar com Deus... Mas algo lá no fundo do meu coração me dizia que seria mais digno e leal eu desfazer aquele mal-entendido. Eu estaria agindo de forma justa, honesta, como a pessoa que sempre fui.

Levantei dali com pressa, me troquei, arrumei minhas malas decidida a ir a São Paulo, eu anularia aquele áudio nem que fosse a última coisa que fizesse na vida. Eu devia isso a mim mesma, devia isso ao Fernando.

Consegui vender meu carrinho até por um bom preço a um colecionador, e com o dinheiro comprei uma passagem aérea e fui consertar os meus erros.

Capítulo 12

Fernando

O mês passou como um foguete diante dos meus olhos, e hoje ao ouvir o nome dela me bateu uma saudade imensa. Eu lutava com todas as minhas forças para manter a empresa saudável, e isso me ajudou a sofrer menos. Já bastava a Mary povoar meus sonhos todas as noites, me fazendo acordar excitado. Passava horas na janela de minha sala na esperança de vê-la chegando. Eu tinha fé que ela bateria à minha porta um dia e se declararia apaixonada. Saía nas noites sem conseguir me satisfazer, ninguém conseguia suprir a falta que ela me fazia. Embora esteja difícil, devido aos reembolsos aos investidores que apostaram alto no meu projeto de Porto Alegre. Saí da janela, voltei à minha mesa e estava entretido lendo um novo contrato de um empreendimento pequeno que iniciei, quando o interfone tocou.

— Senhor Fernando, sua prima Natalie está aqui e quer vê-lo — informou Estefânia. Revirei os olhos, impaciente. *O que será que esta maluca quer comigo?* Depois do que

aconteceu, a forma de não sentir remorso era me manter longe dela.

— Mande-a entrar — autorizei. Eu conhecia aquela sapequinha, se negasse ela invadiria a sala de qualquer jeito.

Estranhei ao vê-la, nunca a vi tão coberta e elegante como estava hoje. Uma calça comprida preta, e um blazer na cor rosa claro bem-comportado, os cabelos num coque atrás da cabeça, e uma maquiagem bem discreta, era outra pessoa. Até seus olhos tinham um azul mais centrado. Por nenhum momento eles desviaram do meu rosto. Inacreditável a transformação.

— Olha só... a mudança foi radical! — falei orgulhoso enquanto me levantava e fui recepcioná-la e beijei sua face.

— Gostou? — Ela girou, sorrindo, satisfeita com o elogio.

— Está belíssima! — Fui sincero. Além do requinte, ela mantinha um ar sério, por nenhum momento senti malícia em sua voz, tampouco em seus gestos.

Segurei em seu braço levando-a até o sofá e me sentei

ao seu lado inclinando-me para ela.

— E então a que devo a ilustre visita? Depois que voltou para sua casa não nos falamos mais. — Ela sorriu fraco, fugindo do meu olhar.

— Estive ocupada procurando um emprego. Eu mudei, Fernando, larguei aquela vida desregrada, agora sou uma mulher ajuizada e de respeito.

— Fico feliz em ouvir isto de você. Sabe o quanto eu e todos nós da família a amamos. — Ela assentiu levemente com a cabeça.

— Eu sei, Fernando... e estou triste com os problemas que vocês estão enfrentando, vim até aqui porque precisava dar uma força.

Um sorriso triste se espalhou pelo meu rosto e me levantei com aquela sensação de saudade e perda tomando conta de mim.

— Eu tenho uma notícia muito importante para dar à família, e acho que vão ficar muito felizes. — Sua empolgação me deixou feliz e muito curioso. Voltei a me sentar segurando sua mão.

— Notícias boas são bem-vindas, e minha mãe está

necessitando de uma... — falei infeliz.

Eu me punia pela decisão que tomei, no entanto estava me sentindo leve, sem aquela carga negativa. Eu só precisava encontrar um caminho para sair daquela crise. Tinha fé de que encontraria o eixo de tudo. Com o pouco tempo que convivi com a Mary, aprendi que não é preciso pisar em ninguém para se ter as coisas. Ela me mudou, me transformando numa pessoa melhor.

Eu seria a pessoa mais feliz no mundo se tivesse mais uma oportunidade de olhar para ela mais uma vez. *Será que ela sente orgulho de mim?* Balancei a cabeça com meu coração apertado. É claro que não, ela deve estar feliz e curtindo seu maridão, sequer se lembra que eu existo.

— Eu me sinto realizada, e tenho certeza de que vai mudar os ânimos por lá — disse ela ofegante de alegria. Levei minha mão em forma de concha em sua face. Ela apertou o rosto contra ela, com os olhos fechados.

— Eu prezo muito a sua felicidade.

— Por isso mesmo vim para São Paulo para partilhar com vocês minha alegria. — Ela fazia tanto suspense que

fiquei curioso.

— Me adianta alguma coisa, vai? — Ela negou com a cabeça e então se levantou. — Amanhã à noite, eu vou à sua casa para o jantar. Avise a todos, por favor. É muito importante para mim.

— Fique tranquila, todos nós vamos estar presentes. — Fui até ela e beijei sua testa, cujo beijo foi recebido com um suspiro e olhos fechados. — Sempre estaremos do seu lado.

— Então eu vou indo. — Apontou em direção à porta. Senti-a hesitante, porém ela fazia tanto suspense que acreditei fazer parte do pacote.

— Até amanhã, então.

— Até. — Ela bateu continência e foi embora me deixando na maior curiosidade.



Mary

O fim de tarde se pronunciava quando saí do aeroporto de Congonhas, o sol se punha no horizonte, o frio caiu para 12 graus e a sensação térmica provocada pelo vento forte era menor ainda. Respirei fundo sentindo aquele ar gelado, observando o movimento constante de pessoas chegando para embarcar, enquanto outras saíam pela porta de vidro, e entravam no táxi enfileirados aguardando os passageiros. Saíam um atrás do outro a todo momento. E quando não suportei mais, vesti o blazer preto sobre o macacão de seda bege, que trouxe na mão. Achei que seria mais social para quando chegasse ao fórum. Até fiz um coque no alto cabeça deixando alguns fios encaracolados caindo pelas laterais do meu rosto.

Acenei para o próximo táxi, deveria deixar o fórum para o dia seguinte, devido ao horário. Já havia programado em minha cabeça que estaria à porta quando se abrisse. Seria a primeira a ser atendida, tamanha era a minha urgência. Eu estava preparada para tudo, qualquer punição, qualquer uma. Só queria consertar os meus erros.

— Para onde vamos, senhorita? — perguntou o

motorista tirando-me dos devaneios. Eu dei o endereço da minha tia. Meu coração batia saudoso no meu peito, eu queria tanto vê-lo, tanto... — Por favor, me leve para a Berrini. — Mudei de ideia e ele apenas assentiu com a cabeça.

Acreditei que, pelo menos, estando próximo a ele, eu conseguiria matar esta saudade dentro do meu peito.

Tudo conspirava a favor para minha tristeza se aprofundar. Parada em frente ao prédio eu observava a janela, lá em cima. Os vidros fumês escondiam a magia pelo lado interno. Embalada aos sons das buzinas no horário de pico, eu fechei meus olhos e toda a minha vida passou diante deles, eu podia sentir a fragrância do perfume dele. E quando os abri, meu cérebro projetou a imagem do rosto do Fernando, lá em cima.

Ri da minha própria ignorância, nunca eu poderia estar vendo seu rosto por aquele vidro escuro. *Uma cena ilusória!*

Respirei fundo e baixei minha cabeça, olhando para o concreto abaixo dos meus pés, pensando que eu poderia estar pisando sobre os rastros dele, e aquele friozinho na

barriga me deixou angustiada. Tantas pessoas passavam por mim ali na calçada, algumas com pressa e outras devagar... Os pontos de ônibus e táxis estavam lotados com a avenida congestionada com aquela enorme poluição sonora ocasionada pelas buzinas. Cada uma daquelas pessoas ia em direção ao seu mundo particular, enquanto o meu estava sem nenhuma definição.

O mais sensato a fazer era me afastar dali, de tudo o que relacionasse ao Fernando, não poderia passar o resto da minha vida com aquele sentimento, apesar da certeza de que esse amor tão puro e verdadeiro ficará para sempre dentro do meu coração. Ele não me amava como eu o amo, ele sequer me procurou... Desanimada, eu caminhei pela calçada em direção ao ponto de táxi.

— Mary? — Parei e fechei meus olhos sentindo meu coração pulsando na garganta, ao achar que ouvi sua voz rouca e forte. — *Cérebro, para de ficar me enganando, brincando com os meus sentimentos, por favor?* — Mary? — Ouvi novamente. Agora não era uma sensação, era real. E me virei, ofegante.

Minhas pernas amoleceram, eu quase não conseguia

respirar, meu coração agora queria sair pela boca. Inacreditavelmente ele estava ali, parado na calçada, lindo e simplesmente fascinante. O terno azul-marinho klin de caimento perfeito mostrava seus músculos que eu estava morrendo de vontade de tocar. Seus olhos verdes acinzentados estavam brilhando, eu não estava vendo lágrimas ali, não era possível. Seus cabelos escuros estavam muito bem penteados, ele estava tão próximo que eu podia sentir a fragrância do seu perfume, meus olhos se prenderam aos lábios entreabertos, ele parecia nervoso em me ver. Nossa, como eu o amava! Ele não fazia ideia do quanto!

— Oi. — Minha voz trêmula saiu muito baixa e embargada.

— V-você es-está perdida por aqui? — ele gaguejou. Eu estava biruta já, eu o sentia mexido com a minha presença, seu peito movimentava muito rápido. Impressão minha, só pode ser.

— Eu estou indo para o ponto de táxi. — Apontei, nervosa.

— Ah — ele respondeu simplesmente com seus olhos

fixos em meu rosto.

— Então, tchau. — Engoli em seco, dei-lhe as costas e segui rumo ao táxi. Numa rápida olhada para trás vi que ele virou de costas também indo em direção à empresa.

Comecei a tremer de ansiedade.

Ele me odeia, ele me odeia, segui repetindo até que não suportei mais. Eu precisava pedir perdão mais uma vez, e quando me virei para correr ao seu encontro, num passe de mágica ele fez o mesmo. E nos atiramos um nos braços do outro, nos beijando com urgência, ardor.

— Ah, Mary, senti tantas saudades de você... — sussurrou em meus lábios. As pessoas que passavam por nós, ali na calçada, nos observavam. Não nos importamos, ninguém e nada era capaz de quebrar a nossa magia. Nós só necessitávamos um do outro. Suas mãos trêmulas, quentes e fortes seguravam em meu rosto com força como se não quisesse me deixar fugir, sua língua invadiu meus lábios entreabertos esperando alucinado por ela. O beijo mais lindo e maravilhoso da minha vida.

— Eu também senti muitas saudades — sussurrei em seus lábios quando ele separou para respirarmos.

— E-eu... — ele começou a falar coloquei o dedo indicador em seus lábios, esfregando levemente, e ele fechou os olhos, ofegante.

— Você deve estar me odiando, né, Fernando? — Minha voz saiu fraca, trêmula, envergonhada. Ele sacudiu a cabeça em negação.

— Não... eu não sou capaz de odiar você e já te falei isso. — Seu hálito morno era tão bom que fiquei inebriada e consegui sentir seus batimentos. — Eu não quero falar de problemas, eles só nos mantêm separados, eu só preciso te sentir.

Eu também não precisava de palavras, explicações. Eu só precisava dele.

— Não diga mais nada... Eu também só quero sentir você sem explicação, sem cobranças. Vamos nos dar esta chance esta noite.

Um sorriso de satisfação espalhou pelo seu rosto.

— É tudo o que mais desejo. — Uma de suas mãos segurava minha nuca e a outra enlaçou minha cintura, me pressionando contra seu membro duro e extremamente apetitoso. Eu estremecia em seus lábios e ele nos meus.

— Fica comigo esta noite, por favor — implorou ele, ofegante.

— Não precisa implorar, me leve para onde você quiser, eu vou a qualquer lugar com você.

— Tem certeza? — Ele parecia receoso com algo.

— Toda a certeza do mundo. — Um sorriso lindo se espalhou em seu rosto.

Ele segurou minha mala, e com a outra mão segurou forte na minha.

— Então, vem comigo... — disse e me arrastou com ele em direção ao prédio.

Saímos correndo pela calçada, como duas crianças felizes. Entramos na recepção do prédio da Albuquerque, os funcionários olhavam para nós sem entender o que acontecia. Entramos no elevador para o subsolo, onde ficava a garagem, e depois em seu carro e saímos dali nos acariciando. O trânsito de São Paulo estava caótico como sempre em horário de pico e aquilo não nos incomodava. Nossas mãos ousavam um na intimidade do outro, loucos para nos sentir, nos tocar.

— Eu não acredito que você está aqui comigo, Mary. —

Ele tirou os olhos rapidamente do trânsito e fixou em meu rosto, eles marejavam me fazendo suspirar. Esticou o braço. — Me belisca para ter certeza de que não estou sonhando.

— Seu bobo. — Inclinei-me e comecei a beijar seu rosto, eu queria sentar em seu colo, ali mesmo e cavalgar nele, porém não podia, seria enquadrado como atentado ao pudor. Ele gemeu entre os dentes trincados ao notar a minha intenção de sentar sobre ele ali no volante.

— Eu adoraria, se você tivesse mesmo coragem — ele incitou em seu tom divertido. E comecei a rir. Fazia tempo que não saía um riso dos meus lábios.

— Estaríamos infringindo as leis, eu não quero infligir mais nada. — Seus olhos sentidos e ao mesmo tempo indagadores vieram ao meu rosto, eu senti um calor subir por ele. Havia muito o que solucionar entre nós, e por esta razão mesmo que deveríamos deixar a conversa para depois. Só assim poderíamos conservar aquela magia extraordinária que o contato de nossos corpos causava. Eu precisava senti-lo completamente sem obstrução, obstáculos. — Não vamos falar de nada do que nos

deixou tristes, tudo bem? — sugeri e ganhei um sorriso suspirante dele.

— Claro que sim. — Ele concordou de imediato. Abri o botão de sua calça e desci seu zíper, ele levantou o quadril para que eu a descesse um pouco. E admirei aquele pênis lindo grande, grosso com prazer. — O que você falou aquele dia no apartamento da Ana foi uma mentira, não foi? — Tomei posse de tudo aquilo fechando meus dedos ao redor e ele estremeceu, arfando. — Nossa! Você me deixa louco. — Levantei meus olhos para encontrar os ardentes de desejo dele.

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu, em todos os sentidos. O maior e mais grosso pau que já vi na minha vida. — Inclinei sobre ele e passei a língua na cabeçona… Ele arfou soltando os meus cabelos, e passou as mãos por minha cabeça. — O mais saboroso... — sussurrei nele fazendo-o gemer, seu corpo tremia de um jeito delicioso, me fazendo sentir uma fisgada em minha vagina deixando-a encharcada. — Me faz vibrar de amor, de tesão... — Enfiei o todo na boca. Ele empurrou chegando quase na minha garganta, pulsando. Ele gemeu

alto, muito alto, me deixando ainda mais excitada.

— Eu quero muito sentir você... E este trânsito maluco desta cidade, viu? — reclamou com a voz abafada quando me puxou ao pararmos no farol, onde havia vários malabaristas demonstrando sua arte. Rindo, nos recompomos.

Ele me levou ao mesmo hotel em que estivemos e assim que o elevador se fechou, começamos a nos beijar segurando para não nos tocarmos mais intimamente com as câmeras direcionada em nós.

Fernando

Entramos no quarto nos beijando, por um lado não falar dos problemas se tornou interessante, pelo menos ela estava ali em meus braços. Com ela eu me sentia abraçado pelo mundo. Mas significava que poderia ser a última vez, com certeza ela não queria falar por causa do seu marido. Eu me tornava um amante, algo que nunca me importei, no entanto agora eu senti ciúmes do calhorda tocar nela. Ela tinha que ser só minha.

Sentei-me na cama, ela montou sobre mim, nossos lábios não conseguiam se separar. Meu mundo se tornou colorido, ganhou um brilho que nunca vi antes. Eu a tinha ali em meus braços. E nada mais importava. Eu não sabia se era a última vez, porém eu sabia que ela era a mulher da minha vida.

— Eu amo você, Mary — sussurrei em sua boca. Sua respiração travou e suas mãos vieram para as laterais do meu rosto, segurando firme, ofegando. Seu corpo todo tremia e então ela afastou buscando meu olhar.

— O que você disse? Repete... — A umidade em seus lindos olhos dava um brilho cintilante, como se aquela

frase fosse a mais esperada.

— Eu amo você, eu amo você... — eu não me cansava de dizer, quebrava um tabu. Eu jurei que nunca me apaixonaria na vida.

Agarrei sua cintura com mais força e a puxei para mim, não restou nenhum espaço entre nós.

— Eu te amo. Eu amo você. — Tremendo, sua língua invadiu minha boca num beijo lento, gostoso e me arrepiei todo. Eu a abraçava sorvendo seus lábios, apertando-a. — Eu a quero. — Beijei embaixo do seu queixo com ela arqueando a cabeça dando me espaço. — Não apenas como uma resenha, eu não quero um resumo de você, a quero por inteira, só pra mim. — Escorreguei meus lábios lentamente enquanto minhas mãos passeavam pelas costas, sentia seu calor sobre o tecido fino e roçando seu pescoço, a beijei.

Parecia um sonho ela ali comigo. Arqueada, com seus olhos fechados, tão linda, tão entregue a mim. Beijei o lóbulo de sua orelha arrancando gemidos dela, tirei seu blazer beijando seus ombros, sentindo a pele macia como seda se arrepiar sob minhas mãos. Ela rebolava no meu

pau querendo explodir para fora da calça. Eu fazia tudo lento, degustando-a, queria que aquele momento durasse uma vida toda. Minhas mãos foram para trás do seu pescoço, abri o fecho do macacão e lentamente despi-a. Meus olhos brilharam sobre aqueles seios maravilhosos únicos.

— Ahhh! — Ela gemeu ao sentir minha língua em sua pele, desci até o vão de seus seios fartos, ela segurou minha cabeça, a apertando sobre eles. — É inacreditável ouvir você dizer que me ama. Eu também te amo, meu lindo, amo tudo de você, tudo. — Apertei-a para baixo em minha ereção, sua declaração era importante para nós. Naquele instante a esperança dela largar o calhorda do marido e ficar comigo me deu um ânimo diferente, não cabia tanta felicidade dentro do meu peito. Comecei beijando do colo ao vão e tirei o sutiã liberando-o totalmente para mim, lambendo os bicos rígidos de tesão, arrancando seus gemidos me deixando louco, alucinado para devorá-la, mesmo assim eu a queria lentamente, sem pressa. — Eu te amo, Fernando, eu te amo...

Com as mãos no meu pescoço ela arqueou o corpo para

trás deixando tudo aquilo à minha disposição, enquanto minhas mãos passeavam por seu corpo, sentindo a textura de sua pele. Admirado, eu degustava cada centímetro, deslizando meus dedos contra sua pele macia, do rosto até o final de sua barriga sentindo seu corpo se contrair, enquanto eu sentia ondas deliciosas de prazer pelo meu corpo. Meu coração batia forte no peito, com ela tão entregue... gemendo louca de prazer.

— Eu a quero só para mim, sem reservas sem nenhuma dúvida. — Aquela frase não coube no momento, pois nosso pacto era de não falar de problemas, mas ela estava tão envolvida gemendo que mal notou.

— E você me tem — disse ela em sua voz abafada, agarrando meu pescoço me puxando para ela. Sua boca explorava o meu pescoço, chupando-o, mordendo-o, enquanto eu me arrepiava. — É um criminoso condenado agora, porque roubou o meu coração — sussurrou em minha pele me levando à loucura.

Segurando em suas nádegas firmes e quentinhas, me levantei com ela e a coloquei deitada sobre a cama.

— Esta pena eu pago com muito prazer, você não

imagina o quanto! — Eu observava cada parte do seu corpo despido da cintura para cima. Tirei o paletó sem desviar nossos olhares, seus olhos me olhavam em expectativa, assim como estava o meu corpo. Tirei toda a roupa só para ela. Ela suspirou quando o garotão pulou para fora, ereto apontando em sua direção, faminto.

— Vem para mim, vem — ela me chamou com os braços estendidos.

— Claro! — Deitei ao seu lado, beijando-a intensamente quando ela me jogou de costas na cama.

— Quietinho, senhor todo-poderoso Fernando, agora é a minha vez. — Uma de suas pernas passou para o outro lado do meu quadril, ela me prendeu entre ela, enquanto suas unhas riscavam o meu tórax descendo por minha cintura me fazendo arrepiar. — Senti tanta saudade da sua pele.

— Não imagina o quanto eu senti de você também. — Eu arfei quando ela inclinou com seus lábios macios, úmidos e sedentos e beijou meus mamilos rígidos, sugando-os firme e lento. E, em seguida, veio roçando até meu pescoço e depositou beijos quentes. Subindo ao meu

queixo, fez a linha do meu maxilar e deslizou para dentro da minha boca. Um momento perfeito, porque nossas línguas estavam em sincronia, sentia a pele de suas costas deslizando minhas mãos totalmente por ela. — Sua pele é tão macia... — sussurrei quando ela afastou ofegante, sua língua percorreu toda a extensão dos meus lábios e contorno da boca. Ela explorava todo meu corpo fazendo o caminho de volta do abdômen ofegante até meu pênis pulsando, me fazendo tremer.

Passou a ponta da língua na glande envolvendo-o com seus lábios sedentos, eu o sentia pulsando dentro de sua boca.

— Fernando? — sussurrou sobre ele.

Gemendo agarrei a sua cabeça.

— Oi, amor — respondi ofegando e muito excitado.

Segurando na base ela disse em sua voz macia que eu amava demais.

— Ele é lindo! Posso sentir as veias pulsando na minha mão. — Ela passou a língua na cabeça olhando-me por cima — Ele é enorme, tão duro... Desculpa-me se magoei você aquele dia na minha tia, tá?

Um sorriso de satisfação espalhou pelo meu rosto.

— Me deixou muito encafifado da última vez — confessei. Eu queria pedir perdão a ela, dizer que entendia a atitude que teve ao entregar o áudio, ela precisava acreditar que eu jamais compactuaria com aquele documento de difamação e por ela eu desisti de tudo. Eu só precisava aguardar um momento mais propício. Me deixei sentir a fascinante sensação de tê-la em meus braços. Ela sorriu engolindo-o todo, arfei empurrando-o para dentro de sua boca.

— Falei da boca para fora, você me deixou com raiva.

— Não fala, por favor, vamos curtir o nosso momento — implorei com medo daquele assunto quebrar a magia. Nada poderia estragar aquele instante único.

Ela sorria, olhando em meus olhos enquanto a sua língua passava totalmente por ele. Assim que começou a subir e descer sua boca molhada pelo meu pênis, chupando com velocidade, com fome dele, minhas mãos foram parar no seu cabelo, ajudando-a aprofundar o movimento. Com isso estremeci, gemi, arfei carregado de tesão. Ela literalmente me resgatou do inferno e me levou

de volta ao céu.

— Vem aqui pertinho de mim, meu amor. — Trouxe-a até meus lábios segurando-a pela lateral de sua cabeça,

Tirei os fios de cabelos grudados do seu rosto suado e beijei levemente os seus lábios. Enquanto chupava sua língua fui abrindo a parte do zíper ainda fechado e a libertei da roupa. Apertei sua bunda contra mim arrancando suspiros dela e girei com ela deixando-a deitada ali em frente, ofegante, entregue ao meu comando. Seu peito subia e descia e eu quase ouvi o seu batimento cardíaco. Com as pontas dos dedos, afastei seus cabelos grudados em seu rosto suado.

— Você é tão linda, Mary — sussurrei e tomei seus lábios novamente com força, paixão. Comecei a beijar seu pescoço dando leves mordidas, a sentindo se arrepiar na orelha. Desci até seus seios sugando o direito enquanto massageava o esquerdo. Mordi levemente o bico túrgido puxando sem machucá-lo arrancando gemidos altos dela. E a torturei mais, seguindo o percurso com a língua por sua barriga lisinha, pele impecável, contornando sua cintura, beijando-a, mordendo-a, dedilhando pelo umbigo.

E segui até o elástico da calcinha, tirando-a devagar sem pressa, queria eternizar o momento. Com os dedos abri seus lábios vaginais e admirei aquele clitóris inchado e encharcado sentindo meu pau latejar.

— Você está tão gostosa. — Ela estremeceu toda arqueando o quadril ao sentir minha língua roçando nele.

— Céus, Fernando! — exclamou se contorcendo de tanto tesão, conforme eu, agarrado ao seu quadril, passava a língua de um lado para outro, circulando, deslizando em seu líquido de prazer, penetrando-a. Uma delícia... Ela tinha que ser só minha, eu precisava dar um jeito nisto...

— Eu preciso de você agora, meu amor, vem para mim, vem... — implorou ela gemendo bem alto, queimando de desejo.

Ela tinha razão, agora só faltava unir nossos corpos fundindo-nos em apenas um.

Arrastei-me para cima afastando suas pernas e gemi quando a cabeça do meu pau encontrou sua intimidade encharcada e ela gemeu também.

— Eu quero sentir você sem capa, por favor, diga que autoriza — disse pressionando-o pulsando para dentro,

com a minha testa colada a dela, nossas respirações se misturando, se desejando. Ela assentiu com a cabeça.

— Faça de mim o que você pretender, eu sou toda sua — sussurrou, arfando ao me sentir já dentro dela.

Nossas línguas se tocavam com mais calma, a boca dela era a coisa mais deliciosa deste mundo, eu enterrava lentamente, preenchendo-a em sua vagina tão molhada, apertadinha, quente e minha. Ele escorregou de leve todinho e gostoso para o interior dela. Era uma sensação única, olhar em seu rosto... Linda, ofegante e quase sem ar. Aquela imagem fazia meu pau latejar de tanto tesão dentro daquele corpinho quente, no movimento de entra e sai... Saboreava cada segundo! Sempre fui cuidadoso em relação ao sexo, mas com ela precisava ser assim, pele contra pele, a sensação era incrível em sentir seu calor úmido.

Sentia espasmos pelo corpo mantendo meus olhos nos dela enquanto deslizava para dentro e para fora, suas unhas enterradas em minhas costas desceram para a minha bunda apertando-me contra seu corpo, gemendo alto.

— Coloca tudo, eu quero tudo — implorava ela me

levando às nuvens; e olhando para seus olhos ardentes de tesão eu dava-lhe tudo o que ela me pedia, estocava fundo intensificando os movimentos e gritávamos em frenesi.

Enterrei com força e a senti apertando-me quando seu orgasmo tomou conta. Seu líquido quente banhando meu pênis me levou ao ápice, meu corpo se arrepiou todo, e num gemido intenso explodi gozando gostoso dentro dela, enquanto o tremor tomava conta de cada músculo do meu corpo.

Ofegantes e realizados, deixei minha cabeça repousar na curva do seu pescoço e ficamos ali em silêncio, um sentindo o ritmo cardíaco do outro.

— Nossa, você é o máximo — ela quebrou o silêncio. Eu a beijei com ternura. E olhei em seus olhos brilhando. — Você é mesmo um cara surpreendente — falou ela. Eu franzi a testa e sorri especulativo. Ela riu e deu-me um rápido beijo, passando as mãos macias e quentes por meu rosto secando meu suor, observando cada ponto dele. — Um homem que achei que era gélido, agora aqui ardente, e que sabe como dar prazer a uma mulher...

Sorrindo escorreguei para seu lado e a puxei. Ficamos

de frente um sentindo o calor do outro. Eu não conseguia parar de olhar para ela. Coloquei seus cabelos sobre os ombros, sondando seu rosto suado como o meu e a expressão realizada.

— Você é responsável pela mudança — disse riscando seu braço arrepiado de cima a baixo e entrelacei meus dedos nos seus. — Me tornou uma pessoa melhor, eu me sinto mais leve, feliz como nunca fui antes.

Eu vi confusão em seu olhar e, de repente, senti medo de assustá-la e, inseguro, a envolvi em meus braços, deitando sua cabeça em meu peito.

— No momento, prometemos manter o foco só em nós — falei a fim de amenizar o clima que, de repente, se tornou tenso.

— Tudo bem... — Sua voz triste fez meu estômago embrulhar, era o medo de perdê-la para o calhorda do seu marido. Eu a apertei mais em meus braços. — Tudo o que vivemos aqui, Fernando, vai ficar para sempre em minhas memórias.

— Jura? — Arqueei a cabeça em busca dos seus olhos, um sorriso lindo e sincero se espalhou em seu rosto.

— Eu juro por tudo o que é mais sagrado.

Emocionado eu a apertei em meu braço.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Neste clima apaixonado dormimos um nos braços do outro.

Capítulo 13

Mary

O som de um vibrar distante proveniente de um celular despertou-me. Sentia o sol batendo agradavelmente em meu corpo, sabia que era dia, os cantos dos pássaros tinham o mesmo som das batidas do meu coração, ali envolvida nos braços do Fernando, o meu amor. Era como uma canção romântica, me deixando arrepiada com aquele friozinho gostoso na barriga com os nossos corações batendo juntos.

— Fe? — chamei sentindo a pele quente de seu rosto embaixo dos meus dedos.

— Hum... — ele rosnou, se recusando a abrir os olhos.

— Seu celular está tocando — informei e então sonolento ele esticou o braço e pegou o aparelho.

— Número desconhecido, eu não vou atender — Jogou o aparelho sobre o lençol em cima da gente e me abraçou forte novamente pressionando seus deliciosos lábios nos meus. E novamente o celular vibrava.

— Pode ser algo urgente! Atende, vai? — Ele negou

com a cabeça, em meus lábios.

— Ah, não. Não existe problema neste mundo que vai me afastar de você — disse ele me agarrando com tanta força que me emocionei. Parou de vibrar e começou novamente. — Que merda! — praguejou pegando o aparelho e atendeu.

— Alô...

— *Fernando, estamos aqui no hospital, no bairro do Morumbi, a Natalie passou mal e você precisa vir urgente para cá.*

— Como assim, mãe? — Ele se sentou encostando-se na cabeceira, havia uma nuvem de preocupação em seus olhos, eu me sentei ao seu lado.

— *O pessoal do hotel onde ela está hospedada nos avisou e viemos correndo para cá. Estão fazendo uma bateria de exames. Ela está chorando muito e não para de chamar por você.*

— E como ela está agora? — perguntou ele, aflito. Ao seu lado, eu franzi a testa preocupada como ele.

— *Ela parece bem agora após os medicamentos, tirando a crise de choro...*

— Graças a Deus, poxa! Ela esteve na empresa e marcou um jantar, hoje em casa... — explicou e deu uma rápida olhada em meu rosto e sorriu, os vincos de sua testa evidentes.

— *Por favor, não demore, filho!*

— Está bem, chego aí o mais rápido possível... Beijos.

— O que aconteceu? — perguntei quando desligou.

— A minha prima, Natalie — ele falou, me lembrando.

— Sim, eu sei quem é ela, a conheci na balada em companhia do seu irmão. — Seu cenho se fechou no mesmo instante com a lembrança daquele dia. — E o que aconteceu com ela?

— Passou mal no hotel em que estava hospedada, e está internada — disse, colocando meus cabelos atrás da orelha. — Me desculpa, eu preciso ir até lá.

— É claro que precisa — falei solidária e já fui me levantando da cama.

A urgência merecia sua total atenção.

— Este imprevisto tinha que vir justamente agora? — falou ele quando estávamos preparados para sair, depois de tomarmos banho juntos e, com dificuldade de nos

mantermos comportados, ficamos na maior esfregação embaixo do chuveiro. Ele me beijou com todo amor deste mundo e me envolveu em seus braços. — Eu queria ficar assim juntinho com você o dia todo, todos os dias — sussurrou em meu ouvido me deixando arrepiada.

Joguei meus braços ao redor do seu pescoço acariciando os cabelos de sua nuca. Ali era uma total entrega, nossos corpos colados e corações batendo no mesmo ritmo.

— Seria maravilhoso — falei antes de nossos lábios selarem outro beijo intenso, agora eu sabia e sentia que nascia o amor em nossos peitos.

— É incrível como acontece imprevistos entre nós... a gente nunca consegue conversar... — ele falou indignado. — Eu baixei meus olhos, triste. Ele segurou em meu queixo levantando-o, para olhar diretamente em meus olhos. — Não dá mais para protelar esta conversa, Mary. A gente precisa resolver nossas vidas, esclarecer uma porção de coisas. — Eu concordei sentindo-o estremecer.

— Você está coberto de razão.... Desta vez vamos agir com sinceridade e sem brigas — eu disse com humor, com

as sobrancelhas arqueadas. Ele caiu na gargalhada, com certeza recordando nosso momento maluquice no dia que ele resolveu me sequestrar. Mas eu mereci. Beijou meus lábios com ternura.

— Eu nunca mais vou irritar você, eu prometo. — Com a sua promessa, eu cruzei os dedinhos de minhas mãos e beijei.

— Eu juro também.

— Lindinha! Ele me apertava muito forte em seus braços, aninhei a minha cabeça em seu peito e ficamos ali em silêncio enquanto nossos órgãos se comunicavam, sentindo o movimento do seu peito subindo e descendo ao mesmo tempo que ouvia as batidas fortes de seu coração.

— Eu preciso ir — ele comunicou com uma expressão de quem estava sentindo um aperto no coração. Seus olhos cintilantes me fixaram.

— É claro que tem, eu também tenho algo muito importante para resolver. Quando você estiver disponível me procura, estarei à sua espera para conversarmos.

— Farei isso com absoluta certeza.

Ele pegou em minha mão e levou aos lábios dando um

beijo estalado, e escorregou seus lábios pelo meu braço subindo até meu ombro.

— Eu sinto uma fome desesperada de você — confessou ele chegando em meus lábios e me dando mais um beijo. Sabe aquela sensação que a gente sente, aquela que não quer se separar? Era assim que me sentia, escrava, apaixonada.

Deixou-me na porta do apartamento da minha tia, eu estava com aquele aperto imenso no coração em separar-me dele, inclinei-me e o beijei com ternura.

— Eu preciso confirmar mais uma vez — disse ele. — A gente vai se ver de novo? — perguntou.

Havia uma expressão de medo em seu rosto e toquei as pontas dos dedos em sua face deslizando de cima a baixo, olhando aquele lindo perfil com olhos fechados.

— Espero que sim — murmurei e quando ameacei abrir a porta ele segurou em meu braço.

— Espera. — Virei me deparando com seu olhar intenso. — Eu preciso te dizer: Você é tudo o que importa na minha vida, eu não vou abrir mão de você. — Eu assenti com a cabeça, emocionada, ele beijou sobre ela e

me abraçou forte.

— Por favor, não abra mesmo mão. Você se tornou uma parte de mim, agora. — E desci rapidamente. A importância da sua pressa acendia meu senso de responsabilidade. Família em primeiro lugar.

Do lado de fora soltei um beijo estalado em sua direção antes de fechar a porta, ele retribuiu com os olhos fechados.

— Está com o seu celular?

— Acho que sim — falei não muito certa. Esqueci dele, aliás, esqueci de tudo. E quando o achei perdido na bagunça da minha bolsa lhe mostrei. — Está aqui.

— Atende quando eu te ligar, tá?

— Pode deixar. — Lancei outro beijo no ar e bem estalado.

Quando seu carro virou a esquina, eu comecei a rir de tanta felicidade, pisando em ovos. Até o dia lindo com seu sol reinando no céu limpo sem nuvens sorria aplaudindo a minha nova vida.

Eu não pude esperar mais, precisava dar um fim naquele obstáculo que enchia meu coração de remorso.

Dali segui direto para a avenida, onde tomei um táxi para o fórum.

— Este processo foi anulado, não existe mais — disse o escrevente analisando no computador. Eu não conseguia compreender o que ele dizia.

— Verifica direito, por favor — insisti debruçando sobre o balcão tentando olhar na tela.

— Está aqui, senhorita, processo anulado. — Apontou para a tela do computador à sua frente. — Não há dúvida alguma.

— Você deve estar vendo outro processo, por favor este é o número. — Peguei o papel sobre o balcão mostrando a ele.

— O processo foi anulado há mais de vinte dias devido à desistência pelo proprietário Fernando Albuquerque. Só está aguardando a decisão do juiz.

Coloquei a mão a cabeça, não podia acreditar que ele fez isso. *Meu Deus!* Então é por isso que ele vem enfrentando problemas financeiros na empresa. Jesus, ele fez isso por mim. Eu não podia acreditar, eu passei a amá-lo ainda mais. *Como ele é digno.* Peguei uma cópia da

planta do projeto.

Eu te amo, Fernando, eu te amo! Saí do fórum numa emoção que não cabia no peito.

Eu precisava fazer alguma coisa por ele, não poderia compactuar com a sua falência, eu devia isso a ele. Devia isso a mim.

Voltei para o apartamento da minha tia e fiquei ali no quarto horas fazendo um planejamento, olhando para aquela planta sobre a cama, pensei muito usando a criatividade que sempre esteve presente na minha cabeça, a criação deveria ser revolucionária diante daquele projeto que a princípio me parecia perfeito.

Perdi a noção das horas, nem notei quando a minha tia chegou em casa e abriu a porta do quarto e ficou ali fitando-me, surpresa.

— Você não avisou que viria. — Eu assenti e acenei apenas com a mão. Minha cabeça fervilhava, não havia espaço para nenhuma outra informação. — Que papel é esse? É da Albuquerque? — perguntou com olhos sobre a cama. — O que você está fazendo, menina? — Estava tão compenetrada na criação que só dei uma olhadinha me

deparando com seu olhar alerta, antes de voltar ao meu relatório.

— E-eu — não conseguia responder com algumas ideias despontando do meu cérebro, eu não podia perder o foco. — Estou pensando aqui, por favor, tia, eu preciso de um tempo sozinha, por favor.

Ela torceu a boca.

— Eu, hein, tenho até medo quando você fica assim tão pensativa, medo do que possa estar aprontando. — Sua voz ecoou preocupação e eu levantei a cabeça.

— Pode ficar sossegada, não é nada do que você possa se preocupar, eu lhe asseguro! — afirmei. Sua expressão suavizou, porém, ela não esboçou nenhuma intenção de sair dali, então me levantei, segurando em seu ombro, e arrastei-a para fora do quarto. — Eu preciso de um tempo sozinha para me concentrar, desculpa. Tente compreender, dá licença... — E fechei a porta com a maior certeza da minha vida: eu não permitirei jamais meu amor, sofrer. Ele abriu mão por mim e agora era a minha vez de fazer a minha parte. Eu pensava numa forma de fundir as coisas, o lado dele e das pessoas afetadas.

— É claro! — gritei saltando da cama pulando com os punhos fechados, eufórica. — É isso, vai dar certo.

Peguei meu celular sobre a cama, liguei para o Cristóvão e solicitei-lhe que fizesse uma reunião com todos os moradores do bairro ainda hoje, anotasse as necessidades de cada um e me passasse o relatório imediatamente. Diante destas informações, eu conseguiria construir o projeto revolucionário que estava na minha cabeça.

Fiquei ali trancada pensando nos pormenores quando duas horas depois o Cristóvão me ligou. Eu não acreditei naquilo, coloquei no viva-voz.

— Você precisa de mais alguma informação? — perguntei acreditando que ele não havia entendido a minha solicitação.

— Você é uma pessoa que sempre esteve disponível para todos nós. O mínimo que eu deveria fazer é atendê-la de prontidão. — Meus lábios separaram, surpresa.

— Não me diga que você já tem todos os dados que te pedi!

— Eu fiz melhor, recrutei algumas pessoas e passamos

em todas as casas e passei sua solicitação e o seu número. Daqui a pouco vai aparecer uma montanha de mensagens no seu celular.

Como ele informou, no mesmo instante apitou com a primeira mensagem, chegando.

— Já estão chegando — falei toda esbaforida. — Obrigada, meu amigo.

— Sempre às ordens. Abraços. — E ele desligou.

Passei algumas horas ali lendo e anotando cada mensagem, e diante destas informações e a cópia do projeto original, o próximo passo era procurar o advogado que estava com o testamento da minha herança, resolvi deixar o orgulho de lado. Eu precisava de dinheiro. E não esperei, seu escritório estava localizado no centro de São Paulo e era o mesmo local onde ele residia, saí correndo sem dar maiores informações para a minha tia que ficou gritando da porta me chamando.

— Oi, Suzane. Tudo bem? — cumprimentei-a quando saía pelo portão, ela estava chegando, toda de preto. Seus lábios torceram antes de me cumprimentar.

— Tudo bem... — Ela não se esforçou em ser simpática

comigo, porém eu precisava tirar aquele sentimento pesado que ficou entre nós.

— Me desculpe por aquele dia. — Ela cruzou os braços, desinteressada. — Eu vou te contar um segredo, que ninguém mais sabe, só para provar que estou sendo sincera com você. — Ela me olhou ainda na dúvida.

— Não precisa contar... — Sua expressão começava a suavizar.

— Eu amo o Fernando, você sabe quem é o Fernando? — Ela negou de cabeça. — É o irmão do Leonardo. — Seus lábios se abriram em formato de "O".

— E por que você está me contando isso? — indagou ela com um sorriso discreto se abrindo em seus lábios.

— Aquele dia você saiu sem se despedir, acho que fez uma interpretação errada. É isso, eu precisava contar.

Ela sorriu e piscou.

— Está tudo bem, já passou. Vai lá resolver, seja lá o que for, está com pressa, dá para sentir sua agitação.

Eu assenti.

— Você não faz ideia de quanta pressa!

Nos despedimos com beijos na face e fui.



Fernando

— Mary? — falei fechando os olhos com meu coração explodindo dentro do peito. De repente, um buraco enorme se abriu debaixo dos meus pés e me engoliu. Eu não estava conseguindo lidar com aquilo, não dava.

— Fernando... — disse ela toda eufórica quando ouviu o meu nome. Eu comecei a chorar em silêncio para ela não notar a minha tristeza — Eu estava morrendo de saudades de você. E a sua prima, como ela está?

Eu desabei com a pergunta, eu parecia um garotinho desprotegido que dependia dos seus pais para seguir em frente.

— Fernando? Você está bem? — Respirei fundo, e passei o braço pelo rosto queimando em angústia.

Eu não posso estar sem você, meu amor!

— Está tudo ótimo... Estou morrendo de saudades de você, também. Olha, me escuta bem o que vou te dizer agora: você não pode esquecer nunca. Me promete? — Houve um silêncio tortuoso antes dela responder.

— Eu prometo. — Uma voz incrédula soou do outro lado da linha.

— Você é a pessoa mais especial da minha vida, não foi minha intenção magoá-la e se isso aconteceu ou acontecer eu quero que saiba que não foi minha culpa, são os percalços da vida ao qual não planejamos.

— Por que você está falando isso, meu amor? Você só me faz feliz, estou repleta de novidades para te contar, uma porção delas, excelentes, que diz respeito a você, a nós...

Desabei sem entender porque a vida me reservou tanto sofrimento. E cheguei à conclusão de que pagava pelos meus pecados, pela pessoa fria e indiferente que era. Amargurado, eu ergui a cabeça, meus olhos expulsavam as lágrimas que caíam sobre o colchão. Joguei-me de costas e fiquei ali, nu, com os olhos fixos no teto sem vê-lo, ouvindo sua linda voz, arrepiado, excitado com meu pau ficando duro. Este era o efeito que ela causava em mim, e tinha certeza de que este amor vai durar a vida inteira em meu coração. Nossas almas estavam interligadas, porém não podíamos ficar juntos.

— Acordei nostálgico hoje com medo do mundo. — Ela riu aliviada.

— Eu vou proteger você, viu? Expulsar todo este medo. — Comecei a rir do seu jeito meigo, doce. — Eu te amo, Fernando.

— Olha, Mary, eu... — Pausei, não podia dar a notícia por telefone, teria que ser pessoalmente, olho no olho. Só que não poderia ser hoje, eu não estava preparado para enfrentar a dura realidade.

— Continua — ela pediu com a minha interrupção.

— Preciso te ver o quanto antes.

— Por que não agora? Eu estou aqui na casa da minha tia, esperando você e desde ontem... — Meu coração se apertou, tudo o que imaginei foi tomando-a em meus braços. Eu não poderia mais esconder nada dela.

— Agora não é possível, estou enrolado com alguns projetos da empresa aqui em casa, mas fique atenta que vou te ligar em breve.

— Tudo bem...— disse desconfiada. — A sua prima melhorou? Você não me respondeu.

— Ela está melhor do que nós dois juntos — respondi com amargura.

— Graças a Deus... Um beijo, lindo! Vai lá cuidar da

sua vida, eu não quero atrapalhar.

— Você nunca me atrapalha, ao contrário traz sentido a minha merda de vida.

— Tem alguma coisa acontecendo, eu sinto. Fala comigo, por favor.

— Só estou estressado mesmo, coisas da empresa.

E então ela desligou na maior suspeita e fiquei ali no quarto, amargando minha derrota.

Desde ontem, às treze horas, quando cheguei do hospital, eu não saí mais do quarto, as cortinas todas fechadas na escuridão como a minha vida ficou de repente. Eu precisava ficar sozinho para processar aquela bomba em minha vida, e quase vinte e seis horas depois, ainda não havia conseguido. Tentei ligar para a Mary ontem à tarde, hoje pela manhã e não consegui, me senti incapaz, fracassado, burro.

— Fernando? — Leonardo bateu à porta. Era a quinta tentativa dele.

— A gente pode conversar depois, Leo? — falei com voz cansada sem a mínima intenção de me levantar da cama.

— Vamos conversar agora, mano. — Seu tom de advertência me fez levantar. Vesti o roupão, acionei o controle e as cortinas deslizaram com a claridade invadindo o quarto, abri a porta e me sentei na cadeira da mesa.

Ele ficou em silêncio me observando ali de cabeça baixa por algum tempo.

— Tenho uma boa notícia para te contar — ele falou meio sem jeito, eu levantei a cabeça e sorri fraco para ele, que sorrindo animado tentava mudar meu estado de ânimo. — Conseguiram recuperar todo o HD, não é uma excelente notícia? Finalmente você e a mamãe vão poder compartilhar dos vídeos das minhas aventuras pela Europa. Tem muita coisa irada, cara! — Sacudi a cabeça sem conseguir esconder minha tristeza, ele murchou com as mãos na cintura.

— Que bom que as coisas deram certo para você. — Engoli forte para descer aquele nó irritante que a todo instante se formava em minha garganta.

— Eu sei que as coisas não andam muito bem para você, mas precisa reagir, cara! — Mudou de assunto se

aproximando e repousou a mão em meu ombro. — Acho que já está na hora de sair deste quarto, não acha?

— Infelizmente esta fase de adaptação é sempre difícil, primeiro eu preciso me acostumar com a ideia desta nova vida desenhada para mim. — Seus olhos de compaixão vieram sobre minha pessoa, baixei meus olhos, envergonhado. O maluquinho do meu irmão parecia mais ajuizado do que eu.

— É, cara — Solidário, Leonardo pressionou os dedos em meu ombro em sinal de apoio, olhando em meus olhos e sorri fraco. Me via no abismo, naquele bem profundo mergulhado na escuridão. —, eu não queria estar na sua pele.

Me levantei e comecei a andar de um lado para o outro, impaciente.

— Pois é, não está sendo fácil, eu perdi o controle da minha própria vida. — Fiquei de frente a ele com a mão direita bem aberta movimentando os dedos esticados. — Eu estava com a felicidade aqui nas minhas mãos e ela simplesmente escapou pelos meus dedos.

— Está falando da Mary, não é mesmo? — Assenti

reprimindo meus lábios com uma puta dor no coração. — Está apaixonado por ela.

Grunhi, desanimado.

— Apaixonado eu fui, agora o buraco é mais embaixo, cara. Eu amo aquela mulher! — Ele fez cara de sinto muito, antes de falar:

— Eu desconfiei que havia algo brotando em seu coração, sabe? — começou a explicar. — Comecei a juntar as peças do quebra-cabeça no dia em que cheguei de viagem, vocês dois saíram do mesmo cantinho no quintal, e o nervosismo da Mary, a pressa em ir embora. Naquela nossa briga violenta, coisa que nunca havia acontecido — disse em tom humorado e eu concordei, balançando a cabeça. —, a gente nunca se estranhou assim. A Natalie queria saber o motivo, meio que por cima, e eu comentei. Ela me contou o porquê você foi parar lá. Pois uma coisa é verdade, a gente pode divergir em várias partes, nos negócios, dinheiro, empresa... mas em relação a mulheres acho que nesta parte a gente sempre foi parecido, né?

Soltei um riso, orgulhoso.

— Valeu, Leo — Puxei-o para um abraço. —, afinal uma coisa a menos para administrar. O fato da minha família estar fadada a falência por uma decisão minha, eu me senti leve, não consigo explicar este sentimento. Era como se um concreto saísse das minhas costas e estava supertranquilo comigo mesmo. Sabe aquela sensação de que eu fiz a coisa certa? Então era exatamente assim que estava me sentindo.

— Além do mais a mamãe me contou que foi por causa dela que você largou mão de tudo. Arriscando o nosso patrimônio.

— Me perdoa, Leonardo. — Ele sorriu compreensivo.

— Comigo está tudo bem, sabe que o pouco dinheiro que vivo, ainda é muito — Eu bati em seu ombro. Ele realmente era formidável. — Só precisa se acertar com a mamãe. Ela anda muito tensa e agora com esta bomba então...

— Eu preciso resolver isso, só não sei como. — Ele deu de ombros e estalou a língua.

— Você é o meu ídolo, sei que vai encontrar uma saída boa, sempre encontrou.

Eu o abracei forte batendo em suas costas.

— Valeu, irmão, pelo voto de confiança. — Ele segurou em meu ombro ao se afastar para me fitar.

— Eu também não estou me sentindo confortável com tudo isso, porém quero que saiba que estou ao seu lado. — Assenti e o abracei novamente.

— Eu sei que sim.

— Agora desce, precisa comer um pouco, bem alimentado sua cabeça vai raciocinar melhor — aconselhou-me e abriu a porta do quarto se deparando com a Ana com uma bandeja com alimentos, seus olhos me olhavam de uma maneira indecifrável.

— Você não vai até a comida, então ela vem até você. Isto é um grande privilégio! — comentou ele dando passagem para a Ana e saiu andando pelo corredor em direção às escadas para o andar de baixo.

A Ana ficou ali, imóvel, olhando para minha cara.

— Você está bem, Ana?

— Ah, sim... — Colocou a bandeja sobre a mesa. — Me des-desculpa, me distraí — gaguejava me fazendo rir.

— Parece aflita — falei enquanto puxei a cadeira e me

sentei. O cheirinho de alho e cebola abriu o meu apetite e quando ia dar uma garfada ela falou:

— É... e-eu ouvi a conversa de vocês... se você ainda não sabe, a Mary não casou.

Parei com o garfo no ar, primeiro pelo susto do porquê ela me falou aquilo, e outra com a emoção que tomou conta.

— Não... — Coloquei o garfo de volta sobre o prato e me levantei me posicionando à sua frente.

— Não... e eu não entendi o motivo, bem... ela também não explicou direito. — Ergui a sobrancelha.

— Foi por você, agora que estou compreendendo... — ela grunhiu, rindo. — Por isso ela estava com um papel sobre a cama, eu bem que estranhei quando vi o nome da sua empresa. — Fiquei mudo sem compreender.

— Que papel era esse? — perguntei intrigado. Ela deu de ombros.

— Eu não entendo nada destas coisas, mas pela forma que ela estava compenetrada deve ser bem importante.

Fechei meus olhos, sentia uma alegria dentro de mim, o fato dela não ter casado tirava meu título de amante. Era

para eu ser o principal, pelo menos eu fui por algumas horas. Eu só conseguia me odiar por bagunçar tanto a vida dela.

De novo aquele nó se formou em minha garganta com o meu conformismo.

— Você pode me deixar sozinho agora, Ana? — pedi para ela não perceber o que se passava comigo. Nem dizer a ela o quando eu amava sua sobrinha eu não podia, ela me chamaria de calhorda, com certeza.

Abri o roupão, me sentia sufocado.

Capítulo 14

Mary

Ele está sofrendo, eu sei! Qualquer um no lugar dele estaria, como ele mesmo falou: “Eu nasci em berço de ouro, então não sei o que é passar necessidade”. E eu tinha a solução para sua vida continuar como sempre foi, de trazer alegria ao seu coração, afinal eu fui a responsável pela reviravolta na sua vida... desta vez, eu não ia fraquejar, principalmente que consegui alinhar para ambas as partes, todos sairiam ganhando e ele com certeza aprovaria a minha solução.

Tomei um banho demorado, meu corpo ficou tão perfumado que me arrepiei e me molhei toda, imaginando ele aspirando a fragrância em meu pescoço e suas mãos grandes e fortes tomando posse de tudo o que é meu. E que agora é nosso, tudo nosso...

Escolhi o vestido cinza com zíper para tirar a negatividade que ele representava desde a primeira transa. Coloquei minha sandália preta de salto, escovei meus cabelos com as pontas caindo em cascata por meus

ombros, uma maquiagem leve e borrifei o meu melhor perfume. Fiquei satisfeita em frente ao espelho, e sei que ele ficaria também.

Peguei a maleta onde estava a solução dos nossos problemas sobre minha cama e com o coração a mil corri ao seu encontro. Eu sabia que ir até sua casa seria um problema, mas não estava nem aí, agora eu ia enfrentar o mundo por ele, como ele fez por mim. Até agora eu ainda não acreditei que ele jogou tudo para o espaço pelo seu amor a mim, Inacreditável. *Eu estou valendo muito mesmo!*

Quando me viu descer do táxi, o segurança logo já abriu o portão.

— Bom dia, Mary. Como vai você?

— Muito bem, obrigada...— Educadamente ele assentiu com a cabeça, eu estava tão ansiosa, que meu corpo todo vibrava.

— Que bom, vou avisar sua tia que você está aqui.

— Espera! — gritei quando ele parou antes de entrar na guarita. — Eu vim falar com o Fernando. — Ele arqueou as sobrancelhas, sem entender.

— O senhor Fernando?

— Sim... Ele está em casa?

Ele torceu a boca, pensativo

— Ele está sim, só que antes eu preciso anunciá-la. — Concordei de cabeça.

Enquanto ele falava ao interfone, fechei meus olhos tentando manter o controle pelo meu corpo.

— Ele a espera no quarto dele — disse ele meio confuso.

— Eu não conheço o caminho — expliquei.

— Eu posso chamar a Ana para acompanhá-la, se quiser.

— Não — disse rápido com a sua oferta.

— Ok, como queira. — Ele já me olhava de forma maliciosa, eu não me importei, só o Fernando me importava: como ele mesmo confessou, que só eu importava em sua vida. — Vou chamar um dos empregados para acompanhá-la.

— Obrigada.

Um minuto apenas foi o tempo que surgiu na varanda uma mulher jovem com um pouco mais que a minha idade.

Sua pele parecia pálida usando o uniforme branco, com os cabelos comportadamente num coque acima da cabeça, loira.

Eu a segui até a porta do quarto e então ela se despediu, sorrindo.

Respirei fundo e ergui a mão e quando fui bater, a porta se abriu. Perdi o fôlego ao vê-lo ali em pé diante dela, maravilhosamente nu embaixo do roupão marrom aberto. Com seu peito subindo e descendo muito rápido eu quase podia ouvir as batidas fortes do seu coração se misturando ao som das minhas. Seus olhos verdes acinzentados estavam úmidos de quem havia chorado muito, seus cabelos escuros desalinhados e um sorriso lindo de alegria se espalhava pelo rosto másculo. E quando meus olhos se agarraram ao seu pau, ereto indicando a minha direção, suspirei e meus lábios se abriram.

— Meu amor, meu amor... — Ele me agarrou pela cintura colando nossos corpos, e nossos lábios num beijo urgente, faminto, me puxando para dentro do quarto fechando a porta com o pé. Nossa, e como era lindo

aquele quarto, combinava e muito com ele! — Que saudade de você. Eu te amo, te amo muito — ele sussurrava em meus lábios, sentia suas lágrimas salgadas se misturando a nossa saliva.

— Eu também, Fernando... muito, muito, muito... — sussurrei e ele caiu comigo na cama. Embaixo sentia seu pênis em meu ventre querendo rasgar o meu vestido. Nossos olhos se curtiam levando todo aquele amor enraizado em nossos corações a nossas almas.

— Eu preciso de você, Mary. — Com seus dedos trêmulos, como os nossos corpos, ele tirava alguns fios dos meus cabelos grudados pelas suas lágrimas. — Você é tão linda, maravilhosa. A melhor pessoa deste mundo que eu tive o privilégio de conhecer — ele dizia com a emoção à flor da pele exalando seu calor altamente fervente.

Toda aquela emoção se misturou ao prazer que a sua presença me causava, com as costas dos dedos das minhas mãos acariciei seu rosto levemente, ele suspirou gemendo com os olhos fechados e me beijou longamente e profundamente como se estivesse magoado, se

desculpando. Eu não sei exatamente o que senti, porém confesso que fiquei com medo.

— A gente precisa conversar — disse ele ofegante quando abandonou meus lábios. Não entendi aquela sensação que estava de vazio.

— Primeiro eu — falei rapidamente. Antes de qualquer coisa, eu precisava arrancar um sorriso daquele rosto infeliz que eu amava do fundo da minha alma.

Ele se sentou na beirada da cama, eu corri até a porta onde ficou a minha maleta e me sentei ao seu lado, com ela em meu colo.

— Você desistiu do projeto, Fernando? E por quê? — Eu precisava ouvir dele.

— É o mínimo que eu poderia fazer, minha birrentinha! — Seu dedo indicador tocou a ponta do meu nariz. — Eu juro para você que não sabia sobre aquele documento de difamação — Ele deu de ombros. — que provavelmente você deve ter lido no hotel e me deixou falando sozinho, sem me dar a chance de defesa — falou francamente me olhando com carinho.

— Não? — perguntei com meu estômago embrulhando.

Que burra, temperamental... — Me desculpa, Fe.

Segurando nas laterais do meu rosto, ele me puxou para um beijo de língua gostoso, molhado e intenso.

— O chão se abriu debaixo dos meus pés naquele dia, por esta razão eu acabei cometendo aquele crime contra você... Perdão!

— Você não tem culpa, meu amor — sussurrou em meus lábios e deu de ombros se endireitando. — Aliás, nem sei para quem jogamos a culpa. — Ele riu sem nenhum ânimo. E seus olhos prenderam-se aos meus e sua mão direita veio ao meu rosto. Ele esfregava em minha pele com carinho. — Quando eu descobri a sujeira que estavam tramando, eu confesso que fiquei puto, enojado! E acabei desistindo, por você, é claro, mas também por analisar melhor os fatos. Você tem razão, as vezes a ganância faz a gente se esquecer de coisas primordiais, de extrema importância. Hoje, eu entendo você, sabia? — Sorri e dei um selinho em seus lábios recebido com carinho ao fechar de seus olhos.

— Você é um cara perfeito, nem sei como me enganei tanto! Agi pela emoção e acabei ficando cega...

— Foram tantos desencontros, e tudo tão de repente... — falou baixinho. — A Ana me contou há pouco tempo que você não se casou, passei todos estes dias me martirizando com ciúmes, achando que outro homem tocava em você. — Havia uma mistura de orgulho e tristeza em seu tom de voz que não consegui identificar.

— Não podia me casar com você povoando o meu coração. — Ele me abraçou tão forte que perdi o fôlego. — Só que agora as coisas serão diferentes — sussurrei em seu ouvido. Ele afastou para fitar-me. — Aqui dentro está a surpresa que eu tenho para você — falei eufórica batendo sobre a maleta em meu colo. Seu olhar semicerrou em contato com o meu.

— Eu estou mesmo precisando de surpresas boas — confessou ele em tom de punição. — Mas vamos lá, me mostra...

Sorrindo na maior alegria, eu abri a maleta e coloquei o projeto aberto sobre a cama, seus olhos percorriam o papel fascinado.

— Eu pensei que nesta parte aqui... — Inclinei-me e mostrei com o dedo indicador da mão direita sobre o

projeto, na parte mais afastada no qual se ergueria os prédios luxuosos. Exatamente o local com um lindo paisagismo. — poderia ser construída cem casas populares, ou seja, um pequeno condomínio conjugado ao seu projeto seguindo o mesmo padrão. Algo simples e que seria uma excelente forma de resolver a vida de todos. Como pode conferir, não alterei em nada o projeto inicial. Embora tenha diminuído o paisagismo, ainda assim o que sobrou é de encher os olhos. Uma ideia muito funcional que supre as necessidades de ambos os lados.

O Fernando me olhava com um sorriso orgulhoso sem me interromper, escutava com atenção, com aquele sorriso de aprovação que me deixou super-ultra-hiper-mega-blaster feliz. O projeto já veio colorido e explanei bem como ficaria depois de pronto.

— Ouvi os gritos de socorro de cada um dos envolvidos. Além, é claro, do descontentamento de deixarem o lugar onde escolheram para viver, e levando em conta as precariedades que viviam sem um salário suficiente para a manutenção. Eu projetei este salão aqui. — Mostrei-lhe e ele deu uma piscadinha, orgulhoso. —

Um espaço maior para uma lavandeira industrial autossustentável, ou seja: os moradores seriam os próprios donos. Pensando neste âmbito, todos se esforçariam para a empresa dar certo e crescer, quanto maior o lucro maior a renda. Além disso, é um serviço que poderia até se estender ao próprio empreendimento. — Olhei em seu rosto com aquele sorriso contagiante me deixou emocionada.

— Vamos lá, continua... muito interessante! — incentivou-me, suspirando.

— E outro ponto, refere-se ao caminhão de dinheiro que a empresa necessitaria para a desapropriação. Na construção destas casas, além da lavanderia totalmente equipada, você teria ainda uma economia de 30% ou mais, levando-se em conta os obstáculos que surgem numa desapropriação em massa como o projeto inicial. Eu tenho esta informação porque consultei um especialista. Um excelente custo benefício para a Albuquerque. O projeto em um todo, iniciaria pela construção do condomínio primeiramente, pois há condições para isso, por ficar afastado e devido à dimensão do bairro. E quando ficasse

pronto, os moradores passariam para suas casas novas. E aí então iniciaria a construção do projeto inicial.

— Ambas as partes sairiam ganhando — disse Fernando, rindo, com seus lindos lábios entreabertos.

— Exatamente — respondi na maior expectativa. — Você poderia tocar seu projeto sem nenhum obstáculo pelo caminho, e eu sei que será bem-sucedido. Além, é claro, de alegrar muitos corações que seriam gratos a você eternamente por melhorar a vida deles. A energia positiva que você receberá pelo feito iluminará a sua alma, com certeza! — E com as mãos na cintura encarei-o, aguardando seu comentário. Ele sacudia a cabeça, rindo, eu fiquei insegura quanto ao seu olhar se era de orgulho ou crítico e a dúvida me deixou superagitada. — E aí, o que achou da ideia?

— Caraca! Que maravilha de projeto, Mary. — Ele ficou tão alegre que começou a rir sozinho. — Estou sem palavras, um projeto muito inteligente além de eficiente. Eu preciso que você me apresente o responsável por este projeto magnifico. Minha empresa precisa de gente com este grau de criatividade.

— Mesmo?

Ele assentiu de cabeça.

— Nossa, isto resolve todos os problemas da Albuquerque, e fará minha mãe sorrir novamente. — Seus olhos brilhavam de satisfação e ele inclinou sobre a planta, procurando algo.

— Alguma coisa desagradou você?

— Tudo está perfeito, só estou procurando o nome do arquiteto, geralmente ele deixa em algum canto...

— Você está falando com ele, Fernando. Claro que precisei contratar alguns profissionais que estão na ativa — fui sincera.

Seus olhos fixaram até os meus.

— Ah, mas é claro que é você! — Ele agarrou minha cintura me puxando para ele, e beijou minha boca, seu rosto deslizou para meu pescoço. Vê-lo sorrindo fez com que eu ganhasse o mundo. — Bem que eu vi a sua criatividade quando entrei no apartamento da sua tia.

— Criatividade sempre foi um dos meus pontos mais fortes. — Ele grunhiu

— É... percebi com a edição que a senhorita fez —

ironizou com um sorriso divertido e eu corei de vergonha.

— Ai, nem me lembre disto, eu me envergonharei pelo resto da minha vida. — Ele me abraçou forte.

— Esquece isso. Todos nós cometemos pecado, como se diz o ditado. Atire a primeira pedra quem não tiver um.

— Eu concordo que criatividade você tem de montão, um grande talento! — Beijou me novamente. — Meus parabéns, meu amor! Além de ter um coração do tamanho do mundo, você é linda, gentil, gostosa. — Esfregou seu pau começando a ficar duro e suspiramos juntos, era muita felicidade para meu coraçãozinho aguentar. — E de uma inteligência surreal. Independentemente de qualquer coisa que possa vir...— ele parou no meio da frase.

— Independente de qualquer coisa? — Movimentei a cabeça de um lado ao outro, confusa. — Eu realmente não entendi a sua colocação.

Olhou bem fundo e sorriu jururu e logo seu rosto suavizou num sorriso novamente.

— Espera aqui. — Fechou o roupão. — Eu preciso compartilhar isso com a minha família.

Gelei com a possibilidade de me deparar com a dona

Vera, sentia medo do seu julgamento, contudo relaxei porque confiava na segurança que o Fernando me passava.

— Entra logo, mãe, que você já vai saber do que se trata. — Travei a respiração com seus olhos frígidos sobre minha pessoa, e o sorriso desapareceu de seu rosto. Logo atrás dela, entrou o Leonardo.

— Como vai, Mary? — Sua voz áspera acertou em cheio meu coração que disparou, me deixando tensa.

— Eu vou bem, e a senhora?

— Na medida do possível. — Notando o clima pesado, Fernando tomou a frente.

— Olha só isso, a Mary resolveu todos os nossos problemas. — Ele apontava para a planta sobre a cama. Seus olhos desconfiados foram ao projeto.

Ela e o Leonardo ficaram ao lado do Fernando, que detalhou tudo o que eu apresentei. Aos poucos os rostos tensos ganharam sorrisos e suspiros de admiração.

Dona Vera grunhiu, sorrindo, com a mão direita na boca, incrédula.

— Quando a Ana falou que você era uma pessoa criativa eu acreditei nela, só que você me surpreendeu.

Superou todas as expectativas, menina! Você está de parabéns! — Ela se aproximou e segurando em minhas mãos me agradeceu. — Muito obrigada por trazer um pouco de paz a esta família — disse ela sorrindo, porém eu sentia uma pontinha de contrariedade.

— Foi o mínimo que eu podia fazer... — falei com franqueza.

— Não, meu amor, você é a pessoa mais maravilhosa deste mundo. Eu te amo! — O Fernando me agarrou pela cintura e me beijou forte. Sem se importar com a plateia.

Quando se separou de mim me deparei com uma cena inesperada, a dona Vera com a mão na boca me olhava assustada e de seus olhos desciam algumas lágrimas. O Leonardo não chorava, só que sua expressão não era diferente da mãe. Ambos olhavam assustados para o Fernando e oscilando olhares em meu rosto. Me senti rejeitada por toda a sua família, e quando o caroço se formou em minha garganta reprimi meus lábios.

— Você não contou a ela, não é mesmo, meu filho? — Fiquei branca. Eu sentia que algo ali não estava caminhando conforme eu imaginei.

Fixei meu olhar, confusa, em Fernando. Seus olhos estavam úmidos.

— Conta logo para ela, por favor! Será melhor para todo mundo — ordenou ela e saiu do quarto.

Leonardo beijou meu rosto com carinho.

— Parabéns! — Assenti. Então ele saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Eu não conseguia me virar para ele, eu apenas ouvia seu lamento alto e sua respiração pesada. Eu sentia que aquele momento seria o último, meu coração foi se apertando, e minhas lágrimas começaram a brotar em meus olhos.

Suas mãos vieram aos meus ombros algum tempo depois, eu fechei meus olhos com o choque. Uma corrente elétrica passou por todo o meu corpo, não consegui segurar o medo que sentia.

— Independente de qualquer coisa, Mary — ele começou a falar sobre meus cabelos, o calor de sua respiração me deixou saudosa, era uma despedida, eu sabia que sim. Ele avançou um passo e nossos corpos estremeceram ao contato. —, eu preciso que você acredite

em mim, eu a amo com a força do meu coração.

Fiquei ali de costas para ele, sentindo seu ritmo cardíaco na mesma intensidade do meu, suas mãos circularam minha cintura até meu estômago e pressionou levemente. Eu cairia no chão naquele instante sem apoio dele, pois minhas pernas não suportavam mais o peso do meu corpo.

— Nem eu acredito no que o destino preparou para mim — Solucei. — para nós.... Talvez ele não tenha escrito uma história completa para gente, e interrompeu no meio do caminho. — Desabei, então eu me virei de frente a ele, recuando, eu não suportava mais tanto suspense!

— Fala logo o que tem a dizer, para de fazer rodeios eu tenho o direito de saber, e você tem a obrigação de ser sincero comigo. Já provamos um para o outro que somos pessoas dignas, justas, sinceras... Então para com o rodeio, pelo amor de Deus! — vociferei apertando os punhos na lateral do meu corpo.

— É exatamente por ser uma pessoa correta que preciso tomar esta decisão.

— Mas que decisão é essa? — gritei.

— A Natalie está grávida... — murmurou. Eu senti uma faca afiada entrando pelo meu peito acertando meu coração em cheio, partindo-o em duas partes.

— Não, não... — eu não consegui dizer outra palavra, me sentia sufocada não conseguia respirar, eu enfartaria nos próximos segundos... Ele avançou, me abraçou e beijou meu rosto desesperado.

— Me desculpa, meu amor, por favor, não me odeie — pedia totalmente desolado, aos prantos.

O empurrei pelos ombros recuando e com a mão na boca eu chorava sem controle, eu não podia acreditar.

— Por que, Fernando? Por quê? — gritei. — Cancelei meu casamento por você, fiz misérias por você, fiz tudo... e agora é assim... Você prometeu que nunca abriria mão de mim, lembra? — Ele assentiu freneticamente nervoso, tentou me tocar e eu bati em suas mãos.

— Claro que sim, Mary. Eu não sabia de nada até ir ao hospital. Me perdoa.

Baixei a cabeça e fiquei ali por alguns instantes, e ele à minha frente chorava comigo. Levantei minha cabeça e nossos olhos em dor profunda se encontraram.

— Como isso aconteceu? — perguntei mais calma. Ele inalou muito ar para seus pulmões e soltou-os em seguida. Eu precisava de equilíbrio.

— Eu não me recordo, estava alcoolizado, fiquei bêbado magoado com você. Eu não me lembro, me desculpa — disse cabisbaixo.

— Para de pedir desculpa, CARALHO! — indignada, eu perdia o controle literalmente.

— Estando são eu jamais colocaria as mãos nela, poxa! Acredite, estou sendo sincero, eu juro! A considero como irmã. Ela sempre teve uma queda por mim, e acredito que se aproveitou da minha condição. — Ele soluçou, seus olhos implorando pelo meu perdão. Como eu poderia perdoá-lo, eu não tinha forças sequer para me perdoar?

— Maldito acidente que nós tivemos, né? Estragou nossas vidas, talvez o nosso futuro. — Ele só chorava, nitidamente abalado, enquanto eu falava. — E agora, o que vai acontecer? — Meu coração se apertou dolorosamente, eu temia demais sua resposta.

Ele engoliu em seco buscando controle e foi se sentar na beirada da cama. Eu o segui com olhar, entendendo que

aquela distância era um adeus, eu só precisava ouvir da sua boca para me certificar e sair por aquela porta e nunca mais olhar na cara dele.

— Eu não posso abandoná-la agora. Ela é só uma criança, eu tenho que reparar meu erro, arcar com as minhas responsabilidades. — Ele baixou a cabeça, e ali ficou com medo ou vergonha eu nem sabia mais definir. Nem dava, tamanha dor que sentia em meu coração, destroçado.

— Eu sou um homem honrado, de palavra.

Sim, isso eu sei e é o que mais dói em mim. Ele já tomava a mais dura decisão da minha vida.

— Eu vou me casar com ela...

Um buraco se abriu embaixo dos meus pés, eu sentia ser engolida.

— Então é assim: nem vamos ter a chance de sair, tomar sorvete, ir ao cinema, sair para jantar, um encontro! Fazer tudo o que ainda não fizemos, nos conhecer... como qualquer outro casal apaixonado. Eu te contei tudo de mim, mas você não. Me deve a sua história, ainda. — Ele se levantou. Eu sinalizei com a mão para ele não se

aproximar, ele suspirou. — Será uma história com um fim trágico, e um sonho por imaginar como poderia ter sido? — falei e comecei a chorar alto, em prantos. Ele veio ao meu encontro, com as mãos estendidas e eu recuei.

— Não precisa ser assim... — ele tentou e eu o interrompi.

— Não, Fernando, não da forma como me propõe, sabe exatamente o que penso sobre isto, não me torture mais, por favor — pedi aos soluços e sai do quarto correndo, me esbarrei com a minha tia na porta e quase a derrubei.

— Mary, Mary — ouvia-a gritando meu nome.

— Mary, pelo amor de Deus, volta aqui, por favor! — Fernando saiu atrás também e minha tia o segurou pelo braço.

— Deixe-a! — ordenou firme, com seus olhos marejados. Ele voltou correndo para seu quarto e fechou a porta, ainda ouvi a violência como ele fez.

Eu não podia parar, eu tinha que desaparecer dali, eu queria que um buraco bem fundo e infinito se abrisse debaixo dos meus pés e me engolisse para sempre. Passei pela sala, sua mãe e seu irmão apenas me olharam

penalizados, e corri pelo longo e interminável quintal, até ganhar o portão.

— Abre logo este portão! — gritei.

E quando abriu, saí correndo sem rumo, eu precisava sumir.



Fernando

Meu coração estava partido. Chorando e sentado em minha cama vi quando a porta explodiu e a Ana surgiu por ela gritando e apontando o dedo em minha cara.

— Como você foi capaz, Fernando, de fazer isso com a minha sobrinha?

— Por favor, Ana, eu não tive culpa do que aconteceu, não era assim que gostaria que acabasse, acredite em mim. — Ela balançava a cabeça, incrédula.

— Você pode até me despedir, eu não me importo mais... Eu sempre soube que você era um galinha, não conseguia ficar longe de um rabo de saia, mas engravidar a sua própria prima... Então, quer dizer que o tratamento de irmãzinha aqui, irmãzinha dali, era só fachada para poder levá-la para a cama?

— Não, Ana, eu não tive culpa, eu estava bêbado, nem me lembro direito do que aconteceu.

— Eu nunca vou te perdoar, seu moleque inconsequente. — Ela saiu dali batendo os pés, nervosa, fechando a porta atrás de si, me deixando ainda pior do que já estava.

A Natalie se mudou lá para casa, e eu preferia a

distância mesmo com seus protestos.

Foram os piores três dias da minha vida, além de ter total descrédito dentro da minha casa, ninguém acreditava que foi sem querer. E a Natalie não se esforçava a contar a verdade, que ela agiu desonestamente, no entanto ela fugia do assunto de um jeito escorregadio me deixando falando sozinho. E por fim desisti, porque perdia meu tempo.

Sem a Mary ficou uma lacuna, ela desapareceu, não atendia mais as minhas ligações e a Ana se recusava a me dizer, ela mal falava comigo. Eu fui persistente a procurando pelas ruas, entrei em contato com a comissão de moradores de Porto Alegre e eles me garantiram que ela não voltou à cidade. Bati cartão na porta do apartamento da Ana e nada, ela evaporou.

Achei melhor largar mão. Estava sendo cruel em procurar por ela, o que eu poderia oferecer? A Mary, honesta, nunca aceitaria o papel de amante na minha vida. Era o único título que poderia dar-lhe no momento, além do meu amor, já que era meu dever me casar com a Natalie, mesmo porque minha família não aceitaria uma

decisão diferente desta.

Faltava tudo na minha vida sem ela, eu não deixava de comparecer à empresa, fiz questão de acompanhar a implantação do novo projeto, mesmo no início o novo modelo ganhava agraciadores pelo Brasil inteiro e no exterior. E suspirava a todo instante de saudade e orgulho, pensando no quanto ela era genial. Com uma ideia simples, ela fez o melhor projeto da Albuquerque e tudo porque tinha uma visão periférica, ela olhava por um todo, coisa rara!

O Juliano ficou surpreso quando soube que a moça ao qual ele a chamava de ativista fosse tão brilhante. Era a minha única alegria, eu olhava para todos felizes com os negócios saltando voos, com novos investimentos surgindo, tivemos até que dispensar alguns. Ela era a melhor pessoa deste mundo, me mostrou que podemos ganhar milhões, agregando os interesses de todos. Me ensinou o respeito ao próximo, uma bagagem que carregarei pelo resto da minha vida.

Um dilúvio caía do céu naquele início de noite, as águas batendo no para-brisa me fez arder de desejo, de

saudades revivendo o dia na frente do apartamento da sua tia. Quando abri a porta da sala, o Leonardo veio correndo ao meu encontro.

— Ainda bem que você chegou, Fernando. Vem, vamos lá para a sala de TV. — Segurando em meu braço, ele me arrastou mesmo contra a minha vontade.

— Acho que não estou no clima para filmes, Leo — protestei e não adiantou. Depois das lembranças, eu queria mais é ir para meu quarto e sonhar com a minha linda.

— Eu peguei as filmagens no técnico de informática, hoje. Vamos lá, eu quero compartilhar minhas aventuras com vocês.

Beijei minha mãe, e apenas acenei com a cabeça para a Natalie. Não gostava muito de olhar para ela, me fazia mal pelo que lhe fiz e pela tristeza que plantou em meu coração.

— Senta aí. — Ele se jogou todo eufórico.

— Deixa só eu tomar um banho, estou quebradão. Num minuto eu desço — sugeri e ele concordou me fazendo prometer que não ia demorar para voltar.

Tomei um banho rápido, nem tive tempo de pensar, vesti minha calça cinza de moletom e desta vez com boxer, em respeito às duas mulheres na sala. Coloquei minha camiseta branca justa e tecido fino, fresquinha. Ia até descer de chinelão e por fim vesti meu tênis branco e desci. Os olhos safados da Natalie varreram pelo meu corpo centralizando sobre meu pau. Bufei, indignado, e me joguei na poltrona do outro lado da minha mãe, longe dela.

— Preparados? — Leonardo perguntou todo agitado. Eu comecei a rir do jeitinho do meu irmão. Ele obrigava a mim e a mamãe assistir as suas filmagens de todas as suas viagens pelo mundo.

— Vai, liga logo, cara! — disse em tom divertido.

Quatro pares de olhos estavam sobre o telão no ambiente escuro de cinema, e começou a surgir lindas imagens, paisagens europeias de fazer a gente suspirar. Eu assistia imaginando eu e a Mary em meio àquela paisagem de tirar o fôlego. *Ai, que falta que você me faz, meu amor!*

À medida que o Leonardo narrava cada passagem, o

vídeo travou.

— Que bosta! — rosnou ele, mexendo nos botões e sem querer começou a avançar muito rápido a imagem, assim como tudo que passei com a Mary passava sobre meus olhos. Enquanto a minha mãe e a Natalie se divertia com o nervoso dele, o meu coração foi se apertando, apertando.

— Cara, este técnico é muito incompetente. Não adianta, travou total! — bufou ele, frustrado. — Amanhã eu vou levar lá de novo — disse por fim.

Eu fiquei ali estático, mudo com aquela sensação de perda. Eu precisava da minha Mary, eu preciso dela na minha vida.

— ANA, ANA? — Saí correndo da sala rumo à cozinha, e acabei me esquecendo de que não estava sozinho.

— O que deu neste cara? — perguntou Leonardo, intrigado.

— Eu acho que sei exatamente... — disse minha mãe vindo atrás de mim.

Já pronta, a Ana saía pela porta da cozinha.

— Por favor, não me dirija a palavra.

— Antes de qualquer coisa, eu quero que você saiba que não sou um inconsequente como me acusou. Já repeti que as coisas simplesmente aconteceram de forma que não pude evitar, mas, por favor, Ana, eu preciso ver a Mary, eu preciso falar com ela. — O meu desespero a comoveu. — Eu amo sua sobrinha, por favor, Ana. Fala onde ela está?

— Filho, eu não concordo com o que você está fazendo — advertiu-me minha mãe ao meu lado segurando em meu braço.

— Eu preciso esclarecer as coisas com ela, por favor, entenda.

Ela suspirou em rendição e jogou seu olhar em direção a Ana.

— Dê um voto de confiança a ele. Eu conheço o meu filho e você também o conhece, sabe que ele está sendo franco.

Ela pensou um pouco então sorriu fraco.

— Se magoar a minha sobrinha, eu mato você, entendeu?

Eu assenti que sim de cabeça. Ela pegou seu celular e

apertou um botão. Eu e minha mãe ficamos ali na expectativa.

— Só está dando fora de área — ela falou estendendo o celular em minha direção. Eu peguei de sua mão e insisti e nada.

— Então me diga onde eu posso encontrá-la — insisti. Eu tinha muita pressa!

— A Mary aceitou a herança que a amante do pai dela deixou. — Eu assenti nervoso, impaciente.

— Ela me contou isso. Mas onde?

— A esta hora ela deve estar a caminho da rodoviária Tietê. O ônibus sai às dez horas. Acredito que ela deve estar na estação do metrô, lá não tem mesmo sinal de telefone.

— Qual estação, Ana? — perguntei com urgência.

— A estação de Perdizes. — Assim que ela falou, eu já corri em direção à sala para pegar as chaves do meu carro. — Eu vou ficar com o seu celular, depois eu te devolvo.

— Boa sorte... — Ainda ouvir ela dizer.

— Você não pode envergonhar a sua prima, meu filho

— minha mãe alertou-me entrando na sala, quando eu abria a porta para sair.

— Você não vai sair por esta porta, Fernando! — gritou Natalie vindo em nossa direção.

— Antes de assumir um compromisso tão sério como este, eu preciso resolver as pendências que já haviam em minha vida. — Ela me fuzilou. — Eu sinto muito.

— Deixe-o. Ele precisa resolver esta questão até mesmo para que tudo dê certo. — Minha mãe veio em minha defesa. Natalie bufou e voltou batendo os pés em direção à sala de TV. Agradecido, eu beijei o rosto da minha mãe. — Vou ficar aqui torcendo por você, meu filho.

Um dilúvio ainda caía do céu e meu coração batia tanto que minha costela doía. Tudo o que conseguia pensar era em tomá-la nos braços, beijar sua boca, fazer dela minha. Ah, como eu gostaria que tudo fosse diferente, sem barreiras, sem mentira, intrigas.

Caiu um raio do céu e queimou nos asfaltos onde a enxurrada tragava tudo que encontrava à sua frente como se quisesse me impedir, mas tempestade nenhuma ia

atrapalhar o meu amor, ninguém, nada. E acho que Deus escrevia aquilo em nosso destino, completando a parte que faltava. Inacreditavelmente as ruas e avenidas estavam livres naquela noite chuvosa de ar abafado. A chuva cumpria seu papel de refrescar o ar, e pelo jeito também meu coração que ardeu muito nestes últimos dias. E agora ele encontrou o refresco que precisava, batia forte, e rápido, mas de emoção, de urgência de pegar o meu amor de volta, tomar posse do que é meu.

Não havia uma vaga quando cheguei em frente à estação de metrô, em Perdizes, larguei do outro lado da avenida, nem sei se podia, mas deixei. A pressa era maior do que meu senso de responsabilidade de um bom cidadão, desci as escadas rolantes correndo, apressado. Comprei uma passagem e mergulhei no meio das pessoas. E ela estava ali, parada, com o olhar perdido no horizonte, como nas memórias do último dia chuvoso que estivemos juntos. Eu sei que era nisto que ela pensava, eu sei que sim. Ela estava linda, na calça jeans clara skinny, uma blusa preta na altura do quadril, onde a calça iniciava. Era cavada revelando seu ombro ereto, seus braços finos, elegantes e

perfeitos. E seus cabelos brilhantes caíam sobre suas costas como uma cascata dourada. Suspirei e desci devagar me misturando às pessoas na plataforma.



Mary

Deus conhece o meu coração, Ele é testemunha do quanto eu orei pelo Fernando, eu sei que ele me ama e me quer, porém eu não podia aceitar a condição que me seria imposta, eu não conseguiria conviver dividindo ele com ninguém. Eu precisava seguir em frente, agora tinha um patrimônio à minha espera para administrá-lo em Uberlândia, em Minas Gerais, e na Flórida, nos Estados Unidos. Segui o conselho do Fernando, usaria a minha criatividade para triplicar todo o dinheiro, porque assim eu poderia usá-lo de forma útil, ajudando a tantas pessoas que necessitavam de apoio.

Me sentia bem em pensar o quanto eu poderia partilhar com todos. Este era o meu destino e eu já havia me conformado, quem sabe no futuro a gente se encontra, só Deus sabe como vou esperar por isso, era o meu maior sonho, eu sei que nunca teria novamente estes sentimentos tão devastadores que só ele era capaz de me dar.

— Nossa história não pode ser interrompida, e o sonho vai ser de como foi lindo o nosso amor, vamos estar sentados na varanda num dia chuvoso como este à sua

frente — Travei e fechei os olhos com meu corpo arrepiando todo, enquanto suas mãos trêmulas e frias seguravam meu quadril, ele falava sobre a minha cabeça. —, abraçadinhos, lembrando do nosso hoje de como todo o nosso sonho foi realizado de forma completa, e quem sabe... ainda com nossos netinhos naquela maior gritaria correndo pela casa. Por favor, não vai embora, não deixe de fazer parte da minha vida. Vamos tentar administrar tudo isso, nos dê esta chance, por favor, reconsidere, por favor. — Sua voz saía embargada e minhas lágrimas desciam. Lentamente ele me virou de frente para ele e nossos olhos se encontraram, seus cabelos encharcados, a camiseta colada ao tórax musculoso me fez arfar, seus lábios estavam lindos gritando pelos meus.

— Você criou um espaço exclusivo no meu coração, não pode partir e deixar esta lacuna, ela vai provocar a falência dos meus órgãos, você vai me matar! — As lágrimas descendo por seu rosto se misturavam as gotas de chuva, que pingavam dos cabelos molhados, simplesmente demais. Charmoso, irresistível. Eu não tinha forças assim tão perto, no entanto não conseguia me

afastar. Fechei meus olhos com as pontas dos seus dedos sobre a pele do meu rosto ardendo de desejo, de paixão, de amor.

— Por favor, não faça isso com a gente, facilita, vai? — eu implorei num murmúrio. Ele me abraçou, pela cintura colando nossos corpos, estremeci sentindo seu pau duro roçando em meu ventre, enquanto sua língua explorava minha boca com total permissão. Ele esfregava-o, faminto. Eu sabia que não podia, os meus princípios não permitiam, gritavam dentro da minha cabeça "é proibido" só que eu não resistia.

— Não posso, não quero, e sei que você me ama também, reconsidere, pelo amor de Deus! — insistiu, sussurrando em meus lábios, enquanto eu acariciava os cabelos próximo a sua nuca degustando seu corpo quente mesmo encharcado.

— Eu não posso aceitar a condição de amante, Fernando. Me desculpa. — Ele dizia não movimentando a cabeça. — Agora a sua prima carrega o seu filho no ventre, e tem a sua mãe também. Você viu a preocupação dela com a honra da Natalie. São laços de família que eu

nunca vou conseguir romper e também não quero. Seria um fardo enorme para você carregar, meu amor, eu não conseguiria conviver sendo o motivo dos desentendimentos da sua família, é muita pressão para você. — Apertei meus lábios com força com uma dor terrível no peito imaginando como seria a minha vida sem ele.

— Tem que existir uma maneira, a gente só precisa de um pouco mais de tempo e... — Coloquei o dedo indicador sobre seus lábios e ele beijou.

— Eu não consigo enxergar uma saída sem que alguém saia machucado. — Empurrei seu ombro para afastá-lo, quando notei seu pênis enorme e ereto marcando no moletom ensopado.

— Acho melhor a gente sair daqui para conversar melhor — ele disse com humor. Pegou minha mala sem aguardar eu dizer se sim ou não e agarrando a minha mão me puxou, nos enfiando no meio das pessoas, olhando curiosas em nossa direção. Subindo as escadas rolantes, ele me colocou à sua frente para esconder a sua ereção, o que não adiantou muito, ele esfregou tanto que ela cresceu

de um jeito que começou a pulsar na minha bunda.

— Para onde você está me levando, Fernando? — rosnei quando saímos pela escada rolante. Suas mãos estavam ocupadas com a mala e a outra em minha mão. Todos os olhos estavam em sua ereção protuberante. Rindo, ele abraçou a mala que deu para disfarçar e daí em diante saímos da estação. A chuva caía forte do céu, pelas ruas alagadas, e ele me puxava quando o farol fechou.

— Não, Fernando, está chovendo — reclamei rindo da sua loucura.

— É só uma chuvinha para refrescar, não se preocupe. Você não é açúcar para derreter — disse com tanto humor que caí na gargalhada e me deixei ser levada. Queria saber até onde aquele maluco iria me levar.

Quando paramos em frente ao seu carro entendi sua intenção: ele veio para me levar dali.

— Eu não vou com você, acho melhor cada um seguir sua vida. — Ele largou a mala no chão e com seu quadril pressionou o meu na lateral do carro. — Me escuta. — Ele segurou em meu rosto e beijou minha testa e encostou a dele nela, nossas respirações quentes contrastavam com

a água fria caindo entre nós.

— Eu sei que as coisas não serão fáceis, eu sei. Eu vou tentar resolver, só me dê um tempo, dê mais um tempo para a gente! — sussurrava ele. Buzinas vinham de todos os lados e algumas pessoas de dentro dos carros, que passavam pela avenida, gritavam para nós. Nada era capaz de impedir aquele momento, eu precisava ouvir sua explicação, ele precisava dizê-las, só assim poderíamos prosseguir. — Eu vou repetir novamente e quantas vezes for necessário, até conseguir enfiar isto na sua cabeça. A Natalie armou para mim, eu sequer me lembro de ter tocado nela, precisa acreditar... Ela se aproveitou da minha condição alcoolizada. — Dei de ombros, eu não sabia mais o que pensar.

— Não vai fazer diferença eu acreditar ou não, o fato é que ela está grávida. — Segurei seu rosto com minhas mãos trêmulas, ele fechou os olhos, ofegante. — E a sua consciência o leva para o único caminho de se casar com a sua prima, assumir suas responsabilidades. — Toquei seu rosto com nossos lábios unidos, tremíamos. — É muito nobre de sua parte, só que eu não posso ser a outra,

não dá para ser apenas a sua amante. — Dei de ombros. — Uma criança sempre é uma bênção de Deus! E é preciso comemorar... Não posso ser o pivô de uma briga em família... Nós nunca seríamos felizes assim. Eu sinto muito. — Ele se recusava a aceitar, sacudindo a cabeça de um lado ao outro, nervoso, apavorado.

— Não, não, não! — exclamou, me apertando ainda mais contra ele.

Agarrei seu pescoço, eu não queria ouvir mais nada, eu só o queria naquele momento. Uma urgência que era a dele também, pois era a nossa despedida e eu queria levar comigo o melhor dele. Sua língua invadiu minha boca, num beijo gostoso, melado enquanto sua ereção crescia em suas calças e eu sentia uma contração dolorida de tanto tesão.

— Vamos sair daqui — ele sussurrou em minha boca e acionou o controle do carro e entramos.

— Ainda bem que os bancos são de couro — comentei olhando a inundação que causamos por ali. Ele riu animado.

— Nem se preocupe com isso. — E saiu com o carro

em disparada com o farol no verde.

Sua mão apertava na parte interna da minha coxa, pressionando minha intimidade e sentindo toda a umidade pela calça, eu arfava e fazia ele arfar com a mão dentro do moletom, massageando seu pênis e apertando.

— Ah... acho que não consigo esperar — declarou com a voz abafada.

— Nem eu — admiti ofegante.

Ele entrou na rua mais escura e deserta, e estacionou o carro desligando tudo, ali no escurinho era só nós dois, o vapor de nossas respirações quentes embaçando os vidros, nos manteve escondidos. Ele veio para cima de mim à medida que meu banco ia abaixando, eu tremia toda com a expectativa.

— Eu te amo, sua birrentinha. — Ri com sua colocação. Nossas línguas bailando em nossas bocas. Ele me ajudou a tirar a minha roupa, me deixando só de calcinha e sutiã, beijando meus lábios, beijando entre os meus seios, e puxou o elástico para baixo libertando e tomando posse. Seus lábios sedentos os sugavam e sua mão invadiu o elástico da minha calcinha alcançando meu calor; ele

gemeu enquanto eu arfei.

— Ai, que delícia! Está do jeitinho que eu gosto, preparadinha para mim. Acho que não vai dar tempo para as preliminares, meu amor. — Levou minha mão nele, pulsando. — Está sentindo? — Sem condições de falar, eu apenas assenti. — É muita fome de você.

— Então vem inteiro para mim, me completa, eu quero curtir você, ter as melhores recordações do que vivemos. De como nossos corpos se encaixavam perfeitamente, do quanto nos amamos. Vamos fazer um novo pacto. Vamos fazer de conta que não existe nenhum problema entre nós. Só eu, você e a chuva que marcou nossa história — sugeri. Ele estremeceu e assentiu com a cabeça.

Sua língua circulou meus lábios antes de entrar.

— Eu vou gozar nos próximos segundos.

Ele endireitou tirando a camiseta e eu o ajudei, desceu o moletom e a boxer preta juntas liberando tudo aquilo só para mim.

— Como é lindamente grosso e grande. — Meus olhos safados fixaram nele, inclinei e o chupei por alguns segundos, arrancando gemidos altos dele.

— Que boca deliciosa! Chupa, Mary, que ele é todinho seu, só seu. — Fiz um trabalho de mestre só que precisei parar porque a minha vagina estava doendo de tesão.

— Eu preciso dele urgente dentro de mim, meu amor... — Arfei com seu dedo me penetrando fundo. — Eu não aguento mais.

— Vem cá! — Me puxou pela cintura, eu montei nele. Ele afastou minha calcinha e encaixou na entradinha me fazendo arfar. — Está tão molhadinha, tão gostosa e toda minha...

— Todinha sua... — confirmei arfando e sentando devagar, invadindo meus lábios vaginais, encaixando delicioso, sentindo ele me preencher com perfeição, curtindo ele gemer de prazer.

Ali eu compreendia, nossos caminhos foram traçados desde o primeiro dia que nos olhamos, trocamos farpas, é uma pena que ainda restassem tantos fantasmas. Pensar que a minha vida seria eternamente incompleta, doía meu coração.

Eu comecei a subir e descer em seu pênis, cavalgando loucamente, nos beijando. Então, gemendo e trêmulo, seus

lábios molhados e quentes desceram passando pelo meu queixo. Eu arqueei a cabeça para dar espaço a ele, que desceu para meu pescoço me beijando, mordiscando, enfiou a língua em meu ouvido me fazendo gritar de tanto deleite.

— Isso, grita, esperneia... É bom ouvir você gemer pedindo por mim. — Eu gemia alto. — Isso, grita pra mim, grita, gostosa. — Eu obedeci aumentando a velocidade da cavalgada.

— Ah, ah... meu amor... eu vou gozar — ele disse. Eu sentia ele crescendo e pulsando lá dentro. E seus lábios voltaram aos meus num beijo desesperador com tesão. Vivíamos ali um momento muito gostoso para sempre relembrar. Comecei a cavalgar com mais firmeza, gozando e excitada pedi para ele gozar dentro de mim. Nossas pernas tremiam, as respirações estavam ofegantes e quase era possível de se ouvir o coração na batida de um tambor.

— Já, já, meu amor — murmurou antes de sua boca tomar meu seio. —, eu quero curtir você mais um pouquinho — sussurrou nele e, em seguida, sugou um e

depois o outro, enquanto agarrava a sua cabeça pressionada de encontro a eles.

Então ele esticou as pernas gemendo, seu corpo contraído, sua mão em meu quadril me ajudava a subir e descer com mais rapidez.

— Amor, amor... — gemeu enquanto seu corpo inteiro tremia em uma loucura deliciosa, e logo senti seus jatos dentro de mim. — Eu te amo... Que sensação gostosa. Uau! — Ele não parava de gemer e quando terminamos, seus braços me abraçaram com força. — Eu nem acredito que você está aqui comigo — declarou com seus olhos repletos de satisfação e me beijou novamente. — E precisa continuar. Mary Lemos, não me abandona... é impossível viver sem você. Até quando você vai abrir mão de você... da sua felicidade, pensando nas pessoas?

Afastei para olhar em seus olhos, ele sorriu com esperança de que eu reconsiderasse, ainda ofegante.

— Largaria mesmo mão de tudo, Fernando para ficar comigo? — Ele assentiu ofegante. — Você tem certeza? — Ele ficou mudo e baixou os olhos, refletindo. Pois, apesar de conhecê-lo há pouco tempo, eu poderia dizer

que já o conhecia completamente. Sua honra nunca o deixaria agir de forma insensata. — Estamos falando de um filho seu, sua prima, a sua família. — Ele fechou os olhos apertados, em seguida os abriu e me encarou.

— Ah, Mary... Estou tão confuso com tudo isso. Mas de tudo, hoje eu percebo o quanto a minha vida era vazia, e, de repente, você surgiu do nada e mudou tudo, preencheu tudo... Você já provou que é melhor administradora de empresas do que eu. Eu preciso de você na minha empresa, na minha vida. Eu quero um futuro para nós. — Eu fiquei em silêncio com aquele aperto no peito. Eu não poderia ser apenas sua amante, entretanto, nunca lhe pediria para deixar a prima na mão para ficar comigo, e nem seria o motivo das desavenças em família. Eu estaria indo contra todos os meus princípios, e um dos mais importantes era o respeito pelo próximo, o mesmo respeito que exigia para minha pessoa. E ele poderia se arrepender depois. A conclusão do meu coração, misturada à ação, era de que eu deveria deixar a vida seguir seu rumo natural. — Reflita melhor, Mary, por favor... — implorou. — Eu me sinto mais seguro com

você estando por perto.

Eu o abracei forte deitando a cabeça em seu ombro, enquanto suas mãos tremulas desciam e subiam pelas minhas costas.

E ficamos ali sentindo o calor de nossos corpos. Olhei em seus olhos emocionada.

— Você é um fofo...

— Um fofo que te ama... — Seus olhos pararam nos meus.

— Estamos nos arriscando aqui nesta rua escura, acho melhor me levar de volta a estação do metrô, já está dando a minha hora.

— Eu não quero sair daqui, está tão gostoso! — Suspirei com a declaração, enquanto sondava meu rosto. — Mary, promete que não vai embora... — murmurou insistindo.

Enfiei minha língua em sua boca, sugando-a e mordi seu lábio inferior e puxei devagar o fazendo suspirar, seu pênis crescia em meu interior me deixando arrepiada. E eu torturava.

— Por favor... — murmurou me apertando.

Ambos entregues... ele me beijou com tudo, com força, com amor, com tesão. Seu pênis dentro de mim crescia e pulsava. E me deixei ser dele mais uma vez.

Está doendo demais...

— Eu não vou deixar você ir embora. — Ele inclinou-se quando desligou o carro em frente à estação e me abraçou forte, como se quisesse me aprisionar. E eu queria ser presa, porém não podia aceitar a única condição imposta.

— Por favor, não dificulte as coisas — sussurrei em seu ouvido.

— A gente vai encontrar uma saída, é só questão de tempo — prometeu aflito. Seus olhos, que estavam imersos em lágrimas, me fitavam com intensidade.

Sequei-as com meu dedo indicador com uma dor tremenda. Ele limpou as minhas e nos abraçamos. Mais uma vez, nos beijamos.

— Não posso ser apenas a outra na sua vida, amor... tenta compreender — disse em seus lábios, trêmulos. Ele negava com um movimento de cabeça, atormentado, me

deixando também.

— Sempre será a principal, sempre... Sem você, nada mais vale a pena. E se ficarmos juntos não é um destino traçado por Deus, é o que então? — questionou, nervoso. — Qual é o propósito Dele nos colocar um de frente para o outro, da forma tão repentina como foi, e despertar este turbilhão de sentimentos?

Eu o abracei forte. Seus braços quase davam a volta pelo meu corpo, de tão forte que ele também me abraçava.

— Eu não sei responder a esta pergunta, eu juro que não... — respondi bem baixinho ao seu ouvido sentindo-o estremecer. — Talvez Ele tenha outros planos para nós. Não dizem que entre o Céu e a Terra existem mais mistérios do que podemos imaginar?!

— Só depende de você, fica... — clamou. Seu hálito quente em meu ouvido tinha quase o poder de provocar minha rendição. Eu não fazia ideia de como poderia ficar sem ele. Porém, eu não podia continuar em frente, não daquela maneira.

— Quem sabe, no futuro a gente se encontra? — disse ao me afastar. Ele se recusava a aceitar, não parava de

movimentar a cabeça de um lado ao outro, angustiado. Selei seus lábios mais uma vez e ele me agarrou forte. — Ainda bem que você veio até aqui, adorei cada segundo. Estou levando o seu sabor comigo e deixando o meu com você.

— Quem sabe, não. Tem que existir um futuro para nós, eu não aceito nada diferente disto. Por favor, Mary... — murmurou.

Eu não podia continuar com aquilo por mais tempo, o meu coração queria passar por cima de tudo, encarar o que ele me oferecia. A barreira do princípio não permitia, eu nunca na minha vida seria a outra. Eu prometi para mim em memória à minha mãe. Beijei mais uma vez seus lábios.

— E para onde você está indo? — indagou em sua voz embargada. Eu neguei sacudindo a cabeça e solucei.

— É melhor você não saber... — encostei meus lábios nos dele, que estavam úmidos. E ficamos ali um respirando na boca do outro.

— Adeus, meu amor, eu te amo demais...

— Eu te amo mais — disse num fio de voz.

Abri a porta do carro e desci rapidamente antes de desistir. Peguei minha mala no banco de trás e seus olhos imersos seguiam cada movimento meu.

— Tchau.

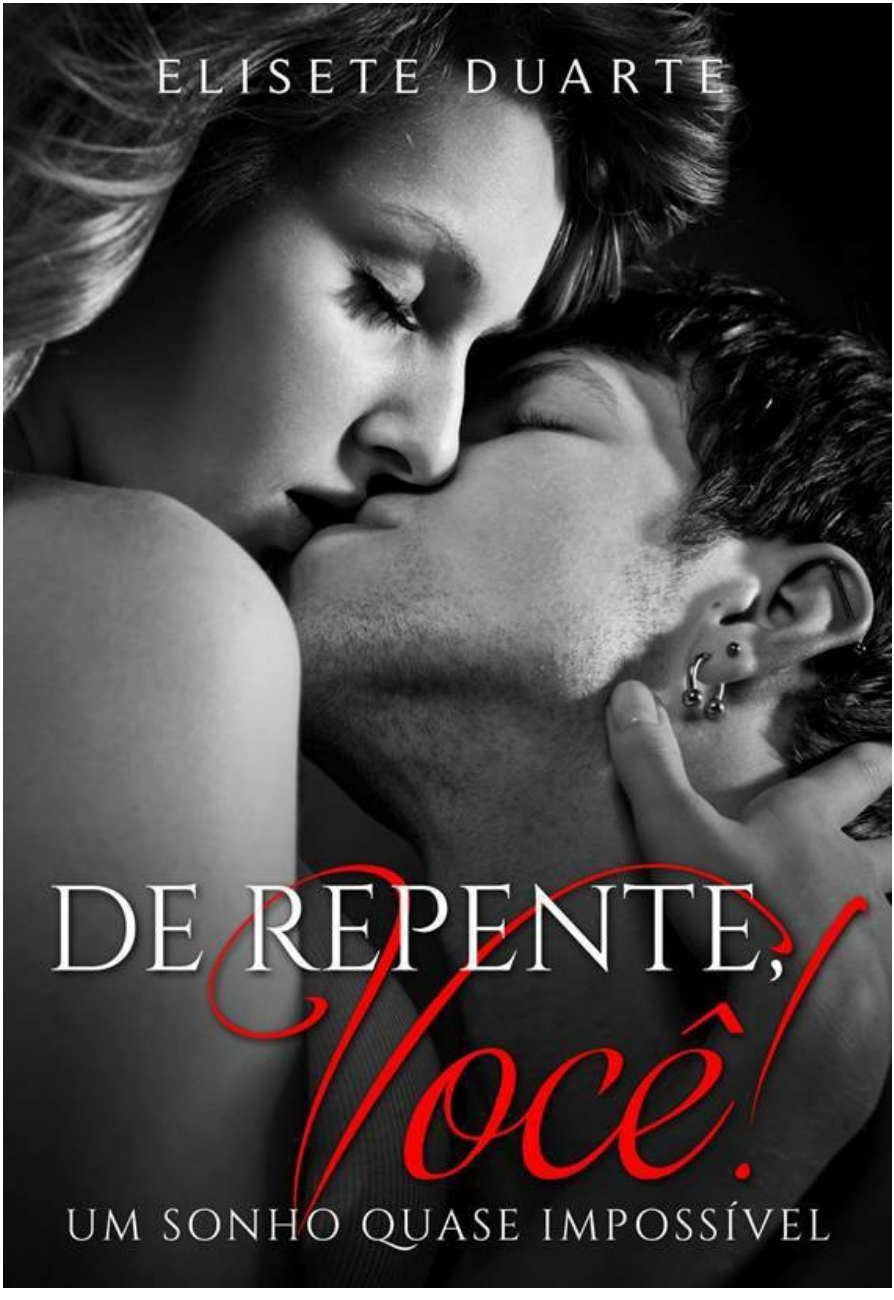
— Tchau — ele articulou com os lábios.

E quando esperava pelo farol abrir, ele desceu do carro vindo correndo em minha direção.

— Mary?

— Não, por favor. — Sinalizei com o braço para ele não se aproximar — Não torne este momento mais doloroso do que já é.

Ele desabou, eu desabei... nossas lágrimas se misturavam à água da chuva fina. E então atravessei a rua correndo quando o farol abriu, sem olhar para trás. Eu não podia olhar para trás, eu sabia que voltaria.


ELISETE DUARTE
DE REPENTE, Você!
UM SONHO QUASE IMPOSSÍVEL

Livro – 2

Prólogo

Fernando

Eu nunca pensei que fosse doer tanto... O que eu sinto pela Mary é algo inexplicável! Eu não estou acreditando que, quando eu poderia ser feliz, eu pisei feio na bola.

— Ah, Deus...

Você deve estar me punindo pelo filha da puta que fui, né? — falei com meus olhos fixos no céu negro, da mesma forma como estava meu coração.

A chuva castigava meu rosto. A sensação era de que eu levava porradas bem dadas, com poder de quebrar osso, sabe? O meu coração foi quebrado, estilhaçado e metade dele cruzou a porta da estação. E aquilo estava me matando, ele nunca seria remendado sem ela. A maior certeza da minha vida era de que o nosso caminho não foi cruzado por acaso, existia algum mistério no Universo que desconhecíamos. E talvez nunca venha a conhecer as razões exatas, mas a certeza era única, ela era sem dúvida alguma a minha alma gêmea.

Eu estava perdendo, tudo... Nem quando abandonei o

projeto que levaria a minha empresa às ruínas eu me senti assim. A minha vida de luxo de muito dinheiro sempre me blindou dos problemas, das dores. Tudo agora perdera o sentido, eu só a queria de volta em meus braços, apenas isso...

A dor era tão intensa que me impedia de respirar.

Nunca pensei que doeria tanto perder o amor da nossa vida.

E eu que pensei que eu nunca me apaixonaria, ou mesmo me casaria, enxergava o casamento como um cabresto. E hoje tudo o que mais desejo é formar uma família com a Mary, ser somente dela, e ela minha! Sermos somente um do outro.

Parado ali na chuva apertando sobre minha cabeça, eu só pensava em correr atrás do meu amor, agarrá-la com força, sequestrá-la e sumir no mundo para ninguém ouvir falar de nós.

Mas eu a conheço, ela não seria completamente feliz, e nunca estaria em paz consigo mesma, sabendo que feriu o coração dos outros, ela preferia sofrer ao causar dor a qualquer outra pessoa. Ela era especial, humana, ela era

tudo... e me ensinou a seguir em linha reta. Eu faria qualquer coisa por ela. Só quero a sua felicidade acima de tudo, saber se ela ficaria bem.

Eu amo esta mulher, como eu nunca amarei nenhuma outra nesta vida.

— Filho, como foi? Encontrou a Mary, conversou com ela? — Minha mãe me recebeu quando eu abria a porta da sala. Engoli forte para descer o nó na garganta e só então consegui olhar em seus olhos aflitos, o que me comoveu e muito. Eu me sentia aquele garotinho de oito anos que precisava do amparo de sua mãe. Deitei em seu ombro e fechei os olhos, eu não chorava, mas o meu coração se recusava a bater, me senti fraco, minhas pernas pesavam. — Oh, meu filho... — Ela acariciava minhas costas com todo aquele amor de mãe, e eu precisava dela pelo menos naquele instante. — Eu sinto muito que as coisas tenham chegado a este ponto. De verdade!

Levantei minha cabeça e sorri arrebentado.

— A culpa é toda minha, eu nunca pensei nas consequências dos meus atos, e agora estou pagando por isso.

— Não, meu querido... — Ela pegou na minha mão me puxando até o sofá.

— Estou molhando, mãe... — alertei-a olhando para o tapete embaixo dos meus pés. Minhas roupas inundavam por onde eu passava e já começou a encharcar o tapete persa bege. Ela sorriu, compreensiva.

— Depois damos um jeito nisso. Ela me jogou sentado sobre o sofá de couro, joguei minha cabeça no encosto, olhar para aquele lustre com suas gotas de cristais que ofuscavam meus olhos de tão brilhante que eram, fez com que eu visse neles os olhos lindos da minha Mary.

Se sentando ao meu lado, ela inclinou-se para mim.

— Não pode se punir. O que é isso? — começou ela com a mão no meu joelho, apertando. Fiquei ali com meu olhar perdido naquelas gotas de cristais, procurando-a. — Você não falou que estava alcoolizado? — perguntou, ela.

— E eu estava, jamais colocaria a mão na Natalie. — Virei minha cabeça, nossos olhares se encontraram. — É claro que é uma punição, mãe. Até o tempo conspirou contra, se pelo menos tivesse dado tempo de você mandá-la para casa, como pretendia. — Soltei o ar com força,

exausto. — Eu não dei muita bola quando pediu a minha opinião, então se isso não for punição, é o que então? — Dei de ombros.

— Pare de falar bobagens, Fernando! — Suas mãos macias e quentes tocaram minha face em concha, fechei meus olhos para nutrir daquele amor. Refletindo sobre minha vida atrás comecei a rir de mim mesmo.

— Do que você está rindo?

Eu grunhi antes de responder:

— Comparando aqui quem eu era antes. Imagine, se alguma coisa me derrubava, eu é quem tinha que estender minha mão para vocês. Sempre fui o amparo desta família, e agora olha só para mim? — Joguei meu olhar novamente nos cristais, eu não me cansava de procurá-la. Todo o meu corpo reagia àquela vontade, o frio na barriga chegava a ser insuportável e fazia o calor subir à minha garganta, sentia uma pressão em meu coração como se duas mãos o apertassem, querendo explodi-lo.

— Eu e o seu irmão agradecemos pela sua dedicação. Afinal, aquela empresa sem você, talvez nem existisse mais. — Suas mãos vieram à minha, que estava sobre a

perna. — Nós precisamos de você no comando.

Dei de ombros, eu não tinha vontade de mais nada, nem mesmo de continuar presidente da Albuquerque. Eu sempre amei a minha posição de executivo poderoso. Todos temiam a minha presença, me respeitavam. Eu não via mais graça em nada disto, eu estava me transformando num quase Leonardo.

— Quer saber? — Me levantei. Eu preferia ir para o meu quarto, ninguém poderia me consolar, eu sei que ela tentava. — Eu vou subir, tirar estas roupas molhadas — falei tirando o meu tênis encharcado e deixei no piso de mármore ao lado da escada.

— Filho... — Me virei quando ela chamou. — Eu acredito em você. Sei também que a Natalie foi uma aproveitadora. E apesar de sempre estar atenta a forma indecente que ela andava pela casa, eu acho que não fiz o suficiente. Só que precisa entender, que se ela aparecer de barriga, mãe solteira e ainda carregando um filho do primo que a rejeitou, vai manchar a honra dela, da nossa família. Infelizmente seu passado lhe condena, ninguém vai acreditar que foi sem querer.

Comecei a rir, de nada adiantava a sua conclusão. Agora não se tratava mais de mim, da Mary, da Natalie, e sim, da criança que não tinha culpa de nada e estava a caminho.

— Vamos esquecer este assunto, por enquanto. — Eu subia os degraus, e a Natalie veio do corredor dos quartos e ficou ali me esperando.

— Espero que o senhor tenha tido a honradez de me respeitar... — ela falou ríspida com seus braços cruzados. Meus olhos varreram pelo seu corpo com roupa comportada, uma calça jeans, uma camisa de manga longa, azul-claro, fechada até o pescoço e ergui a sobrancelha.

— Pena que você criou juízo tão tarde, priminha — falei em desaprovação. Passei por ela em total amargura e me dirigi para meu quarto.

— Ah... — Foi a única palavra que ouvi. A pressa da distância era tamanha, que abri a porta com rapidez, entrei e fechei com força bem em sua cara, a fim de deixar claro os meus sentimentos. Nunca senti tanta repulsa por ela, a culpava por tirar a melhor parte de mim.

Deixei meu celular sobre o móvel ao lado da cama,

arranquei toda a minha roupa e larguei por ali mesmo no chão e me atirei de frente à cama, afundando meu rosto no travesseiro com força. Se eu tivesse coragem ficaria até me sufocar e sei lá o que faria.

Levantei meus olhos ali para o criado-mudo, o aparelho de telefone me instigava a ligar para a Mary, quem sabe ela ainda reconsiderasse sua decisão.

Eu não podia, ou podia?

Afundei meu rosto novamente e abracei o travesseiro mentalizando envolvendo seu pescoço. A chuva lavou muito do que ela deixou em meu corpo, menos o seu perfume que, mesmo fraco, eu podia senti-lo em minha pele.



Mary

— Moça? Moça... — A voz do motorista na porta do ônibus, destacando o ticket da passagem, vinha distante. Eu viajava para dentro do carro, cavalgando sobre meu amor, dando a ele tudo o que eu tinha de melhor, sentindo tudo dele, suspirando. — Moça? — Despertei com seu rosto inclinado sobre mim, ele quase falava ao meu ouvido. Abri um sorriso sem graça.

— Me desculpa, me distraí. — Ele assentiu, gentilmente. Pegou o ticket que lhe entreguei e, assim que o destacou, me entregou. Cada passo que eu dava para o fundo naquele corredor escuro do ônibus, a angústia crescia em mim. E não chorar foi impossível.

Na poltrona do corredor, estava uma senhora de aproximadamente uns sessenta anos ou mais, com seus cabelos longos, branquinhos como chumaços de algodão, num coque no alto da cabeça, que sorriu gentilmente, marcando os vincos profundos em seu rosto. Olhando para ela foi inevitável não pensar nele, no futuro que nunca teremos.

— Com licença — pedi num fio de voz, sufocada por

dentro. Eu estava sem condições de falar, de sorrir, eu só queria me encolher ali no canto da janela, quietinha, fechar meus olhos e sonhar com ele.

Joguei meus cabelos sobre os ombros de forma que a senhora não notasse o quanto eu sofria. Eu quase acariciava meu celular em minhas mãos, senti um aperto em meu peito, uma vontade de pular para fora daquele ônibus e ir ao seu encontro. E assim que o motorista entrou e se sentou no seu lugar, as portas se fecharam e as luzes se apagaram. Ele seguiu seu rumo, pegando a rodovia escura e silenciosa. Fui ficando desesperada, angustiada... à medida que a distância aumentava, o meu coração se apertava, muita coisa estava ficando para trás.

Eu me sentia como se um monstro gigante canibal tivesse me rasgado ao meio, não restando a menor possibilidade de vida porque se alimentou com a metade de mim. Eu queria morrer! Como eu poderia seguir em frente sem ele, depois de ter provado sua alma? Eu provei tudo dele e viciei. Eu não fazia ideia de como ia ser daqui para frente.

Olhando pela fresta da janela aberta, eu sentia uma

brisa morna batendo em meu rosto, a chuva cessou e sob e céu limpo agora, a luz prateada da lua iluminava a estrada por baixo das rodas e a paisagem noturna.

Agora?

Ai, lua! Você bem que podia ter feito as honras quando estávamos nos braços um do outro.

Isso era algo a mais para relembrar, agora não adiantava mais, pois ele já ficou para trás. Um amor apenas para recordar.

Fe, eu vou te amar pelo resto da minha vida, eu juro.

E sorri pensando que a chuva não deixava de ser especial, porque ela de fato marcou a nossa história.

O celular vibrou em minhas mãos, que tremiam agarradas ao aparelho, meu coração queria sair pela boca, era o Fernando numa chamada de vídeo. Olhei para o lado, a senhora dormia profundamente de costas para mim. Virei para trás e não havia ninguém, só o vazio no fundão do ônibus, escolhi quase a última poltrona ao comprar a passagem imaginado que precisava de privacidade para meus lamentos. Poucas pessoas viajavam neste dia, a frente também estava quase vazia,

considerando algumas poltronas ocupadas.

Todo o interior estava escuro, apenas a luz da tela do celular iluminava a mim. Respirei fundo e atendi.

Nossos olhos se encontraram num brilho diferente, eles se fundiam em nossas almas, e traziam uma explosão de emoção. O pulsar de seu coração, mesmo a distância era quase denso, eu podia sentir.

— Oi, amor. Não resisti... — ele disse.

Eu só suspirava com a boca aberta, vendo-o desnudo da cintura para cima, eu sabia que tudo mais estava exposto do jeito que eu amo. Seus olhos desceram em direção ao meu seio sem sutiã com apenas o bojo da própria roupa, com um sorriso saudoso, me fazendo fechar os olhos, arrepiada.

Depois que entrei na estação, precisei trocar a roupa encharcada. Para a viagem longa, escolhi um vestido branco de malha até o tornozelo, uma roupa simples e agradável que me deixava bem sexy, devido ao decote profundo nos seios. O que não me importei pensando que no fundão do ônibus eu me manteria escondida.

— Oi — sussurrei suspirando e me inclinei de forma a

ficar de costas para a janela com o celular em minhas mãos.

— Você trocou de roupa? — Concordei, sorrindo, com meus lábios fechados e olhos marejando, presos ao seu olhar percorrendo meu rosto. — Você está linda, eu ainda não tive a oportunidade de vê-la com este vestido, ele parece ser muito lindo, está muito charmosa com essa cascata dourada sobre os ombros. — Dedilhei a tela do celular. Ele fechou os olhos como se estivesse me sentindo. E eu estava sentindo o calor de sua pele embaixo dos meus dedos.

— A gente não teve a oportunidade de tanta coisa, né? — balbuciei.

— É... de muita coisa... Nossa história foi mais rápida que um relâmpago — disse ele. Agora quem dedilhava a tela do celular era ele, fechei meus olhos nutrindo o máximo dele. — Mostra seus seios para mim, por favor — implorou naquela voz sedutora e urgente que comecei a tremer, todo meu corpo se acendeu em prazer.

Baixei o aparelho mostrando de forma que tudo ficou claro na imagem, e vi seu peito arfando, seus olhos

verdes-acinzentados ardendo de desejo. Com a mão livre toquei meus dedos na tela ouvindo-o gemer e muito do outro lado.

— Fala onde você está, eu vou aí te buscar, não importa aonde, eu quero você na minha vida. Eu não posso te deixar partir — ele falava nervoso e eu negava de cabeça.

— Não, meu amor, pare de torturar a gente. Se você me ama de verdade, Fernando, não me liga mais, não me torture, não se torture. Você fez a sua escolha e eu fiz a minha. Agora você vai ter uma família, um filho. Vamos pensar que a paixão, o nosso amor foi como uma forte tempestade que devastou nossos corações e como todas as tempestades, passou.

— Não. — Ele negava a aceitar o que eu dizia, estava muito difícil continuar com aquilo. Eu precisava de um basta.

— Eu vou desligar, tá? — falei e ele gritou que não.

— Por favor, vamos fugir, só nós dois. A gente se esquece de todos e se isola numa ilha qualquer do Caribe, ou em outro qualquer lugar neste mundo — ele sugeriu tão lindamente.

— Seria maravilhoso ficar com você... Mas até quando isso poderia durar? Você nunca abrirá mão da sua família, eu também não posso permitir uma decisão como esta. Eu me sentiria péssima, você me conhece, senão do que valeram os meus princípios, eu larguei tanta coisa importante pelas causas dos outros. Como eu posso mudar de lado agora? — Ele começou a chorar, mas, enfim, pareceu começar a entender.

— Eu vou dar um jeito de resolver isto sem que ninguém se machuque, eu prometo.

— Jura?

— Eu juro por tudo quanto é mais sagrado.

— Promete?

— Prometo. — Levamos o aparelho aos lábios e ficamos ali por um longo período ouvindo o som de nossas respirações.

— Eu vou resolver... — sussurrou. Afastei o aparelho para olhar diretamente em seus olhos. Eu sabia o quanto seria difícil, quase impossível definir aquela situação. Era um problema sem solução. E que nenhum de nós dois poderíamos seguir com nossas vidas se continuássemos

naquela tortura dolorosa.

— Não demore, tá? — pedi. Ele fechou os olhos e abriu, cansado. Estávamos exaustos.

— Eu juro que não vou demorar.

Beijei a tela com todo o carinho do mundo.

— Eu vou desligar, Fernando, eu preciso de paz para continuar minha viagem.

— Não, por favor, não desliga.

— Eu te amo.

— Mary, Mary?

Eu precisava de um basta em tudo aquilo e a única forma era mantê-lo afastado. Apertei o botão para desligar com uma dor profunda no peito. Abri aquele celular, com raiva de mim, do mundo, tirei o chip e mordi... como um cão raivoso e consegui partir em dois e joguei pela janela. Olhei para o celular na minha mão, ali tinha muito do Fernando, eu não conseguiria esquecer, carregando tanto dele. Joguei no chão do ônibus e pisei com o salto da minha sandália até danificá-lo e, então, o joguei pela janela. E inclinei-me para frente, cobrindo meu rosto, em prantos.

— Não se preocupe, minha filha. O tempo é lento, doloroso, mas ele cura todas as feridas, ajuda a ajeitar as coisas. — Ouvi aquela senhora proferir ao meu lado. Respirei fundo antes de jogar minha cabeça para o encosto, sem olhar em seu rosto.

— Eu não acredito nisso. Não tem como a minha ferida cicatrizar, ela sangra demais, logo vai inflamar, verter pus... Então ela vai necrosar e durar pela vida inteira marcada em minha pele danificada.

A gentil senhora se virou de costas para mim cobrindo-se e eu virei para o lado da janela.

E lá estava ela novamente, a chuva... Eu não tinha ideia ainda do que ela ainda ia representar em minha vida, no futuro.

Capítulo 1

Fernando

Cinco meses depois...

-Alô — atendi ao telefone a contragosto. Eu estava naqueles dias que a gente é capaz de esganar um. Um ponto já era o suficiente para perder o meu autocontrole.

Embora esteja ciente de que eu precisava me conter, manter o foco e assumir um ar sério e impecavelmente profissional, assim deveria ser com tantas responsabilidades ao meu comando. Com o sucesso do novo modelo adotado, surgiam novos investidores a todo instante. E propostas para novos projetos seguindo o mesmo padrão não paravam de chegar. Em tão pouco tempo, estávamos chegando ao ponto da necessidade de expansão da Albuquerque. Tudo estava muito claro em minha mente, no entanto não era possível qualquer controle no momento.

Depois que a Mary saiu da minha vida ela ficou amarga. Era impossível ser diferente sem ela, não havia a

menor possibilidade! Na verdade, um pesadelo... eu vivia literalmente uma ressaca emocional fortíssima, e foi exatamente assim que me arrastei até aqui. Não me conformava ficar sem uma notícia sequer, depois que nos falamos ao telefone, ela evaporou... Minha vida estava vazia, esperando por sua volta, ou apenas uma ligação... Nada... Restando-me apenas uma lacuna e aquela dor no peito com a saudade!

A Ana permaneceu trabalhando em casa com a minha persistência, pois não foi fácil convencê-la com a mágoa que se estendeu a ela, ainda bem. Pois ela era o melhor que sobrou do meu amor. Ela servia de espelho ao meu coração que mantinha uma enorme esperança das coisas mudarem.

O antigo número da Mary caía direto na caixa postal, eu perdi a conta de quantas vezes eu tentei ligar nestes últimos cinco meses.

— Oi, meu amor, vem para casa — pediu a Natalie com aquela voz chorosa que me deixava possesso. Revirei os olhos, apertando o aparelho na mão com tanta força, que doeu os ossos dos dedos. Puto, eu precisei me segurar

para não a mandar à merda. Ela conseguia me irritar com aquela mania de querer ser carinhosa. Amor daqui, amor dali... Argh... Só a Mary podia me chamar assim, somente ela e ninguém mais.

Eu amo ainda mais esta mulher! A distância só fazia aumentar este sentimento dentro do meu peito. Era mais forte do que eu.

Inspirei profundamente procurando encher os pulmões completamente; e quando o senti cheio, segurei o ar por alguns segundos; e só então soltei com força, antes de responder. Eu precisava de equilíbrio, para não a ofender com palavras, na minha vulnerabilidade isto acontecia até mesmo involuntariamente:

— Estamos na hora de expediente — expliquei com meus olhos fixos nos ponteiros do relógio sobre a minha mesa: 14h. Com o fracasso do treinamento de respiração, meus impulsos nervosos estavam no ápice de explodir com ela. — Não posso largar a empresa e deixar tudo pendente e correr para casa, Natalie. — *Pela Mary eu largaria tudo, tudo mesmo... Só para ser feliz ao lado dela.* — Será que você não entende? — proferi áspero

com aquela insistência que se repetia quase todos os dias. E ouvi seus lamentos desesperados.

Apertei os lábios um sobre o outro arrependido. Eu sempre me esqueço da sua gestação, o quanto ela está sensível. Minha mãe me explicou várias vezes que a gravidez é um dos momentos mais importantes na vida de uma mulher. A espera de um filho implica em mudanças corporais e psicológicas naturais na mãe e alguns fatores podem implicar em riscos para a sua saúde e para o bebê. Com a minha paciência indo ribanceira abaixo, ela alertou-me que eu deveria ser mais cuidadoso, dando-lhe carinho e atenção, ainda mais com ela esperando gêmeos: dois garotões.

— Desculpa, Natalie... eu não queria descontar em você. O problema é que estou atolado de serviço. — Uma meia verdade, porque quem estava atolado de saudades era o meu coração. O Juliano só tem me surpreendido neste tempo com sua dedicação ampla na Albuquerque, e eu não poupava os agradecimentos merecedores. Além de funcionário exemplar, se transformou num grande amigo. O meu tio também foi extraordinário, ambos abraçaram

todos os assuntos relacionados a expansão, cuidando de todos os detalhes, na verdade. Me blindando de todos e quaisquer problemas que vinham no decorrer do processo. Só soluções chegavam a minha pessoa. Suspirei emocionado.

Lá estava a minha Mary novamente dominando minha alma. Ela domina tudo em mim. Aliás, todo mérito do tremendo sucesso que chamavam atenção dos investidores pelo mundo afora com o novo modelo adotado era dela, exclusivamente dela! Uma estrutura em expansão... A minha gatinha é demais, linda por dentro e por fora! Só ela mesma para deixar tudo em ordem e perfeito como ela é...

— Fernando, Fernando? Você está aí, ouviu o que eu falei? — Seus berros em prantos despertaram-me dos meus devaneios prazerosos. Balancei a cabeça.

— O que foi que você falou? — perguntei ainda perdido no espaço. Ela bufou totalmente irritada. Podia sentir o ódio atravessar o aparelho do telefone de tão denso que era.

— Você não se importa, não é? Dane-se eu com seus

filhos aqui na minha barriga. Que se foda, né? — Senti um baque no peito com o seu nervosismo, pensando que aquilo poderia afetar meus filhos.

— *Calma, Natalie...* Só me deixa solucionar mais algumas questões de extrema urgência e, em seguida, eu vou para casa. — Aquele joguinho sempre me fazia ceder. Que nervoso! Ela é mestre em me tirar do sério. *Argh!* — Vamos passar o resto do dia juntinhos, tudo bem? — Ela soluçou, talvez ciente de que pegou pesado.

Um silêncio se estendeu e foi o suficiente para os meus pensamentos vagarem, aleatórios. Levantei-me e caminhei até a janela seduzido com a luz natural e a beleza. A sombra tomava conta, pois o sol se escondia atrás dos altos edifícios, e nem por isso a vista da cidade deixava de ser fantástica. Olhando as ruas, tudo parecia tão normal, o trânsito da tarde da avenida ainda estava calmo, eu via as pessoas deslizarem pela calçada e meu coração se apertava só de imaginar o que a Mary estava fazendo aquele momento.

Será que ela teria alguém, por isso não me procurou mais?

Se ela pensasse em mim a metade do tempo que penso nela. Não! Ela estaria sozinha. Acho que eu nunca fui tão fiel na minha vida, eu não conseguia me relacionar com outra mulher intimamente, não pensando nela deste jeito. Muitos nascem para serem felizes, alguns não. E eu acho que fazia parte desta minoria. O pensamento alterou minha respiração, a sentia ficando mais pesada do que o normal, quando a Natalie gritou do outro lado me trazendo de volta à minha sala.

— Fernando? Fernando... — Seu tom de voz alto, naquela gritaria do outro lado da linha, doeu meus tímpanos. Afastei do ouvido com o desconforto. — Fernando, você está me ouvindo?

— Não precisa gritar, Natalie! — vociferei sem me dar conta. E voltei para a minha cadeira me jogando sobre ela, com um forte bufado.

— Você queria o quê? Parece que está no mundo da lua — protestou ela. *No mundo da Mary, é exatamente onde estou e acho que sempre estarei.* — E eu não gosto que você me chame de Natalie, por favor, faça um esforço para me chamar de amor — pediu ela com sua voz

embargada.

Eu fechei meus olhos com uma mistura de sentimentos, com ela eu ia de oito a oitenta em segundos: Ora sentia fúria de suas exigências e comportamento obsessivo em querer me aprisionar, ora eu sentia compaixão, como agora por exemplo, com ela em prantos. Ela era tinhosa, sabia jogar conforme seus interesses. E foi justamente por esta distração que ela me pegou. Mais uma razão para ficar esperto com esta garota.

Como poderia chamar mais alguém de meu amor? No meu coração não havia mais nenhum espaço disponível. A Mary tomou-o totalmente, só para ela.

— Você está muito nervosa, me espera que daqui a pouco eu chego em casa, está bom? — disse calmamente a fim de tranquilizá-la.

— Promete que não demora? — exigiu ela.

Eu agradeci por ela não insistir para que eu proferisse o que não poderia dizer. Causaria mais estresse com a minha recusa, e não gostaria de sentir mais remorso do que já sentia. Já errei demais nesta vida. Erros que talvez sejam irreparáveis.

Cada dia que passava, o sonho de estar com a Mary se tornava quase impossível. E doía cada vez mais em pensar que não conseguia cumprir a promessa que fiz a ela. Principalmente agora, com dois filhos chegando, e a gravidez ser considerada de alto risco, devido a diabete pré-gestacional, existindo a possibilidade de mortalidade durante a gestação ou parto. E a minha desesperança ia além! Através do ultrassom morfológico na vigésima segunda semana, quando foi possível ver o coração completamente formado, identificaram distúrbios congênitos, e foi revelado neste exame problemas cardíacos em um dos bebês. O mais tranquilizador de tudo isto é que no caso do meu filhote, estava sendo necessário apenas o acompanhamento, sem necessidade de nenhuma intervenção cirúrgica. Eu não poderia deixar minha prima e meus filhos neste momento, ou melhor dizendo nossos filhos, e eu sabia que a Mary jamais aceitaria algo assim.

— Prometo, Natalie... Tente dormir, descanse um pouco. Deixa eu desligar, quanto mais você me segurar aqui no telefone, mais tempo levo para chegar em casa. — Tentei parecer humorado. Ela riu um pouco considerando

uma piada.

— Tá, tá, tá bom... Vem logo, hein? — E desligou.

— Pode entrar — disse ao ouvir uma batida leve na porta assim que coloquei o telefone no gancho. Só uma pessoa bate à porta daquela maneira que mais parecia tendenciosa.

— Bom dia, como vai o meu chefinho, hoje? — A Késsia passou a língua de forma provocativa em volta dos lábios finos decorado com um batom bem vermelho quando abriu a porta e enfiou a cabeça para dentro, fazendo o maior suspense. Os meus sentimentos eram engraçados. Meus olhos captaram a imagem e meu cérebro já disparou a mensagem para o meu pau, há muitos dias sem sentir um calor interno. Ele fisgou e já tomava posição de ataque. Porém, meu coração sequer tomou conhecimento, ele permanecia xoxo, desanimado... Fechei meus olhos e balancei a cabeça. *É uma safada mesmo*!

— Entra aí, vai — falei malicioso, piscando e ela retribuiu a piscadinha.

— Tenho uma surpresa para você, chefinho... — Sua

voz estava deixando meu garotão alucinado imaginando ela sem calcinha. Ela cumpriu a promessa, essa mulher abandonou a mania de calcinha, embora houve algumas tentativas neste período de me seduzir, e meu coração doente de saudade não aceitou. Refletindo, resolvi ser mais camarada hoje, afinal, coitado! Fazia alguns dias que não dava do docinho para ele. Ultimamente ele comia com as minhas mãos mesmo. E adivinha, pensando na Mary. Eu nunca comi tanto uma única mulher com a mão...

— Hummm... Ultimamente eu venho precisando mesmo de surpresas boas, por favor — frisei e me levantei, me sentando na quina da mesa, com um pé sobre o chão e o outro suspenso, apertando o garotão morrendo sufocado dentro da calça social, azul-marinho.

— Vai se amarrar na minha surpresa. — Ela abriu a porta me fazendo suspirar. Seu vestido longo até o tornozelo de gola alta, era supercomportado, se não fosse o transpasse que ela abriu de maneira safada, revelando sua danadinha, depiladinha, linda! Apetitosa. Meu pau deu um pulo que até eu me assustei.

— Uau... delícia — Estiquei o corpo olhando por cima

dos seus ombros. — Cuidado aí, a Estefânia não está na sala dela? — Ela balançou a cabeça em tom negativo e fechou a porta atrás de si.

— Hoje foi dia de treinamento, todos saíram mais tarde para o almoço — informou ela.

Neste instante me dei conta do tempo. E como ele passava rápido. Cheguei as seis e meia da manhã, as ruas das cidades ainda tranquilas, para fugir das lembranças ruins que a Natalie me trazia, e fiquei por ali analisando as pilhas de documentos sobre a minha mesa aguardando a minha assinatura, que nem percebi as horas passarem, esqueci até que meu corpo necessitava de alimento.

Por isso tudo estava muito silencioso, coisa que não notei antes mergulhado nas lembranças... na saudade.

— Hummm, então vem aqui, vem... — Estendi a mão livre, ela veio em minha direção no maior rebolado em cima da sandália de salto alto. Apoiou as duas mãos em minhas pernas, enfiando sua língua quente dentro da minha boca, chupando a minha e eu chupando a dela, nos envolvendo numa carícia, com meu pau latejando de tesão.

Com uma das minhas mãos, eu agarrei sua bundona siliconada e com a outra atravessei o transpasse do vestido, a fazendo gemer ao tocar seu calor encharcado e penetrei-a com força circulando ao redor. Ela se contorcia, me deixando alucinado. Deslizei minhas mãos até um pouco abaixo da sua bunda e voltei trazendo o vestido junto descobrindo o que eu precisava e urgente.

— Sua pele é muito macia — sussurrei apalpando sua bunda enquanto sua mão roçava nele, sobre o tecido.

— Está gostando, chefinho? — Assenti que sim com a cabeça. — Eu só quero ver você um pouco mais feliz... anda tão tristinho ultimamente — ela falava manhosa abrindo o botão da calça, o zíper, e então eu me levantei para ela descer minha roupa e, em seguida, sentou na cadeira. Segurando o meu garotão alucinado, eu o enfiei na boca dela, e com a outra mão prendi sua cabeça apertando contra ele. Eu gemia com suas lambidas e chupões, pressionando-o, masturbando-o magnificamente. No entanto, tudo não passava de atração sexual apenas, meu coração parecia uma pedra de gelo, não havia emoção. Era o oposto do que eu sentia com a minha

birrentinha. Balancei a cabeça para ver se conseguia foco ali na ação.

— Isso, chupa gostoso, sua safada... Chupa, vai, mais rápido, mais rápido — ordenava e ela muito obediente fazia tudo o que pedia.

Segurei em seu braço levantando-a.

— Vira que eu quero ver este rabão. — Coloquei-a de costas e roçando meu pau na bundona dela, massageando sua vagina molhadinha com os dedos, eu a empurrei em direção ao sofá. Suas mãos viraram para trás agarrando minha bunda pressionando contra ela. Esfregando alucinadamente, eu virei e a coloquei deitada ali no sofá bege. Entrei no meio das suas pernas, abrindo-a e tomando posse do seu calor interno. Ela gemia se contorcendo conforme minha língua circulava seu clitóris.

— Você é maravilhoso, surpreendente — elogiava ela.

— Só um minuto — pedi correndo até a minha mesa, peguei na gaveta um preservativo e voltei rasgando a embalagem e o vesti rapidamente, afinal tudo ali deveria ser rápido para não sermos pegos de surpresa, uma aventura perigosa tenho que admitir. E enterrei o meninão

nela que entrou rasgando. Um puta grito escapou de seus lábios, que precisei tapar a sua boca. — Shhhhh... está maluca! — Ela encolheu os ombros rindo agarrada a minha bunda enquanto pressionava contra ela. Eu socava gostoso, com força. Ergui todo o vestido até o pescoço e o sutiã e mamei nos seus peitões com apetite... — Estava mesmo precisando de um relax, assim — sussurrei em seu seio. Ela arfou, quando dei uma estocada forte, pulsando dentro dela. Eu estava quase lá.

— Eu vou gozar — gemi.

— Goza pra mim, goza... — Acelerei e em poucos segundos todo o meu estresse saiu junto com o meu esperma. — Nossa, chefinhoooo! A cada dia, você está melhor — elogiou ela tentando enfiar a língua em minha boca. Eu escorreguei a cabeça para a curva do seu pescoço, fugindo. Ela hesitou.

Em mais uma tentativa, ela veio para beijar-me, o fato é que eu só queria sair dali, me afastar. Com Késsia, o ato se resumia apenas em apetite sexual, nada além, satisfeito eu não suportei mais sentir o seu hálito e disfarçadamente me levantei e segui em direção ao corredor com minhas

roupas que peguei no chão perto da mesa.

Isso sempre acontecia antes de iniciar uma transa, nenhuma mulher supria a necessidade da Mary, nenhuma delas. Eu precisava de um tempo sozinho, pelo menos um pouquinho. Lavei meu pau na pia do banheiro e o sequei com papel e então me vesti.

Quando retornei, ela estava em pé encostada na porta da sala, sua expressão era, no mínimo, ofendida.

— Eu não sei porque, mas hoje me senti humilhada, rejeitada, quase um objeto sexual. — Cobrou-me uma explicação de forma educada que me fez rir. Eu me aproximei e segurei nas laterais do seu rosto, ela torceu a boca se fazendo de tristinha.

— Você foi ótima, eu juro. — Um sorriso tímido se espalhou pelo seu rosto. — O problema é comigo. — Coloquei a mão direita sobre o peito e ela a seguiu. — Existe muita coisa dentro de mim mal resolvidas, você me entende?

Ela sorriu compreensiva e sua mão veio sobre a minha em meu peito e sorriu solidária.

— Eu entendo sim, e quer saber? — Ergui a

sobrancelha. — Eu morro de inveja da ativista... Seria tão bom se um homem pudesse me amar como você a ama — completou ela.

Um aperto em meu coração marejou meus olhos. Respirei fundo e me virei seguindo para minha cadeira, me sentei e encarei-a ainda no mesmo lugar.

— A Mary não é uma ativista. — Késsia corou de imediato.

— Eu me expressei mal, não foi exatamente isso que eu quis dizer… — Sorrindo eu estendi a mão em sua direção para ela me ouvir.

— Eu sei que não, você disse nas melhores das intenções, eu entendi. — Ela correu e veio se sentar na cadeira à minha frente e estendeu a mão sobre a mesa, eu coloquei a minha sobre a dela.

— Eu não a conheci direito, somente naquele dia que a recebi aqui na empresa. E não é necessário rasgar palavras. As suas ações já demonstraram quem ela é realmente. Eu até acho que ela merece mesmo o seu coração. O Juliano vive elogiando-a pela empresa.

— É merecedora de tal elogio, afinal a nossa expansão

é graças a ela. Melhorou para todos nós. Os salários foram reajustados conforme o lucro da empresa — explanei com as mãos abertas. Ela acenou levemente com a cabeça.

— Isso é verdade, e foi ótimo. Me tirou do sufoco.

Sorri orgulhoso da Mary, ela tinha mesmo o dom de trazer alegria para as pessoas. Ela era um anjo disfarçado aqui na terra. Fiquei ali com o olhar perdido, na verdade não exatamente perdido, estava no carro com a chuva sobre o teto do carro em nossa despedida. Eu nunca iria me esquecer, nunca...

— Eu sei que está sendo difícil com a partida dela, e que a união com a sua prima o deixa infeliz. Eu gostaria de oferecer o meu ombro, Fernando. — Revirei os olhos confuso com a sua oferta, acho que não entendi bem ou entendi? Seus olhos azuis cintilavam de forma intensa, e aquilo me deixou intrigado. — Eu tenho um carinho especial por você, e se caso eu tivesse uma chance, eu faria de tudo para conquistar o seu coração. — Grunhi diante daquela conversa que mais parecia a trilha do caminho de uma declaração. Eu não podia prosseguir com

aquilo.

— Escuta, Késsia, eu...

— Está tudo bem, não precisa explicar nada — interrompeu-me corada com a minha expressão fechada. — Não estou te cobrando nada, e também não quero que nada mude entre nós, tudo bem? — Apertei o olhar e sorri compreensivo para amenizar seu constrangimento. — Me desculpa, eu não podia colocar a carroça na frente dos bois. — Baixei meus olhos por um instante com a sua justificativa. — Você deve gostar muito dela, né, Fernando? — mudou de assunto rapidamente. Levantei meus olhos com a sua pergunta, forcei um sorriso com o meu coração entristecido, eu só conseguia enxergar a dor e a saudade. Fechei meus olhos por um instante suspirando, deixando-a emocionada.

— Mas, enfim — Me endireitei na cadeira, acertando a gravata estampada no colarinho da camisa branca e ela ali me encarando. —, do que vai adiantar lamentar o passado? Agora eu tenho uma família, filhos chegando por aí.

— Tem males que vem para o bem, não é mesmo? —

Aquele comentário me deu um baita medo, tipo aqueles que gela o corpo da gente! Me sentia mal, no entanto não conseguia enxergar na gravidez da Natalie algo que me desse prazer. Fechei meus olhos soltando o ar com força, era um pecado pensar assim, já pequei em tocar nela. *Eu vou direto para o inferno, eu sei que vou.*

— É... — afirmei de cabeça, incerto. — pode ser que sim...

— E por falar na Natalie. Como ela está passando? Da última vez que comentou, ela estava de repouso.

— Repouso ela não está, só que mergulhou numa depressão quase profunda. Vive chorando pela casa, chega até ser inconivente as vezes. — Revirei os olhos demonstrando minha impaciência e ela riu.

— É coisa de mulher grávida — comentou rindo. Inclinei a cabeça com o cenho franzido.

— Você já ficou grávida?

— Não... é claro que não — Ela se jogou de costas no assento, hesitante, fugindo do meu olhar fixo nos dela.

— É que você comentou com tanto conhecimento de causa que acreditei...

— A minha irmã mais nova — interrompeu-me ela. — Eu acompanhei toda a gravidez. E olha, não foi fácil...

Neste instante a porta se abriu de repente, desviando a nossa atenção. O Juliano sorriu sem graça ao nos ver ali conversando. Senti uma pontinha de suspeita em sua expressão com sua atitude inesperada de entrar sem bater.

— Ah, Késsia. Você está aqui? — disse todo sem graça com os dois pares de olhos sobre ele. — Estava procurando você.

Olhei para ele com desconfiança, ele sorriu forçado.

— Agora você me encontrou — ela falou ríspida de uma forma não surpresa. Ele limpou a garganta e entrou fechando a porta atrás de si.

— Me desculpa entrar sem bater, Fernando. Achei que você não estava na empresa. — Até parece que colou!

— Precisa de mim? — Ela se levantou e se postou ao lado do namorado, que enlaçou a mão por sua cintura. Eu desviei meu olhar, olhando para o chão. Engraçado, comecei a me sentir um calhorda como a Ana me acusou um dia. E as lembranças me deixaram incomodado, me levantei e fui me servir de uma dose de uísque. Eu

precisava com o que tinha que enfrentar pela frente

Oh dia difícil!

— Na verdade, eu precisava mesmo falar com o Fernando.

— Comigo? — perguntei ao me virar com o copo, e caminhei até minha cadeira, me jogando sobre ela, afrouxando o nó na garganta. O pensamento na Ana, me lembrou Mary e eu comecei a me sentir sufocado com meu coração disparado, ele queria quebrar as minhas costelas, ah, se queria!

— Sim, é que daqui a quatro dias vai acontecer a entrega dos certificados de destaque com a nossa empresa considerada uma empresa modelo. E daqui um mês ou menos, a data ainda não foi confirmada, acontecerá outro evento em Las Vegas, nos Estados Unidos. Lá vão se encontrar empresas do mundo inteiro, para trocarem experiências. — Sorri orgulhoso da minha Mary e suspirei.

— Essa honraria é a Mary que deveria receber, afinal o projeto é dela — lembrei-o.

— Sim... só que ela não está aqui, certo? — Eu assenti

com agonia. — Então, sua presença é imprescindível como representante da empresa.

Baixei meus olhos, a saudade querendo tomar conta, o desânimo. Peguei o copo virando-o todo na boca. Sentia a bebida rasgando a minha garganta, o desconforto desviou um pouco o meu pensamento. Então me levantei.

— Está certo, Juliano. Eu não vou me esquecer desta data, afinal é um dia especial em todos os sentidos. — Segui em direção à poltrona onde deixei minha maleta executiva e a peguei. — Só não posso prometer presença em Las Vegas considerando o estado de saúde da Natalie. Mas em todo caso, você e o meu tio representará a empresa.

— Temos muitos assuntos pendentes — lembrou-me observando meus passos.

— Você vai ter que dar seu jeito, amigo. — Bati em seu ombro. — Preciso voltar para a casa, a Natalie não anda muito bem nestes dias. — Ele assentiu compreensivo.

— Neste caso, eu concordo. A família vem em primeiro lugar.

De novo senti aquele aperto, me deu uma vontade

imensa de dizer que eu não tinha nenhuma família, que estava somente arcando com as minhas responsabilidades, assumindo meus filhos. O que de certa forma era verdade, eu não consegui me casar oficialmente com a Natalie até hoje, tampouco consegui tocá-la, e olha, é um malabarismo para me esquivar de suas investidas sem causar maiores transtornos. Eu não podia, não conseguia. Seus toques sobre minha pele ardiam como fogo, ela representava a pior parte de mim. A esperança de que as coisas mudariam de uma hora para outra permaneciam vivas em meu interior. Esta estúpida espera parecia não ter fim, uma imensa aflição! Entretanto, a primavera passou, e já estávamos no final do verão, e nada de diferente aconteceu, absolutamente nada...

Eu permanecia muito sozinho.

— Qualquer coisa me ligue. — Saí fechando a porta e saí a passos apressados. Cumprimentei a todos com um sorriso cordial no rosto até o elevador se fechar. Herança do meu amor, ela me mudou em todos os quesitos.

Só notei o quanto o sol estava ardente ao descer do carro, ergui meus olhos para o céu na certeza de que não

era para mim que ele brilhava, tudo se apagou ao meu redor, eu vivia na completa escuridão. Ergui a cabeça e fechei meus olhos por um segundo, tempo suficiente para meditar que bem que a chuva poderia fazer as honrarias, hoje.

O clima andava muito seco ultimamente, não vi mais a cara da chuva, e o som das águas da fonte e o sol sobre minha cabeça, me puxaram para o nosso cantinho. Me enfiei ali entre os galhos e encostei-me naquele tronco e fechei meus olhos bem mais tempo, eu queria protelar ao máximo, para uma vida toda se fosse possível. Ali eu podia sentir cada centímetro do seu corpo, o seu perfume estava desaparecendo aos poucos do meu instinto, eu precisava vê-la novamente. *Meu Deus*!

— Que porra de vida, que porra! — praguejei enquanto caminhava em direção à entrada social e parei com a mão na maçaneta da porta.

O cheiro bom da cozinha que se espalhou pelo ar me fez mudar a direção, voltei pelo caminho e entrei pela porta da cozinha.

De costas para a porta, de frente a pia, Ana cortava

alguns alimentos e cantarolava, uma canção alegre que encantou meu ser. Olhar para ela, era ver o meu amor. E fiquei por algum tempo observando, respirando lentamente para ela não perceber os ruídos.

— Nossa, que susto você me deu, Fernando! — disse ela quando se virou se deparando comigo nostálgico, parado encostado com o ombro no batente da porta.

— Me desculpe, Ana — disse assim sem arrependimento, enquanto encaminhava em direção à mesa, deixei minha maleta em uma cadeira e me sentei na outra ficando de frente a ela ali na pia me olhando, curiosa. — O que você fez de almoço, o cheirinho está muito bom — Aspirei o ar com prazer. E ela riu, indo em direção às panelas.

— Tudo bem, eu já entendi. Agora você só quer fazer as suas refeições aqui na cozinha, já saquei, meu filho! — ironizou ela.

A verdade é que precisava muito encontrar a Mary, e ela não facilitava em nada. Cansei de pedir o telefone da sobrinha e ela sempre me negou.

— Tem um jeito de você se ver livre de mim, me dê os

contatos da Mary e eu prometo que desisto de passar com insistência em sua cozinha. — Ela riu e veio ao meu lado repousando uma de suas mãos em meu ombro. Inclinei a cabeça encontrando seu olhar reprovador.

— Você deveria ter pensado nisto antes, Fernando... — foi sincera.

— Quantas vezes eu vou precisar repetir, que não foi culpa minha, eu não estava sóbrio quando esta barbárie aconteceu. Será que é difícil acreditar em mim? — vociferei. Ela soltou o ar, descrente e voltou em direção à pia e eu fui atrás dela segurando em seu braço e ela parou sem olhar para mim.

— É impossível, meu filho, eu sinto muito. O mundo conhece a sua fama de mulherengo, agora seduzir a própria prima debaixo do teto da sua família. Uma menina que cresceu aqui... — Balançou a cabeça, indignada. — Foi a gota d´água — completou encarando-me.

Chocado, desanimado e tudo mais... soltei-a. Eu perdia meu tempo.

— Tudo bem... — me dei por vencido, ou quase. — Só me dê o número do telefone dela. Só isso que lhe peço.

Ela revirou os olhos e se postou de frente a mim e cruzou os braços, fitando-me.

— Se a Mary quisesse mesmo falar com você, ela teria entrado em contato. — Senti um baque no peito me perfurando como uma faca afiada. Tudo dentro de mim foi destruído, até a minha autoestima. — Ela faz isso apenas quando precisa conversar comigo.

Senti um vácuo embaixo dos meus pés me puxando para baixo, tudo dentro de mim ficou uma desordem. Ela não teria me esquecido em apenas cinco meses, é claro que não... Não pode ser verdade, eu não poderia acreditar naquilo, era impossível!

— Não faz sentido o que você está dizendo... — me neguei aceitar o que ela insinuava olhando-a com meus olhos cerrados com uma puta dor no peito.

— Você não conhece a minha sobrinha, ela sempre foi uma pessoa prática. Por que você acha que não consegue mais falar com ela? — Balancei a cabeça sem aceitar sua conclusão um tanto descabida e dolorosa, tenho que admitir. — Quando algo a machuca muito, ela encobre tudo com as coisas que lhe dão prazer, é uma autodefesa,

entende? — Eu disse não movimentando a cabeça. — Ela precisa encontrar o caminho dela, Fernando. E é o que tem feito ultimamente, está entupida de obrigações que toma todo o seu tempo. Ela conseguiu ocupar todas as lacunas da vida dela. — Não pude reprimir as lágrimas.

— Isso não é possível... — Um fio de voz apenas saiu por meus lábios, trêmulos.

Ela bateu em meu ombro tipo um sinto muito.

— A Mary precisa de espaço para fazer o bem — Deu de ombros enquanto eu me segurava, emocionado. —, que é algo que lhe dá uma enorme satisfação. E você foi a parte podre da vida dela, arrasou o coração da minha sobrinha. Por favor, não faça mais promessas que não pode cumprir, deixe-a em paz, ela precisa mesmo reconstruir sua vida.

— Não pode ser assim simplesmente — falei negando com a cabeça. Ela respirou profundamente antes de continuar a jogar em minha cara todos os meus erros.

— Nada é simples assim, tem uma família para cuidar agora e deve se concentrar nela. Acabei de descer do quarto da Natalie, ela não está nada bem, aconselho você

ficar ao lado dela antes que aconteça algo mais grave para não ter outro arrependimento em sua vida — ela completou.

Grunhi olhando para o teto.

— Tem razão, Ana... Eu preciso seguir com a minha vida. Eu só precisava explicar para a Mary... — tentei e, mais uma vez, ela me interrompeu.

— Não precisa explicar nada para a Mary! — Seu tom furioso me deixou assustado. Fitei-a com as sobrancelhas erguidas. — Ela está reconstruindo a vida dela bem longe daqui, eu não tenho o telefone dela, como eu te falei. Por isso ela quem entra em contato comigo quando é preciso. E mesmo que tivesse o número dela, eu não lhe daria. Eu só não fui embora desta casa, por você, porque implorou e eu o considero demais, independentemente de qualquer coisa. Mas se continuar insistindo em atrapalhar a vida da minha sobrinha, eu juro que parto amanhã mesmo. Ela está me esperando há meses... — ameaçou ela.

— Você não teria coragem de partir... Você é a única parte que sobrou da Mary na minha vida, por favor não vá...

— Talvez eu espere até que seus filhos nasçam, então eu vou precisar partir. A Mary precisa de mim, ela está bem com novos projetos, feliz.

Comecei a sorrir de felicidade e queria chorar e me segurei.

— Ela tem alguém, Ana? — perguntei com medo, num fio de voz. Ela grunhiu.

— Ora, moleque deixa disto! — Ela deu-me as costas e se aproximou da pia abrindo a torneira. — Vai lá ver sua esposa.

— Eu não tenho esposa — me defendi. Ela se virou encostando-se à pia e bateu em meu ombro em conformismo.

— Podem não ter se casado, mas estão morando juntos, isso já significa união estável. Queira você ou não. E que saber a minha opinião? — Apertei meus lábios. — Seria muito bom se casarem antes do nascimento dos garotos, até mesmo para o registro.

— FERNANDO, FERNANDO? É VOCÊ AÍ NA COZINHA FALANDO COM A ANA? — gritou Natalie da escada me fazendo arrepiar. Ana apontou em direção à

porta que saía para a sala acenando com a cabeça.

— Só me prometa uma cosia, Ana. — Ela torceu a boca, incerta. — O dia em que resolver ir embora desta casa vai me avisar.

Ela veio até mim se postou à minha frente e bateu levemente em minha face. Fechei meus olhos sentindo carinho em seu toque.

— Eu não vou te prometer isso.

Inspirei profundamente e beijei sua testa, ela fechou os olhos e quando os abriu sorriu preguiçoso.

— Você não imagina como eu rezo muito por você, da mesma forma que rezo pela Mary. Eu sinto muita tristeza pela forma como a história de amor de vocês dois terminou.

— Ela não terminou — afirmei num fio de voz com aquele nó na garganta fazendo uma visita. Ela balançou cabeça, incrédula.

— A vida seguiu o seu rumo natural, e por caminhos opostos. Agora você tem uma família, a Mary está reconstruindo a dela... Shhhhh, não pergunte mais nada, filho, eu não posso responder. — Ela leu meus lábios se

entreabrindo.



Mary

De repente me vi rodeada pelo luxo, algo que nunca pensei antes em minha vida. Era tanto dinheiro para administrar e bens a perder de vista. Toda a renda que gerava tantas fortunas, provinham de duas imensas fazendas com hectares a perder de vista. Uma no Brasil, na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais: "Fazenda Rancho da Laranja"; e a outra está localizada nos Estados Unidos, na Flórida: "Orange Kingdom". O Brasil é o maior produtor de laranjas do mundo, seguido dos Estados Unidos.

Ah, claro que não poderia ser diferente! A fazenda da Flórida, a que escolhi para viver, pelo menos até curar o meu coração doente, é um dos melhores campos produtivos da região. E a que oferece um fluxo de caixa positivo com a produção e venda de laranjas. É composto por um sistema completo de irrigação tornando-a fortíssima. A de Uberlândia também era bem equipada, porém necessitava ainda de muitas melhorias.

Eu dei muita sorte em chegar aqui e encontrar o Sérgio Andrade, ele tomou conta de tudo nestes oitos anos, na

verdade sua função ia além de administrador das fazendas, ele era um Diretor Interino. A pessoa que tomava a frente dos negócios, as decisões, e que a princípio me parecia muito bem-sucedidos com os relatórios que me foram apresentados.

Um homem de 40 anos, alto de corpo esguio até atraente, seus cabelos loiros e olhos verdes expressivos completavam a simpatia, com toda a sua dedicação com os negócios da minha madrasta, ou melhor dizendo, "amante" do meu pai. Foi ele que me recepcionou quando cheguei com o meu coração partido em Uberlândia. Ele fez questão de me hospedar num dos melhores hotéis da cidade.

Sempre fui muito fechada, não fazia o tipo que costumava comentar sobre minha vida pessoal com estranhos, principalmente sobre as minhas intimidades. E, para ser sincera, nem sei por que confiei no Sérgio. Talvez seja o fato da dor me consumir por dentro e necessitar colocar para fora o que me reprimia lá dentro, esmagando cada órgão. Eu estava sob tensão sem o Fernando e, quando me dei conta, havia narrado toda

minha história em detalhes, mas, apesar de tudo, ele demonstrou ser uma pessoa muito gentil, me ouvia sem julgamentos, e tenho que agradecer, porque ainda acabou me dando um superapoio. Um gesto generoso que eu nunca mais esquecerei.

Sua presença foi para lá de especial num momento tão tumultuado da minha vida, pois eu estava sem condições de nada. Ele se colocou de verdade à minha disposição. Compreensivo, aconselhou-me a ir direto para a Flórida, com o argumento que longe do Brasil seria mais fácil encontrar a minha paz de espírito. E de certa forma concordei com ele. E mesmo antes de visitar a fazenda da cidade, acabei seguindo rumo a Flórida na região de Lakeland, uma decisão confiante, estava tranquila, pois ele sabia cuidar de tudo melhor do que eu. Afinal, eu ainda sou leiga no agronegócio, porém pretendo aprender com o tempo.

Cinco meses se passaram e não foram o suficiente para cicatrizar minhas feridas. Como eu já previa, elas continuavam abertas, inflamadas e doíam para burro. Não há remédios que possam curá-la, não por aqui! O único

remédio capaz de cicatrizar está a milhares de quilômetros de mim, do outro lado do oceano para ser mais exata. Um medicamento exclusivo, que leva o nome de Fernando... o meu Fe...

Eu te amo, Fe!

Porque nosso destino foi traçado assim?

Suspirei agarrando mais o volante do meu jipe com tração nas quatros rodas. Pelo retrovisor, eu via a nuvem de poeira densa levantando nas ruas de terras secas. O sol castigava a Flórida, da mesma forma que a dor da saudade castigava o meu coração quase em ruínas. Não está sendo nada fácil, preciso segurar o ímpeto de ligar para ele, pegar um avião para o Brasil e me jogar em seus braços e jogar tudo para o alto. Esquecer princípios, esquecer tudo.

Só eu e ele.

O pensamento causava uma enorme euforia em meu interior, mas logo passava com a triste realidade, a gravidez de risco da sua prima. Estando tão perto poderia causar muita distração, e o pior acontecer. Eu não poderia compactuar com a dor de alguém... Fazia isso por ele mesmo, poupando-o de mais sofrimento.

Minha tia me colocava a par dos assuntos de toda a família Albuquerque, sempre que eu ligava para ela, "quase todos os dias"...

Eu havia enviado um celular de última geração a ela para filmar o Fernando discretamente, quando possível. Tudo para olhar em seu rosto. Era uma tortura saber dele, vê-lo através da tela do celular, um martírio saber que o nosso sonho se tornava cada vez mais impossível, eu já sentia saudades do que poderíamos ter feito. Ele não conseguirá cumprir a sua promessa, eu sei que não! Nunca abandonaria os filhos, e eu não queria mesmo que ele fizesse isto, jamais...

A buzina insistente da caminhonete prata do Sérgio vindo atrás de mim tirou-me dos devaneios apaixonados. Joguei o carro para a direita para ela emparelhar comigo e abri o vidro acenando. Pelo vidro aberto ele sorria ajeitando os cabelos loiros na altura dos ombros caindo sobre os olhos e colocou-os atrás da orelha.

— Eu não sabia que você havia saído da fazenda, foi aonde? — perguntou ele, surpreso.

Eu freei com a pergunta, os roncos dos motores me

impediram de ouvi-lo. Ele freou também.

— No cabeleireiro. — Passei as mãos nos cabelos bem mais macios. Este calor associado a poeira deixaram-no muito ressecado.

— Ficaram lindos... — elogiou com um sorriso sincero. — mas sabe que esta hidratação não vai durar muito, não? — Torci a boca com o seu comentário desanimador.

Esta era a pior parte. Eu sempre fui desencanada com esta coisa de cabelo, achando salões muito demorados. A impaciência era muito mais forte do que eu. O problema era a região rural, o tornava insuportável. Eu tinha que fazer este sacrifício pelo menos uma vez por semana, ainda mais com as luzes que naturalmente ressecavam com facilidade.

— Ah, é claro que sei... — Dei de ombros. — mas fazer o quê? Deixá-los rebeldes me faz parecer uma bruxa — falei fazendo careta com tom de humor esticando as duas pontas do cabelo. Ele caiu na gargalhada.

— Você é muito hilária, garota... — Balançou a cabeça olhando em meus olhos com admiração e fixou. Eu gelei com aquela atitude e baixei os meus. — Não existe a

menor possibilidade de você ficar feia, Mary.

— Eu preciso do ar condicionado — falei incomodada com o elogio, já engatando a primeira marcha para sair logo daquela zona de desconforto.

— Somos dois. — Então ele pisou fundo jogando aquela densa poeira sobre minha caminhonete que precisei fechar o vidro correndo, e mesmo assim fui atingida em cheio.

— Babaca! Não... não... isto não pode ser verdade... é uma miragem! Ele tá tirando onda com a minha cara?

Caraca, que cara idiota, desprezível! Como pode ser tão xucro? Será que ele não entendeu nada do que falei sobre meu cabelo?

— SEU TONTO! — gritei, rindo da minha irritação.

Foram duas horas dentro do salão para aquele imbecil estragar minha alegria em apenas um segundo.

Ai Jesus!

É para ficar incrédula mesmo, gente! E pensar que o Fernando me tratava com tanto carinho e um jeito... diferente deste rude que nasceu no meio do mato.

O Fernando era urbano, requintado, lindo, gostoso e já

foi meu... quase todo meu...

Meus olhos umedeceram de emoção, não só pelo pensamento e sim com a imagem do seu rosto que se formou em minha mente, seus traços marcantes, aquela linda cova no queixo quadrado, seus olhos verdes-acinzentados analisando cada ponto em meu corpo. Sentindo os gominhos do seu abdômen por baixo dos meus dedos.

— Ohhhhh! — gemi com minha calcinha mergulhada numa poça.

Eu preciso esquecer este homem urgente, senão vou enlouquecer de amor.

Se pelo menos o Sérgio não fosse tão rude, homem do mato, de repente ele poderia me ajudar a distrair um pouco. Quem sabe até amenizar a saudade que dói demais!

Apesar de rude eu não podia negar que o cara é fofo, tem qualidades ao qual mantemos uma boa parceria profissional. Além, é claro, de possuir atributos atraentes que o torna ainda mais interessante. De certa forma desperta até a curiosidade... com seu corpo legal, rosto bonito, de boca fechada, ah, brincadeirinha... também não

é bem assim. Até que fala bem... é inteligente! Afinal seu trabalho por aqui é um primor, ele deixa tudo muito organizado. E me confidenciou que não trabalhava apenas pelo dinheiro, e sim por amor aquelas terras que aprendeu a respeitar por serem tão produtivas, e assim ser capaz de levar alimentos às mesas das pessoas. E repetia que eu era uma pessoa especial pela forma que escolhi para viver, e por esta razão foi que Deus traçou este caminho. Que não foi por acaso que a antiga proprietária, ele citou o nome dela, mas eu preferia chamá-la assim, afinal, ainda não superei o fato dela ter sido amante do meu pai... Enfim, apesar deste sentimento chato, que por alguns momentos despertava o rancor, eu estava agradecia.

De repente, poderia mesmo ser obra do destino, como o Fernando mesmo falou, este dinheiro poderia ser usado de forma útil, além de trazer alegria ao meu coração, levaria paz e conforto a muitos que necessitavam de socorro.

Confessou estar feliz com a minha presença, que nem esperava mais que um dia eu entrasse pela porta da fazenda. Era exatamente como seria, se eu não tivesse conhecido o Fernando e ele não tivesse me aberto os

olhos com sua ideia fantástica. Ele tinha absoluta razão. A sua sugestão trouxe uma alegria imensa ao meu coração, eu nem sabia o que seria de mim se não fosse todas estas ocupações.

Eu estaria realmente fodida!

Está certo que faltava ele. Mas tudo isto aqui me ajudava a seguir em frente.

Da cidade até a entrada da fazenda são uns oito quilômetros de estrada de terra até passar pela portaria e o show de cores encanta ao redor. Logo de início os olhos recebem a beleza de um jardim especial, são campos de tulipas floridos. E elas estão lindas florescendo na sua estação com suas temperaturas propícias.

Eu queria saber se eu caí nestas terras porque era justamente para estar mais próxima ao Fernando, ou para sofrer em punição de algo muito ruim que eu tenha feito. Eu só não me lembrava de nada que tenha feito de tão grave. Se amar ele foi um pecado, então eu assumo o meu pecado, eu sou a maior das pecadoras e mereço toda esta punição. O difícil mesmo é pegar um final de semana de sol, porque as chuvas nessa época são constantes, a chuva

marcou minha história com ele, o meu amor.

Enfim... nada disso vem ao caso agora, eu preciso andar para frente, estou feliz com o lugar, o que tenho feito...

Uma parte dos rendimentos da fazenda da Flórida é direcionada para o Brasil. Embora eu ainda não ter tido o prazer de conhecer o local, mas que pretendo fazer em breve, o Sérgio me passou todas as informações. E comentou que lá a coisa é mais desorganizada, porém que tinha um excelente administrador cuidando de tudo. Juntos fizemos um bom planejamento, os lucros eram altíssimos e diante desta informação, eu decidi além do envio de dinheiro, agregar uma parte do lucro da fazenda de Uberlândia aos salários dos funcionários.

A princípio, o Sérgio tentou me fazer desistir desta ideia, achou que enviar dinheiro da Flórida para o Brasil era um erro, argumentando que descapitalizaria o caixa da empresa. E quando viu que eu estava certa, com a produção a todo vapor e com qualidade, ele virou o disco.

Hoje a fazenda é muito mais próspera e de quebra melhorou a vida de todo aquele povo pobre, fiquei encantada quando o relatório foi apresentado. Esta era a

parte mais importante para mim.

Deus, onde foi que vim parar? Olhando ao redor para a enorme casa estacionei meu jipe, pensando que não precisava de tanto luxo para viver. Eu só precisava do Fe. Suspirei com muita saudade, aliás era só o que eu fazia ultimamente, se pelo menos ele estivesse aqui para partilhar de tudo isso comigo, talvez eu não me sentisse tão deslocada. E ficaria satisfeito em saber que ele fazia parte de tudo aquilo.

Uma residência com um arrojado projeto arquitetônico marcada por peças de importantes marcas do design mundial. Uma base rústica com uma decoração leve e moderna. A casa com mais de mil metros quadrados era totalmente plana e fazia um L com sua varanda de decoração rústica e linda, e em frente à piscina com os azulejos azuis decorando a água combinando com o céu limpo azul de hoje. E um puxado com ladrilhos coloridos, tijolos aparentes e cadeiras de vime, a churrasqueira é tão convidativa quanto a sala, lugar excelente para receber amigos na parte externa.

— Engraçado — falei olhando ao redor procurando a

caminhonete do Sérgio, ela não estava por ali. — Onde será que se meteu este cara?

— Que calor horroroso... — reclamei quando entrei na sala da casa, nenhum funcionário naquele horário. Aqui tinha disto, quando os donos da casa chegavam, eles saíam para dar-nos uma completa privacidade.

Onde está você, chuva? Eu preciso de você hoje.

Peguei o controle remoto sobre a mesa de centro e acionei, ligando o ar condicionado e não vi o Sérgio.

— Sérgio, cadê você? — Inclinei-me para o corredor que dava para os outros cômodos da casa e nada. Nenhum ruído, nada. Então me joguei ali sobre o sofá confortável de couro bege. *Melhor assim*. Preciso de um tempo sozinha... Na verdade, de todo tempo...

Todo o ambiente tinha uma mistura de simplicidade e sofisticação. A combinação de madeira, pedra e da estrutura aparente do telhado dava um ar mais clean, rústico e moderno, sem ficar pesado. Ao mesmo tempo, a amplitude do ambiente, ressaltava ainda mais pelo mobiliário branco e os sofás em tons mais claros. Os ambientes eram totalmente interligados e sem paredes ou

algo que as dividissem.

A biblioteca ficava ao lado da sala, as prateleiras que ocupavam quase toda a altura da parede, acessíveis por uma escada com um trilho de correr. Ambientes decorados com adornos num tom puxando para azul deixando uma atmosfera harmoniosa. A sala de jantar também era interligada ao living. As cadeiras eram de madeira claras, forradas com estampas delicadas. Junto com as cortinas beges, de tecido leve, elas contrastavam com o tampo da mesa e da textura na parede, ambos de madeira. E ainda a cozinha gourmet com um fogão de lenha que o Sérgio me confidenciou que foi exigência da antiga proprietária porque era uma forma de estar mais próxima do Brasil. O fogão era feito de cimento queimado, sob uma coifa em tom de bronze. A parede de tijolinhos concluía o visual de cozinha de fazenda. Além de combinarem perfeitamente com o ambiente, eles aqueciam o espaço no inverno, e enchiam a decoração de charme e elegância o ano todo. Sem falar no sabor incomparável da comidinha feita no fogão à lenha.

Quinze minutos ali, meu corpo refrescava enquanto

minha mente fervia, tirei meu telefone do bolso da minha calça jeans surrada clara e fiquei ali olhando para a tela, morrendo de vontade de ligar para o Fernando. Ouvir sua voz, reprimi aquela tentação, eu não podia mais me torturar, eu precisava esquecê-lo de uma vez por todas, era o mais sensato a fazer.

Fechei meus olhos lembrando da nossa última conversa, quando eu estava na estrada me afastando cada vez mais dele. Meu coração começou a palpitar, um frio tremendo em minha barriga me animou a correr para o quarto, com ideias em minha cabeça que não poderia ser ali, não pegaria bem ser surpreendida pelo Sérgio.

A suíte principal era toda em tons claros, com a madeira de demolição da cômoda, mais bruta, e a madeira mais sofisticada da cabeceira da cama. Meus pés foram abraçados pelo felpudo tapete aquecendo o meu coração. Fechei meus olhos, e com o dedo trêmulo encostei no SEND e desisti, eu não podia fazer aquilo. Só que o meu coração não entendia, ficava ali gritando em minha cabeça que eu precisava entender que eu não podia ir contra a força desse amor.

E não adiantava tentar convencê-lo do quanto eu me sentia exausta de sofrer, que eu não suportava mais... Ele conseguia me convencer de que eu não precisava me sentir tão sozinha, mesmo porque jamais me deixaria desistir... nunca.

E era sempre assim, eu não tinha forças para lutar contra, e então liguei para a minha tia e deixei no viva-voz e me joguei de bruços sobre a cama com o tronco arqueado. Falar com ela, de uma certa forma me deixava mais próxima dele. Os raios solares entravam livremente pelo quarto através da janela aberta, meus olhos exploravam a visão deslumbrante verde. O vento soprava leve, e as cortinas de seda branca levantavam quase flutuando como a minha alma fazia naquele momento. Eu me sentia teletransportando para perto do meu amor. Eu precisava dele.

Ela atendeu ao terceiro toque.

— Tia, sou eu... — falei ofegante. Meu número estava configurado para como desconhecido.

— Oi, minha linda... Que saudades de você... Demorou a ligar desta vez — reclamou ela. Engoli forte para descer

o nó que se formou em minha garganta me sufocando antes de responder.

— Ando muito ocupada por aqui — respondi com a voz embargada.

— Hum... conheço este tom de voz...

— Tia, ele está em casa? — perguntei com meu ritmo cardíaco tão forte que mal conseguia respirar.

— Ah não, Mary... Não me peça mais isto, minha filha — protestou. — Não está certo, eu me sinto uma mafiosa dentro desta casa.

Quando minha tia me confidenciou que o Fernando implorou para ela não abandonar o emprego, embora eu queira dar mais conforto a ela, como sempre sonhamos e hoje eu poderia lhe dar o mundo, eu incentivei-a a ficar mais um pouco, e de vez em quando, justamente para manter o elo, conversávamos por chamada de vídeo, ela sempre dava um jeito de focar ele. E adivinha só o que acontecia? Eu me derretia de amor... Estava na minha plena consciência de que eu deveria interromper aquilo. Não podia seguir assim por uma vida toda. Principalmente agora com tantas responsabilidades que se aproximavam

dele.

— Por favor, tia. Eu prometo... é a última vez que vou te pedir isso, por favor — implorei tremendo em ansiedade. Eu só queria vê-lo mais uma vez. Eu necessitava disso desesperadamente... Tenho que admitir, eu sou dependente dele, preciso do Fernando da mesma forma que preciso respirar, senão eu morro, eu sei que sim.

— Não obrigue, Mary — falou ela, quase cedendo.

— Por favor... por favor... Onde ele está? — Ela baixou os olhos e soltou o ar com força. Ela sentia a minha urgência.

— Depois de discutir com a prima, ele desabou no sofá da sala e deve estar lá até agora.

— Dá um jeito, me leva até ele, vai, tia, eu suplico — falei quase chorando, nervosa.

— Ah, Mary... — resmungou ela. — é uma loucura e isso não está certo, minha querida.

— Nada está certo na minha vida, e você é testemunha... Vai, tia, me leva até ele... — Eu tinha pressa, meu coração estava afobado, meu corpo ansiava...

— Espera um pouco, vou ver se consigo me aproximar sem ser descoberta — ela falou.

A imagem balançava com seus passos em direção à sala. Prendi a respiração, ao longe já o vi ali jogado sobre o sofá. Lindo, simplesmente lindo! Agarrei com força o aparelho com as duas mãos como se elas pudessem atravessar a linha do tempo e tocar nele. Sua calça moletom cinza, a camiseta justa em decote V, a roupa da nossa despedida. Estava perfeitamente gostoso, lindo e meu... O simples movimento dele se virando de lado e cruzando os braços fortes, agitou meu coração me deixando excitada. Eu não podia fechar os olhos, porque sabia que mais alguns instantes aquela linda imagem se apagaria e eu não me daria ao luxo de perder a oportunidade de aproveitar o máximo.

— Eu te amo, meu lindo... — falei em voz alta.

— O que foi que você disse? — A imagem sumiu e ouvi o sussurro da minha tia,

— Nada... volta para ele, rápido — quase gritei agoniada, e ela obedeceu.

Fiquei ali mais alguns segundos, observando tudo dele,

toquei a tela como se o tocasse, seu rosto brilhava embaixo da barba a fazer... Seus lábios grossos aumentaram o meu apetite e me joguei de costas na cama, emocionada, saudosa quando ouvi um ruído e toda a imagem sacudiu e tudo desapareceu.

— Ah... acabou-se o que era doce... —grunhi. E lá estava o rosto da minha querida e amada tia me olhando em desaprovação.

— Quase fui pega, Mary. A dona Vera acabou de chegar. Não me peça mais um absurdo deste, por favor. — pediu ela ofegante pela corrida de volta a cozinha.

— Tem razão. Está na hora de parar. Tia, acho melhor vir morar aqui na fazenda comigo. — Ela torceu a boca, incerta. — O seu sonho não era morarmos juntas? — indaguei com seu vacilo, e ela afirmou de cabeça.

— Você sabe que sim, Mary. Mas eu não estou certa se devo abandonar esta casa, pelo menos por enquanto. Eu não sei... — Senti um certo suspense quando ela continuou: — Quer saber? Chegou mesmo a hora se seguir nossas vidas, Mary. Cortar o vínculo com esta família, só assim você poderá ser feliz um dia.

Será?

— Então... faça o seguinte: Compre uma passagem para daqui a cinco dias. Porque daqui quatro dias vai ter aquele evento, sobre a entrega daquele certificado de empresa modelo da Albuquerque. A Natalie, mesmo sem condições demonstrou seu desejo de acompanhar o marido num dia especial. — Marido! Solucei involuntariamente com aquela palavra idiota. Eu não queria ter ouvido, eu juro que não! — O Fernando me pediu para acompanhá-los.

— Tudo bem, tia... eu vou fazer como está me pedindo. Mando pelo celular o número do localizador do voo.

Eu estava muito orgulhosa do Fernando, e feliz por tudo o que conquistou nestes cinco meses. Apesar do projeto ser meu, ele fez muito mais quando se aproximou das pessoas carentes, agora ele fazia questão de ouvir as necessidades das pessoas pessoalmente, não tinha mais aquela coisa de mandar. Ele mesmo fazia a representação da empresa e com isso, mesmo o projeto estando no início, sua empresa já chamava atenção no mundo. E para mim aquilo era tudo. Eu preciso dele para sorrir, ele é o

meu mundo, o ar que eu preciso para respirar.

Fechei meus olhos, revivendo nosso momento no carro, a chuva que desapareceu estes dias, me tocando, me acariciando... sentindo o calor de seus dedos, ouvindo as batidas do seu coração quando a porta do quarto se abriu inesperadamente. Eu saltei e arrastei-me encostando as costas na cabeceira, abraçando meus joelhos, com olhos assustados em Sérgio ali parado à porta, seus cabelos úmidos, seu peitoral peludo exposto com os primeiros botões da camisa azul-claro abertos, com o lábio levemente levantado num sorriso de interesse.

— Me desculpe entrar assim, sem bater. — Ele não parecia estar nada arrependido, franzi o cenho.

— Bater à porta de alguém antes de entrar sempre vai ser um gesto de educação — ironizei. E um sorriso ainda mais sacana espalhou pelo seu rosto.

— Onde você estava, não vi a sua caminhonete quando cheguei? — questionei. Ele sorriu meio que estranhamente. Eu não entendi, ou entendi?

— Primeiro fui dar uma volta pela propriedade, verificar os serviços dos funcionários e constatando que

tudo estava na mais perfeita ordem, eu parti para o rio, precisava de um mergulho para me refrescar. Você precisa experimentar qualquer dia deste, é realmente restaurador. — Respirei fundo com seus olhos verdes brilhando de satisfação. Era exatamente isso que eu precisava.

— Qualquer dia eu vou seguir o seu conselho.

Ele entrou e fechou a porta atrás de si me deixando apreensiva. Uma ousadia que não me agradou em nada.

— Talvez possamos conversar depois — frisei e ele nem aí. — Por favor, saia! — exigi.

Ainda sem me dar ouvidos, ele juntou os cabelos loiros úmidos num rabo de cavalo e se sentou aos pés da cama, inclinando o corpo em minha direção apoiou o cotovelo na cama e me olhou de uma maneira estranha que fiquei em alerta.

— Desde que você chegou não superou, não é mesmo? Eu tenho notado a sua tristeza — começou ele calmamente. — Se quiser pode desabafar comigo, sou alguém que não vai julgá-la. Afinal, estou distante do seu passado.

— Eu não tenho nada para conversar com você, Sérgio.

Além, é claro, sobre os negócios que herdei. Que, aliás, devo agradecer pela força, não seria capaz de tocar tudo isto aqui sem você. — Eu não menti.

Realmente ele cuidou de tudo e muito bem. Quando cheguei eu não fiquei enroscada com nada. Ele resolvia tudo de uma forma clara e transparente, apesar de um desentendimento quando mencionei minha intenção de repassar um pouco dos recursos da fazenda para Uberlândia, mas o resultado positivo o deixou alegre. Um sorriso orgulhoso se espalhou pelo seu rosto bronzeado pelo sol, brilhando embaixo da barba cerrada. E sua mão grande e áspera, mas incrivelmente quente aqueceu meu corpo ao tocar em um tornozelo. Um calor subiu por minhas pernas e centralizou em minha vagina encharcada, gritando pelo Fernando.

Ele notou que estremeci e seus dedos subiam por minha perna enquanto nossos olhos acompanhavam o caminho que eles faziam, ambos ofegantes.

— Você não precisa agradecer, eu faço o meu trabalho com prazer — sussurrou ele. Seus dedos se fecharam ao redor do meu tornozelo e ele me puxou com firmeza me

deitando sobre a cama.

— Acho melhor parar por aqui — disse ofegante, acesa. Eu precisava relaxar e ele estava ali disponível oferecendo ombro para mim. De repente, é uma forma de seguir em frente, eu precisava de uma chance. Além do mais, a última vez que senti um carinho de um homem, foi na minha despedida com o meu amor. Estava necessitadíssima disso e me deixei ser tocada, fechei meus olhos, com seus dedos trilhando o caminho interno de minha perna, até alcançar meu calor. — Ah... — gemi ao contato firme. Ele era rude, entretanto suas mãos apertavam-me com delicadeza e aquilo se tornou atraente.

— Você é muito interessante, patroinha... — Ele se sentou na beirada da cama esticando as pernas sobre ela, e segurando em meus joelhos, me puxou até que nossos sexos se encontrassem. Entrelacei as pernas ao redor de sua cintura fechando os olhos sentindo seu pau sobre a calça jeans muito duro e pulsando. — Hum... que delícia! — murmurou, abrindo os botões da minha blusa branca até deixar meus seios à mostra e caiu de boca em seu vão deslizando sua língua, aprofundando, me torturando. —

Você é muito gostosa! — Agarrou a minha cintura me apertando para baixo. Eu arqueei minha cabeça ofegante, gemendo e pensando no meu lindo... Eu só tinha cabeça para ele, e me recusava abrir meus olhos para não quebrar a magia.

Era como se eu estivesse ali em cima dele naquela cama, o despertando para o nosso amor.

— Simplesmente deliciosa... — Tapei sua boca com minha mão.

— Por favor, não diga nada, apenas me possua... somente isso — pedi.

Sua voz conseguia quebrar a magia do meu coração. Segurando em minha cabeça, beijou-me na boca, e seus lábios desciam para meu pescoço, o colo e meus seios e voltavam pelo mesmo caminho até minha boca e deslizou até meu ouvido e mordiscou o lóbulo me deixando arrepiada, com tesão. Eu gemia, não era como sentir o meu amor, sua pegada arrepiante, mas era o que tinha para hoje, e eu precisava me contentar, ou era isso ou nada!

Abriu os botões restantes me livrando dela, suas mãos grandes e ásperas machucavam a pele das minhas costas,

sua pele tinha cheiro masculino, não era algo que me agradou, no entanto, a brisa em sua pele era fresca com o banho no rio. Respirei fundo para desviar o foco, e deu certo. Abriu o fecho do sutiã, o tirando e sugou com vontade, até que ele sabia fazer bem gostoso. Agarrada a sua cabeça, apertava contra mim enquanto gemíamos. Ambos necessitávamos descarregar, era quase uma urgência.

Abri sua camisa, deslizando as pontas dos meus dedos no peitoral esguio muito pouco definido, até o cós da sua calça, ele jogou a cabeça levemente para trás num gemido intenso. Eu o empurrei deitado sobre a cama, tirei sua calça junto com a sua cueca liberando seu mastro até que exuberante. Nada comparado ao que eu amava, mas, como já disse, era a única oferta do dia, eu precisava gozar urgente, senão explodiria de dentro para fora, de tão sufocada.

Tomei posse, engolindo-o de forma brutal fazendo o cara delirar legal, ele gemia e o empurrava para mais fundo em minha garganta e quando satisfeito, me trouxe até ele, pelo ombro e virou comigo. Tirou minhas calças e

ficou ali por um segundo ou mais me admirando com seus dedos indo fundo para dentro de mim, circulando o meu clitóris e saindo, me deixando muito excitada, ofegante, eu estava a ponto de gozar e não queria esperar mais.

Levantei meu tronco e agarrei-o pela cabeça, o levando a cair de boca em mim.

— Que pressa é essa, gatinha? — sussurrou sobre mim. Coloquei novamente a mão em sua boca.

— Não diga nada, apenas faça... — falei em meio ao gemido e ele obedeceu.

Com os olhos fechados, eu me contorcia agarrada ao lençol, os meus pensamentos todos na sala da casa do Fernando... *Ah, como eu o amo...*

Quando satisfeito ele veio engatinhando no meio das minhas pernas com a intenção de me penetrar de frente. Só o Fernando podia fazer isso, ninguém mais... Me virei de costas para ele e empinei a bunda, ele suspirou com tudo aquilo em sua frente.

Demorou um segundo até ele pegar o preservativo na carteira no bolso da calça e vestir. Eu fechei os olhos, enquanto ele deslizava para dentro, me preenchendo. Com

suas estocadas fortes e fundas, quase me rasgando, doía a minha alma. Rude como ele era.

— Mais devagar, por favor.

— Você manda e eu obedeço. — E então segurando em minha cintura ele entrava e saía com mais calma, e em poucos segundos chegamos ao ápice, juntos.

Ele caiu deitado na cama, estendendo sua mão me chamando para um abraço. De certa maneira, eu saltei da cama com o estômago meio embrulhado e me dirigi direto para o banheiro amplo no estilo clean, com mármore no chão e pedras claras na parede atrás da pia. A banheira de hidromassagem branca, a janela grande e a iluminação natural reforçavam a sensação de bem-estar, deixando o ambiente mais chique. Não estava a fim de partilhar minha cama com mais ninguém.

— Aonde você vai, gata? Volta aqui, vamos relaxar um pouquinho.

— Tenho muito que resolver ainda, hoje. — respondi saindo do banheiro, com a certeza de que não existia espaço, chance de outro entrar em meu coração. Não adiantava tentar, nunca conseguiria me relacionar com

mais ninguém. — Precisarei ficar fora alguns dias, será que você poderia cuidar de tudo para mim? — Ele deu de ombros com as mãos atrás da cabeça.

Cansei de me enganar, não suportava mais ficar sem o Fernando. Esta transa sem conteúdo serviu para uma certeza: Eu não queria mais esperar, e o desejava por perto, sentir seu calor, seu cheiro, tudo dele... Aceitaria a única condição que me foi imposta: permaneceria ao seu lado para o que desse e viesse. Se ele ainda me desejasse eu aguardaria junto dele, até o nascimento dos seus filhos, e o resto a gente pensaria depois.

Uma notícia desta, teria que ser pessoalmente, olho no olho.

— É claro que sim! Não é nenhuma novidade para mim, já estou acostumado a cuidar de tudo sozinho... E para onde você vai assim, tão repentinamente? — Joguei suas roupas sobre ele, uma forma de expulsá-lo da minha cama.

— Tenho assuntos pessoais no Brasil de extrema importância — respondi abrindo a porta para sair, quando ele protestou.

— Espera mais um pouco, vamos conversar, trocar

experiência.

— Todas as experiências que precisamos trocar são de cunho estreitamente profissionais. Espero que não se magoe, mas eu quero você ao meu lado apenas como o meu administrador. — A rispidez em meu tom de voz foi proposital, não queria que restasse nenhuma dúvida. Ele torceu a boca.

— Será que pode, pelo menos, me dizer quando é que a patroa pretende viajar? — Cobrou-me com ironia.

— Pode ser hoje, amanhã... ainda não estou certa. Mas esteja atento: se caso eu desapareça sem deixar um aviso, você já está ciente.

Ele levantou a mão direita batendo continência. Com um sorriso rápido, eu fechei a porta sem mais nenhuma palavra.

Capítulo 2

Fernando

O tempo para mim já não passava mais, ele voava numa velocidade que me tirava todas as esperanças de um dia ter a Mary de volta em meus braços. Ela desapareceu como se tivesse desintegrado e não havia sobrado nem o pó, eu até já roubei o celular da Ana para ter certeza de que ela falou a verdade quando disse que a Mary é quem ligava.

Tudo o que achei foram algumas ligações de número desconhecido. A única coisa que me movia era os trabalhos intensos que o seu projeto necessitava. Eu participava de tudo avidamente, era a forma que encontrei de estar mais próximo dela. E confesso que é um mundo emocionante e compensador. Confortador, na verdade...

Nunca imaginei que ações tão simples fossem capazes de trazer tantas alegrias aos corações daquelas pessoas humildes, que tinham tão pouco na vida. Agora eu entendia o verdadeiro significado do amor. E mesmo a distância eu me apaixonava cada vez mais, e isto doía...

me consumia sugando todas as minhas energias.

Um amor que se mostrava cada vez mais impossível, o meu maior medo era de que a Mary encontrasse um novo amor. Seria a morte para mim... Se é que já não encontrou, afinal nunca mais me ligou, deve ter me apagado do seu coração definitivamente. Uma conclusão que apertou meu coração e detonou tudo lá dentro deixando as sequelas das lágrimas.

— Puxa, Fernando... como você está lindo, meu amor. — A voz da Natalie entrando no quarto que antigamente foi dela, congelou meu coração. Ela bem que tentou me prender na cama ao seu lado. Não havia a menor possibilidade, por fatores óbvios. Abandonei o aposento que foi projetado à minha medida, tudo para fugir das suas investidas desagradáveis.

Pelo espelho eu a via com uma mão na cintura segurando o peso do seu corpo com aquela barrigona se destacando sob o vestido preto longo até os pés, enquanto fechava a porta. Os cabelos agora ganharam alguns fios mais dourados presos no alto da cabeça com outros moldando seu rosto inchado. Ela se aproximava de mim

ali no espelho com sua costumeira expressão de dor. Compreensível com a gravidade do momento com gravidez de risco.

— Seria mais adequado você ficar em casa, descansando — alertei-a, voltando ao nó na gravata do colarinho da camisa branca. De repente, eu parei olhando-me no espelho, naquele terno grafite meio rajado e a camisa e me lembrei da Mary, do quanto seus olhos brilhavam em contato com o meu tórax e senti uma fisgada no pau associado ao frio maravilhoso em minha barriga. Tirei a gravata, jogando sobre a cadeira ao lado, fechei o paletó, no entanto abri os primeiros botões da camisa, ganhando um suspiro admirado da Natalie que acabava de se sentar nos pés da cama.

— Uma decisão acertada — elogiou ela. — Sem a gravata, está perfeito, muito charmoso — admitiu com a voz arrastada pela dor. Preocupado, me virei e fui me sentar ao seu lado.

— Está vendo, Natalie? Você não está em condições de sair de casa. É muito arriscado, eventos como este levam horas para o término, pode ser cansativo para você... —

Ela colocou a ponta dos dedos em meus lábios me silenciando.

— Não vou ficar de fora! — Respirou fundo buscando ar depois das pontadas inesperadas ao pé de sua barriga que sempre lhe causava desconfortos. Franzi a testa, preocupado. — Eu tenho que ficar ao lado do meu marido, num momento tão importante como esse.

Tentei me manter impassível, porém acredito que não consegui. Aquela palavra "marido" doeu de verdade dentro do peito. Desviei meus olhos e me levantei indo novamente à frente do espelho, e com os dedos eu ajeitava meus cabelos negros para trás da cabeça, enfrentando seu olhar crítico através do espelho. — Já está na hora de você assumir de fato o que somos, afinal estamos vivendo juntos, isso faz nossa união ser estável — cobrou-me ao notar minha resistência.

— Este contexto não cabe no momento — adverti-a. Sua testa ganhou vincos nítidos, enraivecida.

— Há cinco meses estou tentando entrar neste assunto e você só se esquiva... Até quando vai me ignorar, Fernando? — Balancei a cabeça já começando a ficar

nervoso. — você sequer me tocou, pensa que é fácil permanecer perto, olhando para você, sentindo seu perfume com a certeza de que estou sendo rejeitada?

Eu precisei ir para o banheiro para reprimir tudo aquilo que estava engasgado em minha garganta. A sua saúde necessitava de cuidados especiais e eu deveria ter cuidado até com as palavras. Apliquei meu perfume predileto. E voltei ao quarto. Os olhos azuis de Natalie imersos em lágrimas me deixaram mole e corri para me sentar ao seu lado.

— Olha, Natalie... vamos deixar a vida nos levar em seu rumo natural, tudo bem? Será melhor para todos nós... — tentei.

— Melhor, só se for para você! — ela explodiu batendo com as mãos abertas no colchão ao lado do seu corpo. Eu já arqueei a cabeça, aflito, quando sua respiração ofegou. — Eu quero sentir você, eu preciso do seu carinho, Fernando — insistia ela. Levantei rapidamente e me virei olhando bem em seus olhos, ela soluçou.

— Eu não consigo tocar você — falei com as mãos erguidas. — entenda isso de uma vez, criatura de Deus...

— Soltei o ar exausto, e mais um soluço escapou. Porém, eu estava fora de mim, sem nenhuma tolerância e descasquei a banana mesmo, repetindo tudo novamente. — É como colocar a mão intimamente na minha irmã... — vociferei alto e em bom tom no meu tradicional temperamento explosivo. — Entendeu agora? Ou vai querer que eu desenhe para você?

— Você é um insensível, sabia? — desabou e aquilo cortou o meu coração. Céus! Cada dia que passava as coisas ficavam mais difíceis, era muita pressão para suportar. Voltei a me sentar ao seu lado inclinado, segurando em seus ombros.

— Me dá um tempo... Não dizem que ele resolve tudo, cura todas as feridas? — Meu tom saiu baixo, quase paternal, e ela levantou os olhos me encarando.

— Cinco meses já foi tempo demais, o suficiente... — alertou-me com seus olhos inflamando. — Eu preciso de você hoje, não dá mais para esperar — foi firme.

Eu soltei-a. Endireitando, cruzei minhas mãos, entrelaçando meus dedos, agitados. Mesmo sabendo da gravidade eu precisava ser sincero conosco.

— Seja razoável, Natalie... Principalmente agora, esperando dois filhos é necessário amadurecer. Virar gente grande! Eu estou cumprindo a minha parte, assumindo as minhas responsabilidades, agora não me faça exigências incoerentes, por favor! Pode até ser que um dia meu coração mude de ideia e enxergue você não apenas como uma prima querida. Mas até lá seja paciente, saiba esperar...

— O caralho! — ela explodiu novamente aos prantos me fazendo encará-la. — Já falei que esperei tempo, demais... Você precisa me tomar nos seus braços, só assim eu vou encontrar a paz, Fernando... — diminuiu o tom de voz no final da frase, sufocada com as lágrimas descendo pelo seu rosto.

— Eu sinto muito...

— Sente muito, sente muito — ela me imitou repetindo a frase. — Bem que você gostou quando me tocou, agora fica aí dando um de samaritano com seus preconceitos idiotas, não temos o mesmo sangue... — frisou com muito ódio no tom de voz.

— O álcool em meu sangue me colocou a muitas léguas

de distância do meu juízo, portanto não jogue toda a culpa em cima de mim. Sequer me lembro de como aconteceu... E não me venha fazer cobranças e acusações injustas.

Fechei os olhos com seus soluços, arrependido com a forma ríspida como joguei tudo aquilo em sua cara. Não era um momento propício para lavar roupa suja. Preocupado, inclinei-me passando as mãos pelo pescoço puxando-a para um abraço. Sua cabeça deitou em meus ombros, enquanto suas mãos quentes e trêmulas esfregavam minhas costas. Segurei em seus ombros, analisando seu rosto corado e os olhos borrados com o choro. — Sua maquiagem está derretendo — falei rindo e ela riu também. E passou os dedos indicadores abaixo dos olhos na tentativa de melhorar o aspecto.

— Melhorou? — disse num fio de voz. Assenti e beijei sua testa.

— Muito... e está linda. — Segurei em sua mão, consolando-a. — Eu procuro não entrar neste assunto com você, até mesmo pela sua situação. Só que você força a barra, Natalie! — Ela suspirou sem comentar. — Eu não quero que se magoe, mas eu preciso ser sincero... — Ela

concordou e baixou os olhos. — Tirou o melhor de mim, então não espere muito, tudo bem? — Não podia passar a mão na cabeça da "menininha" da família. Ela já atrapalhou demais a minha vida.

Sua mão delicada, quente e inchada veio ao meu rosto deslizando de cima a baixo. Fechei os olhos incomodado com a proximidade.

— Tudo bem, não quero atrapalhar o dia importante de hoje. Você ainda vai me amar um dia, eu lhe asseguro — prometeu.

Eu dei de ombros e me levantei, triste.

O meu coração está tomado pela Mary, não há espaço para mais ninguém.

— Quem sabe um dia, né? — respondi seguindo em direção à porta, quando ela gritou:

— Só precisa abrir seu coração, me dar espaço. A gente sequer transou... — Eu respirei fundo, exausto me retendo à porta e, então, me virei buscando seu olhar de requisição.

— Não vou dizer mais nenhuma palavra, a não ser que você queira ouvir mais alguma palavra que a desagrade.

— Ela baixou os olhos, encabulada, envergonhada eu não sabia ao certo. — Gostaria que fizesse a gentileza de parar com todas estas cobranças, não percebe o quanto elas nos agridem, nos afastando ainda mais um do outro? — Pausei significativamente. — Isso, além de ridículo, está passando dos limites. Não suporto mais estas discussões acaloradas. Me dê um tempo, por favor. Não me obrigue a ser grosseiro com você. Só isto que lhe peço.

— Às vezes, eu ajo por impulso — admitiu ela com a cabeça baixa, acho que refletia. *"Ufa, já passou da hora*."

— Aliás, nem sei por quê! Você conseguiu o que pretendia. Eu não fui a lugar algum, estou aqui com você, Natalie. O que mais você quer de mim, criatura? — Revirei os olhos, com total intolerância.

— Eu só queria que você me amasse do mesmo jeito que eu te amo. — Sua voz saiu esganiçada indicando que sentia dor, enquanto suas mãos massageavam o pé de sua barriga. Comovido retornei a cama e voltei a me sentar.

— Se eu soubesse como amar você, talvez eu o faria —

fui sincero. Seus olhos tinham um brilho de esperança quando encontraram os meus. — Às vezes, tenho a sensação de que estamos dentro de um sonho doloroso, Natalie. E que daqui a pouco vamos acordar e vai estar tudo bem, exatamente como era antes.

— Estamos na vida real, e ninguém poderá mudar isto. Apenas me ame, um pouco que seja... Não me importo. — Sua mão veio em direção ao meu rosto e arqueei. Não poderia fazer promessas que não poderia cumprir.

— Eu não posso escolher a quem amar... O amor nasce de dentro para fora. — Ela respirava com dificuldade e segurei em sua mão. E com a mão livre sequei suas lágrimas embaixo dos olhos com meu dedo indicador para não borrar novamente a sua linda maquiagem. — Não precisamos chegar a este ponto, se acalme. Depois a gente conversa com calma, tudo bem? — disse devagar, tentando acalmá-la e ela negou veementemente com a cabeça.

— Depois, depois, depois... — Puxou sua mão se libertando da minha. — Estou esgotada da sua distância. Machucada... rejeitada... Pensa que é fácil, é?

Me levantei e com a cabeça encurvada busquei seu olhar, exausto.

— Fácil não está para ninguém... Eu sinto muito por tudo isso, eu não tenho muito mais a oferecer a você. Aqui dentro — Bati espalmado no meu peito. — não existe o tipo de amor que deseja, e ainda tem o fato de que não consigo sequer pensar na possibilidade de te tocar, soa como um pecado para mim, precisa entender isso... — frisei e ela, chorando, se recusava movimentando a cabeça de um lado ao outro.

— Criatura de Deus, vê se coloca uma coisa na sua cabeça de uma vez por todas, não somos parentes... — disse com as mãos erguidas. — Somos irmãos apenas de coração. Isto quer dizer que podemos nos relacionar como um homem e uma mulher.

Aguardei até que ela se acalmasse, para dar minha palavra final.

— Não é assim que eu vejo as coisas... — Inclinei-me e beijei sua testa. — eu sinto muito. — Perdia meu tempo tentando explicar diante da sua obsessão. Me virei e saí do quarto deixando-a ali em lágrimas, era o único jeito de

interromper o assunto.

Com o meu coração partido, é claro. Eu não queria fazê-la sofrer desta forma, contudo eu não sabia como ser sincero sem agredi-la.

Ainda bem que o Leonardo saía do seu quarto e berrou desviando o foco:

— Ah, que bom que você está aí, vem aqui, cara, me dar uma força.

Fui ao seu socorro rindo do seu jeito desesperado, eu até imaginava o seu problema. Leonardo era daqueles caras despojados, tinha uma enorme dificuldade de se vestir mais elegantemente.

— Cara, se eu fosse uma mulher, juro que agarraria você... — falou com humor com seus olhos de cima a baixo sobre mim. Eu bati em seu ombro.

— Seu babaca... — disse e torci a boca com uma infinidade de roupas em cima da sua cama. O quarto do Leonardo tinha os mesmos mecanismos do meu, embora ele nem soubesse como mexer no controle remoto. De tanto que puxou com a mão o canto direito da cortina estava dependurada, ele conseguiu arrebentar todo o

sistema.

— É sério, Fernando, este look ficou muito legal. — Olhei-me e me arrepiei ao me deparar com meu tórax. Como sempre, ao pensar na Mary, tanto meu coração como meu pau reagiram deliciosamente.

— E aí, o que precisa de mim? — perguntei em seguida e me aproximei da cama, senão daqui a pouco toda minha saudade ficaria exposta na calça. E de cara já peguei um terno preto, já conhecia aquela roupa de outras ocasiões e me baseando em meu corpo.

— Tenta este. — Estendia a sua frente, ele torceu a boca em dúvida. — Vai logo, Leonardo, confia. Vai ficar legal... — Ele pegou de minha mão ainda descrente analisando a roupa.

— Será Fernando? — Torceu a boca. — Esta roupa tem a sua cara — comentou a contragosto, tipo me chamando de careta, sei lá... Este meu irmão era despojado demais, ousava nas vestimentas até não querer mais, porém tenho que admitir que o resultado final sempre era muito bom.

— Vamos lá, Leo. Encara o desafio, são apenas algumas horas, depois você se livra delas. — Bati em seu

ombro com um sorriso sincero, porém triste. Da roupa era fácil de se livrar, agora a Mary era impossível.

Ela literalmente era um carrapato, um parasita prejudicial a minha saúde, ela suga minha alma, infestando meu corpo, causando a maior alergia. Coração acelerado, falta de ar, tremor pelo corpo, um turbilhão de emoções difícil de controlar. Sentimentos que não havia remédio capaz de curar. Ele baixou a mão e deu de ombros ao notar a mudança em minha expressão.

— Eu sinto muito pelo que você está passando, irmão. — Sorriu compreensivo e eu soltei o ar exausto, num sorriso fraco antes de me virar e caminhar em direção à porta.

— Eu também, Leo, eu também. — Abri a porta e saí fechando-a atrás de mim.

Minha mãe aguardava já na garagem ao lado do carro, linda num vestido dourado, tão elegante como sempre. Os cabelos todos de um lado da cabeça com as pontas cacheadas, simplesmente linda. Suspirei.

A admiração pela forma dela se vestir aumentava a cada dia. Uma aptidão que a rejuvenescia uns dez anos. E

ao seu lado a Ana que não pude deixar de admirar sua beleza. Nunca havia visto a Ana tão elegante, e claro aquilo apertou o meu coração! Ela estava elegante em seu vestido verde-escuro com alguns detalhes em rendas, alguns acessórios dourados reluzentes. O mesmo sol que ardia sobre nossas cabeças refletia no brilhante e dourado colar em seu pescoço produzindo uma luz cegante, que ofuscava a minha visão pela intensidade do brilho. Uma peça refinada que jorrou uma forte adrenalina de minha nuca espalhando-me pelo corpo.

— Vocês duas são as mulheres mais lindas do mundo! — elogiei caminhando em direção as duas, com as mãos estendidas. Meu coração estava disparado no peito, difícil de respirar.

— Você que está lindo, meu querido! — disse minha mãe no momento em que segurando em seu ombro, beijava-lhe a face aspirando seu delicioso perfume, orgulhoso. — Será que não esqueceu de alguma coisa? — perguntou quando me afastei. Seus olhos estavam sobre minha camisa aberta, eu abri um sorriso acalorado como estava o responsável por bombear meu sangue por todo

meu corpo.

— Achei legal sem gravata — falei rindo e ela sorriu, concordando.

— Está muito atraente mesmo, é que pensei que a gravata... — Eu a beijei na face interrompendo-a.

— Vou deixá-la no carro, caso necessite, eu a visto. — Ela concordou.

Então agora foi a vez da Ana. Beijei sua face, ela corou de imediato.

— Está linda, Ana... — Ela grunhiu qualquer coisa que não entendi. — Vai me dizer por bem ou por mal onde posso encontrar a Mary, estas joias são coisa dela, não é mesmo? — cochichei ao seu ouvido, ela inspirou o ar imediatamente. A voz de Natalie vindo da porta de entrada da garagem desviou nossa conversa.

— Querido, me ajuda aqui... — ela gritou vindo se arrastando com uma mão na bacia.

— Depois conversamos, você não vai se esquivar desta vez. — Pisquei e ela bateu em meu ombro.

— Toma seu prumo, seu moleque — cochichou.

Ajudei a Natalie a entrar no carro embaixo dos

protestos da minha mãe, meu e também da Ana. Todos estávamos de acordo que ela estava sem condições de nos acompanhar. A médica aconselhou-a ao repouso absoluto, mas a cabeça-dura não entendia. Imatura.

Olho para o céu assim que estaciono o carro no estacionamento do Anhembi, o maior Centro de Exposições da América Latina, com espaços locáveis para realização de feiras de negócios, congressos, simpósios e apresentações musicais, e grandes eventos como o de hoje, onde se reunirá autoridades e executivos de todo o país.

E ali também é o local onde acontece um dos maiores e mais importantes eventos populares do Brasil: o Carnaval de São Paulo.

O sol arde em meus olhos atravessando o para-brisa, e mergulhar numa tristeza profunda através do horizonte é inevitável.

Numa baixada de olhar vejo os ponteiros do relógio dourado em meu pulso com minhas mãos agarrados ao volante. Existe uma indecisão sem procedente dentro de mim, não era para ser assim: A Mary deveria estar ao meu

lado, as honras são todas e exclusivamente dela. Eu não podia esquecer nunca, que tudo seria diferente sem ela. Seria algo frio, sem nenhum calor humano. Coisa que aprendi a sentir e confesso que é muito bom...

— É sério mesmo? — reclamou a Natalie sentada ao meu lado com aspereza. — Vai ficar aí contando os passarinhos voando no céu? — disse com ironia em tom provocativo com a minha viagem com a Mary.

"*Eita, mulher irritante*!", pensei.

Pelo retrovisor vi a minha mãe e Ana se entreolhando desaprovando-a. Bufando, eu abri a porta e desci a fim de evitar mais estresse e para não lhe dar uma resposta bem mal-educada como ela merecia naquele instante.

— Estou tão feliz por você, Fernando! Olha só a quantidade de gente, cara. — Leonardo, que acabara de descer do seu carro ao lado do meu, se aproximou. Eu concordei ainda me recuperando.

— Mano, cuida da azeda da Natalie para mim, por favor... Me quebra essa, eu vou acabar perdendo a paciência com ela. — Com a cabeça inclinada em sua direção, eu cochichei ao seu ouvido e sorri disfarçando,

quando ela desceu do carro me olhando com desconfiança.

— Deixa comigo, fica em paz. — Ele bateu em meu ombro de leve, solidário.

Fiquei encantado com a decoração do pavilhão. Ganhou um ar requintado e muito agradável.

E seguimos para nossos lugares já reservados, na fileira de trás estava o Juliano que, aliás, estava muito elegante num terno azul-marinho de corte perfeito e com bom caimento. Seus cabelos bem alinhados como sempre, e ao seu lado a Késsia, linda também e bem-comportada, diferente da forma que estava acostumado a vê-la. Vestida num terninho na cor bege, saia e blazer cinturado e por baixo uma camisa de seda marrom, uma roupa que reluzia seus cabelos loiros em corte chanel além da maquiagem leve discreta para o dia. O meu tio muito bem afeiçoado num terno também preto e camisa preta, e claro que a Estefânia não poderia faltar num dia tão importante para a empresa. Sorri agradecido e admirado, ela estava superelegante num terno preto, mas o dela era blazer e uma calça social.

— Preparado para o grande dia, Fernando? — perguntou o Juliano em minhas costas assim que me sentei.

"Poderia ser muito maior", pensei e suspirei profundamente antes de me virar e apertar sua mão sobre meu ombro. Não existia a menor possibilidade de o dia ser grande sem ela por perto... Minha vida se tornou uma dificuldade, eu tinha muita coisa para administrar, além de travar uma luta diária para suportar a dor de ficar longe de quem eu mais queria estar junto. E para ser sincero, estou farto, no meu limite.

— Estou sim, meu amigo... — E virei para frente. O coordenador já estava a postos no palco fazendo as apresentações.



Mary

Eu não faço a menor ideia do porquê eu estava fazendo isso, saí da Flórida até Porto Alegre apenas para comprar de volta o meu carrinho, que agora me saiu uma fortuna, pelo menos dez vezes mais do que eu paguei. Apenas com dianteira reformada, cheguei a tempo de resgatar ele, quase igual de quando o entreguei.

Mas isto ainda não era pior do que a decisão que tomei de fazer todo o percurso dentro dele até São Paulo. Tudo isto porque o meu coração me pedia, eu necessitava reviver os melhores momentos com o Fernando, relembrar de como tudo aconteceu. Eu queria que a surpresa fosse completa.

E deu tudo certo, ele aguentou o tranco, e eu o amava tanto quanto amava o Fernando. Cheguei bem e estou aqui, instalada no mesmo hotel de luxo que passei os melhores momentos de minha vida em seus braços. Tudo continuava como antes. Ficou tanto dele dentro de mim que inalei todo o ar do quarto para dentro dos meus pulmões, e prendi tudo, porque ainda podia sentir seu perfume. Cada parte do meu corpo reagia às lembranças, meus olhos

ardiam inflamados, meu coração se apertou tanto que me joguei sobre a cama macia e abracei o travesseiro com o rosto afundado nele.

Ali eu refletia sobre a minha decisão, se estava agindo corretamente em aceitar ser a amante do Fernando. Era o que meu coração pedia, minha alma ansiava, eu não suportava mais permanecer longe. Eu necessitava dele na minha vida até mesmo para continuar sobrevivendo.

Pensei em ligar para ele mais tarde, após o evento, no entanto a expectativa não me deixava nem respirar. Passava pela minha cabeça seguir para o Anhembi, eu queria tanto prestigiá-lo! Dar os parabéns por suas conquistas, eu estava tão orgulhosa dele, tanto...

Só que eu estava ciente de que não passava de uma loucura, afinal toda a sua família estaria presente e eu não poderia atrapalhar um dia tão extraordinário! Além do mais, eu deveria pensar no seu bem-estar, agora que seus problemas eram imensos para conduzir, eu não poderia colocá-lo em guerra.

Eu deveria ter juízo e me manter distante para deixar seu coração bater em paz, se eu o amava de verdade.

Não estava fácil me segurar ali naquele quarto, fechado, curtindo uma solidão externa e uma baderna interna. Havia uma vibração muito forte dentro de mim que deixava tudo agitado, uma adrenalina de pura emoção, coração que batia muito acelerado, eu podia sentir o calor do sangue circulando rápido por minhas veias, aquela coisa sufocante no peito que parecia que não passaria nunca.

Pulei da cama com a mão sobre o peito, sem ar, na certeza de que enlouqueceria de vez. E fiquei ali em pé andando de um lado ao outro aos pés da cama, pensando que talvez eu pudesse ir até lá, só para dar uma espiadinha de longe!

"Não, não, Mary, não inventa, menina... Você vai se dar mal!", minha razão ficava o tempo todo tentando me alertar.

"Vai logo, não custa nada, é só uma olhadinha de leve, vai logo, coragem... Para de ser covarde, você não veio de tão longe para amargar esta dor no vazio, né?", a emoção me incitava, quase me convencendo.

Era uma guerra entre as duas, que me deixavam

doidinha...

— Talvez uma olhadinha apenas, se eu me esconder bem, acho que não dá nada! — disse, certa do que eu iria fazer. Se eu ia ou não me arrepender já eram outros quinhentos. Mas de uma coisa eu sabia. Que se dane minha razão, a emoção estava coberta de razão, eu não vim de tão longe, enfrentando horas nestas estradas sem fim, debaixo do calorão dos infernos dentro do meu carrinho velho, para chegar aqui e ficar chorando em cima de uma cama.

Estava decidida! Se ele me aceitar ainda, eu quero e vou fazer parte da vida dele em qualquer circunstância.

Olhar para ele apenas pela tela do celular, já não era mais o suficiente, é impossível esperar até a noite. Eu precisava vê-lo ao vivo e a cores, mesmo que seja a distância.

Olhei para o relógio em meu pulso, conforme anunciado nos noticiários o evento estava no início. Tomei um banho rápido, vesti um terninho preto. Uma saia justa de cintura baixa, três dedos acima do joelho, um blazer na altura do quadril transpassado apenas com um cinto do mesmo

tecido de quatro dedos deixando o colo dos meus seios explodindo com a minha respiração acelerada pela ansiedade. Os volumes dos meus seios não me davam muitas escolhas na hora de me vestir. Sempre pendia para algo decotado, além de dar um charme a mais. Amei o resultado final em frente ao espelho com a camisa de seda em bronze com os primeiros botões abertos me deixou com um ar sexy. Escovei meus cabelos deixando as pontas cacheadas caindo sobre meus ombros, apliquei uma leve maquiagem como o dia lindo de sol pedia, um bom perfume e, para finalizar, vesti uma sandália de salto na mesma cor da roupa e a bolsa de couro também preta. Respirei fundo para me encorajar mais um pouco e saí do quarto do hotel.

O céu azul, límpido fazia sua despedida quando entrei no imenso espaço reservado para os carros, quase lotado, não havia um local sequer para estacionar. Foram minutos me aprofundando na imensidão do terreno com a enorme dificuldade, até que no lugar mais afastado, uma bendita vaguinha surgiu me fazendo relaxar os músculos tensos, apesar de precisar caminhar léguas até o pavilhão onde

acontecia o evento, o lugar me agradou, pelo menos era um lugar onde jamais acreditei ser descoberta.

Eu ambicionava muito chegar a tempo e com os ponteiros a todo vapor, aquela oportunidade se afastava de mim, ficando cada minuto mais afastada.

Eu não acreditava no que via lá no céu quando desci e fechei a porta. O vento soprando forte, trazendo eu não sei de onde, as nuvens carregadas com o sol que já foi forte, despontando tímido, tornando quase tudo cinza, de repente. Apenas alguns fachos de luz atravessando vindo em direção ao solo.

Uma conspiração do destino novamente se manifestando?

Eu me sentia feliz, ali significou uma confirmação que havia tomado uma resolução certeira. Balancei a cabeça com aquela onda de emoção me tomando.

Eu não tinha que ficar sem ele, nunca! Jamais serei capaz de seguir a minha vida sozinha, sem o Fenando ela se tornou amarga, dolorida! Chega de sofrer, basta...

"É isso Mary...", pensei enquanto quase corria em direção ao pavilhão, chamando até a atenção de algumas

pessoas que também andavam apressadas, tão atrasados como eu.

Estava me sentindo confiante, eufórica, apaixonada... A chuva prometendo sua visita, era uma certeza a mais, de que nossas vidas estavam interligadas.

Eu te amo, Fernando.

O salão pareceu pequeno demais, diante de tantas pessoas ali presentes. O pavilhão se transformou num grande teatro. Parei em frente a uma porta enorme me misturando a todas aquelas pessoas em pé, enquanto assistia as apresentações solenes de alguns representantes, num palco improvisado e muito bem arquitetado, com cadeiras com encostos altos de madeira com detalhes dourados como aquelas cadeiras reais. Eu respirava ansiosa, ofegante, varrendo meus olhos em cada uma delas, onde pessoas elegantes, homens em seus trajes executivos e as mulheres com seus trajes quase de galas. Parecia que toda a cidade de São Paulo estava ali presente, incrível!

— Essa sessão solene tem o objetivo de prestigiar a empresa. Albuquerque Shopping Centers, com a entrega

deste singelo troféu. — O orador, um homem de 60 anos de idade, calvo, bigode branco, baixo vestido num terno cinza chumbo ergueu o objeto em bronze de um design muito bonito.

Meus olhos marejaram. Me sentia muito feliz pelo meu amor, era realmente um momento sublime de sua profissão. O procurei entre tantas pessoas ali sentadas no auditório, mas eram tantas cabeças e cabelos semelhantes que não o encontrei quando retornei à atenção ao orador.

— Uma empresa que com um projeto simples conseguiu de forma ampla uma inserção social. Tornando uma empresa modelo ao qual todas deveriam seguir o exemplo para mudar este país para melhor. O simples que podemos chamar de inovador. É com muito orgulho que chamo aqui na frente o representante Fernando Albuquerque para ter o prazer de lhe entregar estre troféu como forma de agradecimento deste grande trabalho de reconhecimento nacional.

Apertei meus lábios quando em meio à multidão ele se levantou, lindo, lindo e pecaminosamente lindo... Suspirei ao vê-lo de costas, pedindo licença entre as pessoas e

saindo pelo corredor. Fiquei embasbacada contemplando cada passo dele, um caminhar elegante, firme, ele esbanjava autoconfiança. Seus ombros atléticos marcando no terno cinza-escuro muito bem alinhado, um colírio para meus olhos, um acalento ao meu coração enfermo de saudades.

Ele apertou a mão do homem e pegou de sua mão o troféu oferecido, ganho merecidamente. Ele merecia tudo e muito mais, eu me sentia uma privilegiada por aquele momento extraordinário.

— Meus parabéns, Fernando Albuquerque — disso o orador.

— Eu que tenho a agradecer. — Sua voz soou falha. Ele ajeitou o microfone antes de continuar. Eu fiquei ali vislumbrando seu rosto perfeito que aqueceu meu coração. Eu queria muito mais do que apenas ficar olhando, muito mais... O queixo másculo, quadrado, com sua covinha no queixo, magnifico. Fechei meus olhos com a voz rouca que o microfone espalhou pelo salão e trouxe até os meus ouvidos me fazendo estremecer. A voz dele era tão gostosa, masculina, que me causava arrepios deliciosos

revivendo ela sussurrando ao meu ouvido dizendo-me que me ama...

— É uma honra estar aqui hoje, e ainda receber este troféu que representa tanto a sociedade. — Ergueu o objeto.

Neste instante aquela moça na cadeira ao lado, onde se sentava, virou a cabeça para trás. Eu gelei ao notar que era a Natalie... Consegui ver o quanto ela estava gorda e suspirei com uma tremenda dor em meu coração ao pensar que ali dentro tinha muito do meu Fernando e não consegui reprimir a dor intensa, meu coração veio parar na garganta, me sufocando.

Seus olhos se fixaram aos meus quando me encontrou ali parada em meio a tantas outras pessoas sem lugar para sentar, enquanto desviei a atenção do Fernando explanado sobre o projeto. Recuei alguns passos a fim de me esconder e ela saiu pelo corredor das cadeiras pedindo licença. Notei que com uma das mãos segurando a bacia ela caminhava com dificuldade vindo ao meu encontro. Recuei mais um pouco. Eu não estava acreditando que me deixei ser descoberta.

— Por que você está aqui? — Enrijeci, prendendo a respiração quando ela parou em minha frente, seus olhos azuis irônicos, cruéis, diabólicos fixaram em meu rosto. Senti a fúria estampada em sua alma e sua respiração acelerada de um jeito que me deixou agoniada, era como se o ar faltasse para mim também.

— E-eu... — gaguejei sem saber o que responder.

— Olha aqui, Mary... se você ama mesmo o Fernando acho melhor se afastar dele — proferiu sem hesitar me deixando sem ação. Sua expressão se fechou de dor junto a um gemido que escapou de sua boca.

— Você está bem? — Tentei segurar em seu braço a fim de socorrê-la, ela retrocedeu com uma expressão enojada para não receber meu toque.

— Eu não estou bem, e não posso estar com você por perto.

Fiquei aterrorizada, mas não por ela. E sim pelo meu Fernando e, diante do seu barrigão de gêmeos, de dois pequenos seres se formando e que nem imaginavam quantas dores que existiam aqui do lado de fora.

— Me escuta bem... A minha saúde está fragilizada,

como a de um dos meus filhos. Ou você não sabe que um deles tem problemas cardíacos?

Eu já sabia de tudo, no entanto, ali saindo da boca dela, o problema me pareceu muito maior. Eu não conseguia dizer uma palavra sequer com o nó que se formou em minha garganta, me sufocando com a minha consciência me cobrando. E ela não poupou as palavras, foi desumana ao extremo. Precisei respirar fundo a fim de me acalmar e não deixar o pânico me vencer, mas não deu. Tentei reordenar meus pensamentos, tudo estava impossível... até mesmo sustentar o olhar acusador que ela me lançava.

— Se acontecer algo de grave com a gente você será a culpada, entendeu?

Balancei a cabeça apertando os lábios reprimindo aquela vontade de chorar.

— Será que suportaria viver com uma culpa deste tamanho nas costas?

— Não... — balbuciei sem argumento.

— Então vai embora, deixe o Fernando em paz, nos deixe em paz... — vociferou chamando atenção das pessoas ao nosso redor. — E não diga ao Fernando que

conversamos, por favor. Só vai piorar as coisas trazendo aborrecimentos e você sabe bem disto!

As pessoas me olhavam estranhas, e eu compreendia, afinal o estado de saúde fragilizada da Natalie, era nítido. Acuada, assenti com um movimento leve de cabeça, com aquele aperto no coração.

Ela estava coberta de razão, eu nunca sobreviveria com este tipo de culpa, e tenho certeza de que nem o Fernando. Por ele eu deveria desistir. Desanimada, derrotada eu dei-lhe as costas saindo do pavilhão e alcancei o estacionamento.

Parei por alguns instantes para ouvir o tom rouco da sua voz que o microfone trazia até mim, eu me arrepiei toda. Todo o meu corpo vibrava, aquele frio maravilhoso no estômago, eu precisava olhar para ele mais uma vez, uma única vez... Depois eu desapareceria e tentaria esquecê-lo.

Eu só precisava encontrar alguém como ele, se é que um dia isso fosse possível. Pois eu acho que não! Esta seria a última vez que me ousaria daquele jeito, que arriscaria olhar dentro de seus olhos mesmo à distância,

como já havia combinado com a minha tia, que me prometeu que depois do evento ela partiria comigo para os Estados Unidos e para sempre.

Dei meia volta para o pavilhão sem conseguir resistir, e ainda vi quando a Natalie se sentava em seu lugar e, desta vez, fui cuidadosa.

— Eu sou apenas um representante, este troféu é de merecimento a pessoa que tornou tudo isso possível com seu projeto inovador, Mary Lemos. — Ele ergueu o troféu e aplausos ecoaram ao redor. Meu coração estava enlouquecido no peito, meu corpo tremendo de emoção, amor e desejo por esse homem lindo e magnifico e que deveria ser somente meu, só que o destino não deixava, talvez porque ele tenha outros planos para nós. E com todo aquele sentimento, eu fechei meus olhos, não esperava por essa surpresa, que me deixou toda derretida e mais ainda apaixonada em meio àquela explosão de aplausos acalorados. Eu mantive mais um pouco os olhos fechados e respirei fundo espaçadamente e quando os abri, meu coração pulou, quando me deparei com seus olhos presos nos meus e seus lábios entreabertos, a magia

que existia em nós era tamanha que eu podia ver claramente seus olhos verdes acinzentados brilhando de emoção.

— Mary? — Um medo avassalador me tomou quando os olhos ameaçadores da Natalie vieram sobre mim e mais algumas pessoas se viraram curiosas para ver onde ele olhava. Rapidamente me virei em direção à porta e saí correndo em meio à multidão. — Muito obrigado. — Ainda o ouvi finalizar.

Não me lembro de uma ocasião em que eu tenha me sentido tão desesperada. Fiquei em pânico, eu só queria sair dali, fugir como uma criminosa da cena do crime para não ser pega. Eu queria que o chão se abrisse diante de mim para poder me esconder, só agora me dei conta da distância que deixei o carro.

Raios cortavam o céu, o vento forte e uivante do mau tempo se aproximando levantava meus cabelos e eu corria, atraindo olhares curiosos sobre mim. Corri tão rápido quanto meus saltos possibilitavam. Eu quase atravessei todo o estacionamento, quando finalmente consegui chegar à porta do meu carrinho. Depois foi outro

parto até encontrar a chave dentro da bagunça da minha bolsa. E quando consegui, a mão trêmula não me deixava acertar o buraco.

Que merda!

— Mary? — Fechei meus olhos e senti o ar fugir dos pulmões logo que ouvi sua voz suave rouca e profunda ecoar sobre meus ouvidos chamando meu nome. Eu sabia que estava muito perto, porque seu cheiro era embriagador. Inalei ruidosamente com o meu corpo todo estremecendo. Meu coração já estava quase saindo pela boca de tão acelerado, quando engoli forte para desbloquear a passagem e me virei me deparando com a visão mais linda e perfeita deste mundo. Suspirei, extasiada, com toda a sua beleza e imponência. Nossos olhos se encontraram e perdi o fôlego.

Com as mãos na lateral do corpo com seus punhos fechados, como imaginei. Ele estava a alguns centímetros apenas. Com o braço estendido eu seria capaz de tocar na pele bronzeada que amo, eu tinha impulsos de fazê-lo. Seus olhos brilhavam com a umidade decorando seu rosto másculo e perfeito, e pelo tórax exposto pelos botões das

camisa aberta era nítido o quanto estava ofegante, seu peito subia e descia numa velocidade absurda, que me causava até falta de ar. Havia sonhado com ele todo este tempo, sentir a textura de sua pele era muito mais que uma necessidade, era a minha sobrevivência, era humanamente impossível resistir a ele. Como eu poderia tirá-lo da minha vida como a Natalie exigiu, como? Inspirei o ar e soltei devagar.

— Oi... — respondi apenas encostando-me de lado no carro a fim de não cair de tão moles que minhas pernas ficaram. Com um tremor generalizado, precisei fechar os olhos por alguns instantes para respirar e buscar um pouquinho de equilíbrio para continuar.

— Então você veio? — Sua voz saiu abafada me fazendo delirar.

Como eu o amo, meu Deus, como está sendo difícil me manter com aquela distância toda.

O clima estava indeciso, o tempo não sabia se deixava a chuva cair ou se apenas continuaria ali, aguardando o desfecho final daquele encontro que parecia casual para as pessoas que passavam ao redor, sem notar todo

encantamento em torno de nós. Elas não fazem ideia... Não mesmo!

— É... — "*Eu vim te ver, meu amor*", pensei. — E-eu... — Minha emoção comeu minhas palavras, não dava para esboçar nenhuma sequer. Os barulhos das conversas e do vento despertaram nossa nostalgia.

— Ainda está com o seu carrinho velho de guerra? — Finalmente uma trégua com o comentário humorado. Ali eu não resisti mais. Eu precisava ser sincera, era uma oportunidade que eu não queria perder. Encarei-o, ofegante, com aquele frio delicioso na barriga.

— Eu o resgatei... Quer saber? Eu nunca vou abandoná-lo, é uma forma de ficar mais perto de você. De lembrar como tudo aconteceu. — Seus lábios se entreabriram, comovido com a minha revelação. Eu tremia com seus olhos marejados, assim como era nítido o seu tremor. — Ele é uma parte de você... com ele eu me sinto mais próxima, Fernando.

— Meu amor! Meu amor. — Ele correu ao meu encontro, me tomando em seus braços. Eu me deixei flutuar neles, suas mãos agarraram minha cintura me

puxando em desespero, colando nossos corpos, unindo nossos calores, tremores, tudo. Joguei minhas mãos em seu pescoço, ele era o apoio que eu precisava na minha vida. E uma explosão aconteceu entre nós, levando tudo para o espaço num beijo desesperado, saudoso.

Sua língua invadiu minha boca explorando cada canto dela. Um beijo de ritmo acelerado, sugávamos os lábios um do outro, que levaria uma vida para nos saciar tamanha nossa saudade. Suas mãos grandes, fortes, impacientes e apressadas circulavam por baixo dos meus cabelos levando-os de um lado ao outro, nossas mãos estavam ansiosas, alucinadas para nos tocar, de nos sentir. Uma de suas mãos segurou minha cintura me apertando contra seu corpo musculoso e tão meu, a outra apertava minha nuca enquanto nos beijávamos loucamente. O som de nossos corações com as batidas fortes, altas, estremecia nossos corpos, que se chocavam enquanto nossas respirações estavam agitadas.

— Que saudades de você — disse quando seus lábios e afastaram para respirar. E as pontas dos seus dedos dedilhavam meu rosto. — Deixa eu olhar para você, está

linda! — Eu dedilhava o rosto dele, roçando o polegar na boca carnuda. — A minha lembrança de você é a chuva. Virei um apreciador dela, porque a cada gota que cai do céu eu choro com a nuvem.

— Você é que está maravilhoso. Eu te amo, muito... — As palavras saíam entrecortadas com toda aquela emoção explosiva usando minha boca como válvula de escape. Ele beijou meu queixo, boca, o nariz, as pálpebras fechadas, a testa, minhas bochechas e iniciamos mais um delicioso e arrebatador beijo, seus braços ao redor de minha cintura me apertavam ainda mais junto ao seu corpo quase a ponto de doer, mas prazeroso. Sentia seu pau rígido e estremecia toda com minha vagina inundando de prazer... Eu o queria para mim, minha alma chamava por ele!

— Mary, minha Mary... senti tanto medo que você tivesse me esquecido... Que saudades! Ah, meu amor... ficar longe de você foi um martírio. — Suas mãos me apertaram ainda mais possessivas, enquanto ele grunhia carinhosamente sussurrando em minha boca quando nos separamos ofegantes. Esfregando seu pau muito grosso,

grande e duro em meu sexo, ele me deixava totalmente entorpecida, excitada e molhada. Ali eu tinha certeza de que sem ele eu morreria, ele era o oxigênio necessário para me manter viva.

— Não... eu nunca vou te esquecer, nunca... Ah, Fernando... te amo tanto, tanto... — gemi em seus lábios e sua língua voltou para dentro de minha boca em uma urgência de explorar a nossa necessidade. Nossos lábios dançavam um no outro, nossas línguas se acariciavam dentro de nossas bocas apaixonadas e nossas mãos passeavam por nossos corpos naquela loucura de nos sentir mais e mais...

— Quanta falta senti de você, onde é que esteve todo este tempo? — ele perguntou sem me largar, não havia um espaço sequer entre nós, roçando seus lábios úmidos e quentes em direção ao meu rosto. Ali, ele aspirava o perfume em meu rosto jorrando uma onda de arrepios por todo o meu corpo. Uma sensação única, maravilhosa. Um sentimento que só ele poderia me proporcionar. — Seu cheiro é tão bom... que falta você me fez... que saudade... — murmurou trêmulo me circulando cada vez mais como

se fôssemos fundir num único corpo, e faltava pouco para isso.

— Não importa a distância, meu amor, você está mais perto do que você imagina... — murmurei com os olhos fechados enquanto seus lábios roçavam por minha pele, desciam por meu queixo. Ele mordiscou ali, antes de seguir o caminho embaixo dele. Seu hálito quente em contato com minha pele, fez o meu corpo entrar em combustão, sentia contrações dolorosamente gostosas em minha intimidade. Eu o desejava com amplitude, da mesma forma que ele me desejava, eu sabia. Conhecia muito dele... Em abundância, mais do que eu podia. Ele estava além do que eu poderia ter.

E por quê? Por que destino? Por que foi tão cruel com a gente?

Assim que desceu pelo meu pescoço, minha respiração acelerou demasiadamente quando sua boca entrou pelo vão dos meus seios. Joguei minha cabeça para trás, arfando, para dar-lhe total espaço, e seus lábios beijaram o colo do direito, respirando sobre ele e depois fez o mesmo com o esquerdo me torturando e voltou para mais

um beijo molhado, intenso e muito, muito, gostoso... Assim que puxou meu lábio inferior, ele segurou meu rosto enquanto eu segurei o dele.

— Você está mais bela do que nunca... Eu te amo, eu te amo — ele repetia aquela frase junto comigo. Selou meus lábios com os dele novamente sofregamente.

— E você está ainda muito charmoso, sedutor, meu amor — disse sem desviar nossos olhares, com aquela costumeira mania de se comunicar por si sós.

— FERNANDO? — O grito enraivecido da Natalie ardeu em meus ouvidos como brasa acesa. Saltei para trás fugindo dos braços do meu amor. Estávamos ofegantes, com os corações incendiados. Senti um aperto em meu peito ao vê-la pela segunda vez hoje e aquela barrigona, esperando dois filhos dele, com seu olhar ameaçador sobre mim como se estivesse me lembrando de suas palavras cruéis.

Ele sequer se mexeu, ficou ali estático com aquele olhar de aflição, o mesmo que o meu, ofegante. Desviei meu olhar para ela mais uma vez, segurando o quadril, com seus olhos abrasando de ódio, e logo atrás dela vinha

minha tia, ao seu lado dona Vera e Leonardo. Eu não consegui ficar ali segurando as lágrimas. Soluçando, eu estendi a mão.

— Desculpa — disse colocando a mão na boca para o meu coração não escapar por ela. Eu o sentia pulsando na garganta, eu não podia mais suportar. — Desculpa, por favor eu não queria... — Nervosa eu coloquei a chave para abrir o carro e me joguei sobre o banco.

— Espera, por favor, Mary... Eu preciso de você aqui. Por favor, vamos dar jeito nisto, juntos. Por favor, ajuda-me a resolver. — Fernando implorou com os olhos lacrimosos enquanto segurou a porta, me impedindo de fechar. Soluçando, ergui meus olhos encontrando os dele marejados. — Espera... não pode ir embora assim, não de novo — disse num fio de voz.

Desviei meus olhos para a Natalie se aproximando dele, ela bufava com seus olhos centrados na minha pessoa, eu sentia sua intenção de me intimidar e ela conseguiu. Ela estava com a faca e o queijo nas mãos. E mesmo assim eu não senti raiva, ódio, nada... Meu único sentimento foi culpa por estar ali, causando sofrimento a

ela num momento de intensa fragilidade em sua vida. “Me perdoa, Deus!”, pensei com tudo dentro de mim em desordem.

— Nossas vidas seguiram rumos diferentes, Fernando. Por favor, me deixa fechar a porta. — Segurei no trinco e baixei minha cabeça, podia ouvir sua respiração ruidosa e acelerada. Quando ele se afastou, eu fechei a porta, liguei o carro e saí em disparada.

— Eu não acredito que vim até aqui, não acredito. — Bati no volante.

A distância dele, abria uma enorme lacuna dentro de mim. Uma que eu sabia que nada e ninguém poderia repor. No fundo compreendia que já estava mais do que na hora de sair daquela zona de conflito, antes que o meu coração partisse de vez.

— Oh Deus, se eu não posso ficar com ele, então me ajuda a esquecê-lo. Arranque ele do meu coração, eu não suporto mais isso. Por favor, por favor.

Acessei a Marginal Tietê, a fila de carro estava interminável naquela região de eventos, muitos tentavam chegar ao Anhembi e outros tentavam sair. Havia um

emaranhado de carros por todos os lados e a poluição sonora, que nem assim conseguiu me tirar dos meus pensamentos dolorosos.

Eu só precisava de mais um dia, somente mais um dia... e dar adeus a tudo, pois finalmente minha tia se convenceu a ir morar comigo. Nosso voo estava marcado para o dia seguinte e então eu estaria finalmente livre de toda esta confusão de sentimentos. Longe, eu conseguiria manter o foco em algo a mais, e não ficar só focada no Fernando, Fernando, Fernando...

Torci a boca ao descer do carro em frente ao hotel de luxo, o mesmo que por duas vezes eu o amei da forma mais árdua. Eram tantos olhares tortos sobre a minha lata velhinha que acabei rindo. Eu nem me importei, apesar dele ser mesmo o contraste por ali, ninguém pagava minhas contas. Ele seria a única lembrança que guardaria do Fernando. Fisicamente, daria um jeito de exportá-lo para os Estados Unidos para mantê-lo mais próximo.

Até o mesmo quarto eu fiz questão de alugar, era a última vez, então deveria ser em alto estilo e da forma mais completa.

Bufei frustrada com o final de tudo, nem a chuva fez as honras desta vez, ficou apenas naquele chove, não chove, molha e não molha, enfim... A mesma indecisão que estava a minha vida, talvez fosse um prenúncio de que deveria apagar tudo aquilo da minha vida, esquecer ou pelo menos tentar...

Tomei um banho demorado para apagar a chama que ele acendeu, e vesti o mesmo vestido que ele achou lindo quando me viu através da tela do celular, dentro do ônibus, sem nenhuma roupa íntima. Eu sei que não deveria, mas não resisti. Queria sentir mais um pouco da emoção dos seus olhos olhando para mim, ou mentalizar... E para finalizar, uma boa bebida para relaxar, eu precisava e merecia... uma despedida.

E além do mais pediria chocolate, normalmente mantenho doces bem distantes do meu cardápio, no entanto eu me daria o luxo. O cacau é fonte de um aminoácido chamado triptofano. Ele é precursor da serotonina – neurotransmissor que estimula a sensação de bem-estar e prazer, podendo auxiliar na redução da ansiedade e de sintomas da depressão. Eu não sei se me

protegeria contra a depressão que meu espírito queria mergulhar sem o Fernando. Mas não custa tentar, pelo menos ele poderia melhorar meu estado de humor, decidi que vou me empanturrar dele.

— Boa noite. — A voz do outo lado do telefone sobre o móvel ao lado da cama soou gentil.

— Poderia, por favor, me trazer duas garrafas do seu melhor espumante e uma tigela com uma porção generosa de chocolate meio amargo, em calda — solicitei.

— Mais algum pedido, senhorita? — Pensei um pouco e logo me lembrei de morangos, além de ser uma boa combinação com chocolate, ainda tinha o fato dele ser rico em fonte de potássio, fibras, folato, vitamina C, antioxidantes e flavonoides, compostos excelentes na prevenção de doenças cardíacas, eu estava mesmo muito próxima a um infarto. Comecei a rir sozinha da minha conclusão, era um costume olhar a parte boa daquilo que poderia ser um exagero. Uma forma de sentir menos culpa.

— Morangos também, por favor.

— Pedido anotado, senhorita, obrigado.

— Obrigada. — Desliguei e me joguei sobre a cama e

abracei o travesseiro.

Capítulo 3

Fernando

-Vai mesmo ficar aí com esta cara de bunda, é, Fernando? — Senti meu sangue ferver em minhas veias com a provocação da Natalie agarrada ao meu braço. Eu a arrastando pelo estacionamento em direção ao meu carro. Fechei meus olhos e respirei fundo contando de um até dez para me acalmar, pois estava por um fio de explodir. As primeiras gotas de água da chuva caíam do céu, e graças a Deus ajudou a refrescar as minhas ideias. Meu coração não cabia dentro do tórax de tão emocionado, estava a ponto explodir por falta de espaço, meu limite se esgotou, eu carecia de sentir um pouco mais da Mary, só Deus sabe a força que fazia para reprimir a vontade de sair dali correndo e ir ao seu encontro. No entanto, eu sabia que seria perigoso para a saúde da Natalie.

Os anjos me davam sinal, por isso eu desejei tanto que ela ficasse em casa.

Reprimi toda aquela tensão querendo explodir de

dentro para fora, quieto. E continuei no silêncio externo, enquanto dentro de mim estava aquela falação dos infernos, uma verdadeira farra... Todos os meus órgãos e sentimentos estavam numa reunião, ou seja, no maior e mais polêmico debate, cada um dando a sua opinião.

A cabeça de baixo era a que tinha maior poder de argumentar, duro e firme ficava fazendo ofensas para a cabeça de cima, chamando-a de miolo mole, ameaçando-a de tirar seu título de líder, já que não comandava mais nada. "Também a culpa é sua, é um egoísta, quer todo o sangue só para você", retrucou a cabeça de cima em sua defesa. Muito prudente, a razão pedia calma para todos, dizendo que a coisa não era tão simples assim: Existia fatores ao qual merecia uma atenção especial.

"O caralho! Vai logo atrás dela, senão vai perder tudo, cara!", gritou a emoção atingindo não só os pulmões com sua força que ficou ofegante, como também atingiu em cheio o coração, que até então se mantinha numa batida ritmada distribuindo o sangue na quantidade adequada por todo o corpo, se descontrolou, errando várias batidas. O descompasso foi generalizado e todos foram atingidos, os

olhos turvos e lacrimejando, um enorme zumbido nos ouvidos tornando tudo muito torturante, ficou tudo um rebuliço só!

Já chega! Soltei meu braço do contato com a Natalie e recuei três passos atrás aonde vinha minha mãe, o Leonardo e a Ana, todos em silêncio depois da cena que presenciaram.

— Ana, me fala agora onde a Mary está hospedada, por favor. — Agarrei forte em seu braço. Natalie rosnava palavras de pura ofensa sobre a Mary e eu fingia não ouvir. Mas Ana olhava sobre meus ombros para ela em tom de medo sacudindo que não com a cabeça. Posicionei-me à sua frente de forma que ela só visse a mim, e ninguém mais.

— Eu não posso fazer isso... — disse ela se soltando da minha mão e avançou os passos para o lado da Natalie e segurou em sua mão, solidária. Ofegante eu fiquei olhando para as duas, meu coração latejando em meu peito.

— Ana, eu preciso que me dê o endereço... — falei entredentes quando minha mãe segurou em meu braço.

— Acalma-se, Fernando, vamos sair da chuva — disse

olhando para o céu. As águas caíam sem piedade sobre nossas cabeças, eu via ali o sofrimento da Natalie e sentia um remorso em meu interior, e mesmo assim não podia desistir, não queria. — Deixamos para conversar em casa... — aconselhou-a.

Eu neguei me soltando do seu braço e corri para a frente da Ana e segurei em seu ombro. Seus olhos estavam arregalados, assustada com a minha reação tempestuosa. Era sempre assim depois que conheci a Mary. Minha vida calma se tornou um desespero só.

— Se você tem mesmo consideração pela minha pessoa como diz, então me diga de uma vez por todas, onde eu posso encontrá-la. Por favor!

— Fernando, você não está fazendo isso... eu não acredito! — Natalie disse baixo entredentes me advertindo. Eu ignorei sem olhar em seu rosto.

— Depois eu juro que sumo da vida dela, da sua, de tudo... — menti. — mas, por favor, me diga onde ela está, por favor... — impetrava num fio de voz, em agonia temendo seu sumiço novamente, eu não poderia correr mais riscos. Um sentimento que não conseguia mais

esconder, e era evidente a qualquer um.

— Vem, Natalie, vamos para o carro, esta chuva pode fazer mal para você e os bebês — Leonardo era o mais consciente ali. Segurando-a pelos ombros a arrastava em direção ao carro.

— Eu não vou sem o Fernando — protestou ela freando com os dois pés. — Me larga, Leonardo, me larga. — Num impulso ela se soltou e veio agarrar ao meu braço. — Fernando pensa bem no que você está fazendo — tentou ela.

— Ana... — continuei ignorando-a. Tudo dentro e fora de mim estava direcionado a minha lindinha. Nada, mas nada mesmo me faria cessar.

— Acho melhor você atender o pedido dele, Ana... — disse Leonardo se postando ao lado da Natalie e persistiu segurando-a pelo ombro. Assenti levemente de cabeça em forma de agradecimento. Este jeito estável do meu irmão já me livrou de muitas enrascadas, evitando que eu partisse para violência em momentos de calores de discussões, principalmente em algumas baladas que estivéssemos juntos. Ela já estava trêmula de nervoso em

meio a toda aquela confusão.

— Eu não sei... Não está certo... — disse por fim e avançou seus passos se afastando de todos, eu corri e segurei-a pelo ombro insistente, eu precisava da Mary a qualquer custo.

— Concordo! Não está correto, afinal nada na minha vida anda no caminho reto, então me deixa arrumar esta curva, da forma que se encontra eu não serei capaz de seguir em frente. E tenho certeza de que a Mary também. Ela não estaria aqui neste dia se não existissem muitos assuntos mal resolvidos entre nós, não há como continuar assim, você não entende isso?

Fitando-me, ela torceu a boca e jogou seu olhar pedindo permissão a minha mãe, que soltou o ar com força.

— Fala para ele, Ana... Ele tem razão, não há como viver em paz antes de colocar tudo em pratos limpos — disse ela convencida. Ela conhecia a minha teimosia.

— Eu não acredito que está falando isso para ele, tia. Compactuando com a minha infelicidade, a sua própria sobrinha — Natalie protestou balançando cabeça indignada, em prantos. Eu revirei os olhos, irritado com

seu costumeiro joguinho emocional.

Minha mãe estendeu a mão em sua direção fitando-a com seriedade absoluta que a sua posição de matriarca mantinha sobre a família.

— Você também tem uma parcela de culpa no que está acontecendo, então, por favor, amadureça esta sua cabeça. Senão nem você e ninguém mais vai ter paz nesta família. Fui clara?

Ela sacudiu a cabeça que não, porém não esboçou mais nenhum comentário, apenas deu-nos as costas e saiu caminhando e o Leonardo como sempre a abraçou pelo ombro, solidário e se distanciaram juntos.

— Eu ainda não me convenci de que... — começou Ana quando eu a interrompi.

— Só me dê o endereço, por favor — impus num tom de voz baixo com meu coração batendo tão forte dificultando minha respiração. Era um sonho saber que o meu amor esteve aqui tão perto, eu não podia deixá-la escapar, não desta vez.

Com aquele ar de preocupação, e soltando o ar, exausta, ela pegou um papel em sua bolsa, desdobrou e então

pegou o seu celular e discou um dos dois números ali anotado eu estava tão próximo que notei.

Tocou até cair, a pressa não me deixou ser educado, tirou toda paciência de dentro de mim quando eu peguei o papel de suas mãos.

— Deixa eu tentar — falei rapidamente pegando meu celular no bolso e ela tentando tirar o papel da minha mão.

— Por favor, não, Fernando, deixa que eu ligo para ela... — Eu recuei sem dar atenção e já tinha discado para o seu celular. — Ah, meu Deus, a Mary vai me matar — anunciou ela revirando os olhos, apavorada.

— Droga ela não atende... — reclamei na segunda tentativa e então disquei o outro número.

Parei de respirar emocionado quando apertei o botão para ligar, eu tinha aquele número já cadastrado. Era do hotel onde nos amamos completamente por duas vezes. Sorrindo, eu desliguei o telefone e beijei a face da Ana.

— Obrigado, obrigado. — E segui com repetidos beijos deixando-a corada, sentindo uma onda de felicidade que não me aguentava. Ela não conseguiu

conter seu risinho com a minha ansiedade nem a minha mãe. Ambas oscilavam olhares. Beijei o rosto da minha mãe e ela me abraçou com carinho, passando suas mãos protetoras sobre minhas costas.

— Nem sei o que é certo ou errado — sussurrou ela em meu ouvido. — Deus te acompanhe, meu querido. — E beijou minha bochecha.

— Voltem para casa com o Leonardo, tudo bem? — orientei ao me afastar.

Ela concordou com um sorriso compreensivo.

— Não se preocupe com isso, vai na fé que tudo tende a dar certo. — Assenti de cabeça, comovido, e segui meu rumo. Foi preciso dar uma paradinha ao perceber que pisei no cadarço desamarrado. E quando me abaixei para amarrar ouvi a conversa das duas a alguns centímetros apenas.

— Aí, dona Vera, a Mary vai me matar... — disse ela pegando o seu celular e discando o número do hotel e minha mãe repousou sua mão sobre a dela, impedindo-a.

— Por favor, não — pediu em minha defesa. — Maldita hora que eu aceitei esta minha sobrinha dentro da minha

casa, eu me julgo culpada, sabia? Eu já previa que algo assim poderia acontecer, eu não prestei atenção aos sinais... — Ela suspirou em desagrado. — Coitado do meu filho, está sofrendo tanto!

— Ah, dona Vera a minha menina não está diferente. — Finalmente a Ana confessou. Abalada, minha mãe grunhiu.

— Vamos rezar para que esses dois consigam adaptar este amor deles com tudo isto que está acontecendo, né, Ana?

— Eu também vou rezar, dona Vera.

— Vamos rezar juntas — disse minha mãe. —, unir nossas forças. — Levantei os olhos no momento em que as duas uniram suas mãos, e fiquei impressionado com a cena.

— Vou pedir a Deus para que ele proteja as nossas crianças! — concluiu a Ana.

Senti uma onda de alívio! Com aquele gesto lindo ela demonstrava que não guardara nenhum rancor em relação a minha pessoa.

De tudo o que elas disseram somente em algo eu precisei discordar: sofrimento eu sentia sem notícias dela,

agora, porém eu estou completamente feliz... Me levantei e saí a passos rápidos em direção ao meu carro, a pressa era a minha grande aliada naquele momento.

Encostei minha testa à porta assim que venci todo o corredor dos quartos. Eu conhecia bem aquele caminho, e todo o percurso eu fiz sentindo o rastro que seu perfume deixou por todo o corredor. E também o pessoal da recepção que mediante uma reserva me forneceram os dados da Mary. Minha respiração estava ofegante, eu tentava me preparar para me deparar com o meu amor, eu não ia poupá-la em nada, eu a desejava... Queria devorá-la!

As batidas à porta foram leves, porém meu coração batia absolutamente forte rompendo o silêncio pelo corredor. Eu era capaz de ouvi-lo.

Esperava que ela me visse pelo olho mágico e para minha surpresa a porta simplesmente se abriu alguns instantes depois.

O encontro de olhares causou calafrios deliciosos pelo meu corpo, uma energia do amor intenso que nutríamos um pelo outro. Seus olhos transmitiam a mesma mensagem de

qualidade, de pensamentos, suavidade, serenidade, emoções, tudo se fundia através da conexão dos nossos olhos. Eles se focaram de forma intensa e profunda, por um longo momento, eu quase podia ver sua alma e sei que ela possuía deste mesmo poder sobre mim. Estávamos ofegantes, focados no brilho que transbordava através deles. Era um sentimento mútuo, ela me queria tanto quanto eu a queria.

Seus cabelos caindo sobre os ombros lembravam uma cascata dourada, o decote profundo revelava seus seios fartos no vestido branco justo, aquele que conhecia só de vista, que me deixou com água na boca da última vez e que povoou meus sonhos todos estes dias.

— Fernando? — ela balbuciou meu nome jorrando partículas de salivas no ar. Aspirei para tomar tudo dela e meu corpo reagiu, meu ritmo cardíaco intenso não me deixou respirar.

— Não fala nada e vem cá. — Em um piscar de olhos, eu agarrei seus quadris e a puxei para mim, sentindo-a estremecer sob meus toques. Seus lábios ardentes cobriram os meus, nossas línguas exploravam o interior

de nossas bocas, ofegantes. Sentindo seu tremor em contato com meu pênis morrendo de saudades dela, e vice-versa, eu a desejava com a força da minha alma. Beijei-a no canto da boca, desci, fiz a curva do pescoço alvo saboreando o sabor de sua pele macia e só parei em seus seios. Segurei embaixo empurrando-os para cima. — Eu... preciso... da sua a... ajuda — roguei num fio de voz respirando ofegante sobre eles. Beijei seus seios e deslizei meus lábios vendo sua pele arrepiar. Ela gemia agarrada a minha cabeça, beijando os meus cabelos úmidos da chuva.

— Acho que nós dois precisamos de ajuda, meu querido! — Seu hálito quente se espalhou por minha cabeça e jorrou para todo o meu corpo. Agarrei-a pela cintura suspendendo-a do chão, avançando com ela para dentro do quarto e com os pés chutei a porta para fechar.

— Serviço de quarto... — A voz masculina alta em bom tom interrompeu nosso momento. Ambos sorrimos, sem ar, contrariados. Nenhum dos dois tinha a intenção de se afastar. Sob o protesto do meu corpo, eu cedi baixando-a até seus pés tocarem no carpete.

— Espumantes, chocolates e morangos, hum... que delícia. — Lancei meu olhar tarado sobre ela, ganhando outro na mesma proporção. — Perfeito! — comentei em tom malicioso quando ela se afastou dando passagem ao garçom do hotel entrar. Ela piscou, safadinha e aquilo me fez sacudir, e latejou sabe quem, né?

O homem corou com os olhos enormes, rindo da brincadeira, eu tomei à frente quando ele estendeu a comanda para Mary.

— Deixa que resolvo isto.

Ela foi se sentar na beirada da cama enquanto eu assinei o pedido, tirei a carteira do bolso dando-lhe uma generosa gorjeta, um sorriso de felicidade se espalhou pelo rosto dele, sobrepondo ao vermelhão. A Mary caiu na gargalhada e eu ri de canto de boca para não o constranger.

— Muito obrigado, senhor.

— Eu que agradeço. — Acompanhei-o até a porta e fechei quando ele saiu.

E quando me virei, respirei fundo ao me deparar com um brilho intenso de anseio, cheios de saudades e desejo

no seu olhar.

Fiquei fascinado com sua postura ereta, elegante, ali sentada. A cor branca do vestido colado realçava cada curva do seu corpo lindo e perfeito. Eu desejo tudo dela, e para a vida inteira.

— E a Natalie? — ela perguntou num fio de voz temeroso e colocou os cabelos caindo ao redor do rosto sobre os ombros. Sorri encantado com a cascata cintilante que se formou entre ele.

— Da outra vez, você impôs uma condição e eu aceitei — falei indo em sua direção lentamente com seus olhos lacrimejantes sobre mim, ela tremia toda, que linda! — Agora é a sua vez de retribuir a imposição. — Parei em sua frente e estendi a mão para ela. Com um sorriso apaixonante, ela segurou-a e levantou a cabeça prendendo meu olhar ao dela à medida que eu a trazia para bem perto de mim. Juntei suas mãos trazendo até meu peito para ela sentir o quanto meu coração batia forte e colamos nossas testas, um sentindo o hálito quente do outro com nossas respirações velozes.

— Você está me propondo um pacto, é isso? — Minha

espertinha já sacou de imediato. Minha birrentinha...

— Precisamos conservar a magia, existem dificuldades demais em torno de nós. Vamos esquecer tudo, fazer de conta que o mundo só existe nós dois e curtir tudo o que é nosso por direito, nos permitir amar, desfrutar do prazer sem pensar em limites. Depois conversamos sobre isso.

O clarão adentrou pelo quarto através da janela de vidro, eram os relâmpagos riscando o céu e logo em seguida trovão gritou lá fora. O vento forte balançava as árvores e assobiava pelo vão da janela aberta e entrava pelo quarto, refrescando nossos corpos em chamas. E logo tudo lá fora entrou numa crise sem procedente, sem nos afetar, nosso pacto estava selado, e nada, nem mesmo a chuva torrencial alagando tudo, nos abalou.

Enquanto a natureza gritava, segurei em seu quadril encaixando meu pau enlouquecido dentro das calças, muito duro e saudoso em sua bunda e a empurrei em direção à janela. Ela abriu um pouco mais aumentando a frestinha.

Ambos respirávamos pesadamente sentindo os pingos da chuva que o forte vento trazia até nós. Minhas mãos em

suas coxas serpenteavam subindo, pressionando o meu pau cavado no meio das suas nádegas deliciosamente, com ela rebolando nele com força. Podia sentir as batidas fortes de seu coração em junção com o meu no mesmo estado. E subia espalmando por sua barriga até alcançar seus seios e os moldei em minhas mãos pressionando de forma muito sensual. — Viu só, até a chuva veio fazer as honrarias — sussurrei na pele do seu pescoço, roçando a ponta do meu nariz, aspirando o seu delicioso perfume, sentindo sua entrega completa.

Ela assentiu de cabeça, gemendo, jogando sua cabeça para trás, que foi amparada por meu peito. Uma onda de carinho se espalhou pelo meu corpo, uma sensação enviada pelo céu. Só ele mesmo em seu infinito amor poderia proporcionar algo tão profundo a um corpo humano. — Eu descobri que você é tudo para mim, Mary... Que construiu algo bom dentro do meu peito. — Pressionei sobre sua cabeça para ela sentir a pulsação de como estava intensa. — Você pode sentir, não pode?

— Sim, meu amor, é claro que sim... — sussurrou ela entre os gemidos quase choramingando, arrepiadinha. De

um jeito extraordinariamente entregue me dando a certeza de que eu não poderia mais perder esta mulher, nunca mais. Deslizava as pontas dos meus dedos sobre sua pele sentindo o seu calor. A reação imediata pelo seu corpo fazia meu pau palpitar e doer esmagado dentro da calça. Ela levou as duas mãos para trás enlaçando o meu pescoço, inclinou a cabeça e me beijou. Nossas línguas úmidas e quentes se roçavam, elas mantinham uma linguagem própria, só delas.

— Promete que não vai se esconder de mim, promete... — ordenei em seu ouvido e enfiei minha língua. Senti seu corpo enrijecer e virou de frente para mim segurando em meu rosto sem separar nossos quadris, ela bamboleava muito gostoso, arrancando suspiros e gemidos constantes dos meus lábios. Ela é perfeita em tudo.

— Não vamos fazer promessas que não sabemos se podemos cumprir, por favor — pediu ela, hesitante em meus lábios, trêmula como eu estava. Ela estava estranha, temerosa com alguma coisa, eu sentia algo de estranho no ar, eu sei que sim e um frio esquisito quase sinistro tomou conta de mim. — Vamos deixar rolar, seguir com o nosso

pacto, curtir este momento só nosso, o amanhã é futuro, deixamos ele para depois...

— Tá bom, tá bom... — Não era exatamente o meu desejo, tampouco podia perder tempo com isso... eu precisava dela por perto, e o pacto se tornou um grande aliado em nossa relação de amor.

Um em pé de frente ao outro, seus dedos apalpavam meu tórax, eu vibrava olhando em seus olhos escuros de desejo, anseios quase devassos, sua respiração superficial. Ela foi abrindo os botões do meu paletó lentamente, circulou indo para trás de mim e o puxou em direção às minhas mãos estendidas para trás e para baixo. Nas pontas dos pés, seus lábios molhados vieram à minha nuca, roçando sobre minha pele, deixando cada pelo do meu corpo em pé, depois sua língua. Eu degustava toda aquela sensação maravilhosa que só ela era capaz de me fazer sentir, ela é, sem dúvida, a mulher mais delirante que já conheci na vida. — É tão bom estar sentindo seu cheiro... — Sua língua molhada circulou em minha pele, eu estremeci rugindo, todo arrepiado. — sentindo o seu sabor... Eu não aguantava mais comer você só com os

olhos — disse ela em meu ouvido, eu a puxei para a minha frente, agarrado a sua cintura sem deixar nenhum espaço entre nós.

— Como assim? — perguntei com os olhos cerrados, viajando pelo seu rosto perfeito...

— Minha tia filmou você todo este tempo pelo celular — revelou ela acariciando meu rosto, prestando atenção em cada traço meu, embrenhou seus dedos em meus cabelos e eu fechei os olhos, rindo, descrente.

— Então quer dizer que só eu passei cinco meses no vácuo? — sussurrei com seus lábios juntando aos meus, sua língua circulou todo ele, antes de entrar e bailar com a minha dentro da minha boca, numa dança especial.

Ela é hilariante... ela é demais!

— Esta foi a minha única vantagem — confidenciou quando se afastou e me tragou novamente.

A sensualidade como ela fazia seus carinhos me deixavam sem chão. Eu me sentia flutuando e aquilo era muito delicioso. Minhas mãos desceram até seus joelhos, voltaram trazendo o tecido com elas até sua cintura, com muito cuidado eu subia até passar pelo pescoço e me

afastei um pouco para olhar para ela. Meu pênis fisgou dolorosamente com meus olhos focado em sua vagina depiladinha ali, exposta para mim, como veio ao mundo e tão minha. Suspirei profundamente com todo meu corpo em ebulição cerrando os olhos, encantado... tudo nela era perfeitamente bem feito. Um corpo esculpido por um mestre da arte. Foi pensado em cada ponto.

— Céus, que saudades... — Minhas mãos desceram pela lateral do seu corpo, deslizaram em suas curvas perfeitas, na frente, atrás, passando pela montanha que seu bumbum desenhava, na forma mais perfeita. Um deleite sentir seu calor embaixo de minhas mãos ilustrando cada centímetro, enquanto ela deixou tudo à minha disposição com os dois braços erguidos, se oferecendo por completo para este mero mortal. — Minha obra de arte mais preciosa — murmurei fazendo-a enrijecer toda.

Uma das minhas mãos pressionava um dos seus seios com sutileza, eu enlouquecia com a sua reação deixando escapar suspiros esganiçados. Um deleite inebriante que elevava meu desejo. Em seguida, capturei sua boca deliciosa em um beijo exigente, selvagem, devorando-a e

me afoguei em sua saliva grossa e saborosa, minha língua felina quase devassa enlouquecia junto a dela, enquanto com a outra mão descia lentamente por sua barriga lisinha. Senti ela travar quando meu dedo alcançou seu calor, que se propagou pelos nossos corpos e atingiu ali o seu centro úmido.

— Molhadinha, nossa! — Cessei o beijo, lambendo o dedo, degustando o seu líquido do amor doce como mel, encarando-a em total ebulição. — Eu amo você, Mary, nunca se esqueça disto — gemi introduzindo os dedos novamente em seu interior, esfregando na sua vagina molhada e quente, tomando seus lábios de volta, ela apenas assentiu de cabeça, eu penetrava-a com firmeza sem feri-la, ela deixou escapar um gemido estrangulado de tanto tesão.

Eu uivava em seus lábios sentindo sua vibração com meus toques, com a outra mão atravessando seu corpo eu massageava seus seios fartos, pressionando com leveza os bicos duros, arrancando ainda mais rosnados, ela estava ali, toda entregue, trêmula em minhas mãos. Eu gemia junto com ela e não estava mais aguentando a dor no pau

latejando, pressionando o zíper. Pedia espaço. E ela notou isso, quando sua mão desceu sobre ele e o apertou.

— Ele deve estar bem sufocado aí dentro, tadinho... — Ela se colocou à minha frente sem afastar nossos lábios, minhas duas mãos passeavam por suas costas nuas, macias, quentes e deliciosas e pararam em suas nádegas e eu apertei gostoso. Na mesma sensualidade, ela abria os restantes dos botões da minha camisa e a tirou, depois seus dedos ágeis e lindos abriram o cós da minha calça e zíper e a desceu, olhando para os meus olhos, ambos estavam queimando de tesão, de amor...e suas mãos deslizavam no meu menino duro sobre a boxer, seus lábios voltaram aos meus neste instante enquanto sua mão fazia as honras. — Eu sonhei tanto com ele, tanto! — ela segredou em minha boca, sentindo minhas arfadas pesadas com toda aquele jeito, aquele carinho. Seus murmúrios faziam meu pau latejar, estava difícil mantê-lo dentro da cueca.

— Gostosa, minha... só minha! — Levei os dois dedos até a sua entrada e, lentamente, infiltrando-os todo lá fazendo-a delirar como eu.

— Delícia. — Sua voz saiu sufocada, a nossa conexão era tamanha que eu podia sentir a excitação de cada célula do seu corpo fremente. Arqueou a cabeça para trás e mordeu o lábio, mexi no teu clitóris, apertei-o de leve e, de vez em quando, voltava a penetrá-la com um e depois dois dedos, sentindo-a ainda mais encharcada, muito excitada. Seu corpo contorceu com ela gemendo sem se conter.

— Está gostando, amor? Está, minha apetitosa? — perguntei com aquela necessidade de saber se ela estava satisfeita. Eu queria deixá-la realizada, completa, só assim garantiria o seu coração.

A resposta veio com um resmungo gostoso. Então ela desceu a boxer com carinho e logo tomou posse do meu garotão gritando por ela, ele pulsava em sua mão.

— Amando... — Apertou-o de um jeito especial, rosnei de prazer. — É perfeito, Fe...

— Isso, segura firme meu menino que te ama, masturba gostoso —pedi e ela obedeceu como uma mulher apaixonada. Enquanto eu passava meus dedos no seu clitóris, sentia sua intimidade meladinha...

Era sem dúvida um momento sublime, e único...

Ela me surpreendeu quando veio à minha frente, olhou-me com malícia, com as mãos espalmadas em meus ombros e me empurrou. Eu fui recuando até cair sentado na beirada dos pés da cama. Estava ansioso, pois sabia que este mistério que ela fazia viria algo torturantemente bom.

— Fica quietinho aí, viu? — falou baixinho, esfregando um lábio no outro umedecendo, me arrepiei por completo só em imaginar o que ela faria comigo.

— Nem uma pista? — Pisquei e ela balançou a cabeça sensualmente que não e deu-me as costas. Meus lábios se entreabriram, eu babei literalmente admirando seu corpo feminino perfeito, e meu, caminhando em direção à mesa onde o garçom deixou o balde dourado com as duas garrafas de espumantes mergulhadas no gelo, o morango e a calda de chocolate.

Ela abriu a garrafa da bebida servindo uma generosa dose dentro da taça de cristal e se virou me oferecendo um brinde com seu sorriso lindo, diabólico, até nisso ela conseguia ser linda com um ar inocente.

— Agora você vai gemer pra mim, Fe... — Sorriu picante, e eu ainda mais gamadão com o apelido carinhoso que ela me deu. Soltei o ar com força olhando para ela abobado. Sem me preocupar qual seria a sua maldade, com ela eu topava tudo sem pestanejar.

— Hummm... Curioso... — Com aquela carinha de safadinha, ela veio à minha frente e com uma das mãos, gelada para burro, me empurrou pelo tórax me deixando arrepiado com o choque térmico, e fiquei pendido sobre a cama, apoiado apenas sobre os cotovelos. Eu precisava ver o que ela pretendia, não podia ser às escuras.

— Está com medinho, é? — provocou passando o dedo frio do meu queixo até o início do meu pênis gritando por ela, ereto, nervoso, pulsando tanto que doía.

— O único medo que sinto quando estou com você é de te perder — falei completamente tolo ganhando um sorriso para lá de deslumbrado, emocionado. Vi as mesmas lágrimas que saíam dos meus olhos saírem pelos seus.

— Que lindo, amor... Eu queria tanto que as coisas fossem diferentes, ah, como eu queria... — Ela se agachou

no meio das minhas pernas. Segurei em seus cabelos como uma crina de cavalo, já sabendo o que ela iria fazer.

Naquele clima romântico, com as gotas da chuva espancando a vidraça, eu sentia como nossa vida estava encoberta pelo equívoco. Demorei tanto a me apaixonar para entender que este sentimento sublime é um privilégio de poucos. Nós dois tínhamos o mesmo receio, além de uma certeza: um futuro incerto. Meu Deus, como aquilo era difícil. — E-eu quero te dar o mundo, Mary... Só me dê uma chance — balbuciei, pois dependia mais dela do que de mim.

Ela virou o copo com a bebida gelada na boca, tomou um generoso gole e, sorrindo, se curvou sobre mim. Fiquei todo arrepiado e arfei deliciosamente sentindo sua língua passear gelada por meu tórax e minha barriga quentinha.

— Ah... — Fechei os olhos firmemente, enquanto ela apalpava meu pau muito duro, latejando dolorosamente. Um grito extremamente escandaloso escapou por meus lábios, gemi alto, me contorcendo todo e eriçado com o contraste da temperatura de sua língua muito gelada

deslizando ao redor da cabeça, tórrida. — Céus, Ma... Assim você me leva à loucura... — murmurei, pranteando alto entredentes com sua tortura maravilhosa. Ela era mesmo completa como nenhuma foi, nunca.

— Esta é a ideia — disse malvadamente. E outra dose para continuar judiando de mim. Ela passou a língua na maior sensualidade ao redor da cabeça, chupou a ponta, e deslizou-o totalmente para dentro de sua boca, quase até a garganta. Era como se o mundo tivesse parado ao nosso redor, eu sentia meu pau contrair em seus lábios úmidos e macios. E depois acelerou o ritmo, passou a ponta da língua à cabeça, e desceu assim até o meu saco, enquanto ondas de arrepios tomavam meu corpo. Gente, aquela sensação era magnífica e eu deixava claro com o som de desejo saindo da minha boca. Senti um calor no corpo quando colocou tudo mais uma vez em sua boca, eu delirei com seus lábios carnudos o chupando por inteiro, babou, melou, mordeu, sugou, massageou com possessividade, me deixando cada vez mais excitado. E aquilo se repetiu por várias vezes até quando comecei a sentir espasmos. Uma loucura, que mulher, uma verdadeira rainha!

— Assim eu não resisto, vou acabar gozando na sua boca.

— Eu não quero que você resista, relaxa para mim... — Ela veio roçando seu corpo no meu, eu me deitei e ela se deitou sobre mim, colocando com cuidado a taça em meus lábios. Degustei o líquido ainda geladinho olhando em seus olhos, havia uma sombra escura ali, meu coração se agitou em meu peito com medo. Não sei por que assimilei suas palavras como uma despedida, isto tinha que parar. Balancei a cabeça sutilmente para expulsar a reflexão, eu não podia pensar nisto agora, eu tinha muito para oferecer àquela mulher maravilhosa, eu a queria orgulhosa de mim.

— O espumante está bom? — ela sussurrou aproximando seus lábios gelados sobre os meus, trêmula, beijou-me e deslizou para a lateral do meu rosto, aspirando o perfume de minha pele. — Eu te amo, Fernando... muito, muito muitooo — sussurrou ao meu ouvido enquanto eu a agarrei forte pela cintura, temeroso da energia que, de repente, envolveu aquele quarto. Eu sentia aquela perturbante sensação de que ela estava aqui apenas de passagem. Ela beijou minha orelha, sugou e me

mordeu!

— Eu não sei o que pretende, mas, por favor, não faça nada sem me informar antes, eu preciso que me prometa... — Ela ficou ali respirando em meu pescoço, em silêncio. — Mary, eu preciso que me assegure, por favor. — Ela não respondeu. Tirei a taça de sua mão, virando totalmente em minha boca, e a larguei no canto da cama girando com ela.

— Você não está cumprindo o pacto, Fernando... — disse ela apenas com seus olhos lacrimejando e um aperto se fez em meu coração. Trêmulo, eu a abracei fortemente, quase machucando-a. Era impossível respirar ali, porque o ar ficou sufocado assim como o meu coração.

Respondi beijando seus lábios com suavidade, lambendo, sugando, girando minha língua, degustando ao mesmo tempo que uma das minhas mãos acariciava seu corpo, pernas, quadris. Suas unhas cravadas em minhas costas me apertavam contra ela, suas mãos macias me anestesiavam, uma delícia sentir seu calor, o seu amor.

Depois desci para os seios que tanto desejava, estavam rijos, os bicos grandes e rosados eram um convite para

meus lábios que não esperaram para abocanhar. Suguei um, passei a língua em volta da aréola e depois o outro, arrancando gritos de tesão da minha Mary, ela se contorcia muito linda, e minha. Mamei com gosto, com força e sempre sem machucá-la. Ela apenas gemia, acariciava meus cabelos e forçava a minha cabeça contra seus seios.

Virei seu corpo de bruços e deixei ela de costas para mim, desci minha língua da sua nuca até sua bundinha dura e empinadinha, beijei, lambi e mordi por completo deixando sua pele arrepiada. E beijei totalmente o seu corpo, tornozelo, panturrilha, fazendo-a gemer trêmula. Com o polegar acariciei o seu orifício apertadinho, ela enrijeceu ofegante, eu sentia que era virgem, arrancando suspiros elevados, extremamente altos, sentia meu pau latejar dolorosamente pedindo por ele, eu precisava experimentar tudo dela. Respirei fundo... E me arrastei para cima.

— Amor... — ofeguei, ardente de desejo. — eu quero tudo de você... — Sua mão trêmula subiu ao meu rosto pelando, eu fechei meus olhos na expectativa. Nossa!

Como eu desejava seu canal.

— Eu acho que ainda não estou preparada... — Seu tom de voz saiu tímido, me dando a certeza de que eu estava mesmo certo. Afundei o rosto na curva do seu pescoço pressionando meus lábios em sua bochecha suada e fervente.

— Está tudo bem, amor... Fica tranquila, eu espero pelo tempo necessário!

E a coloquei novamente de frente, no meio das suas pernas, em seguida as abri, atendendo o meu desejo de ver tudo dela na forma mais completa. E fiquei ali, admirando seu clitóris vermelho absurdamente inchado, molhado implorando pela minha língua. Introduzi o polegar, ela arfou se contorcendo agarrada aos lençóis abaixo de si.

— Nossa, Fe! — ela ronronou. Aquele apelido carinho era como um tônico saindo aos suspiros de seus lábios. Me arrastei para cima tomando-os com os meus num beijo molhado, forte e gostoso, tirando seus cabelos grudados em seu rosto pelo suor. E voltei com meus lábios roçando sua pele deixando um rastro de arrepios pelo caminho.

— Ah, Fe... Como é bom estar com você — Ela agarrou

minha cabeça tremendo ao sentir minha língua em seu clitóris. Escorregando, fiz todo o contorno vagarosamente sentindo todo seu prazer sobre meu corpo. Nós estávamos arrepiados. Desci minha língua até a sua entrada e ela gemeu ainda mais alto, e voltei a acariciar seu clitóris, e minha boca sedenta chupou forte, faminta, beijou, introduzi minha língua nela. Seu cheiro delicado, de sabor doce, literalmente.

— Eu preciso de você dentro de mim agora, meu amor — ela choramingou. Eu ri emocionando com ela implorando por mim.

Agarrei sua cintura e arrastei ela comigo até os pés da cama, e fiquei em pé com ela à minha frente. Minha mão acariciava em seu mel deslizante enquanto meu garotão deslizava em seu meio, quente. Ambos pulsávamos, necessitados.

— Amor, eu me cuidei para você, eu a quero sem capa, nu e cru como das últimas vezes, está em segurança... Eu quero você completa, Mary — Suspirei ofegante em seu ouvido, meu corpo trêmulo estava sentindo o mesmo que o dela. Eu tinha muito medo de um não, mas ela levou as

duas mãos para trás e apertou minha bunda contra ela. Eu suspirei, aquilo era um sim, era tudo o que esperava ouvir...

— Eu confio em você, meu amor. — Meu ritmo cardíaco estava a mil e meu pau doía pela louca vontade de estar enterrado em seu corpinho.

Sentei na beirada cama, ela abriu as pernas prendendo as minhas e, segurando em seu quadril encaixei-o e ele foi escorregando, arrochado, totalmente dentro dela.

— Ah, que delícia, nada se compara a essa sensação de sentir pele a pele — sussurrei enterrando tudo nela. Ela arqueou a cabeça para encontrar meus lábios, enquanto eu ajudava com o movimento de sobe e desce, e subiu. Então contraiu seu íntimo fazendo minha alma dançar, soltei um suspiro ofegante, conforme sentava devagarzinho em mim, causando um imenso prazer.

E nesta de união de corpos, no ritmo desta louca paixão, mais uma vez selamos o nosso mais profundo amor. Um sentimento inexplicável, até para mim mesmo. Misterioso... Talvez eu leve uma vida inteira para descobrir os motivos que me levaram a me deparar com

ela, ou talvez nunca encontre a verdadeira razão. Eu não sabia explicar se era o destino querendo me dar este grande presente, porque o que sentia com seu corpo unido ao meu era algo transcendental, como já mencionei antes. Ou se era um castigo de Deus, uma punição. De repente, esta última definição caiba melhor se pensar na forma dolorosa como tudo chegou até aqui...

— Eu vou gozar, Fe... eu vou gozar! — ela grunhiu tão gostosamente chorosa, tão linda, tão minha. A cabeça inclinada para trás procurando meus lábios. Nossas línguas se devoravam enquanto eu intensificava os ritmos das estocadas e nossos corpos, meu pau estava profundamente enterrado em seu corpo, nossas bocas atrevidas querendo uma engolir a outra.

— Ohhh! Você é muito apetitosa, birrentinha, é demais... Ahhh! Se delicia no meu pau, querida, chora gostoso, vai... — murmurei em seus lábios. Eu já não tinha mais controle com meu pau pulsando e dilatando dentro dela. No auge do prazer, preenchendo-a por completo, todo meu corpo se contraiu e gritos e gemidos se misturavam e chegamos ao orgasmo juntos, sentindo o

líquido do amor sobre o sexo um do outro. Tudo entre nós se conectava perfeitamente.

Ela deixou sua cabeça cair para trás, até encostar em meu peito e agarrado a sua cintura encostei minha cabeça na dela. E ficamos ali, ofegantes, tentando recuperar o fôlego por alguns instantes.

— O tempo bem que poderia parar, né, Fernando? — ela cortou o silêncio com sua voz triste, o que me deixou deprimido, pois logo teríamos que voltar ao mundo real. Soltei o ar em desgosto e passei minhas mãos ainda trêmulas por sua barriga quentinha, um deleite para mim, subi até os seios macios e beijei suas costas, ela aconchegou sua cabeça em meu ombro, e eu acariciei a sua mão sobre sua barriga e ela segurou a minha, as quatros mãos unidas se desejando, se querendo.

— Seria ótimo — sussurrei na pele suada de suas costas. — A gente podia fugir, eu já havia dado esta sugestão antes.

Ela deu um sorriso fraco e me empurrou para trás caindo sobre mim na cama e, em seguida, para o meu lado. Com o tronco levantado, ela riscou meu peitoral

com as unhas deixando um rastro de arrepios e fixou em meus olhos, enquanto eu segurava seus cabelos na lateral do rosto para não cobri-los.

— Teria mesmo coragem de largar tudo do jeito como está, só para fugir comigo? Eu seria esta pessoa tão especial para você?

Gente, tem hora que ela parece tão indefesa, eu quero tanto protegê-la. Apertei seu rosto trazendo seus lábios aos meus e a beijei com ardor, amor. E ficamos ali nos olhando, trêmulos, apaixonados, deslumbrados.

— Não duvide de mim, Mary... dos meus sentimentos. Eu já dei provas o suficiente que por você eu enfrento o mundo... — Ela sorriu lindamente e beijou meu queixo e embaixo dele, roçando sua língua quente e macia me deixando eriçado. Só de olhar para ela, eu ficava arrepiado.

— Que tal partilhar de um outro momento de prazer comigo, senhor Fernando Albuquerque? — Afastei para olhar em seus olhos que, com sua suavidade me hipnotizava. O canto da minha boca se levantou num pequeno sorriso de pura malícia. Ela bateu bem levemente

em meu rosto. — Estou falando em comer com a boca, seu safado. — Rindo animada, ela pulou da cama segurando minha mão e me arrastou com ela até a mesa.

— Ah, sim... eu havia compreendido errado... — falei rindo puxando a cadeira e me sentei, ela se sentou ao lado dando um laço no cabelo com os próprios fios. — E a culpa é da senhorita que fez uma conotação confusa com duplo sentido.

Ela apenas sorriu me olhando de forma estranha, eu temia aquele olhar. Eles brilhavam, fascinados em meu rosto, apaixonado, eu sentia. Mas possuíam também uma sombra, porém leve, e era exatamente neste ponto, que a minha alma definia, me dava um baita medo. Dando-me a impressão que toda aquela felicidade poderia escapar por entre os meus dedos. Sua perturbação era densa, a tensão estava no ar. Enfim... bloqueei o devaneio, afinal, ambos estávamos vivendo sob pressão. Eu só teria que ser cauteloso e, ao mesmo tempo, minucioso para administrar com inteligência a fim de não perdê-la.

— Eu gostaria muito de saber onde você anda se escondendo. — Ela jogou a cabeça para o lado e seus

olhos se perderam no vazio enquanto suspirava. — Vamos lá, meu amor, seja sincera comigo. — Ela baixou os olhos e, então, me olhou por cima.

— Eu vim a São Paulo por uma única razão. — Meus olhos se apertaram em curiosidade com sua longa pausa. Passei as pontas dos dedos sobre seu braço olhando-a fixamente. Ela sorriu triste. Por quê?

— Conclua. — Seus olhos percorreram minha face marejados.

— Eu precisava estar aqui neste momento importante da sua carreira. Prestigiá-lo. — Eu respirei fundo e ela também. — Mas acho que foi uma decisão equivocada, Fernando. Aliás, nem deveria estar aqui comigo, temo muito pela saúde da sua prima e seus filhos — disse com sinceridade.

— Para ser franco, eu também. — Dei de ombros — Mas eu não me vejo mais sem você, e por esta razão que lhe peço paciência. — A minha mão foi sobre a dela apoiada sobre o tampo de mármore da mesa antes mesmo que alguma palavra escapasse por seus lábios, que se abriram. — Daqui mais alguns meses, a Natalie dará à luz

e tudo ficará mais fácil, meu amor. Eu só preciso de você ao meu lado, tem como fazermos isso com discrição, eu sei que é isso que a tormenta. — Um sorriso lindo se espalhou pelo seu rosto.

— Sempre estaremos sendo monitorados, e o nosso segredo vai se espalhar muito mais rápido do que imaginamos e pessoas podem sofrer, coisas graves podem acontecer e arrependimentos eternos nos perseguir. — Eu neguei de cabeça com veemência. — Seria doloroso para nós.

— Vai dar tudo certo, Mary. Nada grave vai acontecer, meu amor. — Me levantei confiante e o mesmo não acontecia com ela. Sua hesitação era tamanha que me assustava. Me coloquei atrás de sua cadeira, massageando seus ombros por um instante. Ela arqueou a cabeça com seus olhos fechados, eu depositei um beijo carinhoso em sua testa e na ponta do nariz que amo, quando suas mãos viraram sobre as minhas e as apertaram.

— É... tem razão. Não vamos pensar negativo. — Ela se levantou, passando as mãos por minha cintura me prendendo contra seu corpo, enquanto eu apalpava suas

nádegas. E ficamos ali nos olhando e dançando colados.

A nossa temperatura se elevava um nos braços do outro, e uma corrente elétrica percorria nossos corpos, deixando todos os pelos em pé. Selei seus lábios num beijo calmo, que aos poucos se tornou selvagem, um devorava o outro num apetite incontrolável. Estremeci ao ouvi-la gemer em meus lábios, arrepiou-me mais ainda. Desci roçando sua pele até o pescoço, chupei e beijei levemente, aspirando seu perfume inebriante alterando todos os meus sentidos, ela suspirava com os meus carinhos, me deixando à vontade e eu não a poupava. Apertava ainda mais com meu pênis tomando sua forma monstruosa, deixando-a delirante rebolando nele.

— Você me tira de órbita, querido. Sua pegada é forte... — murmurou inclinando a cabeça de lado quando meus lábios mordiscavam a pele do pescoço.

— É uma química especial, não é mesmo? — rosnei sem parar com a tortura, e ela me torturava mexendo gostoso no meu garotão alucinado, duro como uma rocha, latejando. Ela apenas assentiu movimentando o pescoço. Sentia-me satisfeito em conseguir alcançar aquele grau de

desejo. Ela estava entorpecida só para mim e teria que ser sempre assim, só para mim.

— Amor? — Afastei um pouco a cabeça e olhei em seus olhos com sombras de desejo. Não estava mais lá aquela sombra que me apavorou há uns minutos atrás. — Só um instante. — Ela inclinou-se sobre a mesa e pegou um morango e levou à boca mordendo-o, fazendo biquinho...

— Que linda! — Ri admirado. — Que boca linda, gostosa. — Ela tirou a mão e eu mordi a outra metade e ficamos com nossos lábios unidos enquanto mastigávamos.

— Hummm... Delicioso! — sussurrou ela quando engoliu a fruta.

— Muito deliciosoooooo. — Ela riu muito sexy com a minha resposta, passando a mão lentamente trilhando os gominhos do meu abdômen.

— Você é mais delicioso ainda... — concluiu apertando meu pau pela base e movimentando num vai e vem envolvente me fazendo rosnar.

— Ah... amor! Você precisa pegar nele todos os dias,

toda hora... Precisa ficar perto de mim, sempre! — rugi entredentes com um puta tesão.

— Ser sua escrava? — Eu neguei com a cabeça.

— Minha mulher, e num futuro próximo minha esposa, a mãe dos meus filhos. Avó dos meus netos, comandar a minha vida. — Ela travou. Eu contraí meu rosto, com meu corpo enrijecido, arrependido. Idiota! E sua mão quente, macia e delicada veio ao meu rosto em forma de concha antes de seus lábios molhados beijar embaixo do meu queixo.

— Vamos confiar em Deus! Se existir um destino traçado para nós, com certeza ele vai ajeitar as coisas, eu creio.

Lágrimas emocionadas banharam meu rosto e os dela. Nos beijamos longamente, ardentes de desejo em nos fundir num único corpo.

— Eu nunca fiz tantos pedidos a Deus como ando fazendo ultimamente. Espero que ele não se canse de mim, da minha encheção de saco. — Ela caiu na gargalhada.

— Deus nunca se cansa de seus filhos, meu amor. — Beijou-me mais uma vez. — Nunca. Até os pecadores

extremos tem o seu colo, basta arrepender-se de verdade e se entregar a ele. Seus braços estarão sempre abertos.

Eu a abracei forte, num beijo lento, mais guloso, ela separou do beijo, pegou outro morango e o lambuzou na calda de chocolate e colocou a metade na boca e eu abocanhei a outra metade. E degustamos da especiaria juntos, boca com boca.

Agarrei-a pelas nádegas levantando-a do chão. Suas pernas longas e macias entrelaçaram meu quadril, enquanto eu pressionava contra meu pênis latejando, enorme e duro.

— Eu quero sentir você mais uma vez, e outra e outra... para vida inteira. Eu te amo, Mary Lemos — sussurrei em seu ouvido enquanto depositava-a sentada sobre o tampo de mármore da mesa sentindo-a tremer.

— Eu sou todinha sua, meu amor... Faça tudo o que for do seu desejo...

— Eu não vou poupar você, sabe disto, né? — sussurrei enfiando a língua dentro de sua boca num beijo forte, e escorreguei até os seios tomando posse do que era meu, enquanto meus dedos contornavam seu interior e saíam

deslizando em seu clitóris escorregadio, fazendo a gritar alto, pendida para trás com as mãos apertadas sobre o mármore me deixando a ponto de bala. Não resistiria por muito tempo, abri suas pernas até o limite e me ajoelhei ao chão. Lambi gostoso emitindo ruídos ouvindo ela gemer, sentindo-a tremer. Mordi seus lábios vaginais, gemendo com muito tesão.

— Eu não aguento mais, vem para mim, por favor. — Enrijeci com seu clamor.

— Claro, minha linda, o seu desejo é uma ordem. — Segurando meu pau, passava a cabeçona inchada entre seus lábios, escorregando em seu líquido cremoso, quente. Sentindo espasmos por todo meu corpo, eu precisava enterrar nela se contorcendo e gemendo alto, implorando, urgente. Beijando, arrastei-a pelo quadril ajudando-a a ficar em pé à minha frente, e com muita delicadeza a coloquei de costas para mim, beijei seu pescoço dedilhando minha mão por suas costas, sentindo sua pele macia e arrepiada até a sua nuca, flexionei meus dedos e a empurrei para frente. Ela entendeu a minha pretensão e se debruçou sobre a mesa, empinando bem sua bundinha em

minha direção.

Abrindo mais suas pernas, deslizei meus dedos na sua excitação, ela gemia descontrolada lindamente pedindo por mim.

— Você é demais! — ela gritou ofegante em absoluto êxtase quando posicionei a cabeça do pênis na entrada apertadinha e, ao pressionar, ela travou a respiração. Deliciosa. Eu estava louco de tesão e para uma arremetida, eu queria devorá-la. Porém, não queria machucá-la em seu canal estreito, e fui introduzindo devagar, ela rebolava à medida que eu a preenchia deliciosamente.

— Ahhh!! Isso está muito bom... uma delícia! Hummm, gostoso!

— Está gostando, está? — Penetrei-a profundamente com movimentos mais fortes, quase furiosos e ela delirava gritando alto de tesão. Nossos corações batiam num ritmo de um tambor. — Eu quero que você me implore por tudo, só quero que se sinta feliz, realizada — proferi em voz baixa e por entredentes, sentindo as contrações involuntárias e convulsiva dos músculos pelo corpo.

O tesão nos dominava, com vontade eu comecei a dar umas estocadas profundas e mais violentas enquanto ela gemia de prazer! Quanto mais ela gemia, mais eu socava com força sentindo o quanto ela era deliciosa, ouvindo aqueles sons inspiradores saindo de sua boca, exalando de sua alma, demonstrando o quanto eu a agradava. Nós já estávamos suados.

Deslizando em seu clitóris inchado e encharcado, enterrava tudo e segurava, depois tirava e penetrava-a lentamente arrancando elogios, me deixando orgulhoso. O nosso prazer foi ficando a cada segundo mais forte, espasmos tomavam nossos corpos tremendo, meu pau crescia e pulsava dentro dela. Até que não resistimos, e gozamos juntos num único gemido. Senti seu líquido sobre meu pênis e o meu sendo despejado dentro dela.

— Você é sem dúvida alguma a mulher da minha vida — sussurrei sobre suas costas suadas, ouvindo seu ritmo cardíaco acelerado, assim como sabia que ela sentia o meu.

— E você é o homem da minha... — Abracei-a com mais força. — Bem que poderíamos viver somente neste

nosso mundo dos sonhos, né, Fernando? Nada de real... — Eu ri do seu comentário.

E a virei de frente, pegando-a no colo e levando-a para a cama.

A abracei forte, e ficamos ali, um de frente ao outro com as testas coladas nos curtindo, aguardando nossos corações voltarem ao normal. Maravilhoso! Quando o meu celular começou a tocar no bolso da minha calça, tirou-nos do clima intenso de paixão.

— E por falar em mundo real, olha ele aí... — ela ironizou ameaçando se levantar, mas eu a prendi.

— Não... Fica aqui... eu não vou atender, ninguém. Não há problemas neste mundo que vai me afastar de você, não mais... — Fechei meus olhos sabendo sua opinião. Só abri sentindo seus lábios pressionando os meus.

— Não temos escolha, existe um problema entre nós que se chama Natalie... E o mais duro é que dentro dela tem dois seres com o seu DNA... Ela é a nossa realidade, meu querido. — A informação amargou meu coração e o dela também. Ela saltou da cama e foi para o banheiro me deixando no vazio. Soltei o ar com força e fui atender.

Me troquei com rapidez após a notícia de que a Natalie estava internada com uma forte hemorragia. Uma culpa tremenda me tomou, me lembrando da forma que a deixei, quando resolvi vir atrás do amor da minha vida. Qual o preço que teria que pagar por isso?

Ela voltou para o quarto, e ficou me olhando me vestir com seus olhos imersos em lágrimas.

— Me desculpa, meu amor, o Leonardo ligou do hospital. A Natalie está hospitalizada — informei enquanto fechava meu paletó com pressa, olhando para ela por cima dos olhos. Cortou o meu coração ver a sua expressão, que se fechou de preocupação. Ela é linda por dentro e por fora, apesar de tudo ainda conseguia se preocupar com a sua maior rival.

— Ah, corre para o hospital, amor... Ela deve estar precisando muito de você. Eu sabia que errei ao aparecer por aqui. — Ela puxava para si a responsabilidade, estava nítido em sua expressão e linguagem corporal, enquanto ela veio ajeitar a minha camisa embaixo do paletó e beijou meu tórax, depois beijou meus lábios com muita sensualidade, senti algo profundo naquele gesto, e me deu

um baita medo, aquele tipo de insegurança, sabe? Meu coração acelerou com aquele beijo carinhoso, a verdade é que já estava traumatizado com o adeus.

— Não diga mais isso, nem você e nem eu temos culpa do que o destino escolheu para nós. O que aconteceu com a Natalie é apenas uma fatalidade. — Ela concordou apenas por formalidade, porque seus olhos mostravam o que realmente sentia. — Você vai esperar por mim, não vai? — perguntei segurando em seus ombros, me sentia inseguro.

Ela sorriu assentindo que sim de cabeça com os lábios fechados, eu notei em seus olhos a mentira, ela hesitava, não estava sendo sincera. E eu não queria sair dali sem ela, eu estava temeroso. E a abracei forte, muito forte.

— Onde você está morando, Mary? — insisti por receio, lembrando-me de que ainda não tinha esta informação. Ela fez aquela carinha de não precisa, eu não vou a lugar algum e então seus lábios se abriram, cedendo.

— No interior, meu amor... — Com o dedo indicador direito ela pincelou a ponta do meu nariz, me transmitindo

segurança. — Tem coisas mais importantes para pensar agora. Não se preocupe, eu estarei aqui te aguardando e a gente conversa com calma. — Ergui as sobrancelhas, incerto, ela sorriu com sinceridade. — Está perdendo muito tempo, Fernando... Vai logo para o hospital... — impetrou ela em um tom de voz angustiante. Talvez a mesma culpa que me rondava, a rondava também.

— Eu vou sim... mas antes me garanta que vai me esperar, mais uma vez — implorei prendendo meu olhar ao dela. — A nossa conversa não pode ser mais adiada, e você tem que concordar comigo. — Ela disse sim, apenas de cabeça, deslizando as costas dos dedos pelo meu maxilar. — O que sentimos um pelo outro é algo muito forte que não nos deixa fazer mais nada a não ser tocar, sentir... — Ela baixou os olhos. Eu segurei em seu queixo erguendo, obrigando-a a me encarar.

— Os nossos olhos e alma se conectam perfeitamente — disse ela, mas eu não resisti e selei seus lábios num rápido beijo muito carinhoso. — Não demora, tá? — ela completou num fio de voz embargado. Não era o que eu queria ouvir, porém com a pressa que estava foi o

suficiente naquele momento.

Eu não tinha dúvidas dos meus sentimentos por ela. Olhando-a eu sabia que meu amor por ela era para a vida toda. Já estava comprovado que só com ela eu estaria completamente feliz.

— Eu não posso passar nem mais um dia sem você. A gente vai entrar num acordo e encontrar o meio termo... Além do mais, eu ainda te devo a minha história, lembra? — Ela aderiu mais uma vez ao silêncio, seus olhos brilhavam com as lágrimas nascendo, e nesse momento senti um pânico terrível. Ela não respondia, me deixando ainda indeciso sobre sair por aquela porta. Segurei em seu rosto e nutri de cada traço perfeito dela. — Eu preciso saber o que você anda fazendo, Mary. Sobre sua herança... tudo... Por favor, não desapareça mais da minha vida. Eu não suportaria mais a distância... estou até com receio de sair por aquela porta — fui sincero. Na ponta dos pés, ela segurou em meu rosto e beijou sobre minhas pálpebras fechadas.

— Vai com Deus, meu lindo, meu fofo, meu tudo... — disse ela com a mão em forma de concha sobre minha

face. Eu apertei-a contra meu ombro e virei o rosto beijando sua mão macia e quente. E a abracei forte, esmagando seu seio em meu peito, acariciando suas costas nuas, tão minha...

— Eu volto logo, espera por mim — sussurrei em seu ouvido e a beijei profundamente.

— Estarei aqui te esperando... — ela disse num fio de voz quase imperceptível. Eu avancei dois passos sem soltar de suas mãos, nossos olhos novamente se comunicavam em sua própria linguagem e soltei um beijo no ar, ela mandou outro e, então, a contragosto, eu abri aquela porta, só Deus sabe o quanto foi difícil aquela minha ação.

Eu juro que gostaria de uma outra opção. Beijei-a mais uma vez e saí por aquela porta, apavorado, com o remorso me dominando.

Capítulo 4

Mary

O mundo desabou sobre a minha cabeça assim que aquela porta se fechou, tudo foi devastado dentro de mim se resumindo a nada, ao pó. A nossa história estava fadada ao fracasso, eu sei que sim... Mais uma vez, o destino gritou nos assustando para nos separar de uma vez.

Já começava a acreditar que a Natalie não tinha culpa alguma por estar entre nós, servindo como uma barreira de aço... Ela parecia mais um instrumento enviado a Terra por Deus, para evitar a nossa união. Eu não conseguia sentir ódio dela, aliás, era humanamente impossível sentir ódio de alguém.

A cada dia que passava eu começava a crer que eu nasci predestinada a servir apenas, e não para ser servida... Só eu poderia amar, eu estava proibida de ser amada.

De frente para aquela porta fechada eu respirava tão profundamente, que chegou a doer meu peito, pensando

que eu não sou capaz de segurar aquela onda. O fardo é pesado demais, está acima do que eu posso suportar. Porém, eu precisava ser forte pelo Fernando, por tudo o que ele significava em minha vida, eu prometi a ele que estaria aqui quando voltasse. Só pedia a Deus para amparar a Natalie e seus filhos, pois se algo de grave acontecesse com eles eu não me perdoaria jamais.

Ah, Deus! Ergui minha cabeça com os olhos fechados enquanto as lágrimas em forma de cachoeira desciam em cascadas pelas laterais do meu rosto. Começava a acreditar que pegamos a pista errada na bifurcação, a que dá para o precipício. Ou talvez seja a certa, eu não sabia ao certo! Talvez ficar com o Fernando signifique mesmo o abismo... Quem é que sabe? Ninguém... É um futuro incerto. A linha do nosso futuro não foi escrita, e nós estávamos forçando a barra.

O meu próximo passo seria o mais doloroso. Estava diante de uma difícil decisão, decisão necessária e urgente, eu não podia esperar mais.

Toda a estrutura que criei dos Estados Unidos até aqui, planejando seguir ao lado do Fernando mesmo com todos

os problemas, agora ruiu por completo e desabou, o alicerce não suportou o terremoto.

Depois de tê-lo em meus braços, experimentar o seu sabor novamente eu sobrepus a minha consciência das ameaças psicológicas da Natalie. Só que agora a coisa mudou de figura, a trilha era perigosa e vidas estavam em jogo. Será que eu estava preparada para algo desta natureza?

Um passo em falso e eu colocaria, não só a mim e o Fernando a uma tristeza profunda, como também arrebentaria o coração de outras pessoas, a Natalie, seus dois filhos, que estão quase aqui, sua mãe e até mesmo seu irmão. Toda a sua família... Acabei de crer que eu não passava de uma intrusa naquela família. E teria que partir o quanto antes, eu relutava a acreditar, mas estava cada vez mais claro: São Paulo se mostrava lotado, sem mais espaço para mim.

Sentei ao pé da cama e cruzei meus dedos e ali, varri cada canto daquela imensa suíte luxuosa. Tudo tão bonito e ficaria ali muito de mim e do Fernando, uma marca para a eternidade.

Meu coração estava sangrando, doía tanto... com o nosso caso sem solução...

Me joguei de costas na cama e estiquei meu braço para pegar meu celular sobre o móvel ali próxima e disquei o número do celular da minha tia, em busca do seu consolo e conselho. Ninguém melhor do que ela para me ajudar, era engraçado o vazio que eu sentia naquele instante: a minha vida toda lutei por milhares de pessoas, sempre envolvida entre elas, no entanto neste instante eu estava sozinha, sem nenhuma melhor amiga para ligar e desabafar, esvaziar um pouco esta angústia que me dilacera por dentro.

Comecei a rir refletindo ali, sozinha! Talvez o fato de não ter uma melhor amiga esteja relacionado a minha falta de tempo de parar para conversar, jogar conversa fora, dar espaço para o nascimento de uma verdadeira amizade. Eu tinha milhões de afazeres à minha espera, não havia espaço para lentidão, não havia espaço para mim, doei todo o meu tempo. E tudo me fazia falta neste momento doloroso...

Ela atendeu ao terceiro toque, tirando-me de meus

devaneios, e ainda quase cochichava como se não quisesse que ninguém soubesse que era eu. Assim deveria ser minha vida, no anonimato! Exatamente isso que estou dizendo, não havia mais espaço para mim em nada por aqui.

— Oi, minha querida, o Fernando já saiu daí? — Sua voz aflita me deixou arrasada e não consegui evitar mais lágrimas que caíam ao redor de minha face em direção ao colchão, inundando toda a roupa de cama. Ela nem perguntou se eu estava bem, se meu coração estava doendo, nada... Eu não era nada neste mundo cruel... Desabei em silêncio para falar.

— Já sim, tia — Minha voz saiu embargada e notei sua respiração pesada, ela me conhecia como ninguém. —, deve estar chegando...

— Me desculpa, eu não queria dar a ele o seu endereço, mas ele tomou o papel da minha mão e...

— Não precisa explicar — a interrompi e respirei fundo, me sentando com os pés afundando no tapete aos pés da cama. “Ana, você está falando com a Mary?”, ouvia a voz desesperada de dona Vera e senti meu corpo

congelar, de repente temia que ela arrancasse o telefone da mão da minha tia com ofensas.

— *Sim, é ela.* — Ouvi minha tia dizer. — *Ele já saiu de lá sim, dona Vera...*

Comigo nunca ninguém se preocupava...

— Me desculpa, querida. A dona Vera está agoniada aqui perguntando do Fernando. Todos estamos... — explicou ela um segundo depois.

— Tranquiliza-a, tia. Ele deve estar estourando por aí... — Solucei baixinho. — E como a prima dele está? — indaguei com aquela sensação de culpa me corroendo por dentro.

— Agora ela está melhor, Mary... — Soltou o ar, exausta antes de continuar: — Menina, foi uma confusão dos infernos lá no estacionamento do Anhembi depois que você foi embora. Você nem imagina! — Ela fez um tremendo suspense.

— Eu imagino! — falei fechando os olhos, me recordando em seus braços.

— Não. Você não faz ideia... o Fernando ficou transtornado, queria o seu contato de qualquer jeito, e a

crise foi na frente de todos nós, e a Natalie, que já não vinha muito bem nestes dias, desabou, né? — Ela soltou o ar em desaprovação, eu senti naquele gesto como se ela me acusasse pelo ocorrido. E acho que eu estava mesmo atrapalhando a vida daquela família. — Isto precisa parar, é necessário ficar longe dele, minha filha, pelo menos por enquanto, até estas crianças nascerem, eu temo que este amor com o Fernando ainda possa lhe trazer arrependimentos futuros. — alertou-me com apreensão.

Eu a entendia muito bem, porém como eu poderia ir contra os meus sentimentos, como? Eu sequer consigo pensar na possibilidade de ficar sem ele.

— Tem razão, tia... — Solucei sentindo um grande aperto no coração em concordar com ela. — Esta era justamente a pauta do meu pensamento. Já passou mesmo da hora de eu tomar juízo. Depois deste episódio, quero dizer quase tragédia, vejo que minha vida não é mesmo ao lado dele. Estou começando a acreditar que existe uma conspiração contra esse amor. Eu prometi que esperaria por ele aqui. Depois da gente conversar, explicar direitinho o meu ponto de vista, nós partiremos em

seguida...

— Não, Mary. — Sua voz exasperada do outro lado da linha me interrompeu, me assustando. — Você só pode ter perdido o bom senso, minha filha! Isto não vai acabar bem...O Fernando é obcecado por você, nunca a deixará partir. A Natalie poderia ter morrido, seus filhos também... — Enrijeci com a constatação óbvia. — A coisa é mais séria do que parece, meu amor! Você não conseguiria conviver com a culpa da morte de alguém, nem o Fernando, ninguém pode. Eu não posso permitir que você prossiga com esta história, para ser sincera você nem deveria ter vindo a São Paulo. Graças a Deus não ocorreu nada mais grave. Eu tenho muito medo do que possa acontecer, querida... Por favor, Mary, vamos embora urgente.

— Por favor, tia... — pedi pela sua compreensão em prantos enquanto ela grunhia do outro lado com impaciência.

— Me desculpa a sinceridade, mas eu, como sua tia e tutora, preciso abrir-lhe os olhos. Não avise o Fernando, só assim poderá deixar a cidade... — Ela pausou para

uma longa respiração. — é a coisa certa a fazer.

— Eu fiz uma promessa a ele, me deixe, pelo menos, conversar. — Eu não podia aceitar sua condição. *Ir embora sem satisfação... Como?*

— Quando estiver bem longe, você liga e explica. Pense que estará fazendo isso pela saúde da Natalie e das crianças inocentes, que estão a caminho, e pela paz de espírito de vocês dois. Saia deste hotel e se hospede em outro local para não correr o risco de encontrar com ele novamente. Vamos embora juntas, eu e você... Eu estou do seu lado, meu anjo, seja forte, por favor. E lembre-se de que não é um pedido, é uma *ordem* — frisou veementemente.

Fechei meus olhos, puxando para mim toda a responsabilidade do ocorrido. Se eu tivesse me segurado e esperado até o fim do evento aqui no hotel, teria evitado todos estes dissabores. Agora não adiantaria chorar o leite derramado, seguir os conselhos da minha tia era o mais sensato a fazer. Ela estava coberta de razão.

— Certo. Então vá buscar suas malas, a gente precisa partir ainda hoje, JÁ! — exigi diretamente para não

fraquejar.

— AGORA? — ela gritou sem notar. — Ah, meu Deus! — disse baixinho e, em seguida, veio o silêncio. Eu até podia visualizar ela olhando ao redor para saber se alguém notou seu descontrole. — Você me assustou, esqueci até de onde estou... Mas que loucura é essa, menina? É noite e também não posso sair daqui agora e simplesmente ir embora. Eu preciso pedir minhas contas, dar satisfação e...

— Me faz exigências, então eu tenho o direito do retorno. — Ela rosnou em desaprovação. — Eu não vou resistir se ficar por perto, esta é a realidade. Em relação ao Fernando, eu sou fraca e me rendo. Não necessita de nenhuma indenização, eu tenho dinheiro o suficiente... saia já deste hospital, tia — interrompi-a e houve um silêncio de reflexão. — Se pedir a conta, o Fernando vai desconfiar, ele a impedirá de partir, nos deixar, na verdade. E sem você eu não vou, esta é a minha decisão final. — Bati o pé. — Por favor, tia, me ajuda, saia de fininho sem nenhum pretexto e vá buscar suas malas... Por favor? — implorei sem derramar uma gota sequer de

lágrima, meu estoque chegou ao final.

— Você tem razão, minha querida, toda razão! — concordou ela. — Olha... então vou sair aqui da emergência antes do Fernando chegar, pego um táxi até em casa e deixo um bilhete para a dona Vera explicando.

— Obrigada, tia... Eu pago a sua indenização... fica tranquila. — Ouvi um estalar de língua.

— Morar com a minha sobrinha querida sempre foi um sonho, finalmente vai acontecer. — Assenti com os lábios fechados enquanto a dor me consumia.

— Vamos iniciar uma nova vida, eu e a senhora... — As palavras saíam sem nenhuma convicção.

— Tudo bem, meu amor...

— Eu pego você daqui a uma hora na travessa da rua da casa do Fernando, onde eu estacionei da outra vez, você se lembra?

— Lembro, sim... Até daqui a pouco então, tchau.

Dentro do meu carro velhinho, eu via as luzes da cidade de São Paulo, conhecida como a cidade que nunca dorme se acendendo à medida que a escuridão tomava o céu. As luzes dos postes, dos painéis, tudo era tão lindo, dando um

show à parte. E nem com tanta beleza, a melancolia não me permitia admirar da forma como merecia.

Aquelas filas intermináveis de carros nos faróis, o que era de costume na cidade com os sons ensurdecedores de suas buzinas, com todo mundo apressado para chegar ao seu destino, ganhou a calmaria neste início de noite de sábado. Através do céu escuro ainda podia se ver aquelas porções de nuvens negras carregadas se movimentando lá em cima, em silêncio. A chuva furiosa se acalmou, o vento passou, agora a brisa era leve e fresca. Tudo parecia calmo, só o meu coração batendo forte em meu peito não conseguia encontrar seu equilíbrio. Eu tentava pedir paciência que logo tudo isso ficaria para trás, mas ele se recusava a me escutar. Continuou ali se punindo e de quebra fazendo todos os meus órgãos sofrerem com o seu desequilíbrio.

Estacionei o carro e desliguei o motor e tudo ficou um breu, joguei minhas costas no banco e permaneci ali à espera da minha tia e rezava para ela não demorar muito, senão eu não sei se conseguiria dar seguimento no meu plano. No silêncio, só o toque do celular vibrando sobre o

banco do passageiro se fazia presente, ele e a minha respiração acelerada e minhas fungadas. Não estava sendo fácil ver seu lindo rosto ali se revelando na tela do meu celular com sua luz néon queimando o meu coração. E ele não desistia nunca...

— Mary? Mary — Pulei sobre o banco de susto com as batidas no vidro e destravei o carro, a luz forte cintilou o rosto da minha tia com o celular voltando a vibrar sobre o banco. Seus lábios reprimiram enquanto eu me endireitei e agarrei o volante com força.

— Entra logo, tia, antes que eu abdique — falei tentando ser convincente pegando o telefone e recusando a ligação. Abri o porta-luvas e joguei o aparelho lá dentro com minha tia me olhando em desaprovação. — O que foi? — indaguei e, então, ela deu de ombros.

— Abre o porta-malas, vou guardar minha mala. — Acenou e eu destravei. E quando voltou era possível sentir a vibração do celular por todo o carro.

— Será que não seria melhor falar com ele, Mary? — questionou ela enquanto tentava colocar o cinto de segurança quebrado, como muitos outros acessórios por

todo o veículo, sem condição de conserto, e então desistiu. Eu soltei o ar com força antes de virar a cabeça para fitá-la, grunhindo.

— Não foi você mesma que me convenceu para ligar só quando estivermos bem longe daqui? — Ela deu de ombros com aquela expressão comovida. Neguei com a cabeça tão triste como ela. — Se eu atender não vou conseguir deixá-lo, eu sei que não... — Ela cerrou os olhos. — Ainda acredita que devo atender? — Joguei a responsabilidade sobre ela, que apertou os lábios confusa. Tudo em minha vida era um emaranhado de confusão.

Suas mãos vieram sobre a minha perna e apertou em compaixão.

— Vamos embora... — sugeriu ajuizada.

Dei partida e segui em frente, fizemos um longo percurso em silêncio, eu não tinha coragem de perguntar e ela nem ânimo de dizer. Ambas sabíamos a gravidade de tudo, e entendíamos que a distância seria o melhor remédio para curar tantas feridas inflamadas.

— E onde passaremos a noite, nossa passagem é para amanhã? — ela perguntou quase uma hora depois. Já

havíamos acessado a BR-050, a Rodovia Federal radial do Brasil. É considerada como uma das rodovias mais movimentadas do país, pois liga a capital federal à maior metrópole brasileira, São Paulo.

— Eu não pretendo parar para dormir, tia — Dei uma rápida olhada para seu lado. — Estamos a caminho de Uberlândia. — Suas sobrancelhas subiram curiosas. — Além de ser apenas 591 Km daqui de São Paulo, ainda quero aproveitar para olhar de perto como andam as coisas por lá. Pode até soar estranho, mas ainda não conheço pessoalmente a fazenda. Estava tão desorientada da última vez, que acabei do hotel partindo para Flórida. Gostaria de me certificar com meus próprios olhos se os recursos enviados estão sendo bem aplicados conforme os relatórios apresentados.

— Hum-hum... — Ela torceu a boca e inclinou para frente olhando para o céu fixamente, o medo alcançando seu rosto. E suavizou em seguida, se deparando com as estrelas dando seu ar de glória. — Pelo menos, não está chovendo — comentou ela voltando a encostar-se ao seu banco e, cruzando os braços, soltou o ar exausta. Eu sabia

que ela estava se preparando para entrar no assunto Albuquerque e eu não precisei esperar muito para que isso acontecesse.

— Estou com um aperto no coração, Mary. — Colocou a mão direita sobre seu peito, e eu dei mais uma olhada para seu lado sem questionar para ver sobre o assunto que ela entraria. — A dona Vera não vai entender, aquele bilhete... Ela vai ficar muito magoada comigo — confessou tristemente e agora foi a minha vez de apertar sua perna em solidariedade.

— Mil desculpas por envolver a senhora nesta trama descabida, tia — fui sincera e ela sacudiu a cabeça de um lado ao outro.

— Você não tem culpa de nada, imagina! — começou ela e me encarou. — Para ser bem sincera, me parte o coração ver vocês dois sofrendo. Ele te ama de verdade, minha querida, e olha só para você. — Joguei meu olhar, cansado e irritado, que o excesso de lágrimas deixou. — Não tem mais aquele sorriso de felicidade que vivia estampado em seu rosto. — Suspirou. — É de fazer a gente chorar. Não é justo separar duas pessoas que se

amam assim. — Seus olhos umedeceram e os meus queriam seguir seu exemplo, reprimi. Eu não ia mais chorar, ergui a cabeça e em mais uma rápida olhada, determinada.

— Deus tem outros planos para nós, tia. Eu creio nisto... — fui firme na minha conclusão, mesmo com o meu coração demonstrando o contrário, querendo arrebentar minhas costelas. — Agora, pelo menos, eu posso me dedicar ao meu trabalho voluntário e melhor ainda: hoje eu tenho recursos para investir, este lado vai nutrir o meu coração. É muito bom ver a alegria no rosto das pessoas. — Neste quesito eu fui sincera. E ela sorriu orgulhosa da minha decisão.

— É... — concordou ela, fixando seus olhos na estrada escura, iluminada pelos faróis dos carros que andavam todos num mesmo ritmo, respeitando o limite máximo de velocidade. — De repente, seu destino seja mesmo outro. E o Luiz Augusto, tem falado com ele?

— Nunca mais o vi — Dei de ombros. — e é melhor assim. Eu joguei sujo agindo com desonestidade e ainda confessei que amava o Fernando. Feri muito o seu coração

e ele não merecia este tratamento. Eu torço muito para que encontre alguém que o ame, uma pessoa melhor do que eu.

— Oh, minha filha! — Ela encostou sua cabeça em meu braço e sua mão direita me abraçou pela barriga. Eu beijei sua cabeça com carinho enorme. — Você é a melhor pessoa deste mundo, não existe ninguém semelhante — ela garantiu com uma convicção que me emocionou e endireitou o corpo alisando meu rosto, eu fechei os olhos por uma fração de segundos sentindo o calor que ela me transmitia ao toque. Eu precisava daquele ombro e muito.

— Ainda bem que concordou vir comigo, eu não conseguiria sem a senhora — admiti e ela sorriu.

— A partir de agora nunca mais ficaremos separadas. — Eu concordei de cabeça.

— Nunca mais...

Fernando

Já passava das 20h30, eu perdi a conta de quantas vezes tentei ligar para o celular da Mary. Ainda bem que eu gravei o número, quando peguei o papel das mãos da Ana. Aproveitava os momentos que os médicos entravam no quarto para assistir a Natalie, pois ela me sufocava, não me deixando respirar. Era só me afastar e ela começava a me chamar.

— *Oi...* — Sua voz suave gravada inicia novamente. — *No momento eu não posso atender, deixe seu recado que retorno assim que possível!* — Em seguida soou o sinal sonoro. Um barulho que àquela altura do campeonato doeu em meus ouvidos com aquele aperto no meu coração. Estava com um péssimo pressentimento e, desta vez, resolvi deixar o recado na esperança dela estar ali me ouvindo, ou mesmo me ligar em seguida.

— Amor, sou eu... — cochichei no canto do corredor, longe das pessoas sentadas nas poltronas confortáveis próximas à porta do quarto. — Me liga urgente, não me deixa aqui aflito sem notícias suas, por favor... Estou esperando... Eu te amo muitooo... — Fechei meus olhos,

desliguei e fiquei ali por algum tempo olhando para o aparelho em minhas mãos trêmulas e frias.

Lá dentro, no mais profundo de mim, eu sentia algo muito ruim conspirando ao redor, balancei a cabeça para reprimir os pensamentos óbvios. Estava ansioso para ouvi-la. Aquilo estava tirando meu sossego.

Me sentei na confortável poltrona em couro no fim do corredor enquanto minhas mãos repousavam nos largos braços. Toda a construção moderna, design e decoração do hospital era acolhedora e aconchegante, que mais pareciam com hotéis com todos os elementos de estilo e elegância. As paredes brancas estéreis e decoração estática deram espaço as cores vibrantes e materiais atraentes no interior e exterior. Apesar disto, eu tenho que concordar que sempre fui um medroso em ambientes como este. Me traziam as lembranças do meu pai, em seus últimos suspiros.

Apesar de sempre me mostrar no comando, confiante, havia este lado de insegurança que procurava esconder. A Mary trouxe um novo caminho para que prosseguisse nele, eu começava a olhar para dentro de mim mesmo. E pensar

que eu nunca fui o homem de ferro que sempre pensei ser. Era muito mais frágil do que poderia imaginar.

Grunhi ali sozinho enquanto observava minha mãe sentada numa das poltronas, tão abatida, e mesmo assim ela conseguia manter seu status de mulher fina, requintada. Na poltrona ao seu lado estava o Leonardo, meu irmão maravilhoso, e eu nunca senti tanta inveja do seu jeito despretensioso e simples de viver a vida. Algo que repudiei até botar meus olhos na Mary, ele conversava distraído com o meu tio Gustavo. Todos estavam muito esgotados, era nítido em cada um dos rostos.

Eram momentos especiais que eu vivia em minha vida, tudo dela foi absorvido por mim e percebi que não precisava de fortunas para me sentir feliz, completo, de repente todo aquele luxo se resumiu a algo tão pequeno, sem muita importância. E agora aqui estava eu, pertencia agora a uma espécie de homens que sempre colocava a emoção à frente da razão. Porque agora eu sabia, a emoção alimentava a razão e no fim tudo se fundia em uma única coisa. Era a emoção fundindo a ação.

De repente senti falta da Ana, quando cheguei há três

horas ela já não estava aqui, e quando questionei minha mãe, ela também não sabia. Não demos muita importância, pois a conclusão de todos era que ele deveria estar no banheiro ou mesmo ter ido a lanchonete a fim de se alimentar. Intrigado fui até minha mãe, suas pálpebras se fechavam lentamente e sua cabeça pendia sobre os ombros em fortes piscadas.

— Vá para casa descansar, mamãe. — Coloquei minha mão em forma de concha em seu rosto quente, ela suspirou se ajeitando na poltrona e levantou os olhos vermelhos, sonolentos, em busca dos meus.

— A Natalie pode precisar de mim e...

— Eu também acho que você precisa descansar, minha irmã, eu levo você para casa — interveio meu tio, cortando-a. E já se levantou. Ri do seu jeito, uma atitude que conhecia dele quando estava muito cansado.

— Eu não sei... — Ela coçou atrás da cabeça, indecisa.

— Fica tranquila, mãe, o sangramento está estabilizado, e o médico já explicou, que mesmo com o deslocamento prematuro da placenta, ela pode descansar em casa. Por enquanto, nem vai precisar de medicação, só se mais

adiante houver a necessidade de um parto prematuro.

Ela mordeu o canto da boca ainda em dúvida e então se levantou.

— Acha mesmo que vai ficar bem, aqui sozinho? — perguntou ela passando sua mão sobre meu peito. Eu segurei e levei aos lábios e a beijei, confiante.

— Sou adulto o suficiente para cuidar de problemas como este. — Ela sorriu, orgulhosa.

— Eu vou ficar por aqui mais um pouco, mãe — informou o Leonardo, se levantando e bateu levemente em meu ombro. — Só vou tomar um café para me manter acordado. — E caminhou pelo corredor se distanciando e eu aproveitei para saber da Ana.

— Será que a Ana foi para casa? — indaguei com os olhos cerrados olhando ao redor como se a procurasse, e ela suspirou.

— Boa pergunta, Fernando — disse em seguida. — Ela sumiu, né?

— Pois é... Liga lá em casa para confirmar. — Ela inclinou a cabeça em advertência e eu apertei meus lábios. — Eu não estou conseguindo falar com a Mary,

estou superpreocupado. — Ela me abraçou forte e bateu levemente em minhas costas em tom de apoio.

— Eu sinto muito, meu querido, por tudo o que você está passando. — Ela se afastou e segurou em meus ombros, sondando meu rosto, e uma linha fina de tristeza surgiu em seus lábios. — E como foi a conversa de vocês, conseguiram encontrar um eixo? — Eu neguei sacudindo a cabeça e baixei os olhos.

— Nem sei se deveria te falar isso. — Levantei os olhos encarando-a. — Os nossos sentimentos não permitem que conversemos primeiro. E quando a gente vai tentar acontece alguma coisa para nos desviar, eu não entendo... — confessei e ela beijou meu rosto e se afastou pegando o celular em sua bolsa e discou o número de casa e, quando ninguém atendeu, ela tentou no celular da Ana e deu caixa postal.

— Ela deve estar dormindo, coitada! Você colocou ela bem na mira do fogo, ela deve estar esgotada... — comentou ela e eu concordei.

— Me desculpe pelo vexame... Nem sei o que me deu. — Ela bateu em meu rosto.

— Mas eu sei exatamente, meu filho... É o amor... — Sorrindo, eu respirei fundo visualizando a Mary em meus braços, me arrepiei todo e segurando em suas mãos apertei.

— FERNANDO, FERNANDO? — A voz de pânico da Natalie chegou a nós ali no corredor quando os médicos e enfermeiras saíam ao fim do procedimento.

— O dever me chama — ironizei e ela sorriu com pesar.

— Você é uma pessoa espetacular, sabia? — Encolhi os ombros.

— Eu preciso cuidar de todos — falei desanimado. Eu precisava de liberdade, e urgente, senão acabaria morrendo sufocado.

— Eu vou indo, meu amor — informou ela jogando seu olhar em meu tio conversando com um dos médicos que acabara de sair do quarto a alguns metros de nós. — Você me leva para casa então, Gustavo?

— É claro que sim! — respondeu ele, de prontidão.

— Mãe? — chamei antes deles virarem o corredor. — Me liga assim que chegar em casa para me dar notícias da

Ana, tudo bem? — Ela assentiu sorrindo com os lábios reprimidos.

— Obrigado — murmurei quando eles cruzaram o corredor e eu entrei no quarto.

— Ah, meu amor, vem aqui pertinho de mim, vem — Com seus cabelos dourados espalhados pelo travesseiro de fronha branca, Natalie estendeu sua mão, me chamando. Respirei fundo antes de me aproximar, precisava de equilíbrio para digerir tudo que a vida estava me dando. Fácil não estava, só que eu não tinha escolha, me aproximei da cama e segurei em sua mão, ela apertou e me puxou para um abraço.

— Cuidado, sua maluquinha — disse tentando me afastar, preocupado com sua barriga. Ela não me soltou começou a beijar meu rosto sem parar.

— Eu deveria estar com ódio de você por ter ido atrás daquela lá. No entanto, eu entendo que baguncei um pouco a sua vida e te perdoo. — Minhas pálpebras se fecharam involuntárias quando meu coração palpitou. — Mas, olha, você não pode se afastar de mim, dos seus filhos, Fernando. — Sua mão direita deslizou por toda a sua

barriga me lembrando deles. — Não pode... — proferiu ela com a voz embargada que eu não pude deixar de me emocionar. Afinal, ela sempre teve um espaço especial em meu peito. Cuidei dela como a irmãzinha que não tive. Sua cabeça arqueou e seus lábios vinham aos meus quando, com as mãos apoiada sobre a cama para não apertá-la, beijei sua testa. Uma doida!

— Eu estou aqui, não estou? — Forçava meu corpo para trás e ela se manteve firme agarrada aos meus ombros. — Natalie, assim vou machucar as crianças! — alertei-a. Ela fechou os olhos me segurando firme.

— O seu coração não... Eu preciso dele junto a mim, será que é difícil de você entender? — Seus olhos lacrimejaram em contato com os meus. Sorri fraco e baixei os meus por um instante.

— A gente não escolhe quem ama, eu sinto muito! — fui sincero, mesmo sabendo das consequências daquelas minhas palavras com ela ali, tão debilitada e frágil e consegui me libertar de suas mãos, finalmente! Puxei a poltrona perto da janela para mais próxima da cama, me sentei e segurei em sua mão.

— Um dia, eu vou conseguir fazer o seu coração bater forte por mim, eu prometo.

Não faça uma promessa que não pode cumprir! Fiquei em silêncio e ela continuou:

— Eu espero que cenas como as de hoje não se repitam mais. — Aquilo soou mais como um alerta e levantei os olhos me deparando com os azuis-claros ameaçadores dela. — Eu sou capaz de coisas horríveis, Fernando. — Não soou, não. Era mesmo uma ameaça e apertei meus olhos sem acreditar que, mesmo nas condições que se encontrava ainda tinha forças para falar amargamente.

— É melhor não dizer... — adverti-a de forma ríspida. Ela bateu com as mãos abertas no colchão ao lado do corpo me afrontando descaradamente.

— Eu me mato, mato seus filhos... e você vai amargar a culpa pelo resto de sua vida... — Balancei a cabeça, indignado.

— Cale a sua boca, Natalie... — Comecei a perceber que ela tramitava para a área bipolar e que um tratamento era imprescindível. — Está ficando biruta, menina? — Ela deu de ombros com uma expressão firme que me deu

um medo generalizado e me levantei e fiquei inclinado sobre ela, incrédulo com aquele tipo de intimidação.

— Estou me sentindo um lixo, pensa que é fácil ver o homem que a gente ama, o pai dos meus filhos, correndo atrás de uma qualquer... — Balançou a cabeça, amofinada, me deixando irritado.

Para me afrontar ela estava bem, né?

— Por favor, não fale assim da Mary — pedi calmamente; ela caiu na gargalhada, nervosa e desviou do meu olhar de fúria.

— Eu falo do jeito que quiser, Fernando. — Com a cabeça levemente arqueada ela me afrontava, eu fiquei estático sem reação. Eu não poderia me exaltar, devia pensar na sua saúde fragilizada. — Esta Mary é e sempre será uma qualquer, ela surgiu ontem em nossas vidas, enquanto eu estou ao seu lado há dezenove anos e sempre te amando. Vou exigir os meus direitos, não vou permitir mais que se aproxime dela... VOCÊ ME ENTENDEU, FUI CLARA? — gritou me deixando atormentado com a falta de ar que a tomou e suas duas mãos foram sobre a barriga. — Ai, ai... — começou a gemer e se contorcer de

dor. Imediatamente eu apertei a campainha chamando as enfermeiras.

— O que foi? — Leonardo entrou correndo no quarto.

— Ela se exaltou... veja se as enfermeiras já estão vindo? — pedi, aflito, enquanto passava a mão sobre sua testa tentando ajudá-la de alguma forma e me odiando por ser o responsável pelo seu sofrimento.

Ele mal saiu no corredor e se deparou com duas enfermeiras chegando. Uma senhora de uns cinquenta anos, baixa, rechonchuda, com os cabelos pretos presos num coque acima da cabeça; e a outra, uma jovem de não mais de trinta anos, alta, magra e olhos castanho-claros como os cabelos também presos num coque.

— O senhor poderia nos dar licença, por favor? — pediu a senhora se postando ao meu lado.

— Sim, claro! — Saí do quarto juntamente com o Leonardo enquanto elas faziam todos os procedimentos para tranquilizá-la.

— Sei que não está sendo fácil lidar com tudo isso, mas você vai conseguir, mano. — Leonardo bateu em meu ombro enquanto eu apertava meu queixo com a cabeça

erguida.

Ninguém é capaz de saber o que estou passando!

— Uma grande tempestade está passando pelo meu caminho... — Soltei o ar lentamente e fechei meus olhos com os dele cintilando solidários.

— Mas é preciso ter paciência, a gravidez da Natalie requer cuidados — lembrou-me. Concordei com um movimento de cabeça e o olhei sério, mesmo estando farto de toda situação.

— Estou ciente de tudo e tenho dado o meu melhor, Leonardo. O problema é que eu amo a Mary, é um sentimento que enriquece a minha alma, não há como reprimir... Não controlo mais as minhas emoções. Tá foda! — Cruzei os braços na altura do peito em tom de birra, como um garoto sem nenhum juízo, e ele riu.

— A situação da Natalie é delicada... Espera as crianças nascerem, aí você toma uma atitude, por enquanto tente se manter no controle... — repetiu o mesmo que todo mundo. E eu tinha que concordar, estava sendo prudente. Quem diria que um dia ele me daria conselhos cheios de sabedoria... Suspirei, orgulhoso.

— A Natalie fez ameaças terríveis... — comecei a falar e ele ergueu a sobrancelha, curioso. — Ela ameaçou se matar, ela e as crianças — emendei. Uma expressão de pavor tomou seu rosto e ele se benzeu.

— Cruz credo! Maluca... — concluiu ele, aterrorizado. Repousei a mão em seu ombro.

— Nós dois sabemos que ela é bem capaz de tal barbárie. — Ele afirmou que sim de cabeça e me olhou.

— Eu vou ajudar você, Fernando, não se preocupe. Ficarei ao seu lado até tudo se resolver, eu prometo. — Agradecido, eu o puxei para um abraço forte.

— Valeu, Leo... de verdade! — falei olhando diretamente em seus olhos segurando em seus ombros. Ele assentiu.

— FERNANDO? FERNANDO, ENTRA AQUI, QUERIDO! — Natalie gritou assim que as enfermeiras saíram e me deixou em paz com a notícia de que ela e as crianças estavam bem.

— Vai lá fazer companhia a ela... Eu acho que vou para casa, estou precisando de um banho e tirar estas roupas — disse olhando para si. Ainda estávamos com as roupas do

evento.

— Pode ir tranquilo... eu vou ficar aqui, farei companhia a ela. — Ele riu e deu de ombros tipo: *Fazer o quê?*

— Não tem escolha, meu irmão. — Ele me olhava penalizado. — Ela não para de gritar por você — completou com humor e bateu no meu ombro, se afastando. — Vou nessa. — Eu respirei fundo antes de entrar e enfrentar a fera.

Despertei com uma dor horrível na lateral do meu pescoço sustentando a cabeça sobre o meu ombro sem que eu conseguisse movê-lo. Tentei abrir meus olhos, inutilmente, e quando consegui foi apenas uma frestinha, olhei pelo canto do olho e percebi uma claridade que antes não existia no quarto. Com a poltrona virada para a janela, de costas para a cama da Natalie eu fiquei ali um bom tempo, olhando pela janela com as cortinas escancaradas, contemplando as estrelas, antes de dormir, numa pilha de nervos, esperando a ligação da minha mãe, e tentando ligar para a Mary enquanto a Natalie, após os medicamentos fortes, mergulhou num sono profundo. Eu

esperei tanto que acabei adormecendo, isso já era de madrugada.

E ao me lembrar dela me deu uma ansiedade terrível, tudo dentro de mim ficou agitado, e ao abrir os olhos de uma vez, precisei fechar por causa da claridade. A nuvem que cobria o sol deu-lhe total liberdade e sua luz forte raiou com força total.

Meus olhos passaram rapidamente pelo quarto, quando minhas pupilas se acostumaram com a luz forte do sol. Girei a poltrona giratória de frente para a Natalie, sua respiração estava pesada e, então, me levantei e corri para o corredor. Eu precisava ligar mais uma vez, e ali poderia acordá-la.

Oi... No momento eu não posso atender, deixe seu recado que retorno assim que possível!

Não é possível!

— Cadê você, Mary, eu não posso acreditar que você me deixou novamente. — Fechei meus olhos com o meu coração a mil dentro do peito e comecei a andar de um lado ao outro, tenso, quando respirei aliviado ao ver o Leonardo surgindo pelo corredor.

— Você caiu do céu, meu irmão. — Ele franziu a testa, confuso e abriu as mãos.

— Eu preciso resolver umas coisas, fica aqui com a Natalie, por favor. — Ele encolheu os ombros.

— Tá... pode deixar, eu cuido dela. Aproveita, toma um banho e troca esta roupa, você está horrível — disse humorado, com seu olhar enojado, percorrendo todo o meu corpo.

Desci meus olhos sobre mim, rindo, concordando sobre o meu estado deplorável. Camisa para fora das calças, paletó e calça amarrotada e passei a mão no cabelo. Mesmo sem vê-los, eu sabia que estava todo desgrenhado. E saí correndo ajeitando a camisa dentro da calça. O meu coração tinha muita pressa. Eu não queria mais perder tempo.

Entrei no meu carro e parti direto para o hotel. A manhã de domingo com poucos carros pelas ruas facilitou para chegar rápido.

— Como assim, não está mais hospedada no hotel? — Eu não acreditava naquela informação. Não podia ser verdade... Ela não teria coragem de me deixar mais uma

vez... — Por favor, veja com mais calma... — insisti, dando-lhe o número da suíte.

— Foi dada baixa ontem no finalzinho da tarde, senhor, eu sinto muito! — ele falou com a minha cara desolada. Engoli em seco para não me debulhar em lágrimas ali na frente do balcão do hotel. Todos ali notaram meu martírio, eu não fiz questão de esconder, eu não conseguia mais nada na minha vida. Tudo estava em desordem total.

— Posso ajudar em mais alguma coisa, senhor? — ele perguntou cordialmente. Eu neguei com a cabeça e bati com a mão direita aberta sobre o balcão de mármore marrom, decidido.

— Não, obrigado. — Soltei o ar com força. E saí dali rapidamente. A Ana não me escaparia desta vez, eu arrancaria dela o paradeiro da Mary à força, se fosse preciso.

Uma outra funcionária preparava o café da manhã quando entrei pela porta da cozinha. Uma sombra negra pairou sobre meus olhos, fechei-os com as lágrimas explodindo por eles sem que conseguisse me controlar. Eu sabia o que aquilo significava, e não queria acreditar. Sem

perguntas corri em direção à saída para a sala e me deparei com a minha mãe entrando ainda em seu penhoar.

— Onde está a Ana, mãe? — Seus lábios se apertaram e seus olhos brilharam em desculpas antes de tentar me abraçar e eu recuei. — Eu não quero seu abraço, eu só preciso saber onde está a Ana... — proferi entredentes, ofegante. Ela continuou ali, com sua expressão de dor que me irritou, porque não dói nas pessoas como está doendo em mim. — CARALHO! — gritei exasperado. — Me fala logo... — baixei o tom, mas falei num rugido perdendo o meu controle novamente.

Ela tirou do bolso do penhoar branco com estampas rosas um papel dobrado e estendeu à minha frente, eu senti um gelo pelo corpo. Eu sentia que ali estava a pior de todas as respostas que sempre procurei na minha vida.

— O que é isso? — perguntei, apavorado.

— Veja você mesmo... — Segurei em dúvida de sua mão sem tirar os olhos dela.

Baixei meus olhos devagar antes de abrir aquele pequeno pedaço de papel, as lágrimas o inundavam e meu coração se partiu de vez a cada palavra transcrita ali.



Dona Vera,

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer por todo o carinho que recebi de sua família. Confesso que me dói muito deixar esta casa após tantos anos de trabalho e ainda desta maneira silenciosa. Aprendi a amar seus meninos como se fossem meus, os que eu não tive nesta vida. Os dois são os meus filhos de coração. Mas, diante das circunstâncias, eu precisei fazer uma escolha, e confesso que foi muito duro tomar esta decisão, embora creio que foi a mais acertada com todos os problemas ao redor.

Espero que me compreenda. Uma decisão dificílima, mas que poupa ambos os lados, se é que me entende!

Eu sei o quanto magoarei todos vocês, mas eu não poderia abandonar a minha sobrinha, eu prometi a minha irmã que cuidaria dela com muito carinho. E assim pretendo fazer até os últimos dias de minha vida.

Me desculpa não deixar meu contato, e creio que a senhora compreenderá melhor do que eu os motivos, só assim poderemos evitar uma tragédia e encontrar a paz entre todos nós.

Fique com Deus e, mais uma vez, obrigada.

Fechei meus olhos na última palavra, ofegante.

— Por favor, meu querido, não fique assim... — ela começou a falar e novamente veio com sua mão para me tocar e eu recuei, em choque... pasmo com tudo!

— Você não fez isso, me diga que não! — cobrei, indignado, ela ficou ali me olhando, confusa.

— Mãe, este bilhete está com você desde ontem? — Eu ainda me recusava a acreditar

— Quando seu tio me deixou aqui, eu já entrei pela porta da cozinha e de cara já vi o bilhete na porta da geladeira... Eu sinto muito — tentou se redimir pela sua culpa.

— Sente muitoooo... — Eu me sentia sufocado, meu coração estava pulsando ali na minha garganta. — Eu te pedi mil vezes para me ligar assim que chegasse em casa. Por que você não me ligou, mãe? — Minha voz saía embargada, ela se desesperou.

— Eu não queria que você padecesse mais do que já está sofrendo, Fernando. E você estava lá com a Natalie... PELO AMOR DE DEUS, MEU FILHO! — ela vociferou

e virou de costas para mim batendo as mãos abertas em suas pernas.

— VOCÊ TINHA A OBRIGAÇÃO DE ME LIGAR, EU PEDI TANTO! — gritei, já perdendo a cabeça.

— E o que você pretendia fazer? — Ela se virou trêmula, com seus olhos umedecidos.

— Eu ia atrás delas, interceptar, eu não sei... — falava confuso. — Eu só sei que impediria de alguma maneira... — Minhas mãos estavam erguidas a esta altura de tão atribulado que fiquei com tudo aquilo.

— Por isso mesmo que achei melhor não te ligar, imaginando que algo assim poderia acontecer. — Grunhi de nervoso.

— Ah, então você tomou uma decisão que não era sua, mãe. Esta decisão só cabe a mim, será que você não entende? — falei com a mão direita aberta sobre o meu peito e balancei a cabeça, indignado, arrasado, fodido! E saí dali apressadamente antes que eu perdesse mesmo a cabeça e acabasse ofendendo-a. E subindo as escadas correndo entrei no meu quarto e tranquei a porta a chave e liguei para ela.

— Mary, eu sei que você tem seus motivos para fugir de mim, o seu maior temor aconteceu, você tinha razão, e poderia mesmo ter sido mais grave... só que depois do que passamos ontem, eu merecia no mínimo uma despedida à altura do nosso amor, você não acha? Eu estaria disposto a tudo para seguir a vida ao seu lado, mas agora estou entendendo, você não é capaz de suportar a culpa... E eu estaria sendo injusto em forçá-la. No fundo, acho que eu também não, mas agora eu me cansei de tudo isso. Vou tentar seguir sem você e seja o que Deus quiser, mas, por favor, nunca se esqueça de mim, nunca... Porque eu nunca vou me esquecer de você, nunca... Um beijo, meu amor... Eu te amo com a força da minha alma. Porque agora eu sei, tenho certeza... você é e sempre será a minha alma gêmea. Fica com Deus, que ele te guie sempre. E espero de coração um dia poder cruzar seu caminho da mesma forma que nos conhecemos. Só para olhar em seus lindos olhos mais uma vez... Eu te amo... Tchau.

E desliguei após a longa mensagem. Na verdade, eu não esperava resposta como não tive da outra vez, no entanto foi a única forma de conseguir me livrar da amargura que

tomou o meu coração.

Capítulo 5

Mary

Levamos mais de treze horas para chegar a cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, uma viagem que normalmente poderia ser feito em sete a oito horas no máximo com um veículo em boas condições e ainda com paradas. Meu carrinho começava a abrir o bico, uma fumaça preta já saía do carburador, e ele já começava a engasgar, nem sei como conseguimos chegar sem nenhum maior incidente.

O sol neste dia de domingo chegava a ser insuportável sobre o carro deixando o ar muito abafado, eu e a minha tia suávamos como loucas.

— Meu Deus do Céu que calor dos infernos é nestas regiões, Mary — reclamou ela se abanando. Eu comecei a rir do seu jeito esbaforido.

O primeiro sorriso que abri desde que saí de São Paulo, embora estivesse muito triste, com meu coração partido em milhões de pedaços, eu não chorei. Finalmente começava a entender que não existia futuro para mim e o

Fernando, era uma surpresa atrás da outra e todas seguiam pelo mesmo caminho que era nos afastar. Nossos caminhos eram opostos desde o início e nada poderia mudar isso. Eu estava destinada a seguir sozinha, me conformar, era o único caminho, recomeçar esta seria a minha próxima e mais importante tarefa, até mesmo para a paz de espírito do Fernando. Me dói saber que neste instante ele possa estar me odiando, mas concordar com a minha tia foi muito mais que acertado. O risco para ficarmos juntos era muito alto e como disse minha tia, poderia afetar nosso futuro de forma trágica.

Eu deveria dar-lhe espaço, olhar para frente e prosseguir... da mesma maneira que fiz em todo o percurso até aqui. Eu vim mentalizando e acho que deu certo, pois lá estava o sorriso de volta ao meu rosto. Uberlândia ganhou meu coração, estava adorando a paisagem, clima, tudo, e acredito que minha tia estava tão embasbacada como eu, apesar do suor descendo por sua testa e seus resmungos, notei ao olhar em sua direção uma linha fina em seus lábios em aprovação.

Quando estive aqui na primeira vez, a turbulência na

minha alma não me permitiu admirar a região. Além do fato que fiquei presa dentro do hotel com as infinidades de informações sobre todos os problemas que existiam por lá, e que deveriam ser solucionados e relatórios que o Sérgio me apresentava. Agora, circulando por aquelas ruas, fiquei encantada porque tudo aos meus olhos se revelava um charme à parte.

— Estou adorando tudo isso. — Agarrada ao volante eu olhava ao redor me concentrando no futuro diferente, esperançosa.

Ela fez o mesmo depois do meu comentário.

— Realmente, olhando melhor a cidade é muito bonita mesmo — admitiu ela até com um certo brilho no olhar, eu me virei rapidamente antes de voltar a estrada.

— Tem um jeito de cidade pequena, mas com lifestyle de metrópole — comentei como conhecedora de causa, e ela me olhou, surpresa.

— Hummm... que frase diferente... — Dei de ombros rindo.

— Não é minha não, tia. Ouvi de alguém que nem me lembro quem e achei interessante.

— E o que quer dizer lifestyle?

— Estilo de vida. — Ela apertou os lábios com olhos bem abertos.

— Estilo de vida... Legal... — Ela começou a rir e eu também e bati em suas pernas.

— O que foi, tia, por que está rindo?

— Estou feliz por iniciar uma nova etapa em minha vida e ao seu lado. — Sorriu com carinho e seus olhos marejaram. — Um sonho realizado... — completou ela acariciando meu rosto.

"Só o meu que nunca iria se realizar". Suspirei. Ela apertou o olhar em advertência.

— Pode parar, mocinha... A partir de agora é uma nova vida, o mais sensato é deixar o passado onde ele deve ficar, lá atrás. — Eu concordei.

— A senhora tem razão. — Inclinei-me e beijei seu rosto rapidamente. — Chega de tristeza, chega de chorar... Agora é só nós duas daqui para frente.

— É isso aí, minha linda, coragem para recomeçar... — Ela apertou minha perna.

Repassei meu olhar ao redor, na parte onde

cruzávamos, as árvores muito bonitas e bem podadas permeavam a estrada, os pássaros em seus galhos pareciam sorrir para nós ali, nos dando as boas-vindas.

— Eu estava lendo sobre Uberlândia, tia — comecei a falar e ela prestava atenção. — É o município mais encantador do Triângulo Mineiro, é conhecida pela acolhedora hospitalidade dos moradores e também pelas diversas opções de lazer.

— Verdade? — Seus lábios se abriram. Encantada.

— Hum-hum... e é considerada Polo Nacional de Turismo de Negócios e Eventos, que atrai muitos visitantes.

— Então podemos dizer que é o lugar ideal para viver, com tantas coisas interessantes, ela deve agradar tanto quem está na cidade para negócios quanto para quem busca diversão e momentos agradáveis — disse ela e eu me empolguei a falar mais.

— Acho que a senhora vai ter que dar duro para superar a culinária, principalmente o seu feijão tropeiro — provoquei-a em tom humorado. Ela arregalou os olhos de forma divertida eu caí na gargalhada. — É, tia, o páreo

vai ser duro … — continuei. — A culinária mineira é sensacional e famosa em todo o país.

— Isto eu sei... mas ainda assim, eu duvido muito se o povo mineiro consegue preparar um feijão tropeiro melhor do que o meu. — Bateu com a mão aberta no peito. — Eu me garanto.

— Hummm... — Torci a boca e ela balançou a cabeça desdenhando.

— Pode parar, menina! — Ela levantou a mão em um basta. Reprimi meus lábios concordando com a cabeça para não rir do jeitinho ciumento dela. A cozinha sempre foi uma das suas maiores paixões, ela fica possessa quando é colocada à prova. — Eles podem ser bons em vários outros pratos típicos mineiros, como o pão de queijo — recomeçou ela. —, o famoso tutu com lombo de porco, a costelinha de porco e o leitão à pururuca. A vaca atolada, a canjiquinha com carne (de boi ou porco), linguiça e couve, o frango ao molho pardo com angu de fubá, o frango com quiabo ensopado e arroz com pequi e com torresmo. Além, é claro, dos famosos doces mineiros, especialmente o doce de leite, a goiabada e a

paçoca. Agora o feijão tropeiro? Tchu, tchu, tchu... — Ela negou veementemente com a cabeça. — ninguém consegue alcançar o meu sabor — finalizou séria e eu não quis contrariá-la.

— Eu também duvido muito. — Segurei em sua mão úmida pelo suor, o calor era realmente insuportável, abrasador, nos fazendo suar litros. — O seu é o melhor, eu não tenho dúvidas, só estava brincando. E, além do mais, a senhora poderá aprimorar seus dotes culinários direto no fogão à lenha. Na fazenda temos um muito bom, e na Flórida também. — Ela riu toda animada.

— Estou achando tudo isso muito excitante.

— E é mesmo — garanti.

À entrada da fazenda, paramos para nos identificarmos.

— Bom dia, senhorita — cumprimentou um homem de quase 1,90m de altura, magrão de olhos negros. Usava uma calça jeans escura e camisa cinza com o logotipo da fazenda, e trazia nas mãos uma caderneta e uma caneta.

— Bom dia... Meu nome é Mary Lemos. — Seus olhos arregalaram, surpresos e logo um sorriso sem graça se espalhou pelo rosto bronzeado pelo sol escaldante.

— Eu sinto muito, dona Mary, não fui avisado sobre a sua chegada — desculpou-se ele.

— Não se preocupe com isso... tenha um bom-dia de trabalho. — Ele acenou e eu entrei com a minha tia rindo de canto de boca.

— Ai, dona Mary... — disse com ironia querendo rir. Eu bati em suas pernas, jogando meus cabelos por cima dos meus ombros, suando que nem uma porca.

— Engraçadinha. — Caímos na gargalhada.

A partir dali era uma admiração atrás da outra, logo quando passamos por uma porteira toda pintada de branco, começou um espetáculo à parte, a estrada de terra era permeada com grandes árvores ao redor que se fechavam acima de nossas cabeça criando um túnel até a casa sede. Era de suspirar. Nos deparamos com vários funcionários trabalhando com os mesmos trajes do porteiro, que paravam para nos olhar, e muitas crianças com suas roupas sujas pela terra avermelhada, brincavam por ali.

— Filha, como isto aqui é lindo! — exclamou minha tia de boca aberta. A minha estava como a dela.

— Realmente o dinheiro enviado para cá está sendo muito bem utilizado — comentei, colocando um sorriso satisfeito no rosto. — Nem sei como deixei passar a oportunidade de passar por aqui da última vez.

— E quem cuida de toda esta imensidão de terra? — quis saber ela.

Sabe que a pergunta me deixou perdida?

— É uma boa pergunta. Eu realmente estou por fora, pois quando cheguei aqui, o Sérgio já cuidava de tudo. Sempre foi o administrador e eu o deixei no comando.

— O rapaz é muito bom mesmo — elogiou ela.

— Nem me fala, tia. Eu não saberia administrar tantas terras sem ele.

— Uma coisa que aprendi nesta vida é dar valor a pessoas com este grau de dedicação. Olha só para isso — disse percorrendo os olhos ao redor. Eu fiz o mesmo, seduzida. Convencida de que precisava tirar o chapéu para meu administrador. O lugar limpo, organizado, era digno de elogios, um paraíso encantado.

Assim que terminamos a estrada, nos deparamos com a casa sede de dois pavimentos. Não teve como não deixar

o queixo cair, a casa de estrutura retangular e telhado prolongado dava um charme a mais, as paredes tinham um bege claro, que destacava as grandes e altas janelas e portas de madeira maciça. Um terraço em volta de toda a residência, integrada por alguns degraus dando acesso a piscina em frente à casa e toda a área de lazer. Estranhei, pois, tudo aquilo me lembrava muito a construção da fazenda da Flórida. E além de tudo ainda havia o belo paisagismo, um gramado que valorizava a fachada e todo o resto.

— Ufa... Isto aqui está um espetáculo! — exclamei de boca aberta. Ela balançou a cabeça e me fitou.

— Como é mesmo o nome dele completo, querida?

— Sérgio Andrade.

— E ele é bonitão? — Joguei meu olhar de desaprovação nela. Sabia exatamente onde ela queria chegar.

— Tia!

Ela deu de ombros.

— Eu só estou perguntando, Mary. Como você é arisca, menina.

A palavra arisca causou um calafrio que desceu por minha espinha, e meu coração já se aqueceu ao lembrar do Fernando. Que droga! Acho que vai demorar muito para ele deixar de povoar os meus sonhos. Isto se, um dia, ele deixar.

— Meio rude... mas ele é sim, admito! — cedi. Ela riu de forma sugestiva, eu imaginava as mil possibilidades passando pelos neurônios e acabei rindo. — É um pedaço de mau caminho, tenho que admitir — completei com sinceridade, a verdade tinha que ser dita. — É um quarentão até que interessante e atraente, alto de corpo esguio, de cabelos loiros e olhos verdes.

— Hummm... parece ser bem lindão... Estou curiosa. — Bati em seu braço.

— Tia... — Ela riu gostoso e foi neste clima que estacionamos em frente à casa sede.

Antes de descermos, uma caminhonete preta, cabine dupla, coberta pela poeira vermelha, estacionou atrás do meu carrinho e dela desceu um homem muito forte. Seus ombros largos faziam dele quase um armário, ele vestia um chapéu sobre a cabeça com aqueles cabelos castanhos

e sebosos, na altura dos ombros, diferente das vestimentas das pessoas que nos deparamos pelo caminho até aqui, ele usava uma camisa vermelha xadrez por dentro da calça jeans escura e um cinto de couro com uma fivela enorme e horrorosa, bota tipo aquelas muito usada por peão rodeio, boiadeiro. Estremeci, olhando-o pelo retrovisor, se aproximando em passos pesados, seus olhos tinham um vermelho intenso, o que completava o rosto horripilante encardido, com aquela barba falha por fazer.

Um tipo de pessoa que se você cruzar na rua deserta à noite, você se apavora na certeza de que está perdida...

— Nossa, que homem estranho — rosnei enquanto tentava desenroscar a porcaria do cinto e acabei quebrando o único cinto de segurança que havia no carro. — Que merda... preciso dar um jeito nisto. — Depois de um sufoco, consegui e desci. Minha tia fez o mesmo.

— Bom dia, senhorita Mary Lemos. — Ele estendeu a mão e eu apertei levemente incomodada com o toque. Estranho. Senti um calafrio descer por minha espinha e prendi a respiração com seus olhos presos no decote da minha blusa vermelha. Encolhi os ombros para me

esconder, e nem assim ele desviou-os. Ao meu lado, minha tia me cutucou e eu engoli forte.

— Bom dia, você é...

— Adenir Ribeiro, sou o administrador. Ao seu dispor, senhorita... — respondeu de imediato sem nenhuma expressão no rosto.

Cara estranho! Intimidador, na verdade.

— Ah, sim... Esta é a minha tia, Ana. — Segurei-a pelo braço colocando-a à minha frente e dei uma recuada, incomodada com seu interesse nos meus seios. Ela apertou sua mão e ele continuou ali, inexpressivo.

— Muito gosto, senhora — disse ele e minha tia assentiu apenas com um sorriso temeroso. Acho que, assim como eu, ela não foi muito com a cara do homem. Havia uma áurea escura ao seu redor e era denso, quase palpável. Estremeci, respirei fundo e atravessei para dentro da varanda para me livrar do seu incômodo olhar. Ele e minha tia me seguiram.

— O Sérgio não avisou que a senhorita viria — comentou ele se posicionando ao meu lado. Eu sorri fraco.

— Na verdade, nem eu sabia que viria. É que deu na

cabeça de última hora, e aqui estou. — Abri os braços no sentido amplo. E olhei ao redor, encantada com o que meus olhos captavam, tudo era lindo, sofisticado, acolhedor. Meus olhos fixaram numa pequena residência a uns quatrocentos metros ou um pouco menos.

— É a minha residência, senhorita — explicou Adenir, orgulhoso.

Reprimi meus olhos, surpresa como os funcionários moravam bem por ali.

— Fantástico... — disse sorrindo com as mãos na cintura, quando ouvi ruídos de passos vindo de trás de mim e me virei. Uma mulher com aproximadamente a minha idade, seus cabelos eram curtos e castanhos, alta, eu diria altíssima com aquele porte de modelo de desfile de passarela. Seu rosto é angular e bem desenhado, com os olhos puxados tipo de uma felina no mesmo tom dos cabelos e seus lábios grossos. Mesmo sem nenhuma maquiagem, ela transmitia sua beleza natural e exótica. A blusa de mangas ¾ na altura do quadril e a calça preta e justa a deixavam ainda mais magra sem agredir o desenho de suas curvas perfeitas. Ela saía da casa de mãos dadas

com uma garotinha de uns oito para nove anos no máximo. Seu vestido floral era fofo, seus cabelos negros e lisos davam-lhe o aspecto de uma índia, e chegavam quase na cintura magrinha. Com seus olhos negros, estava apavorada ao me ver chegando. — Olá, tudo bem? — perguntei sorrindo para ver se conseguia fazer aqueles dois rostos tensos relaxarem, porém nem resposta eu tive. Com as mãos nas costinhas frágeis da garota, a mulher acenou de cabeça empurrando a menina para fora da varanda, sem ao menos responder a minha pergunta.

— Mas que falta de educação é essa, Gisele? Volte aqui para cumprimentar a patroa! — rosnou Adenir de forma assustadora, que arregalei os olhos em sua direção, e minha tia fez o mesmo. Nunca havia visto aquele tipo de tratamento e fiquei indignada. Ele ignorou-nos. A moça parou, hesitante, sem virar para trás. — venha logo, Gisele. Ela soltou o ar com força e, então, com a mão nas costinhas da garotinha ela retornou e estendeu a mão.

— Como vai, Gisele? — falei educadamente com um sorriso no rosto apertando sua mão levemente. Ela evitou olhar em meu rosto, não enxergava timidez por ali, e sim

um certo temor.

— Muito bem, graças a Deus, senhorita Mary — respondeu ela, ainda de cabeça baixa.

— Eu sou a Raquel — a menininha linda disse estendendo sua mãozinha que apertei com muito carinho.

— Muito prazer, mocinha... — Ela riu toda eufórica quando a Gisele pediu licença e, com as mãos nas costinhas da criança, seguiu seu caminho, sem cumprimentar minha tia.

— Releve — interveio o Adenir ao notar minha expressão de indignação. —, este povo é tudo bicho do mato mesmo — a forma de dizer soou cruel. Eu não curti e olhei para ele, séria.

— Não deve falar assim das pessoas, senhor Adenir — adverti-o com determinação fazendo ele enrijecer notando a bosta que proferiu. Mas em seguida revirou os olhos disfarçadamente, porém eu notei claramente a sua impaciência. Estava muito claro a sua insatisfação com a minha presença. Um sinal de alerta acendeu em minha cabeça. — Elas me pareceram assustadas... — Joguei o comentário com meus olhos fixos nos dele, tipo

aguardando alguma explicação. Os motivos que levam a tal comportamento de medo. Ele deu de ombros, dando de desentendido.

— Está certo, me desculpe. — Abaixou a cabeça com a mão na borda do chapéu em sinal de respeito.

Olhei embravecida para minha tia, que ergueu as sobrancelhas chocada, porém nada disse e entramos na casa pela enorme porta balcão da sala, eu fiquei pasma em cada cômodo que entrávamos. Os funcionários me encaravam com grandes pontos de interrogação antes de saírem apressados, eu e minha tia nos entreolhamos, estranhando aqueles comportamentos.

Mas o espetáculo de beleza nos distraiu. Todo o interior daquela casa era um luxo que estava difícil até de acreditar. A sala de estar da casa... quero dizer, da mansão, ganhou um ar requintado e uma ampla claridade com os janelões. Por ser do campo, nada ali tinha simplicidade. Os lustres e arandelas incríveis que, com certeza, deixavam o espaço bem iluminado às noites. A cartela de cores contrastava a base escura e os móveis claros e era pontuada por tons de cinza prateado, algo

surpreendente e inesperado. Após varrer olhar ao redor, parei no Adenir.

— Puxa, Adenir! Tudo por aqui é de um requinte só, acho que posso até me perder nesta mansão. — Ele riu orgulhoso do elogio.

— O Sérgio fez questão de investir por aqui... O dinheiro que está vindo da Flórida realmente tem suprido todas as necessidades local. — Seu sorriso ia de um lado ao outro no rosto, enquanto explicava. — Está bem bonito, não é mesmo?

Assenti... e caminhei pelos cômodos da casa, admirada. E subia as escadas para os quartos, a maioria deles com quadros de artistas renomados, e no meu, um quadro em branco e preto retratando a cidade de Uberlândia, com seu nome em letras garrafais no canto, onde deveria ter a assinatura do artista. Tudo esplêndido como todo o resto, luxo infinito. A única coisa que me deixou intrigada era o fato dos funcionários fugirem acuados, com expressão de medo, quando se deparavam conosco. Apesar que este comportamento acontecia também na Flórida, mas lá estava ligado a privacidade, ao contrário daqui, que

pairava uma energia pesada ao redor que de certa forma me incomodou e não foi pouco, este tipo de reação não soa normal no país como o Brasil.

Balancei a cabeça com as minhas análises. Um lugar conhecido como a terra do calor humano, onde as pessoas gostam de se tocarem, conversar... Alguma coisa não estava certa, mas eu não sabia identificar o quê!

— Gostaria de dar uma volta pela fazenda — disse ao me virar. Com a mão na cintura a dois passos de mim, Adenir balançou a cabeça em tom negativo. Apertei meu olhar confusa e ele me explicou de imediato:

— Hoje não é uma boa ideia, senhorita — Franzi minha testa com sua resposta, inconformada. — deve estar cansada da viagem. Deixe para amanhã cedo — grunhiu.

— Eu decido isso, tudo bem? — retruquei gélida com sua petulância. Irritei-me com a sua folga.

Meio hesitante, ele assentiu e saiu da minha frente, eu desci as escadas correndo.

— Eu vou ficar por aqui, Mary. — gritou minha tia dos pés das escadas. — Estou muito cansada e suada, preciso de um banho.

— Fica à vontade. A gente se vê mais tarde.

Na varanda, eu parei para encará-lo um passo atrás de mim.

— Você mesmo me leva até as plantações, ou vou com o meu carro?

— Eu levo a senhorita — disse meio sem vontade.

Eu dei de ombros, abri a porta da caminhonete e me joguei sobre o banco.

Ele circulou comigo por aquela imensidão de terra, passou por um local maravilhoso, um tipo de quedas d'água e passarelas e mais tubos e canaletas d'água. Um espetáculo da natureza e nada de me levar onde eu queria, as plantações.

— Por favor, vamos às plantações de laranjas, gostaria muito de ver como estão.

A contragosto, ele me levou.

Era um colírio para os meus olhos ver aquela imensidão de terra coberta com todas aquelas árvores, com seus frutos redondos e amarelos contrastando com a folhagem verde escura, e senti uma facada no meu coração ao ver aquelas crianças, que deveriam estar brincando e

curtindo a infância, e estavam ali, em pleno domingo debaixo daquele sol escaldante sem nenhuma proteção, trabalhando como os adultos. Aquela imagem causou-me uma revolta sem precedente.

— O que significa isso... Estou vendo mesmo crianças trabalhando? — Ele deu de ombros como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Este povo é assim mesmo, senhorita. Coloca os filhos para trabalharem para aumentar as rendas, e olha que pagamos muito bem. — Eu baixei a cabeça, balançando indignada, e respirei fundo para não explodir com aquele homem, animal ao meu ver. Como ele pode achar algo deste tipo normal, como?

— Para de chamar as pessoas de povo, pelo amor de Deus! — explodi levantando cabeça e as mãos ao mesmo tempo. Ele torceu a boca, assustado com a minha reação tempestuosa. — São seres humanos iguais a mim e a você...

— Sim, eu sei, é que...

— Não existe explicação plausível para esta questão, Adenir — eu o cortei e ele, com as mãos na cintura, me

ouvia calado, embora sem nenhuma expressão no rosto. — Olha só para eles. — Apontei.

Era uma crueldade sem limites, ali havia crianças de todas as idades, meninos e meninas, entre seis e doze anos, colhendo laranjas, algumas até descalças, sem qualquer proteção, além de ferimentos nas mãozinhas, era de cortar o coração... Aquilo era inacreditável, eu não podia acreditar que nos dias de hoje isso ainda pudesse acontecer. — Trabalho infantil é crime, você sabia? Além do que hoje é domingo, dia de descanso.

Ele negou com a cabeça e ainda sem nenhuma expressão. Inacreditável!

— Não forçamos ninguém a nada, não, senhorita. Como mencionei, a ganância por dinheiro faz eles fecharem os olhos para a lei. — A explicação descabida dele me deixou ultrajada. Revirei os olhos, inconformada. Ou ele era, ou se fazia de inocente, não consegui definir exatamente.

— Gostaria que não dissesse mais isto, por favor — sibilei e ele resfolegou. — Mas vamos à parte prática, ok? — Ele concordou, eu prossegui: — É por isto mesmo

que os trabalhadores precisam ter salários dignos, suficiente para manter suas famílias... — Ele deu de ombros, apenas e manteve o silêncio.

— Desde quando isto está acontecendo, Adenir? — Ele apertou os lábios achando-se no direito de ficar calado e eu não me aguentei, joguei minha revolta em cima dele. — Afinal, eu assinei um documento para distribuir o lucro das colheitas, eles não deveriam estar agindo desta forma. Pois os lucros têm subido de forma assustadora.

— A senhora tem que falar disto com o Sérgio, eu só sigo as ordens por aqui — defendeu-se ele ao ver meu estado.

Ergui minha cabeça, ofegante, e fiquei ali por alguns instantes e, então, me aproximei dos trabalhadores.

— Estão todos dispensados por hoje — falei e começou o maior falatório, os coitados preocupados com os pagamentos, alimento, estas coisas. Um protesto geral iniciou. — Não se preocupem, considerem o dia de hoje pago. — Sorrindo, cada um seguiu seu caminho.

Adenir ficava ali ao meu lado bufando sem conseguir esconder sua contrariedade. Pior do que a minha, ele não

estava, não!

— Me leve de volta para casa — ordenei e entrei na caminhonete antes de sua resposta.

Bufando de ódio, eu desci da sua caminhonete ainda em movimento, e entrei no meu carro estacionado em frente à casa fechando a porta com brutalidade. Joguei-me sobre o banco e fiquei ensandencida com tudo o que presenciei. Estava uma pilha de nervos, e aborrecida por estar envolvida naquela situação. Balancei a cabeça para colocar as ideias no lugar, eu não podia me punir por nada daquilo, afinal, eu não sabia o que estava acontecendo por ali. E, diante desta conclusão, o que eu deveria fazer e vou: é resolver e urgente. O primeiro passo e também a minha obrigação é denunciar para a polícia.

Peguei o celular no porta-luvas, o deixei ali depois que liguei na operadora pedindo para retirar a identificação do meu número. Estava sem bateria, então acionei o carregador e aguardei até carregar o suficiente para ligar para o Sérgio, antes de tomar qualquer decisão.

Comecei a chorar ao ver mais de 50 ligações do Fernando, meu coração se apertou. Como você me faz

falta, amor. Segurando o aparelho com as duas mãos trouxe em direção ao peito, todo aquele sentimento de carinho se apoderou de mim. Eu queria muito estar com ele. Apertei a última mensagem e fechei meus olhos enquanto ouvia sua linda voz, ali ele tirou todo o nervosismo de dentro de mim, o amor varreu tudo o que era de ruim que existia em meu interior.

Apesar de tudo, ele me compreendia. Que lindo!

Toda a mensagem foi fantástica, mas eu nunca mais esqueceria desta frase, nunca... Um beijo, meu amor... eu te amo com a força da minha alma. Porque agora eu sei, tenho certeza... você é e sempre será a minha alma gêmea.

Desabei com a mensagem linda, com o coração transbordando de amor.

— Eu também te amo, meu amor, muito, muito, muito. — E beijei o aparelho com os olhos fechados. E apertei o send, já que o meu número agora aparecia como desconhecido, eu precisava explicar os motivos, embora ele já soubesse, porque deixou claro na mensagem, porém eu precisava ouvir a sua voz mais uma vez, eu precisava dele.

— Alô — falou ele todo eufórico. Fechei meus olhos, viajando na doce melodia, sua voz rouca, linda. Toda aquela avalanche de sentimentos me invadindo, me dando esperanças, ele me trazia segurança e eu podia sentir uma sensação de alívio, e uma alegria invadindo meu peito tirando momentaneamente a tensão que estava experimentando. Ele sabia que era eu, pois fiquei em silêncio, respirando pesadamente. — Fala comigo, por favor, Mary... — Houve um tortuoso silêncio antes dele continuar: — Depois eu quem sou o egoísta, né? — Ri do seu jeito engraçado. — Tudo bem, eu compreendo a sua decisão e respeito. Eu queria te dar o céu, meu amor, entretanto hoje eu estou meio encrencado... Mas, olha, eu prometo que vou conseguir ajeitar tudo... Só lhe peço que me espere, não desista nunca de mim. Promete, amor?

Minhas lágrimas explodiam, respirei fundo e mandei um beijo silencioso e sua alma ouviu.

— Seja generosa, lindinha — sussurrou.

— Nem que eu estivesse no olho do furacão, eu conseguiria te esquecer, ainda mais desistir, é impossível, Fe... — falei pensando na minha situação atual. Um

suspiro prolongado de alivio veio acompanhado de um fungada.

— Que bom ouvir sua voz! — murmurou ele. Eu podia sentir o quanto estava ofegante, como eu estava. — Por um instante achei que ficaria no vácuo, sem ouvir sua linda voz...

Ambos sentimos a distância.

— Me perdoa, Fernando, eu queria te esperar, só que diante dos riscos eu resolvi seguir meu caminho, pelo menos até seus filhos nascerem... não guarde nenhum rancor!

— Não... — Sua voz soou profunda aos meus tímpanos. Estremeci. — O ocorrido assustou até a mim. Na hora eu não pensei e fiquei possesso, só que depois, refletindo melhor e com a cabeça fria, eu entendi seu medo, e não a julgo. Imagina só, se tivesse acontecido o pior? — Ele respirou fundo, temeroso. Acho melhor nem pensar, né? — Assenti. — O que será de nós dois, amor? — Desabei no vazio.

— Eu não tenho uma resposta para esta pergunta e para nenhuma outra... — Ele ficou em silêncio por alguns

instantes.

— Eu pediria a sua localização, se a minha razão fosse preponderante diante da emoção. Não posso saber, senão eu sei que não vou resistir e correr atrás de você. — Movimentei a cabeça, concordando, como se ele pudesse me ver. — Mary... — balbuciou quase imperceptivelmente.

— É mais seguro, assim... — Ele soltou o ar com força.

— É uma merda isso! — protestou ele.

— É muita falta de sorte, isso sim? Foi terrível deixar você... Eu fiz todo o percurso acalmando meu coração querendo se atirar do precipício, com o argumento que havia muitas pessoas entre nós.

— Me passa o novo número do seu telefone, algum meio de falar contigo quando sentir saudades, a gente pode ficar de chamego a distância por enquanto, o que você acha?

— É uma possibilidade maravilhosa... Eu te amo... muito...

— Eu também, Mary...

— Deixa que eu ligo para você, pode me esperar, tá?

Lá no mais profundo de mim, havia um sentimento de pavor em pensar que nossos destinos foram traçados para vivermos longe um do outro. Aquela angústia em imaginar que os sentimentos do Fernando pudessem mudar após o nascimento das crianças. Ele poderia se apegar a prima, afinal ela já fazia parte do seu leito familiar, e desistir de mim.

— Mary? Mary... — Ele rompeu minha reflexão.

— Eu estou aqui.

— Eu vou esperar a sua ligação... Não deixe de me ligar, tudo bem?

Aquela sensação de perda e, ao mesmo tempo, invasora não me deixou responder.

— Beijos, meu amor, e fica com Deus. — Desliguei antes de me afundar na amargura.

Afoguei meu sofrimento ligando em seguida para o Sérgio, afinal de contas o assunto era muito urgente e merecia atenção absoluta. E depois trocaria o chip do celular que comprei como reserva e deveria estar em algum lugar na minha mala.



Fernando

O som estridente do celular espalhou pelo banheiro. Eu sentia que era a minha Mary e saí correndo do boxe para atender.

Encostado na bancada da pia, com a água escorrendo do meu corpo, alagando o chão abaixo dos meus pés, eu desabei olhando para o aparelho celular ali na minha mão trêmula.

Depois que nos falamos apertei o aparelho com força sobre o peito. Estava foda suportar esta minha porra de vida do caralho! Com o punho fechado, eu soquei a porta do banheiro fechado. Toda a dor provocada com o impacto reverberou pelo meu braço, deslizou pelo corpo e centralizou em meu coração batendo forte, descontrolado, quase arrebentando minhas costelas.

Eu quase arranquei a porta ao abri-la com tamanha violência que exerci sobre ela e, encharcado, ganhei o quarto, inundando o carpete macio abraçando meus pés com as pisadas fortes, com uma ira que me deixou transtornado.

Respirei fundo enquanto me sentava aos pés da cama

sem me importar com o estrago que estava causando. Eu sentia sua alma próxima a mim. Havia uma força sobrenatural entre nós que nos regia. Desde o acidente, quando olhei em seus olhos, sua pele gritava pela minha, uma química especial, uma coisa de pele, tudo... Era incrível esta ligação entre nós dois.

Agora, mais calmo, com a respiração equilibrada, coração batendo em ritmo lento, eu começava a entender um pouco mais da vida, sobre os valores que nos cercam, eu nunca havia parado para pensar em algo tão profundo. Comecei a rir, orgulhoso por ter tido a oportunidade de conhecer uma mulher como a Mary. Um ser humano excepcional como nenhum outro. Que abre mão de sua própria felicidade para não fazer as pessoas sofrerem, mesmo com tudo indo contra ela.

Esta é a minha Mary!

Não existe ódio em seu coração de ouro. Me levantei e joguei o celular sobre a cama, triste por ela ter me deixado, aliviado por, pelo menos, ela ter tido juízo, e feliz por ser eu o dono do seu coração.

Eu sabia que ninguém nunca conseguirá tirar este amor

dela. Dei de ombros. Pelo menos é nisso que eu quero acreditar... Se eu a quero completamente na minha vida, então eu tenho que fazer a coisa direito, até para ficar em paz com a minha consciência. Vou seguir o conselho do meu irmão maluquinho, que tem demonstrado ser muito mais maduro do que eu.

Me atirei daquele jeito sobre a cama e, exausto e com o coração partido, adormeci.

Sofri um apagão, dormi o domingo inteiro, acordei somente no dia seguinte, tomei um banho rápido. Precisava trabalhar, afinal de contas a vida seguia. Meu irmão bateu à porta antes mesmo de eu entrar no closet.

— Pode entrar, Leonardo! — gritei entrando no cômodo e me vesti rapidamente. Voltei para o quarto dando um nó na gravata e fiquei surpreso com a maneira como ele estava vestido. Num terno preto, com a camisa branca e uma gravata bem legal, eu cerrei os olhos e ele deu de ombros, rindo, olhando para si.

— O que foi, não gostou da minha roupa?

— Você está incrível, só não estou entendendo porque toda esta produção executiva. — Finalizei o nó e me

aproximei, sua gravata estava um pouquinho torta.

— Eu não prometi que ia te ajudar? Eu não costumo dar para trás nas minhas promessas. — Inclinei a cabeça com dúvida. — É, Fernando... a partir de hoje vou trabalhar com você na empresa — afirmou ele todo feliz e me deixou feliz também. Segurei em seu ombro, orgulhoso.

— É sério mesmo, Leonardo? — Ele concordou, e foi se sentar ao pé da cama enquanto eu fiquei ali parado, pasmo, ainda descrente. Como o meu irmãozinho, que gosta de viver livremente, está ali se oferecendo para ficar preso dentro de um escritório? Era mesmo para desconfiar.

— Não está colocando fé em mim? — perguntou num tom triste. Comecei a rir e fui me sentar ao seu lado.

— Não se trata disto, imagina! — Coloquei a mão em seu ombro. — Só estou achando um sacrifício e tanto para você. — Ele deu de ombros mais uma vez, ponderando.

— Eu tenho que admitir que enxergo da mesma maneira, porém, você precisa de apoio e eu, como o seu único irmão, tenho o dever e a obrigação de estender-lhe a mão.

— Realmente eu tenho que aceitar sua oferta, cara. —

Bati levemente várias vezes em seu ombro e me levantei, penteando meu cabelo em frente ao espelho. Através do espelho, notei seus olhos fitando-me com compaixão.

— A mamãe me contou sobre a Ana... a Mary... — começou ele com cuidado. Eu admirei-o ainda mais, a forma cuidadosa como disse para não me ferir. — Sacrifício mesmo é o seu, ter de ficar longe da Mary.

O meu consolo era a minúscula esperança dela me ligar à noite, embora não senti firmeza nela. Sentido, enquanto pensava, reprimi meus lábios com o aperto no peito antes de responder:

— Pois é... Agora com a Ana longe ficarei sem notícias dela... talvez assim seja melhor para todos... — tentei ser convincente, mas a dor estava estampada em meus olhos. Ele se levantou e repousou sua mão em meu ombro.

— Mantenha-se firme, Fernando. Como eu lhe disse, espere até que seus filhos nasçam, aí então, com calma e clareza, você senta e resolve este impasse... — Concordei com ele e me virei com as mãos em seus ombros.

— Eu pensei justamente nisto ontem. E concordo... Embora eu gostaria que fosse diferente, se esta gravidez

não fosse de risco, eu juro que jogaria tudo para o espaço. — Ele sorriu do meu jeito de bobo. Era exatamente assim que me sentia, um bobo apaixonado. — O tempo é o melhor conselheiro, só espero que ela não desista de mim... — fui sincero.

Ele baixou os olhos por um instante e retornou.

— Olha! Eu tenho que admitir que este sentimento de vocês é meio bizarro — gargalhou e eu também. — Brincadeirinha, brincadeirinha. — Ele estendeu a mão aberta em minha frente e eu bati levemente.

— Idiota! — disse com os olhos apertados.

— É lindo isso... — admitiu com sinceridade ganhando ainda mais a minha admiração. — Quisera eu, um dia, sentir por alguém o que está sentindo hoje. É algo inspirador. — Ele suspirou erguendo as mãos ao alto. Você não imagina o quanto! — Por isso mesmo eu vou dizer: se ela te amar de verdade, ela nunca vai abdicar, pode ter certeza que não. — O abracei com força.

— Obrigado por se sacrificar por mim, Leo... — Bati em seu rosto levemente. — eu já te disse que te amo, cara? — Ele riu, animado.

— Não precisa dizer o que eu já sei. — Assenti — Ah, a Natalie teve alta, eu a trouxe para casa, está no seu quarto, descansando.

— E você nem me ligou para avisar? — reclamei, mas ele deu de ombros.

— Eu podia fazer este favorzinho, passou a noite sentado. Achei até que você estava dormindo quando cheguei.

— Nem posso descansar, tem uma montanha de documentos esperando em minha mesa. Preciso trabalhar, só vou dar um oi para a Natalie e vou para a empresa. Eu vou com você — anunciou. — E como ficou o HD, o técnico conseguiu recuperar? — perguntei antes de entrar no quarto onde Natalie descansava quando me lembrei. Ele negou com a cabeça, chateado.

— O cara está tentando, mas garantiu que mais alguns dias e ele resolve — disse sem muita esperança, fiquei penalizado porque sabia o quanto era importante para ele mostrar todos os lugares por onde se aventurou.

— Vai dar tudo certo... — Ele assentiu e entramos no quarto.

— Não... eu não acredito que o aventureiro resolveu fincar o pé — meu tio Gustavo ironizou assim que saímos do elevador.

— Algum dia, eu tinha que virar homem sério! — brincou Leonardo, dando um abraço daquele no meu tio.

— Seja bem-vindo, meu filho! — Bateu levemente em suas costas e olhou comovido para mim. Eu me virei, não estava em condições de ficar ouvindo sermões.

— O que deu nele? — reclamou meu tio.

— É coisa dele, releve! — falou Leonardo com a mão em suas costas e os dois me seguiram até a sala da Estefânia, Késsia estava debruçada na mesa dela com aquela bundona extravagante dentro da calca jeans clara e agarradíssima. Ela inclinou-se e abriu aquele sorriso de safada quando eu abri a porta e logo corou ao notar meu tio e o Leonardo entrando em seguida. Eu olhei para trás e só vi o Leonardo com a mão no gogó de boca aberta, babando. Eu ri de canto de boca, já sabendo daquela sua reação, o cara era louco por um rabo de saia, ainda mais uma daquela, quase esfregando na cara da gente.

— Bom dia, senhor Fernando — cumprimentou

educadamente a Estefânia.

— Bom dia, meninas. — Késsia respondeu silenciosamente sem tirar os olhos sabem da onde, né? — Poderia me levar os relatórios de hoje em minha sala, por favor.

— É para já, senhor...

Comecei a rir quando colocava a minha maleta sobre o sofá, e olhei para o Leonardo no momento em que o meu tio fechava a porta ao entrarem. Eu não aguentei e caí na gargalhada. O cara estava com as duas mãos na cabeça, boquiaberto

— Cara... que bunda é aquela?! — exclamou com os olhos brilhando de interesse.

Nisto alguém bateu à porta.

— Shhh... — meu tio colocou o dedo indicador sobre os lábios. — Deve ser o Juliano — alertou ele, apreensivo.

— É o noivo da Késsia — falei num fio de voz, quando meu tio abriu a porta.

O Juliano entrou com um calhamaço de papéis em suas mãos.

— Está preparado, Fernando? — ele perguntou. Cumprimentou o Leonardo e colocou aquela pilha de papel sobre a minha mesa e soltou o ar, cansado, ajeitando o terno bege no corpo.

— Acho que preciso me concentrar em pelo menos um ano, até dar conta de todos estes papéis — comentei rindo com os olhos sobre a mesa, puxei minha cadeira e me sentei com as mãos nos braços dela.

— Precisamos de novos projetos inovadores, Fernando. Há tantos pedidos de cotas no de Porto Alegre que nem sei como avaliar. Tem alguns casos aí — Apontou para a pilha. —, que clientes ofertam até 30% a mais do que o preço normal para não ficarem de fora. Ainda mais com o reconhecimento que ganhamos.

— Isto porque o projeto está apenas no início, imaginem quando a obra finalizar, a valorização vai ser estratosférica — falou meu tio todo animado. Todos estávamos entusiasmados na empresa, afinal colhíamos os frutos do sucesso.

— Graças a Deus — emendei em forma de agradecimento ganhando o olhar surpreso do Juliano.

— Você parece outra pessoa, sabia, Fernando? — Dei de ombros.

— São influências boas — respondi suspirando de saudade, revivendo ela em meus braços, e não pude evitar de fechar os olhos.

— Acho melhor a gente mudar o rumo desta prosa — comentou o Leonardo. — E já sabe aonde você vai me enfiar, Fernando? Por favor, né! Me dê o privilégio de, pelo menos, ter uma sala com uma visão desta. — Com a duas mãos abertas para cima direcionou a janela.

— É claro que sim — respondi e olhei para o Juliano. — Você pode cuidar disto para mim, Juliano? — Ele assentiu de imediato, sempre eficiente.

— Fica tranquilo que instalo o seu irmão.

— Fe... será que pinta um carguinho de diretor ou vou para a área operacional mesmo? — Ri do jeito, engraçado.

— Aqui você é presidente como eu, só dê um tempo até você se familiarizar com a empresa, eu tenho certeza de que vai realizar um grande trabalho. — Ele riu todo orgulhoso.

— Valeu, mano.

E todos saíam da sala quando o Juliano voltou até a minha mesa.

— Ah, cabeça a minha, tem uma pessoa te esperando na sala de reunião, o nome dele é Claudino Nogueira.

— É mesmo? — Me levantei apressadamente. — É um amigo, precisamos separar as melhores cotas para ele — informei antes de sair da sala, antes dele.

— Olha só você — Entrei e o abracei. —, fico feliz que tenha vindo à minha empresa — disse, apontando para ele voltar a sentar à mesa de reunião.

— Eu falei que estava interessado em algumas cotas, só que depois ouvi dizer que você havia desistido, e na sexta-feira é que fiquei sabendo que retornou e está um sucesso, parabéns — ele falou e analisava encantado a maquete sobre a mesa com a mão alisando seu cavanhaque perfeito. — É surpreendente.

— Verdade — concordei.

— E o que aconteceu, por que havia desistido?

— Nos esbarramos com alguns problemas burocráticos, agora está tudo resolvido. E o projeto sofreu alterações

para melhor — garanti orgulhoso.

— Estou vendo, será que consigo umas três ou quatro cotas? — Eu garanti.

— Você tem prioridade, cara. — Ele sorriu agradecido pela preferência. E então levantou os olhos especuladores pousando sobre meu rosto. — Fiquei preocupado com você, Fernando. Depois daquele porre, você nunca mais apareceu na boate. E aí, conseguiu resolver o problema com aquela mulher que te deixou naquele estado?

Respirei fundo antes de responder:

— Você não imagina para onde aquele porre me levou, Claudino! — falei quase choramingando de desgosto. Ele suspendeu a sobrancelha, curioso. — Para um buraco tão fundo, mas tão fundo... que tenho a impressão de que não me curei dele ainda...

Claudino jogou-se sobre o assento com as duas mãos sobre suas coxas me olhando com humor.

— Sabe que até aquele dia, eu não tinha conhecido este lado palhaço seu... Cara, você é muito engraçado, a forma que coloca as palavras... — gargalhou baixo, eu não resisti e ri também, coçando a cabeça e pensando na

palhaçada da minha vida.

— O meu caso é digno de show de humor mesmo. Nunca vi uma pessoa para ser mais azarado do que eu — comentei em meio ao riso, aí ele gargalhou alto. Juliano entrava naquele instante e vendo nós dois rindo acabou na mesma onda.

— Posso saber o que é tão engraçado? — perguntou se sentando na cadeira ao meu lado.

— Só batendo um papo aqui com o meu amigo — respondi. — O Claudino vai tratar com você sobre as cotas ao qual ele está interessado, então, por favor, dê total atenção ao meu amigo — exigi e ele concordou.

— Pode deixar comigo — garantiu ele.

Então me levantei, inclinei e apertei a mão do Claudino.

— Foi muito bom falar com você, Claudino.

— Eu digo o mesmo, Fernando. E espero que resolva todos estes teus problemas. — Ele balançou a mão no ar.

— Eu também espero, e muito — disse com sinceridade.

— Fernando, na quarta–feira vai ter uma inspeção na obra, seria interessante você me acompanhar juntamente

com os engenheiros — informou o Juliano. Assenti na certeza de ir, afinal gostava de olhar de perto tudo aquilo, era mais uma forma de estar próxima a Mary e eu não perderia a oportunidade. Nem sabia mais se a veria novamente. — Se quiser nos acompanhar, Claudino, está convidado.

— Irei com prazer — disse o Claudino entusiasmado.

— Então, até quarta-feira, meu amigo.

— Até... — respondeu ele e saí da sala.

Eu precisava me concentrar naquela pilha de documentos, por isso me tranquei e passei o dia inteiro ali, mergulhado em cada folha de papel. Fiz o possível e o impossível para varrer a Mary, que a todo instante queria invadir meus pensamentos me tirando minha concentração, por fim consegui adiantar bastante. E já passava das sete horas da noite quando finalmente consegui ir para casa sozinho, pois o Leonardo saiu com a galera do escritório, incluindo a Késsia e o Juliano, eu fiquei torcendo para ele não se engraçar com a moça a fim de preservar o Juliano. A minha empresa precisava de sua eficiência, e conhecendo bem o meu irmão como conheço, nós temos

esta coisa no sangue de vício com mulheres, mas existe uma grande diferença entre nós: a discrição. Enquanto eu faço tudo de força silenciosa, o meu irmão age no maior escândalo.

Cheguei em casa e ouvi a voz alta e desesperada da minha mãe vinda da cozinha. Larguei a maleta sobre o sofá da sala e me dirigi para lá.

E comecei a rir do seu jeito, ali com os cabelos desgrenhados de um jeito que nunca vi antes, tipo quando ela acabava de acordar, usava um vestido de malha bem largo, até quase nos pés listrado de branco e vermelho. Ela tentava explicar para a nova funcionária, que parecia nervosa com a pressão, como preparar uma sopa, ou algo do tipo, com uma infinidade de legumes cortados ao lado na pia.

— Assim, minha querida, depois que a água ferver é que você coloca os legumes...

— Mãe? — chamei. E ela parou no mesmo instante o que estava fazendo e ajeitou os cabelos. Ela tinha tanto cuidado com a sua aparência que até para mim, que sou filho, ela se sentia incomodada estando daquele jeito.

Para mim estava linda, mas como ela mesma dizia: *uma bruxa...*

— Ah, meu querido, me desculpa me encontrar assim. — Eu me aproximei e a abracei forte. Ela me empurrou para fora da cozinha e eu recuava, rindo do seu jeito. — Nossa, nunca pensei que a Ana fosse me fazer tanta falta! — reclamou ela em voz baixa, quase cochichando ao meu ouvido.

— É o primeiro dia da moça na cozinha, precisa ter paciência — disse caminhando em direção à sala e ela foi atrás, rosnando muita coisa ao mesmo tempo. Eu me joguei sobre o sofá e ela parou à minha frente, nitidamente nervosa.

— Na idade dela deveria saber pelo menos fazer uma sopa... — Abriu as mãos, indignada. — Preciso ir à agência para ver se encontro uma cozinheira de mão cheia como a Ana — grunhiu estalando a língua.

— Acho difícil — falei triste e ela me olhou com pena e se sentou ao meu lado.

— A gente vai encontrar o equilíbrio novamente nesta casa, Fernando — garantiu ela calmamente. Eu dei de

ombros e me levantei.

— Talvez sim, talvez não... quem sabe? — E me dirigi para as escadas. — E a Natalie, como passou o dia? Nem liguei porque estava superatarefado com uma pilha de documentos para analisar e...

— Passou muito bem — bufou ela. —, como sempre reclamando da sua distância. — Revirou os olhos. Aos poucos, a Natalie conseguia tirar o sossego de cada um. Torci a boca. — A sopa é para ela...

— Ok, vou passar no quarto para falar um pouco com ela.

—Se prepara, ela está num azedume só — alertou-me e eu dei de ombros. Eu nem me importava com mais nada. Só deixava a vida seguir em frente para ver até onde ela iria me levar.

— Natalie, você está acordada? — perguntei ao abrir a porta, estava um breu no meu antigo quarto, cedido a ela.

— Fernando... é você? — Ela apertou o botão do controle que parecia estar em suas mãos pela rapidez, e acendeu as luzes. Me cortou o coração ao vê-la ali, debaixo das cobertas. Seus olhos azuis, que sempre

brilhavam, estavam opacos e ao redor bem vermelhos.

— Você está bem? — Fechei a porta ao entrar e fui me sentar ao seu lado enquanto ela segurou em minha mão bem apertado.

— Passei o dia sobre esta cama, pensando muito na gente — falou ela de forma tão compreensiva que abalou meu coração. Eu não podia esquecer que ela era minha irmãzinha, apesar de tudo havia um carinho especial dentro de mim.

— Sobre o que exatamente você pensou? — Desviei o olhar de suas mãos buscando seus olhos, melancólicos.

— Tudo... sobre a gravidez, acho que ela não veio em uma boa hora, você deve estar achando que eu armei propositalmente. — Eu tenho certeza! Eu respirei fundo desviando meu olhar, não queria entrar naquela pauta. — Não, Fernando, eu não armei, eu juro! Aquele dia que transamos, você estava arrasado por causa daquela mulherzinha. — Eu ameacei me levantar, ofendido, e ela segurou forte em minha mão, impedindo-me. — Desculpa, eu não quis falar assim dela, eu sei o que você sente, só lhe peço que me escute, por favor — implorou e eu cedi, a

olhando com solidez.

— A pauta aqui é nós dois, esqueça a Mary, tá? — Ela concordou com um movimento de cabeça, e continuei: — Se cada vez que conversarmos, você continuar enfiando a Mary no meio, as coisas não vão acabar bem entre nós — avisei-a com firmeza e ela assentiu com os olhos azuis, assustados.

— Desculpa... A realidade é que estou me sentindo muito mal com tudo isto, eu juro... até mesmo pelo que falei lá no hospital. Eu jamais faria algo contra a minha vida e a dos nossos filhos! — Ergui as sobrancelhas me esforçando a acreditar. — Mas esteja ciente de que quando as crianças nascerem, eu aceitarei qualquer condição que você venha a tomar. — Inclinei a cabeça sem entender onde ela queria chegar.

— Você poderia explanar melhor isso?

— Eu aceito me separar de você numa boa, afinal não gostaria de passar a vida toda ao lado de alguém que não me ama. — Um sorriso se espalhou pelo meu rosto e logo murchou com a conclusão do seu raciocínio, um absurdo: — Entretanto, antes precisa me dar uma chance, transa

comigo, se case comigo até mesmo para dar o seu sobrenome para eles, e depois se realmente não se apaixonar por mim, eu aceito a separação numa boa.

Saltei da cama furioso com sua proposta indecente.

Como eu poderia tocar nela sem bebida, são...? Não havia a menor possibilidade, mas não poderia ser sincero neste momento. *Você não passa de uma criança sem juízo mesmo*!

— Natalie! — Abri as duas mãos espalmadas para baixo em sua direção e seus olhos azuis lacrimejaram. — Eu preciso de um tempo, tá? Não força a barra, vamos aguardar, que o tempo vai nos ajudar — tentei dizer com calma e ela assentiu, compreensiva. *Ufa!*

— Tudo bem, eu vou esperar.

Inclinei-me, beijei sua testa e saí apressado dali porque precisava de espaço até mesmo para respirar, pois me sentia sufocado.

Fiquei ali por algum tempo encostado à porta fechada do quarto ao entrar, refletindo, até que me cansei. Segui direto para o banheiro arrancando minhas roupas pelo caminho e quando cheguei já estava nu, e meu pau duro

como pedra, revivendo enterrado na minha gatinha.

— Ah, Mary, que saudade, meu amor.

Abri o chuveiro na água fria e me joguei embaixo, eu carecia me refrescar. Tudo dentro de mim fervia como brasa acesa.

Sentindo a água caindo em minha nuca e meu corpo, eu me ensaboava lentamente, imaginando suas mãos delicadas sobre o meu corpo, segurando meu pênis e me masturbando. Já que eu não a tinha de corpo, então eu a comeria com a mão. Meu corpo tremia, espasmos me fizeram abrir a boca quando o meu celular, que joguei sobre a cama, começou a tocar.

Tudo o que eu conseguia pensar era que poderia ser a Mary, desliguei o registro rapidamente, puxei a toalha do lado do boxe, e segui correndo enquanto me secava, logo atendi ao ver número desconhecido e me joguei de costas sobre a cama, coração a mil, ofegante.

— Alô... — Houve um prolongado silêncio, eu sabia que era ela porque conhecia a sua respiração pesada do outro lado, que me causava arrepios deliciosos pelo corpo, deixando-me excitado. Fechei meus olhos ofegante,

trêmulo. — Amor, eu estou aqui no meu quarto, e estava aqui justamente pensando em você, me tocando e imaginando ser suas mãos sobre o meu corpo.

— Precisei te ligar, sinto tanto, tanto a sua falta, tantoooo. — Fechei meus olhos respirando com rapidez. Sua voz era muito doce e acalentou meu coração de um jeito que me deu vontade de gritar para o mundo que eu a amava...

— Então você ligou? Não colocava fé que ligaria — murmurei escutando sua respiração ofegante. — Não imagina como é extremamente prazeroso ouvir sua voz, fala mais, por favor... — Deslizava minhas mãos pelo meu abdômen até meu pênis, pulsando, latejando de tesão, de saudade.

— Ah, meu amor... — Tremi com o seu suspiro de prazer. — Eu queria muito estar aí com você, sentindo sua pele, segurando seu pau, beijar todo ele, chupar todinho até você não aguentar mais e implorar por mim... — ela sussurrou sensualmente e eu estremeci, todo arrepiado.

— Então vem para mim, eu preciso de você também, volta para os meus braços, de onde você nunca deveria ter

saído. — Eu ouvi uma fungada e fechei meus olhos. — Amor, liga pela chamada de vídeo. Por favor. Eu quero olhar para você, por favor, faça isso por mim, por nós dois. — Ela desligou. E, em seguida, minha chamada de vídeo acionou e eu atendi sem acreditar no que meus olhos apaixonados viam.

Segurando o aparelho acima de seu corpo, ela mostrava cada curva dele, nua do jeito que veio ao mundo — linda! — com seus cabelos longos e loiros espalhados ao redor do travesseiro de fronha branca, ela era sem dúvida a minha princesa. Toquei com as pontas dos dedos na tela do celular admirando seus seios fartos, sua cintura, sua vagina depiladinha em formato de um coração, suas pernas grossas, e devagar ela encolheu uma das pernas levando seus dedos sobre ela, acariciando-a, me deixando alucinado, apaixonado e excitado, e ela sorriu fechando os olhos e respirando profundamente como se sentisse o meu toque. Acho que no fundo ela sentia sim, como eu a sentia, era aquela coisa de alma, sabe?

— Você está uma delícia, amor...

Me masturbava admirando-a, desejando estar com ela

em meus braços.

— Me deixa ver você, querido, eu preciso muito disto.

Ergui o celular da mesma maneira que ela fez, e ela estremeceu olhando para o meu garotão ereto, grosso, pulsando, gritando por ela, pelos seus lábios, seu calor interno. Acariciando o seio, ela descia entre seu calor enquanto gemíamos juntos. O prazer que sentíamos era algo inexplicável, maravilhoso!

— Ah, amor! Mas como ele está lindo... Muito mais do que me lembrava dele... — Estremeci. Ela sussurrou salivando tão sensualmente que gemi batendo bem forte. Louco... desesperado.

— E é todo seu, amor... pode usar e abusar... — E gritei quando ela passou a ponta da língua ao redor dos lábios, delícia e simulou sugando-o com firmeza e bem gostoso.

— Ai, meu amor, assim eu gozo...

— Goza para mim, goza... — Ela se masturbava delirantemente e neste romance virtual ambos chegamos ao orgasmo juntos. Uma loucura absoluta, ninguém vai acreditar se eu contar. Vão dizer que é um conto da carochinha.

— Que saudade, que saudade, que saudade. — Ela beijava freneticamente a tela do celular e eu sorria, feliz, fazendo o mesmo. Éramos dois bobões que se desejavam.

— Mary, vamos fazer uma loucura, abandonar todo mundo e sumir, evaporar...

— Sabe que eu pensei muito sobre isso hoje? — Bateu uma esperança enorme ouvir isto dela. Sabe, quando nós amamos de verdade, nunca perdemos as esperanças, mesmo que tudo conspire contra, mesmo com tantas coisas nos prejudicando. — Me bateu uma vontade de correr para os seus braços, largar e passar por cima de todos os obstáculos sem pensar nas consequências do ato. Fugirmos e esquecer tudo, está difícil... — Toquei a tela novamente com as pontas dos dedos e ela fechou os olhos, arfando.

— A gente esquece tudo, tudo... podemos nos isolar em algum lugar neste planeta, deve haver um reservado para nós, onde é possível se esconder, um lugar afastado da civilização onda nenhuma notícia chegaria aos nossos conhecimentos — emendei com meu coração feliz, aquecido.

Ela inalou muito ar para seus pulmões e soltou tudo de uma vez, com seus olhos brilhando.

— Quem sabe no futuro, Fernando... Hoje, nós sabemos que é impossível, você agora precisa pensar nos seus filhos... Já pensou em como eles seriam, será que vão puxar você? — Ela era mesmo a pessoa mais especial deste mundo. Eu sequer tinha pensado sobre isto, enquanto ela só conseguia transmitir amor...

— Eu não sei... — falei apenas orgulhoso da sua bondade. A sua generosidade chegava a ser exagerada. E aquilo me distanciava ainda mais dela. Eu sabia que ela nunca estaria comigo plena e completa, sabendo que eu tinha um passado como este que deixaria para trás para ficar com ela. O seu coração nunca permitiria. Era a sua natureza, compreendia isso.

Seus olhos sondavam os meus e ficamos ali por um longo instante no silêncio, um analisando o outro.

— É a última vez que estou ligando, Fernando. — Eu me recusei a aceitar.

— Você não conseguiria... Não podemos renunciar nossa vida, Mary. Não é correto, não é humano. Já

perdemos muito tempo, não podemos nos perder de vista.

— Eu preciso... Não podemos passar o resto de nossas vidas da forma como estamos. É muito doloroso. Além do mais, se comunicando você abdica amor aos seus filhos e isso não é justo, minha consciência me cobra o tempo todo.

— Não se afasta definitivamente de mim. Não faça do nosso amor algo que vamos levar para o resto das nossas vidas apenas como lembrança... Me fala onde você está, eu preciso saber, Mary. — Ela negou.

— Como você mesmo admitiu, é melhor não saber...

— Eu mudei de ideia, com esta sua nova linha de raciocínio... Você não precisa sumir, é claro que não! — tentei.

— Há razões suficientes para não prosseguirmos com esta relação, por mais que esta realidade seja dolorosa. Tchau, meu amor, precisamos deste tempo para nos encontrar neste mundo ao qual estamos perdidos. Concentre todo este amor nas crianças, elas precisam de você. E o futuro a Deus pertence...

— Espera, não desliga, Mary — retruquei. Precisava

fazê-la mudar de ideia. — Mary, presta atenção: agora não tem mais como voltar, faz parte do meu mundo, eu sei que não vai resolver, nada será capaz de arrancar este amor do meu peito, a distância só vai aumentar a saudade e a vontade de estar ao seu lado. Você vive comigo a toda hora, em meu coração e pensamento. Não subestime a saudade, ela só vai nos corroer lentamente

— Eu sei que nunca vou esquecer de você, marcou a minha vida. Estou sofrendo muito, só que espero que o tempo cure esta dor... — Eu negava freneticamente com a cabeça.

— Não... Escute, querida! O tempo não precisa curar nada, ele apenas precisa nos ajudar a ficar juntos. Se vai te fazer sentir melhor, não precisa me dizer onde você está vivendo, tudo bem, talvez seja mais prudente ser assim mesmo, pelo menos até as crianças nascerem. E nem que não me dê o seu número, mas, por favor, não deixe de me ligar. Eu vou esperar todos os dias por sua ligação. — Uma lágrima fugiu dos seus olhos e as ponta dos seus dedos deslizaram pela tela, eu fechei meus olhos, sentindo-a.

— Você é lindo... — Mandou um beijo muito estalado.

— E você é minha... tem que ser minha, só minha... — frisei acionando o botão do controle e apaguei a luz, queria ter apenas a sua imagem na tela emitindo uma luz igual a das lâmpadas fluorescentes. Ela beijou a tela e eu beijei também com as nossas bocas coladas a tela, um ouvindo a respiração ofegante do outro.

— Tchau, amor...

— Eu vou esperar sua ligação. — Seus olhos se fecharam por um instante, enquanto os meus percorriam pelo seu rosto, lindo e abatido. Um vento soprou seus cabelos de repente, me fazendo suspirar com aquele aperto dolorido no peito.

— Tchau... — E, então, ela desligou deixando uma enorme lacuna dentro de mim.

Capítulo 6

Mary

A ideia do Fernando se apegar a sua nova realidade me deixava desanimada, me fazendo ponderar. E por outro lado, decidir continuar, poderia surtir efeito contrário em nossas vidas. Estávamos numa situação complicada e delicada. Mas eu não resistia ouvir sua voz rouca... sou uma fraca e, ao mesmo tempo, uma mulher apaixonada. Fiquei ali deitada à meia-luz do abajur, pensando quanto tempo levaria até que eu o tirasse da minha cabeça se eu resolvesse desistir. Fechei meus olhos rindo no silêncio dos meus pensamentos, só existia uma única realidade: ele impetrou meu coração, agora era parte dele. Nunca mais ele sairia de lá, eu tinha a mais absoluta certeza.

Fiquei angustiada ali, meu corpo querendo sofrer, meu coração destroçado querendo doer, então pulei da cama. Ainda era 21h30, eu via através da grande janela aberta, que dava para o jardim, que a noite estava linda e estrelada.

Vesti uma calcinha e um sutiã branco rendado, uns shorts jeans, uma regata e um tênis da mesma cor, amarrei meus cabelos num rabo de cavalo atrás da cabeça e saí para uma voltinha pela fazenda, até mesmo para espairecer a minha cabeça. E não precisava ser vidente para saber que nada neste mundo seria capaz de me desviar do Fernando. Que toda e qualquer tentativa seria frustrada.

Engraçado! Mesmo ele estando longe, me traz uma segurança que eu não entendo de onde provém.

Era como se estivéssemos ligados na ramificação universal, a cada finalização do giro nos encontrávamos. E falar com ele foi um grande alívio, como se um peso tivesse saído de dentro de mim, depois do que flagrei no domingo, eu andava angustiada.

Me senti impossibilitada, perdida, péssima... Lá no meu âmago, eu sabia que era necessário denunciar! Certa ou incerta? Balancei a cabeça confusa. Fazer a coisa certa seria precipitado? Bufei. Na verdade, temia as consequências por ser a proprietária. Ninguém acreditaria que eu era inocente, que todos os acontecimentos foram

nas minhas costas.

Sair para caminhar foi a solução que encontrei para amenizar a ansiedade até a chegada do Sérgio, a qualquer momento. Eu fui bem firme quando lhe liguei depois do flagrante, só precisava de paciência.

O olhar indiferente e frio, quase sinistro do Adenir, ficou impregnado em minha mente, era nítido sua contrariedade à minha ordem de proibição ao trabalho infantil e isso me deixou tensa. Eu sentia um calafrio descendo por minha espinha, temia alguma retaliação. Esta sensação se estendia a minha tia, tanto que permanecemos enfurnadas o dia todo dentro de casa na segunda-feira ensolarada, por precaução.

Não acendi a luz, a claridade natural da lua cumpria este papel, iluminando todo o andar de baixo, vinda das grandes janelas envidraçadas, eu saí pé ante pé pelos ambientes vazios, o silêncio era interrompido apenas pelos sons dos animais, da natureza vindo do lado de fora. Um conforto para o meu coração.

Suspirei encantada com a paisagem, evitando ruídos ao abrir a porta balcão, a luz prateada da lua deixava sua

marca, refletindo na água da piscina, criando um efeito romântico, o Fernando povoou minha mente, nos víamos ali, envolvidos nas águas que pareciam mágicas, como o nosso amor. Com os olhos fechados, eu respirei fundo me nutrindo da brisa fresca atravessando meu corpo, como se estivesse selando o pensamento delicioso que me deixou toda arrepiada.

Naquela sensação nostálgica, abri-os novamente, pensando que ali tudo se encaixava perfeitamente, as luzes vinda das lâmpadas dos postes que circundavam toda a propriedade e que iluminavam ao redor, dando uma força especial à lua iluminando a imensidão verde do gramado, num manto prateado, permitindo a visão horizontal ampla da vastidão da fazenda.

O céu estrelado completava tanta beleza... Estendi os braços, me espreguiçando, eu precisava relaxar meus músculos tensos, e saí caminhando embargada naquela emoção contagiante entre beleza, saudade e amor, tudo.

A bela vista da natureza exuberante me fez esquecer da vida. O suave perfume de diversos tipos de flores, da vegetação que a brisa se encarregava de trazer ao meu

olfato me fortalecia enchendo-me de coragem. Me sentia parte daquilo tudo...

Sem palavras!

E mergulhei entre toda a beleza, e fui me afastando até ganhar a meia escuridão, mas a lua se encarregou de criar a minha trilha... era como se eu estivesse atendendo ao um chamado. *Estranha essa sensação.* Era como se alguém soprasse ao meu ouvido, me evocando! Dentro de mim havia uma mistura de receio e prazer... muito esquisito tudo aquilo.

Quando ao longe notei luzes, não uma, nem duas, e sim uma fileira delas na horizontal indicando que o local era habitado. Uma parte da fazenda que não conhecia ainda, e curiosa segui em sua direção.

À medida que me aproximava crescia a dúvida dentro de mim, de que aquele lugar se escondia entre todo o resto, pois naquele pedaço que mais parecia um vale, a parte mais selvagem, onde o mato tomava conta ao redor sem nenhum reparo. E fiquei intrigada diante desta minha conclusão.

Tudo para mim soou inacreditavelmente surreal, o

curioso é o contraste daquela parte com o luxo de todo o resto daquelas terras. Entre uma fileira de casas, muito pequenas e extremamente simples. Todas construídas somente em tijolos de barros, com apenas uma janela e uma porta, onde uma pequena luz muito fraca e oscilante iluminava quase nada acima da porta. E no final havia outra construção no mesmo material, porém muito maior, e melhor iluminada, lembrando um grande galpão de uso coletivo, de onde saíam e entravam pessoas — adultos e crianças — a todo instante. A impressão que tive era que todos os funcionários se concentraram ali. "Uma festa talvez", pensei e me aproximei.

— Senhora Mary? — um dos homens que reconheci ter visto na plantação, saía de dentro do suposto galpão com um prato de plástico em mãos. A fumaça do alimento quente se misturava com a noite. Sorri sem graça com a forma de desaprovação em me ver ali. — Aconteceu alguma coisa para estar aqui? — Sacudi a cabeça de imediato.

— N-não... — gaguejei assustada com a forma crítica que seus olhos me fitavam. E logo foram saindo mais

pessoas lá de dentro. Eram tantos pares de olhos sobre mim, como se eu fosse a maior das criminosas. Fiquei muito constrangida, ou mais do que isso: assustada. Recuei.

Mas me reti, com a sensação de que alguma bomba fosse explodir, estava em alerta com o cheiro de podridão que sentia ao redor. Depois do que presenciei quando cheguei, pressenti que viria mais surpresas. E estava disposta a descobrir todos os podres.

— Eu só estava caminhando quando avistei a iluminação e...

— Onde a senhora está vendo iluminação, aqui? — perguntou um garoto, que acabara de sair de dentro do galpão, de pele jambo, cabelo curtinho, aparentando uns 15 anos. Suas roupas amarrotadas, eram dignas de compaixão: a calça jeans rasgada nas pernas e a camiseta que um dia foi branca e hoje ganhou manchas amarronzadas, estavam rasgadas no ombro. Embora tivesse altura de homem alto, ainda assim seu rosto infantil não escondia sua idade. Seus olhos brilhavam em revolta.

— Henrique! — O homem que segurava o prato advertiu-o com olhar ao mesmo tempo que sacudiu a cabeça em negação.

Ele soltou o ar enraivecido, e retornou para o interior do galpão sem nenhuma outra palavra. Aquelas pessoas me olhando feio me deixaram incomodada.

— Olha, eu não sabia que estava usando um método ilícito de trabalho por aqui, eu já estou tomando providências cabíveis. E vou resolver isto... — garanti com todos aqueles olhares, incrédulos. Como se ouvissem com frequência aquele tipo de promessas falsas.

— Tudo bem, senhora, vamos fingir que acreditamos... — Seu tom de voz amargo era tão denso que senti o fel se espalhando no ar. Apertei meu olhar, confusa. — Pode voltar para o seu conforto. Obrigado pela visita.

E deu-me as costas seguindo o mesmo destino do Henrique. Automaticamente, os demais fizeram o mesmo, me deixando ali falando sozinha. Indignada, eu corri atrás deles.

Travei ali na porta, sem ar... Pasma, assustada como nunca estive antes. Incrédula com a imagem que os meus

olhos capturavam, meu rosto se contraiu a ponto de doer os músculos de tão tensa que fiquei. Era digno de compaixão, meu coração doeu e minhas pernas amoleceram, estava difícil até engolir a saliva devido ao enrijecimento de todo o meu corpo. Tudo aquilo era desumano. Eu não conseguia digerir, não mesmo.

Do vão da porta para a varanda, havia um piso de concreto mal feito, mas ainda assim, estava ali. Do vão para dentro, onde deveria ter um piso decente, todo o chão era de terra, e era exatamente onde todos os funcionários estavam sentados com as costas apoiadas nas paredes sem reboco, apenas no tijolo de barro. Não podia nem chamar aquilo de humilde, era inconcebível, além disso, as roupas que a maioria estava vestida era muito maltrapilhas como a do Henrique, que já me deixou com o coração partido. Adultos e crianças, estavam cada um com seu prato de alimento, alguns com talheres e outros comendo com a mão. Havia um único fogão industrial com apenas duas bocas, e sobre ele duas panelas de ferro. Vi duas senhoras de idade avançada, eu não sabia ao certo se era mais de sessenta ou setenta. Apesar de tudo, elas

ainda conseguiam colocar sorrisos em seus rostos, enquanto suas mãos frágeis agarradas a uma colher de madeira mexiam o alimento em seu interior. Ao lado uma única geladeira simples com apenas uma porta, normalmente utilizada em lar de família pequena e não para uma multidão. E no canto um armário velho com muitos utensílios velhos, quebrados, nojentos. Alimento eu via pouco por ali.

— Já não basta nos colocar nesta situação constrangedora, a senhora ainda precisa vir aqui para tirar uma da nossa cara? — perguntou novamente o garoto. Meu coração se aqueceu ao ouvi-lo. Ele me fazia lembrar minha adolescência e me comovi. Balancei a cabeça descrente.

— Não... eu jamais faria isso... Meu Deus! — Juntei as mãos levando aos lábios como se fizesse uma oração, sacudindo a cabeça. Aquilo estava mexendo profundamente comigo. — Desculpe-me a franqueza, mas eu estou chocada com tudo isso, eu não estou compreendendo o porquê estão fazendo as refeições aqui neste galpão! — Olhei ao redor, aterrorizada. — Não está

adequado para isso. — Arredio, Henrique grunhiu, inconformado. Eu fiquei ali, com meus olhos fixos em sua expressão de aversão.

— É bem simples explicar: como pode ver — Abriu os braços. —, aqui é o único lugar onde temos energia o suficiente para a tal geladeira — Apontou para o eletrodoméstico. — Este é o único fogão que temos a nossa disposição por aqui. — Algumas pessoas tinham expressão assustadas com ele me afrontando.

— Por favor, filho, não fale assim com a patroa — alertou o homem que me recepcionou friamente quando cheguei se colocando entre nós. Balançando a cabeça, impaciente, Henrique deu-nos as costas.

— Deixe-o, por favor! Eu quero ouvi-lo — falei firme com a mão esquerda erguida em seu rosto. Ele hesitou, porém não esboçou nenhum comentário. Apenas fixou seu olhar preocupado no garoto acenando levemente de cabeça em tom negativo, e Henrique deu de ombros, tipo: "é a nossa deixa!". Senti que ali tinha muito a ser declarado e insisti. — Henrique é o seu nome, certo? — Eu me aproximei e segurei em suas mãos jovens e tão

calejadas indicando o quanto sofria ali naquela fazenda.

— Sim senhora — ele assentiu e baixou os olhos.

— Estou percebendo que entre todos, você é o único que não teme por suas palavras, então eu gostaria que você me colocasse a par de como as coisas funcionam por aqui... — Ele arregalou os olhos com esperança e olhou para o pai ainda receoso. Peguei em sua mão o tirando dali, levando-o para fora do galpão na certeza de encorajá-lo. Eu precisava esclarecer as coisas que até então soavam obscuras demais.

— O que posso dizer que ainda não saiba, senhorita Mary? — Em perfil infantil, ele parecia um adulto me afrontando com aquela expressão descrente. Apaixonei-me pela sua fibra. Já sabia que era um menino nota 10. Apertei sua mãozinha fria, oferecendo o calor das minhas.

— Eu não sei de nada, Henrique, e você precisa acreditar em mim, tudo bem? — falei olhando diretamente em seus olhos, corajosos. — Ele baixou os olhos assentindo de cabeça que sim. — Foi uma herança que recebi há oito anos, mas só assumi recentemente, mais precisamente há cinco meses. Isso quer dizer que por falta

de conhecimento eu fui obrigada a deixar a administração nas mãos de pessoas que entendem do negócio, ou seja, pessoas que já estão por aqui há um bom tempo. Você me compreende? — Ele ergueu seus olhos e torceu a boca me encarando, indeciso.

Ele parecia muito mais inteligente do que qualquer um poderia imaginar e eu apostei todas as minhas fichas nele, ciente de que ele seria a minha fonte de informação.

— Escuta! — Segurei em seus ombros. — Eu jamais admitiria criança trabalhando como o que flagrei quando cheguei, lugar de criança é na escola, brincando. Eu já proibi o trabalho infantil, não foi? — Ele assentiu.

— Precisamos unir as rendas! Por esta razão, todos sem exceção, trabalhamos por aqui — retrucou ele. Eu cocei a cabeça, nervosa.

— Não desta forma, Henrique! Não vou permitir criança trabalhando, e se não estiverem frequentando a escola eu darei um jeito nesta situação. E por esta razão estou tentando organizar as coisas por aqui. O primeiro passo será um salário digno para cada trabalhador. Confia em mim? — Ele assentiu e eu soltei o ar aliviada. — Mas

vejo que tenho muito mais para corrigir. Eu prometo que com todos os fatos expostos eu poderei melhorar a vida de todos, eu preciso da sua confiança, da sua ajuda — pedi apertando seus ombros. Ele sorriu eufórico olhando por cima dos meus ombros. Eu me virei e todos que estavam dentro do galpão agora estavam ali do lado de fora nos observando em silêncio e em pânico, o que me deixou penalizada. Aquilo não era para acontecer nos dias de hoje, não mesmo. — Eu estou no comando agora. Pode confiar sem medo. Vamos lá, me mostra o que está acontecendo de errado por aqui — implorei e ele se convenceu.

— Já que quer mesmo saber, eu vou falar! — Sorri confiante para encorajá-lo. — Vivemos aqui em regime de escravidão, moça. — Seus olhos revoltados umedeceram, apertei seus ombros dando apoio o suficiente para não desistir. — Trabalhamos duro para ganhar uma miséria que mal dá para o alimento. Olha só para mim. — Seu olhar desceu para sua roupa maltrapilha. Apertei os lábios um sobre o outro, inconformada, sem acreditar no que o destino me pregou, me colocando à frente de problemas

tão urgentes como este. Algo pelo qual lutei a minha vida toda.

— Veja bem, Henrique, eu sei que talvez o que esteja me revelando soe perigoso a seu ver. — Olhei para trás e vi aquelas pessoas com os olhos estalados, assustadas sobre nós. — Eu prometo que farei tudo para melhorar a vida de todos, porém eu preciso que me mostre. Provas são fundamentais, será que você consegue me compreender? — Ele assentiu juntamente com um suspiro longo, como se estivesse buscando coragem dentro de si e desviou o olhar para as demais pessoas ali paradas na porta do galpão.

— Pai, ela está querendo nos ajudar... — ele falou e o homem negou com um movimento efusivo de cabeça.

Inconformada, eu segui em sua direção apressadamente e parei em frente a todos e notei a presença da Gisele e Raquel entre eles, todos sem exceção me olhavam receosos, era nítida a desconfiança em cada uma das expressões ali e fixei no homem.

— Veja bem, senhor... — Pausei esperando ele dizer seu nome.

— Nelson, senhorita... — disse ele a contragosto, em desaprovação. — Olha, dona Mary, falar demais por aqui significa a perda de nossos empregos, além do fato de que o meu filho acabou de contar-lhe, nós, pelo menos, temos um teto para dormir e alimento para matar a nossa fome. — Sacudi a cabeça sem entender.

— Homem de Deus! Como pode ter todo este conformismo? Olha só as condições que vivem. — Apontei para dentro do galpão. — Está errado. — Eu estava tão nervosa, indignada, que falava gesticulando muito com as mãos na frente dele. — Não pode aceitar este tipo de trabalho, é desumano... — Ele gargalhou quando concluí.

— Infelizmente é assim que funciona, dona... Somos vítimas do descaso, um problema sério social que é a seca do Nordeste. Há oito anos, viemos em comboio para cá, a convite de um viajante que passava pela nossa região. Aqui, como já expliquei, pelo menos, temos trabalho, lar, comida... Não podemos nos dar ao luxo de jogar para o alto o que conquistamos.

— Espera um pouco... — Estendi as mãos balançando a

cabeça em sinal de extrema reprovação, sem acreditar no que eu ouvia. — Gente! Vocês poderiam se impor a tudo isto, buscar oportunidades melhores...

— Ah, tá bom! — interrompeu-me ele bufando, impaciente. — Já perdemos um amigo que tentou se aventurar por aí. O cansaço o deixou doente e ele infelizmente faleceu.

— Não creio que esta morte tenha correlação...

Ele me interrompeu mais uma vez.

— Aliás, eu não estou entendendo onde está querendo chegar com toda esta conversa bonita... — Franzi a testa, incrédula. — A senhora banca tudo isso, é conhecedora de todo o funcionamento daqui. — Eu neguei com a cabeça e segurei em seu braço, apertando-o. Seus olhos subiram aos meus, confusos. Nesse momento senti algo estranho, como se uma faca atravessasse meu peito aliado à angústia.

— Eu juro para você que nunca soube... — Ele ergueu as sobrancelhas em dúvida. — Eu repudio a tudo isto. Sei bem o que é passar por privações. A minha vida toda eu lutei em causas como estes problemas que estão

enfrentando. Aliás — comovida, abri a mão livre para cima pedindo socorro dos céus —, é inadmissível ainda existir. É falta de respeito pelo ser humano. Nunca permitiria algo tão monstruoso, ainda mais nas minhas costas, pessoas utilizam da minha ignorância para tirarem proveito e eu quero corrigir isto, punir os culpados. E para isto eu preciso contar com a ajuda de vocês.

— Ora, senhorita — Ele puxou o braço e se afastou de mim. — Pensa que me engana, é? O que está fazendo não passa de um insulto. Está jogando com a gente, nos testando, querendo saber quem aqui é do contra, isso sim. E não está feliz com as condições expostas só para nos demitir — acusou-me de forma cruel. Meu coração pulava contra meu peito, nunca escutei acusações calada, principalmente como aquelas e não ia ser agora que isto iria acontecer. Caramba! Meu Deus como eles devem sofrer!

— Desde que assumi as duas fazendas, eu venho enviando recursos da Flórida para cá, justamente para dar melhores condições de vida aos funcionários. E sabe por quê? — eu perguntei e ele negou com um movimento leve

me olhando ainda com suspeita. — Porque acredito que funcionários bem remunerados fazem o crescimento de qualquer empresa. — Ele revirou os olhos, grunhindo.

— A única remuneração que chegou até nós foi ameaças e mais ameaças de sermos despedidos se não atingíssemos a meta surreal que impuseram para não acabarmos no meio da rua. — Resmungos de revoltas veio em coro, todos queriam se manifestar. — Pare de querer enganar, por favor. Já estamos fartos desta conversinha fiada. — Ele deu-me as costas, mas eu segurei novamente em seu braço e ele se virou, encarando-me com irritação.

— Para mim é uma novidade. Eu assinei um documento no qual todos os funcionários deveriam ter participação nos lucros. — Seus lábios se abriram para protestar. — Só me escute, por favor. — Ele torceu a boca e obedeceu. — O que está acontecendo aqui é algo que não deveria acontecer em lugar algum deste mundão. — Girei ao redor com o dedo indicador da mão livre. — Nenhum de vocês e ninguém deve se submeter a qualquer tipo de trabalho em regime escravo.

— Acontece, moça... — Soltei seu braço espalmando as mãos à sua frente e ele se calou.

— Não há explicação... Me desculpe a sinceridade. — Ele ergueu as sobrancelhas, resignado. — Vocês têm uma parcela de culpa. — Apontei para cada um ali que ficaram estáticos só me ouvindo. — A obrigação de cada um era denunciar o abuso e não aceitar calados, sofrendo. Isto é horrível! — Meus olhos marejaram. Eu sabia que a dificuldade fazia com que eles cedessem aos absurdos, mas eu precisava dizer a verdade. — Todos nós precisamos de um choque de realidade na vida.

— Temos filhos pequenos e por esta razão ficamos impotentes diante desta situação... — explicou ele, já mais confiante.

— Eu não estou impotente nesta história, eu posso e vou mudar isto, não tenha dúvidas... Eu só preciso de um voto de confiança. Apenas isso! — Um sorriso surgiu no canto de sua boca. — Tem a minha palavra que nenhum de vocês serão demitidos, NINGUÉM! — quase gritei para todos ali ouvirem. Alguns sorriam confiantes enquanto outros ainda permaneceram hesitantes.

— E o que precisa de nós, então?

— Em primeiro lugar, eu preciso entender por que todos estão neste galpão fazendo suas refeições de forma desumana, utilizando o mesmo banheiro se há todas aquelas casas? — Apontei e ele soltou o ar com força.

— Já que está disposta a nos ajudar, é melhor que veja com os seus próprios olhos — disse ele.

— Ajudar é o meu propósito de vida — garanti e repousei minha mão em seu ombro. — Me mostre, por favor.

A situação era bem mais insustentável do que eu imaginei; terrível, na verdade um completo absurdo. A primeira casa que entramos estava mergulhada na escuridão. A luz acima da porta na parte externa não era o suficiente para clarear nada. A luminosidade da lua cheia que quebrou o galho com seu brilho prateado, clareou para o Nelson pegar ao lado da parede um lampião a gás ali no chão, bem ao lado da entrada.

A luz era fraca, sem vida, quase frouxa e amarelada, lançando reflexo amarelo e trêmulo nas paredes revelando nossas sombras: eu, o Henrique de um lado e o Nelson

segurando o lampião do outro. Como o galpão, as paredes internas eram iguais as externas. Tijolos de barro, sem reboco. Além de tudo, o espaço era muito reduzido para o que o ambiente propunha: uma sala com apenas duas cadeiras de madeira escura, que apesar da visão prejudicada via-se a precariedade daqueles dois móveis e o chão de terra. E havia outro cômodo sem porta que nem precisei entrar, dali mesmo podia se ver colchões velhos sobre o chão úmido de terra e sobre eles as poucas roupas de vestir e de cama por falta de armário. Na verdade, a casa estava caindo aos pedaços. Os telhados estavam mal colocados, sem a proteção de um forro, o que permitia que toda a brisa da noite entrasse pelos vãos. Meu coração se apertou ao imaginar aquele ambiente no inverno e o frio que estas pessoas deveriam sentir.

Olhando ao redor não consegui segurar a emoção, era de cortar o coração ver tamanha miséria.

— Eu não creio nisto! — exclamei com meus olhos umedecidos em revolta. *No meu coração há uma angústia que chega a doer, estou completamente inconformada*, me punia mentalmente. Como eu podia me

sentir bem vivendo no luxo atual, com aquelas pessoas vivendo naquela miséria e bem debaixo do meu nariz? De alguma forma me sentia responsável, e aquilo me deixou muito mal. — É inadmissível viver nestas condições! — Joguei meu olhar de advertência em Nelson, que deu de ombros. Agora sua expressão era outra, parecia ter se convencido que eu não fazia parte desta corja de carrascos.

— Como está vendo, este é o retrato da nossa realidade — disse ele. Henrique me olhou com curiosidade e esperança.

— Tudo isso é um absurdo! — pronunciei com meus olhos apertados. — Como aceitaram tal coisa, gente?! Viver nesta pobreza de extrema miséria? — Henrique deu de ombros.

— Medo de perder o pouco que temos — disse ele em sua inocência.

Solidária, eu os puxei para um abraço, deixando os dois meio sem jeito.

— Amanhã é um novo dia. O recomeço — afirmei com toda a certeza deste mundo. — A partir de amanhã, a vida

de vocês será outra, mais digna! Eu prometo, tá? — Segurei na lateral do rostinho moreno e ele sorriu animado, eufórico e aquela deliciosa sensação não tinha preço.

Trazer alegria para aquelas pessoas me tornou um ser muito especial! Não havia prazer maior neste mundo... Fechei meus olhos com o Fernando povoando minha mente e meu estômago cheio de borboletas, deixando meu coração mais pulsante que o normal. *Ele me fazia sentir tal prazer também.*

Afinal, se eu estava ali, numa causa urgente era porque ele me incitou àquilo quando me disse que o dinheiro herdado poderia fazer a diferença: levar alegria a muitos corações. E só olhando aquela alegria no rostinho juvenil do Henrique já estava a confirmação.

— Tem certeza de que podemos confiar na senhora? — perguntou ainda um incerto Nelson.

Eu garanti de cabeça.

— Como eu lhe disse, era para vocês estarem recebendo a participação nos lucros e, pelo jeito, estão sendo fraudados. Eu só peço discrição, que não comentem

nada em relação ao que conversamos aqui, até mesmo por motivos de represálias, precisamos pensar na segurança de todos vocês, por isso manteremos tudo em total sigilo, por enquanto. Eu vou resolver todas estas questões da melhor maneira possível sem que nenhum de vocês sejam atingidos. Eu já estou aqui com algumas ideias. — Bati o dedo indicador direito sobre minha fronte. Eles riram, animados. — Por enquanto continue nas rotinas de vocês, e logo terão novidades minhas.

Eu sorria com satisfação em presenciar a alegria estampada em todos aqueles rostos sofridos. E mais do que nunca me tornei uma guerreira, eu mudaria aquela história ou não me chamo Mary Lemos.

Notei que a caminhonete do Adenir não estava estacionada em frente à sua casa a alguns metros da casa sede. A casa em que ele residia era como se fosse um puxadinho dela, apesar de ser uma construção compacta, tudo ali estava envolvido em muito luxo. Trinquei meus dentes e fechei meus punhos com força, em fúria. Eu queria esganar aquele homem bruto e criminoso. Sim, porque para tal atitude com seu próximo, ele só poderia

ser um bandido e da pior espécie.

Me contive! Sozinha com a minha tia na fazenda, estávamos vulneráveis, além do fato de que não conhecia o Adenir, do que ele poderia ser capaz. Tudo o que eu pensava era denunciar, porém não poderia ser agora, à noite. Eu podia ser arisca, brava, ansiosa, birrentinha, como o fofo do meu Fernando me apelidou, mas acima de tudo eu tinha juízo.

Aguardaria amanhecer, e mesmo assim eu recorri a minha tia, por sua experiência de vida, em busca de sua luz. Toda a revelação foi horrível, a tensão tomou conta do meu corpo, enquanto a cabeça latejava irradiando para o meu pescoço e ombros.

— Tia, você está acordada? — Bati levemente a porta. O amplo corredor estava iluminado com a agradável luz da lua que entrava pela grande vidraça, que, aliás, estava ao redor de toda a casa, dando um clima agradável. Sem resposta, eu girei a maçaneta com cuidado e abri a porta, o quarto estava mergulhado no escuro. — Tia? — insisti com a cabeça no vão da porta.

— Oi, minha querida. — Sua voz sonolenta soou pelo

ambiente. Eu acendi a luz na lateral da porta. Ela, que se sentava, se jogou sobre a cama novamente e se enfiou embaixo dos lençóis com a claridade.

— Desculpe, tia. — Ela negou com o movimento de cabeça ali coberta.

— Só um minuto para eu me acostumar com a luz! — exclamou ainda com a voz morosa. — Estou velha para suportar uma viagem tão longa! — reclamou enquanto eu me sentei ao seu lado na casa e aguardei-a.

Eu exalei um suspiro injuriado, reparando melhor ao redor. Agora tudo aquilo parecia fazer sentido para mim, era doloroso presenciar um luxo tremendo, enquanto aquelas pessoas viviam naquelas condições sub-humanas.

Além da sofisticação da casa, este quarto, assim como o que eu me instalei, estava com cara de suíte de hotel. A king size confortável por causa dos tecidos macios tinha pés de madeira maciça, acabamento em canela laminado e branco UV, estava apoiada na parede de tijolo branco com carpete de madeira embaixo de um tapete claro, felpudo e macio que garantia um sono tranquilo. E uma porta de correr na mesma madeira dos móveis que dava ao closet e

ao imenso banheiro. “Inacreditável” quando notei que minha tia estava ali sem o lençol na cara me olhando, perplexa com minha expressão e suspiro de indignação.

— Conhecendo você como conheço, eu diria que está com um baita problema — ela disse enquanto se sentava e apoiava as costas na cabeceira. Grunhi com compaixão ao notar seus olhos inchados e vermelhos de quem chorou.

— O que foi, tia? Você chorou, né? — Ela negou veementemente com a cabeça e desviou o olhar fugindo da análise dos meus.

— É claro que não, menina! Por que eu choraria? — Deu de ombros, incerta.

— Vai, desembucha logo, o que foi? — insisti com a voz autoritária. Ela jogou seu olhar triste e soltou o ar com força puxando o lençol e apertando-o ao redor do pescoço.

— Estou com o coração apertado, Mary. — Fechou os olhos antes de continuar: — A forma como agi com a dona Vera, saindo fugida... Acho que não agi corretamente e isso está me matando por dentro. — Colocou a mão ao peito, angustiada. Eu inclinei-me e repousei a minha sobre

a dela e sorri, concordando.

— A senhora tem toda razão, tia... E o pior que eu sou a culpada por te deixar assim para baixo... Me desculpa, tá. — Ela me puxou para um abraço, ficamos ali abraçadas em silêncio por alguns instantes.

— Você não tem culpa de nada. Aliás, eu aqui pensando em mim enquanto seu coraçãozinho deve estar despedaçado. — Sua mão veio ao meu peito, eu levantei a cabeça sorrindo para ela e ganhei um beijo na testa.

— Não posso negar que está doendo permanecer longe do Fernando. Ele se tornou parte de mim. — Encolhi os ombros, sentida. — Mas é uma parte que não me pertence, infelizmente. — Ela me apertou ainda mais em seus braços, me amparando.

— Um dia isso vai se resolver. — Sua garantia era evasiva como tudo em minha vida.

— Tia, acho que agora tenho problemas mais urgentes para resolver, e eu preciso muito da sua opinião. — Ela se afastou me olhando com curiosidade e medo ao mesmo tempo.

— Ah, Mary! — exclamou cruzando os braços enquanto

eu me ajeitei ali à sua frente. — Já vem você com estes mistérios e...

— Calma, eu não fiz nada... — Ela torceu a boca, desconfiada. — Fui dar uma voltinha pela fazenda e você não vai acreditar com o que eu me deparei... — Ela estremeceu.

— Ah, meu Deus! Não vai me dizer que encontrou crianças trabalhando agora à noite mesmo depois da sua ordem de poupá-las? — Eu neguei de cabeça e ela ficou perplexa.

— Pior, tia.

E contei toda a experiência que tive com os funcionários deixando-a apavorada. Com as mãos na cabeça, ela se levantou e ficou andando de um lado a outro pelo quarto, enquanto eu a analisava.

— Gente do céu! — Suas mãos cobriram o rosto e então me encarou. Eu estava pasma também, sem saber o que fazer. — Bem que eu não gostei deste Adenir. Ele tem a cara da maldade...

— Por mim eu ligaria agora mesmo para as autoridades para denunciar os abusos cometidos por aqui! — Ela

voltou a se sentar ao meu lado ficando de frente e pousou sua mão trêmula sobre o meu ombro.

— Sim... você tem mesmo que denunciar, minha querida. Só que não agora, pode ser perigoso. Amanhã cedo nós duas saímos assim meio... — Gesticulou com a mão no ar movendo dois dedos. — despercebidas e vamos direto para a delegacia. Não podemos compactuar com algo desta extensão. — Eu concordei.

— Foi o que eu pensei e o meu coração está requerendo. — Ela sorriu e me abraçou.

— Ah, minha filha! O que é o seu destino, né? — sussurrou ao meu ouvido. E se afastou segurando em meus ombros, observando o meu rosto. — A vida te encarregou de amenizar as dores das pessoas. Você é um anjo que Deus enviou a Terra... — Beijou a minha testa — A cada dia que passa, eu estou mais convencida de que não é você que se envolve em meio aos movimentos perigosos. — Eu sorri e ela também. — Deus é que se encarrega desta parte.

— Pois é... Penso muito sobre isto também! A senhora vê, né? Como poderia saber que acabaria aqui em

Uberlândia. A gente veio por acaso, para fugir do Fernando. — Meu coração pulou ao lembrar o meu amor. — Dá a entender que ele é um instrumento que Deus está usando para me levar aos caminhos designados por Ele — concluí, sorrindo de emoção, e ela também e depois se fechou em uma expressão tensa.

— Mas, querida, já parou para pensar nos riscos... Será que este administrador... — Ela revirou os olhos tentando se lembrar.

— Sérgio — ajudei-a.

— Sim, este Sérgio, será que ele faz parte desta sujeira? — Jogou a ideia no ar me deixando pensativa, afinal isso não saía da minha cabeça. — Ou será que é uma vítima deste tal de Adenir? — Balancei a cabeça, em confusão.

— Eu não sei de mais nada, tia — respondi com os olhos baixos, pois refletia sobre a pessoa gentil e prestativa que ele demonstrava ser. — Saberemos quando ele chegar, ele vai precisar me explicar para onde foi todo o dinheiro que enviamos a esta fazenda.

— Você precisa acompanhar melhor sobre as finanças.

Sei lá... Procurar o contador, ver relatórios — sugeriu ela e concordei. Pelo andar da carruagem era o que eu teria mesmo que fazer. Estava confiando demais...

Ela anuiu e olhou ao redor.

— Bem... uma parte destes recursos, sabemos exatamente onde ele enfiou... O esplendor ao nosso redor já diz. — Concordei.

— Independente disso... amanhã cedo vamos à delegacia — afirmei.

— Vamos sim... — abonou ela. Eu beijei sua testa e me levantei caminhando em direção à porta e abri, porém me virei antes de sair.

— Estou muito feliz por estar comigo. — Ela sorriu e mandou um beijo carinhoso estalado.

— Eu também, Mary! Durma bem... — Pisquei e saí fechando a porta atrás de mim.

Retornei para meu quarto exausta e temerosa, meu coração estava agitado porque eu pressentia algo estranho, era como se estivesse dentro de um ninho de cobras daquelas bem venenosas, sabe? Entretanto estava engessada sem nada poder fazer no dia de hoje, e decidida

que ao amanhecer tiraria aquela angústia.

Arranquei minha roupa e joguei em qualquer lugar ali pelo quarto, e nua me atirei sobre a cama, apaguei a luz na cabeceira e acendi o abajur sobre o criado-mudo, o que deixou o ambiente à meia-luz, entretanto, eu necessitava do breu, só assim poderia descansar.

Com as pernas esticadas uma ao lado da outra, eu abri bem meus braços que a enorme cama apoiava abaixo deles. As sombras desenhavam no teto algo semelhante a asas de um avião, e movimentei para cima e para baixo agora lembrando as asas de águia, com um sorriso se ampliando em meu rosto pensando que talvez era o anjo que a minha tia mencionou.

O pensamento "anjo" me lembrou do dia do acidente. Naquele dia, eu via um anjo em minha frente e ele tinha nome: "Fernando Albuquerque", o meu amor. Foi só pensar nele que meu coração começou a gritar por ele. Virei minha cabeça para o lado em direção ao móvel, me dando uma vontade de pegar aquele celular e ligar novamente, eu queria tanto... Estremeci para fugir daquela tentação, mesmo enlouquecendo sem ele, com esta

vontade incontrolável de estar ao seu lado, era preciso esquecer, resistir. Eu tinha muitas coisas agora para administrar, e também não podia desviá-lo de suas obrigações. Isto poderia custar a nossa paz de espírito para todo e sempre. Prejudicando a ambos, cheguei à conclusão de que agora era o momento de vencer todas as tentações e, pelo que estava vendo, eu me manteria ocupada por muito tempo até consertar todo o estrago que encontrei por estas terras.

Encolhi-me de costas para a porta, ainda com aquele infernal vazio no peito, então peguei o aparelho celular e o abracei, ouvindo o som maravilhosamente gostoso da natureza vindo lá de fora, enchendo aquele quarto de uma paz intensa, o coaxar dos sapos, os grilos cantando, o fanfarrar das folhas agitadas pela leve brisa de uma noite linda. Embalada nesta sinfonia natural e os pensamentos involuntários em Fernando, por mais que eu não quisesse admitir, ele tinha total domínio sobre mim... e finalmente adormeci.

Despertei com a sensação de ouvir um barulho de voz no meu ouvido, um soprinho agradável que me deixou

toda arrepiada. O Fernando estava ali habitando meu sonho e espreguicei me virando de frente com um amplo sorriso pelo rosto.

— Está feliz em me ver, gatinha? — Abri os olhos de imediato ao ouvir aquela voz que eu conhecia muito bem com uma expressão de pavor.

Sentei-me abraçando meu corpo me escondendo e me arrastando para longe dele de joelhos ali sobre o colchão. Seus cabelos longos e loiros caindo ao redor do rosto bronzeado, com a barba a fazer, seu tórax esculpido abaixo dos pelos totalmente exposto com a camisa branca aberta. Apesar do ambiente estar à meia-luz era possível analisá-lo na íntegra. E gelei ao descer meus olhos e me deparar com sua ereção tomando forma em suas calças.

— Calma, Mary, sou eu... — ele explicou com as mãos estendidas em minha direção. Seus olhos mal-intencionados percorriam meu corpo nu. Eu quase não conseguia respirar com o coração batendo a mil pelo susto.

— Saia daqui do meu quarto! — gritei quando consegui. — Não pode entrar assim, sem bater — adverti-

o muito furiosa. Sem se alterar ele abriu aquele sorriso nojento malicioso.

— Calminha aí... patroinha... Acho que depois da nossa transa, somos íntimos agora. Não acho que preciso bater para entrar no seu quarto — insinuou de um jeito que me incomodou. Saltei da cama pelo outro lado, olhando pelo chão à procura das minhas roupas. Mas elas estavam do seu lado. Então puxei o lençol com tudo, arrancando da cama, fazendo-o pular para fora dela e coloquei à minha frente e me enrolei nele.

— Eu exijo mais respeito, Sérgio — vociferei. Ele apertou os olhos verdes brilhando de tesão. *Que merda!*

— Qual é, Mary? — Esbaforido, ele se jogou sentado sobre a cama, apertando seu sexo endurecido, como se estivesse massageando, ficando de costas para mim. Por um momento relaxante, soltei os músculos, que já estavam doendo de tão tensos, sem arredar o pé.

— Eu não esperava que viesse tão rápido — disse por fim. Ele deu um laço nos cabelos atrás da cabeça e com as mãos sobre o colchão, inclinou o tronco me encarando ali do outro lado, encostada na parede. Um momento que

aproveitei para observar seu rosto, tentando captar alguma expressão que o incriminasse, mas ele estava mais para desentendido.

— Fiquei aflito depois da sua ligação. — Balançou a cabeça com um gesto de que não sabia do que aconteceu. — Fiquei abismado quando me contou sobre o trabalho infantil.

Torci a boca pensando que ele parecia de fato sincero.

— Você não sabia? — questionei de forma fria, hesitante. Ele se levantou dando a volta pela cama, e então avançou alguns passos em minha direção e parou com as mãos em suas coxas. Desci meu olhar para seu pênis, agora no estado normal. Mais segura me encorajei em chegar um pouco mais perto.

— É claro que não, pelo amor de Deus! — Ele ergueu as duas mãos dando de ombros. Passei por ele, peguei minhas roupas pelo chão e me dirigi para o banheiro.

— Só um minuto. Preciso me recompor, e já conversamos.

— Tudo bem. — Ele foi se sentar aos pés da cama enquanto eu me vesti rapidamente. E quando retornei ele

jogou um olhar inocente sobre mim. Admito que me deixou na maior dúvida! Com a pulga atrás da orelha, eu me sentei ao seu lado. Eu precisava ficar mais perto, já que não conseguia enxergar sua culpa, talvez eu sentisse no cheiro. Todos estes anos de estrada confrontando com magnatas me tornei boa em farejar alguém titubeando.

— É um absurdo que coisas deste tipo possa estar acontecendo bem embaixo do meu nariz — começou ele, indignado. Enquanto ele falava, meus olhos faziam uma varredura por suas expressões e atitudes. — Vou demitir este otário do Adenir amanhã mesmo. Onde já se viu! — Balançou a cabeça, resignado.

— Esta já era a minha intenção ao me deparar com crianças trabalhando. Só que não para por aí, quando resolvi dar uma volta pela fazenda me deparei com situações insustentáveis. — As sobrancelhas claras se ergueram em curiosidade. E narrei tudo o que presenciei, sempre atenta as suas expressões. E tudo o que consegui identificar foi uma total inocência.

— O que acabou de me contar é muito grave, Mary! — exclamou em tom de revolta. Dei de cabeça.

— Além de desconfortável, é inadmissível coisas assim acontecerem nos dias de hoje. — Abri os braços encolhendo meus ombros e me levantei, sufocada. — Tudo é muito precário, trabalho escravo. Uma calamidade!

— Claro, claro... concordo com você. — Pasmo, ele foi imediato na minha indignação. Se levantou e andava de um lado ao outro, nitidamente abalado com a nova notícia, me dando a certeza de que aquilo caiu sobre ele como uma bomba.

— Não é possível que fui um tolo, cego, a ponto de ser enganado deste jeito! — Ele voltou a se sentar com o cotovelo sobre um dos joelhos, segurando a cabeça sobre a testa, transtornado. Era isso que via ali naquela sua reação, tão melindrado como eu estava.

— Precisamos solucionar este problema com urgência — falei em pé à sua frente. Seus olhos verdes se elevaram se deparando com os meus. Notei tensão neles como todo o seu corpo.

— Isso não resta dúvida! — disse ele se levantando. Em sua frente, eu recuei para evitar o confronto. Ele

começou a fechar os botões da caminha me deixando mais à vontade. — Amanhã cedo despediremos este calhorda do Adenir — foi firme e decidido me convencendo de sua ingenuidade.

— Pretendo ir à delegacia amanhã cedo, denunciar às autoridades, abusos como este não pode ficar impune. — Ele inclinou a cabeça e apertou os olhos.

— E acha mesmo que vão acreditar em você? — Balancei a cabeça confusa com a pergunta.

— É claro que vão, é a mais pura verdade — afirmei sem entender a sua reação acusatória.

— Não seja ingênua, Mary! — Eu o fitei, sem entender absolutamente nada. — Você é a proprietária de tudo por aqui. — Ele girou o dedo indicador direito ao redor.

— Sim, e daí? — indaguei ainda no vácuo sobre o seu ponto de vista. Ele revirou os olhos com impaciência como se eu fosse uma ignorante completa. Sinceramente, aquilo me irritou. Travei o maxilar e cerrei os olhos.

— Acha mesmo que vai convencer as autoridades da sua brandura? — Eu assenti de cabeça.

— Não se trata de convencimento. É a mais pura

verdade! — afirmei ganhando um sorriso sarcástico, irritante.

— Eu sei, você sabe! — Abriu os braços. — Acha que é o suficiente? E não conte com os funcionários, eles não a conhecem para defendê-la — lembrou-me. Meu cérebro rebobinou mostrando aqueles rostos desconfiados. Dei de ombros com a questão levantada, ele sorriu de novo daquele jeito impaciente. Estava por um fio de explodir com ele e reprimi a vontade. Ele balançou a cabeça negando. — Vai ser a sua palavra contra a dele. Ele vai sair vencedor desta. Acho melhor você nem pensar nesta possibilidade de denúncia. Vai ser acusada sendo culpada ou inocente pela prática! Não percebe?

Respirei fundo e baixei meus olhos em meu pé direito batucando no chão, refletindo.

— Acho mais prudente demiti-lo numa boa, e acertar os erros — sugeriu ele.

— Como deixou isto acontecer, Sérgio? — perguntei ao levantar minha cabeça. Ele fechou os olhos inalando muito ar ao pulmão, e ficou mudo. — Achei que você estava atento, fechei meus olhos, tranquila — falei baixo,

apreensiva com a acusação. Um sorriso levantou no canto de sua boca.

— Me distraí, foi isso... — mencionou apenas e quando ia se virar falei:

— Acho que ainda está errado, denunciar é a coisa certa a fazer.

Ele se virou bruscamente. Bateu com as mãos nas pernas, me encarando. Eu franzi a testa na maior confusão, sem saber o que pensar realmente. E fiquei com o olhar perdido em seu rosto sem ao menos enxergá-lo.

— É melhor acordar para a realidade, Mary — alertou-me. Eu permaneci firme em seus olhos, flamejando agora. — Raciocina aqui comigo. — Bateu o dedo indicador direito em sua fronte. — Se fizer a denúncia oficialmente, pensa na bagunça que vai fazer, o barulho vai paralisar toda a produção. Todas estas pessoas que você defende por ser sofridas vão ficar desempregadas com a paralisação. Eles vão simplesmente passar a faixa, interditar toda a propriedade até que os fatos sejam esclarecidos, a vida deste povo tende a piorar, vai por mim! — Mordi o lábio inferior analisando sua explanação

deliberando para este ângulo, ele está com a mais absoluta razão. Estas investigações levam tempo.

Meus olhos cresciam em frente à realidade sendo jogada na minha cara, e eu tinha que concordar com ele, conhecia bem de lei.

— Seja razoável, minha cara, e pense mais na parte burocrática da coisa, pondere, analise os prós e os contras. — Sua mão se estendeu em direção ao meu rosto, mas recuei e ele fechou sua expressão deixando o braço cair na lateral do corpo e continuou enquanto o ouvia, pensativa. — Eu entendo que para você que está envolvida emocionalmente, fica difícil enxergar um palmo diante do nariz, porém eu estou aqui justamente para abrir-lhe os olhos, aconselhá-la no que for preciso. A falência, é isto mesmo que você deseja? — Eu não respondi, ambígua, mal conseguia raciocinar com um turbilhão de possibilidades passando por minha cabeça. — Não quero desanimar você, mas vai por mim... O mais aconselhável é demitir o Adenir, que é a parte podre desta história, e restaurar dignamente como deve ser. Vai ser melhor para todo mundo! — finalizou e caminhou em

direção à porta.

— Espera, aonde você vai? Ainda não terminamos — gritei correndo atrás dele. Ele parou com a mão na maçaneta e se virou, fitando-me seriamente. — Você pode até estar com a razão, acontece que ao passar por cima, estamos compactuando com um crime gravíssimo, está confortável com isso? Porque eu não estou — falei com a mão no peito.

Ele baixou a cabeça e soltou o ar com força antes de levantar e me encarar.

— Não se trata de estar ou não confortável, e sim o fato de que tudo vai ficar paralisado. Eu acho sua decisão equivocada, uma medida drástica que não vejo necessidade alguma. Afinal de contas, não houve mortos e nem feridos — concluiu ele. Uma coisa eu não podia negar: ele era uma pessoa prática, porém sentia falta do seu lado humano.

— Teria se eu não descobrisse a tempo — retruquei com força. Ele riu, desanimado, baixando a cabeça novamente. — Você não entende?

— Compreendo perfeitamente bem — interrompeu-me.

— É exatamente isso, Mary. O tempo ficou do nosso lado, não aconteceu nada. E para podermos colocar as coisas em ordem, os negócios precisam ter fôlego. E um dia de trabalho perdido significa um prejuízo estratosférico. Além, é claro — Deu de cabeça levemente e respirou, exausto. —, de abrir espaço aos concorrentes que estão à espreita de algum vacilo da empresa. Ai, oh! — Estalou os dedos das mãos no ar simulando explosão. — A luta que travamos para chegar ao nível que estamos hoje vai tudo para o espaço.

Fechei os olhos, sem acreditar que estava convencida de que ele tinha razão. Porém, o outro lado me cobrava uma posição mais dura, correta e não esconder um crime! E por outro lado dar sequência fazia mesmo toda a diferença. Faria jus aquelas pessoas dando-lhes o dobro de tudo o que lhes foi tirado. Era a minha melhor chance e eu resolvi agarrar.

— Tudo bem — falei por fim convencida e um sorriso aliviado se espalhou pelo seu rosto.

— Ufa! — Ergueu as mãos, satisfeito e encarou-me. — É a decisão perfeita, pode acreditar. — Sorrindo, ele

soltou a maçaneta e veio para minha frente, arqueei a cabeça pela proximidade, ele sorriu de forma estranha. — Pode ficar tranquila, tomarei as rédeas da situação. Amanhã tudo volta ao normal. — Enquanto falava, meus pensamentos vagaram para Porto Alegre, especificamente para o Cristóvão. Faria o convite para administrar a fazenda. Ele tinha experiência o suficiente para entender as necessidades das pessoas.

— Vou confiar em você! — Ele acenou com a cabeça em tom de agradecimento.

— Darei o meu melhor nesta tarefa. Como em todas por aqui — disse ele repousando as mãos em meus ombros e apertou. Subi meus olhos aos seus, ele sorriu francamente. — Uma nova fase vai se iniciar, daremos um jeito... O melhor de todos, vamos fazer justiça de forma abundante... é o mais sensato a fazer. — Olhei bem em seus olhos, incerta. Arrisquei mais um teste.

— Sérgio? Foi enviado uma montanha de dinheiro para cá. Uma parte sabemos que foi aplicada no luxo ao redor. Mas e a diferença? Acredita que o Adenir desviou? — Ele franziu a testa, negando com a cabeça.

— Não creio. — Apertou os lábios um sobre o outro. — De qualquer forma é melhor a gente se livrar dele. Se ver livre do perigo... — Um calafrio desceu por minha espinha com a sua insinuação.

— Tem razão...

— No momento basta a decisão de demiti-lo. Afinal os rendimentos das duas fazendas são fantásticos, vamos recuperar cada centavo. — Ele sorriu confiante.

— Com certeza, vamos! — Inesperadamente ele inclinou-se até que seus lábios úmidos tocassem em minha testa com leveza. Fiquei atônita. Girou a maçaneta sem tirar os olhos dos meus. — É uma pena que o único desejo da patroinha seja conversar. — Encolheu os ombros. Seus cabelos dourados longos vieram sobre seus olhos verdes, cintilando, aguardando uma posição que não veio. Ele tirou de forma sensual. — Já que é assim, vou tirar o meu time de campo. — Ele piscou sexy e com humor olhando diretamente em meus olhos, tipo ”transa comigo, por favor”.

Nada e ninguém teria condições de sobrepor o que estava sentindo no momento com o Fernando habitando

meus pensamentos.

— Boa noite, Sérgio. E obrigada por ter atendido ao meu pedido. — Frustrado, ele piscou e saiu fechando a porta atrás de si.

Pensar no Fernando era uma tortura, todo meu corpo vibrava. Fechei meus olhos imaginando seus braços se fechando em torno de mim, quase podia sentir seu toque, seu calor, seu perfume, seus lábios capturando os meus, uma sensação extremante gostosa. Recuando em câmara lenta, parei quando as dobras dos meus joelhos alcançaram a cama e me joguei ali de costas, e fiquei ali curtindo a ilusão. Depois do furacão veio a calmaria. *Eu te amo, Fe... que saudades!* E neste clima de mergulho na ilusão, eu adormeci.

Capítulo 7

Fernando

O mundo parecia mais cintilante nesta manhã de terça-feira, o sol estava mais brilhante que ontem, o ar mais puro... O céu ainda mais azul com aqueles chumaços de algodão se movimentando abaixo dele. Eu olhei para ele, e tudo o que conseguia ver eram os olhos brilhantes do meu amor. Não era exatamente o que desejava e sim tê-la em meus braços, sentir seu calor, seu perfume. E não assim longe de mim, longe dos meus braços... Mas ainda assim, só o fato de olhar em seus olhos, seu lindo corpo tão meu, ouvir sua doce voz... — Suspirei me arrepiando todo. — já servia de consolo para ir vivendo até quando as coisas se ajeitassem. Falar com ela todas as noites já era uma forma de matar uma pontinha de saudade, com certeza acalmaria meu coração...

Nem os protestos da Natalie, que se tornavam cada vez mais irritantes, foi capaz de tirar esta minha felicidade. A Mary ampliava meu estado de ânimo, era o meu bálsamo

de vida, de alma.

— Bom dia, bom dia. — Um brilho resplandecia dos meus olhos, eu cumprimentava a todos enquanto seguia para minha sala. Eu me sentia renovado, animado, tudo. Sabia que o meu único objetivo hoje seria alcançado, eu só precisava ter paciência para não colocar tudo a perder.

— Bom dia, chefinho. — Joguei meu olhar indignado para a safada da Késsia. Ela surgiu não sei de onde ao meu lado andando no meu passo. — Estou com vários documentos aqui para o senhor assinar — cochichou ela sensualmente me provocando.

— Vamos ver isto na minha sala — falei com um sorriso divertido sem o menor interesse. Estava morrendo de tesão, mas era pela minha birrentinha. No entanto, uma coisa eu não podia negar: ela é gostosa para caralho! Num vestido azul-marinho discreto até o joelho, mas a filha da puta tinha carne o suficiente para preenchê-lo e deixar com saborzinho de mel na boca da gente. E o poder da sedução dela mexia com todos das espécies masculinas da minha família.

— Bom dia, senhorita... — Leonardo, que saiu do

elevador e a viu caminhando ao meu lado, correu para nos alcançar e se postou ao lado dela. E caminhamos os três em direção à minha sala.

— Bom dia, senhor Leonardo. — Ela já havia notado o interesse do meu irmão, e se fazia de difícil com ele. Aliás, quem é que não percebeu? Ele não conseguia disfarçar seu olhar descarado e faminto sobre ela. Também ninguém é de ferro, a bicha gostava de causar e alcançava seu objetivo com êxito. Balancei a cabeça enquanto os dois batiam um papinho a dois passos de mim. A minha única preocupação era com o Juliano, dele descobrir o que estava acontecendo às suas costas. Notei que ele andava esperto depois de entrar na minha sala outra vez sem bater. E foi por pouco. Diferente de mim, a discrição passou longe do Leo. Talvez pelo jeitão despojado dele, eu não sei ao certo. Só sei que não podia perder o meu braço direito, principalmente agora com a minha vida tão tumultuada.

— Bom dia, senhor Fernando — cumprimentou-me Estefânia com um sorriso cordial, porém estranho, assim que abri a porta de sua sala. Olhei-a por alguns instantes,

achando-a diferente esta manhã. Havia um mistério em sua forma de olhar, um brilho ansioso nos olhos que me intrigou e parei a dois passos da sua mesa fitando-a. Ela corou de imediato. E desviou os olhos para a porta quando Leonardo e a Késsia passaram por ela.

— Bom dia... — disse com um sorriso questionador. Ela deu de ombros.

— O senhor precisa de alguma coisa — disse com a voz meio preocupada.

Sim... preciso da Mary na minha vida. Esta era a minha única resposta ultimamente. Estremeci pensando que logo mais falaria com ela, a veria... mesmo que virtualmente, ainda assim aquele delicioso frio na barriga se manifestou. Aliás, ele vinha dando as caras com frequência.

— Hum, n-não... — Balancei a cabeça e segui para minha sala. Késsia entrou em seguida e, claro, o Leonardo a tiracolo. *Vixe, isso não vai acabar bem!* Aquela história estava cheirando a problemas, e ele caprichou no visual, passou agora pela minha cabeça que foi intencional.

Ao contrário de mim no estilo tradicional, o terno bege

claro, sem gravata... apesar de transmitir charme, sedução no quesito masculinidade, ultimamente eu abri mão, me sentia sufocado. Mas também me agradava o resultado final com a camisa com os primeiros botões abertos, arrancava suspiros nas mulheres e acabei ficando viciado nisto. Meu irmão, despojado como sempre, conseguiu um look formal além do casual e acertou em cheio. Deu um bom caimento no seu estilo. Escolheu uma calça quase social azul-marinho que destacou com o cinto social mais claro, combinando sem o terno, uma camisa rosa, puxando para o salmão. E completou com o sapato social, foi uma excelente opção. Como sempre conseguiu se manter superelegante e perfeito para o ambiente profissional.

— Ok... O dever me chama! — Suspirei com a pilha de papéis para analisar sobre a minha mesa. Primeiro fui até o sofá para colocar minha maleta e me joguei sobre minha cadeira. — Pelo jeito, hoje não vou conseguir nenhum tempinho para almoçar — reclamei quando a Késsia debruçou sobre a minha mesa para colocar a folha que trazia em mãos sobre ela. Seus olhos brilhavam em direção aos meus embaixo da sobrancelha, arqueadas. *É*

muito safada, mesmo! Ela piscou passando a ponta da língua ao redor dos lábios finos, quase esfregando aqueles peitões na minha cara. Levantei os olhos com o Leonardo atrás dela de boca aberta, babando com as duas mãos na cabeça com sua bundona empinada para seu lado e acabei rindo do jeito dele. E arrastei minha cadeira para trás e me levantei, estava meio estranha aquela situação.

— Bem, só um minuto, eu já volto. — Segui a passos apressados em direção ao corredor do banheiro, rindo. O Leonardo era mesmo um palhaço... Abri a torneira e deixei a água meio gelada molhar minhas mãos enquanto a Mary fazia a festa nos meus pensamentos. Fechei os olhos com força sentindo meu pau latejar. Lavei meu rosto com aquela sensação de saudade no peito e joguei minha cabeça para trás, passando as mãos úmidas do rosto para refrescar o calor pelo meu corpo. E permaneci ali fitando o teto do banheiro por alguns segundos. E usei o banheiro em seguida quando ouvi um bafafá vindo lá da minha sala e saí de lá correndo guardando meu garotão dentro das calças quando me esbarrei com o Leonardo fechando o cós da calça no corredor.

— Cara, ferrou... — ele falou esbaforido e se trancou no banheiro e eu fiquei ali olhando assustado sem saber o que aconteceu quando ouvia os gritos do Juliano e corri para a minha sala. Perto do sofá, a Késsia ajeitava o vestido no corpo puxando para baixo.

— Me deixa entrar, Estefânia... Eu quero falar com o Fernando agora. — Ouvi a voz alterada do Juliano. Ali caía a minha ficha, minha braguilha ainda estava aberta e mesmo tentando ser rápido eu não tive tempo de finalizar quando a porta explodiu. Com um olhar mortal sobre mim, oscilando para sua noiva ajeitando o vestido, Juliano fechou os punhos, em fúria.

"Eu não fiz nada desta vez!"

— Que porra é essa?! — berrou ele a plenos pulmões. Eu gelei com sua reação, precisava explicar o inexplicável.

— *E-eu...* — Apontava em direção ao banheiro, no mesmo tempo que virei o rosto, como se pedisse socorro para o Leonardo que me largou na mão. *Filho da puta!* — está acontecendo um equívoco aqui... — Nem bem terminei e, quando voltava a olhar para o Juliano, ele veio

com tudo e não tive tempo de respirar, só vi sua cruzada de esquerda crescendo em direção ao meu nariz, acertando-o em cheio. Eu vi estrela literalmente com o golpe violento que até recuei dois passos.

— Seu filho de uma puta... Bem que desconfiei que algo estava acontecendo debaixo do meu nariz! — gritava ele.

— Não, Juliano, para com isso! — gritava a ordinária da Késsia, chorando, segurando o braço dele tentando tirá-lo da sala. *Agora a bandida chora, né?* — Calma, Juliano! — gritei com a mão no nariz ainda meio zonzo, tentando me equilibrar. — Não é o que você está pensando... — O pior que não era mesmo, mas não podia incriminar o covardão do meu irmão, que mesmo vendo todo o tumulto que causou não deu mais as caras.

— Calma o caralho!!! — gritava Juliano ainda tentando avançar sobre mim. Na verdade, em nenhum momento eu pensei em revidar, não mesmo! Eu fiquei com pena dele, não desejava estar em sua pele, de jeito nenhum, só em pensar em outro homem tocando na Mary me deixava apavorado. Era engraçado como os meus conceitos mudaram, e agora que eu estava me dando conta.

— Se acalme, Juliano, vamos sair daqui, tomar uma água, depois vocês conversam. — A Estefânia veio em meu socorro. Segurou no outro braço e as duas arrastaram ele para fora.

— É, meu amor... escuta a Estefânia — falava Késsia toda manhosa.

— Isso não vai ficar assim — rosnou entredentes trincados e puxou o braço se libertando das mãos da Késsia. — Me larga, sua vagabunda. — E olhou para Estefânia e pediu, respeitoso: — Pode me soltar, por favor.

Ela me olhou hesitante, eu assenti de cabeça e então ela obedeceu.

— Olha aqui, Fernando... — Ele apontou o dedo indicador em meu rosto, ofegante. De seus olhos ainda saíam faíscas, porém continuei mudo. Apenas o observei. Então, ele ajeitou o terno azul-marinho, a gravata e se virou saindo da sala sem dizer mais nenhuma palavra.

O clima extremamente tenso engoliu nossas palavras, ficamos em total e absoluto silêncio. Ainda em choque segui até minha cadeira e me atirei sobre ela, passando o

dedo no nariz, e parece que não cortou, embora a dor ainda estivesse insuportável, afinal pancada no nariz dói à beça.

— Vem, Késsia, vamos dar privacidade ao Fernando. — Segurando no braço da moça e fitando-me preocupada, Estefânia a levou para fora da minha sala e fechou a porta ao sair.

Bufei apoiando os cotovelos sobre a mesa e segurei minha cabeça baixa, esfregando minhas têmporas, em dúvida. Eu não sabia se chorava ou se ria, de certa forma tudo que aconteceu não deixava de ser hilário. Eu continuava me metendo em encrencas mesmo inocente... Acho que é algo que herdei de alguma força maligna que me persegue desde o nascimento.

Ecos de vozes femininas me levou até a porta, notei que era a voz alterada da Estefânia. Com cuidado, girei o trinco e, pelo vão, vi as duas cochichando.

— Eu falei para você que não daria certo... Viu só a confusão que você arranjou aqui na empresa? — Estefânia advertia balançando freneticamente a cabeça, inconformada. De cabeça baixa, Késsia fungava à sua

frente.

— Eu não imaginei que o Juliano andava desconfiado. Se soubesse que ele daria meia volta com suspeita, eu juro que jamais deixaria isso acontecer...

— E o que foi que ele viu, você e o Fernando... — Seus olhos curiosos percorreram o rosto vermelho de Késsia, que acabara de se levantar. Ela negou.

— Pior que o Fernando levou a culpa que nem era dele — proferiu ela deixando a minha secretária, confusa.

— Como assim, menina?

— Também este Leonardo tinha que aparecer agora! — exclamou ela levantando a mão no ar. — Aconteceu que o Fernando nem deu bola para mim. E foi para o banheiro, eu aproveitei que o irmão dele cresceu os olhos, e então parti para cima, apenas para causar ciúmes no Fernando, jamais deixaria ir fundo, é claro que não! — Os olhos de Estefânia cresciam à medida que a Késsia narrava o episódio. — Eu juro! — Cruzou os dedinhos da mão e beijou. — Não deixaria rolar nada entre nós. Embora possa parecer, eu não sou nenhuma vadia como o Juliano está me pintando agora.

— Precisa tomar cuidado para não morrer, amiga! — Estefânia colocou a mão no ombro dela com olhar solidário. — E por falar no Leonardo onde se enfiou? Não o vi na sala. — Ela apertou os olhos em dúvida e a outra deu de ombros.

Boa pergunta, será que enfartou lá no banheiro?

— Sei lá... se enfiou no banheiro e não saiu mais... Preciso pedir desculpas para o Fernando. — Ela bateu com as mãos sobre as pernas e virou em direção à porta. Eu fechei rapidamente e travei a mandíbula, preocupado com o flagrante. Enfim, ela não percebeu minha bisbilhotice e se virou para Estefânia.

— Mas não agora, né, amiga?! O momento é para você retornar para sua sala e se trancar lá e a chave, isto se der mesmo valor à sua vida — alertou-a e foi se sentar à sua cadeira e ficou ali observando a Késsia, pensativa de olho na minha porta, eu quase nem respirava. — Mulher do céu... Que a Nossa Senhora do Juízo proteja você... Não está pensando em entrar lá novamente, está?

A Késsia fez biquinho apoiando a cabeça no ombro direito, afim de alongá-lo.

— Na verdade, estou. Eu preciso explicar que tudo o que fiz foi por amor, ele deve estar pensando que sou uma vagabunda, no meio da confusão ficou parecendo que transei com o irmão. — Balançou a cabeça em tom de preocupação. — Porém, vou esperar a poeira baixar, além do mais o Leonardo está com ele. — Ajeitou o vestido, ergueu a cabeça e saiu da sala.

— Por que está ouvindo atrás da porta? — A voz do Leonardo ecoou ao meu ouvido me fazendo pular.

— Shhhhh... — Coloquei o dedo indicador nos lábios e fechei a porta lentamente para não chamar a atenção da Estefânia e acredito que deu certo e me virei, fuzilando o Leonardo, que deu de ombros. *Fazer o que, né?*

— Cara, que loucura foi aquela? — questionei. Ele fez cara de cachorro sem dono. Se sentou na quina de minha mesa e suspirou.

— A mina é gostosa demais... e aceitou o meu cortejo... — Deu de ombros com ar inocente, que acabei rindo, conhecia os atributos da Késsia, o quanto ela sabia fazer a gente perder a cabeça com tudo aquilo de carne. — A culpa não foi só minha.

Rindo, eu segui até minha cadeira me jogando sobre ela, esticando minhas pernas para frente à medida que pressionava minhas costas no assento.

— Eu acabei levando a pior. — Apalpei meu nariz, ainda um pouco dolorido. Ele se levantou e se postou ali ao meu lado.

— Você me devia uma, agora estamos quites — falou ele em tom irônico, enquanto eu franzia a testa sem entender.

— Do dia que entrou no quarto lá na cobertura — disse fraquinho. Eu caí na gargalhada.

— Você é muito cara de pau, Leo... — Ele riu também.

— Olha só quem fala... — disse ele, humorado. — Bem, agora estamos quites.

Grunhi, olhando-o em desaprovação.

— Acontece, irmãozinho, que o Juliano é o melhor advogado que a nossa empresa já teve. Eu quero só ver como vou convencê-lo a não pedir demissão, ainda mais com a viagem marcada para amanhã cedo para Porto Alegre. Agora vai, sai daqui. — Dei com a mão em direção à porta de saída. — Eu preciso me concentrar e

me preparar para falar com ele.

— Vai me denunciar? — perguntou ele com ar sapeca. Eu torci a boca, pensativo.

— Se for a única forma de mantê-lo na empresa... eu sinto muito... — Seus olhos arregalaram de medo.

— Então ferrou! — Caí na gargalhada. Embora tudo tenha sido uma tragédia, eu não consegui parar de achar graça. Acho que precisava de uma confusão naquele naipe para relaxar. E me levantei. — Pelo amor de Deus, Fernando. O cara é super gente fina, a gente saiu algumas vezes para beber... — Revirei os olhos.

— Cara de pau... a consciência veio tarde demais. — Me aproximei, bati em seu ombro e, segurando em seu braço, o levei até a porta. — Se tranque na sua sala, caso eu precise contar a verdade ao Juliano — avisei com ar sério.

— Seu conselho é uma ordem.

Fechei a porta rindo, eu não podia recriminá-lo, pois já comi deste doce e sei bem como é bom. Voltei à minha cadeira, com olhar perdido sobre os papéis em desordem, sem a mínima condição de tocá-los. Meu coração estava

apertado de saudade no peito, tudo era intenso agora em minha vida que, de repente, se tornou a maior bagunça. Desordem que eu não sabia ajeitar, só o doloroso tempo poderia dar um jeito naquilo. Nem mesmo o episódio bizarro que aconteceu ali em minha sala, nesta manhã... Ainda assim não consegui desviar os meus pensamentos. Era como se nada mais tivesse importância sem a Mary. Ela me virou do avesso, eu me sentia assim sem ela. Não sabia nem como começar uma conversa saudável e convincente com o Juliano, aliás, nem conseguia pensar neste assunto. Não havia a menor possibilidade, eu me sentia ansioso para o anoitecer, contando as horas para o dia virar noite. Olhei no relógio, porém ainda tinha muito chão pela frente. E me levantei indo diretamente em frente à janela.

O dia estava com o mesmo brilho de quando cheguei, a luz da cidade infiltrava através da janela batendo diretamente em meu peito, aquecendo meu coração, antes de criar o elo do chão ao teto. Ali, eu servia como um instrumento para a natureza exercer o seu papel.

Tudo parecia tão pequeno aqui de cima, no entanto, eu

via muito claramente como da última vez que a vi lá embaixo. Filas de carros paravam e seguiam aos comandos dos faróis da movimentada avenida Berrini. E filas se formavam pelas calçadas e lotavam as plateias de algum artista que se apresentava. Enquanto muitas pessoas transitavam pelas ruas, indo e vindo, calmas ou apressadas, eu ficava ali pensando que em meio a tantas cabeças poderia encontrar a da Mary, erguida de encontro a minha janela. Um sonho que sabia que não iria se realizar, ciente de que, desta vez, ela deveria estar distante.

Senti uma dor que foi amenizada com a lembrança que logo mais ouviria sua doce voz, olharia em seus meigos olhos... *A minha birrentinha!*

Bem, só me restava agora enfrentar a fera, e seja o que Deus quiser! Cocei a cabeça e saí da minha sala rumo a do Juliano.

— Será que podemos conversar? — perguntei após bater à porta.

A sala da Késsia estava vazia e entrei diretamente. Seus olhos frios vieram sobre mim ali na porta, e sua

expressão, um tanto estranha me causou um certo calafrio. Não sentia medo dele, afinal estava inocente nesta história, desta vez, só que deveria poupar o meu irmão. O meu temor era o seu pedido de demissão, pois ali, na cadeira executiva, ereto com as duas mãos abertas apoiadas sobre a mesa, pela primeira vez com seus cabelos desalinhados como eu nunca vi antes, ele mantinha um ar decidido. Respirei fundo desviando os olhos para a janela atrás de si. Embora sua sala fosse menor, no entanto ela mantinha o mesmo padrão arquitetônico e decorativo.

— Na verdade, eu nem imagino como poderia ser esta nossa conversa — proferiu ele friamente. Afastou a cadeira de rodinhas se levantando e ficando de costas para mim, ali em frente à janela com o olhar perdido no horizonte. Eu penso que perdido no nada, devido às circunstâncias. Ele era muito bem remunerado para jogar tudo o que conquistou para o espaço por uma mulher. De repente, sorri de canto de boca, pensando que se ele faria isso, eu faria... se a Mary se manifestasse a favor!

Reprimi meus lábios e fechei a porta atrás de mim,

respirei fundo antes de me aproximar e postar ao seu lado. Ambos ficamos ali, em silêncio, com as mãos no bolso, de olho no nada. Sua respiração estava tão pesada que eu podia ouvir com clareza.

— Eu não vim aqui para me explicar. — Ele grunhiu sem desviar o olhar, nem eu. — Sei que a imagem vale mais do que uma palavra. Mas o fato é que houve um equívoco na minha sala. — Ele finalmente desviou o olhar da janela para mim, com ódio. Eu me mantive firme, no controle. Eu precisava consertar aquilo, ou, pelo menos, mantê-lo no cargo.

— Não há razão nenhuma para você se explicar! — disse ele num tom mais baixo, reflexivo e voltou para a janela. — De certa maneira, a culpa é da Késsia, ela deveria se dar ao respeito. Não teria acontecido nada disto se ela não quisesse. Como se diz o velho ditado: "Quando um não quer, dois não brigam!". — Voltou a me encarar e eu apertei os olhos. — Isto não faz de você inocente, foi tão traíra quanto ela — acusou-me dando as costas e voltou à sua cadeira, soltando o ar com força. — Se ela me amasse mesmo, não daria ao luxo do desfrute

— finalizou magoado e de cabeça baixa. Puxei a cadeira em frente à sua mesa e me sentei.

— Como iniciei a conversa, no momento em que você entrou na minha sala, eu estava saindo do banheiro. E toda aquela situação embaraçosa que você viu, não passou de um mal-entendido. *"Eu mato o Leonardo, eu juro que mato!*

Ele bufou e numa atitude inesperada e desesperada, ele bateu as mãos abertas sobre a mesa e me fitou. Seus olhos tinham o tom do inferno, flamejavam juntamente com seu rosto, todo o sangue do seu corpo parecia ter se concentrado ali. Era realmente assustador. Meus olhos varreram por toda a mesa, e estava cheia de objetos que poderíamos chamar de armas brancas, e simbolizava armas perigosas numa situação como a que estava enfrentando no momento: estiletes, compassos, além do brilho da tesoura, que em outras ocasiões soariam inofensivos, que ofuscou meus olhos, alertando-me ao perigo. Com o pé empurrei a cadeira para trás a fim de me proteger. Vai que ele resolvesse partir para cima de mim, né?

— O que foi, está com medo de mim? — perguntou ele ao notar a direção dos meus olhos. Levantei os olhos e o encarei.

— Precaução — disse apenas. E ele se levantou e veio até ao meu lado, girei a cadeira e fiquei ali com a cabeça erguida aguardando seu próximo passo.

— Eu não sou burro e você sabe disto — começou a falar. — Não quero nenhum esclarecimento seu. Eu já resolvi meu problema com a Késsia — disse ele. Eu estava louco para perguntar dela, mas não me arrisquei, porque o cara se segurava, no entanto estava nítido o quanto estava possesso. Para explodir faltava pouco e eu, como tinha juízo, me levantei e caminhei em direção à porta.

— Olha, Juliano, já vi que neste assunto não há dialogo, então vamos direto ao que eu preciso saber. — Ele se aproximou e parou alguns metros de mim, com as mãos na cintura, fitando-me de um jeito amedrontador. *Caralho!* — Em relação à empresa, qual é a sua posição? — Ele deu de ombros e voltou à sua cadeira, eu soltei o ar aliviado, a distância me fez superbem.

— Eu não vou jogar a minha carreira, que levei muito tempo para conquistar apenas porque uma filha da puta de uma galinha se achou no direito de me chifrar — exasperou. Eu me mantive inexpressivo e em silêncio. Não havia argumento capaz de melhorar a situação. Me concentrei apenas no que era importante.

— Então, eu posso continuar contando com você? — Ele afirmou num movimento de cabeça. — Muito bom, então. — Girei e segurei na maçaneta quando ele limpou a garganta e me chamou.

— Só que a partir de agora não espere muito além dos meus serviços profissionais, Fernando.

Abri um sorriso de lado e confirmei com a cabeça, em seguida abri a porta, saindo, e fechando-a atrás de mim.

No momento era tudo o que eu precisava ouvir, mesmo porque amanhã tínhamos compromissos inadiáveis que era visitar a obra em Porto Alegre.

A noite venceu o dia sem que eu percebesse, girei a cadeira para a janela e fiquei ali com as mãos atrás da cabeça, com vista ampla da cidade, admirando o espetáculo das luzes, contando os minutos para sair,

ansioso para falar com o meu amor. Me virei de frente à mesa e ajeitei os papéis, eram tantos para analisar e assinar que ao olhar no relógio dourado em meu pulso, me assustei. Já passava das sete horas da noite. Saí apressado da minha sala, meia dúzia de pessoas ainda estavam trabalhando. Depois que conversamos, o Juliano só me ligou para confirmar o horário do voo a Porto Alegre. A Estefânia me confidenciou que a Késsia saiu logo após a confusão sem nenhuma explicação. E o meu irmão saiu de fininho, sem ao menos me avisar... Quando chegar em casa, eu vou pegar ele de jeito.

Senti um calafrio descer por minha espinha quando abri a porta da sala à meia-luz dos abajures, a Natalie estava deitada de lado no sofá, de frente para a porta, com uma almofada no meio das pernas e gemia baixinho como se sentisse fortes dores e estava ali sofrendo sozinha.

— Natalie. — Fechei a porta correndo e me aproximei dela. Ela simplesmente levantou a mão segurando na minha me puxando. Me ajoelhei em frente a ela, colocando minha maleta sobre o tapete macio. — Você não está se sentindo bem? — Alisei seus cabelos da testa

à cabeça. Ela negou com um leve movimento de cabeça.

— Estou com fortes dores no pé da barriga, hoje — balbuciou mostrando com a mão direita o local. Seus dentes trincados denunciavam o sofrimento. Preocupado, levantei sua cabeça e me sentei colocando-a sobre meu colo. Com sacrifício, ela se virou de frente e seus olhos azuis brilhavam sobre os meus.

— Bem que poderia ser sempre assim... — Sua mão subiu ao meu queixo, com os dedos ela trilhou por minha mandíbula com uma expressão triste.

Me sentia comovido, afinal eu amava minha priminha e também precisava pensar que foi irresponsabilidade dela, talvez ela não pensou que isso pudesse acontecer. Segurei em sua mão e trouxe aos meus lábios e beijei. Ela fechou os olhos para receber o carinho e suspirou.

— Eu rezo todos os dias para você abrir uma brechinha no seu peito. — Sua mão se soltou da minha e desceu ao meu tórax com carinho, seu dedo girando levemente. — Uma pequena chance, e sei que vou conseguir fazer você se apaixonar por mim.

Dizer o que, né? Nada mais conseguiria entrar no meu

peito, eu sabia que não. Porém, não podia ser sincero porque seria cruel da minha parte. Eu teria que conviver com ela carregando em seu ventre dois filhos meus, a amando ou não. Fui mulherengo a minha vida toda, mas uma coisa que nunca fui foi um calhorda como muitos me acusam.

Um pouco atrevido, espaçoso, mas isso passou agora, depois que conheci a minha Mary. Ela fez toda a diferença em minha vida. O meu maior desejo é um dia construir uma família ao seu lado, ver nossos filhos nascerem, crescerem... Eu queria muito uma vida inteira com ela. E se possível, pela eternidade, se existir vida após morte. Contava com o tempo, acreditava que, apesar de doloroso, ele me levaria até ela, eu precisava crer nisto. *Daqui a pouco vou ouvir sua voz doce.* Meu corpo arrepiou todo com a lembrança e meu pau fisgou.

— Não controlamos quem amamos, simplesmente acontece, Natalie... — *Agora, eu entendia isso.* — Eu não quero magoar você, nunca foi esta a minha intenção. Enfim... Precisa aceitar o fato de que eu a vejo como uma irmã. Independentemente de estar carregando meus filhos,

tudo entre nós foi acidentalmente. — Sua expressão se fechou e ela fechou os olhos, reprimindo-os com muita força. — Por favor, eu já te pedi para dar tempo ao tempo — falei a fim de amenizar o clima que pesou. Ela assentiu levemente com um movimento de cabeça.

— Tudo bem... Não pretendo iniciar uma discussão, hoje. — Ela tentou se levantar, eu a ajudei a se sentar notando sua dificuldade. Jogou as costas sobre o assento que quase a abraçou e com as mãos sobre suas pernas ela respirava muito forte, com os olhos fechados e fazendo bico.

— Tem certeza de que você está bem? — Coloquei a mão em suas costas. Ela assentiu.

— O médico me explicou, a dor na região pélvica é bastante comum durante a gravidez, inclusive no meu caso carregando dois bebês... — Ela fez questão de me lembrar olhando em meu rosto.

— Com licença. — A nova cozinheira se aproximou. Uma mulher de uns quarenta e poucos anos, magra e discreta. Ela não cozinhava como a Ana, mas era bem-vinda à nossa casa pela sua dedicação e esforço. — O

jantar já está servido — informou ela, sorrindo.

— Obrigado — agradeci, ela assentiu e voltou para a cozinha.

— Vamos jantar — disse me levantando. Natalie não esboçou nenhum movimento. — Quer ajuda?

— Vai você. Eu vou ficar aqui mais um tiquinho — disse em meio a um sorriso. Ela estava diferente hoje. Calma... serena... *Que estranho!* — Eu vou em seguida. — Concordei e segui para a sala de jantar, estava faminto. A mesa realmente abriu ainda mais o meu apetite quando vi que ela havia preparado o feijão tropeiro. A Ana sempre me surpreendia com este prato mineiro suculento que ela sabia preparar como ninguém.

— E aí, Fernando? — Eu lavava as mãos no lavatório quando Leonardo entrou na sala e bateu em meu ombro. Eu só inclinei a cabeça com o cenho franzido. — Estava curioso para saber notícias, como foi a sua conversa com o Juliano — indagou ele e foi se sentar à mesa. Eu apenas grunhi enquanto secava minhas mãos na toalhinha pendurada ao lado do lavatório e fui me sentar à sua frente.

— Desagradável. Como esperava que tivesse sido? — Balancei a cabeça em desaprovação enquanto me servia daquele feijão, me deixando com água na boca. — Você precisa aprender a ser mais discreto em suas conquistas, Leonardo — alertei-o e ele deu de ombros.

— Como eu poderia imaginar que aquele corno do Juliano estaria de olho?! Aliás, era você que ele queria pegar... — Seus olhos acusadores e cheios de ironia vieram sobre mim. Eu acabei rindo do jeito dele.

— Eu não sou um mané como você, né, cara?! É ruim dele me pegar, hein! — falei todo orgulhoso da minha esperteza e ele revirou os olhos, concordando.

— É, você não é tão esperto assim, foi pego pela priminha... Eu avisei que ela ia colocar na sua bunda. Não avisei? — Franzi a testa, desaprovando-o, jogando meu olhar na porta, preocupado.

— Não fale assim, a Natalie está na sala... — alertei-o e ele deu de ombros.

— Ela está dormindo profundamente — avisou-me ele voltando ao assunto.

— Cara, você deve ter açúcar na cabeça do pau, não é

possível — disse ele sarcástico. Sem me conter, joguei a cabeça levemente para trás, gargalhando. — É impressionante! Você pega todas as gostosas... Caraca! Será que se eu lambuzar o meu eu dou mais sorte?

Com o cotovelo sobre a mesa, eu segurei minha cabeça rindo... Só o meu irmão mesmo para me tirar da angústia que vivia em meus dias.

— Como você fala besteiras, Leo. — Ele riu alto, se servindo do feijão.

— Besteira?! É a mais pura verdade. A mulherada só quer você... — Eu neguei de cabeça.

— Oh, coitadinho! Você parece um ser desprezado... — Ria muito. — Você é pior do que eu, pare de se menosprezar.

Ele estremeceu gemendo.

— Sabe aquela sede de pegar aquela gostosa da Késsia? — Só arregalei os olhos com seu comentário. — Pois, é! Eu estou deste jeito. — Sua voz saiu estagnada através dos dentes trincados.

— Leo, é o seguinte... — Já me posicionei, preocupado. — é melhor ficar longe da Késsia, hein! — alertei-o.

— O Juliano despediu-a. — Apertei meu olhar, surpreso.

— Sério mesmo? — Ele assentiu.

— Falei com ela depois que saiu aos prantos da empresa. — Arqueei as sobrancelhas, sem saber o que pensar. — E adivinha... ela não estava chorando pelo namorado, tampouco pelo emprego perdido. Ela se lamentava em ficar longe de você, acredita nisso?

Grunhi e voltei à minha refeição, já tinha problemas demais para me preocupar hoje, deixaria isso para ver depois. Afinal, fiquei com pena da moça.

— Mesmo assim, permaneça distante dela, por favor. Por sua causa eu quase perdi o meu melhor funcionário hoje. — Seus olhos castanhos se arregalaram curiosos.

— Ah, e por falar nisso, como foi a conversa, contou a verdade a ele?

— Decidi poupá-lo... ele mataria você — fui sincero. — Foi meio arredio, o que é razoável. Nem sei o que eu faria no lugar dele, mas enfim... Não sou nada para julgar alguém. E como estou numa posição confortável de chefe, acabou tudo bem.

— Puta, cara — Ele bateu com as duas mãos na mesa em agradecimento. —, valeu mesmo!

— Sobre o que vocês estão falando? — Minha mãe entrou na sala, vestida elegantemente num vestido branco, longo até o tornozelo. Como sempre, seus cabelos estavam impecáveis, com a leve maquiagem no rosto deixando-a muito jovial. Um talento só dela.

— Nada não... Conversa de irmãos — explicou rapidamente o Leonardo.

— Ah, sim. Chegou agora, Fernando? — perguntou ela enquanto puxava a cadeira ao meu lado e se sentou.

— Faz um tempinho. — Virei a cabeça em direção à porta. — A Natalie não vai vir jantar?

— Ela está dormindo no sofá — falou minha mãe. — Estou estranhando este cansaço dela hoje...

Preocupado, pedi licença e me levantei.

— Vou dar uma olhadinha nela, reclamou de dores no pé da barriga.

— Vai sim, meu filho — disse minha mãe, se servindo. —, qualquer coisa me grita que corro lá.

Assenti e me dirigi para a sala.

— Natalie? — chamei deslizando as pontas dos dedos em seu braço. Sonolenta, ela abriu os olhos e segurou em minha mão. — Você não vai jantar? E como está a dor?

— Já passou. — ela respondeu enquanto se sentava. — Eu não estou com fome, tomei um café reforçado à tarde. — Segurou em minha mão. — Será que poderia me ajudar a subir para o meu quarto, me sinto cansada hoje.

— Sim, claro... — Ela se levantou, eu segurei em sua mão e ela apertou, hesitante.

— Me leva em seu colo, por favor... Minhas pernas não estão firmes o suficiente para suportar o peso do meu corpo... — Ergui a sobrancelha, em dúvida. Eu fiquei receoso com aquele pedido, preocupado na verdade. Ela aproveitava todas as oportunidades com a tentativa de aprofundar a relação e eu não estava a fim de magoá-la esta noite, pois nada e ninguém seria capaz de tirar a alegria que estava sentindo, ansioso para logo mais. — Eu prometo que não vou atacar você... Pelo menos, hoje — afirmou com um leve sorriso divertido que me convenceu.

Puxei seu vestido na cor preta para baixo a fim de não tocar em nenhum lugar de sua pele para não despertar

nenhum interesse dela, a peguei em meu colo, enquanto seus braços foram ao redor do meu pescoço eu afastei minha cabeça, relutante. Das outras vezes ela lascou beijos inesperados me pegando de surpresa.

Seus olhos azuis se prenderam aos meus e sua respiração estava acelerada ao mesmo tempo que seu corpo tremia.

— Acho lamentável ter um homem como você ao meu lado e não ser tocada, eu gosto tanto do seu colo, queria ficar aqui assim. — Deitou a cabeça em meu ombro fungando em meu pescoço. — Eu não queria mais descer daqui, aff!

— Pega leve, Natalie — Eu fugia do seu contato. —, não pode ficar forçando a barra, menina. Deixa o tempo seguir seu rumo natural. — Ela resmungou passando a língua na pele do meu pescoço e eu sentia choque doloridos. Abri a porta rapidamente, desajeitado. Ela só não caiu dos meus braços, porque se agarrou firme, entrei cambaleando com ela e a coloquei do jeito que deu sobre a cama. Ela bufou, decepcionada.

— Que merda, Fernando! Será que nunca vai me dar um

espacinho nesta sua vida, nunca vai me deixar fazer parte dela? — Ela abriu os braços deitada de costas na cama, cobrando-me uma explicação.

— Não me faça responder esta pergunta, por favor, priminha — optei pelo humor com um sorriso no rosto e ela revirou os olhos, desaprovando.

— Pra mim, você vai ser sempre o homem cheiroso que eu amo de paixão — falou diretamente sem hesitar e bateu no colchão me chamando. — Deixa de ser chato e deita aqui comigo? — Sorrindo, eu neguei. Sabia onde daria aquele pedido. — Não vou negar que quero você, o seu abraço e seu cheiro para mim, mas hoje eu vou respeitar o seu espaço. Só preciso de um abraço, estou me sentindo carente, meu corpo está pesado, sabe? — Uma sincera Natalie surgia e fiquei comovido. Realmente, ela não andava muito bem de saúde e eu não pude negar. — Eu só preciso de apoio, eu juro que vou me comportar — disse sorrindo com leveza e sinceridade.

— Tudo bem, chega para lá. — Me sentei na cama e tirei os sapatos antes de me arrastar com as costas na cabeceira e a abracei. Ela aninou-se em meus braços e

ficamos ali por longos minutos em silêncio. Inesperadamente ela cumpriu o prometido, e logo adormeceu.

Assim que ela adormeceu, eu tentei tirar os braços dela ao redor do meu pescoço, mas ela me agarrou forte.

— Por favor, não vai embora! — implorou de um jeito que não consegui sair dali.

As horas foram passando e eu ficando cada vez mais agoniado, esperando o celular tocar. Eu precisava ir para o meu quarto, queria falar com meu amor na privacidade, tomar um banho antes e me exibir da mesma forma que sabia que ela faria para mim. Suspirei com saudade, excitado, só imaginando seu corpinho...

E já passava da meia-noite quando finalmente eu consegui me desvencilhar da Natalie, ela dormia profundamente e não notou quando saí bem devagar da cama. E nada do celular tocar.

Tomei um banho rápido, ansioso e angustiado ao mesmo tempo, apaguei a luz quando me joguei nu sobre a cama e esperei...

— Fernando? — Despertei assustado me sentando na

cama, com alguém me chamando, batendo à porta do meu quarto. — Acorda, filho, o Juliano está ligando no telefone fixo, disse que você não está atendendo ao celular. Ele está no aeroporto com um cliente, esperando por você.

— Nossa! — Pulei da cama ao me lembrar do compromisso. — Já acordei. Obrigado, mamãe. — Corri para o banheiro e tomei um banho rápido. Desiludido esperei tanto que peguei no sono.

"Mary, meu amor, o que aconteceu para você não me ligar?", me perguntava mentalmente.

Eu não sei como eu consegui, em meia hora estava chegando ao aeroporto. Deixei meu carro no estacionamento e saí correndo para me encontrar com os dois, o Juliano e o Claudino. Apesar de ser muito profissional, o Juliano explanava sobre o projeto e também sobre outros que se iniciavam de maneira muito eficiente. Só que durante toda a conversa se dirigiu ao Claudino, até na aeronave ele escolheu o corredor quando me viu sentando na janela. Eu não me importei, conseguia me manifestar bem e claramente. E com aquele flash do

rosto da Mary invadindo minha mente, tirando-me do foco algumas vezes, nada atrapalhou a conversa.

Eu sentia tanta saudade dela que, ao descer do avião e pisar em sua terra natal, meu coração deu aquele pulo. Eu precisava vê-la com urgência...

O vento forte balançava as árvores bruscamente e o céu estava completamente cinza, e mesmo assim não ofuscou a visão que aqueceu meu coração. Senti muito orgulho quando o táxi estacionou em frente ao local do shopping. A construção estava a todo vapor e bem adiantada com a performance de todo o canteiro de obras, tudo muito organizado.

— Nossa! Parabéns, Fernando, a região é, sem dúvida, privilegiada. — Claudino bateu em meus ombros, me elogiando. Suspirei fechando os olhos, pensando nela... E pensar que um dia me arrependi por ter iniciado este projeto. Hoje, eu entendo diferente, que ele veio justamente para me trazer a Mary. Ela era, sem dúvida, minha alma gêmea, porque se não fosse não fazia sentido o que sinto por ela. "Não é mesmo, Deus?", pensei olhando para o cinza que começava a tomar uma

tonalidade chumbo em direção ao preto.

— Realmente foi uma grande sacada — respondi com um sorriso apertado nos lábios.

— Bom dia, o senhor deve ser o Fernando. — Um homem de cabelos grisalhos e olhos bem azuis, postou à minha frente estendendo a mão e eu apertei. — Meu nome é Cristóvão Antunes. Sou o responsável pela comissão de moradores — ele se apresentou. Eu sorri imaginado que aquilo bem que poderia ser um sinal, pois acabei de pensar nela. Quero dizer, coincidência alguma, eu vivo pensando nela, 24 horas por dia.

— Sou eu mesmo — respondi educado. — Muito prazer, Cristóvão... você deve ter conhecido a Mary Lemos? — Não resisti. Ele riu estranhando a minha pergunta e ficou meio ressabiado. Eu bati em seu ombro. — Ela fez um grande trabalho em reformular o projeto, a nossa empresa deve muito a sua atitude — fui sincero e ele relaxou e, então, um sorriso finalmente surgiu em seu rosto.

— A Mary é uma pessoa excepcional! — disse ele sentindo o mesmo orgulho que eu sentia. — Ela sabe

exatamente coordenar qualquer problema, deixando ambas as partes satisfeitas. — Meus olhos varreram por toda a obra e pararam distante, onde as casas populares estavam quase todas em pé.

— Concordo com o senhor. — Bati em seu ombro. — Bem, deixa eu apresentar. Apresentei-o ao Claudino e ao Juliano e então ele se ofereceu para nos acompanhar. E juntos com alguns engenheiros e responsáveis pela obra, caminhamos. Tanto o Cristóvão, que me deixou admirado com sua desenvoltura, e os profissionais nos apresentaram dados sobre a obra, além de explicar detalhes que serão desenvolvidos ao redor do shopping.

— Obrigado, Cristóvão, adorei a sua companhia e sua explanação — falei com sinceridade, já passava das 15h e estávamos horas caminhando pelo bairro. O vento varreu as nuvens escuras e o céu ganhava um azul mais límpido. E tudo caminhava na mais inteira perfeição.

— Essas visitas promovem uma visão maior da obra. É bom estar fazendo parte deste momento — disse ele, sorrindo.

— Você tem visto a Mary? — Eu vivia me arriscando.

Ele negou de cabeça.

— Depois que ela recebeu aquela herança, nunca mais a vi por estas regiões. Sinto muita falta daquela menina. — *Eu então!*

O celular tocou no bolso de sua capa azul.

— Só um minuto, senhor Fernando. — Assenti. Ele se afastou apenas um pouco, o suficiente para eu ainda ouvir o nome Mary.

— Mary! — Gente, nem percebi que quase gritei e me aproximei dele. — É a Mary ao telefone? — Ele confirmou com a cabeça. — Deixa eu falar com ela. — Quase arranquei o telefone da mão dele.

— O senhor Fernando Albuquerque quer falar com... — Eu tomei, literalmente, deixando-o meio sem ação, me olhando com seus olhos arregalados, mas eu virei de costas me afastando.

— Mary, Mary... — Eu ouvia sua respiração e ela não respondia. — Mary, meu amor, por que você não me ligou? Me fala... eu esperei você a noite toda... O que foi? Fala comigo, porra! — gritei tapando a boca para as pessoas não ouvirem o meu desespero.

— Receio, Fernando! Me sinto uma fraca, covarde... tudo! Se coloca no meu lugar: quando penso em você, vem a sombra da realidade sobre minha cabeça, seus filhos, amor... Eles ainda estão em desenvolvimento, um abalo emocional à sua prima fragilizada pode prejudicá-los. — Respirei aliviado. Por um momento temia sua desistência. — É muito arriscado... Talvez seja melhor a gente seguir em frente, cada um com a sua vida, agora que as nossas vidas tomaram rumos diferentes. — Apesar do medo que eu também sentia, eu me recusei a aceitar seus termos.

— Não, eu não aceito esta condição, você foi a surpresa na minha vida que não estou disposto a abrir mão. Mary, me escuta, eu vou raptar você de novo, e desta vez eu não vou ser bonzinho, eu juro! — Ela riu com ternura.

— Como eu te amo, Fe... — Suspirou fazendo meu coração disparar e meu corpo tremer...

— Por isso mesmo, não faça isso com a gente, por favor.

— Eu não tenho culpa do que aconteceu, mas eu acho que você também não. — Ela silenciou por um segundo

enquanto eu fechei meus olhos com aquela puta dor no peito. — E também nem tem mais importância de quem é a culpa. Sinto tanto a sua falta, queria tanto ter você por perto. Vamos pensar que é do destino, pronto.

— Amor... — balbuciei, ela estava mais ajuizada do que eu. Afinal, só o amor que sentia por ela contava naquele instante.

— Por favor, não me machuque mais... Eu não suporto mais isso...

— Você está sendo muito sensata, querida, mas, olha, fique tranquila e não desista de mim, é só o que lhe peço. A gente vai conseguir encaixar as coisas nos seus devidos lugares, e vai ficar tudo em ordem, só precisamos de um tempo, apenas isso — tentei fazê-la mudar de ideia e ela ficou quieta por algum tempo.

— Por enquanto vamos deixar o tempo seguir, até mesmo por segurança. Cada um focando nos seus problemas, acredito que assim as coisas ficarão mais fáceis para ambos. E depois a gente senta e conversa. — Sentia o seu sacrifício, não era o oposto do meu.

— Eu acho que não consigo! — Saiu apenas um fio de

voz com aquele caroço enorme na garganta me sufocando. — Sem você eu não posso respirar. Que merda de vida! Que merda! — Apertei meus lábios revirando os olhos para o céu e pedindo a Deus para me ajudar, nos ajudar.

— Acha que estou vivendo sem você... não... Estou tocando a vida, Fernando...

— Só Deus para olhar por nós, né, birrentinha? Bem que ele poderia ter piedade e tirar a gente desta enrascada. — Passei as mãos trêmulas pelo cabelo e me virei com os três pares de olhos sobre mim. — Que se foda todo mundo, passou da hora de enfrentar, jogando tudo para o alto.

— Você não está falando sério, está?

— Cansei de ser bonzinho. Eu quero você e pretendo enfrentar o mundo se preciso for, aliás, eu deveria ter tomado esta atitude naquele no dia na minha casa, diante da minha família. Eu fui um burro, um fraco. Já chega! Vamos arriscar, juntos, unir nossas forças. — Fechei os olhos ouvindo seu suspiro de felicidade.

— E a sua família, seus filhos, o risco? — ela perguntou, confusa.

— Não vai acontecer nada, Mary. E ninguém vai poder nos julgar, afinal de contas eu não sou responsável pelo que aconteceu. Se existe um culpado nesta história é a própria Natalie.

Ela ficou por alguns instantes calada.

— Deus vai olhar por nós, eu sei — insisti.

— Fe... Eu te ligo depois, tá? Estou com algumas urgências aqui para resolver e... — ela falou pensativa. Contrariado, olhei para o aparelho e estava como número desconhecido.

— Espera, querida! Vamos conversar mais um pouco... Não desliga... — ordenei e ela mandou um beijo estalado. — Liga no meu celular mais tarde, a gente precisa acertar isso. Eu preciso muito olhar para você, por favor...

— Eu vou ligar, Fernando...

— Estarei aguardando sua ligação... — Fechei os olhos com o seu suspiro profundo.

— Eu te amo, meu amor, muito, muito, muito, muito... — Então ela desligou.

"Eu também te amo", pensei com os olhos fechados. Sabe aquele instante que percebe que o mundo desabou

sobre a nossa cabeça? Então, era isso que eu estava sentindo, como se o planeta Terra tivesse rasgado ao meio e eu flutuava pelo universo negro, perdido. Eu não sabia como agir ali. Perdi o chão. Eu não podia perdê-la, meu Deus! Respirei fundo. *Você não vai perder, Fernando. Ela vai aceitar a sua sugestão, é claro que vai.*

Confiante eu me aproximei do Cristóvão e, segurando em seu braço, o puxei para longe de Juliano e Claudino, que nos olhavam, sem entender nada.

— Você tem o telefone da Mary? Por favor, eu preciso do número dela — arrisquei, e ele me olhando assustado negou com a cabeça.

— Não, senhor, ela que me ligou... Eu não tenho, sinto muito — ele parecia sincero.

— E o que ela queria com o senhor? — perguntei na esperança dele me dizer.

— Infelizmente eu não sei, o senhor me tirou o telefone antes dela dizer. — Deu de ombros.

— Eu sinto muito — disse por fim entendendo exatamente o que se passava ali. Esfreguei a mão direita do queixo até meu tórax. Ansioso e inseguro, senti uma

certa aflição no tom de sua voz quando disse a palavra "urgente", e temia que ela não me ligasse mais...

— Fernando, vamos embora — chamou o Juliano. Eu virei a cabeça e acenei com a mão.

— Se soubesse onde ela estaria, você me diria? — Ele franziu a testa em dúvida. — Não, né? Eu já entendi.

— Uma coisa que sempre fui é fiel. A Mary merece a minha lealdade — disse ele me jogando um balde de água fria sobre a cabeça, cocei a cabeça e entreguei o seu celular.

— Só me faça um favor, caso ela ligue novamente — Ele assentiu. — Diga que eu estou esperando a ligação dela. Por favor.

Comovido, ele bateu em meu ombro.

— Isso eu posso fazer pelo senhor.

Assenti e me virei indo em direção ao Claudino e Juliano, frustrado, aborrecido, tudo...

Capítulo 8

Mary

Eu queria entender qual seria a intenção do destino! Não havia meios de permanecer longe do Fernando, ele estava interligado em minha vida, era inacreditável a forma que ele encontrava de nos colocar sempre em contato. Quando eu poderia imaginar que ele estaria agora, ao lado do Cristóvão? E a proposta, magnifica, Gente! Realmente tem coisas que é melhor nem tentar entender porque deixa a gente doidinha, doidinha.

Coloquei o telefone sobre a bancada da pia do banheiro e fiquei em frente ao espelho olhando para o meu reflexo, procurando o Fernando, me procurando. Balancei a cabeça com aquele aperto no peito de saudade e ansiedade, mas não poderia pensar na sua sugestão neste momento. Precisava me concentrar nas causas importantes que me rodeavam, que acreditava que Deus depositou à minha frente. E o Fernando deveria fazer o mesmo! Ainda precisava analisar sobre os riscos enfrentando o mundo como ele sugeriu. Não sei se estava preparada para uma

carga de responsabilidade como esta.

Respirei fundo antes de tirar o vestido longo de malha preta e jogar sobre o cesto de roupa suja ao lado do boxe. Abri o registro e entrei embaixo da água fria de supetão.

Precisava apagar aquele calor insuportável que deixou todo meu corpo trêmulo. Com os olhos fechados e a água fria caindo sobre minha nuca, eu suspirava com o choque térmico pelo meu corpo. A água não refrescou nada, apenas serviu como purificação. Ao escorrer pelo meu corpo, lavava as impurezas... ficando o espaço apenas para o Fernando, estremeci com meus pensamentos, todos nele.

Mesmo a distância, era possível sentir sua presença na pele, o meu coração comandava tudo, tinha ideias próprias sem me dar a oportunidade de tentar desviar. Batendo a mil, ele emitia vibrações amorosas para o meu cérebro que logo formava a sua linda silhueta. Seus lábios carnudos roçando levemente os meus, pela lateral do meu rosto, minha orelha... suas mãos grandes, fortes... sob meus seios e deslizando por minha pele nua, me pressionando em contato com sua ereção. Uma sensação

de ondas de calor se espalhava por todo o meu corpo, a água fria parecia ferver em contato comigo naquele instante. E aquela ansiedade aumentava cada vez mais dentro de mim a vontade de sair daquele boxe, pegar o celular sobre a bancada e ligar imediatamente. E dizer o que estava sentindo, que eu precisava dele, que ele era tudo para mim e estava disposta a arriscar... Lutei contra a vontade, apertei os punhos e apertei meus olhos com forças, para conter aquele impulso que me estimulava.

Ligaria à noite, com certeza, sabia que não dormiria sem antes falar com ele.

— Hummm... — Suspirei, gemendo, querendo tudo dele... Eu o desejava demais, e pedia a Deus a todo instante para iluminar os nossos caminhos.

— Mary? Mary? — A voz da minha tia e as batidas na porta do meu quarto me desviaram daquele momento tortuoso.

— Entra, tia, estou aqui no banheiro já saio — informei enquanto pegava a toalha ao lado do boxe. Me sequei rapidamente e vesti o roupão branco que permanecia atrás da porta do banheiro.

Notei sua expressão meio assustada quando entrei em meu quarto, ela estava sentada à beirada da minha cama, de cabeça baixa, com seus olhos sobre seus dedos das mãos enquanto ela os entrelaçava. Ela levantou a cabeça assim que notou que eu havia saído do banheiro.

— Tudo bem, tia? — Ela deu de ombros, se levantou e veio à minha frente me olhando com aqueles olhos aflitos.

— Na verdade, um pouco insegura — confessou. Respirei fundo, eu até conhecia os motivos e ela estava coberta de razão. Desde manhã, quando acordamos, ela queria que fôssemos a delegacia denunciar os abusos que estava acontecendo pela fazenda. Mas o Sérgio, à mesa do café, muito convincente, a fez desistir também. Apesar de não concordar até o momento, apostei minhas fichas nele.

Com certeza ficaria ruim para todos, inclusive para os funcionários que seriam os mais prejudicados.

— Eu também não estou me sentindo confortável. — Segurei em sua mão e a puxei para sentar-se ao meu lado nos pés da cama e fiquei segurando firme sua mão. — Tia, eu sei que estamos diante de uma situação difícil, no entanto eu preciso fazer a coisa fluir. Veja o lado

positivo... eu tenho o poder de mudar esta trajetória, temos um negócio muito lucrativo e com este dinheiro podemos reverter, para transformar tudo por aqui e para melhor. Imagina só organizar, dividir... imagina quantos sorrisos nós iremos conquistar! — falei toda eufórica, feliz com aquela possibilidade. No final da tarde, depois que despedimos o Adenir, como o Sérgio sugeriu, e eu sei que ele sabe o que está fazendo, eu vou levá-la às instalações dos funcionários, é de cortar o coração. — Ela sorriu na incerteza.

— Ah, minha filha! Eu sei o quanto você ama este trabalho em prol das pessoas... mas eu não sei não. — Ela sacudia a cabeça, hesitante.

— Calma, tia, as coisas vão se resolver. O Sérgio nos garantiu que vai cuidar de tudo... Há muitos anos ele vem fazendo isso, até antes da antiga proprietária morrer. Sabe lidar com as dificuldades, obstáculos como este. Precisamos confiar em suas habilidades. — Ela revirou os olhos, irresoluta.

— Será mesmo? — Inclinei-me para abraçá-la e fiz isso com força. — Tenho muitas dúvidas em relação a

este moço. É estranho... se ele é tão eficiente como diz e se mostra, por que vacilou com este Adenir? Como deixou o cara agir sozinho sem notar? — A sua questão fazia todo o sentido. Mas eu não queria pensar nisto agora, minha cabeça já estava um emaranhado de problemas e conflitos sem solução. Pelo menos, um deveria ter uma solução, pelo amor de Deus!

— Vai dar tudo certo, afinal estamos juntas agora.

— É justamente neste quesito que me preocupa. Estamos sozinhas, precisamos de alguém de confiança ao nosso lado. E por falar nisso... — Ela se afastou me olhando com aflição. — você conseguiu falar com aquele seu amigo de confiança... como é mesmo o nome dele? — Fiquei sem ar. A pergunta me fez arrepiar pensando no meu amor. Levantei me, virando e inalando todo o ar que consegui para os meus pulmões.

— Cristóvão — respondi ainda de costas.

— Por acaso, falou com ele? Fez o convite para vir trabalhar aqui na fazenda? — Eu neguei levemente recordando-me do Fernando. Meu corpo aqueceu e meu coração se apertou quando me virei de frente a ela. Neste

instante, ela se levantou notando minha expressão de sofrimento e segurou em minhas mãos com seus olhos fixos nos meus. — O que foi, querida? Te conheço... — cobrou-me.

— Acredito que o destino esteja querendo me punir, tia — falei e soltando de suas mãos me joguei sobre a cama, deitei de lado e me encolhi. Ela correu, se sentou ao meu lado e ficou me fitando comovida em silêncio, e não havia outra forma. Eu sofria e não era pouco. E toda a dor estava ali estampada em minha expressão. Eu não conseguia mais esconder os meus sentimentos... — O Fernando estava com ele, visitando a obra de Porto Alegre, acredita?! — Seus lábios se separaram, surpresos com a notícia.

— Jesus! — Sua mão veio acariciar meu braço. Eu sorri agradecida, pelo menos agora eu a tinha por perto. — Ele ficou sabendo que era você ao telefone? Não contou a ele onde você está, né? — indagou numa voz baixa. Eu neguei de cabeça e ela soltou o ar, aliviada.

— Por enquanto, não... — Suas sobrancelhas se ergueram em desaprovação e eu continuei ainda pensando

sobre o assunto. — Mas estou pensando seriamente em dizer.

— Mary, Mary... Se o Fernando souber, ele vem bater aqui na porta. — Deu de cabeça. — Bem que no momento sinistro que estamos vivendo, não seria tão ruim. — Relevou. *Ter ele aqui seria um sonho!* No entanto, eu não poderia dizer o teor dos problemas que me deparei. Ele já tinha problemas demais...

— Não direi a ele nada do que está acontecendo por aqui. O Fernando já tem problema demais para administrar... — Suspirei profundamente com pesar. — Como são as coisas, né? Nunca eu poderia imaginar que o Fernando estaria ao lado do Cristóvão! — Ria com a coincidência. — Quando o Cristóvão disse meu nome. Arrancou o telefone das mãos dele.

Ela começou a rir, eu a olhei sem entender tanto humor. Era para chorar, isso sim.

— É bem a cara do Fernando mesmo. Ele sempre foi tempestuoso. — Fechei meus olhos, emocionada, com seu rosto povoando minha mente.

— Ele é lindo! — Escapou enquanto eu suspirava e

minha tia riu, estalando a língua, admirada como eu.

— Isto ele é mesmo... Um fofo de rapaz, além de tudo ele tem aquele jeito humorado e sarrista. Principalmente quando está nervoso, normalmente ele solta cada uma que faz a gente rachar o bico! — disse ela toda saudosa. Apertou meu coração de ver o quanto ela sentia falta daquela casa, daquela família. E eu do Fernando! Sentei-me à cama e cruzei as penas ficando de frente a ela inclinada para mim, ansiosa por saber mais dele. — Apesar dele ser um tremendo mulherengo e cafajeste, e não poderia ser diferente com tantos atributos que eu já tive o prazer de ver, sem querer, é claro, quando entrei em seu quarto com o café da manhã — disse ela me olhando de forma sapeca e eu bati em seu ombro.

— Tia! — repreendi-a com humor. Ela deu de ombros com meu olhar indignado, assustado.

— Eu sou velha e não cega... — Caí na gargalhada e ela riu também.

— Ai, tia... — Peguei sua mão. — só a senhora mesmo para me alegrar hoje.

— É verdade! — continuou ela. — O Fernando tem

qualidades excepcionais que as pessoas não conhecem, ele é extremamente compreensivo, mesmo quando as coisas vão ao contrário. Ele não leva em conta, ele sempre passa a mão na cabeça dos erros das pessoas... Não há espaço para rancor no coração dele. — Sorri emocionada. — A verdade tem que ser dita. O caso da prima mesmo. Ele bem que poderia mandá-la à merda e seguir em frente com você, mas ele não fez, porque tem este lado de defender as pessoas que ama, eu o entendo! — concluiu ela.

— Eu também nunca pediria para ele fazer tal coisa... Acho que cada um de nós temos que assumir nossos erros. Eu o admiro por isso. — Ela beijou minha bochecha.

— Vocês dois têm muito em comum, sabia? — Eu sacudi a cabeça, confusa, e baixei os olhos, pensativa. — Têm os mesmos corações, pensam nas pessoas... Cada um na sua proporção, é claro! — Levantei a cabeça, fitando-a.

— Sente muita falta deles, né? — Ela assentiu

— Sabe, até mais do que imaginei? Tem coisa que a gente só descobre depois que perde — disse ela como

conhecedora de causa.

— Eu quem o diga! — falei, rindo de mim mesma. — Sabe, tia, eu vou confessar uma coisa para senhora. — Ela ficou atenta. — De repente, a minha vida deu um salto de trezentos e sessenta graus, o Fernando é uma ferida que se abriu na minha vida e eu tenho a mais absoluta certeza de que nunca mais vai cicatrizar. — Comovida, sua mão quente que aqueceu o meu coração, veio ao meu rosto em forma de concha.

— Eu tenho rezado muito por vocês, meu amor — disse ela com a voz materna que eu precisava muito naquele instante. Ontem, eu não liguei justamente a fim de evitar esta sofrência, nunca imaginei que hoje seria inevitável ouvir sua linda voz rouca e que deixa uma bagunça generalizada dentro de mim. — Seja paciente, deixe as crianças nascerem, aí então vocês tentam se acertar. — Eu neguei com um movimento de cabeça, descrente.

— Eu não sei não, tia... Foi exatamente isso que ele falou. — Baixei meus olhos, com a bola que se formou em minha garganta de forma estagnada e me impedia de respirar.

Saltei da cama, me dirigi à janela e abri as cortinas. Nunca me esquecia delas, mas hoje eu preferi assim, pois olhar através da janela a exuberante natureza do lado de fora me causava tristeza e muita saudade. E ela estava forte agora. Meu coração estava dilacerado, me mostrando o quanto estava impotente diante da realidade que se revelava. O sol ameno ofuscava meus olhos, em contato com todo aquele verde, que poderia me transportar esperança e tudo o que sentia era um desânimo, a possibilidade de ter o Fernando se tornava cada vez mais distante.

— Estes filhos vão envolvê-lo cada vez mais em sua nova vida... — Solucei silenciosamente e apertei meus lábios a fim de esconder meus sentimentos, porque estava de costas para ela. — Ele vai me esquecer... — Fechei meus olhos com sua mão repousando carinhosamente em meu ombro em apoio.

— Um amor como o de vocês nunca acaba, minha filha — disse ela. Eu me virei e passei as mãos pelo seu ombro, abraçando-a, enquanto suas mãos quentes e protetoras deslizaram em minhas costas sobre o roupão

felpudo, e mesmo assim eu podia sentir o seu calor protetor. — Espere em Deus, ele sabe de todas as coisas... — Dei de ombros, me afastando.

— Mesmo que não seja assim, eu considero o Fernando um presente, o melhor de todos que já ganhei. — Sua mão veio novamente à minha face e um sorriso carinhoso se espalhou pelo meu rosto e do dela. — Apesar de todo este sofrimento ser desgastante... eu devo tudo isto a ele. — Abri meus braços. — Eu não estaria aqui para mudar a vida de todas estas pessoas se ele não tivesse me aberto os olhos. — Sorri com muito orgulho dele. — É como se ele fosse um enviado por Deus para me mostrar o caminho. — Ela sorriu, porém logo murchou.

— Voltando ao assunto do seu amigo, Cristóvão. Precisa insistir em trazê-lo para cá. Eu me sentiria mais segura com alguém aqui com a gente. Temo muito este Adenir, a gente não sabe do que ele é capaz. — Bati em seu rosto.

— Não se preocupe tanto... O Sérgio é experiente e vai resolver. E eu vou ligar novamente hoje, mas à noite! Vai que o Fernando fica de prontidão esperando a minha

ligação... eu não quero ser o motivo da desgraça de ninguém. Deus me livre! — Juntei as duas mãos erguidas em forma de oração. — Bem... — Bati as mãos nas pernas, seguindo em direção ao closet para me vestir. — Está na hora de parar com o egoísmo, ficar pensando só em mim. Chega de falar no Fernando, de choradeira, tem um mundo lá fora requisitando por minha ajuda... Tenho muito a fazer ainda e preciso focar para tudo sair conforme planejado.

— E o que você pretende?

— Melhorar as condições de vida e de trabalho de todos... — Ela riu preocupada, porém havia uma linha de orgulho ali nos lábios, eu vi... — Talvez tudo o que esteja acontecendo seja uma missão ao qual preciso cumprir. A felicidade ao pensar que posso fazer alguma coisa útil sobrepõe a tristeza. E isso me faz um bem danado. — Pisquei e segui em direção ao closet.

— Vou descer para tomar o café da tarde... — disse ela quando entrei no cômodo.

— Eu desço num minuto, tia.

Eu e o Sérgio nos encontramos no corredor dos quartos,

ele estava de chapéu e vestia uma roupa toda em jeans escura, parecendo cowboy. O seu perfume se espalhou ao redor, um cheiro de sabonete. Seus cabelos loiros nos ombros estavam úmidos, sua barba por fazer realçou seus dentes brancos e bonitos quando ele sorriu carismático. Apesar de grosseirão, homem do mato, ele era, sem dúvida, muito gente fina. Segurou em meu braço e se postou à minha frente bloqueando minha passagem.

— Eu sinto muito por tantos infortúnios, Mary... — disse com sinceridade encurvado com seus olhos verdes prendendo os meus.

— O importante é resolvermos de uma vez por todas... Eu não quero mais me deparar com surpresas como esta. Desde a minha infância eu lutei pelo bem-estar das pessoas e não posso compactuar com nada disto — falei séria e ele assentiu, concordando.

— É claro... eu assino embaixo... Estou indo agora falar com o Adenir. Vou resolver da melhor forma possível.

— Pacificamente, por favor — alertei-o, preocupada com as represálias.

— Eu não quero que se preocupe com nada... — Piscou

de forma estranha. Ri meio sem graça. — eu estou aqui justamente para mantê-la tranquila. Eu sempre cuidei bem de tudo. — Dei de ombros diante da sua frase repetitiva. — Só que, desta vez, eu acabei me distraindo. Aquela coisa de confiar demais, sabe? — Eu assenti.

— Sei bem como funciona isso. — Me desvencilhei de suas mãos e caminhei em direção às escadas e ele me seguiu. — Quando resolver com o Adenir, nós vamos sentar e rever as prioridades — falei sem olhar para trás e quando descia o primeiro degrau ele rosnou. Eu parei e me virei. — Falou alguma coisa?

— Não, não — ele respondeu junto a um sorriso, obediente.

— Pois bem... — Desci e parei no pé das escadas, aguardando-o. — Vou renovar tudo por aqui. — Ele torceu a boca quando mencionei a minha intenção. — Há alguma restrição em relação a isso.

— Nenhuma... — respondeu ele. Sua mão áspera veio ao meu rosto, seus olhos verdes me sondaram por alguns instantes me fazendo apertar os meus. Eu não entendia aquele olhar, ou será que entendia? — Tudo do jeito que

você desejar... Caso queira, podemos até repetir a troca de carinho do outro dia...

— Pode parar por aí — o interrompi recuando, ganhando uma distância segura. Um leve sorriso surgiu no canto de sua boca. Até que o cara era bem atraente... o problema era que a imagem do rosto do Fernando tomava 100%, não sobrava nada para ninguém. — Gostaria que esquecesse aquele dia. Foi apenas um deslize e que não vai mais se repetir — falei seca. Ele não pareceu se abater, simplesmente fez um laço no cabelo para trás e sorriu paciente.

— Como a patroinha desejar. — A ironia de certa forma me irritou. Eu relevei, não queria me indispor com ele. Afinal de contas, eu precisava dos seus serviços que até então pareciam satisfatórios, não tinha mais ninguém a quem recorrer. Até, pelo menos, eu me adaptar com as rotinas de trabalho da fazenda.

— Se você quiser, eu posso te acompanhar a esta reunião — me ofereci e ele negou.

— Imagina se vou deixar você se expor... — Seu jeito protetor até que me encantou e um sorriso de satisfação se

espalhou pelo meu rosto. Ele piscou novamente e, desta vez, me constrangeu. — senhora. — Segurando na borda do chapéu ele disse: — Bem, deixa eu resolver logo com o administrador.

Fiquei ali contemplando ele sair pela porta, pela primeira vez eu sentia receio e não compreendia aquele sentimento que, de repente, fez meu corpo gelar. Balancei a cabeça para dissipar aquele mal-estar repentino. Deveria confiar nele, se ele garantiu que resolveria, então eu deixaria nas mãos dele e fui até a sala de jantar onde minha tia tomava seu cafezinho da tarde.

— Que cara é essa?! — exclamou ela assim que puxei a cadeira e me sentei ficando à sua frente. Ela pousou a xícara sobre a mesa e fitou-me curiosa.

— Às vezes, eu acho que chegamos numa hora errada a esta fazenda. — Fiquei pensativa com muitas coisas passando pela minha cabeça do tipo: O Adenir poderia se sentir ameaçado e querer se vingar e nós duas ali sozinhas. Respirei fundo com ela batendo com a mão aberta na mesa a fim de despertar-me dos devaneios.

— Você me assusta quando fica assim, distante. Eu não

sou advinha, sou incapaz de ler mentes, então, por favor, seja mais clara, Mary — exigiu com voz trêmula e com razão. Eu mesma tremia toda com a insegurança que sentia naquele lugar.

Sorri mordendo o canto da boca, então peguei o celular do meu bolso de trás da minha calça jeans escura de cintura baixa e disquei sem respondê-la.

— Ah, quanto suspense, menina! — exclamou ela. — Está ligando para quem?

— Cristóvão... Preciso de alguém de confiança aqui com a gente, não dá para esperar até à noite. — Ela concordou de cabeça e ficou em silêncio enquanto eu o aguardava atender. No quarto toque ele atendeu.

— Alô — Sua voz soou calma como sempre. Ele era um homem sábio, acostumado a ouvir os problemas dos outros, qualidade que lhe trouxe serenidade para poder pensar em saídas que tirassem tantas pessoas dos martírios. Eu me orgulhava por tudo que presenciei neste tempo em que mantivemos nossa amizade. Ele arrancou muitos sorrisos e trouxe muita paz a muitos corações, um homem de extrema luz. A pessoa certa para me ajudar a

colocar ordem na casa.

— Cristóvão, sou eu... E o Fernando, está por aí ainda? — perguntei com esperança de ele dizer que sim, aquela vontade enorme de ouvir a sua voz. Ele interpretou a minha pergunta como receio.

— *Não se preocupe, Mary* — respondeu, rindo. — *ele e toda a equipe já foram para o aeroporto. O embarque para São Paulo deve estar acontecendo se é que já não aconteceu.* — Fechei meus olhos por um instante, recordando o tom de voz rouca do meu amor... Eu queria tanto... Comecei a rir sozinha e minha tia ria do meu jeito perdido.

— *Mary? Mary...* — Cristóvão chamava com a minha distração.

— Estou aqui, Cristóvão. Então, eu quero te fazer um convite, a você e as suas filhas, é claro! — Estendi o convite as filhas, levando-se em conta que era viúvo.

— *Se for coisa boa estou dentro, sabe que adoro convites* — brincou ele.

— Você sabe que herdei alguns bens, não sabe?

— *Fiquei sabendo meio por cima, e estou muito feliz*

por você — disse ele com sinceridade. Discrição! Era uma das qualidades que gostava nele.

— Obrigada. A questão é que estou carecendo com urgência de um administrador numa das minhas fazendas. Seria um grande prazer que esta pessoa fosse você.

— *Fazendas!* — Ele suspirou, admirado e surpreso. — *Sério? Eu ouvi bem, você está me convidando para ser o administrador de sua fazenda?* — Comecei a rir, satisfeita de seu entusiasmo.

— Perfeitamente bem... Ela fica aqui em Uberlândia, em Minas Gerais. Você conhece?

— *Puxa se conheço... Adoro esta região do Triângulo Mineiro.*

Sorri eufórica para minha tia com um sorriso de alívio alargado no rosto porque já entendeu a conversa.

— Tem lugar para toda a sua família, temos instalações ótimas por aqui. — "De ótima por hora, só a casa sede e a casa do Adenir onde pretendo acomodá-lo. Mas em breve não haverá uma só casa em más condições", pensei. Ele ria sozinho do outro lado da linha, com a proposta.

— *Eu aceito o convite de imediato, minha filha!*

Minhas filhas estão estudando no momento... Olha... eu só preciso ajeitar as coisas por aqui, deixar alguém encarregado até as casas ficarem prontas.

— Claro, claro... Mas, por favor, seja rápido, e também gostaria de sua discrição. Não diga para onde você está indo. E, se precisar, peça segredo. — Ele rosnou do outro lado.

— *Eu nem vou perguntar os motivos, mas olha! O senhor Fernando ficou bem nervoso quando você desligou o telefone. Insistiu muito, acreditando que eu sabia o seu paradeiro.* — Havia muita compaixão em seu tom de voz. — *Ele é bem diferente da pessoa que imaginei. Me parece um bom rapaz, humano... foi muito simpático com todos.*

Fechei meus olhos, concordando com o meu coração aquecido.

— Ele é a melhor pessoa deste mundo, Cristóvão... — Ele riu e minha tia também.

Então combinamos os detalhes e ele desligou prometendo que estaria aqui o mais breve possível.

— Espero que um dia você e o Fernando possam se

acertar — disse ela com expressão de pena. E era de pena mesmo! Eu morria a cada dia por dentro e por fora.

— Eu queria acreditar, tia. — Balancei a cabeça em negação. — Com o andar da carruagem, eu e o Fernando nascemos apenas para recordar... — Comovida, ela se levantou, me abraçou pelas costas e apoiou seu queixo sobre minha cabeça.

— Tenha fé, minha filha... tenha fé... — disse ela, eu levantei o rosto e ela beijou minha testa.

O pilar da varanda sustentava o peso do meu corpo, enquanto eu admirava o belo e lento entardecer, era muito prazeroso. O início de noite com o sol se pondo no horizonte era uma visão linda, que encantava meus olhos. Depois da conversa com a minha tia, aliviada, ela foi tomar o seu banho para se refrescar do calor que deixava nossas roupas grudadas ao corpo com o suor. Combinei de levá-la comigo até o alojamento, onde se concentravam todos os funcionários nas noites após o trabalho. E vim para a varanda.

A posição da casa proporcionava uma ampla visão da imensidão do horizonte. O sol se pondo ainda tinha o

poder de arder o meu coração, regando-o de uma melancolia com aquele irromper da noite, imaginando a distância entre mim e o Fernando. A bela natureza, com a paisagem ao redor da fazenda de suspirar, só fazia acender minhas memórias, trazendo o aroma do seu perfume me deixando ainda mais sentimental com aquela onda de arrepios pelo meu corpo.

— A senhora precisa de mais alguma coisa, senhora Mary? — A voz macia e atenciosamente vinda pelas minhas costas acalentou meu coração partido ao meio. Me virei e sorri, surpresa com a cena inesperada. A Gisele estava mais sorridente, sua expressão parecia mais alegre, bem diferente da outra vez. Até a blusa larga sobre a calça *legging* disfarçou a sua magreza. E a Raquel, com seus cabelos negros e lisos, olhos negros, ao seu lado não estava com aquela expressão apavorada. Hoje, ela estava vestida num macacão jeans claro e uma blusinha branca de mangas por baixo. Seus cabelos longos estavam escovados e ela sorria como a sua mãe. Deduzi que seria a sua mãe, pois sempre as vias pela casa juntas, o detalhe que sempre fugiam dos ambientes quando eu e a minha tia

entrávamos, sem dar-me a chance de dizer um oi ou obrigada pelo dia cansativo de serviço.

— Bem, em relação ao serviço, vocês já estão dispensadas, é claro! Porém, eu gostaria que me dessem a chance de conhecê-las melhor — disse com um sorriso franco com as mãos estendidas. Meio sem graça, a mulher apertou minha mão com a sua áspera. — Gisele é o seu nome, não é mesmo? — Ela sorriu levemente. — Viu só como eu sou boa para guardar nomes?

— Pensei que nem tivesse tomado conhecimento do meu nome aquele dia, senhora... — disse ela baixando os olhos em sinal de respeito.

— Por favor, me chame somente de Mary — pedi. Ela olhou para a filha ao seu lado e as duas arregalaram os olhos. Acho que não estavam acostumadas a serem tratadas com educação, e aquilo era mais um desafio que teria que enfrentar para mudar radicalmente. Eu nunca admitira pessoas serem destratadas debaixo do meu teto. Ela voltou a meu olhar e assentiu.

— Sim, Mary.

— Assim está bem melhor, não poderia esquecer um

nome bonito como o seu. — Ela sorriu diante da minha simpatia. Curvei-me para meu rosto alinhar-se ao da garotinha. — E você, linda, será que eu consigo me lembrar do seu nome? — Sua boca se alargou num sorriso intenso indo de orelha a orelha deixando-a ainda mais bela. Encolheu os ombros se escondendo timidamente, apertando a mão de Gisele.

— Diga a ela seu nome, filha.

— Rachel... — respondeu ela tão baixinho e tão fofa. Apertei sua bochecha levemente. Ela sorriu lindamente e eu me apaixonei ainda mais.

— Estava brincando, lindinha. Nunca me esqueceria de um nome lindo como o seu, aliás, ele é tão lindo como você — falei balançando a cabeça. Ela deu um risinho para sua mãe.

— Você nos trouxe muita esperança, Mary — Gisele falou quando endireitei meu corpo. E foi no momento que a minha tia saía pela porta olhando para a gente tão surpresa quanto eu fiquei.

— Deixa eu apresentar — falei segurando no braço de minha tia. — esta é a minha tia Ana. É uma excelente

cozinheira, se precisarem de ajuda pode pedir que ela está louca para arrumar afazeres. Desde que chegamos ela vem reclamando dos dias ociosos por aqui. — As duas riram animadíssimas.

— É verdade, terei um enorme prazer em participar na cozinha. — Ela estendeu a mão para Gisele, que se apresentou e depois beijou a bochecha da Raquel, que se derreteu toda. Minha tia é mesmo muito carinhosa, até mais do que eu.

— Continua, Gisele — pedi e ela olhou receosa para minha tia. — Fica tranquila, estamos em família. Pode confiar nas duas. — Ela assentiu e continuou:

— Depois que você saiu, o Nelson reuniu a todos nós e debatemos sobre a sua intenção.

— Não é apenas uma intenção, eu vou mesmo mudar tudo por aqui... — garanti. — e para melhor. Eu prometo. — Eu não sabia exatamente o que acontecia para aquelas pessoas ficarem tão amedrontadas, porém eu me sentia útil. Eu poderia transformar toda aquela dor e medo em algo positivo, esperança. Como ela mesma disse.

— Nossa, você nem imagina a paz que traz aos nossos

corações. — Ela colocou a mão direita ao peito, suspirando aliviada. Emocionada, segurei sobre sua mão em sinal de apoio, ela sorriu com os lábios fechados.

— Eu nunca soube o que acontecia por aqui. Acredita em mim, por favor. — Ela assentiu, afirmando com a cabeça e apertou a mãozinha da filha sorrindo, ganhando outro lindo sorriso, que, apesar de tão pequena, entendia bem sobre a nossa conversa.

— Eu acredito sim. Tenho notado que você é uma pessoa muito boa, tem uma energia diferente que traz um brilho contagiante.

— Puxa!!! Obrigada... — A mão da minha tia veio ao meu ombro e ela me puxou para um abraço. Ficamos lado a lado.

— Esta minha sobrinha vale ouro, você não tem ideia de quantas pessoas ela já ajudou nesta vida. Não há como contar nos dedos — disse orgulhosa e beijou minha face.

— Nem tantas assim, só faço a minha parte. E procuro fazer bem-feita.

— Mamãe, precisamos ir... — alertou a menina acenando com a cabeça. Gisele sorriu.

— Já vamos, filha — ela disse e voltou seus olhos ao meu. — Desculpa, senhorita Mary. Hoje é um dia em que todos nós nos reunimos após o jantar — explicou ela na maior educação, que me encantei.

— É claro, fique à vontade... — falei pensando em contar sobre meus planos de levar a minha tia às suas instalações para conhecer. No entanto, decidi não comentar, poderia atrapalhar a tal reunião. Faria uma surpresa.

— Com licença, até amanhã.

— Até... e obrigada pelo ótimo serviço prestado — agradeci e ela travou a respiração com o comentário inesperado.

— Foi um prazer trabalhar para a senhorita. — Sua resposta veio de maneira tão sincera que precisei suspirar, contemplando ela de mãos dadas com a pequena e linda filha se afastando.

— Cada minuto que passa eu fico mais assustada — comentou minha tia ao meu lado com seus olhos no mesmo ponto que o meu. Intrigada com o comentário virei a cabeça em sua direção. Ela levou a mão direita aberta

sobre seu peito. — Tenho aqui em meu coração que estamos cutucando um vespeiro com vara curta, arrepio só de pensar nas ferroadas que podemos levar — disse com o olhar perdido no horizonte onde o céu ganhava um tom amarelado e vermelho com o pôr do sol.

— Ai, tia, não fala assim que me deixa temerosa também... — reclamei, estremecendo. Sua mão direcionou a minha na lateral do corpo e seus dedos entrelaçaram nos meus.

— Me preocupo com você, não comigo! — falou séria. — Eu tenho medo do que você vai passar...

— Acho que está se preocupando demais, agora o Sérgio está aqui conosco, ele vai nos ajudar a coordenar as coisas por aqui. — Ela negou com um movimento de cabeça, descrente.

— E onde se enfiou este rapaz? — Eu dei de ombros, olhando ao redor. De certa maneira estava com a razão, já anoitecia e nem sinal do Sérgio, de repente eu também comecei a ficar encafifada. — Não passou pela sua cabecinha — Ela bateu levemente com as pontas dos dedos. — que, de repente, este tal de Adenir pode tentar

matá-lo? — Puxei muito ar emitindo um som de pânico e travei. Meu corpo ganhou um tremor generalizado com a sua insinuação.

— Ah. Pelo amor de Deus! Até parece agouro... — Me afastei um pouco levantando meus cabelos com o calor em minha nuca e dei um laço atrás da cabeça. — É claro que está enganada, imagina! — Ela grunhiu.

— Você não é nenhuma ingênua, notou porque eu sei. — Dei de ombros. E como notei. — O pânico nos rostos das pessoas que trabalham aqui... chega a ser angustiante olhar para elas. Este tal Adenir tem cara de assassino, minha filha! Nossa! — Ela estremeceu antes de continuar: — Quando me lembro dos olhos dele olhando para você me causa arrepios. Ele não ficou satisfeito com a nossa presença e é exatamente isso a minha maior inquietação.

— Nas horas mais difíceis, Deus está sempre ao nosso lado — tentei abrandar seu nervosismo e ela arqueou as sobrancelhas encolhendo os ombros.

— Então, você confessa que está tão apavorada como eu?

Segurei em suas mãos e fitei seus olhos amedrontados

com um sorriso espalhado em meu rosto, tentando disfarçar o meu próprio temor.

— Além do Sérgio, agora teremos a companhia do Cristóvão. Ele prometeu que viria o mais rápido possível. Tenta ficar tranquila, está bem? — Rindo nervosa, pisquei para ela.

Ela revirou os olhos, não discordou, como também não concordou. Depois de uma longa pausa, ela balançou a cabeça perplexa e bufou uma risada nervosa.

— Espero mesmo que este seu amigo não demore a chegar. Enquanto isso eu vou ficar uma pilha de nervos.

— Quando eu estou neste estado ansioso de alerta e tensão, vou atrás da solidariedade. Estender as mãos a quem necessita traz um relaxamento extraordinário. — Segurei no seu braço animada e ela se animou também quando a arrastei em direção às instalações. — E hoje a senhora vai experimentar. E garanto... vai curtir muito a sensação de prazer que sentimos.

— Espera, menina! Eu preciso pegar uma blusa, faz muito frio — retrucou, rindo do meu jeito sapeca. A noite era calma, a brisa tão leve que apenas insinuava entre a

vegetação, e não conseguia refrescar com aquele ar ainda abafado como o dia de sol escaldante.

— Com este calor, dona Ana, acredita mesmo que vai precisar de agasalho? — ironizei e a arrastei comigo. E foi rindo, conversando sobre a minha infância, relembrando de quando meus pais eram vivos que seguimos rumo a nossa aventura.

Ao nos aproximarmos, a sua reação não foi diferente da que tive quando descobri aquelas instalações. Ela ficou incrédula como eu fiquei e ainda estou.

Há noites que parecem mais iluminadas, fazendo-as parecerem dias. E hoje é uma destas, em que a lua e as estrelas se entendem deixando mais clara. Como se fosse um sinal de Deus querendo mostrar na íntegra e com transparência a pobreza instalada por ali. Até para mim foi um choque, pois agora eu conseguia enxergar com mais clareza. O contraste do luxo da fazenda com as casas e o galpão sem reboco, com tijolos à vista vai além. A degradação daquelas paredes com a permanente falta de manutenção, fissuras que iam do chão ao teto. Era de doer o coração e alertava-nos de que aquele lugar e as pessoas

que habitavam nele precisava de ajuda. A nossa ajuda!

— Diante do luxo que presenciamos desde que chegamos, realmente nunca imaginei que a pobreza se estendia até aqui. — Seus olhos estavam vidrados, descrentes. — Sinto uma carência por aqui. A verdadeira exclusão — Ela me olhou comovida.

— Lutar em causas desta magnitude é que me faz me sentir viva, sentir um ser humano de verdade. A senhora não viu nada ainda. — Segurando em seu braço a puxei comigo em direção ao galpão. Atingimos a varanda e estranhei o silêncio absoluto, como se o local tivesse sido abandonado. Havia apenas as luzes foscas e fracas nas frentes das casas. — Oi, tem alguém aí? — perguntei batendo palmas e nenhuma resposta.

— Onde será que se meteu este povo? — questionou minha tia, intrigada. Eu dei de ombros e entrei e ela me seguiu. Só ouvia seu suspiro de indignação com seus olhos varrendo lentamente o local vazio, fixando em cada canto. Senti-a comovida com tudo aquilo.

— Minha filha do céu... — disse apenas com a voz entrecortada.

— Eu sabia que ficaria horrorizada — afirmei. Ela balançou a cabeça, concordando.

— Você tem razão, este povo precisa de auxílio. — E fixou seus olhos nos meus, sobressaltada. — Só que agora eu chego à conclusão que estamos nos envolvendo num mundo de perigos, sozinhas não vai dar para continuar.

Baixei meus olhos soltando o ar com força, concordava com ela plenamente. Diante de tudo o que estava diante de nossos olhos, não restavam dúvidas de estávamos no meio de criminosos. O perigo estava em todo lugar, no entanto, recordando as palavras do Sérgio, eu refletia sobre denunciar. Eu era a proprietária, as autoridades jogariam sobre mim todas as responsabilidades, seria uma luta para me defender, além, é claro, de todas as atividades ficarem paralisadas até a conclusão dos fatos. Com certeza, isso prejudicaria a vida de todos. Eles já sofriam demais...

— Vamos aguardar até conversarmos com o Sérgio, ele me parece uma ótima pessoa. Tanto que a fazenda da Flórida é perfeita, a senhora vai conhecer... — Ela revirou os olhos, cismada ainda. — Vamos esperar, tenho fé de que teremos ótimas notícias. E eu não quero protelar,

preciso ajudar estas pessoas para ontem... a urgência está aqui e eu posso fazer alguma coisa. — Segurei em sua mão.

— Que Deus nos ilumine e guie nosso caminho! — disse por fim cedendo à minha decisão.

— É assim que se fala. Pensamento positivo é o essencial — Beijei sua bochecha de medo. — Vem, vamos dar uma volta, eles devem estar por perto, lembra que a Gisele comentou sobre a reunião? — Ela assentiu. — Não é possível que todo mundo tenha evaporado deste jeito...

A luz da lua iluminava o caminho por onde passávamos, atravessamos por entre as instalações, e ganhamos aquele campo vasto sobre a vegetação rasteira. Sem rumo, seguidas apenas pela intuição, prosseguimos em linha reta. Minha tia reclamando a todo instante que estávamos nos afastando demais e que era mais seguro retornamos. Eu não consegui enxergar risco, era como se eu estivesse sendo levada e me permiti. Andamos até quando a vegetação se tornou densa. Aparentemente uma selva estava a mais dois passos à frente quando paramos ao

ouvir o inconfundível som de água despencando em algum lugar.

— Eu não estou gostando nada disto, Mary. É melhor dar meia volta — retrucou minha tia com a voz trêmula se virando, mas eu a impedi segurando em seu braço.

— Calma, tia. É só barulho de água... Deve ter algum rio por entre estas árvores — expliquei avançando já um passo. Agora, apavorada, ela me segurou.

— Não podemos entrar aí, Mary. É perigoso, pode ter ninhos de cobras, pelo amor de Deus, vamos voltar... — implorou com voz chorosa. Eu neguei com a cabeça. Nada me faria parar no meio do caminho, tinha em mente que naquela fazenda havia muito mais mistérios que eu deveria desvendar.

— Eu vim até aqui, agora vou continuar. — Fitei-a enquanto dava um nó nos meus cabelos atrás da cabeça a fim de não enroscar nos galhos que desciam em direção ao chão, alguns até com pontas secas, que se tornavam armas perigosas que precisamos tomar cuidado. Ofegante, ela fez cara de choro. — Me espera aqui... — falei e me aprofundei.

— Ah, até parece que vou ficar para trás! — ela disse correndo atrás de mim.

Era uma surpresa a cada passo em meio a exuberância verde, logo as árvores ficavam para trás e surgia à nossa frente uma clareira muito bem gramada, se revelando uma beleza incontestável ao final da clareira, onde iniciava a parte alta. Pelas pedras havia uma pequena queda d'água, alimentando um lago logo abaixo que corria em direção à cabeceira de um rio, permeada com árvores nativas.

— Uau! — exclamei com a mão direita à boca e corri para mais próximo. A arrebentação trazia seus pingos de água à minha pele, a sensação de frescor era muito agradável. — Eu sabia que estas terras escondiam mistérios — falei passando a mão pelo rosto encharcado.

— Eu não sei não... — a Ana do contra se manifestou, sempre com o pé atrás. — Aparentemente tudo isto é lindo... porém, algo me diz que o perigo está escondido por entre esta vegetação.

— Pare de ser ranzinza... Chega mais perto, vai. — Ela revirou os olhos em dúvida. — Aqui está fresquinho. — Ela ficou imóvel de repente. — O que foi?

— Silêncio. — Levou o dedo indicador sobre os lábios, olhando ao redor e eu acompanhei-a. — Está ouvindo? — Eu neguei com a cabeça, pois logo fui agraciada com aquela canção religiosa com várias vozes, algo profundo e acolhedor que me arrepiou toda e aqueceu o meu coração.

— Vem daqui de perto — informou ela.

Seguimos em direção de onde vinha o som e logo avistamos, escondido entre as árvores, um galpão retangular e também com as paredes sem rebocar, iluminada apenas por lampião como nas casas. E todos os funcionários estavam agrupados naquele local, alguns em pé do lado de fora, deduzi pelo interior estar cheio, e outros ajoelhados no chão de terra em uma fervorosa canção de louvor.

— Céus, tia! — comentei boquiaberta, me arrepiando até o último fio de cabelo. Abracei meu corpo dali mesmo onde tínhamos parado. Temia que a canção maravilhosa de paz que trazia aquela vibração diferenciada fosse interrompida com a nossa presença. Eu precisava daquilo na minha vida... A emoção à flor da pele com as

lembranças dos momentos em que estive nos braços do Fernando. Era uma retrospectiva que fez meu coração acelerar e a saudade bater com violência. Estava muito difícil ficar sem ele, muito... Fechei meus olhos e me permiti sentir tudo aquilo...

As pessoas cantando, orando com a força do coração... Em meio àquela loucura, meu corpo estava queimando como fogo. Eu não fazia uma oração decente há muito tempo, então me senti motivada, abri minha boca e orei com eles, imaginando uma luz me conectando com o céu... Ali, eu pedia com o coração aberto ao Deus do impossível para cuidar do Fernando, de mim, da minha tia... De todos nós, seus filhos! E me arrepiava cada vez mais, e me deixei mergulhar naquelas emoções transcendentais. Levantei minhas mãos, abri meus braços como todos ali estavam fazendo, a sensação de paz era absoluta. Quando a canção finalizou e as orações cessaram, eu abri meus olhos, me sentia mais leve e virei a cabeça para minha tia ao meu lado. Ela ainda continuava com seus braços erguidos com as lágrimas emergindo de seus olhos.

— É impossível Deus não responder uma oração sincera... — disse ela com a voz embargada. Eu a abracei forte e ficamos ali algum tempo, uma acalmando a outra, enquanto nossos corações batiam numa batida ritmada. — Você ainda vai ser muito feliz, minha querida, eu sei que Deus deseja isso para você — ela sussurrou em meus ouvidos.

— Obrigada, tia... — Me afastei segurando nas laterais do seu rosto. Ela sorriu entre as lágrimas, comovida. — Muito obrigada por estar ao meu lado, viu?

— Sempre... — Ela beijou minha testa e limpou as lágrimas... eu fiz o mesmo. — Bem... já que estamos aqui, vamos chegar perto. Depois desta oração, o medo dissipou do meu coração, estou morrendo de vontade de fazer alguma coisa. — Sorri confiante e juntas nos aproximamos.

— Senhorita Mary. — Ainda com o uniforme de trabalho, Nelson foi a primeira pessoa que viu quando nos aproximávamos. Ele saía pela porta, e sorriu, encafifado. Quando as pessoas que oravam do lado de fora em frente a porta se viraram, surpresas com a nossa presença.

— Então é aqui que vocês estão escondidos? — Meu tom humorado foi recebido com um sorriso de orgulho.

— É... aqui é o nosso cantinho de oração, um refúgio sagrado... onde algumas vezes por semana nos reunimos para estar mais próximos a Deus... A Bíblia é clara quando diz: "onde estiver um ou mais orando em meu nome eu estarei presente." — Eu assenti, emocionada.

— É lindo isso...

— Se não nos conectarmos com Ele nesta vida — Apontou com o dedo indicador ao alto. — ficamos perdidos neste mundão.

— Nós duas participamos da oração, estou me sentindo muito bem — comentou minha tia suspirando com a mão direita aberta no peito. Ele sorriu. — Prazer, sou Ana, a tia da Mary. — Ela estendeu a mão que ele apertou com satisfação.

— O prazer é todo meu, eu já havia visto a senhora — disse educadamente. Ela assentiu.

— Eu as convido a entrarem em nosso templo de oração. — Apontou em direção à porta. Fomos recebidas com muita alegria, diferente da outra vez.

Eu não podia acreditar no que meus olhos captavam, gente! Era terrível, todas aquelas pessoas sentadas no chão de terra, em frente à uma mesa simples com tampo largo de ferro, encostada na parede onde havia uma pequena imagem de Cristo crucificado, como se estivessem diante de um altar. As paredes internas e externas estavam sem rebocar e o telhado bem deteriorado. Engoli em seco com meu coração apertado.

— Dona Mary! — A lindinha da Raquel segurou em minha mão apertado e me arrastou mais para o fundo, me obrigando a passar por entre as pessoas ali sentadas com cuidado para não pisar em ninguém, onde Gisele conversava com o Henrique. — Mamãe, mamãe, olha só quem está aqui! — gritava ela toda eufórica.

— Mary... — Ela me olhou surpresa e sorrindo. — que bom que veio à nossa casa de oração.

— Foi por acaso, e confesso que amei... Eu nem acredito que em meio a tanto sofrimento vocês ainda permanecem com tanta fé — falei com a emoção tomando conta.

— E hoje é um dia especial, dona Mary. Já estamos

todos sabendo que o carrasco Adenir foi demitido — disse Henrique, agradecido. Carinhosa, Gisele passou a mão pelo ombro dele, juntando ao dela.

— Nós estamos agradecendo a Deus... e precisamos agradecer a você também... Você é o anjo que estávamos esperando chegar. — Me recusei aceitar tal título.

— Não, não, eu não sou nenhum anjo... Eu só acho que o respeito e a educação cabem em qualquer lugar. E já que você tocou neste assunto, eu vou logo dizer.

Suas sobrancelhas arquearam e logo as pessoas se aproximavam para escutar, me senti uma política ali discursando.

— Eu estou no comando apenas cinco meses, e desde então envio dinheiro para cá a fim de melhorar as condições de todos. Inclusive dei ordens explicitas para todos os funcionários terem participação nos lucros. Eu fiquei muito surpresa ao encontrar tanta coisa errada quando cheguei. — Soltei o ar com força depois do desabafo, eu precisava dizer isso a todos.

— Agora sabemos que diz a verdade. — Gisele repousou sua mão direita em meu ombro e sorriu,

agradecida. — Já estamos sentindo a diferença. E, a partir de hoje, pode contar com a gente para tudo, vamos estar sempre ao seu lado.

— Minha sobrinha estava até pensando em fazer uma denúncia sobre os abusos. — Minha tia veio em minha defesa e ao seu lado o Nelson

— Era isso mesmo que deveria fazer, porém o administrador, que é o mesmo que trabalhava com a antiga proprietária, me aconselhou a não fazer. Porque com uma denúncia como esta as atividades da fazenda seriam interrompidas. E isto poderia prejudicar vocês. — Nelson grunhiu concordando com um movimento de cabeça.

— Ele tem razão, senhorita. Acho que tomou a decisão correta, nada mais grave aconteceu, então eu acho que a mudança já é a melhor das reparações. Nós precisamos deste emprego.

— Eu sei disto... Transformaremos tudo por aqui — afirmei e todos me aplaudiram em pé. Minha tia me abraçou pelo ombro, feliz. Não havia nenhum sinal de temor em sua expressão e aquilo me animou ainda mais, me deixou mais guerreira. — Nelson e Gisele... — disse,

apontando para os dois. — Amanhã iremos juntos até a cidade. E vamos dar mais cara de templo a este espaço de oração, se possível faremos deste lugar uma grande catedral, comprando tudo o que for necessário para a reforma, dar acabamento, as mobílias os objetos sacros, tudo o que for imprescindível. Inclusive para as casas de vocês. — Pausei para respirar e pensar com tantos olhos brilhando sobre mim, aguardando pelas novidades! — Aliás, vou fazer melhor! Como arquiteta, eu mesma vou cuidar dos projetos de melhoria de tudo. — Girei ao redor com meu dedo indicador. Novamente houve uma explosão de aplausos quando terminei o discurso.

— Você é uma mulher e tanto, Mary — disse Gisele com ar muito feliz.

— Um anjo que Deus enviou ao nosso socorro... — emendou Nelson sem hesitar.

— Eu só quero fazer a coisa certa, apenas o certo...

Eu me sentia tranquila, realizada com tudo aquilo e foi com aquela sensação imensa pelo corpo que retornei para casa. Minha tia estava como eu, eufórica, animada, feliz. Afinal de contas, a informação que recebemos, ainda no

Templo, de que a demissão do Adenir aconteceu, já reacendeu aquele ânimo que havia se apagado.

Sem camisa, Sérgio estava deitado no sofá da sala quando entramos. Ele rapidamente se sentou para nos cumprimentar.

— Estava preocupado com as duas — disse ele pegando a camisa sobre o sofá e vestiu rapidamente.

— Estávamos andando pela fazenda, fazendo o reconhecimento — respondi enquanto eu me sentei no sofá à sua frente e minha tia ao meu lado. Ambas jogamos nossos olhares especulativos sobre ele.

— E como foi a sua conversa com o Adenir? — eu perguntei. Ele deu de ombros e voltou a se sentar.

— Como deveria ser, demiti e ainda chamei sua atenção. — Minha tia torceu a boca e olhou para meu lado. Eu sabia exatamente o que ela pensava, era o mesmo que eu. Uma explicação evasiva.

— E foi só isso, ele aceitou numa boa? — questionei e ele sorriu, sacudindo a cabeça, como se eu fosse uma ignorante.

— Eu já falei e vou repetir, Mary. Eu sei exatamente

como lidar com este tipo de pessoas — garantiu ele oscilando olhar entre mim e a minha tia. — Tanto que preferi conversar com ele o mais distante possível daqui. Justamente por temer uma represália. A segurança de vocês vem em primeiro lugar — ele foi tão convincente que arrancou um sorriso de admiração da minha tia. — Eu não fui sozinho, contei com o apoio de dois funcionários, e do contador e advogado, o Dr. Fabrício, que já levou consigo todos os cálculos trabalhistas. Decidi por uma quantia alta de indenização, para amansar a fera.

— Puxa, rapaz, uma decisão sábia esta sua, é muito esperto! — elogiou minha tia com seu olhar encantado. Ele já ganhara o coração dela, eu sei.

— Obrigado, dona Ana — agradeceu educadamente abrindo um largo sorriso de orelha a orelha. Um gesto que fez minha tia derreter ali no sofá. Eu revirei os olhos. "Assanhada!", pensei recordando-me de quando ela comentou ter visto os atributos do meu Fernando.

— Não precisam mais se preocupar com nada — garantiu ele ganhando um olhar para lá de encantado da dona Ana. Reprimi o riso querendo explodir. — Vamos

renovar tudo por aqui, tornar um lugar decente, que podemos nos orgulhar — emendou ele com determinação. — Amanhã mesmo, vou procurar um novo administrador.

— NÃO É NECESSÁRIO — eu quase gritei. Ele pausou com expressão assustada. — Eu já tenho alguém para indicar. E ele está a caminho. — Seus olhos se apertaram com a novidade.

— Amigo? — Assenti.

— Alguém que foi um companheiro de trabalho e está vindo de Porto Alegre. Uma pessoa com conhecimento desta parte rural, além de tudo é muito bom no quesito pessoas. Vai estimular a todos ao trabalho e prosperaremos. Eu tenho certeza. — Ele grunhiu inclinando a cabeça e baixou os olhos, pensativo.

— Por que, você não concorda? — perguntei. Ele sorriu em negação.

— É claro que concordo. A sua vontade é uma ordem. — Minha tia deixou escapar um suspiro e riu em minha direção, eu falei não, acenando a cabeça. Ela deu de ombros. Notei que tentava me jogar para cima do Sérgio.

— Eu só queria poupar trabalho a você. — Ele deu de

ombros e se levantou dando a entender que sairia.

— Ah... — falei rápido. — Tem mais uma coisa, Sérgio. — Ele parou e fixou seus olhos verdes nos meus, ali sentada.

— Amanhã cedo vamos juntos ao contador — informei diretamente. — Precisamos de dinheiro para reformar as casas dos funcionários. Não admito a forma que eles vivem naquelas instalações. — Você já esteve por lá? — perguntei sondando seu rosto, queria entender qual o seu grau de envolvimento. Sua expressão continuou inalterada, o que me deu um certo alívio.

— Não... por que, a coisa está feia por lá? — questionou com inocência.

— Pior do que aquilo não pode ficar — pronunciei exausta, revoltada. — Talvez até precisemos instalar eles nas casas ao redor, e até aqui nesta casa mesmo — falei, olhando ao redor. — É grande o suficiente para acolher aquelas pessoas.

— Você quem decide tudo por aqui. — Ele sacudiu a cabeça e se dirigiu para a escada. — Acho que vou me deitar, o dia foi muito estressante e amanhã pretendo

madrugar. Quero ver de perto os efeitos que o trabalho do Adenir causou. — Eu o achei muito eficiente e precisava dizer isso a ele.

— Muito obrigada por sua dedicação, Sérgio. É muito bom ter você por aqui... — Ele movimentou a cabeça, sorrindo com os lábios fechados, e esfregou a mão no rosto, sob a barba a fazer, ganhando um olhar apaixonado da minha tia.

— É o meu serviço, com licença as duas. — Acenei.

— Durma com Deus, meu filho! — Minha tia não parava de suspirar. Que coisa irritante.

— Tia... agora deu para ficar assanhada? — adverti-a quando ele, ao terminar de subir a escada, entrou à direita pelo corredor onde ficava o quarto que se instalou.

— Já falei que sou velha e não cega! — Revirou os olhos em tom de brincadeira.

— Ah, tia, você é muito fogosa. — Ela ficou séria se ajeitando sobre o sofá.

— Me respeita, menina... — Arregalei os olhos sem entender o motivo da bronca. — Estou tentando estimular o seu coração... — Fechei meus olhos com a imagem do

Fernando se formando dento da minha cabeça, causando aquele frio gostoso em minha barriga e respirei fundo antes de me levantar. — que, pelo jeito, não deu certo.

— Meu coração foi soldado, tia — disse me inclinando e beijei sua testa. — Acho que vou me deitar. — Ela olhou no relógio na parede atrás de mim.

— Está muito cedo para dormir, Mary. — Eu me virei. Estava perdida em relação às horas, acho que perdia a noção do tempo. Não queria mais pensar nele, ele me trazia muita dor no peito, me indicava que a distância entre mim e o Fernando só aumentava, e com o andar da carruagem chegaria a um ponto impossível de retornar, apesar da oração de hoje ter entrado diretamente em minha alma e dado aquele up. Mesmo assim tudo não passava de esperança, nada concreto.

— Acho melhor a senhora seguir meu exemplo, amanhã temos muito trabalho pela frente. E a senhora não vai ficar de fora. — Ela sorriu toda feliz e neste contagiante sorriso de realização, por poder fazer a diferença, que subi para meu quarto.

Tomei um banho demorado para tirar o suor pelo corpo.

E resolvi me jogar sobre a cama macia, nua, já que havia trancado a porta à chave. Eu me sentia renovada e com muitas saudades, eu precisava ouvir novamente a voz do Fernando. Aquela ansiedade tirou uma angústia que doía muito lá dentro de mim. Estiquei o corpo e braço, peguei o aparelho e fiquei ali deitada de costas com os braços estendidos olhando para ele. Eu queria tanto ouvir sua voz, olhar em seu rosto, não estava certa se deveria... só que eu queria tanto...

Capítulo 9

Fernando

É uma merda este sentimento que me faz escravo. Sem ela fico engessado de continuar em frente, é completamente impossível. É foda!

Por que, Céus? Quem decidiu um destino de merda deste para nós? Eu me fazia esta pergunta a todo instante. Fiquei sem rumo e não podia prosseguir com isso, só não sabia como consertar, ou sabia... O fato é que a resolução não estava em minhas mãos! Mas eu precisava dar um basta naquela puta dor no peito.

Calma, Fernando, falta só mais quatro meses para as crianças nascerem, e então você toma uma decisão serenamente.

Porra nenhuma, cara! Você que fica marcando toca que você vai ver só... Se acha esperto coisa e tal... Achou que estava vacinado, lembra? Tem que concordar comigo que tomou a vacina errada. E a priminha botou na sua bunda! BABACA... e olha que não foi falta de aviso, o seu irmão alertou-o!

Esta segunda voz era demoníaca e me deixava trêmulo... Os meus dois ombros estavam habitados, de um lado um anjinho soprando em meu ouvido de maneira tênue, tentando colocar as ideias no lugar delas, e no outro o demoniozinho apimentando a coisa, incitando-me... E o pior que ele tinha mesmo razão... Eu me achei vacinado, quando abri espaço para a sem-vergonha da minha prima me foder. Se eu realmente fosse esperto, aquilo jamais teria acontecido. No entanto, agora é tarde. É sentar e chorar...

Só havia um remédio para todas estas perturbações, e o seu nome era Mary Lemos. No entanto, ela se mostrava frágil diante da passagem do furacão devastando tudo. Eu não podia julgá-la, afinal, eu provoquei tudo isto. Só me restava rezar, rezar muito para Deus tocar no coraçãozinho dela, fortalecê-lo... Eu não conseguia pensar em outra coisa senão nela. Meus olhos viciaram no aparelho celular, em total compulsão... De minuto a minuto eu o tirava do bolso, e ficava olhando para ele como estou agora, sentado na beirada da minha cama, com a mesma roupa da viagem.

Depois que chegamos em São Paulo passamos num restaurante para jantar, o que foi muito bom. Agora são nove horas da noite e a Natalie já estava no sono profundo provocado pelos medicamentos. Um momento de paz, e esta placidez eu necessitava hoje com o meu coração ardendo.

Ah, Mary. Me liga, vai! Me joguei de costas na cama, joguei o celular sobre ela e fiquei ali olhando para o teto, desolado.

Fechei meus olhos no instante que o celular tocou. Atendi imediatamente quando vi que o número era desconhecido.

— Alô. — Minha voz saiu ansiosa, meu coração abandonou o peito e saltou voo até a garganta. Senti sua pulsação por ali.

— Amor... — Fechei meus olhos sentindo a corrente elétrica deslizando pelo meu corpo com aquela voz doce, macia e minha... Ela tinha de ser minha, só minha.

— Eu não conseguiria dormir sem antes ouvir a sua voz — ela murmurou lindamente aquecendo meu coração, fechei meus olhos novamente nutrindo do momento tão

esperado. *Obrigado, Deus!*

— Nem eu, meu anjo... E por que não damos um basta neste tormento, hein? — Seu suspiro profundo tocou minha alma, perdi o ar. Precisei inalar muito forte.

— Ah, meu Fe... — seu balbucio era pura emoção, senti meu corpo formigar, entorpecido. Num instante respirei fundo e fechei os olhos para buscar o equilíbrio dentro de mim.

— Fala onde você está, eu preciso olhar em seus olhos, sentir a maciez da sua pele... por favor, chega de nos torturar! Vamos nos encontrar às escondidas. Não faz sentido você ficar distante de mim, o nosso amor é muito forte, intenso... além de verdadeiro. Não é justo a gente ficar longe um do outro... Por favor, me fala onde é sua localização que eu vou agora mesmo atrás de você... por favor, faça de mim um homem feliz! — suplicava com a força do meu coração. Durante alguns instantes, o único som era sua respiração pesada.

— Meu Deus! — Suspirou fortemente. — Se você continuar falando assim, eu acabo cedendo mesmo. — Respirei aliviado e me sentei.

— Então eu vou repetir mil vezes, ou milhão delas, até você revelar sua localização, estou decidido, perigoso ou não! Estou disposto a arriscar para ficar perto de você. Eu não posso, eu não consigo mais permanecer à distância. Eu necessito do número do seu telefone, caso não me ligue, me deixando no nada. — Houve um longo silêncio.

— Ah, Fernando... Não está sendo fácil para mim também, acredite! Estamos fodidos, né? — Assenti freneticamente, ofegante. — Eu só penso em estar contigo, tem tantas coisas acontecendo na minha vida que seria muito boa sua participação.

— Eu gostaria de estar presente, só me dê a chance.

— A precaução me impede. Se não fosse este medo do risco da saúde dos seus filhos e mesmo com a sua prima, eu juro que enfrentaria o mundo. Viveria este triângulo amoroso com você. — Eu neguei com o movimento de cabeça pelo equívoco dela, como se ela pudesse me ver.

— Não existe triângulo amoroso, Mary... Eu não toquei na Natalie e nem pretendo fazer isso. — Ela fungou.

— Verdade?

— Eu juro... Eu te amo, Mary, te amo demais.

— Eu também te amo... — ela respondeu com um suspiro que pude sentir de tão denso. — Sabe, Fernando, hoje eu senti a presença de Deus e sei que ele está do nosso lado, sabia? — Concordei.

— Eu estava aqui rezando pedindo para ele tocar o seu coração e ele tocou. — Comovi com aquela verdade.

— Eu sei que não está sendo fácil, nem para mim e nem para você. Mas o fato é: eu sinto que existe um motivo para termos nos encontrado.

— Que motivo?

— Eu jamais aceitaria a herança se não fosse pelo seu conselho. — Eu suspirei, orgulhoso da minha birrentinha, agora tão mansinha, tão vulnerável. — E hoje entendi que foi a melhor coisa que me aconteceu — continuou ela. — Apesar das dificuldades que encontrei pelo caminho, ela vai servir agora para fazer a diferença. E hoje eu orei com muitas pessoas, e senti a presença de Deus... Você é lindo, meu amor. — Sorri apaixonado.

— Você que é linda... mas me conta sobre este seu novo projeto. É algum movimento grande... — De repente, me bateu aquela preocupação ao lembrar as ameaças de

morte que ela mencionou da outra vez. — Escuta, Mary, precisa se cuidar, meu amor, não vai se meter em alguma causa impossível que resulte na sua segurança. Pelo amor de Deus! Eu não posso sobreviver sem a minha birrentinha. — Ela caiu na gargalhada.

— Confesso que a princípio eu estava temerosa, — aquela frase já foi o suficiente para sentir meu corpo gelar, cerrei o olhar especulativo. Ela não me deu a chance de questionar. — Só que agora foi resolvido. Amanhã será um novo dia, tudo será renovado.

— Mary... — Ela riu baixinho com a minha advertência, eu sabia que ela tocava a tela do celular, era o que eu fazia quando ouvia sua voz. — Como assim, amor... Jura que você está segura?

— Eu juro, meu lindo...

— Me dá seu número, amor. Eu preciso dele para te ligar a todo instante...

— Você precisa de concentração neste momento, nos seus filhos, na saúde deles, Fernando... — Torci a boca com o comentário dela.

— Será que eu posso tomar esta decisão? — Me senti

contrariado e fechei minha expressão como se ela pudesse me ver, ela apenas suspirou com o silêncio que se estendeu por alguns segundos.

— Tenho medo de te contar e você fazer alguma loucura! Eu não quero mais confusão na minha vida...

— Pode me dizer, meu amor! Eu juro que vou me segurar aqui em São Paulo... até mesmo porque concordo com você. A saúde das crianças precisa estar em primeiro lugar.

— Vamos pensar que quatro meses passam rápido, e enquanto isso a gente vai se falando, namorando às escondidas... Espero muito que Deus dê um jeitinho de unir a gente! — Fechei meus olhos com aquele aperto no peito, pois quatros meses significava uma eternidade sem ela. Eu não poderia suportar, eu sei que não.

— Talvez alguns encontros, o que me diz? — sugeri, esperançoso por um sim bem grande. — Eu preciso olhar para você, nem que seja por apenas um segundo, por favor... Abre esta exceção, amor... A vida passa muito rápido para deixarmos o medo nos impedir de curtir este nosso sentimento. — Outro silêncio se estendeu e quando

abri meus lábios para continuar a insistência, ela se pronunciou:

— Você está perto do seu laptop?

— Estou sim... — respondi na maior expectativa e já me levantei da cama e fui me sentar na cadeira e já abri a tela abaixada, ligando-o rapidamente.

— Você tem conta em algum aplicativo de chamada com vídeo? — ela perguntou, eu afirmei e passei o endereço a ela. — Espera um pouco, vou criar uma conta para mim... Eu quero gravar seu rosto para dormir com ele todos os dias.

— Ótima ideia... — concordei, fazendo o mesmo.

Mordi o lábio inferior e cerrei meus olhos com a respiração presa, quando ela surgiu na tela do computador, linda!!!! Uma sensação de paz e prazer se espalhou por todo o meu corpo. Seus cabelos estavam caindo em cascatas douradas sobre o ombro direito, seus olhos brilhando de emoção, seus lábios entreabertos, ofegante, como eu estava. O roupão de seda de uma tonalidade creme movimentava na mesma rapidez que a sua respiração.

— Ah, meu amor! Que saudades — sussurrei, tocando a tela do computador com os dedos trêmulos, como se pudesse senti-la. E ela tocando do outro lado, ambos saudosos.

— Você está ainda mais lindo, Fe... — Fechei meus olhos, podia sentir a umidade e o calor de seus lábios atravessando a tela. — Chegou agora de Porto Alegre? — indagou ela com seu olhos sobre o meu peitoral com os primeiros botões da camisa branca aberta e suspirou, sorri com olhos sentindo um arrepio pelo corpo. Aquele olhar sem dúvida alguma penetrou a minha alma.

— Cheguei ao fim da tarde em São Paulo e, como ainda havia muitos assuntos ainda a serem discutidos, decidimos jantar num restaurante... — expliquei com meus olhos varrendo ao seu redor despertando a minha curiosidade. Atrás dela, apesar de escuro, notei através da janela aberta o balançar das folhas e um campo vasto, além dos quadros interessantes pela parede.

— Gostei do seu quarto. — Ela sorriu girando a cadeira ao redor e retornou. — Você me deixa tão atordoado que já ia me esquecendo, eu já prometi me

segurar aqui em São Paulo, mas a senhorita ainda não me disse onde está vivendo. — cobrei-a.

— Em Uberlândia. É bem legal aqui... — disse ela tocando a tela com dedos com um olhar cintilante.

— A decoração é linda, tem um ar de campo! Acertei? — Arrisquei devido aos quadros de pasto com seus gados malhados... Apesar de que havia uma tela maior, muito interessante, em branco e preto, uma pintura bem organizada de cidade, havia igreja, praça, avenida movimentada.

— Sim... — Ela sorriu surpresa. — Estou morando em uma fazenda.

— Hummm, seria bem legal fazer amor com a minha gatinha embrenhado no meio do mato. — Ela caiu na gargalhada.

— Amor? — Desviei os olhos dos quadros e fixei nela com aquele olhar insinuante, sentindo uma forte contração deliciosa no meu pau já em ereção. — Você está lindo neste terno preto, mas por que você não tira o paletó para mim... eu queria tanto olhar para você nu...

Meu coração disparou no peito e me levantei.

— É pra já. E você vai fazer o mesmo para mim, tá?

— É claro... — ela respondeu manhosa, enquanto nos despimos. — Fe, por segurança desliga a gravação, não esqueça. Pode ser perigoso o equipamento cair em mãos desonestas.

— Bem lembrado — concordei desligando a gravação.

Gelei de prazer com aquelas ondas de arrepios percorrendo o meu corpo quando ela soltou um suspiro. Seus olhos dilataram e seus lábios se entreabriram com muita sede do meu garotão em minhas mãos, em pé, enquanto eu me masturbava para ela.

— Uau! Que saudade dele... — exclamou admirando, salivando. Meus olhos não desgrudavam de sua vagina linda, rosinha, depiladinha... e seus seios enormes, apetitosos, que teriam que ser meus, só meus...

— Eu queria ser capaz de atravessar esta tela... — murmurei trêmulo com a respiração encurtada, sentia espasmos pelo meu corpo, incrível o que ela causava em mim. — Eu preciso enterrar ele em você, Mary, e urgente! — murmurei com a voz trêmula morrendo de tesão acelerando o movimento, deslizando gostoso imaginando

ele todo dentro dela. Um sorriso lindo surgiu em seus lábios. — Acaricia ela com seus dedinhos lindos para mim, amor, por favor, eu preciso disto.

— Assim, amor... — sussurrou ela, suspirando, gemendo...

— Sensacional! — rosnei acelerando o movimento. Seus dedos fazendo tour pela vagina suculenta rebolando muito gostoso, se masturbando só para mim, enquanto os dedos da outra mão puxavam o bico rígido do seio. Gemendo muito gostoso. Céus!

— Ah, Fe... você é muito apetitoso... geme para mim, meu tesudo, lindo... — rugia como um animal selvagem.

— Ah, birrentinha, que puta tesão! — Acelerei quase sem ar com espasmos pelo corpo. — Fala mais, fala mais, vai — mordendo o lábio inferior, eu suspirava muito rápido, minha garganta seca... O tom da sua voz me leva às nuvens. — Fala, amor, não para — supliquei e na mesma sintonia ela obedeceu, gemendo e suspirando. Uma loucura! — É uma delícia foder você até com a mão, meu amor...

— Ai, ai... ai, que delícia... hummmm... que sensação...

— E mexia com os quadris, friccionando seu grelo.

Eu enlouqueci quando ela levou o dedo aos lábios lambuzando-os com seu néctar e os chupou em seguida, me olhando com uma cara de tarada.

— Hum, que delícia! Daria tudo para sentir este sabor na minha boca... — falei entredentes, ofegando. — Estou morrendo de vontade de chupar ela todinha, amor. — Segurando na base do pau doendo de tão duro, latejando, o direcionei em sua direção e ela suspirou, gemendo alto. — Gente! Isso muito bom... — rugi de forma selvagem com meu corpo entrando em combustão e ela também, todo seu corpo tremia enquanto gemia intensificando a masturbação. — Amor... — eu disse, segurando na glande, latejando — Sente só como meu pau está duro.

— Ahhhhh — gemeu ela, de novo. — É demais... — ela respondeu mole, uma delícia. — Ai, não aguento, você me enche de tesão... nunca senti isso, aliás, nem havia transado com alguém virtual.

— Para tudo tem uma primeira vez, amor... Fala mais... eu gosto... você é muito, muito gostosa, gata, tesuda! Nunca nenhuma mulher fez meu pau ficar tão duro, amor.

Olha só para ele, está quase trincando... — Seus olhos cintilando de desejo se prenderam nele. — O efeito que você causa em mim é magnifico. — Apertando forte intensifiquei os movimentos em 100%, gemendo alto.

— Vira de costas para mim, amor, por favor, empina bem sua bundinha redondinha, eu quero olhar para ela, sonhar, já que não é possível estar com você.

— É tudo para você — disse ela entre gemidos, se masturbando bem empinadinha, deixando à mostra o que eu desejava de paixão, bem depilada, vermelhinha e toda molhadinha me chamando. — Nossa! Que linda! — Fiquei fascinado, alucinado com o desenho daquela maravilha, com prazer, maluco, fissurado, tudo!

— Ah... Se eu estivesse aí com você, enfiaria ele bem fundo... — rosnei, simulando com a mão o movimento de vai e vem. — Assim, está sentindo? — Ofegando, ela assentiu. — Ia fazer um vai e vem bem gostoso até você gozar...

Gemendo, ela puxou o ar com muito prazer.

Meus gemidos ecoavam pelo quarto, estava quase gozando.

— Minha gostosa, tesuda... — À medida que eu rugia palavras picantes, ela ficava pirada.

— Ahhhhh, Fe — gemeu ela. — estou quase lá... Maravilhoso — rosnou ela, vibrando. Minhas bolas entraram em combustão e um jato branco saiu do meu pau, gozei até última gota.

Enquanto estávamos ofegantes, peguei a roupa no chão e me limpei, ela fez o mesmo. Sentamo-nos e nossos lábios se encontraram na tela, ouvir sua respiração pesada aqueceu meu coração.

— Ainda não foi suficiente para me saciar — sussurrei. —, mas é o que tem para hoje, o que posso fazer? — Ela riu baixinho, suspirando. — Eu precisava tanto de você aqui comigo...

— Eu queria tanto estar aí... — sussurrou ela de volta.

— Então, Mary, se arrisca vai? Por você eu largo tudo... tudo! — Afastei para olhar em seus olhos, ela sorriu fraco.

— Será mesmo, Fe? — Sua hesitação me deixou preocupado. — Largaria tudo mesmo, teria coragem de abandonar a Natalie no estado em que ela está, e os seus

filhos que ela está gerando dentro do ventre? — Emudeci. Quando eu estava com ela, eu me esquecia completamente das barreiras e ela tinha razão, não seria possível. — Eu acho que não.

— Tem razão! Eu não seria capaz de ser tão frio a este ponto. — Concordei com ela. E desabei em tristeza com a constatação, e fiquei ali com a cabeça baixa refletindo sobre o meu fracasso. Eu sou um fodido mesmo!

— Não se sinta mal por isso, meu amor. Faz parte do seu lindo caráter — disse ela debruçando ainda mais com aqueles peitões lindos sobre a mesa, me deixando novamente com muita fome. Ri pensando o quanto ela era especial — Apesar de tudo, eu juro que estou do seu lado. Não o acuso de nada, apenas vejo o nosso caso como uma privação que talvez um dia acabe.

— Um pesadelo, Mary — proferi desanimado. — Eu rezo para um dia eu acordar desse sonho.

— Bem que poderia ser apenas um sonho. — Seus olhos tristes sondavam meu rosto deprimido enquanto as pontas dos seus dedos deslizavam na tela fazendo o contorno dele.

Como ela é bela!

— Mas é a realidade, infelizmente. Precisamos enfrentar de cabeça erguida para a nossa paz de espírito, pois as consequências nos afetariam — disse ela tão sensata, me abrindo os olhos para o fato consumado. Fechei os olhos respirando fundo, eu estava sufocado.

— A nossa vida é marcada por muito desencontros, Mary. — Agora eu dedilhei a tela e ela fechou os olhos, sorrindo com os lábios fechados. — Será que um dia Deus vai permitir que a gente fique juntos? — Ela deu de ombros com os olhos marejando.

— Eu tenho orado muito para isso, Fernando — admitiu. Sorri com tristeza pensando quanto tempo ainda teríamos que seguir longe um do outro.

— Eu também, minha linda! — Desci os dedos como se tocasse em seus seios esparramados. Ela dedilhou a tela também.

— Mary, você está dormindo? Eu preciso falar com você um assunto importante, inadiável. — Senti o mesmo que um soco no meu peito, quando ouvi aquela voz masculina chamando pelo nome da minha Mary, batendo à

porta do seu quarto. Ela se virou desesperada, e se levantou.

— Que caralho é esse, Mary... Tem um homem na casa com você? — Ela não respondia, procurava seu roupão pelo chão, quando o filha da puta bateu novamente.

— Mary? Mary... Está falando com quem aí no quarto? — Deixei um suspiro escapar de meus pulmões, denunciando meu desespero. A raiva, a angústia, o ciúme, todos os tipos de emoções conflitantes se apoderaram de mim ao ouvir aquela voz encorpada e autoritária batendo na porta dela. — Por favor, abre a porta, precisamos conversar.

— Só um minuto, eu já vou! — gritou ela olhando para a porta quando pegou sua roupa e quando fechava o botão notou as manchas que o nosso amor deixou, então ela o tirou novamente.

Ah, não. Aquilo foi a gota da água. Como assim, precisamos conversar? Meus pensamentos me assombravam.

— Mary, como assim, quem é este cara? Me responde, CARALHO! — eu gritei, quero dizer eu berrei batendo os

punhos fechados sobre a madeira com uma certa brutalidade. — POR QUE, PORRA, TEM UM HOMEM BATENDO NA PORTA DO SEU QUARTO? — Ela estava tão confusa que não me respondia. — CARALHO, MARY! — vociferei. Queria ter o poder de atravessar aquela tela para o lado dela e enfiar uns murros na cara deste cara.

Ela se virou olhando em direção à porta novamente e quando retornou, seus olhos estavam enormes, assustados.

— Eu preciso desligar, desculpa, meu amor... Depois a gente conversa... Eu te amo. — Ela nem esperou eu dizer mais nada. Apenas abaixou a tampa do laptop me deixando no escuro.

— Mary, Mary, não desliga esta porra! — gritava. E foi o mesmo que nada. A minha ira e ciúmes eram tamanhos que soquei a mesa com tudo num berro a plenos pulmões, despertando a atenção de Natalie batendo à porta.

— Fernando? Fernando... Você está bem, meu querido? — Apertei os punhos e os olhos com força ao ouvir a voz dela batendo à porta do quarto.

— Meu querido, meu querido... — murmurei sendo

possuído por uma força sinistra, sobrenatural, com um ódio mortal desta filha da puta! Por causa dela, tudo isto estava acontecendo, era para a Mary estar aqui, dormindo de conchinha comigo, e não lá à mercê daquele sei lá quem! Eu queria matar ela de qualquer jeito. Precisei de algum tempo respirando fundo para voltar ao meu equilíbrio normal, eu perderia a cabeça se abrisse aquela porta agora.

Mary, Mary! Saltei da cadeira e esmurrei a mesa com violência mais uma vez. *Mary,* gritei sem emitir som, apenas em pensamento, afogado e esmurrando a mesa freneticamente tomado pelo despeito. CÉUS, ELA ESTÁ NUA! Deixei-me cair sentado. Com todas aquelas possibilidades absurdas passando pela minha cabeça, eu parecia um lunático, doente, alucinado, possessivo, crônico... Com aquele sentimento doentio dentro do meu peito, não havia uma parte sequer racional no meu cérebro, eu só queria esganar a pessoa que poderia naquele momento estar tocando na minha Mary.

— Que inferno! — berrei.

— Fernando, abre a porta, já estou ficando preocupada.

Eu vou chamar sua mãe e o seu irmão. — Levantei-me para atender com a ameaça. Aguentar uma pessoa me fazendo perguntas, já seria difícil... imagina então três! Soltei uma bufada forte, e só então destranquei a porta sem me dar ao trabalho de girar a maçaneta para abri-la e recuei até o meio do quarto, possesso, com sangue saindo dos olhos.

— O que aconteceu, Fernando? Que gritaria é essa? — Seus olhos posicionaram em meu pau antes de voltarem aos meus olhos. Balancei a cabeça, indignado, jogando meus olhos fulminantes sobre a tela preta e caminhei em direção até onde estava meu roupão marrom, passando por ela sem ao menos olhar em sua cara. Os meus sentimentos machucavam meu peito, era só nisto que conseguia focar. Peguei o roupão pendurado perto da porta do banheiro e mesmo assim precisei respirar algumas vezes. Eu simplesmente voltei me jogando de bruços sobre a cama com a cara enfiada no travesseiro macio com a fronha branca, enquanto ouvia o grunhido dela.

Isso é tudo culpa sua, maldita! Eu travei a mandíbula e

fechei os olhos, tentando sufocar a dor que a imagem que o meu cérebro doente sugestionava da Mary nos braços de outro alguém, que chegou a doer. Naquele momento, eu senti tanta raiva de mim mesmo, por ter sido tão burro.

— Poderia me dar atenção, por favor, Fernando? — ela pediu com a voz sufocada de quem está com dor, que me preocupou lembrando a sua situação. Virei apenas a cabeça à direita, e só então reparei nela vestida numa camisola preta longa com os cabelos presos num rabo de cavalo no alto da cabeça, parada no meio do quarto na mesma posição de ultimamente, sua mão direita segurando a bacia e a barriga de gêmeos apontando para frente. Seus olhos azuis marejando no rosto contraído estavam em choque e fixos no chão. Possivelmente sobre minhas roupas que acabei me esquecendo. E então seus olhos subiram em direção a tela do laptop. Preocupado, eu saltei da cama e fui até a mesa e fechei a tampa.

— Você estava falando com ela, não é mesmo? — indagou com voz chorosa e receosa. Sentia sua dor e entendia o quanto aquilo a machucava. No entanto, não poderia me esquecer de mim. Afinal, ela era a causadora

de muitos sofrimentos, inclusive o seu. Engoli forte.

— Com ela quem? — Me fiz de desentendido pensando em sua saúde já frágil e dos meus filhos, também enquanto recolhia minhas roupas pelo chão e me dirigi ao banheiro colocando tudo no cesto de roupa suja.

— Você não pode continuar com isso, Fernando! — ela gritou com a voz de choro. *Que droga!* Voltei rapidamente para o quarto. Seus olhos imersos em lágrimas me cortou o coração. Parei em sua frente e segurei em sua mão, olhando nos olhos. — Precisa parar de falar com esta Mary, esquecer que ela existe... — Sua respiração acelerou e senti suas mãos frias.

— Calma, vem aqui se sentar. — Arrastei-a até a cama colocando-a sentada.

— Eu não estou mais suportando a sua indiferença, Fernando. Você precisa entender que agora sou eu, você e nossos filhos. — Com a cabeça arqueada prendendo meu olhar ela colocou a mão na barriga. Eu odiava aquele comportamento, ela fazia descaradamente um jogo emocional e era um dos piores jogos baixos. — Eles precisam de carinho, como eu preciso, Fernando! A nossa

saúde está fragilizada, precisa esquecer esta mulher, pelo amor de Deus.

Sei... só me ensina como eu poderia alcançar um milagre deste? A Mary é a minha vida! Meu olhar irônico a fez chorar, me deixando péssimo.

— Também não precisa ficar assim, né, Natalie! — Me sentei ao seu lado e passei a mão direita pelo seu ombro, puxando-a. Ela deitou a cabeça em meu ombro em prantos.

— Não acho justo o que vem fazendo... — ela fungou, eu fiquei quieto, dizer o quê? — Poxa! Será que não se importa nem um pouco com os seus filhos? — Continuou com o meu silêncio. Eu me levantei respirando fundo enquanto baixou a cabeça prevendo a minha reação. Ela me conhecia bem, eu tinha este péssimo costume de ir direto ao ponto.

— É claro que me importo, tanto é verdade que eu estou aqui com você, não estou? Se eu não me importasse, pode apostar, eu não jogaria a minha felicidade para o alto e... — Ela desabou, chorando muito alto, eu me sentei ao seu lado e novamente a puxei pelo ombro. — Desculpa... —

era só o que eu poderia dizer.

— Não está feliz, não é mesmo? — Ela levantou a cabeça buscando os meus olhos, respirei fundo mais uma vez.

— Para ser sincero ficou muitas pendências na minha vida, Natalie... — Ela apertou os lábios um sobre o outro enquanto eu falava. — Você não agiu corretamente comigo, tampouco foi sincera quando pedi a sua ajuda. Deixou que todos pensassem que eu sou um calhorda aproveitador de criança.

Ela saltou da cama com as minhas palavras, ofendida.

— Para de me culpar o tempo todo, Fernando! — rosnou ela em tom severo. — Tudo bem que você estava bêbado, enfim... — Ela revirou os olhos e ficou com eles no teto por algum tempo antes de voltar aos meus atentos aos dela. — De alguma forma, você acabou me iludindo naquela noite. Carente, você estava me pedindo para te consolar e eu apaixonada não resisti! — falou baixinho enquanto eu sentia um arrepio na espinha, me odiando por permitir que tudo aquilo acontecesse em minha vida. E o pior de tudo era não me lembrar de nada, nada mesmo!

Dei de ombros, inconformado.

— Pelo menos, deveria ter tido um pouco mais de juízo, né, Natalie? Deveria ter usado preservativo, teria evitado tantos transtornos em nossas vidas — fui sincero fixando em seus olhos com as lágrimas saltando em cachoeiras.

— Não fale assim... — Colocou as duas mãos abaixo do ventre. — Seus filhos o estão ouvindo e podem nascer se sentindo rejeitados. — Seu joguinho emocional merecia uma bronca daquelas. De forma brusca me levantei e segurei em seus braços, assustada com a minha reação explosiva, sua cabeça arqueou me dando mais clareza da minha atitude. A soltei e dei-lhe as costas indo para o outro lado do quarto. Eu precisava de distância e o máximo possível. De certa forma ela tinha razão, as crianças não poderiam pagar por nossos erros...

— Vai para o seu quarto, por favor — pedi de costas ouvindo-a soluçar e, então, me virei quando ela começou a gemer. De cabeça baixa, ainda segurando abaixo do ventre, sua expressão de dor me deixou preocupado e corri para acudi-la.

— O que foi, não está se sentindo bem? — Segurei em

seu ombro e a levei até a cama ajudando-a a se sentar na beirada e me ajoelhei em sua frente alisando sua cabeça, atribulado.

— A dor no pé da barriga é angustiante. Daqui a pouco passa, fica sossegado! — declarou ela com a voz entrecortada e fechou os olhos respirando fundo.

— Vou te levar para o seu quarto. Precisa descansar. — Quando ia levantá-la, seus braços, enlaçando ao redor do meu pescoço, me impediram. Inclinei meu pescoço para sua cabeça repousar sobre meu ombro.

— Por favor, Fernando... Me deixa dormir aqui com você! — implorou num sussurro desesperado, enquanto sentia a força do seu coração batendo. Mordi meu lábio em um ato de desespero, implorando mentalmente para que ela se afastasse. Não era um bom momento para um pedido daqueles! Meu coração estava machucado, meu cérebro só projetava a imagem da Mary nos braços de outro. *Que caralho! Que cara era aquele batendo em sua porta agora a noite? Céus, eu vivia uma tortura dos dois lados...* — Não me negue isso. — Seus lábios encontraram os meus travados. — Me dê esta chance, eu

juro que vou me comportar. Só preciso mesmo do seu abraço esta noite — suplicou, sussurrando.

Não havia como não lhe dar ouvidos, não podia ignorar um pedido singelo, perigoso, eu sabia, porém necessário. Não poderia deixá-la sozinha naquele instante e soltei o ar com força enquanto me levantava segurando em sua mão.

— Vem deitar aqui na cama. — Nasceu um sorriso na expressão triste.

Eu a acomodei antes de ir ao banheiro tomar um banho frio e permaneci o máximo de tempo possível. No chuveiro, a água fria me relaxava, permitindo que eu viajasse nos meus pensamentos e nela. Como sempre... Ah, Mary!!! Eu não conseguia me acalmar mentalizando outro homem tocando em seu corpo, ela é minha, só minha, precisa ser só minha...

Comecei a me masturbar, o desejo vinha como uma avalanche, com o rosto erguido olhava para a água que saía do chuveiro procurando um consolo, mas nada conseguia me fazer parar de sofrer, os ciúmes estavam me dilacerando de um jeito absurdo me fazendo arrepiar ao mesmo tempo que não me ajudava a relaxar. Eu sentia-me

atormentado e mal-humorado.

"Eu te amo, Fernando", a recordação de ouvir sua voz parecia tão real, que a voz carregada veio num tom sensual, apaixonante, bateu contra meu tímpano, me fazendo fechar os olhos involuntariamente.

— Fernando, vem para a cama. — A voz de Natalie chegou até mim como um soco na boca do estômago, tudo lá dentro revirou desviando meu momento prazeroso.

— Só um minuto, já estou terminando! — respondi enquanto desligava o chuveiro. Precisei de um exercício de respiração para diminuir meu ânimo e mesmo assim levou alguns minutos. E novamente impaciente a Natalie me chamou.

— Pensei que tivesse dormido embaixo do chuveiro.

É o que eu deveria mesmo ter feito.

— Estava exausto da viagem, precisava relaxar debaixo da água — respondi meio a contragosto fechando a blusa azul-claro do pijama. Seus olhos frustrados pousaram em meu tórax e desceram para a calça do pijama, onde meu pênis ainda ereto marcava no tecido. Meus olhos acompanharam os dela, eu já havia me arrependido por ter

cedido aos seus caprichos quando ela fechou os olhos e estendeu seus braços, me chamando.

— Pode ficar tranquilo, Fernando. Eu só quero o seu abraço hoje, o seu calor. — A sua sinceridade me ajudou a subir naquela cama. Ela se animou entre meus braços, passando as mãos pelas minhas costas e deitou em meu peito, permanecendo em silêncio e adormeceu enquanto eu sentia o calor de sua respiração com a Mary tomando tudo dentro de mim.



Mary

— Você estava falando com alguém? — indagou Sérgio assim que abri a porta. Seus olhos fixaram sobre o laptop sobre a mesa. Ele estava com um pijama cinza-chumbo bem soltinho ao corpo e sem cuecas. O volume na calça estava em evidência, rapidamente desviei o olhar para seu rosto, meu corpo ainda estava em chamas com o Fe na minha cabeça. Seus olhos verdes analisaram meu rosto com atenção e então desceram para o meu corpo e um sorriso de aprovação surgiu em seus lábios. Antes de abrir, eu vesti uma camisola de malha na cor verde-escuro, até o tornozelo, poderia dizer que era discreto se não fosse o decote profundo mostrando a exuberância dos meus seios sem o sutiã.

— N-não... claro que não — gaguejei segurando a porta meia aberta. — Estava assistindo televisão — menti. Ele apertou os olhos descrente, em direção ao aparelho embutido na parede, desligado. — O que você quer, Sérgio?

— Conversar um pouco — disse ele empurrando a porta e entrou na maior cara de pau. Eu fiquei boquiaberta

parada no mesmo lugar com sua petulância.

— Podemos deixar esta conversa para depois, Sérgio. Eu realmente estou cansada e amanhã temos muito para fazer por aqui — declarei escancarando a porta para ver se ele caía fora e ele sorriu, colocou os cabelos sobre o rosto atrás da orelha e se sentou nos pés da minha cama.

— Vou procurar ser rápido, não se preocupe.

Cocei atrás da cabeça, impaciente. Ele atrapalhou um dos meus melhores momentos, não tinha cabeça para nada mais além do meu amor.

— Preciso de um minuto para bater um papo, apenas isso — insistiu ele com minha expressão negativa. Soltei o ar com força, fechei a porta e fui até a mesa, puxei a cadeira e me sentei à sua frente. Em seguida, cruzei os braços fixando meus olhos nos dele. Ele sorriu, surpreso.

— Baixe a guarda, ok? Eu só quero te fazer uma proposta — disse ele e parecia estar sendo sincero. Balancei a cabeça, concordando.

— Vamos lá, então. Me diga, qual é esta proposta que não pode aguardar até amanhã?

— Você ainda se relaciona com o cara de São Paulo,

Mary? — grunhi sem acreditar na indiscrição, e quando ameacei me levantar ele segurou no meu braço impedindo-me. — Foi apenas uma pergunta inocente... — tentou consertar a sua inconveniência.

— Para dizer a verdade, Sérgio, não é da sua conta... E diga logo qual é esta sua proposta, quero me deitar logo — proferi de forma brusca.

— É claro que não... desculpa a minha curiosidade. Então, eu estava lá no meu quarto pensando na situação que se encontra por aqui. — Arqueei as sobrancelhas e continuei escutando, quieta. — Talvez se a gente trouxer mais tecnologia para a fazenda, aceleramos as melhorias. Já que, com sua administração criminosa, o Adenir atrasou muito as coisas por aqui.

— Interessante! — Dei com a cabeça absorta. — O que tem me mente?

— Está havendo um evento em Las Vegas, nos Estados Unidos — começou ele explicando. — Empresários do mundo inteiro no setor do agronegócio e outros também, inclusive os produtores de laranjas, participarão de uma missão internacional, é uma oportunidade de fazer

negócios e conhecer as últimas tendências do setor, além, é claro, de ampliar os conhecimentos para fortalecer as empresas do setor de sucos. Acho que vale muito a pena para a expansão da empresa — concluiu ele enquanto eu fiquei admirada e agradecida pela sua preocupação em melhorar a produtividade e a imagem da minha empresa.

— É uma ideia excelente, Sérgio, e você tem o meu total apoio para participar e...

— É preciso que você me acompanhe, Mary — interrompeu-me ele. — Afinal de contas, todo e qualquer investimento que a empresa venha a ter, é importante que você esteja bem engajada para futuras decisões — disse ele.

— E quando seria exatamente este evento? — hesitei com a preocupação em não ser possível me ausentar no momento, com tanto a fazer por aqui.

— Na quinta-feira de manhã, preciso só da sua confirmação para então providenciar as passagens e, claro, o nosso lugar no evento. Como eu te falei, a participação se estende ao mundo inteiro. É necessário fazer a reserva. — Balancei a cabeça, discordando.

— Eu não posso me ausentar agora, Sérgio. Preciso colocar as coisas da fazenda no eixo. Contudo, o que estou vendo é que tenho muito trabalho pela frente. E até quarta-feira, à noite, é impossível dar conta.

— Não se preocupe, eu ajudo você no que for preciso, podemos até arranjar um administrador amanhã para tomar conta enquanto estivermos fora, e...

— Eu já providenciei um funcionário de confiança, já lhe informei — o interrompi e ele franziu o cenho, curioso. — Vamos fazer assim: caso este meu amigo chegue amanhã cedo, e com o treinamento adequado a gente perceber que ele assimilou todo o serviço, então podemos embarcar juntos. Caso contrário, você vai sozinho.

— NÃO! — ele quase gritou fazendo calar-me. — Me desculpa me exasperar. O problema é que você, como proprietária, deve fazer as honras. — Ergui as sobrancelhas sem entender aquela reação.

— Você tocou todo este império durante oito anos. Sérgio. Não acho que encontrará dificuldade em participar de um evento tão importante e trazer consigo

toda a bagagem adquirida. — Ele sorriu fraco.

— Eu faço questão que você tome a frente. Afinal, todo o comando da empresa agora é seu.

Respirei fundo, ele estava coberto de razão. Como a proprietária, eu deveria estar engajada nos negócios, até mesmo por segurança, para evitar que os problemas que encontrei aconteçam novamente. Ele sorriu na expectativa.

— Amanhã decidimos, Sérgio. Vou acordar cedo, e você também. Vamos ao contador...

— O que pretende fazer com tanta urgência, Mary? — questionou hesitante.

— Em primeiro lugar, vamos reformar as casas dos funcionários, mobiliar adequadamente. É necessário dar mais dignidade às suas moradias, e também quero o galpão que eles usam como um templo de oração reformado, mobiliado e com todos objetos sacros sagrados.

Seus lábios entreabriram com tudo o que falei.

— Precisa estar ciente de que um gasto no volume em que está pretendendo pode abalar o caixa da empresa — alertou-me ele. Eu grunhi.

— Em primeiro lugar, veio muito dinheiro da Flórida para cá — falei olhando ao redor e ele acompanhou-me. — Mesmo com tanto luxo, eu duvido muito que todo o dinheiro tenha sido gasto apenas com o requinte daqui. Se não foi desviado como você mesmo mencionou não acreditar, então deve estar nas contas da empresa. — Ele respirou fundo com o meu argumento.

— Não estou dizendo que não possa fazer, Mary. O que estou dizendo é que não se pode fazer tudo de uma vez. — Balancei a cabeça, impaciente. *Ele pensa que eu sou bobinha...* Mal sabe ele que eu já enfrentei magnatas, gigantes.

— Antes de tomar qualquer decisão, preciso ver os números. E diante do relatório em mãos, amanhã daremos sequência aos meus planos. — Ele bufou, irritado. — É impressão minha ou a minha intenção o deixa receoso? — Ele sorriu desentendido.

— Imagina! Minha única preocupação é com a estabilidade da empresa — concluiu ele se dirigindo para a porta e a abriu. E se virou antes de sair.

— Até amanhã cedo.

Acenei com a cabeça, então ele saiu e fechou a porta atrás de si.

Eu só conseguia pensar no Fernando. Ele tinha mesmo razão, não fazia sentido algum manter este joguinho. Éramos adultos e podíamos administrar nossos encontros e tempo sem despertar suspeitas. Eu precisava dele na minha vida, principalmente agora. Não dava mais para adiar, eu precisava anunciar a minha decisão a ele, e urgente! Puxei a cadeira em frente à mesa, me sentei e abri a tela do laptop.

Fe, você ainda está on-line?

Digitei com a estúpida esperança dele responder mesmo estando ali, estampado na minha cara que ele estava off-line.

Me desculpa ter saído assim tão bruscamente, mas assim que foi possível eu voltei, e mesmo você estando off-line eu posso sentir a sua energia. Eu te amo, meu amor, te amo muito. Cheguei à conclusão que sem você não na dá mais, estou disposta a tudo. Vamos viver um romance paralelo, às escondidas, você vem até a minha

cidade em Uberlândia, eu vou até São Paulo, não importa o tamanho do sacrifício, por você tudo vale a pena. Quero compartilhar esse sentimento que nos envolve de emoções, eu quero ser feliz com você, eu tenho a pura e sincera certeza de que vou te amar mais a cada amanhecer, meu amor. Vamos lutar juntos, um ao lado do outro, eu sei que Deus vai nos abençoar com a nossa união, eu creio, meu amor. Talvez eu precise fazer uma viagem para o exterior, mas é rápida e então podemos marcar um encontro... Responde logo, por favor... Eu te amo.

Esperei uma resposta, que não veio, por quase uma hora. Meu corpo estava pesado, e o sono foi inevitável, devido ao alarme do dia exaustivo com dores pelo meu corpo, como de costume peguei o computador, levei-o até a cama e o coloquei ao meu lado juntamente com o meu celular com esperança do Fernando entrar a qualquer momento, e se ele não entrasse, eu ligaria no seu celular.

Despertei-me, de repente, aterrorizada com uma forte explosão, e estremeci em choque sentindo-me como se estivesse afundando no oceano, afogando, sufocada sem

conseguir respirar, quando uma tromba d'agua caía sobre mim. Pulei da cama mergulhada na escuridão do ambiente, o chão estava inundado por água que roçava meus pés descalços me deixando com a sensação de que acontecia um tsunami. A minha primeira atitude foi ligar o interruptor e acender a lâmpada o que não foi correto, mas eu precisava saber o que estava acontecendo. Uma atitude inesperada e inexperiente que provocou um curto-circuito em toda a rede.

— Céus! — exclamei com o corpo trêmulo, incrédula observando a água jorrando do teto totalmente danificado, o barulho era forte e invadia minha mente, deixando-me atordoada com o coração a mil dentro do peito.

Gelei quando meus olhos repousaram sobre os meus equipamentos sobre a cama: laptop e celular mergulhados em toda aquela inundação. Foi então que entendi o que acontecia, pela abertura no teto, notei a caixa d´agua quebrada e também uma tubulação que estourou. A água jorrava, transbordava e escorria pelo teto como se fosse uma cachoeira, inundando o quarto e saindo pelo vão da porta em direção ao corredor.

— Ah, meu Deus! — Corri para pegar os meus equipamentos na tentativa em vão de salvá-los. — SÉRGIO? SÉRGIO! — gritei a plenos pulmões pelo seu socorro, em segundos ouvi o ranger da porta.

— Mas o que é isso? — Sua voz adentrou ao meu ouvido como um alívio.

— A caixa de água estourou... — expliquei sacudindo meus equipamentos na tentativa de salvá-los.

— Meu quarto está todo inundado! — Minha tia entrou no quarto em seguida gritando desesperada. E ficou estática olhando para o teto. — Acho que um dos canos estourou — concluiu. — O vazamento deve ser meio grande — balbuciou ela, descrente.

— Vou fechar o registro geral e buscar ajuda — informou Sérgio, eu acenei e ele saiu correndo do quarto, espirrando água para todo lado.

— Aí tia... pelo jeito perdi meu computador e celular — lamentei, enquanto sacudia os equipamentos no ar.

— São só bens materiais, minha querida — disse ela na tentativa de me acalmar e segurou em minha mão quando ouvimos uns fortes ruídos vindo do teto. O teto de gesso

não suportou o excesso de água e desabava. — É mais seguro sairmos daqui. — Segurando forte em minha mão, ela me puxou para fora do quarto.

A água invadiu todo o corredor e caía pelas escadas como se fosse uma cachoeira, inundando a sala, cozinha, tudo... Tudo ali estava muito próximo a um dilúvio.

— Por favor, mulheres, aguardem lá fora enquanto cuidamos do reparo do telhado — falou Sérgio com seus olhos verdes fixos nos meus, assustados. Ele entrava na sala juntamente com alguns funcionários e rapidamente correram para o andar de cima. Eu e a minha tia obedecemos, saímos para a varanda tremendo muito nervosas.

Em pé, olhando para horizonte, tudo parecia ainda mais triste naquela madrugada fria em meio à grama molhada com as gotas de orvalho que caíam incessantemente sobre ela. Abracei-me com os equipamentos entre meus braços na tentativa de aquecer-me em todo aquele tremor de frio, congelada, com as roupas molhadas. Vários funcionários chegavam correndo dando-nos palavras de apoio e correndo para resolver todo aquele estrago. Eu só

conseguia pensar no Fernando, ele me envolvendo no calor de seus braços. Fechei meus olhos viajando na saudade e minha tia, que já havia se sentado na cadeira ali na varanda, notou o meu estado nostálgico.

— Senta-se aqui, minha querida, daqui a pouco tudo vai estar resolvido. — Virei a cabeça para trás. Sua mão direita estava repousada sobre o assento da cadeira ao seu lado. Soltei o ar com força e me dirigi me jogando com tudo sobre a cadeira, deixei meus equipamentos no chão ali ao lado e encostei a cabeça no encosto.

— Está tão difícil para mim, tia — comentei com a voz embargada. Na verdade eu precisava sentir sua reação, agora o Fernando já sabia a minha localização e eu estava disposta a viver este amor em qualquer circunstância. Ela segurou forte em minha mão sem me interromper. No fundo, ela sabia exatamente onde estavam os meus pensamentos.

— Às vezes, eu olho para o meu interior e me vejo muito sozinha, sem o Fernando ficou uma lacuna dolorosa. Eu sinto tanta falta dele... — Fechei meus olhos com meu cérebro fazendo a retrospectiva da nossa dolorida e, ao

mesmo tempo, gostosa despedida, trazendo todos os aromas de memórias. De certa forma a cortina do orvalho caindo lembrou-me o vapor de nossas respirações condensando no vidro. E ontem, mesmo sendo virtual, a coisa foi maravilhosa! — Queria tanto ouvir a voz dele, seu toque... eu queria tudo dele... — desabei com aquela dor me corroendo.

Olhando para o horizonte ouvi sua respiração profunda ao meu lado.

— Eu desejaria do fundo do meu coração que a sua história com o Fernando fosse diferente. — Sem tirar a cabeça do encosto virei-a em sua direção, ela sorriu comovida. — Ele é um bom menino! — Estalou a língua antes de continuar: — A princípio fiquei muito brava com ele, mas aos poucos eu fui voltando ao passado. A Natalie provocou, eu sei que sim. A dona Vera comentou comigo sobre a sua indecência e não foi uma vez, foram várias que até perdi a conta — confessou. Senti uma onda de alegria dentro do meu coração, embora eu sempre soube da inocência dele.

— É... eu também acredito nele... — admiti e voltei a

olhar para o horizonte sem vê-lo, eu só consegui ver o rosto do meu amor, que logo a visão foi invadida pela Natalie com aquela barrigona me lembrando que ela carregava seus filhos e poderia ganhar o coração dele quando elas nascessem. Gelei com a possibilidade. — No entanto, o resultado de tudo isso é muito penoso, agora o Fernando vai ser pai e ainda de duas crianças... Tenho muito receio de que a nossa história seja interrompida, tia. Penso muito em aceitar a condição da outra na sua vida. Tudo para poder ficar o máximo de tempo perto dele... Eu amo o Fernando... — Olhei-a analisando para sentir sua reação, já que eu tomava esta decisão pela segunda vez. Ela apenas respirou fundo, muda, e eu me encorajei a continuar: — Bateu uma vontade enorme de pegar um ônibus, avião e ir a São Paulo.

— Eu não queria dizer, mas preciso, Mary — ela se pronunciou, me virei fitando-a com atenção. Ela me olhava de forma maternal. — Se não quiser ser a outra eternamente na vida dele, seria mais sensato esquecer. Principalmente porque um dos seus filhos tem um problema sério no coração. Eu conheço o Fernando, ele

não terá coragem de abandonar os filhos. Apesar de galinha, ele é um homem honrado. Luta pelas pessoas que ama com toda a sua alma. Esta é a natureza dele — disse ela orgulhosa e fixou os olhos para frente. — Eu já o presenciei defendendo sua família, até mesmo quando não tinham razão, já comentei sobre isto com você. Ele cuida de todo mundo. — Concordei movimentando minha cabeça, com aquele aperto no peito. Ele era realmente um homem e tanto! E eu o queria muito para mim. — Eu não vejo um futuro para vocês. Insistir só vai trazer mais sofrimento para ambos. — Ela deu de ombros, eu baixei a cabeça e fiquei ali, amargando a mais pura realidade.

— Eu preciso ser forte, para ser sincera eu estou quase resistindo e indo atrás dele. Não consigo mais viver esta carência, é uma saudade amarrada pela certeza de que nunca vai passar. É um vazio existencial, medo, depressão, tristeza de que nunca conseguiríamos resolver.

— Eu sei, eu sei... — Ela bateu em minha perna enquanto eu soluçava em silêncio com uma ânsia enorme dentro de mim. — Eu só estou dizendo tudo isto justamente para evitar maiores sofrimentos. Este triângulo

amoroso não daria certo. A vida de vocês se tornaria um inferno. Olha ao seu redor, Mary... — Levantei a cabeça e suspirei profundamente. — Tem muito o que se fazer por aqui, veja o lado bom... O Fernando serviu como um instrumento para trazê-la aqui em socorro a estas pessoas sofridas. Então, meu amor, talvez aqui seja o seu lugar.

— Sim — concordei, sorrindo com os lábios apertados.

— Então, minha menina! Deus escreve certo por linhas tortas, quem sabe ele colocou o Fernando em seu caminho apenas para esta linda missão? Porque se não fosse ele, você nunca teria aceitado esta herança, não é mesmo? — Me levantei e caminhei em direção à piscina, parando a sua borda, e ela foi atrás, passou a mão na minha cintura e eu deitei a cabeça em seu ombro. O calor do seu corpo acalmou meu coração doente batendo num ritmo lento.

— Verdade! Você tem razão, tudo me afasta do Fernando. E eu não tenho o direito de fazê-lo sofrer mais do que já está sofrendo. Eu vou tentar me manter distante — menti. Minha decisão já estava tomada. Namoraríamos escondidos. Levantei minha cabeça, cobri meu rosto com as mãos e levei meus cabelos encharcados para trás da

cabeça. — Pelo menos, eu vou tentar... — disse aquilo apenas para não a contrariar. Não havia a menor possibilidade de desviar o foco "Fernando". Nada me faria mudar de ideia agora. Enfrentaria tudo e todos, sem hesitar! Me virei em direção à varanda ao me lembrar que gravei nossa conversa e desanimei pensando que a água com certeza havia danificado os sistemas do computador e soltei o ar com força, desolada.

— Você bem que poderia prestar mais atenção no Sérgio — sugeriu ela com voz baixa. Eu lancei-lhe um olhar surpreso e ela sorriu, dando de ombros. — Olha só que rapaz gentil, cuida de tudo direitinho, se preocupa com você. É lindo...

— Tia! — adverti-a e ela balançou a cabeça com desdém. Eu pensei que nunca mais o meu coração se estremeceria tanto dentro do peito por outro alguém.

— E tem olhos para você... De repente, é o destino que Deus traçou para você, Mary.

Senti um calafrio descer por minha espinha com aquele comentário, sentia medo ou algo deste gênero.

— Vamos esquecer este assunto... — falei voltando

para a casa, quando vi Gisele em seu penhoar azul-claro e a sua filha Raquel correndo em direção a casa.

— Fiquei sabendo do acidente e vim correndo. A senhorita está bem? — perguntou ela toda prestativa, quando entrei na varanda.

— Graças a Deus, foi só a tubulação que deve ter estourado. — Peguei meus equipamentos e entrei na casa. — Preciso de um banho quente e roupas secas. — Batia os dentes de frio.

— Precisa de ajuda? — ofereceu ela.

— Não, obrigada. — Subia as escadas quando o Sérgio e dois homens desciam.

— Tudo resolvido — disse Sergio assim que me viu. — Amanhã já arrumaremos o teto do seu quarto.

— Obrigada. Será que tem algum banheiro onde eu possa usar?

— O quarto no final do corredor não foi afetado. — Apontou ele. Eu assenti.

— Ok... vou passar no meu quarto para ver se restou alguma roupa seca. Estou morrendo de frio. — Abracei meu corpo e passei por eles nas escadas.

Eu me sentia perdida dentro de mim, num labirinto sem saída. Depois que tomei um banho e coloquei um pijama, tentei ligar meu computador que não funcionou, tampouco meu celular. Eu não consegui sustentar o que disse a minha tia, eu precisava do Fernando não dava mais para ficar longe dele.

Será que ele viu o meu recado? Droga de celular. Fiquei sem comunicação... e o pior de tudo, com esta coisa de smartphone onde buscamos o nome e foto, eu não havia gravado o número do celular do Fernando e precisava falar com ele com urgência. E corri atrás da minha tia que estava em seu quarto. O estrago foi menor e Gisele, juntamente com outras funcionárias, já havia deixado tudo em ordem.

— Pode entrar, Mary — ela autorizou quando bati.

— Tia, será que você pode me emprestar o seu celular? — Ela balançou a cabeça abatida se dirigindo até a penteadeira e pegou o aparelho. À medida que se dirigiu até mim, a água escorria de dentro dele. — Ah, sério! — bufei e fiz cara de choro.

— Por que, com quem você queria falar nestas horas da

madrugada? — Olhamos no mesmo instante no relógio na parede atrás de sua cama. Já se aproximava das cinco da manhã. Cocei minha cabeça, pensando se deveria dizer a verdade. Ela franziu o cenho, desconfiada.

— É quem estou pensando? — Assenti que sim, e ela grunhiu.

— Você nem prestou atenção no que eu te disse, né? — Dei de ombros sem responder. Eu precisava saber se ele viu o meu recado e peguei o telefone fixo na cabeceira da sua cama. — Você sabe de cor o telefone da casa do Fernando?

— Mary? — alertou-me em advertência.

— Por favor, tia, eu preciso falar com ele e agora. — Ela negou com a cabeça.

— Sabe bem que tenho dificuldade em gravar telefone, o meu celular não está ligando, eu sinto muito! — Esfreguei as mãos no meu rosto, impaciente.

— Não é possível que não saiba! — Encarei-a depois. Comovida, ela foi até o armário e pegou sua bolsa.

— Talvez eu tenha anotado em algum papel, espera! — Ela colocou a bolsa sobre a mesa perto do armário e

procurou com calma. — Eu jurava que tinha um cartão com o telefone anotado.

— Procura com calma, por favor — pedi e neste momento levei o telefone ao ouvido, então notei que estava mudo. — Não tem sinal, acredita?

— Sério? — Ela inclinou a cabeça para o lado em seu olhar questionador. — Estranho!

— Por esta eu não esperava — falei pensativa.

— Talvez seja um prenúncio para não ligar para ele, minha filha — ela disse agora olhando fixamente para mim. — Emoções fortes podem colocar a vida da Natalie e dos seus filhos em perigo. Reflita melhor e desista, por favor. Pelo bem do seu espírito.

Suas palavras caíram sobre mim como um choque de realidade, deixei minha mão que segurava o telefone cair e desanimada o coloquei de volta no gancho.

— Tem razão... — Balancei a cabeça freneticamente. — tem toda a razão.

Não adiantava o amor gritar dentro de mim. E nesta sensação de fracasso e perda, eu saí do quarto e fechei a porta atrás de mim.

Capítulo 10

Fernando

Sentia um calor insuportável pelo corpo, e uma ardência em meu rosto como se estivesse em chamas. Quando tentei abrir os olhos, os fechei imediatamente devido à forte claridade. Desanimado não me esforcei para abrir os olhos, a respiração ruidosa da Natalie dormindo profundamente ao meu lado quebrava o silêncio do quarto, e uma sensação de perda, angústia, algo neste sentido me tomava. As lembranças vindas como avalanches à minha mente me deixavam arrasado.

Será que havia outro homem em sua vida? Balancei a cabeça para dissipar aquele pensamento, pois ele era doloroso, rompia a barreira de dor que eu poderia suportar.

Quando minhas pupilas acostumaram com a claridade, eu abri os olhos e mesmo assim, eles queriam se fechar, preguiçosos. Eu agradecia por pegar no sono e tão pesado, exausto, esgotado, eu dormi feito pedra. Pelo menos um momento de paz, uma trégua.

Fiquei ali por algum tempo apreciando o sol invadindo a janela sem as cortinas, com a luz incidindo sobre móveis sobre o rosto da Natalie deitada de lado de frente para mim. Sua aparência estava alterada, como se estivesse definhando.

Ai, priminha! O que foi que você fez? Só causou amargura a todos, inclusive a você mesma!

Fechei meus olhos e senti todo o meu corpo se arrepiar, sonhando acordado com aquela imensa vontade de estar ao seu lado e todas as noites ouvir a sua respiração aqui no meu ouvido.

Neste compasso de infelicidade e saudade, eu me levantei com cuidado para não acordar a Natalie. Eu prometi que me seguraria, entretanto se ela não retornasse a ligação, ela me obrigaria a quebrar a promessa, e iria atrás dela em Uberlândia.

— Onde você vai, Fernando? — A voz sonolenta dela rompeu o silêncio do quarto quando eu pegava o laptop sobre a mesa na intenção de sair do quarto. Eu precisava ver a gravação, eu carecia olhar em seu rosto mais uma vez.

— Para o escritório, esqueci que tenho um relatório para terminar antes de entregar para o Juliano — inventei e ela espreguiçou com um sorriso satisfeito no rosto. Como se aquela noite juntos pudessem significar alguma coisa.

— Hoje é dia do ultrassom, eu queria muito que me acompanhasse no exame — implorou. Abri meu melhor sorriso feliz. Acho que era mesmo de felicidade, eles estavam inocentes nesta história. E eu deveria focar mais como a Mary mesmo disse, "concentração". E diante desta palavra pronunciada por sua boca lindinha, eu alcancei um nível de prazer até então ausente. *Meus filhinhos!*

— Claro que sim... — garanti.

— Obrigada.

— E para que horas está agendado o exame?

Ela olhou para o relógio sobre o criado-mudo, eu segui seu olhar, não era nem nove da manhã.

— Às 11 horas.

— Ótimo! Eu ainda tenho um tempinho para finalizar o relatório. — Ela acenou com a cabeça e se virou para o outro lado ficando de costas para mim.

— Espero que não fale mais com aquela Mary. — Ela tinha que estragar meu ânimo com todo aquele azedume?

Enfim... eu não estava a fim de me desgastar mais, e nem atormentá-la. Apenas peguei meu computador e saí do quarto fechando a porta atrás de mim.

Meu coração queria sair pela boca quando abri a tela do computador e vi a sua fascinante mensagem, palavras lindas cheias de emoção e tão esperada!

"Fe, você ainda está on-line? Me desculpa ter saído assim tão bruscamente, mas assim que foi possível eu voltei, e mesmo você estando off-line eu posso sentir a sua energia. Eu te amo, meu amor, te amo muito. Cheguei à conclusão de que sem você não na dá mais, estou disposta a tudo. Vamos viver um romance paralelo, às escondidas, você vem até a minha cidade em Uberlândia, eu vou até São Paulo, não importa o tamanho do sacrifício, por você tudo vale a pena. Quero compartilhar esse sentimento que nos envolve de emoções, eu quero ser feliz com você, eu tenho a pura e sincera certeza de que vou te amar mais a cada amanhecer, meu amor. Vamos lutar juntos, um ao lado do

outro, eu sei que Deus vai abençoar a nossa união. Eu creio, meu amor. Talvez eu precise fazer uma viagem para o exterior, mas é rápida e então podemos marcar um encontro... Responde logo, por favor... Eu te amo."

Comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo, tamanha era minha emoção. Eu podia imaginar o sorriso que saía da tua boca, e aquilo alegrou todo meu ser, era a felicidade que eu procurava.

— Ah, meu amor. — Toquei a tela do computador sobre sua escrita linda, e digitei já que estava *off-line*.

Esta sua decisão supre o desejo do meu coração. É como se todos os meus deveres tivessem sidos cumpridos. Você está me fazendo a pessoa mais feliz deste mundo. Eu prometo que com você ao meu lado eu vou lutar o dobro para ajeitar as coisas. E tenho a mais absoluta certeza de que, juntos, vamos conseguir vencer este obstáculo. Afinal, duas cabeças pensam melhor do que uma. Me fala para onde você vai, fala um pouco desta viagem, eu necessito, meu amor! Deixe seu telefone, deixe tudo de você. Responde logo, tá? Senão o meu coração não aguenta de tanta ansiedade."

Ali, com o cotovelo sobre a mesa, segurando meu queixo, fiquei namorando a sua mensagem, meu peito estava a ponto de estourar, não cabia tanta felicidade. Parecia até um sonho que depois de tantos sofrimentos, agora chegávamos a uma conclusão em nossa relação que eu tinha certeza: seria a mais completa e a mais intensa história de amor. A nossa história...

Uma hora se passou quando cheguei à conclusão de que ela deveria estar dormindo, então abri o vídeo que gravei dela, enquanto conversávamos, ontem à noite. Meu coração agradecia ao meu cérebro pela imagem captada pelos meus olhos verdes acinzentados, ele estava aquecido e batia num ritmo apaixonado. Fiquei devorando-a com os olhos, louco para tocar naquilo tudo que era só meu...

Coloquei o vídeo no meu celular e coloquei senha, deletando do laptop, porque assim eu poderia olhar em seu rosto quantas vezes eu desejasse. E então voltei para o quarto, tomaria um banho antes de ir a clínica com a Natalie.

O encontrei vazio assim que abri a porta, então deduzi

que ela já estaria se arrumando no outro quarto. Tomei um banho e optei por uma roupa casual, uma calça jeans clara, e uma camisa rosa claro de manga longa dobrada até o cotovelo. Na minha euforia seria muito difícil me concentrar no trabalho hoje. E desci para tomar o café da manhã, minha família estava toda reunida à mesa.

— Será que tem alguém aqui que vai dar um perdido na empresa, hoje? — retrucou Leonardo humorado dando uma geral pelo meu corpo assim que entrei na sala de jantar.

— É, acho que vou tirar o dia de folga — admiti puxando a cadeira e me sentando ao lado da mamãe, que se inclinou com a mão no meu ombro e beijou-me a face.

— Uma excelente decisão, meu filho. Você precisa relaxar um pouco mesmo — concordou em minha defesa e o Leonardo fez aquela careta.

— Agora tem um trouxa para segurar as pontas, é claro que dá para esta folguinha — bufou descontente, ou se fazendo, eu fiquei confuso. Com os cotovelos à mesa, cruzei minhas mãos, apoiando meu queixo, e fixei meus olhos nele. Ele sorriu jogando a cabeça levemente para o

lado.

— É brincadeirinha, Fernando. Sabe que estou curtindo muito minhas tarefas, preso em quatro paredes — reclamou ele sutilmente.

Minha mãe lançou um olhar penalizado em direção ao meu irmão e cortou meu coração. Conhecendo do jeito que eu o conheço sabia exatamente o tamanho do seu sacrifício. Ele nasceu para ser livre.

— Tenha um pouco mais de paciência, Leonardo. Assim que estruturar todos estes projetos, vamos sentar e pensar em um novo negócio. Algo em que você se encaixe, é claro. — Seus lábios se separaram, surpresos.

— Ah, vá! — ele disse incrédulo.

— É sério — confirmei.

— Tipo algo ligado ao agronegócio, ou semelhante? — Na verdade, ele sugeria e eu entendi o seu recado.

— E por que não? É uma aquisição de excelente investimento, afinal o agronegócio está em expansão. E tem a sua cara.

Sorridente, ele juntou as mãos aplaudindo a ideia.

— Cara... Se o que estiver falando for verdade, eu

estou no céu... — Minha mãe caiu na gargalhada e a Natalie permaneceu séria ao lado dele, carrancuda enquanto mastigava o pedaço de pão que acabou de morder. — Trabalhar com a terra, estar livre... Puxa, é tudo de bom... — finalizou ele e colocou sua mão sobre a mão da Natalie sobre a mesa. — Meu irmão é o máximo, você não concorda, priminha? — Ela deu de ombros mal-humorada. — Eu, hein, que bicho te mordeu?

— O bicho da indiferença — protestou ela com seus olhos abalados sobre os meus. Exausto de cobranças e feliz da vida como estava baixei minha cabeça enquanto passava manteiga no pão. Nada seria capaz de arrancar esta sensação de prazer que estava sentindo desde que abri a tela do computador. Depois de muito tempo me senti abraçado pelo mundo novamente.

— Bem... a Albuquerque me aguarda, afinal alguém precisa trabalhar nesta casa. — Acabei rindo. Este meu irmão era mesmo demais, só ele era capaz de fazer a gente rir num momento de tensão. Ele ajeitou o terno preto no corpo ganhando a minha admiração.

— Estou vendo que aprendeu a combinar.

Sorrindo, olhou para si.

— Gostou?

— Está mesmo um charme, meu querido — elogiou minha mãe.

— Parabéns, ultimamente você tem acertado.

— Obrigado...

— Isso... todo mundo ignorando os meus sentimentos — comentou Natalie em tom de amargura e soluçou quando mudamos o assunto. Sua respiração acelerou e minha mãe lançou um olhar crítico.

— É melhor parar com isso, Natalie — disse ela calmamente. —, o seu bem-estar depende muito de sua serenidade, minha filha! Deveria estar feliz, afinal hoje terão o prazer de ver os filhinhos de vocês... Nada neste mundo pode sobrepor ao amor maternal. — Ri com orgulho diante de sua sabedoria.

Natalie concordou envergonhada com um leve aceno de cabeça.

— Tem razão! — Engoliu forte e respirou fundo secando as lágrimas com os polegares que desciam embaixo dos olhos. — Me desculpem — foi sincera.

Refleti por alguns instantes em silêncio enquanto minha mãe dava-lhe conselhos, do tipo: manter a calma, porque as crianças são capazes de assimilar a tensão exterior e assim poderia carregar traumas por toda uma vida. E eu concordava com ela. Afinal de contas, a Natalie era ainda uma criança carregando duas em seu ventre. Talvez eu tenha sido um pouco duro e cruel. Ela tinha apenas dezenove anos. Comecei a pensar no meu passado, exatamente em sua idade, e ri diante da conclusão que cheguei: eu era pura imaturidade. Cocei a nuca e me levantei, prometendo para mim mesmo que teria mais paciência com ela daqui em diante.

— É melhor nos apressarmos, sabe como é o trânsito nesta cidade! — chamei. Ela se levantou, beijou minha mãe, que lhe desejou boa sorte. Ou seja, desejou boa sorte a nós dois e então seguimos para o exame.

Eu perdi a conta de quantas vezes eu me levantei e fui para o banheiro para verificar se havia uma resposta do meu amor, ver seu rosto, seus dedos na tela do computador enquanto esperávamos a vez da Natalie. Chegamos cedo, e foi ótimo porque a ansiedade estava me

matando por dentro.

— Leia logo, meu amor... — minha voz reverberou pelo ambiente, vazio e silencioso. E quando ouvi a Natalie gritar meu nome da porta, desliguei.

— Nossa, Fernando! O que foi, está indisposto? — ela perguntou com um olhar provocador assim que cruzei a porta em direção à sala de espera.

— Não... — Franzi o cenho, sabendo exatamente a razão da pergunta. — Estou ótimo, por quê?

— Não é o que está parecendo, você não sai deste banheiro, céus! — protestou com veemência. Revirei os olhos contando até dez em busca do equilíbrio que me escapou. Eu sei que prometi ter paciência, mas era difícil suportá-la, viu?

Chegou o momento do ultrassom, estávamos na recepção da clínica quando a enfermeira nos chamou. A médica, uma senhora de sessenta anos mais ou menos, de cabelos curtos loiros e olhos verdes, aplicou um gel na barriga da Natalie e deslizou o aparelho com ela reclamando da temperatura fria. E logo o aparelho emitia sons de alta frequência e víamos na tela as imagens em

4D.

— Os garotos estão muito bem — disse a doutora.

Nunca pensei que me sentiria assim, hiper-mega-emocionado quando escutei as batidas apressadas dos corações dos meus filhinhos. Meus olhos se encheram de lágrimas da mesma forma que os da Natalie. Ela segurou forte em minha mão, senti o quanto elas suavam de nervoso. Ambos parecíamos dois bobos rindo e mergulhados numa emoção que não cabia no peito. Eu só conseguia pensar na Mary, que bem que poderia ser ela ali fazendo o exame. E logo fechei meus olhos com força me punindo pela barbárie do pensamento.

Fernando, é pecado!

— Que coraçãozinho acelerado — comentei.

— É perfeitamente normal os batimentos cardíacos fortes. O coração do bebê bate de 120 a 160 batidas por minuto — explicou a doutora.

— Viu só como eles são lindos, Fernando? — Concordei com a Natalie atento aos movimentos dos meus pequenos através da imagem nítida, com aquela sensação de necessidade de protegê-los. Eles pareciam tão frágeis,

tão dependentes... Fechei meus olhos com aquele calor no peito e apertei ainda mais a mão da minha prima, que chorava emocionada.

— Eu sei que eles não foram concebidos de uma relação de amor, Fernando. Mas eu quero que saiba que eu agradeço muito por ser o pai dos meus filhos — disse ela de uma maneira que apertou meu coração. Inclinei-me e beijei sua testa e, quando olhei para a médica, ela nos observava com suas sobrancelhas erguidas. Porém, não esboçou nenhum comentário.

— E como anda o coração do meu bebê? — perguntei preocupado. Estava vivendo um momento especial, e por um momento me arrependi em me recusar acompanhá-la nos exames anteriores. Nunca pensei como me sentiria útil com aquele gesto e que tenho que admitir que acalentou o meu coração. Eu queria poder odiar aquela sensação, mas ódio era um sentimento, e no momento eu só conseguia sentir carinho. Eu passei a amar ainda mais aqueles pequenos.

— Sob controle — garantiu ela. — Estava olhando nos exames, a diabetes e a eclampsia estão dentro de níveis

aceitáveis. Se a Natalie seguir à risca o repouso, conseguimos postergar o parto ao máximo. Embora já saibamos que será um parto prematuro.

— Vamos cuidar para que tudo dê certo. — Olhei para Natalie, que suspirou aturdida com a mudança no tratamento. — Precisa se cuidar melhor, garota. — Ela balançou a cabeça concordando enquanto eu passava as mãos em sua cabeça em tom de carinho.

Apesar do silêncio da Mary, eu me sentia mais envolvido com a gravidez da Natalie. Eu ficava imaginando ela grávida e aquele frio gostoso tomava minha barriga. Eu cuidaria de todo mundo como sempre fiz. Havia espaço para muitos filhos em meu coração.

A vida é mesmo um mistério! Demorou, entretanto eu cheguei definitivamente a esta conclusão.

Num momento estamos com o coração amargurado, com ódio do mundo por achar que fomos injustiçados, e no outro tudo o que sentimos é arrependimento por deixá-lo endurecer e com isso permitir que outras pessoas fossem atacadas e sofram. Um turbilhão de sentimentos me tomava neste instante, de amor, de querer, de proteção,

tudo ao mesmo tempo. Visualizar em minha mente aqueles dois seres em desenvolvimento me fez enxergar a vida agora de forma diferente, num ângulo mais amplo. Me sentia uma quase Mary, estava categoricamente aprendendo a usar a minha visão periférica. Algo tão rotineiro para a minha lindinha que amo de paixão. A duras penas, estava começando a aprender a lidar com ela, ao contrário da Mary que já nasceu com este dom divino. Deus a enviou a esta Terra para uma grandiosa missão, eu sei que sim. Não existe outra pessoa neste mundo como ela, pelo menos que eu conheça. Eu só consigo sentir orgulho pela oportunidade que eu tive de conhecê-la e poder amá-la como eu a amo. É um grande privilégio concedido a um mero mortal como eu.

Diante de tudo o que vivi e estou vivendo, só me faz ter uma certeza: certeza de que nem tudo podemos controlar, que somente Aquele lá em cima, o nosso criador, é quem comanda tudo aqui em baixo.

A nostalgia em meu coração me tornou generoso e, ao mesmo tempo, feliz. Nunca pensei que o prazer me acompanharia ao lado da Natalie. Descobri que não

precisava amá-la para viver em paz, e aceitar o destino que Deus traçou para mim, para nós. Por outro lado, eu estava sendo egoísta também, eu era tão culpado como ela. Esqueci que dentro do seu peito também havia sentimentos, e que ela sofria com a minha indiferença. Dentro do seu ventre havia duas lindas crianças que agora entendia que nos trariam grandes alegrias. Aceitei todas as suas sugestões, saímos, reservei o dia somente para ela, apesar da ansiedade estar ali cravada em meu coração na expectativa da resposta do meu amor, eu dediquei-me a ela. E aquecia meu coração ver o largo sorriso em seu rosto, coisa que já não via há alguns meses. Saímos do consultório, fomos ao shopping, almoçamos, tomamos sorvete... Ela manifestou sua vontade de comprar algumas roupinhas quando passávamos em frente a lojas de criança. E tudo para vê-la feliz, tranquila e serena, eu me ofereci para acompanhá-la. E confesso que fiquei emocionado em contato com aquelas peças de roupas tão pequenas.

— *Fernando, você está fazendo o quê? Onde vocês estão?* — A voz ansiosa e espevitada do Leonardo

explodiu em meu ouvido assim que larguei sobre o balcão um macacão lindo azul-claro, que a vendedora me mostrava e atendi sua ligação. E comecei a rir do seu jeito, era sempre assim quando vinha aquelas ideias mirabolantes em sua cabeça e fazia questão que todos participassem. Uma delas era aquela mania de querer reunir toda a família quando retornava de alguma viagem pelo mundo para assistir os vídeos de suas aventuras registradas na íntegra.

— Cara! Se eu te contar, você não vai acreditar.

— *Espera, não fala! Deixa eu adivinhar... Hum... no mínimo estão numa loja comprando o enxoval dos bebês* — disse ele sem hesitar.

— Assim você me deixa desmotivado — grunhi fingindo estar chateado com a situação e logo caí na gargalhada junto com ele. — Eu pensei que soubesse trabalhar um bom suspense — falei rindo e ele não parava de rir do outro lado.

— *Acredito que conheço a nossa priminha melhor do que você, cara! — começou ele. — Ela sempre consegue o que quer...* — Torci a boca com o comentário. De

repente, aquela sensação de panaca se achegou a mim. Eu balancei a cabeça para expulsar, estava tudo bem e era assim que gostaria que fosse daqui em diante. — *Desculpa a minha inconveniência, Fernando. Não foi minha intenção* — ele logo disse ao notar o meu silêncio.

— Tudo bem... De certa forma, você tem razão — concordei num fio de voz, desanimado.

— *A Natalie vem comentando há dias sobre o desejo de você participar mais da gestação dela. Inclusive sobre o enxoval. Então pensei no ultrassom, vocês dois... então arrisquei... foi apenas isso...* — Ele realmente ficou ressabiado.

— Mas diga, por que você ligou? — mudei de assunto, ouvindo os ruídos pesados de sua respiração.

— *Então, hoje é o aniversário de um camarada nosso, meu e da Natalie, e estamos aqui no bar do Jardins. Liguei para convidá-los, seria bom para ela relaxar um pouco, afinal anda muito tensa ultimamente.* — Novamente me senti sobrecarregado pela culpa.

— Por mim está tudo bem... Só um minuto que vou perguntar se ela quer ir. — Coloquei a mãos sobre o

celular quando ela se aproximou toda sorridente — O Leonardo está comemorando o aniversário de um amigo no bar do Jardins, está nos convidando.

— Ah, vamos! — já falou toda eufórica, eu assenti levemente com a cabeça e sorri por, mais uma vez, arrancar um lindo sorriso.

— Está mesmo certa disto? — perguntei incerto. Afinal, a médica recomendou repouso.

— Vamos fazer assim — começou ela gesticulando com as mãos, um brilho de animação estampou os azuis de seus olhos adolescente como ela era. Respirei fundo resignado, pensando se eu não me comportei agressivo e duro demais com ela. Eu comecei a me sentir mal de repente, toda aquela alegria em seu rosto de menina era um prenúncio do quanto eu a machuquei nestes últimos meses. Com o espaço de paz que eu abria, despertava nela o alívio retornando a leveza de garota que sempre esteve presente. — Ficamos apenas um pouco, e quando achar que devemos voltar para casa eu obedeço. — Torci a boca conhecendo sua teimosia. — Eu juro, ó! — Cruzou os dedinhos das mãos e beijou em tom de juramento, me

convencendo finalmente. Cedi aos seus caprichos.

— Reserve dois lugares, estamos a caminho. — O Leonardo soltou um gritinho acalorado.

— *Não demorem...* — disse e desligou.

A Natalie se dependurou em meu braço.

— Acho que podemos comprar as roupinhas em outro momento. — Rindo, eu concordei. Uma coisa que eu já estava acostumado era com a sua ansiedade.

Pedimos desculpas e agradecemos a vendedora, afinal de contas tomamos muito do seu tempo.

Já passavam das cinco da tarde, o sol começava a querer se esconder ganhando uma tonalidade mais dourada quando chegamos. Não fiquei admirado com os carros estacionados em fila dupla em frente, e com a interminável fila de pessoas aguardando para entrar. Pois o lugar era muito badalado, além de oferecer aos clientes um "esquenta" antes da balada, um *happy hour*. Entreguei a chave ao manobrista e segurando no braço da Natalie seguimos em direção à entrada.

— Só vou encarar porque o Leonardo já está lá dentro com a mesa reservada — reclamei e ganhei um

empurrãozinho pelo ombro da Natalie.

— Ai, Fernando! Como você é careta... — disse ela sem olhar para mim, na maior empolgação. Grunhi, revirando os olhos. Não que eu não gostasse de sair, é que as minhas preferências eram lugares mais intimistas e não com tanta agitação!

Apesar de lotado de gente, o ambiente era bem legal, eu até gostei! Com clima de bar misturado com boate num casarão agradável divididos em dois espaços através de um corredor a céu aberto. Além da boa música ao vivo de rock clássico dos anos 60 aos 80, serviam deliciosos pratos. Entre os amigos, o Leonardo se colocou em pé, acenando, assim que nos viu. Conforme o tempo foi passando entre boas conversas, eu acabei me enturmando rapidinho. Era uma galera inteligente e maluca como o meu irmão. Pessoas aventureiras que conheciam o mundo, ou seja, os famosos mochileiros. E eu curti a companhia regado a ótimos drinques.

De cinco em cinco minutos dava uma olhadinha no celular e nada. Já estava começando a ficar preocupado com o sumiço da Mary.

— Eu não acredito que ela veio? — Leonardo comentou na mesa mais para si mesmo, com os olhos arregalados em direção à porta, as pupilas dilatadas. Uma moça bonita, magra, loira e de olhos azuis, vestida elegantemente num macacão preto, entrava no bar. Ele se levantou e correu ao encontro dela.

Eu fiquei olhando admirado o tratamento que ele dispunha à moça, eu diria meio íntimo e sorri orgulhoso.

Ele a trouxe até mesa, ela cumprimentou a todos e então sorriu sem graça para mim e puxou a cadeira vaga da Natalie, que havia ido ao banheiro, e se sentou. O Leonardo não disfarçou seu interesse e já se sentou na cadeira vaga ao lado dela.

— Deixa eu te apresentar o meu irmão. — Acenou ele em minha direção todo animado. — Fernando, esta é a Suzane.

— Como vai Suzane? — Apertei sua mão estendida. Ela sorriu timidamente para mim, e disse um oi baixinho, me encarando de forma especulativa.

— Eu já ouvi falar de você — comentou ela. Leonardo torceu a boca e apertou o olhar, meio tenso.

— Bem, não foi de mim, talvez tenha sido a Natalie — explicou o Leo.

Ela olhou ao redor procurando-a.

— E por falar nela, não veio hoje? — indagou.

— Ela foi ao banheiro, já volta — falei. Ela sorriu assentindo.

— Mas não foi da Natalie que ouvi o seu nome. Foi a Mary que comentou sobre você. — Meu corpo enrijeceu ao ouvir aquela maravilhosa novidade. Meu coração já se alterou e um calor tomava meu corpo ao mesmo tempo que um tremor surgiu em minhas mãos. — Aliás, vocês, por acaso, estão namorando? — Respirei fundo com o coração se acendendo com aquela possibilidade. *Era tudo o que eu mais queria! Endireitei-me na cadeira.*

— Você conhece a Mary? — falei alto sem notar. Leonardo trincou os dentes, a Natalie vinha em nossa direção. Eu não me aguentava de aflição.

— Claro que sim, eu moro no prédio da tia dela, a Ana. — Assenti freneticamente de cabeça.

— Sim... e o que ela falou de mim?

— Bem... — começou ela. — da última vez que

estivemos aqui neste bar — Só dela falar que a minha Mary esteve aqui, meu cérebro já alertou seus estímulos dando-me a sensação de sentir o seu perfume. Havia uma conexão inexplicável entre nós! Algo além da minha compreensão. — a gente acabou se desentendendo — continuou ela. Com a respiração acelerada eu ouvia com atenção. —, e ela me pediu desculpas pelo equivoco e declarou que amava você. — Involuntariamente um sorriso daqueles se estampou em meu rosto, e aquele friozinho na barriga fez meu coração disparar, era possível sentir meu sangue correndo rápido por minhas veias. Uma puta sensação deliciosa!

Depois de esperar por sua ligação quase o dia inteiro, eu tinha certeza de que o mundo estava me abraçando mesmo. Eu estava ainda mais apaixonado e saudoso.

— A Mary é muito especial... — Respirei fundo. — Pena que agora ela e a tia estão morando em Uberlândia. — Suas sobrancelhas se ergueram, surpresas.

— É mesmo? Eu não sabia! — Deu de ombros. — Se bem que antes de se mudar, a Ana comentou mesmo sobre algumas fazendas que a sobrinha herdou... — Sorri

orgulhoso quando ela continuou: — Ela deve estar muito bem de vida agora, estou comentando porque, quando eu saía hoje pela manhã para trabalhar, vi o Américo, o porteiro do nosso prédio, falando com a Ana ao telefone. Ela combinava com ele a retirada de algumas caixas que ficaram no apartamento e comentou com ele sobre a sobrinha estar indo para Las Vegas num evento de empresários. — Meu coração pulou com o comentário. Fiquei pensativo por alguns instantes processando a informação. Poderia sim ser uma oportunidade de encontrá-la, a promessa era não ir a Uberlândia agora, Las Vegas não falamos a respeito! Eu só pensava na surpresa que poderia fazer a ela. Afinal, o Juliano comentou alguns dias atrás sobre a Albuquerque fazer parte deste evento. Sentia uma esperança no peito.

— É sério isso? — Ela assentiu de cabeça e não houve mais tempo para esta conversa com a aproximação da Natalie, que ficou parada ao meu lado aguardando a Suzane se levantar do seu lugar, quando ela virou a cabeça que Natalie a reconheceu.

— Suzane, é você? — Ela se levantou e as duas se

abraçaram. Eu fiquei ali em pé ao lado das duas, arquitetando meus planos. — Nossa, quanto tempo a gente não se vê...

— Pois é, não sabia que você estava grávida — disse Suzane com as mãos em sua barriga. — Está linda.

— O Fernando é o pai — informou Natalie segurando em meu braço, suspirando com orgulho. Suzane corou de imediato. Porém, não esboçou nenhum comentário, logo o Leo direcionou o bate-papo e mudou a rota.

Todos riam animados à mesa, a Suzane havia se sentado na minha cadeira e conversava distraída com a Natalie. Arrastei uma cadeira da mesa de trás e me sentei. Leo ria do tamanho da minha distração, pois, só o meu corpo estava presente, minha cabeça, estava bem longe dali. Eu apertei o olhar sacudindo a cabeça tipo "vai à merda!". Neste instante mesmo que ele caiu na gargalhada.

— Eu, hein! Qual é a graça? — A Natalie parou a conversa e debruçou sobre a mesa jogando seu olhar especulador sobre o Leo, que apertando os lábios para segurar o riso, fez menção negativa com a cabeça. Eu cocei atrás da cabeça. — Fala, Léo? — insistiu Natalie

rindo das risadas dele. E no fim todos foram contaminados e riam também, mas da cara dele.

— Até parece que você não conhece este seu primo, Natalie? — comentou Suzane, rindo muito também. — Seu maluquinho! — ela acusou-o olhando em seus olhos com uma certa emoção. Pelo que entendi, ali existia um pouquinho a mais do que uma simples amizade.

— Vocês já conhecem este meu jeito espontâneo, não é nenhuma novidade. — Ele se endireitou na cadeira.

— Nisto eu tenho que concordar — disse a Natalie com as mãos embaixo da barriga com expressão de quem estava sentindo dor. E deveria mesmo por suas gargalhadas, no mínimo, contraírem muito sua barriga. — Sem contar a sua chatice de obrigar a gente permanecer horas assistindo os registros de suas viagens. — Sua expressão se fechou na hora com o comentário maldoso da Natalie, até eu fiquei com pena.

— Magoou — ele disse fingindo estar muito triste.

— Brincadeirinha. — A Natalie se debruçou na mesa e deu um tapinha na mão dele se desculpando. — Nós te amamos e são lindas as suas filmagens.

— Bem, eu curto, maninho — me defendi com as mãos levantadas. Ele franziu a testa com dúvida.

— E por falar em filmagens, você ficou de me mostrar e até agora nada — Suzane cobrou simulando cara de choro. Leonardo abriu um lindo sorriso todo alegrinho.

— Teria o maior prazer em lhe mostrar, lindinha... — Soltou o ar arrasado. — O problema é que alguém muito nervosinho destruiu o meu laptop. — Jogou seu olhar acusador sobre mim, que revirei os meus a fim de disfarçar o vermelho que ganhou meu rosto de imediato.

— E o técnico não conseguiu recuperar o HD? Muito fraquinho! — questionou a Natalie. Ele negou com a cabeça.

— Até agora nada... Aquele incompetente. — Estava inconformado.

— Leva o HD lá em casa, Leo... Eu tento recuperar os arquivos — ofereceu a Suzane de imediato com seus olhos interessados sobre ele. Ele sorriu, com euforia.

— Sério? Você entende de informática?

— Trabalho com isso e, modéstia à parte, sou boa nesta área — informou ela, suspirando orgulhosa de si mesma.

— Tenho certeza de que dou conta do recado — garantiu ganhando a confiança do meu irmão.

A pressa bateu de repente. Chamei Natalie para irmos para casa, acontece que ela protestou porque queria ficar mais um pouco. Eu acabei não contestando e fiquei ali controlando minha impaciência.

Neste instante, eu peguei o meu celular para a tradicional espiada quando a Natalie propositalmente inclinou-se para beijar minha bochecha e sua mão bateu na minha. Eu não acreditei quando o aparelho mergulhou no copo gigante de cerveja.

— CARALHO, NATALIE! — gritei com ódio, pensando que apaguei o vídeo do laptop e a memória do meu aparelho lotado não estava fazendo backup. — Vamos embora, vai... — Já me levantei tirando meu aparelho do copo, sacudindo com as esperanças indo ribanceira abaixo de ele funcionar. Ela protestou entredentes, ríspida.

— Eu não quero ir embora agora, dá mais um tempo, Fernando. — Sua cara de santa me tirou do sério.

— Bem, se quiser fica, eu vou embora. — Ela rosnou

diante da minha intenção. — Olha só o que você fez com o meu telefone, que merda! — Sacudi mais um pouco.

— Deixe-o desligado por três dias antes de ligá-lo novamente. — sugeriu Suzane com o Leonardo com as mãos enlaçadas em volta do seu pescoço mordiscando no maior chamego. — Até os componentes secarem, talvez volte a funcionar.

Fechei meus olhos com tristeza e a pressa aumentou ainda mais para retornar para casa, eu precisava muito ficar em frente ao computador, já que teria que aguardar até o dia seguinte para pegar um aparelho novo, a chata da Natalie precisava descansar também.

— Pelo menos, agora você consegue me dar mais atenção, fica pendurado neste celular — atacou. Eu a fuzilei.

— Eu tenho certeza de que você fez de propósito. — Ela fez bico e deu-me as costas. Ela se despediu de seus amigos e eu fiz o mesmo.

Coloquei-a na cama e segui para o meu quarto e minha primeira atitude foi ligar do telefone fixo para o celular do Juliano.

— *Fernando?* — Ele estranhou a ligação àquela hora.

— Você ainda está na empresa?

— *Sim, por quê?*

Eu andava de um lado ao outro pelo quarto, ansioso.

— Gostaria de falar com você sobre o evento em Las Vegas.

— A viagem que você mencionou que não poderia ir.

— Quando é este evento? — perguntei, minhas mãos suavam enquanto esfregava na calça.

— *Daqui a dois dias* — respondeu ele. — *Eu e o seu tio temos um voo marcado para amanhã, à tarde. Não comentei nada, porque, como disse, não poderia ir devido ao estado da sua prima, então...*

— Me coloca neste voo — interrompi, o deixando perplexo sem entender toda aquela pressa.

— *Mas, Fernando, não acho que vai dar certo, afinal o voo deve estar lotado.* — Eu até imaginava sua cara de perplexidade.

— Você é competente, sei que vai dar o seu jeito. — Ele grunhiu, fiquei na dúvida se gostou do elogio ou ficou apavorado sem saber como atender a minha exigência.

Com o coração cheio de esperança desliguei o telefone, peguei o controle do sistema do quarto sobre a mesa e acionei a abertura das cortinas, que à medida que deslizavam para o lado, a noite se revelou em seu lindo esplendor. Lindo era a descrição exata com a visão majestosa com a gigantesca quantidade de estrelas, simplesmente maravilhoso! Eu queria muito que uma daquelas estrelas fosse o meu amor. Fechei meus olhos sugestionando seu lindo rosto.

Já que não me retorna, então espero que eu te encontre, minha linda! Com o coração cheio de esperança orei para Deus trazê-la de volta aos meus braços, definitivamente.



Mary

Eu só gostaria de entender por que aquelas pessoas que trabalhavam na fazenda viviam nas condições sub-humanas, se no caixa da empresa tinha dinheiro a perder de vista. Acho que poderia passar um século e ainda assim, eu nunca conseguiria gastar todo aquele dinheiro.

No escritório do advogado e contador, localizado no centro de Uberlândia, um ambiente espaçoso rodeado de janelas grandes de vidro possibilitava a entrada de iluminação natural. Todo o escritório tinha a predominância do estilo clássico, mas com pinceladas modernas, com as paredes cinzas, o chão de porcelanato revestido com um carpete macio na cor escura e teto branco com suas luminárias elegantes. Na decoração dos ambientes que o compunham, o mobiliário tinha a aparência mais antiga: mesa horizontal, as estantes embutidas da parede atrás da mesa eram todas em madeiras escuras, todas as poltronas pretas confortáveis davam um ar sobriedade.

Uma decoração que combinava com aquele senhor de aproximadamente sessenta anos, com todos os fios de sua

cabeça curtos e brancos, como o seu bigode bem aparados. Usando um óculos de leitura na ponta do nariz, com olhos puxados e escuros, ele me olhava enquanto os meus repassavam pelo relatório em minhas mãos, demonstrando as mais variadas das expressões.

— Eu não te falei, Mary, que os negócios iam muito bem e que não precisava se preocupar?! — A voz de Sérgio, ali sentado ao meu lado, atingiu meu coração como uma faca afiada. Senti um aperto enorme. Eu só queria acreditar nele quando disse que não sabia sobre o que acontecia em nossas terras. Reprimi meus lábios a fim de segurar tudo o que veio à ponta da minha língua, querendo vomitar. O fato é que eu não tinha provas, e, como minha tia falou, ele era muito gentil e parecia estar cuidando de tudo. A única prova de sua inocência foi a demissão do Adenir. — Balancei a cabeça antes de jogar meu olhar em sua direção.

Ele sorriu amplamente colocando seus cabelos claros atrás da orelha. Aliás, ainda ia dizer a ele para parar com aquela esfregação nos cabelos. Que mania irritante! Um dia, ainda o aconselharia a cortá-los. Ri por dentro dos

meus pensamentos críticos.

— Até mais do que eu imaginava. — Estendi os relatórios em sua direção, ele segurou. — É inacreditável o número surpreendente nestas contas. Muito lucrativo... temos dinheiro a dar com pau. — Ele franziu o cenho sem entender a minha expressão irônica. Eu também não estava a fim de explicar. E voltei ao advogado.

— Realmente, o resultado é de encher os olhos — comentou o doutor Fabrício debruçando-se sobre a enorme mesa de madeira e cruzou os dedos, olhando-me por cima dos óculos de leitura e com um sorriso de parabéns. — Aliás, minha jovem, com um acúmulo de patrimônio em espécie que eu não acho aconselhável ficar nas contas. É para pensar em novos investimentos, até mesmo para o aumento da produtividade. — Um grunhido soou ao meu lado, apenas olhei para Sérgio pelo canto dos olhos sem lhe dar a devida atenção.

— Doutor Fabrício Oliveira — Seus olhos desviaram do Sérgio retornando a mim. —, diante do que me foi apresentado, eu presumo que se tomar a decisão de uma baixa, não afetará em nada o caixa da empresa, certo?

Pelos números que, aliás, são exorbitantes. — Ele concordou de imediato.

— Eu lhe asseguro que não, senhorita Mary. Há condições de folga para tal prática — disse ele e desviou o olhar para Sérgio quando ele rosnou alguma coisa que ambos não entendemos. Eu nem me dei ao trabalho de olhar, pois já conhecia sua contrariedade em relação ao meu desejo.

— Eu gostaria que o senhor redigisse um documento, autorizando uma quantia ainda não estimada, mas acredito que será substancial, para a reforma e mobília de todas as casas dos funcionários da fazenda.

— Será um prazer — respondeu ele de imediato sem questionar e ainda com uma expressão de alegria. Um gesto que me agradou. Notei o quanto ele tinha um bom coração. E o Sérgio grunhiu, levantou a mão pedindo a palavra. Eu estendi a minha para ele aguardar.

— Só um minuto, Sérgio, por favor. — E voltei ao doutor. — Amanhã estarei embarcando para os Estados Unidos em um evento de empresários e gostaria de deixar tudo organizado. Estas benfeitorias não podem mais

esperar... — fui incisiva. Ele olhou para o Sérgio agoniado ali na cadeira se mexendo como se uma pulga lhe mordesse a bunda.

— Algum problema, Sérgio? — perguntei encarando-o e ele deu de ombros com impaciência antes de começar seus protestos.

— Todos, Mary, todos. — Ergui as sobrancelhas discordando porque já sabia exatamente seu pronunciamento. — Não se pode sair por aí gastando a torto e a direito sem um planejamento, antes. É, no mínimo, uma irresponsabilidade.

Revirei os olhos sem acreditar que ele estava me peitando.

— Você já teve tempo demais para este planejamento, que nunca aconteceu, Sérgio. Eu sinto muito. — Bati levemente com a mão espalmada sobre o tampo de madeira e o doutor jogou as costas no encosto enquanto discutíamos.

— Poderíamos deixar estas reformas para o retorno de Las Vegas — sugeriu-me ele, me deixando muito furiosa. Eu me levantei num impulso, quase derrubei a cadeira

para trás, pois ainda tive tempo de segurá-la.

— Me desculpa. — Olhei sem graça, envergonhada para o advogado, que acenou que estava tudo bem, e então eu continuei em pé, inclinada, encarando o Sérgio com firmeza: — Não deveria estar preocupado com o valor a ser gasto, eu sou arquiteta e entendo de custos. E posso lhe assegurar que todo o processo necessário que será aplicado nas melhorias vai sair de graça diante do ocorrido. Tem que agradecer por não ter existido denúncia — sibilei entredentes. Ele fitou o doutor, que franziu a testa, curioso.

— Não precisamos falar disto agora — lembrou-me ríspido.

Cara folgado, como ele se atreve?

Voltei a me sentar, respirando fundo a fim de encontrar o equilíbrio que me fugiu e fixei meu olhar agora mais sereno. Ele ficou ali me olhando imparcial.

— Estamos aqui desde manhã analisando estes relatórios, não há dúvida que há possibilidades para o que pretendo. Foi o que combinamos não foi? — Ele assentiu, contrariado. — Olha, Sérgio, eu concordei em

acompanhá-lo nesta viagem, justamente porque você garantiu que ficaria ao meu lado. Que deixaríamos tudo organizado a fim das obras já iniciarem imediatamente.

— Mas Mary — ele começou, eu inclinei e joguei minha mão sobre seu joelho e pressionei.

— Aquelas pessoas não podem ficar nem mais um minuto vivendo naquelas condições. — Seus olhos encontraram os meus. A sombra desapareceu e sua expressão começava a suavizar. — Portanto, trate de cumprir a sua parte e facilite as coisas para mim.

Finalmente ele concordou e soltou o ar, exausto. Eu estava cansada de ficar implorando para fazer uso do que era meu. Apertei os punhos para me segurar e não dizer uma verdade, mesmo porque ele só fazia aquilo por preocupação. Sempre cuidou de tudo e de certa forma bem. *Engraçado, eu não conseguia ver gentileza nele como a minha tia enxergava.* Ele se levantou, ajeitou o terno bege, que o deixou um pouco pálido devido aos cabelos muito claros queimados pelo sol.

— Você tem razão. Precisamos praticar a generosidade e no momento é imprescindível, mesmo. — *Ufa!* Me

joguei na poltrona confortável apoiando as mãos nos largos braços. — Com licença, eu vou usar o toalete — informou e o doutor indicou a direção com a mão.

— Então, doutor, faça o que eu pedi... e mais um documento onde 30% do dinheiro aplicado seja doado a todos os funcionários da fazenda. Seria uma forma de indenização para aquelas pessoas sofridas. Eu tenho certeza de que não vai afetar os negócios — proferi num tom baixo, mas para ficar entre nós. Um sorriso surgiu de um lado ao outro de seu rosto me olhando de maneira deslumbrada.

— É claro que não, as fazendas são muito produtivas e a tendência são os lucros aumentarem — garantiu ele, me dando ainda mais segurança com os meus atos.

— Fico feliz com a sua definição. — Sorri com sinceridade e alívio.

— Puxa... tão jovem e tão generosa... — Ele se levantou e dando a volta se posicionou ao meu lado e repousou a mão em meu ombro. — Minha filha, eu não vou pedir detalhes, no entanto eu sei que seu coração é pura bondade. E eu tenho orgulho em ter uma cliente como

você. Aliás, se me permite dizer — Assenti que sim de cabeça. —, você me lembra muito a Lúcia Brandão.

Virei minha cabeça com uma pontada no peito como se uma faca afiada tivesse rasgado meu peito. Eu procurava não pensar neste nome, e ali soletrada pela boca daquele senhor gentil, que me olhava com muito carinho, até que amenizou um pouco a mágoa que carregava por tantos anos.

— Me desculpa entrar nesta pauta, eu sei o que ela representa para você. — Ele estendeu a mão, eu me virei e segurei, o impedindo de se afastar. Já estava mais do que na hora de superar o passado. E saber um pouco mais dela, sobre como uma mulher sozinha conseguiu um patrimônio como este deixado em meu nome.

— Por favor, continue. — Ele sorriu, se sentou na cadeira do Sérgio e segurando em minha mão ele bateu com a outra livre sobre a minha.

— Eu não pretendia chateá-la com este assunto, mas como você entrou nesta pauta de doação, eu acho melhor te dizer.

— Por favor, diga. Estou disposta e preparada para

ouvir.

Ele sorriu confiante antes de começar:

— A Lúcia era muito mais que uma cliente, ela se sentia muito solitária. E, por fim, com as reuniões frequentes em busca de conselhos... — Pausou por um instante recordando e abriu um sorriso de compaixão. — Eu creio que, na verdade, os conselhos eram mais uma desculpa... Ela vinha mesmo em busca de amizade. E a continuidade acabou nos tornando amigos, eu a levei ao meu meio familiar, a minha esposa e ela também partilhavam de muitos segredos. E o maior deles era que ela amou muito o seu pai. E que o relacionamento entre eles aconteceu por imposição dela. Ela se apaixonou tanto pelo seu pai quando o conheceu que ficou obcecada. Só não me pergunte como, porque este detalhe ela nunca deu a ninguém. Todos os beijos foram roubados, e a única vez que ela teve a oportunidade de se relacionar intimamente com ele, foi num dia de embriaguez que seu pai se encontrava. Ele se recusava a acreditar que eles tiveram esta tal noite.

As lágrimas explodiam dos meus olhos sem que eu

pudesse contê-las, porém não era exatamente pelo passado mais distante. Aquela revelação me levou ao meu amor, sobre o problema semelhante que estávamos vivendo. *Será que o Fernando também estava sendo enganado?* Eu não tinha tempo para análise, a revelação se mostrava muito instigante e interessante. Acreditando que meu sofrimento fosse pelo fato narrado, ele continuou:

— Algumas semanas antes de ela falecer, me confidenciou que estava arrependida por lhe dizer que foi amante do seu pai. O fato de ter dormido com ele fora do seu juízo normal não fez dela a sua amante. Só que ela queria acreditar nisto, entende? — Eu dei de ombros, estava muito confuso tudo aquilo. — Enfim, ela se arrependeu. A obsessão dela pelo seu pai foi enterrada junto com ele, e a partir de então ela focou em você. — Meus lábios se separaram, limpei as lágrimas, ainda muito confusa.

— Em mim, como assim?

— Ela teve uma infância muito difícil, minha filha! Acabou nestas boates e foi dançarina ainda na adolescência. E um gringo, que era um cliente, a levou

com ele para a Flórida, ele tinha um pequeno pedaço de chão, coisa simples. E com sua inteligência e trabalho duro, ela fez tudo se transformar neste tremendo patrimônio que está em suas mãos. — Grunhi sem interrompê-lo. — Algumas semanas antes ela começou a ficar muito deprimida, sentia um medo avassalador de todos, na verdade ela mantinha um medo do mundo. Começou a dizer coisas estranhas do tipo: *Estão me perseguindo.* — Deu de ombros, com expressão chocada. — Ela já estava fazendo uso de medicamentos controlados, quando me procurou para fazer o testamento. Embora tenha sido omitido, estes remédios foram os causadores de sua morte. Conforme os laudos, ela cometeu suicídio tomando uma overdose de antidepressivos.

Eu massageava meu peito sentindo uma angústia lá dentro enquanto ele falava, mas não o interrompi. Notei pressa nele, seus olhos de segundo a segundo desviavam para o corredor do banheiro.

— O marido dela morreu há muitos anos, vítima de um câncer no cérebro, e ela começou a pensar na morte.

Pouco antes de morrer, ela foi até Porto Alegre e assistiu o seu trabalho numa reunião de reivindicações de melhorias num hospital, eu acho... — Ele pausou buscando em suas memórias.

— Tem razão... Houve mesmo este episódio, não havia materiais simples, como: gazes, medidor de pressão... estas coisas básicas e necessárias para um atendimento de emergência... — Ele assentiu.

— Sim, é isto... — continuou ele. — Ela ficou encantada com a sua generosidade, a forma como lutava pelo próximo e ainda tão jovem! Ela se afeiçoou muito a você e começou a sentir dor na consciência, dizia que fez muito pouco pelos outros e que você serviu como inspiração para a vida dela.

Fiquei em dúvida sobre meus sentimentos no momento, eu estava encantada com esta mulher, era isto mesmo? Mergulhei numa onda de ternura que meus olhos se encheram de lágrimas.

— E como ela não tinha herdeiros e toda sua fortuna seguiria para o governo, sem a garantia de um bom uso, ela achou que ficando em suas mãos você não seria

egoísta e faria bom uso do dinheiro. Foi uma aposta dela a fundo com suas investigações. E vejo que ela não errou...

Com a mão direita à boca eu grunhi, pasma com tudo aquilo. Fechei meus olhos para digerir toda a informação, passei tanto tempo com mágoa do meu pai, no entanto ele estava inocente nesta história. *Meu Deus!* Do mesmo jeito que acredito na inocência do Fernando. A cada dia que passava, eu tinha mais certeza do que fazer, e assim que retornasse desta viagem eu iria atrás dele, permanecerei ao seu lado até o fim, para sempre... *Eu te amo, Fernando, eu te amo! Será que ele viu a minha mensagem?* Estava feliz por ter decidido mesmo antes de toda aquela revelação, ela só veio reforçar que minha vida, o meu destino era ao lado do Fernando. Não havia como ser feliz sem ele, é claro que não!

— Inacreditável — falei com a voz embargada com a mão na boca. Ele concordou.

— A Lúcia sempre foi uma mulher sábia... como você — concluiu ele e segurou em meu braço quando o som da descarga ecoou ao ambiente. — Eu preciso lhe dar um conselho — cochichou, e eu assenti. — Anule a

procuração de Diretor Interino. Assuma você o comando do seu negócio.

— O senhor participou da demissão do funcionário Adenir? — perguntei com a desconfiança que por aquele motivo ele me aconselhava aquilo. Ele apenas assentiu com uma sombra sinistra nos olhos respirando fundo. Sentia receio, eu sabia.

— Eu não tenho tempo de ir ao cartório, a viagem está marcada para amanhã — expliquei preocupada quando ele se levantou e rapidamente pegou em sua gaveta um documento e me entregou. Repassei os olhos sobre o documento ao qual eu anulava toda e qualquer procuração sobre as minhas propriedades e instituições financeiras, e tudo que se relacionava aos meus bens. Levantei os olhos, perplexa. — Eu havia planejado visitar você.

O som da água caindo da torneira aberta me deu pressa.

— Eu vou assinar. — Meu senso de responsabilidade me pedia aquilo. Eu vi que podia confiar no doutor. E entreguei a ele. — Volto daqui sete dias.

— Vou deixar o documento de doação dos 30% como solicitou. Tem alguém dos funcionários de confiança ao

qual poderia deixar avisado? Precisaremos de todos os recebedores presentes na assinatura do contrato. — Entregou-me seu cartão. Eu guardei imediatamente em minha bolsa.

— Sim, eu tenho a Gisele, ela poderá cuidar disto para mim — informei. Ele sorriu, satisfeito.

— Certo, mande entrar em contato comigo, então deixo marcado para todos comparecerem ao cartório daqui a sete dias.

— Eu não sei como agradecer... — A porta do banheiro se abriu assim que terminei a frase enquanto ele, enfiando o papel na gaveta, acenou de cabeça.

— Poderia então redigir o documento para as melhorias, por favor? — mudei de assunto imediatamente notando a sua preocupação.

— Ah, claro! Só um minuto.

Olhei no relógio em meu pulso e desanimei. Já passavam das seis horas da tarde e passamos tanto tempo ali no escritório distraídos com números que acabei me esquecendo completamente do meu celular apagado. Eu precisava muito falar com o Fernando, tinha muita pressa

em saber sua opinião e não podia esperar até estar em frente a ele. Arrisquei ligar para empresa, já que tinha um cartão na esperança de conseguir seu número que não tinha gravado.

— Será que eu poderia usar o seu telefone? — solicitei enquanto ele preparava o documento em frente ao computador. — Houve um acidente com o meu telefone ontem à noite. — Parei por ali sem dar maiores detalhes. Ele acenou em direção ao outro lado da sala onde havia uma espécie de sala de espera com duas poltronas superconfortáveis e ao meio, uma mesa baixa com um aparelho sobre ela e ao lado um bloco de anotações.

— Fique à vontade — disse educadamente sem tirar a atenção da tela. E notei que o Sérgio colou e se sentou a poltrona à frente da minha. Seus olhos, que estavam grudados em minhas pernas cruzadas expostas, com a saia preta justa abaixo do joelho, subiram ao me ver sentar. Segurando na barra, eu puxei para esconder o objeto de sua curiosidade e um sorriso frustrado se desenhou em seus lábios quando seus olhos subiram encontrando os meus, fervendo de irritação.

Quieto, ele ficou ali me analisando enquanto eu aguardava o Fernando atender. O expediente já havia se encerrado, a minha sorte que o rapaz da recepção foi muito gentil e eu não poupei choradeira. Depois de informar que o Fernando ficaria fora devido a uma viagem repentina que faria, ele acabou me fornecendo o número do celular dele.

Tocou três vezes e na seguinte caiu na caixa postal. Nem consegui deixar recado com o folgado do Sérgio inconveniente próximo e sorri em desaprovação quando tirei o telefone do ouvido e baixei o braço.

— Será que eu poderia ter um pouco de privacidade? — rosnei entredentes deixando claro a minha insatisfação. Ele era mesmo um tremendo de um cara de pau. Simplesmente deu de ombros sem se importar.

— Eu posso saber para quem você está ligando? — Que cara irritante, Jesus!, exclamei em pensamento, revirando os olhos. Larguei o telefone sobre o colo e esfreguei meu rosto fervente com as duas mãos. — Nossa, quanta irritação! — Ainda tirou uma da minha cara quando ironicamente se levantou e se afastou, finalmente

eu o segui com os olhos, indignada.

Bufei antes de tentar mais uma vez, e caiu direto na caixa postal. Como o Sérgio retornava achei melhor não deixar recado, porque estava sem um telefone no momento.

O céu mais parecia um palco com seus pontos luminosos dando um show à parte, já passando das sete da noite. Inclinada com meus olhos erguidos em direção ao para-brisa da caminhonete do Sérgio, vi que as estrelas pareciam ter se triplicado, que permanecia quieto. Mesmo assim podia ouvir sua respiração pesada e ruidosa pisando fundo na estrada, ainda bem, pois de boca fechada até que ele era agradável, no restante, conseguia me tirar do sério. O cara parecia meu dono, um carrapato e aquilo estava me fazendo mal de um jeito que já repensava no fato de viajar ao seu lado por tantos dias, além do fato de que o doutor Fabricio plantou uma sementinha da desconfiança. Eu não suportaria, eu sei que não.

Enfim, ele dirigia agarrando forte ao volante em silêncio, eu só conseguia pensar no Fernando, como se ele

estivesse ali entre as estrelas, e na minha decisão de viver ao seu lado, apesar das circunstâncias. Eu não sabia ao certo se estava tomando a decisão acertada, mas também não queria pensar nisto. Eu queria deixar tudo nas mãos de Deus. Seguir em frente na fé. Acreditar naquilo que não víamos, mas deixaria os mistérios que rondavam o universo me guiar, da mesma maneira que aquelas estrelas em seus pontos luminosos cintilavam no céu noturno. *Estrelas, vão até o Fernando como um pombo correio e deem-lhe as boas novas, por favor. Eu imploro!* Era a minha alma conversando com elas, na certeza de que guardariam o meu segredo.

— Ah, não! — exclamei e com as mãos tentava livrar meu rosto daquela perturbação quando atingimos a estrada de terra. O Sérgio, e acho que foi até proposital, abriu os vidros e o vento forte invadiu o interior do carro trazendo junto aquela poeira que dificultava a minha respiração, além dos meus cabelos chicoteando o meu rosto. — SERÁ QUE PODERIA FECHAR ESTA PORRA! — berrei e ele caiu na gargalhada.

— Pare de frescura, Mary, respire fundo, é o cheiro da

natureza, gata! — Sacudi a cabeça, incrédula.

— Você é um grosseirão mesmo... — Calei-me. Pisando fundo no acelerador, os pulos das rodas sobre os buracos me projetavam de um lado para o outro dentro do veículo.

Acabei caindo na gargalhada, era o mínimo que eu poderia fazer diante de tudo aquilo, e sem acreditar que no mundo poderiam existir ainda homens primitivos como ele. Ah, céus!

Quando ele estacionou eu desci imediatamente, exausta, e sem olhar para trás. Ele me gritou assim que desceu da caminhonete, eu me virei. O vento espalhava seus cabelos como os meus, ele tentava mantê-los longe do rosto com uma das mãos, enquanto dava a volta pelo veículo com a outra estendida segurando um celular.

— Tenho este aparelho, talvez possa resolver até que pegue um novo. — Ele era realmente uma caixinha de surpresas. Nem sei como conseguia aquela proeza, a cordialidade era tamanha agora que desfez o paredão que nos separava. Segurei abrindo um sorriso agradecido, um pequeno surgiu também no canto da boca.

— Obrigada.

— Não há de que. — Piscou, e eu continuei o caminho em direção à varanda.

Cruzei a porta da sala me deparando com a minha tia conversando com a Gisele e ao seu lado a Raquelzinha, que correu para meu colo e eu a abracei tirando seus pezinhos do chão.

— Que abraço gostoso. — A envolvi ainda mais. Com seu corpinho frágil e quente, ela conseguiu fazer o meu corpo relaxar. Beijei seu rosto estalado e a coloquei no chão.

— E como foi lá? — perguntou minha tia, curiosa, com seus olhos direcionados à porta. Eu nem me virei sabendo de quem se tratava.

— Cansativo, mas saiu exatamente como a sua sobrinha desejava — Sérgio respondeu a sua pergunta. Cocei minha cabeça ainda mais furiosa, e com certeza de que não viajaria ao lado daquele bicho do mato de jeito nenhum. Ele desabou sobre o sofá.

— Fico feliz que tudo tenha saído conforme você planejou, minha sobrinha. — Minha tia me conhecia e veio me abraçar notando a minha cara de insatisfação. —

Deu tudo certo mesmo? — ela cochichou ao meu ouvido. Eu assenti de cabeça.

— Já estou com a autorização para todas as reformas necessárias — informei e a Raquel começou a pular na sala ganhando o olhar de desaprovação do Sérgio. A menina encolheu com medo e aquilo não me agradou.

— Comporte-se, Raquel! — advertiu-a primeiro. — Boa noite. — disse Gisele segurando na mão da Raquel enquanto saía pela porta quando eu corri ao seu encontro.

— Por favor, Gisele, estou faminta. Será que não poderia providenciar alguma coisa para eu comer? — Pisquei e ela entendeu.

— Ah, sim... Eu preparo algo rapidinho. — E segurando na mãozinha de sua filha seguiu em direção à cozinha.

— Me chame quando ficar pronto. — Ela concordou.

— Bem... — Sérgio se levantou. — já que está tudo resolvido, vou subir para arrumar minhas malas para a nossa viagem.

— Não sei se ainda quero viajar — retruquei quando seu pé parou no primeiro degrau e se virou com um olhar

indecifrável.

— Como assim, Mary? Já comprei a passagem, reservei o hotel, tudo.

— Você pode resolver isso sozinho, não pode? — Ele negou vindo em minha direção e parou em minha frente com as mãos na cintura, sondando meu rosto com curiosidade.

— Você sabe que sim, é o que tenho feito em oito anos... — Sua impaciência se tornou a minha também. — Só que agora você está no comando, precisa administrar o seu império, Mary.

— Ele tem razão, minha filha! — Torci a boca. Minha tia se derretia toda por ele. Ela pensava que não notava a forma como me empurrava para aquele grosseirão dos infernos. Respirei fundo, estava difícil a guerra: era dois contra um.

— Não faz sentido você fazer tanta questão com a minha presença, Sérgio. — Ele esfregou o queixo. — E quem vai cuidar das reformas, se pelo menos o Cristóvão...

— Notícias boas, minha querida! Ele chegou e está

andando pela fazenda, conhecendo as instalações. Aliás, que simpatia este seu amigo, viu? Seus olhos me lembraram um mar azul. Que olhos são aqueles? — Suspirou sem perceber. Franzi a sobrancelha, desconfiada com seu tom insinuante. Pensei em fazer um comentário a respeito e, por fim, desisti. Preferi não mudar a pauta.

A notícia um tanto maravilhosa aqueceu meu coração.

— Sério? — Juntei as mãos quase numa oração próxima aos lábios ofegando, muito alegre. Ter a presença de alguém conhecido me fazia sentir muito mais segura. — Ah, graças a Deus! — orei. Ao grunhir, Sérgio se levantou batendo as mãos sobre as pernas.

— Bem, eu vou tomar uma ducha e preparar a minha mala, e aconselho a senhorita a fazer o mesmo! Se pretende mesmo ser uma empresária Fudidex, porque demonstrou ter inteligência de montão, que, aliás, me deixou até surpreso hoje na reunião — Deu de cabeça com sua expressão indecifrável. —, tem que ampliar os seus conhecimentos, se antenar dentro da área que está atuando. Saber o que tem de melhor e mais moderno. E esta é uma chance e tanto para inflá-la de cultura no

seguimento. Então, espero que a senhorita me acompanhe para garantir o crescimento do seu patrimônio.

Eu e minha tia ficamos ali, contemplando até ele sumir no corredor e ela suspirou, eu cutuquei seu ombro com o meu.

— Ai, Mary, como ele é lindo... — ela babava, com a boca literalmente aberta. — Inteligente, gostoso... nossa!

Coloquei a mão na cintura com meus olhos apertados, encarando-a, me segurando para não rir.

— Não conhecia este seu lado safado, dona Ana. — Ela riu suspirando e jogou seu olhar sobre o meu. Detalhe: brilhando...

— Em primeiro lugar, minha linda sobrinha, o cara é mesmo um pedaço de mau caminho; e segundo, ele está coberto de razão. Eu concordo com ele que você tem obrigação de acompanhar de perto seus negócios, a senhorita bem que poderia abrir as portas deste seu coração. Dar chance a outra pessoa. Você merece ser feliz.

Franzi o cenho com um calafrio descendo por minha espinha enquanto discordava de cabeça.

— Não há a menor possibilidade de me relacionar com ele, tia. É um xucro, rude com suas brincadeiras estúpidas.

— Um rude que parece se importar com você — insistia ela. — e está presente na sua vida. É descomprometido, e está oferecendo o seu ombro, Mary. Acorda, minha querida, não pode passar o resto de sua vida sofrendo pelo Fernando. — Fechei meus olhos pensando que eu nunca esqueceria o meu amor, e já vi que nem poderia dizer o segredo, que estaria disposta a aceitar viver ao lado dele. — Quem garante que depois que nascer os filhos, ele ainda vai estar disposto a abandonar a Natalie? Às vezes, o amor pelos filhos acaba despertando outro tipo de amor no coração daquele que ama.

Engoli forte para descer aquele nó enorme em minha garganta e dei-lhe as costas escondendo minha frustração com o seu comentário.

Não fala isso para mim, por favor. Se o Fernando me esquecer, eu morro.

— Me desculpe a sinceridade, um choque de realidade

ajuda acordar a gente para a vida — concluiu ela. Estendi a mão ainda de costas.

— Além dos meus nervos estarem em frangalhos, o meu coração está partido, esta conversa só vai destruí-lo mais, estraçalhando — disse ainda de costas e respirei profundamente. Podemos encerrar este assunto, por favor? — Minha voz saiu embargada. Os ruídos dos seus passos me fizeram chorar, e sua mão repousou em meu ombro, apertando-o levemente.

— Pense na possibilidade de dar uma chance ao Sérgio, do jeito dele, ele vem dando sinais de que está interessado em você... Ou senão deixe que tudo aconteça com naturalidade, o que será inevitável estar a sós com ele, desde que você dê espaço, é claro! Viaje com ele, adquira conhecimentos e então... — Eu me virei bruscamente interrompendo-a, exausta daquele assunto idiota.

— Pare com esta mania de cupido, por favor — Ela deu de ombros várias vezes e foi se sentar.

— Ok? — Levantou as mãos em sinal de bandeira branca. — Agora você pode viajar. — Fechei a cara, ela

ergueu as mãos novamente. — Só para concluir... O Cristóvão está aqui, ele têm experiências com pessoas e pode cuidar de tudo enquanto vocês estiverem fora. Eu pensei em ligar para avisá-la sobre sua chegada, mas acontece que ainda estamos sem telefone, a empresa de telefonia prometeu vir amanhã para os reparos na linha.

— Pelo menos reformaram os quartos atingidos?

— Nem parece que houve acidentes por aqui.

— Ótimo, vamos lá para a cozinha que tenho excelentes novidades... — Engoli o choro e chamei-a já caminhando em direção à cozinha. — Que cheirinho bom... — Aspirei profundamente o ar, despertando meu estômago com aquele aroma de cebola e alho que amava de paixão.

— Estou preparando uma deliciosa omelete do jeitinho que você gosta, Mary — agradou-me Gisele, me fazendo sorrir calorosamente. Coloquei-me ao seu lado no fogão, passando a mão pelo seu ombro com a cabeça inclinada sobre a panela aspirando com os olhos fechados todo aquele aroma dos céus.

— Você é fofa, mulher. — Beijei estalado sua bochecha, ela riu animada.

— Eu duvido muito que você encontre uma omelete mais saborosa do que o meu nos Estados Unidos — retrucou ela em tom de humor.

— Você vai à Disney? — perguntou a Raquel segurando em minha mão com as duas, tão eufórica, que agarrei sua cintura e a levantei do chão, beijando seu rosto.

— Por quê? Você tem vontade de conhecer a terra do Tio Sam? — Ela assentiu toda feliz com aquele sorriso lindo que ganhou meu coração e mais um beijo daquele estalado!

— Eu queria muito... ver a princesa, o Mickey... — começou relatando e sua mãe a repreendeu.

— Raquel!

— Deixe a menina! — retruquei simulando cara de brava. — Não, a tia Mary não vai para a Disney, mas acho que se caso eu viaje, consigo trazer um Mickey Mouse para você. — Ela puxou muito o ar, empolgada.

— Obaaaaaa! — Começou a se agitar em meus braços, que não suportando o peso a coloquei no chão. — Jura por Deus? — Eu afirmei com a cabeça e ela saiu dançando para fora da cozinha, talvez devido à ansiedade

de contar aos amigos.

— Pelo jeito, vou ter que trazer um saco com Mickey. — Caí na gargalhada e feliz por proporcionar, pelo menos, um pouco de alegria.

— Então quer dizer que já decidiu, vai viajar com o Sérgio? — interveio minha tia, curiosa, porém cautelosa com seus olhos cerrados analisando minha expressão. Eu bati em seu ombro e segui em direção à mesa no centro da cozinha, puxei a cadeira e me sentei. Ela fez o mesmo e continuou ali me encarando.

— Ah, tia! — Soltei o ar devagar, pensativa. Eu só queria ver o Fernando e imediatamente, uma semana seria muito tempo para esperar.

— Vamos, minha filha, é importante não só para você e sim para todos. — Levantei os olhos observando a Gisele servindo o prato com a omelete e quando ela terminou eu segurei em seu braço antes dela se virar.

— Por favor, sente-se aqui, eu preciso conversar com você. — Ela ergueu as sobrancelhas em tom de preocupação. — Na verdade, eu segurei você aqui para lhe entregar uma coisa. Só um instante. — Corri até a sala

e peguei minha bolsa que deixei sobre o sofá, peguei o cartão do Doutor Fabrício Oliveira e lhe entreguei ao me sentar.

— O que é isso, Mary? — Seus olhos repassavam sobre as letras.

— Diante de tudo o que passaram por aqui, eu decidi, depois de analisar os números e me certificar de que é possível, doar 30% de todo o dinheiro disponível em conta. — Seus lábios se abriram no formato de "O".

— Mary! — exclamou, e eu apertei sua mão sobre a mesa.

— Precisa guardar segredo, Gisele — cochichei olhando para a porta atrás de mim e voltei a ela. Ela assentiu, ainda em choque com a notícia. — Farei isso em forma de indenização. Dividindo entre vocês, será uma quantia satisfatória que melhorará a vida de todos.

— Minha querida! — Minha tia se levantou, seus braços maternos vieram ao redor do meu pescoço e seus lábios quentes beijaram minha cabeça sobre meus cabelos. — Que gesto mais lindo... — sussurrou com voz embargada. Apertei sua mão sobre meu ombro.

— É o mínimo que posso fazer, mas veja, Gisele — Ela me olhou atenta. —, converse com o Nelson, ele vai ajudá-la a entrar em contato com este advogado. Ele está cuidando de tudo. Acho que vou mesmo precisar fazer esta viagem, embora não esteja animada, mas já que é para ampliar e melhorar os negócios, acho que tenho a obrigação de fazê-lo. — Ela concordou.

— É claro que sim... — ela concordou veementemente de cabeça. — e fica tranquila que vamos cuidar das coisas por aqui.

— Então faz assim. Converse com o Nelson em sigilo que o doutor Fabrício está aguardando a ligação de vocês. Ele vai marcar um dia para todos nos reunirmos no cartório da cidade. — Ela levantou e me abraçou quando minha tia se afastou.

— Desde o primeiro instante que coloquei os olhos em você eu soube que era o anjo que Deus enviou para nos socorrer, menina. — Beijou minha face e meu coração se encheu de carinho.

— Estou apenas fazendo justiça na maneira que Deus me permite — fui sincera. Ela estava ofegante, com os

olhos imersos em lágrimas e voltou a se sentar.

— Você é linda por fora e por dentro — disse ela com tanta sinceridade que aqueceu meu coração. E voltou a se sentar. — Hoje vamos ter nossa oração no templo, e vamos rezar em dobro para que tudo, mas tudo mesmo... dê certo para você! — Meus lábios tremeram com vontade de chorar. *Roguem a Deus para trazer o Fernando para mim, este é o meu maior desejo.* Fechei meus olhos por um instante me nutrindo de sua imagem em minha mente.

— Ah, estava me esquecendo. Deixei um documento assinado liberando todas as verbas necessárias para as reformas, sem limites. Compre tudo o que for necessário para as residências, o templo, quero que tudo fique perfeitamente habitável. E já pode iniciar amanhã mesmo. — Gisele saltou da cadeira ansiosa, rindo e pulando como uma criança.

— Que maravilha, que maravilha! Preciso contar esta novidade para o pessoal já...

— Só um minuto, deixa eu comer esta omelete. Está muito bom.

A alegria foi geral quando a Gisele lhes contou a novidade.

— Só você mesmo, Mary, para trazer alegria às pessoas — disse Cristóvão ao meu lado na parede de dentro do templo, enquanto todos se preparavam para mais uma noite de oração. E hoje, com certeza, seria de puro agradecimento.

— A vida é que me encarrega para causas desta natureza — disse orgulhosa fitando todos ali no interior, pensando que, mesmo na forma mais primitiva, encontravam forças para sorrirem. Eu precisava daquela mesma fé que minha vida seria ao lado do Fernando. Afinal, eu só parei aqui devido a ele. Mas tinha uma certeza de que ele foi um instrumento de Deus. Ele passou o braço pelo meu ombro juntando-se ao meu.

— Obrigada por ter aceitado o convite de vir trabalhar comigo.

— Eu quem devo agradecer, é uma honra trabalhar ao lado de uma pessoa iluminada como você, Mary. — Sorri tímida com o elogio. — Posso te fazer uma pergunta fora do contexto que estamos falando?

— Sim, é claro! — Afastei-me para olhar em seus olhos azuis e ele sorriu sem graça. — Eu não consigo parar de pensar no Senhor Fernando Albuquerque. — Meu coração pulou, uma reação normal. — Embora não seja da minha conta, eu devo alertá-la de que o rapaz é apaixonado por você. — Baixei os olhos e respirei fundo. — E, pelo que estou sentindo, você é por ele também, né?

— Muito... só que o destino traçou outro caminho para a gente. — Sua mão paterna voou ao meu rosto, eu o olhei e sorri de canto de boca.

— Agora que entendi o motivo por ter desmanchado o noivado com o Luiz Augusto. Mas, olha, eu não sei exatamente o que aconteceu para afastar vocês dois. Mas eu acho que, diante deste sentimento que está nítido espalhado pelo Universo, você deve tentar encontrar um meio-termo. Eu tenho certeza de que vai encontrar, porque você é muito inteligente, minha menina.

— Obrigada, Cristóvão. — Piscou. — É exatamente isso que tenho em mente. Assim que retornar de Las Vegas é a primeira coisa que preciso resolver. — Segurei em sua mão. — Preciso que cuide de tudo por aqui. Ajude

Gisele e o Nelson nesta parte com o advogado, e, por favor, tente blindar este assunto de doação entre vocês três, por enquanto...

— Fique tranquila, Mary. Faremos exatamente como nos solicitou.

— Obrigada mais uma vez. — Apertei seu braço em agradecimento. — Me dê uma licencinha, preciso fazer uma ligação.

— Claro, fique à vontade — disse ele e foi atender ao chamado do Nelson preparando o altar.

Não adiantava, o celular do Fernando só dava caixa postal. Desanimada eu passei o resto da noite sem conseguir falar com ele.

Embarcamos no dia seguinte às sete da manhã no aeroporto de Uberlândia, e somando duas escalas: uma no Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo, e outra no Aeroporto Internacional John F. Kennedy, em Nova York. Após 24h finalmente desembarcamos no aeroporto de Las Vegas, já passava das sete da manhã do outro dia.

Estava exausta eu não posso negar, porém, como havia

dormido muito durante o voo para fugir das intimidades do Sérgio, até que ainda me mantinha firme na queda.

Sem exagero algum, Las Vegas é capaz de manter qualquer um ocupado durante todos os segundos em que ele estiver por aqui. Como já ouvi falar muitas vezes: "Las Vegas na verdade era um oásis no meio do deserto". Cruzando a famosa Las Vegas Strip, a caminho de um hotel chamado Caesars Palace, eu mantinha-me concentrada na esplendorosa paisagem com seus hotéis de luxo, um mais lindo do que outro que nem prestei atenção no Sérgio ao meu lado, me encarando.

— A gente não conseguiu conversar ainda — disse ele num fio de voz. Inalei muito ar para os meus pulmões e soltei devagar. *Se depender de mim, não vai ter conversa, mesmo!* Eu só pensava num minutinho de privacidade para tentar dar mais uma ligadinha para o Fernando. Todo o encanto que estava aos meus olhos só tinha sentido com ele ao meu lado. *Calma, Mary, só mais alguns dias e você resolve a sua vida, ou uma parte dela!*

— Depois, Sérgio, no momento estou a fim de curtir o espetáculo que é esta cidade.

— Concordo, e se prepara para a noite, quando toda a cidade ganha um show de luzes.

Eu não conseguia me animar, imaginando que sem o Fernando nada tinha sentido. E já tinha a ideia fixa, que assim que nós chegássemos ao hotel, eu tomaria um banho e rápido e desceria para caminhar. Era a única forma de me manter distante, já prevendo sua insistência por considerar o quarto conjugado ao lado do meu.

Capítulo 11

Fernando

Nunca me senti tão ansioso, nem mesmo estando hospedado num lugar impressionante como este mega-resort Caesars Palace. A decoração remete literalmente ao Império Romano, tanto na parte externa, com seu jardim florido e várias esculturas e dentro do hotel não é diferente em meio ao luxo e sofisticação, é como fazer parte da história.

Até mesmo um Coliseu está presente na área. A área do chafariz, em frente à The Strip é toda decorada com motivos ligados a César, o imperador romano. Realmente é de cair o queixo, muito imponente, pomposo. É um império, gigante, na verdade. Além de ter um dos cassinos mais bonitos de Las Vegas, com fontes em seu interior.

O destaque do hotel é o famoso *Colosseum* com 4.300 assentos, onde são apresentados shows de artistas mais famosos no mundo. Tudo muito impecável.

Enquanto o Juliano e o meu tio degustam seu café da manhã, meus olhos estão aflitos e percorriam ao redor, nas

pessoas propriamente ditas. Naquele horário da manhã, os cassinos já estavam repletos de hóspedes apostando nos caça-níqueis e eu ali, nervoso, quase enfiando aquele café goela abaixo dos dois. Estava me dando nos nervos, já a morosidade de uma mordida seguida de um gole do líquido quente para depois ficarem apreciando tamanha beleza.

Eu queria caminhar, sair para a rua na esperança de me deparar com a Mary. Chegamos na cidade ontem, à noite, porque o Juliano conseguiu um voo direto e muito antes do que ele havia programado, tudo para que eu pudesse estar aqui. Eu viria de qualquer jeito, mesmo que fosse a pé. Ontem eu dei uma caminhada pela Strip, a avenida principal e não a encontrei. A cada segundo eu ficava mais desanimado, pensando que seria muito difícil encontrar com ela em meio a milhares de turistas que congestionavam toda a cidade. Se, pelo menos, eu estivesse com o meu antigo número de celular, teria esperança dela entrar em contato.

Foi uma correria com o voo antecipado que o Juliano conseguiu me encaixar, mesmo assim lembrei-me de tirar

o chip do aparelho celular danificado, na intenção de introduzi-lo no aparelho reserva da Albuquerque que o Juliano levou para mim no aeroporto. O fato é que não bateu o tamanho e era necessário um adaptador. Pensei que hoje pela manhã eu conseguisse uma loja a fim de comprá-lo. Eu precisava muito vê-la. Aquela mensagem que ela me deixou não saía da minha cabeça...

— Não vai tomar o seu café, Fernando? — A voz do meu tio tirou-me dos meus devaneios. Passando a mão direita pelo cabelo úmido e nervoso, eu voltei meu olhar a ele e tentei focar, embora estivesse muito complicado, com o meu coração batendo naquele ritmo de desespero.

— Estou sem apetite, tio. — Olhei sobre os pratos dos dois sentados à minha frente. — Será que vocês vão demorar muito com este café? Preciso urgente de uma loja de telefonia — expliquei ansioso.

— Nossa, mas por que tanta pressa, Fernando? — vociferou meu tio, meio severo. — Nossa reunião é somente amanhã, já falei com a sua mãe e ela assegurou que a Natalie está muito bem. Aliás... — Suas pupilas dilataram antes de continuar: — o estado de humor dela é

outro depois do ultrassom. O que aconteceu, por acaso você se acertou com ela? Esqueceu a sobrinha da Ana?

A Mary nunca mais sairá do meu coração.

— A gente saiu para se distrair depois do ultrassom, conversou, coisa que não fizemos desde o acidente da gravidez. — Apertei meus lábios, arrependido por minhas palavras agressivas. — Quero dizer, depois que ela revelou sobre a gravidez — corrigi-me. Ele e o Juliano se entreolharam.

Senti uma angústia com aquela constatação, pois o meu temor era a Natalie interpretar erroneamente sobre a minha mudança. E poderia ser um choque, e uma coisa que eu não quero é magoá-la, darei o meu melhor para as crianças nascerem com saúde e ela fique bem.

— Acredita que eu conheço esta moça apenas por nome *Mary Lemos* — comentou Juliano levando a xícara com café aos lábios e soprou.

Em volta do cassino há vários restaurantes e bares, e nós estamos justamente em um desses restaurantes, onde temos toda visão do salão de jogos e além deles. Enrijeci, quando na entrada de corredor de mármore bege, onde

localizava os elevadores, meus olhos captaram a imagem entre várias outras pessoas, que eu tenho certeza de que conhecia. Aqueles cabelos loiros caindo em cascatas sobre os ombros eretos, aquela cintura, o quadril arredondado tudo perfeitamente marcado pelo macacão com laço e studs na tonalidade preta de mangas longas e bufantes, um pouco mais transparentes com punhos largos, um V no pescoço a maneira que ela curte vestir, devido aos seios volumosos. Formal, mas linda de morrer caminhando puxando uma mala pequena de viagem de rodinhas prata em seus passos elegantes e sensuais em cima de um salto alto.

Eu a reconheceria...

— É ela, a Mary! — gritei saltando da mesa. Meu tio e o Juliano com os olhos arregalados viraram na direção do corredor. Eu parecia um louco correndo pelo salão do cassino, e corria com uma agilidade impressionante pedindo licença para não atropelar as pessoas. E não deu tempo, quando cheguei ao corredor, cinco elevadores subiam ao mesmo tempo. — MARY! — Ouvi minha própria voz sair sem que percebesse, e acanhei-me diante

das várias pessoas que entravam no corredor.

Com a mão na cabeça, olhando de um lado ao outro, fiquei desesperado com meu coração querendo sair pela boca, o suor tomou meu corpo junto ao tremor, e com os olhos marejados de emoção corri até a recepção.

— *Please, I need information about a guest who just got here. Can you help me?* (Por favor, preciso de informação sobre uma hóspede que acabou de chegar. Poderia me ajudar?).

— *I can not give you information about the guests, I'm sorry.* (Não é possível fornecer informações sobre os hóspedes, eu sinto muito).

Voltei ao corredor, aflito, queria tanto abraçá-la, sentir seu calor se espalhar pelo meu corpo, e seu cheiro, que fiquei ali plantado, ansioso. Uma hora ela teria que descer por aquele elevador, eu fiquei desesperado, cada vez mais eu acreditava em destino. Na cidade, tudo bem, mas no mesmo hotel, não era o acaso eu sei que não, impossível de contestar, havia sim uma conexão forte entre nós. E eu estava disposto a me conectar ainda mais com o meu amor.

— Fernando? — Estava ali na máquina caça-níqueis ao lado da porta do corredor dos elevadores arriscando a sorte, com apenas nota de um dólar, testando a minha paciência, enquanto parava para dar lugar a algum hóspede que se aproximava na intenção de tentar a sorte. E me virei ao ouvir a voz do Juliano.

— Oi — respondi apenas voltando a atenção ao corredor com pessoas saindo e entrando a todo instante.

— Quando saiu da mesa você disse o nome da Mary, porventura você marcou com ela aqui em Las Vegas? — questionou Juliano. E um sorriso se abriu no canto dos lábios do meu tio ao seu lado. Encolhi os ombros, pela forma emergencial como me dispus a vir para cá, era natural tal questionamento.

— Não... — fui curto e grosso. Não estava a fim de maiores explicações, o sigilo me pareceu mais sensato.

Ele enrijeceu com as mãos erguidas à sua frente.

— Desculpa, hein! — disse ele.

— Para quem sabe ler, o pingo é uma letra, e, pelo que entendi, é melhor nós dois explorarmos esta maravilhosa cidade, sozinhos — interveio meu tio. — Pelo que estou

compreendendo, alguém aqui está decidido a se ver livres de nós. — O sábio tiozão segurou em seu braço, o puxando.

— Não vai sumir, cara. A reunião é amanhã logo cedo — alertou-me Juliano já alguns metros de distância. Eu apenas dei com a mão.

Já passava mais de uma hora ali plantado, a espera estava me matando, e não me importava quantas horas mais eu precisaria permanecer por ali, desde que eu a encontrasse. Entretanto, as necessidades fisiológicas não entendiam isso, juntando a ansiedade, a minha bexiga estava a ponto de explodir. Mirei meus olhos para o outro lado do salão, por entre as mesas e máquinas quase todas ocupadas com seus apostadores, e avistei uma placa anunciando o banheiro. Levei apenas alguns minutos, eu nunca usei o banheiro com tanta pressa e quando alcancei o salão em retorno, muito próximo ao corredor dos elevadores, perdi o ar.

Antes que eu pudesse processar, ela surgiu por entre as pessoas, linda, linda, linda, linda... Recuei, para admirá-la um pouco mais, com aquele delicioso frio na barriga e

o coração a mil, dificultando a minha respiração.

Ela trocou a roupa, agora estava num vestido longo frente única, com uma fenda generosa que deixava quase toda a perna à mostra até suas coxas, com estampa floral puxando para o verde, combinando com as cores dos meus olhos e o brilho que era a cidade...

Nós combinávamos em tudo.

Ela está muito sexy, demais! Seus cabelos pareciam úmidos e davam um toque especial aos cílios longos que ela estava usando, e a sua pele dourada, ela parecia mais bronzeada.

Ela caminhou lentamente entre o salão, seus olhos brilhavam admirando toda a beleza do hotel, passando por mim sem me ver, aspirei profundamente o perfume que seu rastro deixou, fascinado.

A cada passo que ela dava, meu coração palpitava fortemente dentro do peito, com a visão majestosa de suas pernas torneadas perolada escapando pela fenda em seus passos elegantes e sensuais. Sua beleza encantava sob a luz fraca do cassino, vinham olhos de todos os lados do salão de jogos. Depois de dias conturbados, eu agora me

encontrava no céu.

E foi justamente o caminho por onde ela seguiu, eu estava tão próximo entre as pessoas que era possível ouvir seus suspiros maravilhados, com todo o luxo e beleza. O hotel era mesmo surpreendente e digno de suspiros. Ela parou por um instante ao alcançar um ambiente com as lojas das mais finas grifes, onde o teto imitava o céu, The Forum Shops, cuja luminosidade variava de manhã à noite, e você quase não conseguia distinguir se era real ou artificial, porque perde completamente a noção do espaço. E ainda existia uma fantástica escada em curva, esplêndida. Tudo ali se resumia em extravagância, junto ao maravilhoso céu artificial, afrescos enfeitavam os corredores, além de obras de artes fantásticas.

Eu já não conseguia mais ponderar com a visão inspiradora do meu amor, em sua beleza ela conseguia brilhar tanto quanto o lugar em torno dela, todo meu corpo tremia excitado. Eu estava a ponto de detonar de emoção, saudade, tudo. Sentia-me sufocado e precisava respirar e só ela poderia proporcionar ar fresco aos meus pulmões.

Aproximei-me devagar e segurei em seu quadril puxando-a devagar, colando ao meu corpo. Ela respirou fundo e travou a respiração.

— Amor, amor, sou eu, amor... fica quietinha. Deixa eu sentir você, seu cheiro... Ah, que saudades! — Com os olhos fechados, eu sussurrei, respirando sob seus cabelos úmidos, tremendo, sentindo ela soluçar. Ela relaxou e começou a tremer embaixo das minhas mãos.

— Fe... meu amor... é você mesmo? — As lágrimas fugiam pelo vão dos meus olhos fechados. Ela chorava também, sentia suas lamúrias.

— Sou eu sim, meu amor. — Deslizei lentamente minhas mãos para cima, sentindo a textura de sua pele por cima do tecido fino, arrepiado. Abraçando-a forte, colando-me nela, encaixei meu pau já duro como uma pedra gritando dentro das minhas calças, pressionando seu estômago, colando ainda mais meu peito em suas costas.

Com suas duas mãos delicadas, ela segurou forte as minhas pressionando contra seu corpo. As uniões de nossos corpos comparavam-se a uma corrente elétrica, eles se fundiam num arfar de profunda loucura. Nossos

corações acelerados batiam no mesmo compasso, os tremores de nossos corpos se fundiam aos nossos sentimentos de desejo, querer, amor...

— Eu não acredito que você está aqui, Fe... — balbuciou arqueando a cabeça descansando em meu peito em um movimento lento me fazendo arrepiar. — Eu precisava tanto falar com você, tanto... — ela murmurou com a voz embargada, esfregando aquela bundinha gostosa sobre meu pênis pulsando nela, completamente encaixado em seu vão. O tecido do seu vestido era tão leve, que a sensação era que estava na sua pele, aquilo me excitava muito mais.

— Eu então... Aquela sua mensagem, amor, é verdade? — Ela confirmou com a cabeça. Estremeci de felicidade. Agarrado a sua cintura a virei devagar, suspirando com o encontro do seu olhar. Sua felicidade era como a minha, estava explícita em seu rosto, ela estava radiante.

Suas mãos voaram, afundando desesperadamente seus dedos delicados e quentes em meus cabelos, com seus olhos imersos em lágrimas sondando o meu rosto, e os meus idênticos faziam o mesmo. Eu a abracei, a sentindo

tremer enquanto chorava, linda!

Nunca em minha vida me senti tão bem e afortunado, como estava me sentindo naquele momento.

— Eu te amo, te amo... não imagina a felicidade que estou com você aqui nos meus braços — sussurrei em seu pescoço, aspirando seu perfume e mordisquei, sentindo-a estremecer. Ao nosso redor estava um grande tumulto, com os corredores abarrotados já de turistas de todos os lugares do planeta, apreciando toda a beleza oferecida pelo estabelecimento. No nosso mundo tudo parou ao redor, tudo foi anulado com o calor de nossos corpos, nossas respirações aceleradas, nossos corações batendo num ritmo arrebatador.

Minhas mãos subiram para seu rosto quando me afastei, engolindo seus lábios num beijo gostoso, molhado, forte e faminto com minha respiração pesada como a dela, tamanho o nosso desejo um pelo outro. Joguei seu cabelo para trás, livrando seu rosto das mechas que grudavam e olhei em seu rosto, incrédulo.

— Parece um sonho que você está aqui comigo, temia não encontrá-la nunca mais...

Seus braços vieram ao redor do meu pescoço, e ela inclinou e mordeu meu lábio enquanto a abracei colocando a cabeça dela em meu peito sentindo o calor de sua respiração em meu tórax com os primeiros botões da camisa branca abertos. Fechei meus olhos com meu queixo em sua cabeça, arrepiado...

— Eu queria que esse nosso encontro fosse perfeito — ela sussurrou num tom de apreensão e segurou o ar, aquilo me intrigou. Ela parecia incomodada com algo.

— E será, meu amor, é claro que sim. — Eu alisava seus cabelos úmidos sobre as costas nuas e macias, sentindo um calor dominar meu corpo. Afastei-me, sorrindo, observando cada ponto do seu lindo rosto, que eu quase morri de saudade. Com o polegar sequei as lágrimas do seu rosto e ela secou as minhas. Eu a beijei demoradamente tentando nutrir tudo dela.

Algumas risadinhas e suspiros nos despertaram, lembrando-nos de onde estávamos, e nos afastamos, os olhares de ambos percorreram ao redor.

Os mais variados tipos de pares de olhos focavam em nós, passando de um lado ao outro. Curiosos, suspirando e

observando o nosso chamego desesperado, com as trocas de carinhos, ou talvez a responsável fosse a energia, que emergia de nossas almas e circulava ao redor, atingindo cada uma daquelas pessoas. Olhos puxados, redondos, expressivos de todas as cores, de todas as raças.

Acabamos rindo da situação do momento.

— Ah, que demais você aqui comigo, minha linda, meu amor... — Ignorei todo mundo e sussurrava em seu ouvido. Eu não estava nem aí para ninguém, só ela me importava e ninguém poderia me impedir de permanecer prendendo o meu amor.

— Acho que estamos atrapalhando o povo — ela lembrou-me mais ajuizada. Eu apenas dei de ombros.

— Que se dane todo mundo. — Ela riu em meus lábios.

— Seu doido... — Bateu levemente em meu ombro.

— Um lunático que te ama. — Enlacei sua cintura com força e avancei os passos, e seu corpo recuava sendo arrastada até suas costas baterem no pilar redondo revestido em mármore em meio ao salão. Num ponto mais discreto onde a iluminação era fraca, mesmo assim fomos alvos de olhares curiosos que cruzavam de um lado ao

outro. Os gritos dos jogadores torcendo por suas apostas, das pessoas conversando e rindo soavam de todos os lados. Eu imprensei seu corpo contra o concreto, pressionando em seu ventre.

Céus! Um gemido agudo escapou dos seus lábios entreabertos, ela estava delirando como eu, literalmente. Nossa aproximação era tudo, além de qualquer compreensão. Mesmo servindo de espetáculo para uma plateia nos assistindo, eu estava amando com a força da minha alma, e com a sua entrega eu sabia que ela sentia o mesmo que estou sentindo.

— Você quase me matou, Mary, depois que fechou aquela tela me deixando a ver navios. Eu estava perdido sem saber o que fazer, até que no dia seguinte vi sua mensagem... E você simplesmente desapareceu. — Eu tinha que dizer, era a mais pura verdade. Ela não respondeu. Na verdade, não preciso de respostas por enquanto, diante do turbilhão de emoções que nossos corpos estavam mergulhados. Ela apenas suspirou empurrando seu quadril contra o meu, deixando claro o quanto me desejava.

Com um grunhido esmagado, arrastei minhas mãos entre nós, colados, disfarçadamente, até seus seios, e os moldei entre elas. Sua respiração travou antes da minha boca tomar a dela, molhada e deliciosa, que eu estava morrendo de saudades, e deslizei explorando a pele do seu pescoço com meus beijos ardentes e sedutores.

— Seu cheiro é muito bom.

— Ah, Fe... — Ela suspirou num fio de voz com a cabeça pendida de lado.

— Amor... — murmurei. Ela afastou um pouquinho, o suficiente para fitar-me. Seus olhos tinham o brilho do desejo e da possessão. Atarraquei sua cintura com mais força, receoso de sua fuga mais uma vez.

— Eu preciso ficar sozinha com você, por favor — suplicou.

— MARY? — Aquela voz masculina adentrou em meus ouvidos com um jato de água daqueles bem fortes, atingindo o meu labirinto a ponto de sentir uma forte tontura. Olhamos na direção do som.

Franzi a testa, indignado, ao ver aquele homem alto, magro, vestido de preto, camisa e calça destacando a pele

bronzeada, a barba a fazer, e os cabelos loiros no ombro, amarrados num rabo de cavalo, vindo em nossa direção no meio das pessoas com uma expressão de aversão. Senti meu sangue ferver de ódio recordando o último dia que conversamos virtualmente e a voz masculina tirou ela da minha visão. Tudo o que eu queria era ir até ele e socar a sua cara só de imaginar ele tocando a minha Mary, e quebrar cada osso daquele rosto bonito. Voltei a ela, com meus olhos cerrados, pedindo uma explicação. Seus olhos cresciam, e suas pupilas dilatadas, assustada em sua expressão confusa. Ela segurou em meu braço notando o quanto eu fiquei abalado.

— É ele que estava batendo à sua porta, não era, Mary? — vociferei agarrando o seu ombro, transtornado. — O que este cara é seu, pelo amor de Deus?

— Sim... — Balançou a cabeça confusa, me deixando também. — Não... Me tira daqui, meu amor, por favor. Me leva com você... Ele não é nada meu, eu juro! É só um funcionário da fazenda. — Senti a sinceridade em suas palavras e a urgência em sair dali em seus atos.

— Vem comigo, amor. — Entrelacei nossas mãos e

saímos dali rápido, meio que atropelando as pessoas, ninguém entendeu o porquê, quando novamente aquele cara gritou o nome do meu amor. Trinquei os dentes freando para peitá-lo.

— Não, por favor, Fernando... me tira daqui, agora. — Sua exigência me fez relaxar. E a partir de então corremos o corredor até alcançar a porta de vidro e abri. O ar quente e úmido vindo de fora invadiu o ambiente, anulando o efeito do ar condicionado.

— Mary, volta aqui, caralho! — ele gritou a plenos pulmões. Sem darmos importância alcançamos a rua.

Cedi ao momento que, de repente, se tornou engraçado. Rindo, saímos correndo pela rua, de certa forma tudo me pareceu uma grande aventura, estava me divertindo naquela fuga que mais parecia criminosa, uma loucura que acho que se tornou agradável, tudo era prazeroso com ela, mais colorido. A experiência me deixou emocionado como nunca fiquei antes. E comecei a rir sozinho, pensando que este nosso amor era um show à parte. O cara continuava no nosso encalço e minha birrentinha, que claro tinha rodinhas nos pés, em alguns momentos me

arrastava, um momento hilário que relaxei e curti.

— Mary, espera, a gente precisa conversar. — Sua voz veio longe, porque o vento forte de deserto dissipava o som.

— Mais rápido, Fernando! — Esta minha gatinha era demais... e seguimos correndo em meio à multidão pelas calçadas em seus passos lentos admirando a paisagem pela avenida Strip. Eu apreciava minha maratonista alguns centímetros à minha frente. Abobado. Babando.

O sol reinava absoluto no céu de Las Vegas com sua luz ofuscante esta manhã, e a luz reluziam os fios dourados e sedosos que o vento do deserto fazia questão de levantar no ar desejando sua dança em particular. Eu não me cansava de admirar aquele verdadeiro espetáculo de mulher, esculpida por Deus, exclusivamente para mim, eu sei! Cada fio de seu cabelo era de uma preciosidade imensa, embora eu soubesse o quanto aqueles fios chicoteando seu rosto a perturbava, passando a mão a todo instante pelo rosto tentando mantê-lo longe para seguir em frente.

— Rápido, Fernando! — Ela me puxou divertidamente,

eu ria como um garotinho de 10 anos. — Os policiais estão fechando a avenida, é nossa chance.

Olhei para trás e aquele cara estava bem longe ainda de nós, enroscado em meio ao alvoroço da multidão que vinha em direção onde acontecia a gravação de algum filme de Hollywood.

— Apresse-se! — Ela apontou em direção aos policiais fechando a avenida com uma faixa amarela. Naquela parte havia vários carros posicionados no meio da avenida, e na lateral, carros com câmeras e refletores para a gravação. Acelerei e conseguimos passar antes da barreira ser fechada.

— Mary, Mary! — o cara gritou.

Nós não olhamos para trás, continuamos em frente até que despistamos dele bem longe, eu agarrei em sua mão, freando e a puxei para mim. Com ela dependurada em meu pescoço, inclinada para trás, com suas cascatas douradas esvoaçando, eu a segurava pela cintura, ambos gargalhávamos, felizes.

— Que aventura maravilhosa! — exclamou ela, ofegante. Dedilhei minha mão por suas costas e,

segurando em sua nuca, a trouxe próxima ao meu rosto, sentindo sua respiração morna e deliciosa. Ela olhou para mim e mantemos aquele contato visual por longos minutos. Ergueu um braço e colocou a mão sobre o meu rosto, esfregando com muito carinho que fechei os olhos, ofegante tanto pelo cansaço como pela sensação de prazer que ela me transmitia.

— Eu não posso mais me manter longe de você, Fernando — ela quebrou o silêncio, eu abri os olhos. Com suas pálpebras pesadas com a claridade intensa, ela tomou meu rosto em suas mãos, e o vento continuava impiedoso bagunçando os cabelos dela, chicoteando nossos rostos tão próximos.

— Fiquei emocionado com sua mensagem, mas depois fiquei com medo do silêncio que se seguiu. Esperei tanto uma resposta — murmurei com os olhos marejados em contato com os dela, também úmidos, ajeitando alguns fios de cabelos atrás de sua orelha, gostoso. E sem resistir inclinei-me dando beijos molhados pela extensão do seu pescoço e mordi o lóbulo de sua orelha, fazendo-a arrepiar-se.

— Houve um acidente com o meu telefone. — Afastou fitando-me lindamente e começou a rir, incrédula, me fazendo rir também. — Eu voltei para falar com você, e não estava mais. — Recordei o momento que a Natalie me fez deitar ao seu lado e adormeci, mas não comentei isso com ela. Uma informação amarga daquela quebraria nossa magia. E eu não poderia correr este risco, não depois de tanto tempo. — E deixei ao meu lado na cama, e por mais ridículo que possa parecer, a caixa de água estourou sob o teto do meu quarto causando a maior inundação. — Continuou ela e eu comecei a rir também. — Eu tentei te ligar e só deu caixa postal — continuou rindo das minhas gargalhadas.

— Se é ironia do destino eu não sei afirmar, mas o meu aparelho mergulhou também no copo de cerveja...

Não havia como rir daquela situação, realmente estávamos fadados aos desencontros da vida. Inacreditável. Agarrei-a forte engolindo sua boca com fúria, deixando claro que eu não permitirei que o destino desviasse o nosso caminho. Apertei-a com tanta força que ela gemeu de dor.

— Você está tentadora — sussurrei beijando seu rosto corado, quente e gostoso... Abracei-a com toda a ternura que sentia naquele momento.

— Mary, agora me fala: quem é aquele cara? Qual é o lugar dele na sua vida?

Ela arqueou a sobrancelha fitando-me, apreensiva. Acariciei seu rosto, jogando para trás os seus cabelos que teimavam em cair-lhe sobre a sua face.

— Não se preocupe, meu lindo. — Com o dedo indicador, ela pincelou meu nariz esfregando sua pélvis em meu pau, podia sentir seu calor irradiando pelo tecido fino. — Pode acreditar, ele é mesmo apenas o administrador da fazenda que herdei. E um tremendo de um chato! — Tentava respirar normalmente e recuperar meu ar, até me sentir aliviado. Ela acabou de tirar um peso enorme do meu coração enciumado. — Depois eu te explico melhor, você vai ou não me levar para a cama? — desafiou ela, mordendo embaixo do meu queixo, me fazendo estremecer de tesão.

Ergueu o olhar e me encarou, algumas lágrimas lhe escapavam dos olhos e deslizavam por suas bochechas

vermelhinhas, linda... Com as costas das mãos acariciei seu rosto entendendo agora o motivo do bronzeado.

— Eu vou te morder inteirinha, Mary, vou fazer você esquecer até o seu nome — ameacei com voz de tesão. Ela estremeceu com os dentes trincados.

— Estou louca para ver isso... Afinal, Las Vegas é uma cidade onde tudo é possível acontecer. Uma cidade de muita energia e exageros. Não pretendo remar contra a maré. Só pretendo ser feliz!

— É melhor estar preparada para o que está por vir. — Passei a mão pela sua cintura, e ela agarrada a minha seguimos pela calçada no maior chamego. Ambos excitados, nos desejando.

Mary

Se eu estivesse sonhando, eu não queria acordar nunca mais, depois de sofrer com a sua ausência, agora ele estava ali, lindo e maravilhoso. Nossa! De costas para mim, debruçado sobre o balcão da recepção, ele fazia nossa reserva. Uma mulher com aproximadamente a minha idade, e com feições latinas, o atendia. Eu suspirava ininterruptamente admirando seu porte atlético, suas costas largas, com ombros e braços musculosos alinhados embaixo da camisa branca, uma silhueta que ganhou meu coração batendo abobado dentro das costas. A calça jeans marcando uma bunda deliciosa, deixou minha calcinha inundada, sentia contrações dolorosamente gostosas.

— Lindinha, eu preciso do seu passaporte. — Ele se virou e riu ao deparar-se com a direção dos meus olhos, eu pisquei com um sorriso depravado deixando claro a minha excitação. Ele retribuiu com um sorriso sensual, faminto e promissor, respirei entredentes trincados remexendo minhas pernas, que escapou pela fenda do vestido. Seus olhos apertaram e sua língua passou de leve pelos lábios.

— *Sir, the passports, please!* (Senhor, os passaportes, por favor!)

A voz da atendente despertou-o e rimos juntos.

— *One minute, please* (Um minuto, por favor).

— O passaporte, querida! — Rindo com sua voz urgente, eu peguei em minha bolsa e lhe entreguei, e por dúvida coloquei o celular que o Sérgio me deu provisoriamente no modo vibrar. Embora só ele e a minha tia tivessem aquele número, mesmo assim eu precisava me isolar com o Fernando, não podia correr o risco novamente com as tempestades que vinham logo depois de nos amarmos. Eu daria um jeito dele seguir a mesma linha de raciocínio que a minha.

Ele se virou imediatamente com a mulher revirando os olhos, impacientes.

— *Sorry, sorry.*

Ele se desculpou todo sem graça. Me aproximei colando meu corpo no dele e apertei sua bunda disfarçadamente com gosto.

— Gostoso! — sussurrei em seu ouvido nas pontas dos pés. Um gemido silencioso escapou de seus lábios e pude

sentir seu tremor, e sua cabeça arqueou até encostar-se a minha testa. — Amorzinho, será que é possível correr com isto? — ele grunhiu e segurando em meu braço colocou-me à sua frente. Colou-se a mim, com seu pau deliciosamente grosso, grande e duro cavando em minha bunda. Empinando a bunda empurrei contra ele sentindo-o pulsar magnificamente.

— Que delícia, gatinha... — Suspirou gemendo, me apertando pelo quadril. A atendente levantou os olhos, desconfiada. Ele sorriu sem graça e beijou minha cabeça.

— *She's my wife* (Ela é minha mulher) — disse ele com toda a certeza do mundo, que fiquei toda derretida. Ela abriu um sorriso forçado e voltou ao que estava fazendo.

Eu levantei um pouco minha perna exibindo bem minhas pernas grossas, e o Fernando não poupou o tempo, ereto, se fazendo de sério, desceu a mão até quase o meu joelho e voltou passando-a pelas minhas pernas.

— Como estão macias, amor... torneadas, quentes e minhas, só minhas — sussurrou em minha cabeça me fazendo arfar e continuou em sua tortura, indo até a coxa e apertando, suspirando ruidosamente me apertando contra

ele.

Estávamos no imponente Bellagio, que se assemelhava ao Caesars Palace em termos de grande movimento, luxo e tudo mais. Cada um na sua particularidade e faziam você pensar que estava em um filme. O Bellagio encantava com sua fonte em frente ao hotel. Localizada no meio de um lago artificial onde ocorria um show de águas dançantes durante toda a noite, e livre para quem queria apreciar o maravilhoso espetáculo, de graça! Ao todo eram 33 músicas e cada uma possuía sua coreografia e interpretação própria das "águas dançantes".

Enfim a reserva foi feita, ele me virou de frente, com seus olhos faiscantes sobre meu rosto, com a chave eletrônica na mão erguida, balançando-a no ar, e selou meus lábios rapidamente. Enquanto a outra mão me arrastou com urgência pelo saguão luxuoso em direção aos elevadores.

—Vem logo, preciso matar essa saudade, preciso ter você, e tem que ser agora. — Logo após a recepção nos deparamos com o conservatório de flores, um deleite e foi uma apreciada rápida porque a pressa nos dominava.

— Eu quero me perder em seus braços, Fe. — falei com ele agarrado ao meu quadril, que me empurrou de costas com a porta do elevador aberta e atarracou em mim quando a porta se fechou atrás dele.

—Ah, meu amor... — Seus beijos urgentes desciam pelo meu pescoço até o colo dos meus seios, nós gemíamos com os olhos fechados, nos sentindo, nos curtindo. — Você não faz ideia do tamanho da alegria que me invadiu. A saudade era brutal, do seu cheiro, dos seus olhos lindos, seu corpo gostoso, do prazer pelo sexo estupendo, apaixonante que compartilhamos juntos, tudo... Definitivamente, depois de experimentar a especiaria que é você não há a menor possibilidade de ficar sem. Este sentimento é uma grande surpresa para mim, nunca esteve sequer perto das minhas ambições. Eu tive tantas saudades de você, saudades de nós! — falava com suas mãos apertando meu quadril contra ele, passando a língua molhada na pele descoberta causando uma onda de arrepios. Sentir seu pau pulsando encharcava cada vez mais a minha calcinha, dificultava respirar. Sonhei cada minuto com este momento.

E aqui estávamos nós novamente. E agora era diferente, estávamos dispostos a enfrentar juntos os problemas, demorei a acordar é fato, mas aqui estou.

— Tive vontade de sair pelo mundo à sua procura, raptar você, meu amor — continuou ele. — De fugir contigo para qualquer lugar deste mundo. Largar tudo para trás, tudo... tudo por você. — Mordi o lábio inferior com força a ponto de machucá-lo quando sua mão grande, forte e quente alcançou meu calor sobre minha calcinha, deixei escapar um gemido alto, estrangulado quando seu dedo hábil afastou o elástico deslizando sobre minha excitação.

— Amor...

— Hum...

— Estamos sendo filmados, cuidado — alertei-o, arfando.

— Estamos em Las Vegas, esqueceu? — gemendo sua língua invadiu exigente a minha boca num beijo guloso. — Eu te quero muito, Mary... só para mim... — Sua voz abafada era excitante. Espasmos espalhavam pelo meu corpo, a ponto de gozar com ele massageando meu clitóris inchado, deliciosamente dolorido.

Eu estava realizada ali, em seus braços, em nosso amor devastador, não suportava mais viver apenas das lembranças. Ele uivava em meus lábios, metendo fundo em mim, eu gemendo, arquejando, tremendo. Devorávamo-nos mutuamente, apaixonados e entregues.

Quando o elevador parou no andar, o Fernando me colocou à sua frente, para esconder sua ereção nítida na calça e começamos a rir. E para nossa surpresa, ao deslizar a porta, nos deparamos apenas com o luxo, tudo era revestido de mármore do chão ao teto e todos os adornos dourados, um luxo só como todo o resto.

— Estou com a impressão que o dia de hoje foi reservado apenas para nós — disse ele e enlaçou os dedos nos meus e me puxou corredor afora. Meu queixo caiu quando atravessamos uma passarela suspensa sobre um espelho d'água até alcançar a suíte, que foi outro choque de beleza.

— Nossa, as coisas por aqui são para lá de extravagantes! — exclamei suspirando.

— Você não viu nada. — Incitou a minha curiosidade. Eu nem comentei nada, pois, diante de tudo o que já vi,

nada mais me surpreenderia. Até a porta da suíte presidencial ser aberta.

Levei a mão à boca encantada, fascinada. Suas mãos vieram ao meu peito quando avancei um passo.

— Espera, amor... — Havia um brilho intenso em seus olhos verdes acinzentados, algo beirando ao inimaginável, ao esplendor. Sorri emocionada porque ele conseguia ser mais lindo e perfeito do que tudo ao nosso redor. Ele era tudo. — Quero um dia perfeito para nós. De agora em diante vamos seguir em frente, juntos, enfrentar lado a lado todo e qualquer obstáculo independente do que seja, doloroso ou não. Vamos prometer isso pra nós. — Suas mãos trêmulas vieram às laterais do meu rosto e me puxou. Nossos lábios trêmulos fundiam às nossas respirações ofegantes, ansiosas. — Me promete, Mary, por favor... Eu preciso ouvir esta promessa de sua boca.

— Eu prometo, Fe, eu prometo, meu amor... — Sua língua invadiu minha boca com fúria, com desejo.

— Eu também prometo, do fundo da minha alma. A gente vai conseguir colocar tudo nos trilhos — disse ele me pegando em seu colo, envolveu-me tão apertado que

meu coração quase explodiu de emoção. Enlacei as mãos por seu pescoço enquanto ele entrava comigo e fechava a porta com o pé enquanto nossas línguas exploravam a boca um do outro.

Ele atravessou uma sala chiquérrima, com móveis sofisticados combinando com o ambiente, repleto de luz, a suíte foi perfeitamente projetada com janelas impressionantes que iam do chão ao teto, um quarto espaçoso dando visão para o lado leste da avenida principal de Las Vegas, a Stripe, além, é claro, de uma vista perfeita para assistir ao pôr do sol.

Ele seguiu para o próximo ambiente, o quarto tão grande quanto a sala, somando-se tudo em tamanho, a suíte presidencial era imensa. Uma king size, com roupas de cama lindas brancas e com detalhes lilás, o mesmo acontecia com a parede da cabeceira, flores com toque lilás, branco e castor combinando com as poltronas de veludo e o carpete.

Ele me colocou sobre a cama, e veio no meio das minhas pernas se deitando sobre mim, me prendendo em seus braços, sondando meu rosto com atenção.

— Eu te amo, Mary — murmurou. — Passei os dedos em seus lábios lentamente me nutrindo dele. Ele suspirou com os olhos fechados e quando abriu, sorriu com ternura e muito amor, apoiando os cotovelos sobre a cama e suas mãos na lateral do meu rosto colando sua testa na minha. — Você teve alguém depois de mim? — Fechei meus olhos com o coração apertado. Como eu poderia dizer-lhe? Eu o magoaria. No entanto, não poderia mentir.

— Uma única vez, meu amor... — Senti seu choque, ele inalou muito ar para seus pulmões e prendeu com os olhos fechados. Segurei em seu rosto levantando para me encarar. — Foi uma tentativa de seguir em frente, mas não deu. Eu só consegui pensar em você e depois daquele dia no hotel só foi você, só você. E lembra quando você me disse que se cuidou para mim? — Ele assentiu soltando o ar devagar. — Eu me resguardei para você, me cuidei também... Só você me tem, só você...

Seus lábios vieram aos meus, desesperados, em um beijo intenso, molhado e de entrega.

— Eu não posso julgar você, porque comigo foi a mesma coisa. Eu até tentei uma única vez e foi com

preservativo também e não deu. Acho que nunca mais vai dar com outra pessoa, meu amor.

Meu coração se apertou e não consegui conter as lágrimas, aquilo doía demais. Ele beijou-me novamente.

— Não foi com a Natalie, né? — Ele negou.

— Nunca... Agora chega de falar dos outros, vamos matar nossa saudade, ser felizes como merecemos e esperamos. Esquecer de tudo e focar apenas em nós, como se ninguém mais existisse, sem nos importarmos com o mundo lá fora. — Eu concordei.

— Você é o amor da minha vida. Não consigo me imaginar sem você.

Ele se arrastou para baixo com seus lábios roçando em meu corpo por cima do vestido, e suas mãos desciam pelo meu pescoço passando por cima dos meus seios e apertou suavemente tremendo, enquanto um gemido baixo escapou de meus lábios. Ergui minhas mãos e me estiquei deixando tudo à sua disposição.

— Você me faz flutuar, Fe... sinto como se estivesse em alto-mar boiando à mercê dos movimentos das águas, é reconfortante...

— E eu estou lá do seu ladinho, minha sereia... ambos com os braços estendidos sob a superfície, com as mãos dadas, nos deixando ser levados pelas leves ondas, num dia calmo sem vento, um dia preparado apenas para nós dois — sussurrou sobre minha roupa enquanto descia junto com suas mãos pelas laterais do meu corpo, como se desenhasse cada curva até o início da abertura e infiltrou as mãos de forma abusiva. Meus dentes pressionaram com força na carne do meu lábio inferior, com a carícia deliberadamente tortuosa, sem nenhuma pressa, delicada e deleitosa, causando aquelas ondas de arrepios pelo meu corpo.

Abriu minhas pernas e, segurando em meu quadril, ele beijou-me por cima da calcinha, suspirando e gemendo. Meu tesão foi às alturas, o ar faltou e passei a tremer sentindo meu líquido inundar minha calcinha deliberadamente.

— Seu cheiro é tão doce, eu estava louco para me lambuzar dele, embriagar... Você me faz bem — completou. — Me viciei em você, sinto falta até do seu momento irritadinha, é linda! — murmurou ele, beijando

por cima e lambendo calmamente as partes internas de minhas coxas, eu estava vendo estrelas literalmente.

— Ah... — Eu não conseguia dizer nada, não dava com todos aqueles turbilhões de sensações pelo meu corpo. Todos os meus órgãos se manifestavam ao medicamento poderoso Fernando, reconstruindo cada célula doente. Eu sempre soube que este era o único remédio capaz de curar as minhas feridas que o passado deixou.

Ele gemia com seus polegares sobre a calcinha molhada, e subiu suas mãos até o cós dela e deslizava os dedos por minha pele me fazendo arrepiar, despiu-me lentamente, e suspirou. Abri meus olhos ainda em dúvida se era mesmo real que o encontrei aqui neste mundo encantado de Las Vegas... Eu necessitava olhar para ele, e não me arrependi, seus olhos fixos em minha vagina estavam turvos de tesão e me olhavam tão lindamente vislumbrados, da mesma forma que eu estava ali olhando para ele. Um olhar que penetrava minha alma.

— Você é perfeita para mim, Mary — sussurrou acariciando minha coxa. — É tão macia... — Eu arfei revirando os olhos, ansiando com seus dedos ali se

lambuzando, fazendo-me carinho na minha entradinha em um ritmo mais rápido.

— Feeeee... Delíciaaaaa! — Ele estava mesmo disposto a me proporcionar um prazer intenso pensando só em mim, ele se doava para me fazer plena e conseguia, ele era perfeito e meu.

Massageou meu clitóris inchado com a pontinha dos dedos, me deixando nas nuvens e sem forças, fechei meus olhos deixando a cabeça cair para o lado, completamente entregue aos movimentos, aos toques delicados no meu ponto mais sensível. Fernando era realmente completo, intenso e sabia como me dar o máximo de prazer. Gritei ao sentir seus dois dedos entrarem numa única vez, circulando em meu interior.

— Delícia, está demasiadamente quente, apertada... — completou agarrando meu quadril com força e, arqueando-o, levou-me à sua boca procurando desesperadamente o meu calor. Eu gritei com a sensação dos céus, agarrada ao lençol abaixo de mim, eu empurrava contra seu rosto, lacrimejando de tesão. Ele tremia à medida que sua língua me lambia impaciente. — Como estava saudoso deste seu

gosto, amor. Da sensação devastadora que é estar assim com você sob meu domínio, só minha. Ah, que saudade de sentir seu sabor na minha boca, salivei muito com água na boca depois daquele sexo virtual...

— Céus, Fe! Não sei como consegui ficar tanto tempo sem esta sensação... Eu te amo... — Ele era a força e a coragem dentro do meu coração, com ele eu me sentia poderosa, desejada, alcançava as nuvens, como se pudesse tocar as estrelas.

Agarrei seus cabelos gemendo, me contorcendo, podia sentir sua pulsação acelerada, forte... como a minha. Era impossível não amar este homem, não desejar da forma como eu o desejava. Eu sabia que tomei a decisão certa em passar por cima de tudo, Sabia que quando Deus nos colocou neste mundo ele já pensou nesta união intensa, não foi uma coincidência ou o acaso, eu me recusava a acreditar, era mesmo obra do destino. Ah... se era!

— Eu quase morri, você demorou muito para se decidir... — disse baixinho, quase num gemido arfante com as mãos na barra do meu vestido, ele deslizava para cima dando espaço aos seus lábios molhados e quentes

trilhando o caminho de minha barriga, deixando um rastro de arrepios pelo caminho até meus seios.

Gente, é puro prazer!

Seus toques estimulavam cada terminação nervosa do meu corpo, eu sentia uma sensibilidade extrema.

— Seu vestido é lindo, amor, mas ele esconde muito de você — sussurrou, mergulhando a cabeça entre eles sem o sutiã, dando leves mordidas em minha pele, me fazendo gemer, traçando círculos com sua língua até alcançar o bico rígido. — Quero ver seu corpo nu, sem barreiras. Ele invadiu meus sonhos nos últimos dias, agora eu o quero em carne e osso, só para mim. — Eu te quero muito, muito! — Sua voz foi baixa, e infalivelmente sensual. — Ajude-me, querida, tire-o e se revele para mim.

Obedeci e, trêmula, tirei o vestido pela cabeça e o joguei à distância. Tudo estava mais do que perfeito, faltava apenas a chuva fazer suas honras. A claridade entrando pela enorme janela, o sol torrando lá fora indicava que a chuva ia mesmo ficar para outro dia.

Suas mãos os moldaram enquanto ele lambia lentamente um, depois o outro, sua língua quente e úmida rodeava

toda a aréola. Ele lambia os bicos de uma maneira delicada que só ele sabia fazer. Meu corpo amolecia e, ao mesmo tempo, recebia choques como se uma corrente elétrica passasse por ele. Um ato repleto de sentimentos, uma energia diferenciada, iluminada, que me dava uma sensação gostosa escapando suspiros de prazer de meus lábios.

— Hum, sua pele está com gosto de fruta... hum... — sussurrou sobre ela respirando muito forte, gemendo alto — Morango... Delícia!

— Acertou, Fe... — gemi, ofegando com os dentes trincados com ele mamando gostoso. — é o meu hidratante.

— Este eu não conhecia. — Sugou-o com vontade. Eu sentia minha vagina quente e pulsando e todo meu corpo estremecia.

Deixou escapar o gemido mais inesperado que já teria saído de sua garganta. Em meio aos gemidos, ele continuou no processo alucinante até nossos olhares se encontrarem e sua língua fazer o mesmo processo de uma forma mais intensa. — Você é muito saborosa... seu gosto

é ardente. — Ele levou a boca novamente a um dos meus seios e o engoliu quase todo, chupou como louco, babando, devorando-o, mordiscando os bicos rígidos, sussurrando palavras carinhosas com sua voz trêmula. Eu sentia algo que eu não conseguia explicar.

— Você é o melhor! Nossa... como você chupa gostoso! Sua língua povoou todos os meus sonhos, Fe...

Ele parou, retirando suas mãos, prendendo meu olhar enquanto se arrastava para cima trilhando minha pele com sua língua.

— Ah, minha birrentinha, vou te beijar muito, lamber você até arrancar seu couro, eu vou te provocar até precisar suplicar... — sussurrou. Rindo, eu neguei com a cabeça e travei, fechei os olhos arqueando, suspirando e gemendo de prazer ao sentir seu pau totalmente duro encaixar perfeitamente em minha vagina latejando, cheio de tesão ao mesmo tempo que beijos eram depositados em meu pescoço, em meu queixo...

— Hummmmm...

— O que mesmo você ia dizer? — Sua voz maldosa me deixou arrepiada. Suspirava sentindo o calor do seu olhar

em cima de mim e abri meus olhos apenas por alguns instantes. Roçando tudo aquilo, me apertando muito e me pressionando contra seu pau exageradamente grande e duro, ele me provocava gostoso. Uma sensação inexplicavelmente boa, é tudo. — E...

Abri meus olhos e me deparei com os dele consumindo minha alma. Circulei seus lábios entreabertos úmidos e carnudos com a minha língua o fazendo suspirar e fechar os olhos.

— Eu nem me lembro mais do que eu ia dizer, meu amor. — Minha voz saiu estagnada. Pressionando sua bunda contra mim, ele remexeu gostoso. — Você é um carrasco, não me permite nem respirar...

Gemendo, devorou minha boca em um beijo lascivo. Nossas línguas se entrelaçavam, uma provocando a outra... Nossas bocas unidas fundiam nossas respirações ofegantes, nos nutrindo um do outro. O calor de nossos corpos aquecia o ambiente anulando o efeito do ar condicionado, o suor minava por nossos poros com a violência de nossas batidas cardíacas. Uma energia demasiadamente louca. Desesperada para senti-lo, eu

enfiei as duas mãos entre nós, abrindo o cós de sua calça.

— Ele está muito apertado aí dentro, ele precisa de ar — murmurei abafado em seus lábios com ele concordando apenas com a cabeça, arqueando o quadril apenas o suficiente para a minha ação, sua boca enlouquecida e desesperada deslizou para fora da minha boca deixando sua saliva por onde passava e mordendo minha orelha, me fazendo estremecer. Seu corpo tremia e sua boca molhada deslizou para meu queixo, beijando, mordendo e fez o caminho de volta capturando meus lábios num outro beijo devorador. Quando abri o cós de sua calça, eu enfiei a mão dentro de sua boxer tomando posse do membro estupidamente grande, grosso, duro e meu, e o pressionei.

— Ah... — ele gemeu em minha boca, e eu estremeci, nossas respirações quentes e aceleradas se fundiam de maneira inexplicável. — Está vendo só o efeito que você causa em mim? — Nossos sentimentos iam além de apenas desejo sexual, era muito maior que tudo que pudesse existir neste mundo. Um sentimento quase descontrolável, louco. Gemendo, trêmulo, tomou minha boca com fúria, com muito tesão, me deixando ainda mais

excitada, beijou meu pescoço e orelhas em desespero. *Nossa, você é o meu sonho de consumo.* — Eu te amo, te amo, te amo...

Com os joelhos ao redor de mim, ele levantou o tronco, seus olhos chispantes de desejo presos aos meus, abrindo os botões de sua camisa enquanto eu admirava cada ponto com a boca cheia de água. Inclinei-me em sua direção e meus dedos deslizaram pelo peito dele, por aquela barriga definida e cheia de gominhos, sentindo todos seus músculos se contraírem embaixo dos pelinhos macios e parei quando cheguei à cabeçona do seu pau duro, que saía pelo elástico da boxer. Eu gemi com a visão, extremamente apaixonada.

— Ah, meu amor — ele arquejou, arrancou a camisa com urgência e a jogou em qualquer lugar e inclinou-se sobre mim passando as mãos pelas minhas costas e me levantou. — Vem aqui, meu amor, vem. — De joelhos, nós nos devorávamos, suas mãos dançavam pelo meu corpo extremamente excitantes enquanto uma delas descia pela minha barriga até meu triângulo, seus dedos brincavam em minha lubrificação. Em transe, eu descia suas calças e

cuecas juntas fazendo-o arfar.

— Eu quero sentir você, meu amor — sussurrei em sua boca apertando tudo aquilo pulsando em minhas mãos. Segurando pelas minhas nádegas, ele me arrastou para fora da cama me colocando em pé em sua frente, eu dei a volta deslizando minha mão totalmente por seu corpo, enquanto ele tremia embaixo dos meus dedos. Colei meus seios em suas costas à medida que desciam as duas últimas peças de roupa até onde consegui e com os pés ele acabou o serviço. Abraçada a ele eu segurava seu pau delicioso enorme com as duas mãos, masturbando-o, enquanto as suas estavam para trás acariciando minhas nádegas, apalpando, me fazendo sentir contrações dolorosamente deliciosas no meio das minhas pernas. Ele arqueou a cabeça descansando em minha testa, totalmente entregue em minhas mãos.

— Você é tão excitante, Fernando — sussurrei, deslizando meu nariz na pele macia de suas costas, com ele pulsando em minha mão num movimento de vai vem delicioso, e sentindo seu coração disparar. Tremendo, ele gemia lindamente esfregando sua cabeça na minha.

Quietinho, ele arfava dando-me total atenção, se alimentando de cada palavra que saía de minha boca. — É a paixão da minha vida... — Pressionei meu rosto, roçando, o sentindo estremecer. — Só meu. Meu coração é somente teu... E desde a primeira vez que eu te vi naquele trágico e mágico acidente. — As palavras saíam sibilantes com a necessidade de respirar em meio a afobação do meu coração. E ele acelerava a cada segundo, enquanto eu sentia o dele. — Eu me rendo totalmente, não dá mais para viver no vazio, Fe... Eu preciso me nutrir de você todos os dias. — Tomei posse do seu saco numa pressão leve com as duas mãos, ele arfou loucamente, rugindo, me deixando arrepiada.

— Ah, que lindo!

Ele se virou de frente para mim, abri um pouco minhas pernas para ele. Segurando seu pau, ele o encaixou no meio delas. Gemi quando senti a cabeça do pênis em contato com o meu clitóris deliciosamente dolorido, deslizando em minha excitação, que já escorria pelas laterais das pernas. — Você é minha mulher, não ouse deixar outro pau, a não ser o meu, te tocar — ordenou

entredentes e enfiou sua língua num beijo desesperador e feroz, com o ciúme pairando no ar.

— Nossa... você é o máximo... — sussurrei com a sensação prazerosa do seu movimento e apertando minha bunda contra ele.

— Me promete, Mary... eu preciso de uma promessa, nunca mais vai permitir que nenhum outro homem sinta você. Você é minha, só minha — segredou em desespero deslizando a boca para meu pescoço, mordiscando, e voltando a devorar-me. Ele literalmente engolia minha boca alucinadamente.

— Eu juro... meu amor... — Segurei nas laterais de seu rosto obrigando-o a me encarar. — Vamos fazer mais um pacto agora, o maior de todos... — Ele concordou com um movimento leve de cabeça, a respiração irregular como a minha e seus olhos verde-escuros de desejo. — A partir de hoje somos um do outro. Fica estabelecido a proibição de nos relacionarmos com outras pessoas, intimamente.

Um sorriso surgiu no canto dos seus lábios e sem se afastar segurou em minhas mãos, colando entre nossos corações disparados. Com sua testa colada à minha,

nossas respirações se fundiam selando o nosso pacto.

— Pacto selado... — murmurou antes de sua língua infiltrar em minha boca num beijo ardente melado, eu estava a ponto de bala, quase gozando. — Como está gostoso tocar sua vulva molhadinha, só minha!

Era incrível a leveza que o Fernando trazia a minha vida. Os trabalhos voluntários sempre me mantiveram ocupada, e me distraíam em relação ao mundo com esta tarefa. Mesmo nos momentos de dificuldades, eu conseguia sobrepor com tamanho amor que povoava meu coração. No entanto, agora não havia como eu seguir em frente sem ele. Era impossível dar continuidade ao trabalho que amo com os sentimentos que se apoderavam de mim. Não dava. Agora tudo o que fazia só tinha sentido com ele por perto. Só ele era importante, e também a oportunidade de ser feliz. Entre nós existia uma espécie de magia do bem. Os meus sentimentos chegavam a ser exagerados, eu daria a minha vida por ele se fosse preciso. Eu o queria proteger de tudo e de todos, até mesmo da Natalie.

As palavras do doutor Fabrício não saíam da minha

cabeça, sobre a verdadeira história que envolveu o meu pai. Chegava até mesmo ser cômico o fato de nossas histórias serem parecidas. Engraçado, de repente comecei a ver nosso encontro como um destino traçado. Tipo: eu deveria ter me esbarrado com ele por algum motivo que desconhecia... era uma possibilidade que se abria em meu coração.

Abandonei seus lábios por uma boa causa, deslizei minha boca trilhando por sua mandíbula com beijos extremamente sensuais, todos os pelos do seu corpo eriçavam de tensão. Não era necessário aquele pacto, eu sabia que nenhum outro homem seria capaz de me proporcionar o prazer que ele me proporcionava, ia além da satisfação do desejo sexual, carnal, havia alguma coisa de alma ali, eu tinha plena e absoluta certeza. Com ele eu esquecia que existia um mundo ao nosso redor, esquecia tudo. Continuei a tortura, descendo por seu abdome de forma sexy, o deixando enlouquecido, seu pau ereto pulsava na expectativa.

De joelhos, eu acariciei da base à cabeça com meus olhos admirados no seu pau gritando pelos meus lábios

carnudos quentes. Com as mãos nas coxas, ele jogou a cabeça levemente para trás sem reprimir aquele puta tesão.

— Que cacete mais lindo, amor. — Passei a língua na cabeça e ele pulou pulsando. Em seguida, passei pelos nervos, o fazendo delirar. — Gostoso! — Coloquei a cabeça na boca e chupei de maneira tortuosa. Senti seu impulso de enterrar na minha boca quando agarrou meus cabelos, mas eu arqueei o impedindo.

— Assim você me mata — protestou entredentes, com seus belos olhos cerrados olhando para mim. Os meus o fitavam maldosos com um sorriso sacana no canto da boca.

— Esta é a ideia, meu querido. Achou que seria moleza? — falei de um jeito meigo, e ele riu.

— Que linda! — Dei mais uma lambida da base até a ponta e apreciei aquele pau ereto, gostoso apontado para minha boca morrendo de vontade dele.

— Você quer mesmo judiar... — Eu assenti passando lentamente a ponta da língua no seu saco, sem chupá-lo, bem lentamente o torturando satisfatoriamente com o

resultado esperado, com seu pau ficando mais grosso e duro, um colírio para os meus olhos. — Sua malvada... — gemeu entredentes, respiração ofegante.

O engoli todinho sentindo-o estremecer, chupando, mordendo, sugando, ele arfava, mexia freneticamente seu quadril contra minha boca.

— Hummmmm... que sabor extraordinário, amor... Ele é só meu, não é? — perguntei movimentando lentamente, abrindo um sorriso tímido me fazendo de santa.

— É sim... ele é o seu prisioneiro, deguste-o... Isso.

Segurando-o pela base, o enterrei deliciosamente dentro de minha boca cheia de saliva, até a garganta, gemendo bem gostoso.

— Ohhhhh, caralho! Que boca é essa? — grunhiu com a respiração falha, inclinando a cabeça para trás e estremecendo de tesão, agarrando meus cabelos com força sem me machucar. — Chupa isso, birrentinha, com sua língua mágica.

Obedeci fazendo o contorno dele, sentindo-o pulsar quase em minha garganta num movimento de entra e sai, profundo e lento. Ele perdia literalmente o fôlego,

gemendo pronunciando palavras picantes bem eróticas, despertando a fúria em mim que mamava nele ao mesmo tempo que o masturbava com as mãos. Rápido e forte, em sincronia com o movimento de cabeça que ele acompanhava agarrado aos meus cabelos.

Foi um momento brutal e extremamente prazeroso o levando à loucura. Ali ficava registrado, sem a necessidade de palavras, o quanto eu o desejava de maneira infinita.

— Nossa! Que boquinha nervosa, ui. Você chupa como ninguém, que gula, que loucura!

— Você é o meu tônico que abre meu apetite, Fe. — Fazia movimentos leves e lentos para degustar seu sabor delicioso ao máximo. Intensifiquei o movimento apertando com vigor, ele gemeu em desespero me puxando para cima.

Obediente com o prazer quase no ápice, minha vagina pulsava de tanto tesão, eu retornei com a cabeça inclinada para cima até nossos olhares ficarem na mesma altura. Seu olhar estava escuro e intenso de desejo. Segurando em seu rosto, o beijei com ternura, amor e tesão deslizando pelos

fios de seus cabelos sedosos, com o meu amor ardendo fervorosamente.

— Meu Deus, Mary, você é linda... Eu não aguento mais...

Eu não respondi, estava impedida pelo êxtase, ele virou-me de costas para ele, colando-me e encaixou seu pau em minha vagina num movimento sensual e extremamente delicioso e empurrando-me em direção a cama. Logo quando subi, ele me colocou de quatro sobre o colchão.

— Tudo bem, amor? — Assenti de cabeça suspirando com ela se contraindo de desejo, se preparando para ele.

Seu pau pulsava em suas mãos com os seus olhos mandando a imagem da minha vagina minando do meu amor em seu líquido. Começou a esfregá-lo duro e carnoso na minha entrada encharcada, dando tapinhas prazerosamente ardidos em minha bunda, escorregando totalmente por ela, brincando até eu não aguentar mais.

— Por favor, eu quero ele dentro de mim — implorei com a cabeça inclinada para trás.

— Claro, amor, estou só saboreando o máximo de você.

Eu quero que este nosso reencontro seja perfeito e eterno.

Como ele era grande e grosso, então guiou seu pênis duro e macio em meu canal escorregadio enterrando devagar, me preenchendo devagarzinho, aguardando o espaço para não me machucar, um fofo! Deslizou cada vez mais fundo dando tempo.

— Quero eternizar este momento — murmurou com a voz falha e seu corpo trêmulo. Sentia-o entrando gostoso, rebolando nele, empinando a bunda contra ele eu pedia mais e mais.

— Huummm… — murmurei mordendo meu lábio inferior com força. — Puta que pariu! Que delícia de pau, que deleite... Está tão duro, tão grande...

— É todo seu, só seu... Sente como ele é gostoso! — Foi me penetrando aos poucos entrando e saindo, entrando cada vez mais profundo. O Fernando era uma delícia, enorme, gostoso, envolvente e de atitude que eu amava de paixão.

Então empinei ainda mais minha bunda, movendo suavemente meu quadril, deslizando-me em seu pau, respirei ofegante quando ele enterrou fundo e forte, parou

e voltou lentamente até tirá-lo me fazendo suspirar. E investiu novamente para dentro e começou a socar me dando tapinhas carinhosos na bunda, me fodendo, com minha carne abrigando-o apertada e ele me comendo deliciosamente. Penetrando-me profundamente com movimentos magnificamente delirantes.

Suas mãos apertaram meus quadris em meios aos seus gemidos, seus movimentos de vai e vem firmes e fortes tocavam em minhas terminações nervosas me causando espasmos.

— Está gostando, amor... estou machucando você, me fala?

— Está sim, Fernando. — Ele travou por um instante, apreensivo, ofegante. — de amor... é o único jeito que você me fere. Se apossou dele e agora ele tem vida própria e só quer você. — Seus lábios pressionaram minhas costas, suas mãos me abraçaram, uma seguiu acariciando meu clitóris suavemente. Ele era demais, sabia onde me tocar... e a outra alternando entre meus seios pendurados em massagens vigorosas.

— Você é gostosa, perfeita e nossos sexos se encaixam

corretamente, você me fisgou de jeito — proferiu em voz baixa e entredentes, estocando mais uma vez forte e bem fundo.

— E eu em você — murmurei num fio de voz, gemendo com ele segurando em meus cabelos numa crina de cavalo, aplicando com mais pressão, mais e mais forte. Ele gritava de tesão com meus músculos apertando-o. Sua pélvis se chocando prazerosamente contra as minhas nádegas.

— Você está me matando — disse ele com a voz rouca, apertando-me contra ele metendo na mesma pressão.

Eu gemi com meu corpo contraindo todo, os espasmos tomavam conta de mim com seus golpes brutais deliciosos.

— Fe... — eu respirei ofegante.

— Oi, amor. — Ele investiu e segurou com força, bem profundo, respirando na pele de minhas costas me deixando arrepiada.

— Vou gozar para você — balbuciei, quase atingindo o ápice.

— Goze! Goze no meu pau! Goze, linda! — ordenou

acariciando suavemente meu clitóris. Enquanto eu me contorcia, ele tirou tudo e foi entrando de volta, bem devagar. Sua mão ainda manipulando minha grutinha inchada, já sensível. E me abraçou com força entrando fundo, desesperado de tesão.

— Ai, Fernando. Você é lindo, amor, ai... — gritava com ele apertando meu grelinho, desesperado, eu sentia seu pau aumentando de tamanho dentro de mim. — Você é lindo, que delícia, eu te amo, delícia... põe tudo, coloca tudo...

— Ah, que tesão... Sente isso, meu anjo? Como é bom estar dentro de você, tão apertada, tão gostosa... Minha mulher. Esculpida por Deus para mim.

— Que lindo isso... Eu vou gozar, amor.. ai...

— Goza, adoro te proporcionar todo este prazer. Você não pode mais fugir de mim, não pode. É uma ordem.

Assenti sufocada com ondas de prazer se espalhando pelo meu corpo, a cada investida as estocadas ficavam mais fortes, aceleraram de novo e eu gozei, gritando, sem conseguir conter as lágrimas que desciam em demasia fazendo caminho por minha bochecha. Pernas bambas com

todo meu corpo trêmulo, atingi o ápice intensamente com as contrações deliciosas que nunca passavam, quase infinitas.

— Meu Deus do céu! Que sensação maravilhosa! — murmurou ele.

Comecei a tremer, ele também e devagar ele se retirou de dentro de mim, e senti seu polegar roçando em meu orifício virgem, eu podia sentir seu ritmo cardíaco acelerado conforme ele pressionava para dentro e libertou-o e penetrou novamente em meu mel.

— Amor... — Sua voz rouca quebrou o silêncio. Com sua mão direita segurou meu pescoço na parte esquerda, e me fez arquear até seus lábios roçarem em meu rosto, respirando em minha pele, passando sua língua, ofegando e deslizando ao pescoço. Com os olhos fechados sentia sua energia, enquanto o dedo da outra mão deslizava em meu néctar. Sentia uma necessidade diferente nele. Ele enterrou para dentro e forte, seu corpo estremeceu como o meu. Ele pedia minha língua e eu dei a ele, ele a devorou, chupou com firmeza. — Ai, meu amor, eu quero foder você inteira, eu quero saborear tudo de você, completa.

Por favor, não me nega nada, me deixa sentir tudo de você — balbuciou, eu fechei meus olhos certa e na expectativa. — Eu quero experimentar tudo de você. — Havia tanto desespero no seu pedido, segurando firme meu rosto, beijando o meu pescoço, pedindo minha língua, que aquecia meu coração. Inclinei mais minha cabeça dando-lhe o que ele pedia. Ele a engoliu com fome, chupando-a com vontade. — Por favor, não me nega nada...

— Eu não vou negar nada para você, hoje é tudo seu, eu sou toda sua, experimenta tudo... Eu quero sentir você por completo também.

Ele me beijou com paixão, com amor.

— Ah, meu amor, eu te amo, te amo...

As pontas de todos os seus dedos trilharam por minha coluna delicadamente à medida que seu corpo mergulhava sobre o meu, até a lateral do meu rosto afundar no travesseiro macio. A sensação era única, meu corpo todo entrou numa espécie de levitação, aquele arrepio generalizado com o seu carinho e cuidado. Era inexplicável o que eu sentia em seus braços e, pela intensidade, eu sabia que o mesmo sentimento estava nele,

tudo em nós era recíproco. Nós nos completávamos, nos tornando dois em um.

— Fica tranquila, meu bem, relaxa que eu serei cuidadoso, não vou te machucar, eu prometo, vai ser prazeroso — sussurrou em meu ouvido jorrando seu hálito quente e excitante, com sua mão fazendo cafuné no alto da minha cabeça. — Você confia em mim, não confia? — Assenti arrepiada com a respiração descontrolada na expectativa. Nunca experimentei, mas estava muito excitada para conhecer o efeito.

— Confio plenamente em você, Fe... Me completa, amor.

— Vou te foder muito gostoso.

— Tá bom... — balbuciei.

Sua respiração ficou ruidosa à medida que, com as mãos em meu quadril, ele foi arqueando e o levantando junto a ele, minha bunda ficou bem empinada, muito receptiva e ouvindo seus suspiros de satisfação me preparei para recebê-lo. Fechei meus olhos arfando com um dos seus dedos em meu orifício enquanto sua outra mão alisava minhas costas com carinho, passando a

segurança necessária.

— Sua pele é tão macia, Mary. — Engoli em seco, sentindo algo diferente dentro de mim e era bom. E travei a respiração ao sentir a enorme cabeça do seu mastro me tocar. Meu corpo enrijeceu embaixo dele.

— Relaxa, amor, respira fundo porque eu não vou deixar você sentir dor, eu prometo. — Seus lábios pressionando minhas costas me fizeram relaxar completamente.

— Seja carinhoso comigo, tá?

— Sempre, amor — respondeu na maior sutileza na tentativa de me preparar, mas eu já estava preparada. Embora estivesse com medo do desconhecido, eu o queria e queria dar tudo a ele. Primeiro, ele penetrou na minha vagina lambuzando-o em minha excitação e encaixou e foi entrando devagar. Relaxando, eu fui sentindo seu pênis grande e grosso, mas macio invadindo-me. Eu sentia uma mistura de dor e prazer quando ele chegou ao fundo e pressionou gemendo alto, forte, de tanto tesão com movimentos mais intensos fora de si quase agressivo. Uma delícia que com toda a certeza do mundo queria repetir

muitas outras vezes.

— Porra, Fernando! — gritei empurrando contra ele, o deixando numa loucura alucinante. Ele me completava sem dúvida alguma, a sensação pelo meu corpo chegava ao extraordinário, inimaginável, e fiz questão de deixar claro a ele o quanto estava amando a nova experiência. — Coloca tudo, meu machão, garanhão, gostoso... vai... Está muito bom isso... — Ele arremeteu com muita força, oscilei primeiro e depois relaxei mais quando seu pênis se abrigou todo dentro de mim. Comecei a gemer baixinho dizendo palavras picantes o deixando louco, vi que ele curtia tudo aquilo e eu estava adorando aquela possibilidade.

— Mesmo amor, não está doendo, quer que eu pare? — Um amor, a sua preocupação e carinho comigo só me dava uma certeza: eu nunca negaria nada a ele, nada. E me deixou com mais tesão.

— Está delicioso, amor. Continua! — Minhas palavras encorajadoras o deixou liberto e gemendo alto, socando forte e gostoso. — Isso, continua, continua... Uau! — Suas mãos soltaram dos meus cabelos e seus dedos vieram ao

meu clitóris, massageando com vigor e penetrando-me fundo. Ele me possuía de todas as formas, devorou até a minha alma, uma sensação de outro mundo.

Experimentava momentos inesquecíveis com ele me dizendo palavras românticas e sedutoras.

— Minha linda... Aaahhh, que agradável... Eu te amo, minha gostosa... Eu te amo, você é o meu melhor presente. — Ele respirava forte e começou a movimentar devagar me fazendo sentir um pouco de dor, mas muito mais de prazer. Sentia o saco dele bater na bunda.

— Aaaaaahhh, Fernando, você é o cara, é o melhor... Isso, vai, continua, que está uma delícia. — Gemi, com a excitação me dominando. — Eu vou gozar de novo...

— Vem comigo, lindinha... — Seu fôlego estava estrangulado em seu peito e explodiu por sua garganta, inundando meu interior com jatos fortes de seu sêmen morno. Uma sensação deliciosa, preciosa.

— Você é demais, única — murmurou. — Gos-to-sa! — Meu corpo todo se contraiu e os pelos se arrepiaram.

Ele deu uma última e forte estocada e parou por um tempo, respirando fundo e continuando de leve até tirar de

dentro. Agarrado à minha cintura, ele me apertou, me levantando, arquejei. Nossos corpos se uniram, um sentindo o coração do outro batendo numa mesma sincronia, trêmulos suados. Carinhoso, ele prendeu meus cabelos no alto da minha cabeça depositando beijos arrepiantes na minha nuca, descendo para meu ombro. E segurando em meu rosto virou, depositando beijos na minha face, lambendo e aspirando profundamente sobre minha pele.

— Obrigado meu amor. Essa foi a melhor transa da minha vida — sussurrou em meu ouvido. Inclinei minha cabeça descansando em seu ombro.

— E você realmente sabe me satisfazer... Estou mole! — Ele estremeceu me deitando sobre a cama com tanto jeito que me apaixonei ainda mais. Seus olhos repassavam pelo meu corpo numa espécie de admiração.

— Só com você que é assim. — Seus dedos apertaram um bico dos meus seios ainda rígidos. Então, deixou-se cair deitado ao meu lado. Passando uma mão por baixo do meu corpo, me abraçando forte, ficamos um de frente para o outro, ofegantes após o ato dos céus. — Vou te dar o

mundo, Mary, quero transar com você todos os dias, toda hora. Não me abandona mais, por favor. Deus traçou o nosso caminho para ser assim, juntinhos. — Beijou a ponta do meu nariz e eu sorri feliz, saciada.

— Eu sei, amor... — Seu olhar deslizou por todo o meu rosto. — É nisso que creio, por isso estou aqui com você. Para lutar ao seu lado, sempre.

Ele sorriu com os olhos marejados, como se não acreditasse no que estava acontecendo. Na verdade, nem eu acreditava, estava sendo muito bom para ser verdade. Balancei a cabeça para dissipar aquele pensamento, pois poderia parecer agouro. Já sofremos o suficiente, agora era só colher nossos frutos bonitos e perfeitos. Ele me beijou, um beijo calmo, com amor...

— Eu vou adorar te fazer enlouquecer todos os dias... você é tão intensa... Linda! — sussurrou em meus lábios. — E dessa vez vai habitar a minha cama — ele disse e me deu um beijo forte, me deixando sem fôlego.

— Uma proposta tentadora, seria maravilhoso se fosse possível acordar com você todas as manhãs. — Um aperto enorme tomou meu peito, senti meus olhos encherem-se de

lágrimas. Seus olhos se apertaram e sua mão veio ao meu rosto em forma de concha.

— Falta pouco para este tormento acabar. Se Deus quiser, e ele quer, meus filhos nascerão com saúde. E então vou resolver tudo muito rapidamente. — Uma lágrima fugiu sem que eu pudesse conter, ele me abraçou forte. — Não deixe este sentimento contaminar seu coração novamente. Seja corajosa e lute comigo, eu te imploro, Mary. — Assenti apertando os lábios um sobre o outro enquanto seu polegar secava minhas lágrimas, gentilmente.

— A minha decisão já foi tomada, não voltarei atrás por nada neste mundo. Agora estamos mais fortes, mais unidos do que nunca.

— Isso, meu anjo, isso mesmo. — Ele beijou-me longamente, orgulhoso e feliz.

— Estamos juntos e misturados...

Rimos um pouco com ele me envolvendo ainda mais em seus braços, o silêncio permitiu ouvir nossos corpos reagirem ao contato. E nesta magia, exaustos, adormecemos.

Capítulo 12

Fernando

Eu não me importaria se o mundo acabasse hoje, eu estava realizado com o meu bem querer ali em meus braços, o desejo à flor da pele. Minha vida se tornou dourada, amarela, vermelha, azul, verde, rosa, um show de cores. Um verdadeiro e perfeito arco-íris e não estava refletindo apenas no horizonte, ela estava ali em meus braços, seu hálito morno e perfumado batendo em meu rosto, me enchendo de amor, de desejo, seus olhos se movimentando dentro de suas pálpebras, fazendo meu coração palpitar. Envolvi-a um pouco mais em meus braços, sentir a textura de sua pele tinha o poder de me acender intimamente, sentia aquelas contrações prazerosas em meu pênis em total ereção, louco, pedindo pelo seu calor de novo, que agora era meu, todo meu! Da mesma forma que ele pertencia a ela, esta foi a nossa promessa. E promessa não se quebra assim...

A luz natural do sol da tarde batendo na janela de vidro especial que bloqueava o calor, iluminava o quarto sem

alterar o clima refrescante com o ar condicionado ligado. O meu calor era outro, atração, excitação. Respirei fundo, o cheiro floral do seu perfume me faz vibrar com aquele desejo me consumindo, eu queria arrastar para mais perto, pressioná-la, mas ela estava num sono tão gostoso, daqueles que a pessoa não tinha há muito tempo.

Era nítido seu estado exaustivo.

Trinquei os dentes com meu corpo arrepiado, com meu coração na mesma batida de um tambor, me deixando já sem controle para alimentar meu corpo de sangue. Meu pau atraiu todo meu líquido viscoso, quente e vermelho para ele, pulsando, apontando na direção da Mary necessitadíssimo, seduzido pelo calor que emergia dela. O lado bom é que agora a briga cessou, agora meus órgãos entraram num acordo passível, eles compreendiam um ao outro.

Nós a queríamos, nós a desejávamos em uma parceria perfeita. Ela respirou profundamente, seus lábios entreabriram apenas uma frestinha, um sorriso terno se espalhou pelo meu rosto, ela tinha este poder sobre mim de aquecer meu coração. Segurei seu queixo, beijando as

pálpebras levemente fechadas, e um sorriso lindo surgiu em seus lábios.

— Oi, amor... — Ela semicerrou os olhos, e por entre as pálpebras quase fechadas, fixou em meus lábios pedindo por eles. Inclinei minha cabeça pressionando meus lábios nos dela, com nossas respirações pesadas se misturando uma a outra.

— Como é bom acordar com você... — murmurou em minha boca. Enrijeci passando a língua ao redor de seus lábios antes de invadir num beijo molhado e lento, à medida que me arrastei roçando minha ereção no meio das suas pernas, que o recebeu com um tremor extraordinário.
— Amor... que delícia... — Suas palavras proferidas jorravam um ar repleto de partículas sexuais fazendo meu garotão pular de desejo. Aspirando todo aquele ar contaminado de tesão, eu a apertei com mais força.

— Vou te dar este presentão todos os dias... — sussurrei e pausei explorando sua boca quente, chupando sua língua tomando tudo dela, que me deixava embriagado. — Todas as horas, minutos, segundos... Eu preciso de você até o fim... — eu suplicava, hesitante.

Embora estivéssemos bem ali, ainda assim existia o risco dela escapar novamente por entre meus dedos, afinal eu ainda estava aprisionado com a Natalie. Na verdade, com os meus filhos que ela carregava em seu ventre.

A minha preocupação ficou nítida com o silêncio que se estendeu. Eu chorava por dentro e ela conectada a minha alma teve a percepção, suas mãos vieram ao redor do meu rosto e puxou-me para um beijo fortalecedor... Ela me encorajava, eu senti sua intenção.

— Fe? — sussurrou em meus lábios olhando profundamente em meus olhos. Tudo lá dentro ficou agitado, ela tinha este poder de atravessar a barreira do impossível e chegar a minha alma. Suspirei profundamente e acho que deixei escapar o soluço dos lamentos internos.

— Hum... — engasgado, eu estava com aquele nó na garganta. Eu nunca fui tão temperamental na minha vida antes de conhecer a Mary.

— Eu posso imaginar no que você está pensando, mas olha... — Um sorriso postou-se delicado em seus lábios sedutores e uma sensação quente tomou meu coração,

dando a certeza de que eu tinha o seu apoio e era apenas isso que precisava. Retribuí com um fraco sorriso, comovido, e ela beijou a ponta do meu nariz antes de continuar: — Agora eu estou do seu lado e pretendo continuar, eu quero e vou ter um futuro com você. Acho que a paciência e o pensamento positivo agora deve fazer parte no nosso cotidiano. — Eu assenti com uma onda de alegria me consumindo. Ela me passava uma confiança de que eu a teria comigo dali por diante, um sentimento de tranquilidade se apoderou de mim. Uma chance que eu não desperdiçaria. Abri um sorriso contagiante e a beijei com força compulsivamente, pressionado tudo de mim nela e ela rosnando na mesma ânsia, rebolando nele.

— Chega de lamentos, fofinha... — sussurrei estagnado com meus lábios deslizando pelo seu rosto depositando beijos apaixonados, segui rumo a sua orelha, enfiei a língua sentindo ela estremecer em meus lábios.

— Nossa... que tesão! — pronunciou descendo sua mão pelo meu peito em direção ao meu pau, que pulsou. — Eu quero ele, agora — implorou com urgência. Na mesma urgência, eu a virei de costas para mim.

— Vira pra mim, amor. — Ela suspirou profundamente e trêmula quando ele encostou na sua bunda quente e minha. Sabe quando as nossas células sabem que aquela pessoa é sua alma gêmea? Era exatamente assim que me sentia, totalmente dono dela.

— Ele cutuca muito gostoso, Fernando. Uauuuu! — Eu podia ouvir os ranger de seus dentes. E encaixei na portinha sentindo ela arfar empurrando seu quadril contra ele, sua lubrificação estava perfeita e ele escorregou cavando em seu espaço apertado lentamente. — Nossa... nossa... — Ela delirava, vibrando com os dois braços estendidos se oferecendo por inteira. Abracei-a fortemente, me deliciando em seu clitóris inchado enquanto a outra mão acariciava seu seio farto, quero dizer meu, só meu e de mais ninguém.

— Hum, amor... você é deliciosa... — murmurei na pele macia e perfumada de suas costas movimentando meu meninão devagar para dentro e para fora degustando-a. *Que sabor maravilhoso, único.* — Eu mato qualquer um que colocar a mão em você, Mary — rosnei em seu ouvido sentindo-a estremecer para mim.

— Então, você nunca será enquadrado no Art. 121 do código penal (Homicídio), amor... — Suspirou gemendo com a minha estocada. *Nossa, como ela é saborosa.* — Ninguém mais além de você vai me tocar... — Suspirou novamente com mais uma forte investida. — mas isso não lhe tira o título de criminoso, como já te disse, você é o ladrão do meu coração. — Enfim, completou num fiozinho de voz imperceptível, que para mim soou como o som de um trovão. Aquela promessa dela nunca seria quebrada, eu não permitirei.

— Hum... — gemi enterrando até o talo com ele latejando e crescendo no aperto dela, pressionando seu ventre contra mim. Uma sensação dos Céus! Sentindo suas contrações internas, segurando em seu pescoço em busca da sua língua quente, ela inclinou a cabeça entregando-a para mim, que engoli sugando sua saliva doce, densa e minha. — Eu não sabia que você conhecia sobre o código penal brasileiro — balbuciei quando soltei sua linguinha fofa.

— Você ainda sabe muito pouco de mim... — ela gemeu alto com minhas estocadas fortes de vai e vem ritmadas e

perfeitas. Meu corpo entrava numa tensão com espasmos fortes e sentia as delas também. — e eu quase nada sobre você — declarou ela, gritando, com seu corpo trêmulo como o meu. — Ai, amor, aiiii... eu vou gozar. — Sua voz sumiu com a respiração veloz. Enterrei forte e segurei, enfiando a língua em eu ouvido, massageando forte seu clitóris com ela se contorcendo ali em meus braços. *Meu Deus! Que sentimento é este que nutrimos um pelo outro?*

— Geme para mim, amor, geme. — E ela rosnava alto, sem pudor. Causamos uma poluição sonora naquele quarto com os gritos e as batidas de um tambor de nossos corações. Enlouquecido, comecei o movimento de vai e vem, fundo e forte, com ela implorando mais e mais. — Goza no meu pau, dê a ele todo o alimento que ele precisa, Mary. Eu te amo, minha gostosa... — Ela assentiu ajudando no movimento. Éramos dois descontrolados nos sentindo da forma mais intensa deste mundo, primitiva na verdade.

— Ahhhhhh... — Seu gemido profundo veio com um jato morno abraçando meu pênis de uma forma

inexplicável, tudo era muito claro e me causou um tremor generalizado pelo meu corpo aumentando a tensão à medida que, latejando dolorosamente, ele crescia e então explodiu jorrando esperma por todo seu interior. Eu podia sentir toda a movimentação prazerosa em seu interior inundado. — Fe... — Se contorcendo, ela me chamou em voz alta, estrangulada, vibrando em transe. Senti uma sensação imediata ao ouvir meu nome sendo proferido por seus lábios inconscientes, ela ainda estava no mundo do delírio. Estava difícil descrever o que eu estava sentindo ali, ofegante, era uma extrema atração por sua voz doce que se espalhava pelo ambiente. Eu me sentia levitando, com a certeza de que era exatamente aquilo que desejava na minha vida. Eu precisava dela na forma mais completa, como ela com certeza me desejava. Ali, em seu mundo, eu absorvia tudo o que se passava no seu interior. *Que sensação incomum.*

Encolhi meu corpo aconchegando o dela no meu, com minhas mãos em seu estômago e as dela sobre as minhas. Nossos corações se acalmavam juntos e, à medida que a respiração encontrava seu equilíbrio, o tremor diminuía.

Tudo era absoluto ao nosso redor.

— Você foi feita para mim, Mary — eu falei quebrando o silêncio enquanto ela se aconchegou ainda mais em meus braços.

— E você para mim — disse ela sendo tomada por um forte e alto soluço, acompanhado com um ronco no seu estômago e acabei rindo com a crise de soluço que se agravou. — Ah, desculpa. — Soluçou novamente. Eu a virei de frente focando em seus olhos fundos, era bem leve, mas ainda assim, existia uma pequena olheira embaixo dos seus olhos. Ela sorriu envergonhada.

— Você está com fome, meu amor?

— Morrendo... — Seus olhos se arregalaram em apetite com a minha pergunta que me deixou comovido. Uma sombra tomava o ambiente. Seus olhos desviaram em direção à janela atrás de mim, e ela suspirou admirada. Eu me virei rapidamente, começava a escurecer com o sol se pondo no horizonte. — Não havia dormido ainda, por esta razão dormi tanto, estava exausta — explicou ela.

— E, pelo que estou notando, também não se alimentou, né? — disse ao me virar e selei seus lábios. Ela negou

com um movimento leve de cabeça. — Vamos já dar um jeito nisto.

— Não sai de perto de mim, amore... — pediu ela segurando em meu braço quando me levantava e, sorrindo, eu inclinei-me para beijá-la bem rapidamente.

— Eu não posso correr o risco de você morrer de desnutrição — disse com humor fazendo-a rir gostoso e abriu os braços. Sacudi a cabeça suspirando com a imagem que se formou ali sobre o colchão. Com os braços estendidos e os cabelos loiros espalhados pela fronha branca, ela parecia um anjo rebelde, linda... Não resisti tamanha beleza, saltei novamente sobre ela e tomei-a em meus braços e o beijo intenso foi inevitável. — Não posso viver sem a minha birrentinha, não mesmo! — murmurei em seus lábios esfregando os meus neles, a sentindo gemer presa muito forte e meu pau em alerta, enfiado no meio das suas pernas.

— Nem eu, meu amor... então vai logo pedir esta refeição. Com a fome que estou, se fizer amor mais uma vez acho que parto desta vida, com certeza. — Estremeci com aquela possibilidade sinistra e cobri seus lábios

silenciando-a.

— Nunca mais pronuncie coisas deste tipo, birrentinha... — Ela fez um biquinho lindo com a minha cara de bravo. — Se você morrer, eu mato você. — Caímos na gargalhada e saltei da cama antes de penetrá-la novamente. — Preciso me controlar, a cautela precisa estar acima de tudo.

— Lindão...

Eu estava me sentindo leve, flutuando, feliz e segui em direção à bancada de madeira na parede pegando o cardápio e me virei. Pisquei com malícia, com as mãos atrás da cabeça, seus olhos brilhando e tarados davam uma geral pelo meu corpo, meu garoto já ereto logo pulou e apontou para ela. — Calminha aí, maninho. — Segurando-o firme, apontei para ela, rindo gostoso. — Precisamos dar outro tipo de comida a ela... calminha.

Ele não conseguia ficar longe dela, nós não conseguíamos.

— Você é muito hilário, Fernando... — Sacudi ele e ela caiu na gargalhada. — Meu lindo!

— Gosta de cordeiro, meu amor? — perguntei com

meus olhos percorrendo o menu.

— Adoro...

— Então somos dois. Eles têm uma especialidade de encher a boca de água — disse, já decidindo o nosso pedido. O famoso prato *Colorado Lamb* Chop (carne especial de cordeiro, com osso), saboroso e macio, acompanhado de legumes e purê de batata. E para sobremesa, sorvete acrescido de pudim de caramelo e um bom vinho para acompanhar. Este reencontro precisa estar nos trinques, perfeito e completo como o nosso amor.

O quarto ganhava um tom romântico com a sombra ganhando todo o ambiente.

— Amor, vem aqui assistir comigo, o pôr do sol no deserto é lindo — chamei com a mão estendida em sua direção, empolgado com tamanha beleza. O céu limpo sem nuvens ganhava tonalidades de rosa, amarelo e laranja. E a coloquei à minha frente colado nela, com minhas mãos pressionando levemente seu estômago vazio, que soava seu desespero por algum alimento. — Seu estômago está bem bravo — sussurrei ao seu ouvido com ela suspirando de queixo caído com o esplendor que se apresentava

diante de nós.

— Realmente é um grande espetáculo! É a primeira vez que me deparo com um visual de tirar o fôlego como este — disse ela com sua voz macia e doce arregalando os olhos. Feliz esfregou-se em meu corpo. O calor do seu corpo era fonte de energia positiva que me trazia muita paz, muita mesmo!

— É mesmo um espetáculo de tirar o fôlego, e combina com todos os momentos sensacionais e inacreditáveis que tivemos hoje! — Apoiei o queixo em sua cabeça e fechei meus olhos, sentindo as batidas do seu coração se intensificar me deixando arrepiado.

— Só faltou mesmo a chuva para completar...

Sorrindo eu a virei para mim, segurei em seu queixo e beijei suas pálpebras fechadas. Gemendo ali, eu sentia suas pernas bambas toda entregue aos meus cuidados.

— Eu acho que ela ainda pode nos fazer as honras — sussurrei sobre seus olhos. Sorrindo, ela os abria devagar.

— O quê? Mais um dom que eu não conhecia, além de domar o coração de mulher! — Suspirei com seu jeitinho sorrateiro. — Só falta o senhor fazer a dança da chuva,

agora. — Joguei minha cabeça para trás numa forte gargalhada e ela riu também. — É porque você faz tudo...

Gente, eu quase me esborrachei de rir, sentia dores fortes musculares no abdome. Nas pontas dos pés, ela selou seus lábios nos meus, enquanto ríamos um na boca do outro. Muito divertido e bom, um momento de descontração e muito leve. Passei minhas mãos ao redor de seu corpo colando-me a ela. Focando em seus olhos fundos de fome, tentei recuperar o equilíbrio, embora estivesse difícil com ela fazendo aquela carinha de curiosa.

— Não é nada disso, sua engraçadinha. — Beijei-lhe a testa.

— Ah, bom... eu já pensei que você era adepto a bruxaria — completou com as sobrancelhas arqueadas com aquele ar de suspense.

— Você não é Maria, mas é cheia de graça, hein? — Apertei-a e ela jogou sua cabeça para trás, rindo alto. — Eu não conhecia este seu lado sarcástico.

Ela se jogou para frente segurando nas laterais do meu rosto, roçando a ponta do seu nariz no meu, tão fofinha,

parecia uma menininha sapeca...

— Como eu disse, você sabe muito pouco a meu respeito. — Suspirou chateada fazendo biquinho. — E é melhor já começar a narrar seu passado, ainda estou em desvantagem neste quesito.

— Tem razão, chegou mesmo o nosso momento das revelações, tomar nosso sorvete, assistir um bom filme regado a pipocas e com aqueles copos gigantes de refrigerantes. — À medida que eu falava, ela sorria apaixonada. E eu continuei: — Aliás, nós já fizemos nosso próprio filme. — Arqueou as sobrancelhas, sem entender. — Sim... o que vivemos hoje, fugindo do calhorda, pela Strip, é digno de cena de filme. — Caiu na gargalhada.

— Seu besta — Bateu em meu braço, encantada.

— Passear pelos parques de mãos dadas. — completou ela.

Eu concordei.

— O nosso jantar já está garantido, precisamos marcar o nosso almoço, café da manhã... — prossegui.

Rindo, seus dedos deslizaram pelo meu tórax,

passeando por eles, suspirando e me fazendo arfar com aquela sensação única. Então, ela desceu riscando com as unhas em direção ao meu garotão aceso e agarrou com força.

— Ah... — Suspirei trincando os dentes fazendo careta. — Não faz isso, amor, ele vai querer você de novo, nós vamos querer — consertei com sua língua circulando o bico rígido arrepiado do meu mamilo. — Só que está fraquinha... Ai... — reclamei com ela mordendo-o acendendo um fogaréu dentro de mim... Meu sangue ferveu em minha veia e toda aquela energia emergindo de nosso corpo já começava a pairar no ar abafado. A reação em nossos corpos entrava em ebulição, literalmente. — Jogo baixo, gatinha, jogo baixo. — Ela afastou-se, rindo, e fitou-me com seus olhos escuros de desejo, respiração curta, toda trêmula como eu estava.

— O corpo humano precisa repor as energias, tem razão, meu querido. Agora explica como você pretende trazer a chuva — cobrou-me novamente com aquela carinha de dúvida sorrateira, linda.

Agarrei-a por trás colando em sua bunda empinadinha,

durinha e a empurrei para mais próxima da janela. A magia tomava conta da cidade com noite quase absoluta, com suas luzes acesas.

— Não é lindo, meu amor? — Ela concordou com a cabeça. — As luzes da cidade vai tornar o jantar muito mais romântico... — sussurrei em seus cabelos sentindo sua vibração. Levantei seus cabelos, passando meus lábios por sua nuca, vendo sua pele arrepiar e, em um suspiro profundo, deslizei para seu pescoço sempre aspirando o perfume de sua pele e cheguei a sua clavícula.

— É lindo! — exclamou ela. — Não há como não ficar deslumbrada com a paisagem. — Arqueou a cabeça para meu ombro e roçamos nossos rostos, com os olhos fechados, enfeitiçados pela magia do momento.

— Lá embaixo tem uma fonte mágica, é lá que vamos encontrar a nossa chuva, não se trata de magia nem bruxaria — expliquei defendendo-me, ela se virou e me beijou longamente.

— Ficou encafifado, foi? — disse ao se afastar. Eu ri e neguei com a cabeça.

— Só uma justificativa... — Coloquei alguns fios

dourados caindo-lhe sobre o rosto atrás da orelha, ela fechou os olhos durante a ação. Nos curtíamos na mais profunda paixão. — Vamos tomar um banho antes do nosso jantar chegar. E depois caminharemos pela cidade, tem muita coisa linda para conhecer, meu amor. Oficializaremos o nosso namoro definitivamente. — Um sorriso radiante se abriu em seu rosto de uma orelha a outra.

— Eu gostei da palavra namoro. — Sua voz doce lambuzou meu coração, não resisti passar a língua como um animal selvagem pela sua face e ela estremeceu, agarrando meu pescoço com força. — É mais agradável do que amante — disse num fio de voz triste e aquilo cortou meu coração.

— Só para lembrá-la, eu não estou casado, portanto a senhorita não é minha amante. Será sempre a minha oficial — garanti pegando-a em meu colo seguindo em direção ao espaçoso e luxuoso banheiro em mármore com torneiras e acessórios dourados, ela ficava embasbacada com o cômodo, afinal era mesmo digno de suspiros. — E logo, logo, se Deus quiser e ele quer, oficializaremos nossa

união com o nosso casamento. — Ela sorriu com seus olhos brilhando, linda. Ela encostou a cabeça na minha e fechou os olhos como se estivesse visualizando o que eu dizia. — Será a cerimônia mais linda de todo este mundão afora. — Pausei enquanto a depositei sentada diretamente dentro da enorme banheira.

— Está profetizando, meu amor? — perguntou jogando-se de costas

— Sim... e vai ser na paróquia mais sofisticada. — Parei para ligar o registro. — Agora, eu vou esfregar o corpinho da minha princesa, tirar dela a secreção que deixei com meus beijos alucinantes, para sujá-la daqui a pouco novamente. — Ela ria do meu jeito humorado. Não tinha como estar diferente, ela tornou mesmo o meu mundo colorido como eu desconfiei. Era real com ela porque desaparecia o sinistro, deixava de existir o branco e preto, só a cor ilustrava à minha frente.

— Nossa, que água gostosa! — ela exclamou quando a água morna jorrou por debaixo de seu corpo lindo. Eu entrei na banheira e a puxei pelos joelhos, passando suas pernas em volta de mim, de forma que nossos sexos se

encontraram. Aprisionando de frente a mim, atarracando em sua cintura.

— Pronto, agora você está aprisionada, não vai a lugar algum — avisei-a sério.

— E quem disse que eu quero? — Selamos mais um beijo perfeito.

— Quando eu tinha oito anos, minha família veio passar as férias aqui em Las Vegas — comecei a narrar sobre mim, ela inclinou a cabeça descansando sobre meu ombro e com seus olhos iluminados sorria atenciosa em meus lábios. — Num quarto como este, e a família toda se apertou numa banheira deste mesmo tamanho. — Ela apertou os olhos, curiosa. — Eu, minha mãe, meu pai e o Leonardo, que tinha seis anos. Meus pais eram muito apaixonados, enquanto eu e o Leo fazíamos uma guerra com as espumas — falei pegando um frasco com xampu, já que me lembrei dela com meus pensamentos de criança me dominando, e joguei sobre as águas já na metade da banheira, depois os sais de banho, sem parar com a explanação: — Enquanto eu e o Leo aprontávamos, os dois se beijavam, se curtiam e nós dois fazíamos aquela

careta de nojo. — Ela se divertiu. Suas mãos espalmadas passeavam por minhas costas até minha bunda e voltavam com as unhas me riscando, me deixando em ponto de bala. Meu pau pulsava em contato com ela embaixo da água. Porém, eu estava ciente de que deveria poupá-la, pelo menos até alimentá-la.

— Eu sei bem como é isto — comentou ela. — quando se é criança é meio nojento, né? — Passei a língua inteira em seu rosto e ela se encolheu, rindo.

— A gente não tinha ideia do quanto é gostoso. — Lambi de novo e ela deitou a cabeça em meu ombro, pressionando o rosto em meu peito e ficou ali, ouvindo as batidas do meu coração. Com as pontas dos dedos jogava água já espumada em suas costas e mergulhei minhas mãos por ela até suas nádegas, apertando-a ainda mais contra mim.

— Maravilhoso! — sussurrou pressionando os lábios em minha pele.

— Demais — sussurrei capturando seus lábios. — É ainda melhor com quem a gente ama. — Ergueu a cabeça, me olhando séria. Havia muita indagação nas sombras dos

seus olhos.

— Você teve muito contato com a Natalie quando eram garotos? — questionou num fio de voz, frustrado.

— Ela veio bem depois. — Levei minhas mãos ao redor de sua cabeça, obrigando a manter os olhos sobre os meus, que ameaçaram baixar. — Era a caçula e acabou virando nossa irmãzinha.

— E este interesse dela em você, veio como, quando?

— Nem sei, Mary — fui sincero.

— Um dia, na festa de aniversário dela, se eu não me engano, de 16 ou 17 anos mais menos, e ela se declarou apaixonada. — Os olhos da Mary se encheram de lágrimas, eu passei as mãos pelo seu pescoço, a abraçando forte. — Não fica assim, amor. Por favor. — Segurando em sua cabeça, pressionava sobre meus ombros, enquanto ouvia suas fungadas. — Nunca na minha vida eu coloquei minhas mãos nela, pelo menos são. Embora eu tenha assumido a paternidade, ainda restam dúvidas... eu não sinto que tenha tocado nela, entende? — A Mary assentiu em silêncio soltando o ar devagar. — Eu já a pressionei, no entanto ela afirma que aconteceu... É

uma filha da puta! Poderia, pelo menos, ter tido a decência de se precaver usando preservativo no estado como eu estava... — soltei com ódio no coração e dei de ombros. Ela se afastou para me fitar.

— Não diga isso, meu amor! Apesar de tudo, ela carrega seus filhos em seu ventre. Filhos sempre são uma bênção. — Fiquei ali, com olhos fixos em sua expressão pura, não compreendia como poderia existir alguém como ela neste mundo injusto. Apesar de todo sofrimento que recaiu sobre ela, ainda conseguia ver o lado bom das coisas, era inacreditável isso! — E eu não sinto nenhum rancor em relação a sua prima, até mesmo depois que ela me ameaçou... — ela finalizou manhosa, como se ela fosse a vilã de toda a história e pausou. Segurando em seu rosto, colei minha testa a dela, e seus lábios reprimiram com força no instante que seus olhos marejavam.

— Você é apenas uma vítima, meu amor — confortei-a.

— Não estou tão segura disto... — ela pausou e respirou fundo, magoada. Sentia sua angústia, fitando-a com confusão. — É como a Natalie mesmo falou, eu posso... —Franzi a testa sem entender quando ela parou

no meio da frase. Ela se afastou e desviou o olhar, fugindo dos meus. Intrigado, segurei em seu rosto, obrigando-a me encarar.

— Completa a frase... não me esconda nada, por favor — ordenei sério e, ao mesmo tempo, indignado, já com aquela vontade de esganar minha prima só em pensar que ela tenha chateado o meu amor. — Ela negou.

— Por favor, não quero que desenvolva nenhum sentimento negativo em relação à sua prima. Eu nem deveria ter comentado isso. Esquece, não foi essa a intenção, e... — Agora quem negou foi eu.

— Fala logo, Mary — interrompi-a. — Eu tenho o direito de saber — insisti com meus olhos cerrados e o semblante fechado, talvez isso a intimidou.

— E para que causar desavenças... — Sacudiu a cabeça. De seus olhos emergia a sinceridade mais pura que já vi na vida. — E por outro lado já pensei muito a respeito, não vejo esta gravidez como uma forma de ferrar a gente, não sei... — Ela é mesmo linda por fora e por dentro, como ela é especial. Jesus! — Às vezes, sinto que ela é apenas um instrumento na nossa vida. — Revirou os

olhos para o teto e voltou aos meus, pensativa, e sorriu com suas palavras esgotadas.

Dei a volta por ela encostando-me à banheira e a puxei pela cintura, colocando-a no meio das minhas pernas, pressionando sua cabeça em meu peito e deitei a minha sobre ela.

— Agora me conta o que exatamente a Natalie falou, ou fez para você — sussurrei sobre sua cabeça e beijei levemente ouvindo seu soluço.

— No dia do evento, ela alertou-me sobre o risco de eu estar presente em sua vida.

— Que risco você pode significar? Ela atrapalhou a nossa relação — explanei grunhindo, inconformado com a informação. — Seja mais clara, Mary. — Pressionei seu estômago sentindo-o roncar nas minhas mãos e relaxei um pouco. A tensão tomava conta do meu corpo ao redor, espalhando pelo ar, causando uma atmosfera pesada.

— Ah, Fernando! — hesitou.

— Mary... — retruquei e ela riu, cedendo.

— Ela só falou o que é uma verdade, amor. Ela está fragilizada e um choque pode mesmo causar sofrimentos

maiores... — grunhi, porque eu já havia entendido.

— Ela jogou com o psicológico, é claro! Víbora! — Revirei os olhos, sacudindo minha cabeça. — Ela faz isso o tempo todo comigo. — Ela apertou minhas mãos junto ao seu estômago, inclinando a cabeça eu selei seus lábios trêmulos embaixo de um sorriso desnutrido.

— Esquece isso, Fernando — sussurrou. — Às vezes, diante da nossa fraqueza, acabamos sem querer jogando sujo. — Ela deu de ombros. — Eu mesma já aprontei algo semelhante com você, lembra? — Eu concordei, rindo.

— E como lembro! — Rimos com ela se ajeitando em meus braços, agora a tensão dissipava, graças a Deus. — Eu vacilei, eu deveria ter premeditado sua intenção.

— Vamos esquecer a Natalie, pelo menos, por enquanto — ela sugeriu prudentemente. — E outra, ela faz tudo isso por amor, não podemos nos esquecer disto. — Vaguei por um segundo, sem saber o que pensar.

— Vamos logo com este banho, daqui a pouco chega o nosso jantar — mudei de assunto conforme o seu conselho. E sem pressa, deslizei seu cabelo para cima do ombro esquerdo, depositando um beijo prolongado em sua

nuca com o meu passado vindo à minha mente. — Meu pai era um cara superlegal, sabia? É engraçado como estar com você me faz lembrar dele. Dá uma saudade! — Ela riu passando sua mão atrás, enlaçando a minha cintura num simples gesto de carinho. Mais sacana, eu sentia e a desejava em excesso, pois tudo relacionado a ela era muito exagerado. Pressionei meu pau duro na sua bunda, louco para enterrar nela, e ela caiu na gargalhada.

— Tem gente que é muito tarado, viu! — Remexi gostoso atrás dela e bati a mão aberta na água, já cobrindo nossas cinturas, que espirrou para tudo quanto foi lado, e ela arqueou.

— É melhor se aquietar, garoto predador, ela é quem precisa se alimentar... — Rimos muito felizes.

— Estou mesmo faminta — admitiu. — Mas me conta mais sobre o seu pai. Pelo que entendi, ele era um tipo de super-herói na sua vida. — Deixei que um gemidinho escapasse da minha garganta, e ela deslizou suas mãos para minha bunda e apertou contra ela. Colei ainda mais meu peito nela cheio de malícia, era duro me controlar.

— Apesar dele ser aquele pai ausente como qualquer

empresário de sucesso, com um império para cuidar, ele deu o seu melhor. O Leonardo não concorda muito. — Dei de ombros recordando de nossa infância e adolescência. — Meu pai fazia questão de nos presentear com brinquedos de última geração. Eu ficava encantado exibindo para meus amiguinhos de escola enquanto o Leonardo acabava doando o dele para algum dos amigos que mostravam interesse.

— Puxa! Seu irmão tinha um coração de ouro. — Eu sorri orgulhoso, enquanto ensaboava sua pele com sensualidade, massageando os seus ombros.

— Ele ainda é este cara especial. Vocês dois são um pouco parecidos, eu acho. — Ela deixou a cabeça cair para trás, sobre meu ombro esquerdo, estremecendo aos meus toques leves em sua pele. — Na adolescência, já demonstrou sua aptidão de aventureiro. Enquanto eu frequentava a faculdade de administração de empresa e ajudava meu pai, o Leo corria o mundo com uma mochila nas costas. — Ela inclinou-se para olhar em meus olhos e sorriu, confusa.

— Que loucura! — Concordei cobrindo sua boca com a

minha, num beijo lento e delicioso, deixando-a entorpecida. E meus lábios escorregaram para seu pescoço depositando beijos calientes, meus dentes mordiscavam seguindo uma trilha até sua orelha, sentindo-a vibrar contra meu corpo. — E seus pais, como se comportavam com este jeito de desapego do seu irmão? — Eu gemi baixo em seu ouvido com ela arfando com os olhos fechados

— No início apavorados, pois o Leo quase não fazia uso do cartão de crédito e sumia por dias antes de ligar para nos dar notícia. E um pouco antes do meu pai falecer, ele conversou com todos em casa e chegou à conclusão de que não poderia ir contra a natureza dele. E no fim acabamos concordando. Aliás, eu preciso cumprir uma promessa que lhe fiz. O Leo nunca vai conseguir trabalhar numa empresa. Como ele mesmo diz: "um cativeiro". Preciso pensar numa nova aquisição. Investir em algum negócio que tenha a cara dele, sabe? — comentei com um breve sorriso e já contraí o rosto arrepiado ao sentir os bicos dos seus seios endurecidos flutuando sobre as espumas perfumadas. A junção dela com a água morna

perfumada me deixava em ebulição, uma atração difícil de controlar.

— Ah, Fe... — gemeu excitada. Engoli em seco para segurar minha onda. Precisava continuar nossa conversa. Era mais do que necessária.

— Desculpa, vou parar de te provocar — sussurrei em seu ouvido sentindo-a ferver. — Mas esteja ciente de que, assim que forrar seu estômago, você não me escapa, eu vou te lamber inteira, dos pés à cabeça...

— Pelo menos, alguém aqui tem juízo — ironizou ela com sua voz doce como mel e, claro, me deixando com vontade de me lambuzar.

— Concluindo — comecei ajeitando-a em meus braços. — Pensei em alguma coisa ligada ao agronegócio... — Ela suspirou surpresa e se levantou focando meus olhos.

— Toda a herança que recebi é neste seguimento, Fernando. — Meus lábios se abriram involuntariamente

— Ah, sim... a fazenda? — Risquei com o dedo indicador na pele bronzeada do seu ombro — Eu venho reparando o quanto sua pele está dourada. Aliás, está com um bronzeado lindo!

— Realmente a região é bem quente, a temperatura alta torra qualquer um — Ela riu conferindo o meu comentário. Olhando em seu ombro de forma sexy, me enchendo a boca de água, sorrateiramente beijei a ponta do seu nariz. E então continuou fitando-me com seu olhar brilhando. — Você precisa conhecer! É muito prazeroso perambular pelas fazendas, que, aliás, são duas, ambas de plantação de laranja.

— Puxa, que interessante! — Ela concordou movimentando a cabeça.

— A Orange Kingdom que está localizada na Flórida, nos Estados Unidos, além de ser produtiva e também superlucrativa. E a outra, Fazenda Rancho da Laranja, em Uberlândia. Apesar de não ser tão lucrativa quanto a da Flórida, esta é muito boa também, embora existam problemas confusos, por lá. — Eu fiquei pasmo e logo me preocupei. De repente, seus olhos desviaram para o vazio, pensativa. Notei uma sombra sinistra neles. E quando retornou, ela parecia nervosa enquanto me encarava, eu continuava sem entender, sentia temor nela e aquele comportamento agitado me intrigou. Cruzei as pernas e ela

fez o mesmo e ficamos um de frente para o outro.

— O que foi, minha birrentinha, o que aflige você? — perguntei colocando seus cabelos atrás da orelha. Ela me olhou estranho.

— Quando eu cheguei na fazenda me deparei com coisas horríveis — ela começou num tom de voz baixo, envergonhada. Notei o vermelho que tomou seu rosto.

— Confia em mim, pode se abrir — encorajei-a ao notar seu receio.

Ela torceu a boca antes de começar.

— Tomei uma decisão e até agora me sinto desconfortável com ela. — Pausou para respirar e eu fiquei quieto, ouvindo. — Bem... quando eu cheguei, me deparei com trabalho infantil além de encontrar pessoas trabalhando em regime quase escravo. — Abracei-a forte sentindo sua mágoa.

— Calma, meu amor — Passava as mãos pelos cabelos molhados sobre suas costas.

— Fiquei apavorada com tudo aquilo, e minha tia também. Nós tínhamos em mente denunciar às autoridades, no entanto o administrador, o Sérgio — O sangue ferveu

por minhas veias ao ouvir o nome dele. Mas eu precisava ampará-la e não brigar naquele momento difícil. — Ele me convenceu a não fazê-lo. Com o argumento que, se esta denúncia viesse a público, prejudicaria ainda mais aquelas pessoas com a paralisação dos negócios para as investigações, estas coisas. Além do fato de que eu seria alvo das investigações por ser a proprietária. — Assenti de imediato, eu a compreendia. Ela estava sozinha em algo desconhecido e era normal que se sentisse amedrontada.

— E qual foi a solução, amor? — indaguei segurando em seu queixo, ficando olho a olho com ela. Ela baixou os olhos, suspirando.

— Eu acabei concordando, ele demitiu o funcionário que tomava conta de tudo e me garantiu que ele não sabia das barbáries acometidas, se mostrou preocupado e tudo...

— E você confia nele? — Porque eu não. Ela deu de ombros.

— Sim.. É claro! Ele sempre resolveu tudo, vem cuidando das fazendas desde a morte da antiga proprietária. Ele é de confiança, e já resolvemos, agora

está tudo em ordem. — Eu não senti firmeza, ela vacilava nas explicações, eu já a conhecia muito bem. Porém, não tivemos tempo de continuar com a campainha tocando, anunciando o nosso jantar.

— Depois eu quero continuar com esta nossa conversa. — Senti um cheiro de perigo no ar e não poderia deixar de colher mais detalhes. Levantei-me pegando uma toalha pendurada próxima à banheira e me sequei enquanto seus olhos varriam meu corpo de forma sedutora. Selei seus lábios antes de descer e me enrolei no seu roupão, que estava dobrado numa cadeira dourada com estofado magnifico ali perto. O vapor da água quente, que tomou o banheiro, tornou o ambiente mais acolhedor. — Temos a vida inteira para nos conhecer, então saia logo desta banheira, não quero que morra de desnutrição.

Minha lindinha piscou de forma sorrateira antes de se jogar de costas. Com os braços abertos, ela flutuou sobre as espumas com seus cabelos soltos pelas águas, jogados em seus ombros e rosto. E lentamente foi afundando até seus ombros sumirem debaixo dela. Eu ficaria mais tempo ali, apreciando, ou mesmo pularia para dentro, o fato é

que a campainha insistiu requisitando minha presença.



Mary

As borboletas se reviraram no meu estômago, quando o Fernando saiu pela porta do banheiro, aquela ansiedade sempre batia na expectativa de revê-lo. Apenas um minuto e meu coração já reclamava saudoso.

Também pudera! Este sentimento em meu peito chegava a ser incompreensível. Nunca em minha vida havia sequer imaginado que um dia eu poderia sentir a alma de alguém como eu sentia a dele. Vivia um sonho encantado que nos dava infinitas possibilidades, exatamente como a reluzente Las Vegas. Uma fantástica viagem de glamour, de fantasia, como se tivesse entrado num sonho naquela cidade que conhecemos dos filmes, que se fundem ao real e o irreal. Uma definição perfeita de nós dois.

Inalei muito ar para meus pulmões comprimidos em nervoso, bem que ele poderia ter aceitado a minha sugestão de não sairmos do quarto. Eu temia o lado de fora, pressentia algo estranho dentro de mim, uma angústia talvez... eu não sabia explicar exatamente, mas era uma sensação que chegava a ponto de me deixar trêmula, com a boca seca. Uma impressão de me deparar com fortes

ventos tempestuosos.

E era exatamente isso que me afligia. Além da porta da suíte havia uma vida nos esperando. Uma grande responsabilidade sobre as costas dele e sobre a minha, aquela cadeia de conflitos monstruosos ao qual eu deveria contra-atacar um por um. Fiquei muito envergonhada em contar sobre o que eu estava vivendo, não conseguia encontrar paz com a decisão que me permiti tomar. Eu deveria sim ter denunciado os maus-tratos e abusos, não só por ser cidadã, mas também pela minha própria consciência.

É justamente devido ao medo que estas pessoas do mal prosperam no mundo. Não podemos compactuar com os erros.

Respirei fundo e saí da banheira decidida que não pensaria em problemas, deixaria as pendências para depois que chegasse em Uberlândia. Um gelo tomou meu corpo, uma sensação estranha ao lembrar-me do Sérgio, pensando no quanto ele devia estar possesso com a minha fuga e sumiço. Me deu um aperto no peito ao imaginar o drama que ele deveria ter feito ao contatar minha tia. Ela

deveria estar uma pilha de nervos. Preocupada, pensei no celular silencioso, pensando na quantidade de ligações perdidas que deveria ter. Balancei a cabeça para dissipar as dificuldades, dessa vez não cairia na armadilha do destino. Eu carecia do Fernando e nada poderia atrapalhar o momento de calmaria e cumplicidade que estávamos vivendo.

Assim que cruzei a porta do banheiro estranhei o breu no quarto, com as luzes apagadas e as cortinas fechadas anulando a oportunidade das luzes de Las Vegas entrar, e um som de uma música baixa e romântica ganhava o ambiente. Já comecei a rir entendendo que já vinha surpresas e eu não estava errada! Meu queixo caiu literalmente, encantada. A sala à meia-luz iluminada apenas pelas luzes da cidade, as velas encantadoras sobre a mesa luxuosamente posta onde estava nosso jantar e o Fernando em pé ao lado dela. Estava lindo de morrer, naquele roupão branco, com seus cabelos úmidos penteados para trás... seus olhos soltando um brilho intenso através do sorriso em seu rosto, seu peito subindo e descendo. Arfando, ele esticou os braços me chamando.

— Que lindo, Fe! — exclamei. Meus pés foram abraçados pelas pétalas vermelhas espalhadas pelo chão fazendo um caminho da porta até a mesa. Traçando o caminho para mim. — É muito romântico, amor... — falei sorrindo, suspirando com ele vindo ao meu encontro e enlaçando a minha cintura, colando seu corpo ao meu. Beijava meu pescoço com a cabeça arqueada dando-lhe todo o espaço exigido enquanto meu corpo se contraía contra o dele.

— O nosso amor merece, afinal é o nosso primeiro jantar e não poderia ser diferente, à luz de velas, romântico e inesquecível — sussurrou na pele do meu pescoço, e desceu seus lábios por dentro do roupão largo até minha clavícula e me beijou, milhões de borboletas esvoaçou no meu estômago. E olhou em direção à janela, eu o segui com os meus olhos marejando pensando que bem que tudo podia continuar assim, um conto de fadas, um feliz para sempre. — regado a uma belíssima vista. Será sempre assim. Mesmo depois de nos casarmos. — Ele leu meus pensamentos! Arqueei a cabeça para fitá-lo e ele sorriu confiante. — Assim que as crianças nascerem,

farei uma reunião em casa. Não vou me eximir de nenhuma responsabilidade, porém já tomei minha decisão, Mary, vou enfrentar o mundo por você. Chega de ficarmos separados, nós nascemos um para o outro. Os sinais estão claros.

— Você é simplesmente encantador. — O ar me faltou com aquelas palavras tão esperadas. Mas não comentei nada, até porque não queria fazer cobranças. Aceitei a sua promessa e me agarrei a ela. Ficamos nos beijando, um beijo calmo e perfeito, aquele beijo que ficou reprimido em nós. — Como eu amo você...

— Acho que eu te amo mais. — Se afastou e segurou em minha mão, entrelaçando nossos dedos, e levou-a aos lábios me olhando por cima dos olhos antes de levá-la sobre seu pênis deliciosamente rígido e meu. Trinquei os dentes suspirando profundamente.

— Delícia. — Circulei meus dedos ao redor, rosnando. Ele apertou minha mão sobre ele. — Isso, aperta o meninão com gula. — Estalando a língua e sacudindo a cabeça freneticamente, negativamente, me levou em direção à mesa.

— Basta por enquanto... — disse sensato — É de minha responsabilidade mantê-la em segurança, birrentinha. E a sua saúde vem em primeiro lugar. — Puxou a cadeira, me ajudando a sentar-me, beijando sobre meu ombro de forma muito carinhosa e encolhi meu corpo, arrepiada. — É melhor alimentar você rapidamente, antes que eu cometa uma loucura. — As palavras pareciam bailar no ar quando escapavam de seus lábios, muito sensuais e convidativas com seu gesto, apertou seu pênis enorme de duro marcando sobre o tecido macio e trincou os dentes emergindo aquele calor ao redor, demonstrando o tamanho do seu desejo por esta mera mortal. Ai, como eu o amo! — Agora é a minha menina do campo. — Joguei a cabeça para trás ganhando um beijo dele antes de puxar a cadeira à minha frente e se sentar.

Aquele jantar sem dúvida alguma estava sendo o melhor que tive na vida. Além do carinho que um transmitia ao outro, a conversa seguiu interessante. Aos poucos, eu contava parte das aventuras em minha nova e confusa vida de campo. E também que me deparei com ótimas pessoas de coração enorme. E claro, o Henrique

não ficou de fora, eu sentia muita afinidade com ele, o quanto ele me fez lembrar a minha adolescência e o Fernando ficou supercurioso.

— Sabe que este é um lado da vida que nunca havia parado para prestar atenção até conhecer você? — disse ele com um suspiro. — Faz bem para o nosso espírito ouvir. — Estendeu a mão segurando a minha e apertou.

— Eu quem o diga! — comentei com aquela euforia tomando conta do meu coração. Este era o assunto que mais me dava prazer nesta vida, ainda mais ali, com o meu grande e único amor, eu sei. — E praticar é melhor ainda. Só experimentando para entender este sentimento. — Ele sorriu, orgulhoso das minhas palavras.

— Fala um pouco mais deste garoto... Ele me parece bem inteligente, como a minha birrentinha.

— Obrigada pelo elogio. — Ele piscou mandando um beijo estalado no ar e eu retribuí, encantada.

— Você é muito mais que inteligente, meu amor. É humana, uma pessoa extraordinária que eu tive o grande privilégio de conhecer. Você é tudo, e minha... — ele frisou apertando forte minha mão.

— E você é meu...

— Todo seu... — confirmou com seus olhos sondando meu rosto e sorriu com ternura. — Henrique! Sabe que estou curioso para conhecê-lo.

— Ele é muito fofo... É tão jovem e já possui aquele espírito de resolver os problemas dos outros. O pai dele também é um homem de fibra, ele consegue manter todos unidos.

Seus olhos verdes acinzentados brilhavam com a minha narrativa, e aquele sorriso lindo no rosto másculo ficou permanente até a minha última palavra, enquanto bebericava seu vinho.

— Um dia, eu ouvi o seguinte comentário: "Que nós somos uma ramificação no Universo, que durante o giro ele nos coloca à frente de pessoas com os mesmos ideais". — disse ele. — E agora, com você me contando sobre esta nova vida, eu acabo de crer que é mesmo obra de Deus. Só pode ser... — Grunhi concordando com ele.

— Todos dizem o mesmo, a minha tia também acredita que você foi o instrumento que Deus colocou na minha vida para cumprir uma missão.

— O que me preocupa é esta história de trabalhos ilícitos. Acredita mesmo que está segura? — Confirmei de cabeça tentando ser convincente, pois o alerta do doutor Fabrício me deixou ressabiada, mas não falaria sobre isso com ele. Problemas teriam que ficar pelo lado de fora da suíte.

— Sim, esta parte foi solucionada. Agora o que preciso mesmo é organizar as coisas. Melhorar as condições de vida dos funcionários, levar alegrias para aquele povo, eles já sofreram tanto! — Ele fechou o cenho, preocupado. Levei a taça de vinho aos lábios.

— Pelo seu jeito de falar, deve ter se deparado com a coisa bem feia por lá. — Dei de ombros sorrindo, disposta a mudar o assunto.

— Já passou... Ah, e por falar nisto, eu preciso comprar um boneco do Mickey Mouse para a Raquelzinha, ela é filha da Gisele, outra pessoa extraordinária.

E por exigência dele falei em detalhes das duas na maior empolgação e emendei sobre o templo de oração. Sobre a fé daquelas pessoas sofridas, mesmo imersas em meio a milhões de dificuldades e sofrimento ainda

encontravam ânimo para crerem em dias melhores. E o galpão em péssimas condições de uso, com o chão de terra avermelhada servia de assentos, sem nenhum mobiliário era o refúgio para tantas dores, que ali diante de um altar improvisado eles clamavam a Deus. Lágrimas fugiam dos seus olhos, quando narrei que até eu clamei pelo socorro de Deus, pedi pela sua proteção. Ele largou a taça de vinho sobre a mesa e estendeu as mãos segurando as minhas.

— Que lindo isso, Mary... — Respirou fundo, enternecido. — Confesso que depois que conheci você, minha intimidade com Deus aumentou e muito. — Ri enlevada, deslumbrada. Seus olhos tinham o brilho de uma esmeralda. Nunca foram tão verdes como agora.

O jantar com o fundo musical, ambiente à meia-luz e romântico foi regado a quase todas as minhas experiências, pois omiti apenas o fato sobre as minhas desconfianças, mas ele ficou tão empolgado com os projetos que eu tinha em mente que nem indagou nada. Ele queria ouvir tudo nos mínimos e absolutos detalhes.

— Mary, deixa sua bolsa aqui no quarto, não pretendo demorar muito tempo lá fora. — Acabara de me vestir quando ele me abraçou forte por trás e me puxou para perto de si, e ficou esfregando o pênis excitado em plena ereção sobre minha bunda sem calcinha. — Sem calcinha vai ser uma tortura, amor — falou baixinho no meu ouvido, deslizando para meu ombro nu dando mordidas e esfregando sua barba sobre minha pele.

— Que gostoso... — sussurrei toda derretida, minhas pernas vacilaram me fazendo quase cair, entregue com os olhos fechados. — Vamos desistir do passeio e ficar aqui. Eu não quero dividir você com ninguém, Fe! — choraminguei. Ele me virou de frente, grudado, apertando-me a ele com as mãos em minhas nádegas e seus lábios cobriram os meus num beijo gostoso e ardente.

— Por favor, Mary! Pensa que nada negativo a partir de hoje surtirá efeito sobre nós — rosnou em meus lábios com sua voz rouca, grave, em total confiança arrochando ainda mais. Ele me deixava alucinada com aquela pegação dos céus. Seu pau pulsava muito convidativo, estremeci junto com ele, agarrando sua bunda dura e musculosa. —

A chuva não pode ficar de fora, precisamos da presença dela para completar o nosso reencontro — concluiu ao se afastar e, sorridente, ele segurou em minha mão e entrelaçou nossos dedos e me puxou em direção à porta.

— Só um minuto, Fernando, não posso ficar andando por aí sem o passaporte. — Ele concordou e soltou-me. Não estava a fim de carregar bolsa, abri-a, ali estavam apenas quatro objetos: uma cópia autenticada do meu passaporte, um cartão de crédito, o celular e alguns dólares. Peguei o passaporte e o cartão, e fiquei ali olhando para o celular com várias ligações perdidas, mas não queria ver de quem eram, ponderei. Minha tia deveria estar preocupada, tinha absoluta certeza do cenário que o Sérgio deveria ter pintado a ela. Respirei fundo, tirando-o da bolsa e fiquei ali pensativa quando o Fernando se aproximou por trás e apoiou o queixo sobre meus ombros com seus olhos na tela do celular.

— Talvez você devesse ver de quem são estas ligações... — Virei a cabeça beijando seus lábios e sacudi a cabeça em tom negativo.

— Agora não. Meu vestido não tem bolso, será que

pode levar estes itens para mim? — pedi entregando em suas mãos já estendidas.

Ele depositou o telefone no bolso da camisa, juntamente com meu cartão de crédito. E a cópia do passaporte ele guardou no bolso traseiro.

Em frente à famosa fonte do Bellagio, eu e o Fernando, juntamente com milhares de turistas assistíamos milimetricamente ordenadas as águas que dançam.

Um espetáculo simplesmente sensacional e hipnotizante é como posso definir... Começou com uma fumaça e logo deu um show de brilhantismo. Como já era anunciada pelos conhecedores de Las Vegas, a dança das águas com a combinação de músicas lindas, românticas e famosas e as luzes de diversas cores formavam uma coreografia espetacular de encantar literalmente. Muito bem sincronizada com os jatos de água de infinitos níveis de altura e de direções. Os jatos d'água chegavam a 140 metros e podia ser visto de qualquer lugar da cidade, mostrando inúmeras cenas das águas em movimento, que proporcionavam um visual requintado aos olhos e também ao coração.

Belíssimo e para lá de emocionante numa noite com uma leve brisa para terras com temperaturas de um deserto... Era de lavar a alma literalmente.

— Único... — Suspirei. — Nunca vi nada igual! — exclamei com a boca aberta. Meu semblante parecia o de uma criança ao ganhar um brinquedo muito esperado, totalmente encantada. — Meu Deus! — Atrás de mim, Fernando me apertou quando ao final da apresentação as várias torres de águas desabaram sobre o lago causando o efeito de garoa, a arrebentação trouxe seus pingos de água em nossos corpos colados a grade. Caí na gargalhada.

— Aí está a nossa chuva fazendo-nos as honras — sussurrou em meu ouvido e mordeu a ponta da minha orelha, encolhi-me toda arrepiada. — Promessa dada é promessa cumprida.

A água serviu para refrescar o calor que se esparramou pelo meu corpo, respirei fundo impressionada. Pensando que eu me enganei quando pensei que estava proibida de ser amada. Só uma pessoa que ama muito para atitudes como a do Fernando. Eu me sentia a mulher mais amada do mundo. Uma privilegiada!

Com as pessoas dispersando com o final das apresentações, consegui espaço para me virar de frente a ele beijando seus lábios entreabertos à espera dos meus. Suas mãos passeavam por minhas costas, me fazendo flutuar em seus braços, quanto mais eu o beijava, eu o queria mais, e ele me apertava a ponto de esmagar meu peito no dele, quando o meu celular no bolso da camisa dele começou a vibrar. Decidi ignorar, continuei ali me fartando de seus lábios suculentos e meus. E pincelei a ponta da língua na covinha do seu queixo lindo com a barba cerrada.

— Mary, será que você não precisa atender o celular? — Fernando questionou hesitante, arqueando a cabeça para me fitar. — Não para de tocar, talvez seja importante, e... — Beijei-o. — Seja lá o que for não vai nos afetar, lembra? Estamos juntos e misturados e mais fortes do que nunca...— encorajou-me com seu tom de voz confiante. Dei de cabeça ainda em dúvida, embora ele estivesse com a razão, estava mesmo sendo imprudente, minha tia deveria estar agoniada sem notícias e com motivo.

Desviei meu olhar para um vendedor de bonecos dos mais variados personagens que passava no momento, e o Mickey me lembrou da Raquelzinha, meu coração se aqueceu. Eu desenvolvi uma adoração por aquela garotinha e era reciproco por parte dela. Fernando seguiu meu olhar e sorriu.

— Este olharzinho me diz que você está louca para ganhar um boneco. — Piscou em sugestão. Sorrindo, neguei com a cabeça.

— Prometi um Mickey para a Raquelzinha — Ele arquejou juntando as sobrancelhas. —, a garotinha que vive na fazenda — lembrei-lhe, ele assentiu e sorriu, me abraçando. — Não me deixa esquecer de comprar um depois, ok?

— Pode deixar, meu amor, eu lembro você... Agora, vamos lá, atende o telefone... — exigiu.

Rindo e contrariada enfiei a mão direita no seu bolso e o cartão de crédito caiu ao chão. Eu me abaixei rapidamente antes dele para pegar enquanto atendi o celular.

— MARY, MINHA FILHA, PELO AMOR DE DEUS...

É COM O FERNANDO QUE VOCÊ ESTÁ? — Seu desespero me fez levantar os olhos em direção a ele quando ela gritou: — NÃO, NÃO DIGA NADA, SENÃO EU MORRO. NÃO DEIXE ELE OUVIR... POR FAVOR, NÃO, AI... — berrou em agonia, dor, eu não compreendia o que estava acontecendo. Ainda encurvada, respirei forte com o baque em meu coração, que pareceu parar de bater por alguns instantes.

Com o susto, a aceleração dos batimentos cardíacos se elevou a um nível impossível de respirar. Sobressaltada, eu fechei meus olhos balançando a cabeça para conter meu impulso de gritar, desesperada com os berros da minha tia, em prantos agonizantes. Ela estava sendo torturada, eu tinha certeza.

Trêmula, virei de costas e avancei alguns passos a fim de me afastar do Fernando, que se distraiu com algo ao lado oposto em que eu estava.

— Tia? Tia... Que está acontecendo... tia? — Eu não obtinha resposta, apenas sua respiração ruidosa e dolorida penetrava meus ouvidos, me tirando os sentidos. Senti um aperto no peito que dificultou a minha respiração

e as lágrimas angustiadas começavam a descer. — Tia... por favor, me responde.

— *Só depende de você para ter a resposta.* — Uma voz grotesca e masculina ganhou o outro lado da linha. Prendi a respiração jogando meus olhos em direção ao Fernando, ele conversava distraidamente com um senhor de idade, ambos riam muito, ao que parecia de alguma piada ou algo semelhante. — *É melhor não alarmar, isso se quiser que a titia Ana viva* — ameaçou a voz do outro lado.

Senti um calafrio descer por minha espinha, olhando ao redor, me sentia observada. E acho que estava mesmo, a pessoa conhecia cada passo.

— AI, PARA! POR FAVOR, PARA, ESTÁ DOENDO! — Os gritos eram de quem estava sentindo uma dor insuportável. Solucei sentindo seu sofrimento. — FAÇA O QUE ELE ESTÁ TE PEDINDO, MARY... AI... — Ouvi mais um grito, tão forte quanto os anteriores. Agarrei-me ao aparelho em choque, muda, paralisada. Sem reação, inerte... Suando frio, com as minhas extremidades congeladas chegando ao nível de dormência, de nervoso, minha cabeça estava latejando.

— Não a machuque, por favor — disse num fio de voz, com meu coração na garganta querendo pular para fora.

— *Ouviu o que a titia recitou, não ouviu?* — ressaltou com sua voz aterrorizante de volta: ali, eu sentia que ele era mesmo do mal e veio das profundezas para roubar a alma boa da minha tia. Fechei meus olhos engolindo duro para descer o caroço e ajudou a relaxar e encontrar um mínimo de equilíbrio. Imprescindível neste momento difícil. — *Deixe o bonitão fora disto, caso contrário carregará o peso de duas mortes nas costas.*

Reprimi um lábio sobre o outro revivendo as palavras da Natalie, refletindo sobre minha pessoa, sobre tudo o que tem acontecido, chegando a triste conclusão de que eu era uma parte podre neste mundo. Mesmo não sendo intencional, eu botava vidas em jogo. Como se a minha vida fosse uma roleta russa. De repente, seja mesmo... Pensava, enquanto girava meu corpo ao redor, em busca dos olhos sobre mim, com aquela sensação de que me depararia com o Sérgio à espreita, algo dentro de mim me dizia que eu estava envolvida num mundo de conspiração. E, de repente, veio-me a certeza de que ele sempre soube

das barbáries que aconteciam na fazenda. Que ele e o Adenir, que apesar de não ser ele ali ameaçando a minha tia, sentia que ele participava de toda imundície, são cúmplices, dois criminosos da pior espécie. Eu não o via entre o movimento de turistas que era imenso de um lado ao outro, muitos focaram seus olhares nos meus, todos me pareceram suspeitos e, ao mesmo tempo, inocentes.

— *Apenas volte para o seu hotel que receberá todas as instruções necessárias* — antecipou ele, antes de eu recuperar meu equilíbrio.

— Não encoste mais os seus dedos na minha tia — cochichei tentando ser ameaçadora e tudo o que consegui foi despertar a gargalhada arrepiante com um grito estrondoso da minha tia ao fundo. — Quem é você, porque está fazendo isso? — Minha voz soou fina e arrastada. Novamente ouvi um grito de dor da minha tia e todas as minhas autodefesas despencaram, cediam as imposições. — Tudo bem, tudo bem, por favor não encoste nela! Não a machuque, seu animal! — rosnei entredentes chorando, nervosa e notei que o Fernando se aproximava.

— *Quem decide é você, o que vai ser, garota... Agora*

despacha, se livre dele, agora, JÁ e não pense em me enganar, estamos de olho em você! — gritou lembrando-me e desligou o telefone.

— Mary, você está bem? — perguntou ele segurando em minhas mãos enquanto, agitada, eu olhava ao redor procurando e procurando... e foquei em seus olhos verdes, atentos analisando meu rosto em tom de preocupação. *Estou numa fria, meu amor, e nem imagino como sair desta situação!* Eu falhei no quesito disfarçar, o meu ar assustado era óbvio. Seu cenho se fechou em suspeitas. Respirei fundo, muito atribulada, revivendo as ameaças.

— E estou sim — gaguejei sem condições de falar, com a emoção à flor da pele, repassando os olhos ao redor freneticamente, despertando sua curiosidade. Ele segurou em meu rosto obrigando-me a encará-lo.

— Você não está bem, estou vendo a sua aflição e sentindo... — Eu dizia sim movimentando a cabeça compulsivamente.

— Me abraça, meu amor, por favor — implorei com os olhos lacrimejantes enquanto seus braços me envolveram fortemente. — Isso, me abraça assim, bem forte.

Apertou-me em seus braços, e apoiei minha cabeça em seu tórax. Eu não conseguia esconder minha emoção. Meu corpo estava similar a uma britadeira de tanto que eu tremia.

— Algum problema, quem era ao telefone? — Suas mãos, que alisavam meus cabelos sobre minhas costas nuas, não conseguiam me confortar. Segurando em meus ombros, ele me afastou se deparando com as lágrimas agora em abundância. Eu não conseguia mais controlar, e o que mais doía era não poder comentar, eu precisava poupá-lo, salvá-lo. Sentia uma energia negra pairando e a certeza de que quem estava em poder da minha tia não estava para brincadeira.

— Você está chorando, linda? Por quê? — Seus polegares limparam minhas lágrimas. Forcei um sorriso apaixonado passando minhas mãos em seu rosto.

— Emocionada, feliz, Fe. Eu te amo... você é um fofo, lindo. — Nas pontas dos pés, eu encostei meus lábios nos dele, hesitantes. E me dependurei em seu pescoço. — Me abraça forte... é muito bom estar aqui com você. — Ele suspirou fortemente beijando sobre minha cabeça.

— É maravilhoso, minha birrentinha... — sussurrou sobre minha cabeça. — até a chuva artificial, é claro, como muita coisa aqui em Las Vegas. Mas podemos considerá-la presente mais uma vez, não foi lindo? — Movimentei a cabeça concordando sem conter o soluço prolongado.

— Alguma coisa está afligindo você. — Ele se afastou novamente.

— Estou bem sim... só um pouco cansada de tanta agitação... — menti me libertando de seus braços.

— Mary? — Inclinou a cabeça, as sobrancelhas perfeitas se levantaram sobre os olhos verdes acinzentados com uma sombra de dúvida. Ele não se convenceu, me olhava insistente, desconfiado.

— É a minha tia, — respondi dando de ombros tipo: não é nada de mais. Um sorriso um tanto duvidoso repuxou o canto de seus lábios cheios. — O chato do Sérgio ligou e destilou o seu veneno deixando-a preocupada. Sabe como é a minha tia, né? — Ainda não convencido, porém quieto, ele torceu a boca. — Ela só questionou o fato de eu ter despistado o Sérgio. —

Apertei meus lábios com força a fim de segurar o choro que estava por um fio de sair. A pressão que as lágrimas exerciam sobre meus olhos chegavam a doer minha cabeça, os ossos do meu rosto, doía tudo.

Fiquei perdida por alguns instantes, refletindo sobre a minha vida sem entender os motivos de tantos desencontros com o Fernando. Eu sonhei com o fim da tempestade, no entanto ela veio ainda com mais força, devastando como um furacão. E novamente obrigando a nos separar. Olhando em seus olhos, eu analisava a possibilidade de comentar com ele sobre a ameaça, o sequestro, porém eu não poderia fazer isto. Colocaria a vida de ambos em risco, seria muito perigoso. Não consegui enxergar uma luz no fim do túnel, perdi muito tempo longe dele e continuaria perdendo algo difícil de digerir.

— Longe de mim querer pressionar você, Mary. — Ele se aproximou colocando sua mão em forma de concha em meu rosto quente, era a única parte do meu corpo que ainda havia algum calor, o restante era um iceberg, todo meu corpo ficou petrificado. — Confia em mim... Por

favor — O medo se instalou em seu olhar com aquela sombra de receio, e aquilo cortou o meu coração. Eu não acreditava no quanto o destino soava cruel novamente. *Injusto demais conosco! Por que destino? Por que Deus? Qual a nossa missão nesta vida, quais as razões para despejar sobre nós dois todos os problemas deste mundo?*

Era exatamente assim que me sentia neste momento, como se os problemas de todos se concentrassem em minhas costas, um fardo que sentia não poder carregar, não mais.

Segurei em seu rosto trazendo seus lábios aos meus, seus olhos aflitos se fecharam, como os meus, e toda as impressionantes luzes, cores e glamour de Las Vegas foram anuladas e mergulhamos no mundo mágico do sonho, aquele que a gente ora para nunca acordar. Estava começando a me questionar se o nosso mundo era mesmo um faz de conta como nos contos de fadas. Era sempre assim a união de nossos corpos, era um poder transcendental.

Um basta era tudo o que precisava, ser forte. Respirei

fundo deixando minha língua invadir sua boca num beijo forte de respiração ofegante.

— O que foi, Mary? — Ele afastou buscando meu olhar e varreu totalmente por meu rosto, intrigado. — Está acontecendo alguma coisa, eu já a conheço o suficiente para saber quando está amedrontada. Tentei sorrir de forma natural a fim de disfarçar, era o mínimo que poderia fazer naquele instante. Eu não podia dizer-lhe a verdade, colocaria as duas pessoas que mais amava em risco. *E aí, destino que maldade é essa, por que não quer o Fernando na minha vida?*

Fechei meus olhos ganhando um beijo breve e novamente a pressão do seu olhar ganhou meu rosto, eu solucei reprimindo as lágrimas querendo explodir dos meus olhos. — O sangue sumiu do seu rosto, amor... sua palidez está nítida... Seja sincera, por favor... — insistiu, desconfiado.

— É medo, querido — falei forçando um sorriso convincente segurando em suas mãos e trouxe-as aos meus lábios e beijei lentamente. — Medo desta felicidade não durar, afinal ainda há obstáculos à nossa frente e não são

situações triviais — disse meia verdade. Ele sacudiu a cabeça freneticamente, dei de ombros. — é fato... — afirmei. Mechas de cabelo caíam livremente sobre o meu rosto.

— Sim, sim... mas juntos vamos superar este tempo de turbulência, a nossa felicidade está no início de sua jornada, com curvas sinuosas tenho que admitir... — me encorajava tirando as mechas de cabelo que caíam sobre o meu rosto que o jato de vento repentino jogou. — Chegaremos são e salvos no final dela. Não tema... Tente ser corajosa. — Meu peito se apertou em enganá-lo. Me sentia um lixo, uma traidora, falsa... mentir para ele ali inocente, achando que eu me referia ao caso Natalie.

Eu cheguei mais perto, abrindo minha mão para tocar os contornos do seu braço com as pontas dos meus, fechei meus olhos sentindo seus pelos eriçarem. Nem assim consegui conter a respiração em pânico.

— Me diga o que você está pensando — ele sussurrou.

— Pensando que deveríamos retornar ao nosso mundo amoroso... — disse olhando ao redor e me deparei com um grande relógio em pleno funcionamento, como um

outdoor do outro lado da calçada. As luzes brilhavam intensamente sobre ele deixando claro os ponteiros em movimento marcando quanto o tempo avançava rápido, me despertando para a gravidade. O tempo sem cautela era impiedoso, me lembrando de que era curto, e que a vida da minha tia seria também, se eu não me apressasse. Desesperada puxei um longo suspiro, eu estava completamente enjoada, trêmula. Quando ele me deu dois beijos rápidos da testa, me trazendo de volta do meu mundo de reflexão, eu agarrei seu pescoço colando ao seu corpo, roçando nele. Ele tremeu e sua respiração ficou entrecortada.

— Vamos voltar para o nosso mundo do amor... — Ele assentiu, segurando em meu quadril, me apertando.

— Não precisa pedir duas vezes... — concordou ele em meus lábios.

No caminho em direção ao hotel, eu fui envolvida em seus braços, minha cabeça repousada na lateral do seu braço, e meus olhos em pleno movimento de um lado ao outro procurando pelos sequestradores. Eu mantinha-me quieta, pensativa, e ele não questionou, apenas me

conduziu em seu cavalheirismo de deixar qualquer mulher encantada.

— Por que está tão quieta, Mary? — Sua voz rouca, grave e minha invadiu o silêncio dos meus pensamentos assim que alcançamos a recepção. Inclinei a cabeça com olhos umedecidos tamanha a insegurança que sentia.

— Minha cabeça está latejando... — O medo pela vida da minha tia era responsável por todo o mal-estar desencadeado pelo meu corpo. Levei a mão direita às têmporas, massageando. — Preciso de um analgésico, acho que este clima seco de deserto atacou minha alergia — expliquei convincente.

— Espera, vou até a recepção requisitar analgésicos. — Ele voltou rapidamente e seguimos para o quarto.

— Amor? — Puxei pelo seu braço depois que me ajeitou sobre a cama e tirou as minhas sandálias. Ele se sentou ao meu lado, seus olhos verdes brilhavam de satisfação varrendo meu rosto. — Obrigada pelo seu cuidado comigo. Eu te amo muito...

Depois de um beijo longo, ele se deitou ao meu lado, eu acariciava seu rosto másculo com as costas dos meus

dedos, mas ele sorriu, desconfiado.

— Fala comigo, Mary. Me diga o que está acontecendo? — Respirei fundo. Não poderia partir assim, deveria dar-lhe uma satisfação, mesmo que vaga.

— Eu preciso voltar para Uberlândia, Fe. — Sua expressão se fechou e quando seus lábios se abriram para protestar eu antecipei. — Tenho muitas pendências urgentes aguardando a minha resolução, eu preciso ir de verdade.

— Eu acompanho você — afirmou ele de imediato. Agora eu neguei com a cabeça.

— Preciso fazer isto sozinha. — Inclinei-me beijando a ponta do seu nariz. Ele fechou os olhos, frustrado.

— Estou preocupado, Mary... — Baixei meus olhos. *Imagine eu!* — Esta história de trabalhos ilícitos é um mundo muito perigoso. — Seu tom de alerta fez meu coração ciente disparar. — Precisa ter pessoas conhecidas do seu lado. Eu quero ser esta pessoa.

Ele falou tão lindinho que me arrastei para mais perto, encostando meu rosto em seu peito. Seu coração tinha uma batida deliciosa que me acalmava.

— Gostaria que não se envolvesse, por favor. — Pensei em sua segurança. — O Sérgio está cuidando de tudo, e afinal tenho que pedir desculpas, o que fizemos com ele foi pura sacanagem. — Ri e ele também, revirando os olhos. — De certa forma foi engraçado o deixar com cara de bobo. Mas não posso me esquecer de que ele é um funcionário de confiança e merece respeito. — Tentei ser convincente, pois eu já suspeitava do envolvimento dele.

— Que se foda ele! — comentou em tom sarcástico. Respirei fundo, pois a gravidade não me deixava achar graça em mais nada. E sim chorar por dentro.

— Eu também gostaria de pensar assim — disse com pesar. Ele me beijou. Eu virei de costas e ele me abraçou roçando seu pau já ereto em mim. — Embarco amanhã cedo, enquanto isso deixa eu ficar quietinha para ver se esta dor de cabeça dá uma trégua. — Ele suspirou, frustrado.

— Tudo bem... mas fique sabendo que não me convenceu a deixá-la ir sozinha — foi firme no aviso e ficamos ali, até que ele adormeceu.

Me levantei rapidamente quando seus braços me

soltaram. Eu só o queria em segurança, uma pessoa em perigo já era muito. Deixei um recado por escrito em cima da mesa, rezava para ele não acordar antes do amanhecer.

"Fernando, meu querido! Sei que você vai ficar muito triste comigo, mais queria que me entendesse e espero que você me perdoe. Deixar você não foi uma escolha, e sim uma obrigação. Eu gostaria muito de ter ficado um pouco mais, no entanto não foi possível. Olha! Vou fazer de tudo para solucionar as dificuldades que deixei em Uberlândia. Aliás, se enfiar em problemas perigosos é comigo mesma, né? Torça por mim, meu amor, para dar tudo certo e logo vamos marcar mais um delicioso encontro. Seremos muito felizes ainda, se Deus quiser.

O nosso dia foi maravilhoso, um momento inesquecível, único que nunca se apagará das minhas memórias. Você é o grande amor da minha vida. Fica com Deus, Fernando..."

Lamentava do fundo da minha alma por tudo aquilo, enquanto saía pela porta da suíte. Meu coração estava apertado por deixá-lo para trás sem uma explicação clara. Entretanto, sem alternativa no momento, eu cedia à

ameaça. Só assim poderia poupar a vida das duas pessoas que amava nesta vida.

A luminosidade cedeu lugar à escuridão com a mão do Sérgio cortando o ar e me acertando em cheio no rosto, assim que entrei no quarto do Caesars Palace, sem que eu tivesse tempo de me defender. A violência foi tamanha que apaguei por alguns segundos ali, caída sobre o carpete bege. Despertei com uma dor insuportável na cabeça com ele me levantando do chão pelos cabelos, gemia de dor com os fios sendo arrancados do meu couro cabeludo com o peso do meu corpo.

— Vagabunda, ordinária... — Sérgio me sacudia pelo cabelo convicto em suas ofensas horríveis, palavras que nunca ouvi na minha vida, que nem sabia que existiam. Ainda zonza, eu gemia baixo, parecia uma gelatina com minhas pernas bambas sem condições de suportar o peso do meu corpo. — Se acha superior, não é mesmo? — berrou a plenos pulmões. Eu mal conseguia respirar com as dores fortes pelos seus tapas e sacolejos. — Fala... vaca... — Com a sua exigência, eu tomei pequenos fôlegos até mesmo para evitar a falência dos meus pulmões.

— Ai... p-para... — tentei, porém acho que minha voz não saiu, eu tenho certeza de que não. Chorando, eu somente balbuciava quando ele me arrastou em direção à cama me atirando com violência sobre ela, soltando aquela risada arrepiante. Subindo, ficou de joelhos ao meu redor. Espalmadas, suas mãos pressionavam o colchão ao redor de mim e seus olhos demoníacos me devoravam, enquanto me agredia verbalmente com as palavras mais desprezíveis deste mundo de Deus e que doíam mais do que qualquer agressão física.

— Sua puta, como ousa me fazer de bobo daquele jeito?

Em prantos, eu não ousava enfrentá-lo, pela fresta dos meus olhos inundados, eu fixei nele, havia sem dúvida uma sombra que o abraçava, os olhos verdes fixos em seu rosto soavam irônicos, cruéis, diabólicos. Era como se tivesse possuído pelo ódio e a gana de matar.

— Fala, sua vadia! — E escorregou um pouco mais para colar nossos sexos e apertou sobre mim. *Que nojo!* — Eu vou matar você, matar aquele idiota, vou matar a sua tia por me humilhar... Vou destruir todos vocês. — Ele me agredia das piores maneiras possíveis e me atingia

fisicamente e verbalmente, uma lástima. — Por que você não ficou no seu trabalhinho idiota voluntário, por quê?

Os dedos da mãos esquerda marcavam meu braço com fúria, e os da mãos direita vieram ao meu pescoço dedilhando firmes, mas levemente. Aquele sorriso assassino nos lábios deixava claro a sua intenção de me matar.

— Se envolveu com a pessoa errada, amor! — Seus dedos apertaram ao redor do meu pescoço me degolando.

— Não, por favor... — pedia com a voz estrangulada tentando tirar seus dedos de volta do meu pescoço, sem sucesso. — Não!

Sua força e peso sobre mim me deixava vulnerável, em busca de ar, meus pulmões cediam por falta deles e meu corpo começava a ficar mole, minha visão escurecia à medida que as engrenagens do meu cérebro voltavam ao passado. Toda a minha vida passou diante dos meus olhos e fixou no rosto do Fernando, eu estremeci. As ameaças estendiam a ele. "Por favor, Deus, é muita coisa ao mesmo tempo, esqueça-se de mim e cuida de todo mundo para mim", implorei num resquício de consciência que ainda

havia e então tudo se apagou.

Vi-me sobre a tábua do alto trampolim. Meu ritmo cardíaco estava a um nível superior que poderia suportar enquanto olhava para baixo, as águas absurdamente transparentes e cristalinas, um fascínio aos olhos, mas uma angustiante sensação de morte. Lá no mais profundo do meu íntimo eu sabia que, além das águas, estava a minha morte: um pensamento aterrorizante que fez materializar grandes mãos invisíveis segurando em meus ombros por trás me empurrando para fora da madeira. Perdi meu chão, me vi flutuar para baixo e em questão de segundos mergulhei na imensidão da água transparente perdendo o fôlego.

Minha boca ficou travada, sufocada, totalmente submersa. Eu precisava respirar com uma pressão me prendendo ali embaixo. Mesmo me debatendo, não havia forças para emergir. Meu instinto primitivo de sobrevivência me fez abrir os olhos. Mesmo com a visão turva, notei que estava submersa na banheira e acima das águas vi um vulto, que reconheci sendo do Sérgio e ali toda a minha consciência retornou. Ele estava tentando me

afogar e eu morreria nos próximos segundos, quando uma dor profunda no topo da minha cabeça surgiu com a pressão para cima.

Emergi completamente sem ar. Abri minha boca inalando todo o ar possível, sentindo meus pulmões desesperados, quase em falência inflarem com o ar em abundância.

— Ah, acordou? — Seus olhos verdes soltavam faíscas, furiosos, sobre a expressão dura.

Antes que pudesse retê-las, as palavras deixaram minha boca:

— Ah! Socorro! — Num fio de voz ainda sem fôlego, eu tentei gritar.

— Tem certeza? — perguntou ameaçando me empurrar para baixo.

Eu neguei de cabeça, ele sorriu satisfeito.

— Eu deveria mesmo matar você, sua ordinária — proferiu numa voz assassina, arrepiante. — Eu poderia tirar você da jogada, agora! Maldita ativista! — ameaçou me afundar novamente com sua mão.

— Por favor, não — balbuciei sem ar, meus olhos

imploravam para que ele me soltasse e me soltou provisoriamente. — Eu não aguento mais... — Um sorriso triunfante se espalhou pelo seu rosto acompanhando as lágrimas que explodiam dos meus olhos. Eu sabia que ele tentava me intimidar e estava atingindo o seu objetivo. Eu estava em pânico, não pela tortura física, mas pela emocional. Temia mais pela vida da minha tia e por esta razão procurava não tocar no assunto para não incitar o seu rancor, ódio... — Por favor, Sérgio, tenha piedade, por favor. — Seus olhos de desdém se apertaram.

— Você não teve nenhuma piedade quando anulou a procuração em meu nome, não é mesmo? — Fechei meus olhos, um arrepio de pânico percorreu minha espinha com o coração querendo escapar pela boca, impedi-o travando meus lábios com muita força que sentia toda a musculatura ao redor latejar. — Você não deveria ter se arriscado, garota. Que merda! Por que teve que aceitar a herança depois de oito anos, por quê? — Mesmo engasgada, tossindo com a água que acabei engolindo, eu sacudia a cabeça, nervosa. — Estava tudo certo, organizado. — Abriu os braços com indignação. — Mas não, a senhorita

tinha que mudar de ideia, não é? — Sua mão direita veio ao redor da minha cintura e me puxou, obrigando-me a ficar em pé encarando-me com um sorriso torto, os cabelos caindo-lhe pela lateral do rosto com alguns fios enroscados na barba cerrada.

— Por favor, me tira daqui. — Eu tremia de frio na água fria sob seu olhar diabólico e intransponível. — Vamos resolver isso pacificamente.

Um sorriso sinistro tomou sua expressão com a proposta e seus olhos desviaram para meus seios marcando no vestido grudado ao corpo. Mantive-me calada sob sua investigação desconfortável, um martírio com a pausa significativa antes de me puxar ao seu encontro, beijando meu pescoço.

— Para com isso, Sérgio... — Minha voz saiu sufocada enquanto ele mordia levemente a curva do meu pescoço e eu sentia meu estômago embrulhar, podia sentir a bílis subindo pela garganta. Ele cheirava minha pele, o cabelo, roçando seu nariz por eles me deixando tensa.

— Você é bem interessante, patroinha, e planejei tudo com o maior cuidado! Detonei o telhado, sabia que a

senhorita tem o péssimo costume de dormir com o celular e computador sobre a cama, tudo para acabar com a festa dos pombinhos, tirar a sua comunicação com ele. Ou pensa que me enganou?

Eu sacudia a cabeça, nervosa, pensando no quanto ele era um psicopata.

— Eu sabia que falava com ele. Achando que tirando você do Brasil, para afastá-la do cretino, e a trazendo-a para Las Vegas, o mundo colorido dos sonhos do glamour, você seria capaz se interessar por mim — murmurou quase erguendo-me do chão e beijando embaixo do meu queixo. — O pé no saco tinha que estar justamente aqui, e acabar com a nossa aventurinha amorosa? — Balançou a cabeça, indignado, totalmente em fúria. — É uma merda isso! Poderia ter sido diferente entre nós. Sua miserável...

Com muito ódio, eu rosnei com raiva, ultrajada, quando ele me tirou da banheira me jogando no piso frio do banheiro.

— Ai! — gritei em prantos.

— É isso mesmo! Grita. Isso não é nada diante da humilhação que me fez passar, correndo como um idiota

pela Strip atrás dos dois. — Se jogou de joelho no chão inclinando o rosto ficando muito próximo. — Você merece morrer! — gritou. — Se não tivesse anulado a procuração era exatamente isso que iria acontecer, daria adeus a este mundo que não lhe pertence, garota.

A tortura me tirou as forças, apenas minhas lágrimas se manifestavam quando ele segurando em meu braço me colocou em pé, arrancou meu vestido por minha cabeça e me pegando no colo me atirou sobre a cama. Seus olhos inflamáveis varreram meu corpo quando me encolhi.

— Você marcou com este Fernando aqui em Las Vegas, Mary? — ele exigiu baixo com seus olhos devorando os meus. Eu neguei. Sua mão direita fez uma aterrissagem até minha perna e apertou. — Não minta para mim! — exigiu feroz.

— Não — disse num fio de voz, com a respiração entrecortada. — Foi uma coincidência, eu juro. — Seus olhos se apertaram, descrentes.

— Não sei por que eu sinto que está mentindo... — Aos poucos, eu tomava fôlego e a minha força retornava. Quando a campainha do celular no bolso da calça preta

dele soou estridente me salvando. Sorrindo, ele colocou no viva-voz. E os gritos da minha tia entravam pelos meus ouvidos invadindo um cérebro que entrou em parafuso.

— Você é um monstro, Sérgio, solte-a, seu animal selvagem... — gritei com a mão na boca, em desespero total. Sérgio se retesou com a minha ofensa e eu enrijeci aguardando pelo pior quando ele mudou sua postura, ria em deboche se divertindo com meu sofrimento.

— Cara! Meus dedos estão nervosos aqui... — começou a voz de maneira fantasmagórica, obrigando-me a segurar o choro e ficar atenta. — estou pensando em esquartejar antes de assassinar, o que você acha?

— Fique à vontade — respondeu Sérgio piscando para mim, me vendo entrar em desespero.

— Não... por favor... não a machuque. — Ele bufou revirando os olhos, impaciente. — Não fira a minha tia, pelo amor de Deus — implorei gesticulando com as mãos, desesperada, me rendendo. Estava disposta a tudo para preservar a integridade física dela. Ela tinha que vir em primeiro lugar.

— Ouviu o que a patroa pediu? — Sérgio proferiu

gargalhando monstruosamente enquanto uma mão foi à sua cintura, a outra no irritante cabelo que ele não parava de mexer.

— MARY, MINHA FILHA, VOCÊ ESTÁ BEM? — As gargalhadas do homem se misturavam aos gritos de dor e agonia da minha tia. Eu implorava sem muito que fazer a não ser me render.

— E aí, Sérgio, acabo logo com isso? — Eu sacudia a cabeça lhe suplicando em meio a um sorriso triunfante.

— Dá um tempinho, ela parece estar disposta a colaborar — informou Sérgio, eu assenti freneticamente de cabeça.

— Tudo o que você quiser, mas, por favor, poupe-a — disse baixo e ele gritou para repetir alto e em bom tom e eu obedeci.

— *Veja bem, bela!* — Outra voz masculina soou do outro lado. Uma voz que um dia me causou arrepios e eu reconheci: o Adenir. — *Apesar do acordo ser verbal, quero deixar registrado que todos os acordos que faço é de nível de excelência. Então esteja ciente de que se nos trair, sua tia terá uma morte lenta e dolorosa. — Solucei*

com uma dor profunda em meu peito. — Não tenho nada a perder, mas você sim. Entendeu?

Eu concordei movimentando a cabeça.

— Fale com a boca — ordenou Sérgio batendo em seus lábios em indicação.

— Sim, eu entendi... temos um acordo e pretendo cumprir... — Olhei para Sérgio suspirando em aprovação.

— Acredito que tudo está esclarecido... — Piscou, eu baixei meus olhos incapaz de suportar a pressão dos seus olhos verdes que um dia eu tive a insatisfação de deixar me tocar. Que nojo!

— Assim está bom... Agora vão logo para o aeroporto que daqui a quarenta minutos sai o voo de vocês para o Brasil. — E desligou deixando a dúvida pairando no ar quando Sérgio se aproximou enlaçando sua mão áspera por minha cintura colando-me a ele. Arqueei a cabeça fugindo do hálito fétido, e ele apertou os olhos, irado.

— Tem nojo de mim, patroinha? — Sua voz calma era jocosa, dissoluta. Pausou significativamente, os olhos verdes intimidadores, como eu não havia percebido antes, me consumiam me botando um baita medo.

Eu apenas disse não de cabeça, cheguei à conclusão de que o silêncio era a melhor solução para todos.

— É bom não ter mesmo... pois a senhora vai consertar as bostas. Vai refazer a procuração e vai se casar comigo para não chamar atenção. E se nos depararmos com aquele tal de Fernando Albuquerque... — Engoli forte com um aperto no peito. Ele sabia muito mais do que eu podia imaginar, temia pelo Fernando. "Ai, meu Deus, cuida dele pra mim, por favor!", implorei a Deus pelo meu amor, ele não poderia pagar pelos meus erros com as mãos à cabeça, desesperada. — Se tranquiliza, não pretendo colocar o magnata na nossa história. — Deu de ombros. — Isso se você cooperar mesmo. — Eu assenti.

— Tem a minha palavra... — cedi. As sobrancelhas grossas acima dos olhos verdes assassinos levantaram em aprovação. — Deixe o Fernando fora disto — falei firme assumindo uma postura corajosa e nem sei como consegui tal proeza com tudo dentro de mim em desordem.

— Ok, então pegue suas coisas e vamos logo.

Rapidamente fiz minhas malas e em silêncio.

— Se no caminho do aeroporto, nos depararmos com

ele, diga que cometeu um equívoco, que saiu com ele apenas para ter certeza dos seus sentimentos e que descobriu que eu sou o homem da sua vida e que vamos nos casar, sei lá o que mais, invente! — instruiu-me ele, ao sairmos do quarto. Senti-me aliviada com a imposição, era a forma de proteger o Fe.

Um pouco distante observava ao redor enquanto o Sérgio estava ocupado, debruçado sobre o balcão, fazendo o check-in no hotel. E neste momento eu tive uma ideia brilhante. Eu não poderia deixar o Fernando às cegas.

— Sérgio, eu preciso ir ao banheiro — menti. Apertando minha bolsa pendurada em meu ombro. Ele não tirou meu celular, então pensei em deixar um recado explicativo no seu antigo número, já que me esqueci de pegar o novo, na esperança de que um dia ele ouvisse.

— Eu não sei se você vai ouvir esta mensagem, amor. Eu espero que sim! Achei as palavras no bilhete vazias, eu precisava deixar minha voz gravada para você, nunca se esquecer de mim. Nem sei como será o meu futuro... A única certeza que tenho agora é de que eu não estava

errada, eu não tenho mesmo o direito de ser amada. Desculpa, amor, estou dizendo bobagens... Não podemos ficar juntos, é o destino traçado para nós.

— MARY? MARY... CARALHO, MULHER, SAIA LOGO DESTE BANHEIRO, ESTÁ FAZENDO DE PROPÓSITO! — Os berros do Sérgio da porta do banheiro reverberou por todo o ambiente causando-me calafrios.

— *Eu te amo, amor... por toda eternidade* — cochichei com a voz esganiçada segurando o choro para ele não notar minha aflição e guardando o telefone na bolsa respirei fundo me recompondo antes de ir ao encontro daquele animal.

Capítulo 13

Fernando

-Mary? Mary — Corria pelos cantos do quarto, em episódios repetidos sem entender por que ela não estava mais ali. — Mas onde se meteu esta mulher!

A claridade impetrava pela janela do quarto, meu cérebro rebobinava ao dia no hotel quando ela fugiu sem me deixar nenhuma carta, nada. Parecia que minha vida se repetia.

Balancei a cabeça a fim de dissipar o pensamento. É claro que não, hoje estávamos vivendo uma outra fase em nossa vida, até o problema Natalie foi superado... Imagina!

Sua calcinha molhada sobre o boxe me deixou mais tranquilo.

E vi o bilhete sobre a mesa. Aquelas palavras sobre problemas pendentes que ela precisava resolver sozinha, de repente me bateu aquela história de trabalhos ilícitos. Sentia algo ruim dentro de mim, e sabia que não teria paz em São Paulo. Tomei um banho rápido e desci para fazer

o check up.

"Burro, seu idiota, medíocre, bastardo". Batia no topo da minha testa disfarçadamente ali em meio à multidão caminhando de um lado ao outro na recepção. Me punia por não ter pegado o endereço exato de sua fazenda. Meu Deus do Céu. Uberlândia é enorme! Forcei minhas lembranças ela me falou o nome era Rancho alguma coisa, o resto sumiu da minha cabeça.

Corri ao balcão e me informei sobre alguma loja de celular para comprar um adaptador e ela me passou uma famosa que ficava próxima. Eu precisava do meu antigo número. No caminho, eu liguei para o Leonardo, lembrei-me de que no último vídeo que gravamos sobre uma moldura na parede atrás da Mary havia um quadro e poderia ter o nome da fazenda. E estava no aparelho em meu quarto.

— Oi Leo, tudo bem? — A pressa na voz o alertou.

— Estou ótimo, você que me parece meio ansioso — retrucou ele, mas eu não tinha tempo para explicar. A pressa do meu coração não permitiu.

— Leo, você está em casa?

— Sim, para ser mais claro em meu quarto.

— Por favor, vá até meu quarto. Deixei meu aparelho celular, veja se secou e tente ligá-lo. Dá um pulinho lá rapidinho, por favor.

Um minuto apenas foi o tempo que ele levou para retornar à linha, eu já estava com o adaptador em meu novo telefone e liguei na esperança de haver algum recado da Mary, e meu coração veio bater na garganta com a sua mensagem de voz e aquela voz masculina ao fundo lhe ofendendo, fazendo ameaças.

— Seu desgraçado, eu vou te matar — falei em voz alta chamando a atenção das pessoas ali na loja me olhando, assustadas. Eu não estava nem aí, não queria saber. Eu só precisava matar este cara que ousou ameaçar a minha Mary. — Eu sabia, sabia que ele estava por trás daquele telefonema de ontem. Sua atitude demonstrava o quanto estava acuada e eu precisava me certificar, algo me dizia que ela corria riscos — conversava sozinho comigo mesmo como um maluco e era o que as pessoas achavam que era.

— Pronto, com ele nas mãos — informou Leonardo

tirando-me dos meus devaneios de ódio e de sede de vingança. — Só um minuto, ele está ligando.

— Ufa! Funcionou... que bom! — Guardei aquele problema para mim, não queria preocupá-lo.

— Ligadíssimo, o que você precisa?

— Veja nos vídeos, o último... — Ouvia seus resmungos enquanto procurava.

— Ok. Hum... a Mary está uma gata! — falou ele provocando, mas eu ignorei.

— Passa neste número, por favor. — Ele anotou e, em seguida, chegou.

— Valeu, Leonardo, obrigado.

— De nada. — E desligou.

Eu fiquei ali na recepção, tentando ampliar cada uma das imagens na parede do quarto, só que perdia o foco. E foi neste instante que me lembrei da Suzane, ela mencionou mexer com informática. Ansioso, liguei de volta ao Leonardo pedindo o contato dela. Agradeci e liguei para ela.

— Conseguiu identificar, Suzane? Tem algum comentário no pé da imagem, consegue ler?

— Hum... — Um silêncio tortuoso se estendeu antes dela retornar. Ela realmente era um doce de pessoa, além de prestativa, sua discrição era indiscutível. Por nenhum momento fez perguntas ou insinuou algo, simplesmente se atentou à minha solicitação.

— Não tem, Fernando. A única tela que tem nome é a da praça que fica no centro da cidade. "Uberlândia". Nome da fazenda não há em nenhuma delas. Por que você não tenta alguma informação no cartório de registro de imóveis? Pode ser que consiga — sugeriu ela.

— É uma ótima sugestão. Puxa, Suzane... você me ajudou muito, obrigado. Assim que retornar a São Paulo eu acerto seus honorários. — Ela riu do outro lado.

— Imagina, Fernando! Foi um grande prazer ajudá-lo. Espero que as coisas deem certo para você e consiga encontrar esta tal fazenda.

— Obrigado, Suzaninha. — Ela me deixou tão aliviado que já entrei no quesito intimidade. Ouvi seu suspiro de satisfação. Então desliguei e segui correndo para o Caesars Palace, para pegar minha mala.

Meu tio ficou quieto, pois conhecia bem minha teimosia

ao colocar algo na cabeça, mas o Juliano estava me enchendo a paciência enquanto colocava minha roupa dentro da mala.

— Na minha opinião, eu acho que você deveria aguardar até amanhã, Fernando. Participar do evento, já que veio até aqui. — Parei o que estava fazendo injetando meus olhos nos dele, que se ergueram acuados.

— Me desculpe a franqueza, mas você está procurando por isso... — Ele torceu a boca aguardando a bronca que veio em grande estilo. — Você não tem que opinar e nem achar nada. Apenas faça bem o seu serviço, como tem realizado em todos estes anos de parceria com a Albuquerque. — Meu tio jogou um olhar em sua direção tipo: "toma que o filho é seu!". O rosto do Juliano adotou a cor de uma pimenta malagueta e parecia arder com o calor denso que espalhou ao redor.

— E-eu... — gaguejou.

Impaciente e arrependido por ter sido duro, baixei meus olhos e continuei enfiando as últimas peças de roupas sobre a cama dentro da mala e a fechei, passando o cadeado. E me posicionei em sua frente, assumindo minha

postura de homem forte.

— Precisa medir suas palavras, Juliano! Me perdoe pela grosseria, estou passando por uma fase difícil neste momento, então não leve em consideração, por favor.

Ele assentiu com um sorriso fraco, e meu tio bateu levemente em meu braço ao se aproximar.

— Estou vendo que é muito importante para você estar nesta aflição, Fernando.

— Você não imagina o quanto, eu vou lhe mostrar — falei já tirando o bilhete e o celular do bolso. Ele negou com a cabeça.

— Não precisa fazer isto, meu filho. — Sua mão veio sobre a minha.

— Eu faço questão, aí você me dará razão. — Entreguei o bilhete e depois liguei a mensagem.

Os dois se entreolharam com preocupação antes do meu tio repousar a mão em meu ombro.

— É a Mary? — perguntou ele, preocupado.

— Sim, é ela — assenti.

— Esta voz ao fundo, de quem é? — perguntou o Juliano reticente.

— Deve ser de um funcionário que veio com ela para Las Vegas, ele está maltratando-a. Eu preciso protegê-la. Achei mesmo estranho a forma como ele a chamava correndo atrás de nós pela Strip.

— E por que ela sujeitaria a isso? — indagou um intrigado Juliano. Dei de ombros.

— Eu também não sei, mas pretendo descobrir.

— Estou todo arrepiado com esta história — comentou meu tio estremecendo. — Será que não seria mais razoável dar parte na delegacia por agressão, ou sei lá...? — sugeriu ele.

— Com apenas este áudio, eles ririam na cara do Fernando — interveio Juliano com seus conhecimentos jurídicos, meu tio discordou.

— Ele tem razão, tio. Não há base para denúncia, por isso preciso ir a Uberlândia, Minas Gerais, averiguar.

— Mas, Fernando, pode ser perigoso e...

— A Mary é a minha vida — eu o interrompi. Agora eu coloquei a mão em seu ombro. — Eu preciso fazer isso. E, por favor, não diga nada a mamãe e a ninguém. Eu os mantenho informados.

Contrariado, ele concordou por fim.

— Tudo bem, eu vou respeitar a sua decisão, porém, como seu tio, preciso pedir que tome cuidado, meu sobrinho.

Inclinei-me colocando a mala sobre o chão e o puxei para um abraço forte. Eu precisava de um amparo familiar e ele ali, se colocando à disposição me trouxe uma certa segurança.

— Valeu, tio! — Ele bateu levemente em minhas costas e se afastou, fitando-me.

— Mantenha seu celular ligado caso entremos em contato com você. — Seu olhar castanho tão parecido com o da mamãe soou muito paterno.



Mary

Eu me sentia num circo de horrores literalmente. O Sérgio me humilhava o tempo todo, com uma tortura psicológica e emocional que me deixava sem chão.

Dentro do táxi, a caminho da fazenda, como em todo o voo, foi feito em silêncio. Ele procurava não conversar e eu achei ótimo, porque desabaria, abriria um berreiro caso fosse obrigada a proferir qualquer palavra com aquele monstro ao meu lado, agarrado em meu braço. Sentia a morte muito próxima.

Era um belo dia, quase na hora do almoço, o sol brilhava forte no céu e as árvores dançavam com a leve brisa. Mas para mim tanta beleza soou traiçoeira, um contraste da realidade que eu vivia naquele instante. O suor minava por meus poros e não era de calor, e sim de pavor. Todos os meus pensamentos estavam voltados para a minha tia, eu vim todo o percurso rezando pelo Fernando, mais pela minha tia, uma oração fervorosa, ininterrupta, pela sua saúde. Eu esperava ansiosa encontrá-la na casa.

— Olha aqui, sua bastarda... — Sérgio sussurrou

mortalmente em meu ouvido, seus cabelos pareciam fios elétricos roçando em meu rosto me dando choques, agarrado ao meu braço colando meu ombro em seu peito suado com a camisa preta que ele nem se deu ao luxo de trocar, assim que descemos juntos do táxi em frente à casa. Um porco! Que nojo! Fechei os olhos com força reprimindo o maxilar para não o mandar à merda. — Estamos juntos agora, somos um casal que se descobriu apaixonados... — disse no seu tom autoritário entredentes apertando meu braço com violência. Num tranco, eu arranquei de seus dedos injetando meu olhar de ódio nos verdes sombrios, ameaçadores.

— Primeiro me diga onde está a minha tia, daí em diante você dita as regras. — Tentei ser forte sem sucesso com ele agarrando meu braço novamente quando Cristóvão, vestido com o uniforme da fazenda e chapéu, Gisele também de uniforme e Raquelzinha sorrindo vinham ao nosso encontro. Seu entusiasmo doeu em meu coração ao imaginar a frustração quando souber que seu Mickey não veio. Lancei-lhe um sorriso choroso e ela veio correndo em minha direção e parou no caminho ao

notar o Sérgio, recuando comigo.

— Olha aqui, sua vadia, você não está em condições de exigir nada. Se pretende ver sua tia com vida, acho melhor cooperar, se não... — Pausou em tom sinistro me deixando horrorizada. Respirei fundo erguendo a cabeça em direção ao céu, e precisei baixar imediatamente com ardência nos olhos causada pela intensa claridade.

Sem opção e acuada caminhei ao seu lado com a mão abominável e áspera dando a volta por minha cintura. Ele abriu um sorriso largo e a falsidade era nítida no meu. Os três nos olhavam, confusos.

— Amor, eu te aguardo no quarto — pronunciou ele ao chegarmos à porta e sorriu de felicidade a cada um dos três, perplexos. — Bom dia a todos. — Houve um coro de bom-dia baixo e então ele entrou, me deixando em meio aos questionamentos.

— Eu não estou entendendo nada— comentou Cristóvão com seu mar azul me encarando embaixo das sobrancelhas juntas.

Baixei meus olhos, respirando fundo, quando a Raquel segurou a minha mão.

— Você não trouxe o Mickey, né, Mary? — Reprimi meus lábios para segurar o choro e a peguei em meu colo beijando sua face macia e perfumada de rosas.

— Não tive a oportunidade, meu amor, mas não se preocupe! Assim que for possível, eu darei um jeito do Mickey chegar até você, está bem? — Mesmo assim, ela sorriu feliz, assentindo com a cabeça.

— Raquel, agora vai brincar. —Notando a minha expressão aflita, Gisele tirou-a do meu colo. A criança em sua inocência correu para o quintal.

— Minha tia está em casa, Gisele?

— Não... — Ela reagiu surpresa à minha pergunta.

— E para onde ela foi? — Um nó se formou em minha garganta, a preocupação em seu rosto me deixou em alerta.

— Ela saiu ontem, e disse que visitaria alguns parentes. E ressaltou que qualquer dúvida você saberia do paradeiro dela.

— Ela nem sequer me deu um tchau — comentou Cristóvão em tom de mágoa.

Gisele jogou seu olhar questionador sobre ele e eu

deixei escapar um soluço pelos meus lábios sem que eu pudesse contê-lo. Cristóvão arquejou lançando-me um olhar, tenso.

— Mary, está acontecendo alguma coisa? — Respondi que não com a cabeça baixa, para não transpor os meus sentimentos de pânico.

— Está tudo bem... — falei um segundo depois de me recuperar da emoção. — Talvez ela tenha ido a Porto Alegre visitar uma prima. — Um gelo me tomou pensando no pior. — Depois ligo para confirmar. — Passei por eles ganhando o interior da sala iluminada pela luz natural do sol que invadia as vidraças ao redor, e segui para a cozinha sendo seguida por ambos.

— Alguma coisa não está me soando bem, Mary — questionou Gisele enquanto puxava a cadeira para me sentar. — Voltou antes do combinado com esta expressão triste.

— Eu concordo com ela — disse Cristóvão ao seu lado. Levantei a cabeça fitando-os em pé diante da mesa, forçando um sorriso convincente e nem sei se consegui com tamanha dor em meu interior. O meu maior consolo

era saber que, pelo menos, o Fernando ficou bem, magoado com absoluta certeza, mas a salvo! Isso para mim significava tudo. Embora achasse que deixei muito em palavras, temia que ele aparecesse por aqui. Em pensamento, orei para ele não tomar esta decisão.

— O evento foi cancelado, por esta razão retornamos — foi o que veio à cabeça naquele instante. Precisava despistá-los. E acho que foi bem colocado, arrancando sorrisos descansados de ambos. Ansiosa, Gisele puxou a cadeira e se sentou à minha frente.

— Sobre a doação, Mary... — Eu assenti com os lábios reprimidos, sentida com ela segurando em minhas mãos sobre a mesa. Seus olhos tinham um brilho de esperança que partiu meu coração ao pensar que tudo que planejei poderia ir ribanceira abaixo. — Já está tudo acertado com o doutor Fabrício. Acho que podemos antecipar, né? Já que está de volta!

— Claro, claro... — fui convicta. Precisava dar um jeito de concluir este projeto. Não poderia deixar o Sérgio e sua gangue destruir sonhos desta maneira.

—As pessoas não se aguentam de ansiedade, pensa

naquelas pessoas fazendo planos... é lindo, Mary! — Ri orgulhosa e triste pela fragilidade do projeto.

— Ela tem razão. Ainda mais com a reforma indo de vento em popa — comentou Cristóvão.

— Ninguém mais dorme nesta terra — emendou Gisele. — Ficam até de madrugada após os trabalhos. Um esforço que dá gosto de ver... — Suspirou feliz, eu tentei rir, mas não deu.

Minhas pálpebras pesavam e fechei meus olhos.

— Deve estar cansada da viagem, vá descansar — aconselhou Cristóvão, solidário.

— Exausta, tenho dificuldade em adormecer em voos. — Uma verdade, pelo menos. Me levantei.

— Então você concorda na antecipação da data, posso confirmar com o doutor Fabrício, Mary?

Minha tia povoou minha cabeça sem deixar espaço para nenhum outro assunto, então apenas assenti e me dirigi para o quarto enquanto, eufórica, ela pegava o celular no bolso.

Fui arremessada sobre a cama assim que abri a porta do quarto.

Rugiu raivoso como um animal se preparando para atacar quando o Cristóvão me salvou batendo a porta do quarto.

— Mary? — ele chamou. — Eu gostaria de falar com você sobre a sua tia, Ana. Será que teria um tempinho para mim? — Sérgio revirou os olhos, impaciente.

— Fala que agora você está ocupada — ele sussurrou asqueroso ali em pé ao meu lado.

Eu assenti com as lágrimas explodindo dos meus olhos presos nos dele cerrados, fuzilando-me.

— Será que podemos conversar depois, Cristóvão? — tentei parecer natural e acho que consegui porque ele não insistiu.

— Tudo bem... Desculpa te incomodar.

Solucei fechando meus olhos com força. Eu estava perdida nas mãos deste animal.

Rindo satisfeito ele subia na cama, e graças ao senhor meu Pai o seu celular começou a tocar insistente.

Bufando frustrado, ele pegou no bolso da calça e atendeu. Eu aproveitei e corri para o outro canto do quarto.

— Agora eu não posso, estou ocupado — injetou seu olhar tarado deslizando por todo meu corpo centralizando em meus peitos fartos, abracei meu corpo a fim de esconder-me o máximo. Meu coração estava a mil e minha respiração entrecortada, eu estava num desespero tremendo. — Cartório? — exasperou. — Como assim? — gritou e pausou enquanto escutava o que a outra pessoa dizia do outro lado da linha. Seu rosto foi se fechando em fúria e injetou sobre mim de forma satânica. — Matar ainda não, espera... — vociferou vindo em minha direção. Gelei com a palavra proferida por ele.

— Não... não — murmurei em lágrimas com meu coração a mil deixando minhas pernas bambas, precisei me escorar na parede a fim de não desabar sobre o chão.

— Vou até a cidade averiguar — disse entredentes prendendo meus olhos com os flamejantes dele. Temendo a proximidade, deixei-me cair sentada no chão, abraçando os joelhos e repousei o queixo sobre eles, atenta às suas ações, a fim de não ser pega de surpresa.

Sua feição estava estranha enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha, arrastando a bunda sobre o carpete, eu

recuei até o bloqueio da parede.

— Tudo bem, vou dar um pulinho, aguarde as minhas instruções. — E desligou. E veio se ajoelhar ao meu lado, encarando-me.

A mão livre, circulou os dedos ao redor do meu pescoço e apertou me degolando. As pupilas de seus olhos dilataram e o horror me tomou.

— O que você fez, Mary? — perguntou com voz áspera deixando claro sua intenção de me esganar.

Eu apenas sacudi a cabeça sem condições de falar.

— Que história é essa de doação?

Engoli forte quando deu, eu sabia que esta história daria merda.

— Fala, sua vagabunda! — Cuspia na minha cara enquanto falava. Que nojo! — Eu vou até a cidade e a senhorita reze para conseguir contornar o que aprontou, senão eu não respondo por mim — alertou-me, vociferando, enquanto seguia em direção ao banheiro. Foi um momento de paz que sentia, e consegui me recompor, sempre na mesma posição para esconder o meu corpo e de forma a não perdê-lo de vista. E quando voltou, fazia um

rabo de cavalo e seus olhos verdes com aquela sombra demoníaca me fitaram e puxou um sorriso nos lábios, assustador.

— Então planejou me foder, né, Mary? — falou agora com a voz mais serena sacudindo a cabeça, indignado

— Me desculpa... — balbuciei entre meus lábios, tremendo como todo o meu corpo. — Por favor, eu arrumo as coisas, mas não machuque a minha tia, eu imploro. — Ele gargalhou como se eu tivesse contado uma piada bem divertida.

— Agora você complicou a minha vida e a sua também. — Jogou seu olhar ameaçador sobre os meus, gelei. Se inclinou me olhando intimidador, apontando o dedo indicador em meu nariz. — Eu não tenho família, nenhum caso efetivo e não temo a polícia. Veja que você tem mais a perder do que eu! Então, trate de cooperar para desatar o nó cego que deu, entendeu? — Eu assenti rapidamente. — Eu não me importo de amargar cadeia, então não me subestime se quer permanecer viva e manter a titia também.

— Faço o que você quiser, desde que não fira a minha

tia — disse pausadamente, ofegante. Ele abriu um sorriso de satisfação.

— Muito bem... — Respirou fundo e foi se sentar à cama ficando de frente para mim e cruzou os dedos. — A minha intenção a princípio era conquistar você, um casamento limpo, sem violência. Mas agora a coisa mudou de figura, o casamento vai ser forçado mesmo, infelizmente para você. Que vai ter que engolir essa consciente. — Apesar de haver milhares de palavras ofensivas na ponta da língua, minha consciência pedia paciência, então permaneci muda, ouvindo. — Não vou aceitar um desfalque no caixa, então tudo tem que ser desfeito na maior naturalidade para não despertar suspeitas. — Revirou os olhos impaciente e se levantando se aproximou e inclinando segurou firme em meu queixo apertando a ponto de doer. — É, bonitinha — começou com seus olhos sondando meu rosto. —, preciso de sabedoria para limpar a sujeira que você deixou — terminou a frase e me soltou.

Seguiu para a porta e parou com a mão no trinco e se virou.

— Espero que a inteligência que sua tia enche a boca para elogiar, sirva-lhe para alguma coisa. — Franzi a testa sem entender. — Não entendeu, né? — Confusa, eu neguei de cabeça, cheguei à conclusão de que o mínimo de palavras deveria sair de minha boca, precisava demonstrar obediência e respeito aquele animal da pior espécie. — Então, vou explicar — debochou. —, todos precisam acreditar na nossa união amorosa, então não banque a espertalhona comentando com seus amiguinhos! Inclusive com aquele velhote do Cristóvão... Se quer saber, já estou programando seu finalzinho de vida — ameaçou.

— Não... você não pode atentar contra ele. — Ele deu de ombros.

— Pois é, querida... a vida de todos está em suas mãozinhas delicadas. — Sua voz saiu acusatória quando piscou. — E não pense que está livre de mim. — Apertou o pênis se direcionando a mim — Deve ter dado pra burro pro magnata, agora vai dar para mim. Vou enterrar meu pau dentro de você e socar tão forte e tão fundo, mas tão fundo, que vou deixar ardendo, vou te rasgar todinha, sua

filha da puta, que seus olhos vão saltar para fora. Se prepara para o meu retorno... — Girou o trinco e saiu deixando-me no vazio. Eu desabei ali no chão e chorei, era a única coisa que poderia fazer naquele instante.



Fernando

Meu coração estava apertado no peito, torcia para que algum atendente do cartório de registros de imóveis da cidade me ajudasse, caso contrário eu não fazia ideia de como poderia encontrar minha Mary numa cidade grande como a de Uberlândia. Sentia-me um privilegiado por ter conseguido um lugar no voo das 23h com conexão em São Paulo e depois de quase dezessete horas eu finalmente cheguei a cidade exausto, pois não havia pregado os olhos a noite inteira. Eu estava com os nervosos à flor da pele, pelo cansaço como sempre acontecia sem dormir e temendo por sua segurança. Eu precisava encontrá-la, algo dentro de mim dizia que o tempo passava rápido demais e que muita coisa poderia se perder sem eu ter a chance de agarrar.

Sofri um baita choque térmico quando saí do ar condicionado do saguão do aeroporto e ganhei as ruas de Uberlândia com aquele calor insuportável. O sol muito forte sobre minha cabeça torrava meu cérebro e com a hipersensibilidade por falta de dormir causou uma enxaqueca irritante.

O aeroporto de Uberlândia era muito movimentado, distraído eu fiquei ali parado esperando um táxi. Eu estava ciente de que não seria fácil convencer o atendente do cartório a me fornecer as informações que procurava. Porém, eu estava disposto a pagar qualquer quantia por ela. Com certeza, eu encontraria um filho de Deus disposto a me ajudar.

— O senhor precisa de um táxi? — perguntou o taxista, um senhor de aproximadamente sessenta anos, com um sorriso simpático tirando-me do transe.

— Sim... — Me aproximei abrindo a porta e entrei. — Poderia me levar ao cartório de registro de imóveis, por favor — pedi olhando no relógio em meu pulso: 16h. Eu achava que ainda teria tempo. Falei, deduzindo sozinho, que o cartório não estaria tão distante dali. Mas também nem me dei ao luxo de perguntar, deixei a sorte me guiar.

Depois dizem que o destino não conspira a nosso favor, a cada dia eu acreditava mais nisto quando o taxista estacionou o carro em frente ao cartório e o cretino do funcionário da Mary saía pela porta de vidro. Ele deu a volta no estabelecimento em direção ao estacionamento ao

fundo enquanto eu pagava a corrida ansioso.

— Obrigado. — Grudei na alça da mala de rodinha e saí correndo em direção a ele antes mesmo dele entrar no carro quando abriu a porta.

— EI, VOCÊ? — gritei a plenos pulmões ganhando sua atenção, que se virou me olhando com uma mistura de raiva, de susto, com aqueles olhos verdes que eu queria furar.

— O que você está fazendo aqui, seu mané? — ele hostilizou-me com deboche e aquele gesto fez meu sangue subir à cabeça. Respirei fundo para segurar minha onda e apressei os passos. Nada me tirava da cabeça que aquele cretino estava machucando minha Mary.

— A Mary, cara, onde está a Mary? — perguntei mais uma vez, peitando-o. Ele revirou os olhos como se tudo fosse apenas uma brincadeira.

— Eu não te devo satisfação... — respondeu grunhindo, rindo, debochando.

Larguei a mala e segurei forte pelo colarinho da camisa preta, com o cheiro forte do seu suor invadindo meu olfato, usando a mesma roupa de Las Vegas. Cara porco!

Seus olhos crápulas reviraram.

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO? — berrou segurando minhas mãos para soltá-lo

— Gosta de maltratar mulheres, covarde? — indaguei ao recordar a voz agressiva dele ao telefone com a Mary. — Fala logo, onde ela está... — gritei, o arremessando para longe de mim. O cara era um fracote e caiu no chão, semelhante a um boneco de pano.

— Você está maluco, cara! Imbecil... — ele esbravejou enquanto se levantava e eu fui para cima, ensandecido. Sentia muito ódio pela forma como ele tratou a Mary. O meu coração só queria vingança.

— Responda minha pergunta — proferi com a voz trêmula de raiva com os punhos apertados na lateral do corpo, doido para socar sua cara, avançando sobre ele, empurrando-o pelo tórax com violência sobre o carro. Sua expressão se fechou de dor quando suas costas se chocaram com a lataria.

Neste instante, um garoto de não mais de 9 anos de pele jambo, que presenciou a briga, chegou perto. Fechei meus olhos, não queria passar este instinto de violência a

criança, mas meu sangue fervia em minhas veias, estava difícil me segurar.

— Você não está em condições de exigir nada... — Suas mãos me empurraram pelo ombro. — Se afasta de mim — exigiu com um sorriso de triunfo como se ele estivesse com a faca e o queijo em mãos. O cara era corajoso, sentia minha força e mesmo assim me enfrentava, peitando meu peito, me encarando com seus olhos que eu estava por um fio de furar.

Argh, que ódio!

— Estamos falando da minha mulher, então você respeite, senão eu mato você! — ameaçou ele, me tirando do sério.

— Ela não é sua mulher, seu canalha... ela é minha, a minha mulher — falei duro enquanto ele muito corajoso me empurrou trás. Ambos rosnávamos como dois animais selvagens numa luta por um acasalamento e fomos ganhando um público considerável com o nosso show, ali no estacionamento.

— Ela foi a sua mulher, você quer dizer: aprontou com ela lá em São Paulo e fui eu aqui — Bateu no peito com a

mão direita, aberta. — que ofereci meu ombro a ela. — Apertei os olhos, incrédulo. Imagina se eu cairia naquela conversa! Eu sabia que a Mary me amava, como tinha certeza de que ela estava sendo chantageada por alguma coisa.

— É mentira... — falei apertando os punhos, louco para socar a cara dele. — Ele riu, zombando.

— Estamos noivos, e não vai demorar muito para marcar a data do casamento. — Ri com sarcasmo e ele arqueou as sobrancelhas.

— Ah. Você deve estar se referindo a Las Vegas... — Soltou o ar, exausto, sempre com aquele sorriso zombador nos olhos. — Ela precisava ter certeza — Abriu os braços. —, mas agora está tudo resolvido. Ela descobriu quem é o seu verdadeiro amor. — Trinquei os dentes agarrando seu colarinho de novo.

— O que foi, acha que vai me intimidar, seu magnata de araque? — Seu peito impulsionou sobre o meu corpo, com seus empurrões. — Fique sabendo que agora a Mary é a minha mulher, então se afaste dela... — disse num tom autoritário me dando nos nervos.

— É claro que está mentindo! — Balancei a cabeça, rindo incrédulo, é claro!

— Que leseira, cara, eu vou repetir bem devagar para você entender! — falou ele, quando descontrolado, afastei-me e lhe dei uma voadora acertando em seu peito, que o fez cair no chão.

— Ela não é sua mulher — repetiu gritando enquanto se levantava. Meu maxilar travou tamanho ódio mortal por aquele cara insuportável querendo medir forças comigo.

— Muito menos sua! — Corri segurando em seus braços e o arrastei até suas costas se chocarem contra a lataria, novamente segurando seu colarinho, ele não reagia fisicamente, insistia naquela agressão verbal. Cara estranho!

— Acorda, cara... por que acha que a Mary largou você em Las Vegas? — Eu esmagava ele contra a lataria.

— Ou você fala onde a Mary está, ou eu vou arrancar as suas bolas! — Duvidando e gemendo com dores pela pressão que exercia em seu peito, ele incitava me deixando ensandecido.

— Desista, não vou dizer onde minha mulher se

encontra.

— Ah, é sua mulher... — Fora de mim prendi a respiração elevando meu joelho direito no meio das suas pernas com toda a força que eu possuía e vinha da alma acertando seu saco com tudo. Ele se encolheu com o grito da morte.

Encurvado, ele apenas exclamou e gemeu de dor, eu não lhe dei chance de nada segurando seu corpo pelo meu ombro a fim dele não cair, eu agarrei suas bolas com força e apertei com vontade.

— Aiiiii... minhas bolas — gemeu ele se curvando cada vez mais vermelho como uma pimenta malagueta, sem forças. Tomado por uma fúria que nem eu sei de onde ela veio, eu apertei até sentir elas estourarem em minha mão.

— AHHHHH... — Um coro soou ao redor, penalizados com o sofrimento do calhorda. Eu não o queria morto, mas só de pensar que ele tocava na minha Mary... ele caiu no chão tonto, encolhido, gemendo e chorando.

— Está doendo muito? — perguntei zombando curvado sobre ele. — Não aguenta, bebe leite... — Ri orgulhoso do meu feito enquanto ele lagrimava de dor. Vingado! —

Chora, nenê... Quero ver agora você colocar as mãos na Mary.

— Ah... minhas bolas! — exclamou ele entre os gemidos com algumas pessoas se aproximando para socorrê-lo, enquanto outras segurando em meus braços me afastavam dele.

— Não existe mais bolas aí, seu idiota, agora tem é uma bela de uma omelete.

— Seu louco... — murmurou, lamentando.

— No amor vale tudo, cara, e quem pode mais, chora menos — falei triunfante.

Enquanto alguns exclamavam estupefatos pelos meus atos, outros soltavam risinhos baixos.

— O que houve aqui? — perguntou o policial ao se aproximar e já abaixou em frente a ele, que acabara de desmaiar.

— Tivemos uma discussão e acidentalmente acertei o saco e ele desmaiou — falei isso sem nenhuma vergonha, ou melhor satisfeito com o resultado. Ele nunca mais colocaria as mãos nela.

A conclusão foi única: enquanto ele foi de ambulância

para o hospital, eu fui levado pela viatura até a delegacia e acabei sendo preso por agressão.

— Oi, Leo? — falei baixo totalmente envergonhado sem saber como poderia dizer ao meu irmão caçula que estava atrás das grades.

— Fernando! — ele exclamou com voz assustada. Já até imaginei o porquê. — Falei com o tio ontem à noite, ele me contou que...

— Preciso que venha a Uberlândia agora — interrompi-o. — Estou preso e preciso que pague a minha fiança.

— PRESO?! — ele soltou um grito que logo foi abafado. Entendi que se escondia pela casa. — Fernando do céu, o que você aprontou, cara?

— Não tenho tempo para explicar. Contrate o melhor advogado e venha rapidamente me tirar daqui — fui seco, ele concordou e desligou no mesmo instante.

Capítulo 14

Mary

Mergulhei numa angústia sem fim na enorme sala com janelas de vidro, a luz da lua que sempre iluminou o ambiente hoje estava triste. Desabei sobre o sofá, a brisa trazia o perfume dos jardins. Desesperada comecei a andar de um lado ao outro com aquela sensação de morte no peito.

Será que o Sérgio matou minha tia e por esta razão tomou chá de sumiço, me deixando ali no vácuo sem notícias.

Sentia uma mistura de sentimentos entre o medo... uma tristeza estilhaçada, saturada, opressiva, tudo... e além de tudo, saudade com a imagem do rosto do Fernando tomando minha mente, tornando ascendente a magia dele, varrendo tanta dor por um segundo.

Uma tortura que me deixava entorpecida, com uma sensação de perda e fracasso me adoecendo... pois não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser aguardar

— Não... não... — conversava comigo mesma em voz

alta. A repugnância com a trilha que meus pensamentos seguiam pesavam minhas pálpebras, querendo se fechar, e novamente embrulhou meu estômago causando um enjoo terrível, podia sentir a bílis subir pela garganta e, mais uma vez, minha ação foi engolir forte impedindo-o.

Não havia espaço para me dar ao luxo de sofrer, eu precisava de força, equilíbrio para passar pela aquela tormenta. O ronco do meu estômago fez-me lembrar que eu não comi nada há horas, mais um motivo da minha fraqueza, além da falta de sono. Foi humanamente impossível pregar os olhos. Tudo dentro de mim estava uma desordem sem procedente, não conseguia controlar minhas emoções, que explodiram em lágrimas atrás dos meus olhos sem que eu pudesse contê-las. Desabei sobre o sofá de couro com as mãos trêmulas atrás da cabeça, meus olhos varriam a penumbra do teto de ponta a ponta em toda extensão do ambiente.

Eu não poderia me deixar levar pelo medo.

É claro que este não foi o motivo. O Sérgio é ardiloso, estrategista, paciente. Ele não jogaria tudo para o espaço e simplesmente partiria assim, não antes de

colocar a mão em minha fortuna.

Estava me sentindo muito sozinha, impotente... Ah, Fernando! Eu precisava tanto ouvir sua voz, ele se tornou uma parte importante dentro de mim, pensar nele me trazia paz. Queria tanto abraçá-lo, sentir seu calor, seu corpo e seu cheiro que me deixava inebriada. Meu coração ganhou uma batida diferente, ao mesmo tempo que o relaxamento deslizou por todo meu corpo. E fechei meus olhos visualizando, a uma hora destas ele deveria estar em São Paulo, no leito do seu lar... junto a sua família.

Eu queria tanto fazer parte dela, tanto... O destino, que devia nos unir, nos afastava cada vez mais um do outro, em termos de milhares e milhões de distância. *A nossa união duradoura, como eram os nossos planos, o nosso felizes para sempre não existe, meu amor. É só olhar em torno e para trás para ver que tenho razão, foram tantas juras de amor, perdão, e ainda assim olha só para nós.* Eu aqui agonizando e ele lá em São Paulo.

O difícil era conseguir manter toda aquela história no anonimato, ou seja, para Cristóvão e a Gisele, ambos que praticamente viviam dentro da casa. Cristóvão conviveu

comigo durante anos, era quase um irmão ou pai, eu acho. Pois sempre o vi como um paizão tamanho o carinho que ele tinha comigo... E a Gisele era uma mulher surpreendente, guerreira, uma pessoa fora de série.

— Mary, por que está aí no escuro? — perguntou ela acendendo a luz e fixou seus olhos comovidos sobre meu rosto. — Você precisa se alimentar — disse se aproximando ao me ver ali desanimada, esparramada sobre o sofá e com certeza pálida. Levantei meus olhos e sorri fraco.

— Estou sem fome, obrigada... aliás, já passa da meia-noite. Por que ainda está por aqui? — Baixei os olhos novamente quando ela se sentou ao meu lado e segurou em minha mão.

— Estou preocupada com você... Tem certeza de que não quer conversar, você tem uma amiga, desde que chegou tenho a observado envolvida numa angústia preocupante...

Balancei a cabeça reprimindo meus lábios para não chorar. Quanto menos pessoas se envolver nesta imundície, melhor!

— Está tudo bem, eu acho... — funguei.

Sua sobrancelha, incrédula, se ergueu, eu abri aquele sorriso com uma necessidade de desabafar e aliviar um pouco a tensão que estava sentindo.

— Saudades é o que me define. — "E medo também", pensei.

Sorrindo, ela assentiu.

— Já notei você perambulando nostálgica pela casa. Ficou algum amor mal resolvido em São Paulo?

Soltei o ar forte com o seu questionamento.

— Um amor impossível... — Dei de ombros, arrasada. — É o que parece a cada dia que passa.

Solidária ela segurou minha mão, sorrindo.

— Eu não acredito em amor impossível, é claro, desde que os sentimentos sejam mútuos — disse ela.

Dei de cabeça, ponderando.

— Eu e o Fernando nos amamos, mas o mundo conspira contra nós — confessei acreditando mesmo nesta possibilidade. — O lado bom de tudo isso, mesmo que seja doloroso é que estamos sempre mantendo contato.

— Então, minha amiga! Não se pode perder a fé —

tentou animar-me, sem sucesso. E o mais fofo que achei foi a sua discrição. Sequer mencionou sobre o suposto romance entre mim e o Sérgio.

— Verdade! — Me levantei com ela seguindo-me com o olhar e fui até a porta balcão e saí para a varanda. Rajadas de ventos espalharam meus cabelos cobrindo meu rosto. Coloquei-os para trás e respirei fundo quando Gisele parou ao meu lado. Ficamos em silêncio olhando para o horizonte. Uma cortina fina branca transparente do sereno encobriu a paisagem, enquanto eu vaguei, pensativa.

— E sobre a doação?

Respirei fundo, amedrontada com aquele assunto, e ela notou.

— Você não se arrependeu, não é mesmo? — Sua voz saiu baixa, temerosa. Coloquei um sorriso no rosto e virei a cabeça em sua direção a fim de tranquilizá-la.

— É claro que não... De onde você tirou esta ideia? — Sorriu, evidentemente contente e aliviada com a minha resposta. Grunhi — Eu, hein! — Passei a mão pelo seu ombro puxando contra o meu. — Eu daria tudo a vocês se

eu pudesse, eu juro.

— Você é a melhor pessoa deste mundo, Mary... — ela elogiou com uma voz sincera e emocionada e beijei sua bochecha.

— Dinheiro é apenas uma consequência do trabalho, cheguei à conclusão de que ele em excesso causa muito sofrimento e dissabores. — Ela assentiu com a cabeça, porém não esboçou nenhum comentário e eu entrei.

— O Sérgio viajou, Mary? — ela questionou quando ia subir as escadas para meu quarto.

Boa pergunta! Tomara que não..., pensei com aquele aperto no peito e o tremor começando a tomar meu corpo de nervoso.

— Não sei do Sérgio. — Eu sabia mais ou menos... Seus olhos se apertaram em suspeita.

— O advogado conseguiu uma data para amanhã à tarde no cartório. Todos já estão sabendo e ansiosos pelo grande dia — disse ela baixo esperando minha opinião. Senti um baque no peito, medo, tudo... Eu nem sabia mais como tudo isso iria acabar, porém não podia correr o risco de comentar. Mesmo porque sabendo, ela seria mais

uma na lista das vítimas do Sérgio.

Engoli em seco, estava cada vez mais difícil manter toda aquela história no anonimato. Seus olhos carinhosos sondavam meu rosto, ela sentia minha perturbação, e permaneceu em silêncio sem pressionar. O seu carinho e cuidado comigo eu transportava para a Raquel, porque já a considerava uma sobrinha do coração. Eu tinha arranjado uma nova e linda família. Eu apenas precisava rezar, manter a fé que sempre me acompanhou para superar aquela fase difícil. Decidi que o limite de espera seria até na manhã seguinte, caso ele não aparecesse eu iria a delegacia, não podia ficar às escuras.

— As coisas continuam como antes, não é mesmo? — Assenti com meus olhos querendo encher de lágrimas, mas reprimi. Mesmo assim não conseguia paz ao meu coração despedaçado.

— Sim... claro — menti para ela, mentia para mim mesma.

— Mamãe, mamãe — Raquelzinha entrou gritando na sala e estaquei no degrau. — Olha o que eu achei na plantação de laranja. — Ela estendeu um aparelho celular

que de imediato reconheci ser da minha tia e desci os degraus correndo.

— Me deixa olhar isso. — Peguei de sua mão antes que sua mãe o fizesse. As lágrimas banhavam meu rosto ao mesmo tempo que meu peito subia e descia com minha respiração acelerada.

— Mary, este telefone é da sua... — começou ela assustada, seus olhos cresceram destacando as pupilas dilatadas, com o dedo indicador coloquei sobre meus lábios movimentando a cabeça de um lado ao outro pedindo silêncio, quando pela porta balcão onde se tinha visão do lado de fora, vi aquele carro popular parar em frente à casa, e pela janela do veículo aberta vi que se tratava do Sérgio em seu interior no banco traseiro e ao volante estava um rapaz de cabelos curtos e negros e que parecia ser alto e magro de aproximadamente vinte anos. — Gisele assentiu.

— Será que posso ficar com ele? — Raquel perguntou em sua inocência, eu me abaixei à sua frente abraçando-a com carinho, fitando-a, ouvindo os grunhidos de desespero de Gisele. Seus olhos oscilavam para fora e

para mim, ali abaixada com a Raquel.

— A tia Mary vai comprar um aparelho novo para você. E gostaria que não comentasse com ninguém que encontrou este, será o nosso segredinho. Acha que consegue guardar este segredo, amor?

— Eu consigo... — Sorrindo, beijei seu rosto. E desviei o olhar para Gisele, que entendeu sobre o que se passava.

— Mary do céu! — exclamou em nervosismo. — É o que eu estou pensando?

Respirei fundo com uma dor terrível no peito. Angustiada, apertei um lábio sobre o outro e fechei os olhos momentaneamente e os abri, arfando.

— Eu bem que desconfiei de algo...

Eu a interrompi:

— O segredo se estende a você também. — Minha voz abafada num fio apenas causou comoção a ela. Entendeu tudo rapidamente e se aliou a mim entendendo a necessidade. Ela assentiu, apreensiva. — Leve a Raquel daqui, por favor.

— Precisamos pedir ajuda! — alertou-me antes de sair, mas eu neguei com a cabeça.

— Por favor, seja discreta. Eu preciso do seu silêncio, pelos menos por enquanto. — Ela concordou num movimento de cabeça e, então, com a mão nas costas da Raquel a conduziu para fora da sala em direção à cozinha.

Me joguei no sofá e aguardei o Sérgio entrar, estava com o coração quase saindo pela boca de tão nervosa. Precisava saber sobre o estado de saúde da minha tia.

E não consegui reprimi o riso quando ele desceu do táxi. Ele caminhava em direção à porta com a ajuda de uma bengala, com as pernas abertas e lentamente. Ele parecia usar um gesso pelvepodálico. Aquele que deixa as pernas imobilizadas e mantidas afastadas através de uma barra unindo o gesso. Explodi numa gargalhada com meus olhos presos no seu quadril.

— Ri mesmo, sua ordinária... — Seu olhar assumiu um verde sombreado, assassino, quando avançou para cima de mim. Num ímpeto, eu saltei do sofá sem tempo de fugir. Sua mão livre, grande e áspera, agarrou minha cintura enquanto eu arqueei para fugir do seu hálito fedorento. — RI, SUA VAGABUNDA, FILHA DE UMA PUTA! — Sua voz saiu quase em um rosnado com seus olhos verdes

apertados e seu maxilar travado. — Quem ri por último, ri melhor, sua VADIA!

— Ah... por favor, Sérgio... — suplicava tentando me soltar de suas garras. O ódio alimentava o monstro dentro dele, sua força chegava ao ponto surreal, demoníaca. Não surtia efeito algum a minha tentativa de afrouxar suas mãos em torno de mim. Seus dedos se contraíram ainda mais. Minha visão ficou turva e minhas pernas fracas começaram a render-se, se dobrando.

— Eu vou matar todos vocês... — Sacudiu-me com força.

— Vo-cê tá doi-do? — O som de minha voz saía esganiçada e as palavras entrecortadas, ele me atirou sobre o sofá.

— QUE PORRA VOCÊ FEZ?! — rosnou entredentes avançando sobre mim ali no sofá. Meu instinto de sobrevivência primitivo me acudiu fortalecendo minhas pernas. Num impulso corri até a porta balcão quando ele gritou:

— Se sair por esta porta, a titiazinha estará mortinha, mortinha — ameaçou zombeteiro. Gelei e parei antes

mesmo de atravessá-la. E me virei. Seu rosto assumiu uma postura mais confiante e serena. Dono da situação. Estava odiando aquilo, no entanto eu tinha que concordar. Ele ditava as regras, infelizmente. Em sujeição voltei ao sofá.

— Vejo que a patroinha tem juízo. — Um sorriso triunfante se espalhou em seu rosto em meio a pronúncia. Soltei o peso do meu corpo e com a cabeça arqueada encarei-o, vasculhando lá dentro de mim uma força perdida, rezando para encontrá-la. Aliás, nem sabia se ela existia.

— Veja bem, Sérgio! — tentei pausadamente. Suas duas taturanas albinas sobre os olhos demoníacos se juntaram à medida que eu falava, mas eu não me intimidei. — Fiz a minha parte, fiquei o dia inteiro aqui esperando por notícias suas em silêncio, isto prova a minha cooperação, agora faça a sua — falei ríspida entredentes. A arrogância estampou em seu rosto enquanto ria zombeteiro. — Se ousar tocar na minha tia, eu ferro com você. — Ele jogou a cabeça para trás numa gargalhada alta e forte.

— Tudo isto é culpa sua, somente sua. Então assuma as consequências dos seus atos. — Franzi a testa. —

Atravessou o meu caminho, anulou a minha procuração e de quebra e bem nas minhas costas ainda quer doar 30% do meu patrimônio para o povinho idiota que você chama de merecedores.

Meus lábios se entreabriram e meu coração acelerou com sua expressão, que se fechou. Com cuidado, ele se aproximou e foi se sentando lentamente, gemendo de dor ao meu lado, soltou o ar com força quando conseguiu e virou a cabeça me encarando.

— Assim que o cartório abrir— Com o dedo indicador apontou em meu peito e depois para o dele. —, nós dois estaremos lá. E vamos desfazer este mal-entendido. — Eu neguei com a cabeça, incrédula.

— Como... eles vão desconfiar, todos estarão reunidos no cartório... — Ele deu de ombros com desdém.

— Se vira, vaca! — rosnou com ódio. — Fez, agora desfaça.

— E o que eu vou dizer? — retruquei. Ele torceu a boca.

— DIGA QUE VOCÊ É UMA VAGABUNDA, FRACA! — gritou e eu me encolhi me arrastando para a ponta do

sofá, a uma distância segura. Ele riu orgulhoso do feito. — Fala que é uma imprestável e que estava sob efeito de drogas, por isso cometeu este engano enorme. — Abriu os braços em sentido amplo.

— Vai ser descoberto, Sérgio — falei baixo com os olhos cheios de lágrimas quando sua mão cortou o ar atingindo meu rosto num tapa estalado deixando as marcas dos seus dedos sobre ele. — Seu animal! — protestei entredentes com a mão no rosto queimando.

— Você vai resolver este probleminha por bem ou por mal, diga o que quiser desde que conserte, anulando esta doação e refaça a procuração. — Se levantou agarrando a bengala — Daqui a pouco vai chegar uma encomenda para encorajá-la a fazer o que estou pedindo. — Enquanto ele caminhava em direção ao corredor dos quartos dos empregados, pois não havia mesmo como subir as escadas, fiquei intrigada sobre qual encomenda que chegaria a uma hora daquelas da madrugada quando ele se virou. — Fique aí aguardando, eu preciso me deitar... a dor está acabando comigo.

"O que será que aconteceu com ele?", perguntei no

silêncio dos meus pensamentos e dei de ombros. "Seja o que for, bem feito para ele!"

Um minuto depois, notei um farol ao longe em meio à cerração se aproximando. E saí para a varanda.

— Senhorita Mary Lemos?

— Sim — respondi ao rapaz alto muito magro, de aproximadamente vinte anos, que desceu da caminhonete e perguntou ao se aproximar de mim na varanda. Suas roupas despojadas indicavam que ele não era um homem do campo. Seus olhos negros, como os cabelos curtos, ficaram atentos aos meus, enquanto eu pegava a caixa pequena envolta de um papel laminado na cor vermelha, embrulhada para presente, na verdade. Ele acenou com a cabeça para que eu pegasse, depois retornou ao seu veículo e saiu em disparada.

Retornei para dentro e me sentei no sofá. Com um aperto no peito e o medo me dominando, eu comecei a abrir, hesitante e desconfiada, quando meu coração disparou no peito com o que foi revelado dentro daquela caixa. Em choque saltei do estofado com a mão na boca, tremendo e com tudo dentro de mim em desordem, senti

como se uma dinamite tivesse sido acionada e explodiria a qualquer momento, eu quase não conseguia respirar. E comecei a gritar como uma louca em direção aos quartos.

— Seu animal, como pôde fazer isso?! — berrava batendo com força na madeira da porta ouvindo suas gargalhadas do lado de dentro, se divertindo com o meu sofrimento. — Seu animal selvagem... Porque... porque... — minha voz quase não saía em desespero.

— Este é o futuro da titia se você não fizer o que é preciso. E pare de me encher o saco... — praguejou rigoroso — senão o próximo presente vai ser o corpo inteiro, esquartejado.

— Não... não... não... — chorando deixei me cair de costas à porta do quarto, sentando no chão. Abracei os joelhos e comecei a chorar minhas piores lamentações.

Eu preciso avisar a polícia, antes que seja tarde... Ele não vai poupar a minha tia, ele está blefando... Já deu uma mostra do que é capaz... Estou perdendo tempo, gastando um tempo precioso de vida da minha tia. Céus! Ergui as mãos ao alto e rezei com a força do meu coração. Se não fosse de madrugada, eu correria com certeza ao

templo de oração, mesmo em reforma, e ajoelharia diante de Deus pedindo amparo e proteção a ela. E meu coração me dizia que eu poderia clamar aqui mesmo e foi o que fiz. Ajoelhei-me e com as mãos estendidas orei, clamei, fiz promessas... ciente de que Deus não deixaria ele tirar mais nenhuma parte do seu corpo, além do seu dedo anelar direito, que veio com o anel que ela não tirava dele. Eu queria tanto que fosse mentira, mas o sague fresco encharcado no algodão ao qual o dedo veio envolvido, não me deixava nenhuma dúvida.



Fernando

Eu queria mais que aquele imbecil morresse, isso sim! Não conseguia colocar minha cabeça para pensar, de tão nervoso em que me encontrava. *Foda-se que estou preso, foda-se que fui fichado, foda-se que esmaguei aquelas bolas nojentas*. Eu nunca permitirei que ele coloque a mão na minha birrentinha. Tomara que eu o tenha aleijado. Era só isso que conseguia pensar, me causava calafrios de ódio em imaginar que ele foi a pessoa que a Mary deixou tocá-la com a nossa separação, e também havia outro tipo de preocupação que me deixava com a pulga atrás da orelha. Como assim, problemas perigosos? O que será que ela quis dizer com isso? O cara é medroso, não reagiu às minhas agressões. O que será que ela queria dizer com aquilo? A ansiedade me definia.

— CALHORDA, FILHO DE UMA ÉGUA! — gritei com as mãos acima da cabeça, em pé na penumbra da pequena cela.

— Cale a boca aí, cara! — gritou um detento que partilhava do mesmo corredor.

O fator prisão, fichado, causou pavor no Leonardo, esta

foi a sua maior preocupação até mais do que a dor que eu sentia por dentro.

E eu que pensei que ele tivesse uma mente aberta. Me enganei redondamente, ele se mostrava mais conservador do que poderia imaginar. Ainda bem que ele pensou quando resolveu omitir das mulheres de casa sobre o que se passava comigo aqui em Uberlândia. Mas não deixou de chamar a minha atenção ao telefone, questionando onde eu estava com a cabeça para agredir outra pessoa na rua. Até mencionou que eu estava sendo inconsequente. Porém, não via a coisa por este ângulo e me defendi:

— Eu sou humano, Leo — disse na forma mais ampla. — E pare de me julgar, mano! Não é você mesmo que diz ter a mente aberta, que é descolado e tudo mais...

Do outro lado da linha, grunhiu, nervoso.

— *Ter mente aberta e ser descolado não tem nenhuma relação com atitudes violentas* — disse seco em bom tom.

Comecei a rir sozinho, recordando suas palavras ao telefone, me sentei na dura cama achatando minha bunda, sem nenhum arrependimento. Ainda bem que a ansiedade

não me deixou sentir sono, me mantendo acordado a noite toda, porque seria humanamente impossível dormir numa dureza destas. — Bati as mãos espalmadas ao meu lado e soltei o ar com força.

E o Leonardo que não chega nunca!

Meus pensamentos estavam se debatendo dentro da cabeça quando o som dos metais se chocando contra metal reproduziam sons, que antigamente eu os veria como extremamente irritantes. E agora soou como alívio, e veio junto ao som de vozes ecoando por todo o corredor das celas. Levantei-me de um pulo só e me aproximei da grade.

Inclinei a cabeça para ver melhor, e o único som agora era de passos se arrastando pelo concreto do chão e o da respiração pesada de alguém, que identifiquei depois ser de um policial que vinha em minha direção com uma chave nas mãos.

— Pelo amor de Deus, me diga que vai me tirar daqui — roguei com esperança. Ele grunhiu, e outros detentos também. Porém, ninguém gritou desta vez.

— Sua fiança foi paga, seu irmão e o advogado o

esperam na sala do delegado — informou ele sem nenhuma empolgação. Seus olhos vermelhos e sonolentos indicavam que foi importunado num momento de cochilo.

Entramos numa antessala ao qual tínhamos visão pelo vidro do interior da sala do delegado. Leonardo sentado à cadeira da frente, e ao seu lado o advogado contratado. Ele gesticulava muito com as mãos, uma mania desde criança que nunca o abandonou, como era o seu costume, e sua expressão era de quem implorava por algo. E o delegado, um homem de sessenta anos, cabelo no ombro e bigodes enormes, que quase passavam do queixo, com olhos castanho-claros, movimentava a cabeça de maneira irredutível de um lado ao outro que não. Pausaram quando o policial abriu e porta e eu pedi licença antes de entrar. Leonardo passou a mão nos cabelos ao me ver.

Eu deveria me sentir envergonhado, ou algo do tipo, mas não... eu estava orgulhoso de tudo aquilo. O delegado focou em meu rosto segurando um... riso? Era isso mesmo? Assenti apenas de cabeça, confuso.

— Senhor Fernando Albuquerque — Seus olhos percorreram meu corpo. Embora esteja vestido

casualmente numa calça caqui, uma camisa branca, sapato marrom como o cinto, e um pouco amarrotada, eu ainda estava bem. Não me acanhei diante do olhar crítico e zombador. Eu acho! Fiquei sem entender o motivo do risinho no canto da boca. —, o agressor da cidade! — ironizou e neste momento o policial atrás de mim caiu na gargalhada. A autoridade até tentou, mas quem disse que conseguiu? Seus lábios explodiram numa alta gargalhada e se jogou de costas à cadeira e acenou com a mão para me sentar na terceira cadeira vaga ao lado de Leonardo.

— Me desculpe, me desculpe. — Ele estendeu a mão em pedidos de desculpas. E todos acabamos rindo. — Temos que concordar que foi uma situação hilária e inusitada. Poxa, senhor Fernando, pelo que consta nos boletins médicos a sua vítima está numa situação difícil. — Dei de ombros com as sobrancelhas erguidas e olhei para o Leonardo grunhindo em advertência e voltei ao delegado.

— Ele morreu, está morrendo? — Foi só o que me veio à cabeça ganhando outro olhar de advertência do meu irmão que me cutucou com o seu ombro. E lá foi mais uma

leva de gargalhadas.

— Morrer literalmente no sentido das palavras não, mas um homem que perde sua masculinidade é a morte na certa! — disse aos risos com as mãos abertas e concluiu o boletim médico. — Foi confirmado o rompimento dos tendões e dos ductos do esperma, a chance é bem alta da vítima ter dificuldades de ereção.

— Era bem isso mesmo que eu queria — deixei escapar num rugido ganhando outro cutucão. E o Leonardo imediatamente se levantou notando a curva sinuosa da conversa. Eu não estava arrependido, pelo contrário, feliz por deixá-lo rendido. Estava satisfeito com a confirmação de que agora ele não colocaria mais as mãos no meu amor.

— Bem, doutor, então estamos liberados? — O delegado respondeu Leo com um aceno de cabeça e eu me levantei em seguida. O advogado que até então ria em silêncio, abraçou a sua maleta no peito se segurando para não cair na gargalhada.

— Sim, porém devo alertá-lo senhor Fernando que o senhor responderá criminalmente, então deverá comparecer algumas ou muitas vezes no nosso fórum —

avisou ele assumindo sua postura de autoridade. — Concordei. — E, por favor, fica longe de confusão — aconselhou-me.

— Sim, senhor. Com licença. — Já me dirigi para a saída, ansioso. E os dois homens vieram atrás de mim.

— Olha, Fernando, em toda minha vida nunca passou pela minha cabeça que um dia eu estaria numa delegacia, ainda mais... socorrendo o meu irmão certinho! — disse ele bloqueando a minha passagem antes de abrir o porta-malas do seu carro para guardar minha mala.

— Percalços da vida, meu irmão. — Bati em seu ombro, o empurrando para o lado para levantar a porta e guardei minha mala. O sereno tão forte soava doce na madrugada e não chegava a ser frio. Uma temperatura agradável que me incendiava por dentro. Meu coração chegava a soluçar sem ela. Eu pressentia que havia algo na atmosfera enviada pela Mary, não conseguia identificar o quê. Era como se nossas almas se comunicassem no universo ao qual não tínhamos acesso. Era tão denso que conseguia ouvir os sussurros, e as mãos translúcidas abraçando o meu coração. Fechei meus olhos por alguns

segundos sentindo sua essência em torno de mim. Despertei-me com o Leonardo limpando a garganta ao me ver no mundo da lua. — Agora entendo a demora, veio de carro — disfarcei com os dois me observando.

— Não consegui nenhum voo rápido e contratei o Dr. Alexandre Ramos. Ah, deixa eu te apresentar, com a confusão esqueci-me. — Joguei meu melhor olhar ao rapaz de mais de 27 anos, loiro de olhos bem azuis.

— Como vai? — perguntou ele, apertando minha mão estendida.

— Acho que péssimo — fui sincero e me dirigi para a porta do carro e abri. — Fez um excelente trabalho, obrigado. — Ele sorriu cordial.

— Daqui a pouco vai começar a amanhecer, acho que podemos pegar a estrada — disse ele, e eu o interrompi.

— Eu tenho muita coisa a fazer aqui, não posso sair da cidade — fui incisivo. Olhando para trás, Leonardo balançou a cabeça, confuso.

— Como assim, Fernando? Vamos embora sim senhor, já arrumou confusão demais por aqui. — A austeridade na voz lembrou meu pai quando nos dava aquelas broncas.

Como meu irmão amadureceu!

Debruçado sobre o banco, cheguei bem perto. O doutor Alexandre manteve o olhar fixo à frente em silêncio.

— Não antes de falar com a Mary... — falei claro e em bom tom. Ele revirou os olhos, impaciente.

— Irmão, precisa manter o foco na sua vida em São Paulo. Nos seus filhos que estão para nascer... já pensou se esta história chega aos ouvidos da Nata... — eu o interrompi fazendo o homem ao lado dele pular no banco de susto.

— Por favor, Leonardo! Não começa com este joguinho emocional para o meu lado. Conhece bem o meu laço com a Mary. Eu sei que há algo de errado acontecendo com ela, e eu não partirei sem antes olhar em seus olhos, eu fui claro?

Ele bufou, voltou para frente e deu a partida na chave.

— Mais claro que isso só ao amanhecer — resmungou saindo com o carro. — Este tal de Sérgio que você arrebentou, não é namorado ou noivo da Mary?

— Não... — falei confuso recordando das palavras do Sérgio. Eu confiava na Mary, ela me disse que ele era

apenas um funcionário, então era nisto que acreditava. — Preciso de um tempo para confirmar algumas suspeitas — finalizei e ele sacudiu a cabeça em rendição.

— Então não me resta outra alternativa que cancelar minha viagem, ficarei com você até que resolva este impasse... — frisou.

— Não há necessidade, Leo. Pode voltar a São Paulo. Eu me viro aqui sozinho.

— Mas nem que a vaca tussa! — disse ele em tom de humor. — Pelo que estou vendo vai precisar do meu socorro novamente. — Bateu no volante quando o Dr. Alexandre virou para trás, encarando-me.

— Desculpa interromper o assunto de família — se pronunciou ele com um sorriso confiante. — Se não precisam mais do meu serviço, então voltarei a São Paulo neste momento.

— Ah, sim... — Bati nas costas do Leo. — Leve-o ao aeroporto primeiro, mano — instruí e o Leo mudou a rota.

Estava tão ansioso que precisei pedir uma garrafa de uísque para tentar relaxar. Enquanto o Leonardo foi se deitar exausto pela longa viagem dirigindo, eu tomei um

banho relaxante e fiquei na sala da suíte. Sentado sobre o sofá fiquei olhando para o líquido através do vidro transparente, temeroso, revivendo o que aquele líquido de aparência inocente havia feito comigo. Enrolou a minha vida até umas horas... E tudo o que vivia era justamente pelo consumo excessivo dele. Bebericando devagar com consciência, eu acabei adormecendo no meio da garrafa.

Acordei com a sensação de que alguém estava tentando me falar algo: era Leonardo, abri os olhos sonolentos, perdidão.

— Já amanheceu, Fernando, o despertador tocou, avisando a hora de sair para o cartório como você queria. — E foi até a cozinha preparar um café na cafeteira enquanto meio zonzo pela bebida, eu me sentava. — Quer um café amargo? Sei que curte um pretinho para despertar. — Grunhi pensando no quanto ele me conhecia bem.

— Por favor... a minha dose tem que ser generosa — informei. Num impulso me dirigi ao banheiro para mais um banho, para tirar aquele cheiro de álcool que o uísque deixou impregnado em meu corpo pelo suor.

A água morna banhava minha nuca, trazendo o doce

aroma do café, penetrando pelo meu nariz. Descobri que o café não tinha só o poder de me despertar com seu poder energizante, mas era um estímulo para todo o meu interior. Logo minha ereção ganhou forma com a Mary povoando a minha mente de maneira invasora. Minha imaginação me rendeu momentos deliciosos, corpo quente, respiração ofegante, desejo abundante... Tudo era intenso em relação a ela. *Que coisa!*

O clima ao redor era agradável, além do aroma se misturando aos meus devaneios, trazendo uma paz interior muito grande, ainda tinha o cheirinho de pão de queijo que acabara de sair do forno, de certa maneira estimulou meu cérebro trazendo recordações da Ana. Ela sempre arriscava na culinária mineira, acertando sempre. Ela era, sem dúvida, uma cozinheira de mão cheia. Apreciei aquele cheiro no ar, suspirando profundamente antes de desligar o chuveiro, já estava mais do que na hora de viver a realidade e sair do sonho. Tinha esperanças de saber seu paradeiro hoje no cartório.

Embora a temperatura ali no quarto fosse agradável, pela janela observei a manhã mais cinza, e pelos trajes

das pessoas agasalhadas, estava mais fria também.

Vesti uma calça jeans escura, caminha azul clara, fora da calça, abusando dos primeiros botões revelando meu tórax, com as engrenagens do meu cérebro indo em busca da imagem do rosto lindo da Mary suspirando, seus dedos macios e quentes deslizando por todo ele, causando aquele arrepio gostoso pelo meu corpo, além de milhões de borboletas no meu estômago. Eu te amo, meu amor, eu preciso te encontrar.

As palavras gravadas e escritas assombraram meu coração como sopros ao pensamento. Não acreditei em nenhuma palavra daquele imbecil do Sérgio. Ele blefou, eu sei que sim... Ela parecia correr riscos, mas que tipo de risco? De vida? A possibilidade me desesperou.

A Mary era a única certeza de felicidade na minha vida, sem ela tudo ficava incompleto. A sua ausência fazia tudo ficar sem sentido, eu perdia o foco da minha vida. Não via um caminho para seguir...

Balancei a cabeça e mantive o foco com muito custo. Precisava de mais ação do que pensamentos. Vesti um blazer de um azul nem escuro e nem claro por cima, um

sapato preto, quando o Leonardo me gritou da sala:

— Fernando, vem logo tomar seu café, o cartório deve estar para abrir.

Densas nuvens negras se avolumaram no céu, deixando-o com cara de noite. O vento gélido e tortuoso provocava-me muito mais do que pequenos arrepios no corpo, e sim, uma vibração diferente misturava à ansiedade com aquela aglomeração de pessoas em frente ao cartório, ainda com suas portas fechadas. Leonardo estacionou o carro em frente devido a lotação no estacionamento.

— O que será que está acontecendo, nunca vi tantas pessoas num só dia em cartório? — comentou ele enquanto descia do carro. Eu fiz o mesmo repassando meu olhar em cada uma daquelas pessoas. Todas, sem exceção, nutriam de uma alegria imensa em suas expressões, um sentimento contagiante que, mesmo sem saber do que se tratava, aqueceu meu coração. A minha esperança se esvaziou quando não vi minha gatinha... Dei de ombros. "Por que ela estaria aqui?", pensei ao me aproximar, e o Leonardo me seguia, ajeitando o terno preto no corpo. O mesmo que ele veio de São Paulo, pois a princípio a sua

intenção era retornar ontem mesmo e por esta razão não trouxe nenhuma peça de roupa.

— Será que vamos conseguir a informação? — duvidou ele ao meu ouvido. Não tive tempo de responder, estava olhando em direção a calçada quando reconheci aquele senhor de cabelos brancos e olhos azuis. Uma onda de alegria tomou meu coração e corri em sua direção mesmo antes que ele descesse do carro prata.

— Senhor Fernando Albuquerque? — disse ele enquanto fechava a porta do veículo com seus olhos azuis presos aos meus, interrogativamente.

— Cristóvão, não é esse seu nome?

— Sim, este é meu nome – respondeu ele, apertando minha mão estendida.

Minha atenção foi desviada ao Leonardo limpando a garganta atrás de mim, e quando olhei, ele acenou para a mulher que descia do carro do lado do motorista, ela parecia alheia a tudo, seus olhos indo de um lado ao outro, nem parecia tomar conhecimento com a minha presença e a do Leonardo. A tensão em sua aparência deixava claro que havia algo a perturbando. Ela era bem

bonita, alta, de cabelos curtos, pretos com um par de olhos expressivos e cílios enormes, dando à silhueta morena um aspecto harmonioso ao rosto. Ela era bem exótica, não só na aparência e sim na forma de se vestir. E estava linda no macacão com boca larga numa leve estampa puxando para o laranja. Claro que o meu irmão não deixaria passar uma visão tão bela, sem demonstrar uma crise de interesse. Ele chegava a ser descarado diante de uma mulher bonita. E isso já me trouxe problemas sérios, me lembrei na hora da Késsia. Ainda precisava de uma chance de me acertar direito com o Juliano.

— Que surpresa encontrar o senhor aqui! — Seu olhar ainda era incrédulo quando a moça deu a volta e parou ao seu lado acenando com a cabeça para mim e o Leonardo todo empolgado ao meu lado.

— Na verdade, eu estou aqui procurando a Mary — Ele e a moça se entreolharam, hesitantes. — Eu preciso conversar com ela, por favor. — Ele riu do meu jeito insistente e olhou para a moça. Ela franziu a testa numa expressão estranha que não consegui identificar.

— Tudo bem, senhor Fernando — cedeu. —

Trabalhamos na fazenda que ela herdou. — Esta aqui é a Gisele — apresentou a moça segurando em seu braço colocando-a um pouco à sua frente. Ela agora fixou seus olhos nos meus, como se já soubesse quem eu era —, ela também é funcionária.

— Muito prazer! — Ela segurou em minha mão sacudindo exacerbadamente, sentia-a meia ansiosa, ou muito...

— O prazer é todo meu — respondi.

— Eu sou o Leonardo Albuquerque, irmão deste cara aqui — Leo estendeu uma mão a ela, a outra bateu levemente em meus ombros e piscou para mim, repreendendo-o.

— Tudo bem, Leonardo...

— Tudo e com você? — Ela sorriu tímida e voltou os olhos ao redor, sua tensão me deixou intrigado.

— Você pode me levar até ela? — Queria respirar e não conseguia diante do pedido com o meu coração querendo sair pela minha boca, e percebendo meu estado Cristóvão sorriu disfarçadamente.

“Por favor, coração, se aquiete aí dentro, amigo!”,

meditei na tentativa de me acalmar. Havia algo dentro de mim me deixando meio desconexo, algo que eu não conseguia entender.

— Não será necessário, senhor Fernando, ela deve estar chegando por aí — explicou Cristóvão naturalmente, disfarçando. Mas eu não estava nem um pouco preocupado se ele notava ou não a minha inquietação, somente a Mary me importava.

Ergui as sobrancelhas, confuso com o olhar reticente da Gisele sobre ele.

— Aquela menina, como o senhor já conhece, tem um coração de ouro — continuou ele prendendo minha atenção. — E hoje ela vai presentear a todos os funcionários que estão aqui. — Girou o dedo pelas pessoas, peito arfante, orgulhoso da atitude da amiga. Afinal, o mesmo orgulho que eu senti por ela. — Ela vai doar legalmente 30% dos seus bens, por esta razão estamos todos reunidos hoje aqui. — A moça rosnou como quem diz "vai acreditando" e fechou os olhos, nervosa, com a pressão dos três pares de olhos sobre ela.

— Ah, com licença, por favor — incomodada, ela se

afastou se juntando aos demais, nitidamente irresoluta.

— Ela não parece muito feliz — comentei.

Cristóvão respirou fundo antes de me responder:

— Este estado de espírito que ela acordou hoje, não deve estar relacionado ao grande acontecimento de hoje. Imagina! — disse focando-a entre outras pessoas em frente à porta do cartório, com seu olhar inquieto indo para todos os lados. — Ela está estranha desde que saímos da fazenda... — comentou ele, encafifado.

— Bem, fique à vontade, Cristóvão, vamos esperar pela Mary — comecei a falar e me virei. *Cadê o Leonardo?* Comecei a rir quando o vi de papo com a funcionária da Mary. Ele escapuliu que nem percebi. Também com o meu único foco sendo a Mary, era razoável.

— Com licença, senhor, vou ali conversar com o pessoal — pediu educadamente.

— Fique à vontade... — assenti e ele se afastou.

Em questão de mais alguns minutos, a porta se abriu e foi um alvoroço imenso. Todos queriam entrar ao mesmo tempo, e o Leonardo a tiracolo na Gisele se enfiou em meio à multidão, se empurrando para o interior do

cartório até que desapareceu.

Fiquei mais algum tempo ali na calçada, o frio ficando cada vez mais intenso, aguardando a chegada da Mary e nada quando uma explosão soou ao fundo vindo do interior do cartório os aplausos, os assobios e as ovações que eram cada vez mais fortes, e resolvi averiguar.

Paralisei ali na porta, parei literalmente de respirar porque eu não conseguia traduzir em palavras o que estava sentindo. Com meus olhos fazendo o reconhecimento ao vê-la entrar por aquela porta de vidro ao fundo do estabelecimento.

Linda!

Ela usava vestido verde-musgo justo, estilo lápis, abaixo dos joelhos marcando cada curva do seu corpo lindo e perfeito. Um modelo que valorizava ainda mais sua silhueta, bela. Além do decote profundo, com seus seios fartos explodindo por eles, ainda revelava as pernas alongadas e bem torneadas sobre aquela sandália de salto alto, na cor nude caminhando em seus passos elegantes.

Meus olhos se encheram de lágrimas com meu coração transbordando de amor, e um tesão já acordou meu

garotão, que já pressionava o zíper louco para participar da possível guerra. *Meu amor!* Estava abobado, hipnotizado com minha atenção apenas nela, quando recebi um baque.

Aquele calhorda entrou logo atrás, usando um tipo de fraldão, sei lá o que era aquilo que ele estava usando, caminhando com dificuldade com a ajuda de uma bengala.

Não pude deixar de rir com satisfação.

Arfei triunfante sem nenhum arrependimento pela coça que dei nele. E não pude evitar o sorriso sorrateiro em meus lábios que logo sumiu com sua mão maldita enlaçando ao redor da cintura da Mary. Só Deus soube o esforço que fiz para não avançar sobre ele, arrancá-la de suas mãos.

Seus olhos lacrimejaram quando encontraram os meus, o qual me fez arrepiar até a espinha. Arfando, seus lábios entreabriram quando seu corpo deu um tranco colando à lateral do corpo daquele cara que eu queria matar. Seus dedos ao redor dela pressionavam seu abdome, mesmo a distância eu podia notar isso. Quando ele beijou sua bochecha me olhando malvadamente, indicando o nível de

sua intimidade com ela, franzi a testa confuso, ela não reagiu ao carinho. Ali, eu fiz a leitura do seu pânico em sua linguagem corporal.

— A senhorita Mary Lemos vai falar, precisamos da atenção de todos, senhoras e senhores — disse assim que os aplausos cessaram em sua voz autoritária. E entregou o microfone em suas mãos. Ela hesitou a princípio antes de aceitar o que lhe era oferecido. Senti aquele aperto no peito, ao notar a tremedeira de sua mão.

O deslocamento da Gisele, que estava ao lado do meu irmão para mais perto da Mary, me chamou a atenção. Alguns instantes depois, ao se ver sozinho Leonardo veio se juntar a mim.

— É incrível como ela está linda! — exclamou ele tirando-me momentaneamente e bruscamente do transe. Eu estava todo focado nela, sentia a tensão em seu semblante, a tristeza, a força que ela fazia para não explodir em choro. E olhava para todos ali no ambiente como se estivesse pensando no que dizer.

Leo comentou mais alguma coisa que não consegui assimilar o que era. Sem que eu lhe desse atenção. Fiquei

focado quando ela, então, iniciou o discurso em meio a um silêncio absoluto.

— Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a presença de todos vocês. — O tal de Sérgio atarracou em sua cintura com a hesitação nítida, ela fechou os olhos neste instante contrariada, e quando abriu, respirou muito fundo.

Fiquei intrigado sem saber o que pensar naquele instante. Olhava fixamente e ela fugiu do meu olhar, eu vi muito medo instalado ali entre as lágrimas contidas, a sentia completamente perdida. — Eu estou sentindo muito com a notícia que serei obrigada a dar a vocês. — Ofegante, ela puxou muito ar para os pulmões em busca de fôlego. — Não está sendo fácil, mas estou justamente aqui para assumir o erro cometido. A empresa vem sofrendo transformações, e um desfalque no caixa poderá trazer prejuízos enormes e até paralisar os negócios. E creio que este resultado prejudicaria a todos sem distinção. — Um silêncio profundo apropriou-se, todos na expectativa. Ela baixou os olhos com intenso pesar quando se viu observada por tantos olhares curiosos e decepcionados. E

um sorriso de alegria se espalhou pelo rosto do homem a pressionando. — Eu me precipitei quando decidi fazer a doação, por ora deixaremos para concluir o feito num futuro próximo. — Um coro converteu-se em lamentação e soou no ambiente quando ela respirou fundo. As lágrimas de desgosto desciam de seus olhos, eu avancei ao seu socorro notando o quanto ela sofria, quando o Leonardo segurou forte em meu braço.

— Não, Fernando. — Ele lançou-me um olhar prudente. — Já arranjou problemas demais nesta cidade. Numa próxima você ficará trancafiado atrás das grades — lembrou-me. Congelei naquele instante sem saber o que fazer. Respirei fundo para me segurar, convencido de que ele tinha mesmo razão. Preso eu não poderia agir. Relaxei meu corpo.

— Está tudo bem... — assegurei, ele relaxou os músculos e voltamos à atenção a Mary.

Ela ficou muda quando o seu olhar se encontrou novamente com o meu, que a conhecia muito bem. Sorri com amor, ela sorriu triste. Aquilo doeu em mim enquanto meus olhos apaixonados passeavam por sua face e senti

algo estranho por dentro, como um alerta. Havia mais maquiagem em seu rosto do que ela costumava usar, tudo nela estava diferente, absolutamente tudo... Sentia-me na obrigação de trazer alívio àquele coração que padecia, sua alma pedia meu socorro, eu podia sentir sua urgência. Ela não precisava me dizer, eu sentia sua angústia.

— Que bomba, Fernando! — Leonardo cochichou ao pé do meu ouvido olhando ao redor para aquelas pessoas com os rosnados desesperados, que pareciam estar perdendo tudo com a sua desistência. Meus olhos estavam cerrados enquanto eu balançava a cabeça, confuso, sem acreditar naquela pessoa desconhecida ali, na frente, pronunciando palavras que devastavam os corações daquelas pessoas humildes que ela sempre lutou com fervor, que doou toda sua vida, esquecendo-se de si própria. Pessoas que planejavam um futuro brilhante com o prêmio que seria oferecido.

— Esta não é a Mary... — balbuciei na maior certeza do mundo passeando com meus olhos em sua face vermelha. — Esta não é uma atitude que ela teria, tenho a mais absoluta certeza... Eu a conheço com a palma da

minha mão. — Ele deu de ombros.

Minha cabeça entrou em parafuso, e eu parei de falar ao ver o Sérgio abraçá-la pela cintura, a puxando à sua frente. Fechei meus punhos em autodefesa e só não avancei sobre ele porque o fraldão evitou ele encostar o pau no que é meu.

Ele arrancou o microfone das mãos dela com uma violência que me subiu o sangue, sem soltá-la.

— Obrigado a todos pela atenção — Ele abriu os braços. —, espero que perdoem a senhorita, afinal, equívocos acontecem, ainda mais na sua falta de experiência em lidar com o agronegócio.

Ela deu um tranco tão forte que acabou derrubando-o para trás. Ele caiu de bunda no chão e um grito de dor intensa reverberou por todo ambiente. E saiu correndo pela porta de vidro ao fundo pela qual entrou, deixando-o ali no chão em lamentos de dor.

Enquanto uma aglomeração de pessoas em atos solidários se aproximava dele para socorrê-lo, eu saí pela porta que entrei, ainda ouvi os gritos do Leonardo me chamando, mas ignorei alcançando a calçada. Dei a volta

no quarteirão. Um aperto tomou meu peito quando a vi encostada numa caminhonete prata de cabeça baixa, arrasada ela se desmanchava em lágrimas.

Gritei o seu nome e desesperadamente corri ao seu encontro, abraçando-a.

— Meu amor! — A tomei em meus braços apertando-a fortemente, ela chorou ainda mais envolvida entre eles. — Eu estou aqui com você, meu anjo. — Segurei em seu rosto erguendo, obrigando-a a me encarar. Ela desabou beijando meus lábios e ficou ali, em prantos, com as lágrimas salgadas se misturando a nossas salivas.

— Fernando... Ah, meu amor... — sussurrou em desespero. — Você não deveria estar aqui, meu querido. — Soluçando alto, ela arqueou a cabeça segurando nas laterais do meu rosto, eu a puxei pela cintura colando nossos copos. Ela tremia por inteiro e, desta vez, não era de prazer. Eu conseguia imaginar a dor que ela devia estar sentindo. O medo exalava por seus poros.

— O que está acontecendo aqui? Aquelas mensagens, eu bem que pressenti algo pairando no ar, você não teria me deixado em Las Vegas às escuras se não fosse por algo

muito grave... — Com os lábios reprimidos e as lágrimas fazendo o caminho por sua bochecha, ela sacudia que não com a cabeça.

— Volta para São Paulo agora, meu amor... Por favor, Fernando. — O pânico em sua voz me deixou comovido, ela arfou e eu vi o receio da resposta nos seus olhos. Soltei sua cintura afastando os cabelos pelo rosto que a repentina rajada de vento esparramou e agora eu segurava na lateral do seu rosto aflito e beijei novamente os lábios úmidos.

— Não... não, sem você não — sussurrei em seus lábios absorvendo seu hálito morno e sofrido com ela chorando ainda mais, me deixando muito tenso.

— Mas você precisa... aqui é perigoso, por favor! — Meu coração bateu muito forte com o tom imperativo de sua voz na tentativa de me convencer. Meu corpo começava a se esquentar em alerta, eu sabia que ela estava em apuros e me preservava.

— Confia em mim, Mary, estou aqui com você, não tenha receio... — Meu tom de voz era firme, assim como meu olhar duro analisando a marca avermelhada

acentuada, que a base não conseguia esconder olhando de perto. Ela precisava sentir segurança e foi assim que acreditei conseguir atingir o meu objetivo. Só que eu estava enganado, seus olhos amoleceram em contato com os meus e ela passou a chorar ainda mais. — Ele agrediu você? — perguntei passando o polegar sobre o local, sentindo a quentura na pele macia e sensível, que eu sabia que foi ferida propositalmente. Ela negou veementemente de cabeça.

— É só a marca do sol — balbuciou entre um suspiro profundo.

— Porra nenhuma... — rosnei entredentes já perdendo a paciência, querendo matar aquele cara. As nuvens negras se movimentavam com rapidez no céu fazendo questão de se revelar, deixando claro que ela mentia. — Onde você está vendo o sol, Mary? Isto é recente! — gritei sufocado com o ódio me tomando por completo.

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO? — Aquela voz ao qual classifiquei maldita reverberou pelo meu corpo em ondas de ira. Soltei-a e apertei meus punhos à frente de nós, negando com seu movimento de

cabeça. Eu me preparava psicologicamente para socar a sua cara. Suas mãos suadas juntaram as minhas e nossos olhos se encontraram numa linguagem única que só eles entendiam e transportavam até nossas almas. Eu sentia sua necessidade...

— Por favor, meu amor, não... Por nós, não... — ela pediu, tentando sorrir em meio a tantas lágrimas. Eu não entendia exatamente o sentido da sua frase, mas lá no fundo, sentia sua importância. Concordei ignorando o calhorda, mas somente por ela, pela sua segurança.

— Mary, qual tipo de relacionamento que você tem com este cara, ele está chantageando você? Me fala, pelo amor de Deus! — Ela fechou os olhos soluçando apenas. — Ele não parece apenas um funcionário como me confidenciou em Las Vegas... — Ela estava rígida com os gritos dele mandando me afastar. — Eu vou matar ele, eu juro!

— Não se intrometa nisto. — Segurando o choro e secando o rosto com as mãos, ela tentou falar firme, porém não sentia firmeza, ela mentia descaradamente. — Eu e o Sérgio estamos juntos, nos acertando. — Eu balancei a cabeça me recusando a acreditar. Suas palavras

eram claramente vacilantes.

— Não está sendo franca... — disse rápido, com o cara se aproximando sentia seu temor. — Vamos embora comigo, Mary... eu protejo você dele... — Ela negava de cabeça, magoada e tremia à medida que o homem chegava mais perto, como se ele fosse o seu carrasco e viesse ao seu encontro para aplicar corretivo com chibatadas. Ali, eu pressentia que algo como chantagem ocorria, ela se sentia acuada, presa por algum fator que eu desconhecia.

— Você precisa se afastar de mim, meu querid...— Não houve tempo para o fim de sua frase.

— Larga a minha mulher, seu imbecil, ou quer voltar para a cadeia? — A mão nojenta segurou em meu ombro e me afastou dela. — Alguém aí poderia chamar a polícia, por favor? — gritou para todos ali ao nosso redor. Era quase uma multidão.

— Não precisa, já estamos indo embora — interveio Leonardo segurando em meu braço e me arrastando para longe enquanto nossos olhares se comunicavam.

— Vamos lá, pessoal, o show acabou. Voltem todos ao trabalho agora. — Me virei no momento em que Sérgio

batia palmas em tom autoritário.

Enquanto as pessoas foram dispersando, andando com mais firmeza, ele guiou-a para a porta do passageiro com a mão em suas costas. Abriu a porta jogando a Mary de forma brusca para dentro. Ela disfarçava, eu notei. Então, ele retornou à porta do motorista com seus olhos pregados nos meus. A Mary não reagia àquilo tudo e aumentou minha angústia. Seus olhos desviaram dos meus apenas enquanto abria a porta e retornou flamejando em minha direção, com o Leonardo tentando me arrastar. Fechou a porta ao entrar, ligou e saiu cantando os pneus, deixando aquele monte de interrogação em minha cabeça.

— É melhor a gente sair daqui, Fernando, pelo amor de Deus. Vem, cara... — implorou com a minha resistência.

— Espera, Leonardo! — Puxei meu braço, irritado. — Você não viu o jeito da Mary? Ela está com medo, está sendo ameaçada, eu sei, há marcas de agressão no rosto dela. Não é possível que você não notou?! — falei indignado, gesticulando com as mãos acima da minha cabeça, nervoso. Ele deu de ombros.

— Já está tentando achar pelo em ovo, Fernando? —

retrucou ele se esforçando para me tirar daquele ninho de cobras. — Na minha opinião, ela apenas estava amedrontada em ter que enfrentar o povo. Se coloca no lugar dela, fazer uma promessa deste porte e depois precisar dar para trás. É digno mesmo de choro. — Estalei com a língua, sem dar-lhe crédito.

— Não, não... ela está sofrendo... — afirmei quando a Gisele se aproximou de nós, agitada, olhando ao redor, e fitou-me, se posicionando à minha frente.

— Me desculpa chegar assim, é que a Mary falou de você e eu sei que ela está em apuros. Você precisa ajudá-la. — Sua voz temerosa alertou até o Leonardo, que franziu a testa e chegou perto.

— O que você está sabendo? — Sem tempo de saber o comentário que a Mary fez de mim, eu falei rápido. A frase dela encheu meu coração de esperança e também nervoso com seus olhos num movimento constante.

— Eu não posso falar muito, porque minha filha está na fazenda, e eu temo por sua segurança.

— Gisele, estava te procurando, vamos voltar à fazenda. — Cristóvão chegou inocente, mas quando

percebeu o clima, sua expressão se fechou com o rosto atribulado da moça.

— Só um minuto, Cristóvão — disse ela e ele assentiu enquanto seus olhos expressivos focaram nos meus.

— Eu não sei exatamente o que está havendo, mas hoje de madrugada, minha filha encontrou no meio da plantação o celular da Ana... — Eu assenti e ela ficou confusa. — A tia dela — explicou achando que eu não sabia.

— Sim... a Ana trabalhou em casa.

A respiração do Cristóvão ficou pesada, revelando o seu nervosismo.

— Segundo informação, ela está viajando para visitar parentes, amigos, eu não sei ao certo. — Seus lábios tremiam diante das palavras apressadas para se libertarem de sua boca. — Então concluindo: enquanto ela estava em Las Vegas, alguma coisa aconteceu com a Ana, ela evaporou. E a Mary surgiu de repente antes da data confirmada... Eu tentei entrar no assunto para obter informação, mas ela não aceitou, pedindo o meu silêncio. Desde que chegou está trancada na casa. E agora isso... — Abriu os braços, aflita, e bateu com as mãos abertas nas

pernas. — Eu já previa que esta doação não aconteceria, na verdade.

Meus olhos cresceram diante da notícia. Leonardo grunhiu e Cristóvão arfou endireitando o corpo numa expressão de pânico.

— Eu não acredito que escondeu isso, Gisele? Gente, isto é muito grave! Eu não vou me perdoar se eles machucarem a Ana. — Abalado, juntou as mãos aos lábios.

Ela balançou a cabeça, nervosa.

— Eu não tinha certeza, até agora.

— Eu sabia, eu sabia! — Com as mãos na cabeça, eu andei de um lado ao outro sem me afastar e parei olhos no Leonardo, pasmo. — Eu te falei, eu senti sua agonia. Esta pessoa que se apresentou ali diante de todos não é a minha Mary.

— Gente, mas o que foi aquilo que aconteceu lá no cartório? — Um senhor grisalho com um bigodão bem aparado se aproximou questionando a Gisele. — O que deu naquela menina? — Ele estava incrédulo como todo mundo ficou.

— Acredito que seja uma conspiração do Sérgio, doutor — disse Gisele antes de me apresentar ao homem.

— Que aventura nebulosa, gente! — exclamou Leonardo branco como cera.

— Este é o Fernando Albuquerque, amigo da Mary lá de São Paulo. — Apertei sua mão estendida.

— Prazer, Fabrício Oliveira, sou advogado da senhorita Mary Lemos — informou ele com desconfiança no olhar. — É possível mesmo! — comentou pensativo com a mão no queixo.

— Como assim? — Dei de ombros, precisava de mais informação.

— O Sérgio Arantes tinha a procuração de Diretor Interino de todas as empresas que a Mary herdou. E antes da viagem, seguindo o meu conselho, ela anulou esta procuração — confessou ele.

— E agora esta doação... — Balancei a cabeça fazendo toda a retrospectiva, me lembrando do que ela havia me relatado em Las Vegas. — É claro que ele pode ter sequestrado a Ana — falei com certeza. — Além de tudo, ainda tem o fato de que a Mary atrapalhou os negócios

sujos dele em assuntos como trabalho infantil e escravo. É caso de polícia.

— E acha mesmo que vão lhe dar ouvidos, Fernando, você aleijou o cara! — lembrou-me Leo. E todos riram ao mesmo tempo.

— Você falou em trabalho escravo e infantil? — Dr. Fabrício grunhiu com seus olhos perdidos no horizonte, pensando. Eu assenti. — Bem que desconfiei na reunião. Ela o atacou muito naquele dia, verbalmente. — Em seguida, colocou-nos a par de toda a pauta da reunião.

— Mas isto não existe mais por lá pelo menos que eu tenha presenciado — comentou Cristóvão.

— A Mary ajeitou muita coisa em pouco tempo — explicou Gisele.

— Ela estava muito chateada por não ter feito a coisa certa: "denunciar". E estava com a razão, no fundo ela sentia o buraco negro que estava se enfiando — comentei passando a mão pelo rosto, nervoso, e fitei a Gisele. Ela negou de imediato com a cabeça lendo a minha expressão.

— Sei o que está passando pela sua cabeça, mas eu tenho uma filha pequena... Eu não posso ajudar — ela

recuou, temerosa, eu segurei em seu ombro.

— Precisa fazer a denúncia, uma investigação é a nossa única chance de salvar a Ana. Se ela foi mesmo sequestrada, a vida dela pode estar por um fio. — Ela revirou os olhos e olhou em direção ao céu negro como tudo estava ao redor. — Por favor, reflita. É urgente.

— Para se fazer uma denúncia de sequestro, é preciso de provas. A Mary não vai confirmar, está claro em seu estado de temor, o cara deve ter pregado o maior terror — disse certo da minha definição.

— Se este sequestro for mesmo real como estão dizendo, então faz sentido o medo nos olhos da Mary — Leonardo deu sua opinião olhando em meus olhos e balancei a cabeça satisfeito por ele notar.

— É claro que tem algo de muito podre aí — garanti, apavorado.

— Tenho que concordar — opinou Cristóvão. — A Mary jamais teria uma atitude como a que apresentou hoje. Também acredito que ela está de mãos atadas, achei mesmo estranho a Ana não me comunicar sobre sua viagem. — Gisele deu-lhe um sorrisinho surpreso. Ele

corou e desviou o olhar. — Estes caras armaram muito bem. Fazendo tudo parecer normal — concluiu ele.

— Por favor, Gisele... — supliquei. Inspirando muito ar para os seus pulmões, ela negou com a cabeça.

— Eu não posso. Eles matariam a mim e a minha filha da mesma maneira que mataram o meu marido.

Houve um silêncio interrogativo com seu comentário. Todos os olhos foram sobre ela.

— Como sabe? — retruquei.

Ela fechou os olhos por uma fração de segundos e continuou:

— Os laudos dizem que meu marido morreu devido a uma infecção generalizada e pneumonia. Eu nunca acreditei neste laudo. Meu marido sempre teve uma saúde de ferro. Ele foi o único que saiu para arrumar um emprego mais digno e acabou sumindo por algum tempo. Só fiquei sabendo dele quando já estava em coma, no hospital. — Suas lágrimas desciam em abundância pela face exótica. — Não. — Ela se virou bruscamente dando-nos as costas e Leonardo à sua frente a tomou em seus braços deslizando as mãos por suas costas. *Ele está com*

os olhos fechados mesmo? Balancei a cabeça piscando várias vezes para me certificar. Olha, o cara está mexido com a moça! Um sorriso descrente levantou no canto da minha boca. Em outros tempos, com uma mulher caindo de paraquedas em seus braços, no mínimo, ele piscaria para mim de maneira sacana. Realmente aquilo estava me cheirando a chamego, e dos bons. Meu coração se acalentou comparando a mim e a Mary. *Eu vou te salvar, meu amor.*

— Não, por favor, não — ela murmurava nos ombros do Leo, que no maior carinho passava uma das mãos sobre os cabelos curtos e a outra pressionava nas costas eretas e elegantes.

— Calma, ninguém vai obrigá-la a nada. Eu não vou deixar — murmurou beijando o topo da cabeça dela enquanto o assistíamos a acalmando, comovidos. Segurando no rosto dela, arqueou o rosto e seus olhos focaram. — Fique tranquila, está bem. — Ela assentiu de cabeça. Com seus polegares limpou as lágrimas embaixo dos seus olhos ganhando sorrisos tímidos dela. O mais interessante de tudo é que todo o foco dele centralizou

nela. Esqueceu de todo mundo.

— Eu não estou raciocinando direito... — Um fio de voz saiu de sua boca. — tenho obrigação de fazer alguma coisa. Se alguma coisa acontecer a qualquer uma delas, eu não vou me perdoar, A Mary é uma pessoa brilhante, ela merece todo o apoio do mundo. — Arfei orgulhoso da minha birrentinha, por onde ela passava deixava admiradores.

Linda!

— Obrigado — falei lá do fundo da minha alma.

— Eu, como advogado e conhecedor de leis, acredito que uma denúncia coletiva surtiria mais efeito — começou o doutor Fabrício conseguindo todas as atenções para ele.

— Eu concordo — falei de imediato. — Vamos até a fazenda reunir todos e... — pausei. Cristóvão me interrompeu:

— Você não pode aparecer na fazenda, senhor Fernando — alertou-me. — E tudo tem que ser discreto, se vocês estiverem mesmo certos, os caras devem estar de olho a cada movimento por lá. — Suas palavras sábias me

fizeram pensar melhor.

— Me chame só de Fernando, por favor. — Ele assentiu. — Como acham que conseguem reunir todos sem chamar a atenção? — indaguei.

— Há uma forma! — interveio Cristóvão. Respirei aliviado. — É rotina na fazenda todos se reunirem no templo para oração — explicou ele com a Gisele concordando de cabeça. — Mas só poderemos fazer isso à tarde, com o fim do expediente de trabalho.

— Excelente ideia! — Os olhos de Gisele brilhavam em expectativa. — Principalmente hoje, ele vai acreditar que a oração será para rogar a Deus para a Mary mudar de ideia. Afinal, as pessoas depositaram muita esperança com esta doação.

— Então me dê o endereço da fazenda — falei com pressa. E Cristóvão jogou um balde de água fria sobre minha cabeça.

— Então, Fernando, como um agressor, ele vai desconfiar se pisar por lá.

— Mas não vou conseguir ficar aqui de braços cruzados! — protestei ganhando um olhar de advertência

do meu irmão, que não soltava da moça. Safado.

— A gente permanece na cidade aguardando, Fernando! Pense bem... Qualquer denúncia por parte deste Sérgio, você volta para a jaula. — Mais uma vez ele lembrou o meu pai.

Pensando melhor, eu estava mesmo parecendo muito imprudente. Coçando a cabeça, inalei muito ar para meus pulmões já tensos sentindo-os inflar e soltei com tudo.

— Então, façam isto rápido. A cada minuto, a vida de alguém pode estar em perigo.

Após prometer que seria paciente, o Cristóvão me deu o endereço da fazenda anotado num pequeno pedaço de papel, trocamos os números dos telefones e seguimos com o plano.

Capítulo 15

Mary

Não era verdade que aquilo estava acontecendo, refletia com os olhos fechados, bloqueando as enormes ofensas que eram despejadas no interior do carro pela boca do maldito do Sérgio.

— Estou falando com você, sua ordinária! — berrou muito alto, semelhante a um trovão ensurdecedor, enfezado com meu silêncio.

— Seu monstro assassino... Como pode ser tão cruel decepando o dedo da minha tia?! — gritei sem conseguir me conter. — Acha mesmo que vai sair impune desta? Eles vão pegar você! — falei ríspida e, em seguida, cuspi em seu rosto. Ele limpou o rosto com a mão esquerda e com a direita apertou o volante com mais força e, então, bufado mortal jogou o carro para o estacionamento e desligou. Eu me recolhi mais para a porta, me protegendo, quando ele se aproximou de mim e puxou meu cabelo para trás com força, o que me fez gritar alto.

— VOCÊ TEM QUE ME RESPEITAR, MARY! —

gritou.

Eu só chorava sentindo cada fio se soltando do couro cabeludo.

— O dedo é só uma amostra grátis, o conteúdo vem depois, faço questão de embrulhar num papel de presente bem colorido e lindo como este seu rostinho. Eu vou sair vitorioso sim e de forma natural e você vai me ajudar nesta! — Ele lambeu minha face com sua língua enorme e nojenta. Arqueei a cabeça enojada e com as mãos em seus ombros o empurrei com ele lambendo os beiços.

— Seu nojento...

— Tenho que admitir que você é bem saborosa.

— Vamos acabar logo com isto, Sérgio. Eu dou toda a fortuna para você. Não é este seu desejo? Então, eu me rendo a ele e no maior sigilo do mundo, mas, por favor, libera a minha tia, nos deixe em paz. Eu vou embora da cidade e tudo volta como era antes — barganhei ganhando uma meia risada dele.

— As coisas não funcionam assim, se fosse tão fácil eu já teria dado cabo de você e a titia — disse sarcasticamente. Eu sabia que sim, baixei meus olhos,

desanimada. — As coisas precisam sair de forma natural, sem que me incriminem. — Eu apenas solucei vendo que a coisa ia se arrastar. — Se não fosse o imbecil do namoradinho, teríamos refeito a procuração que a senhora anulou — rosnou entredentes, eu estremeci com sua mão vindo em minha direção.

— Por favor, não. — Tentava recuar no banco para fugir da sua mão acariciando meu braço.

— Ele me fodeu legal, eu vou matá-lo! — Meu coração acelerou com a ameaça.

— Deixe-o em paz, ele não tem nada a ver com o nosso assunto.

— Ah, agora a patroinha está com medinho? — Ele deu um sorriso sarcástico, erguendo o meu rosto para que eu o olhasse nos olhos.

— Se tiver que apagar alguém que seja eu, poupe minha tia, eu imploro! — pedi, soluçando profundamente.

— Eu decido quem vive e quem morre. — Ele revirou os olhos, impaciente e meu peito se apertou de um jeito que fiquei zonza.

Sua voz ficou embaralhada, não conseguia mais

compreender nada e minhas pálpebras agora se fechavam, perdia os sentidos quando tudo se apagou de vez.

Despertei com um zum-zum-zum distante, eu não conseguia abrir olhos, nem compreender nenhuma palavra. O rosto lindo do Fernando se formou em minha mente e aqueceu meu coração, mas que logo acelerou em pânico com a lembrança da ameaça do Sérgio. “Não... não!”, gritei em pânico no silêncio dos meus pensamentos. Toda a turbulência causou dores ainda mais terríveis. Apenas respirava profundamente, era aguda demais e se concentrou por dentro da minha barriga, sentia como se meus órgãos se contorcessem na tentativa de fazer um nó, sentia a bílis subindo por minha garganta. Era horrível aquela sensação que descia pelo meu ventre.

— Só um minuto que a ordinária já está acordando... — Agora sim a voz ardilosa do Sérgio claramente adentrou em meus ouvidos fazendo uma bagunça lá dentro.

— Estava demorando para acordar! — Senti sua mão agarrando rudemente meu braço, sacudindo-me.

— *Posso confirmar aqui com meu amigo do cartorário que vocês já estão a caminho?* — pronunciou uma voz

masculina em eco, deduzi que ele falava com alguém ao celular. Eu não sabia ao certo nem onde estava, mal conseguia respirar, imagina então abrir os olhos! Ouvi uma terceira voz bufando, irritada:

— Vamos ter que esperar mais um pouco, a miserável não consegue parar em pé. Faça o seguinte, avise o seu amigo do cartório para aguardar mais um pouco, vou dar algo para ela comer, acredito que seja fraqueza, a mulher deve estar há muitas horas sem se alimentar.

Sentia o chão duro embaixo de mim, quando com muito esforço consegui abrir somente uma festinha dos meus olhos. À minha frente, eu só via dois pares de pés dentro das botinas de couro sujo com a terra avermelhada da região. Quando os seus pés se afastaram, eu ergui um pouco minha cabeça e observei, estava no meu quarto, pisquei várias vezes com a visão ficando muito embaçada. Respirei fundo quando cheguei à janela, o sol entrava pelas frestas.

— As pessoas já dispersaram? — perguntou ele.

— Está tranquilo no momento. Acredito que agora conseguiremos discrição.

— Me mantenha informado. — Desligou.

— Levanta o rosto dela pra mim, Guilherme — ordenou Sérgio em sua voz azeda inclinado observando a lateral do meu rosto no piso enquanto o tal Guilherme se abaixou. — Trate de se recuperar, patroinha... — falou Sérgio, irritado.

Notei que se tratava da mesma pessoa que me entregou a caixa com o dedo decepado da minha tia. Segurou em meu queixo e levantou, obrigando-me a ficar de frente para os dois.

— Desmaiou porque, até agora nem coloquei as mãos em você? — não respondi. — Vou pedir para a Gisele preparar algo para você comer... E olha lá! Se você deixar transparecer o que está acontecendo, já sabe o que vai acontecer, não é mesmo?

E depois de mais esta ameaça ele caminhou até a porta e abriu, eu podia sentir sua respiração pesada, então ele saiu batendo a porta atrás de si. Eu estremecia ouvindo os passos arrastando pelo chão próximo a mim, que saiu em seguida. O pior que não tinha forças nem para rezar, me sentia estranha com náuseas.

E mais uma ameaça de liquidar a minha tia me obrigou a me levantar, encontrei força nem sei de onde com tamanha tontura que sentia. Tomei um banho e rapei o prato com a comida e bebi do suco de laranja e algum tempo depois consegui me recuperar, mas não muito porque o tremor pelo corpo e a ânsia continuou ali pertinente, porém o suficiente para me manter em pé.

Ele me ajudou a me vestir, escolheu um terninho mais executivo. Um blazer e saia tipo lápis até os joelhos, por baixo somente o sutiã, que deixava meus seios bem exuberantes arrancando suspiros dele. Enfim... fiz tudo sem reclamar, eu estava nas mãos dele, nada era possível. Eu só precisava salvar a todos, de qualquer forma, nem que para isso eu entregue a minha própria vida. Por baixo do blazer, uma camisa branca de seda deixando os primeiros botões abertos e na maior cara de pau beijou meu colo, rosnando de tesão, eu virei minha cara enojada.

— Assim que eu gosto, garota boazinha! — ironizou triunfante e me colocou sentada na cadeira de frente à penteadeira onde estavam meus utensílios e cosméticos. — Aplica um pouco de maquiagem no rosto para ficar

bem bonita. — Desviei para o lado com seus dedos vindo em direção ao meu rosto. Ele rosnou, porém nada comentou a respeito. — Depois que passar a nova procuração, eu vou provar para você que sou um cara legal. Generoso até! — Arrepiei-me com o tom de sua voz, havia um peso sobre ela. Suas mãos massageavam meus ombros. Sua respiração ficou acelerada e pesada quando nossos olhos se encontraram no espelho, fiquei assustada com o sombrio que havia ali. Ele soltou um rosnado e apertou meu ombro. Mantive-me imóvel pensando que aquele comportamento poderia se estender. E baixei meus olhos terminando rapidamente a maquiagem, escovei meus cabelos e me levantei num pulo, avançando alguns passos em direção à porta para me manter segura.

— Estou pronta, podemos ir. — Ele soltou o ar com força, frustrado, me convencendo de que havia uma intenção no âmbito sensual.

— Ok... — resumiu e com a mão nas minhas costas, como se fôssemos íntimos ele me dirigiu para fora do quarto, e fomos seguidos pelo Guilherme, que parecia um

cão de guarda.

A mudança foi brusca na temperatura, sentia o suor descendo por minha testa, com o calor abafado ali no ambiente da espaçosa sala. Os raios solares invadiam as grandes vidraças em direção ao chão, aquecendo tudo, e toda aquela claridade ofuscou meus olhos debilitados com tamanha dor, a do corpo era a mesma da alma e tudo o que eu queria era a oportunidade de ir ao Templo. Aquele lugar sagrado que eu tive o prazer de conhecer e sentir sua energia. Eu precisava de um tempinho a sós com Deus. Eu e Ele somente, para implorar pelas vidas das pessoas que mais amava neste mundo. Pela primeira vez, eu questionava sobre a existência de Deus, travando uma luta com o outro eu. Ele não era egoísta como estava parecendo, eu sabia que não... Era mais um equívoco na minha vida que, de repente, se tornou uma merda.

Eu sou uma merda literalmente!

Estava me desfazendo, sem ao menos ter força de lutar e reagir. Aos poucos, eu sentia a minha entrega, o meu fracasso.

Eu não podia deixar esta força negativa me dominar, me

vencer. Balancei a cabeça a fim de dissipar o que queria crescer, ganhar força dentro de mim. Precisava alimentar o resquício de fé que sobrou.

Eu me recusava a acreditar que, depois de tudo o que fiz por outras pessoas, deixando a minha própria vida de lado, eu acabasse no nada. Pois era assim que me sentia, um nada absoluto. O sorriso confiante da Gisele atravessando a porta vindo da cozinha aqueceu meu coração, e derreteu todo o gelo em volta que começava a formar.

— Me desculpa pela simples refeição, preparei correndo — disse ela quando se aproximou. Seus olhos maiores do que normal e suas pupilas dilatadas me deixaram em alerta. Franzi a testa, desconfiada. Aquele jeito dela não me agradou, ao contrário, fez com que um calafrio descesse por minha espinha e atravessou todo meu corpo. Senti o cheiro de segredo no ar.

— Estava ótima, obrigada. — Acenei disfarçadamente com a cabeça, ela desviou imediatamente os olhos para Sérgio, que sério prestava atenção à conversa.

— Como anda os ânimos depois do anunciado? Estava

ocupado e não tive tempo para averiguar — disse ele beijando minha testa carinhosamente. Contrariada, fechei meus olhos por um instante, farta.

Os lábios da Gisele se reprimiram levemente, eu estava morrendo de medo de algum comentário que demonstrasse ao Sérgio que ela era conhecedora do paradeiro da minha tia. Temia por sua vida e de Raquel, eu não poderia carregar mais nenhum fardo.

— Está tudo dentro da normalidade, senhor Sérgio — começou ela na maior tranquilidade. Relaxei os músculos começando a ficarem tensos. — Todo mundo entendeu, mas estão esperançosos que logo as coisas melhorem para esta doação finalmente se concretizar. — Ele sorriu satisfeito pressionando a minha cintura. — A fé deste povo é extraordinária. Pois veja: apesar do choque recebido, ainda marcaram para hoje, logo após o expediente, uma oração no templo. Todos reunidos numa corrente de fé ajuda os negócios prosperarem — concluiu ela, eufórica.

O Sérgio suspirou felicíssimo. Enquanto percorria meus olhos pelo seu rosto moreno, analisando sua expressão,

sentia sua necessidade de um particular comigo.

Ele me soltou para aplaudir.

— Magnifica a notícia. — Beijou minha cabeça novamente.

Ela piscou de um jeito diferente, eu acabei rindo com carinho. Ela se tornava uma amiga de verdade, a melhor amiga que eu estava sentindo falta.

— Amor, preciso ir ao banheiro rapidinho, me dá só um minuto.

— Claro que sim — concordei com aquele sorriso compreensivo que soava falso a qualquer um. Eu queria matar aquele imbecil visualizando o dedo decepado da minha tia. Gelei com a lembrança e a tontura retornou.

— Você está bem, Mary? — Segurando em meus ombros, oscilando olhares entre mim e o Guilherme ali parado à porta balcão, com os olhos injetados sobre nós, ela me levou em direção ao sofá, na intenção de me afastar dele. E aquilo me assustou.

Se sentando ao meu lado, ela se inclinou e segurou em minha mão antes de mais uma olhadinha na direção do rapaz. Com os dedos, massageei minhas têmporas ainda

com vertigem, achando razoável os sintomas com o tamanho da tensão.

— Só uma tontura, mas já está passando! — Engoli forte para descer o nó que se formou em minha garganta. Quando levantei minha cabeça, me deparei com seus solhos expressivos embaixo dos longos cílios num movimento nervoso. — Você está estranha... — sussurrei imperceptivelmente na intenção de arrancar alguma coisa dela. Ela sorriu confiante.

— Aguente firme, amiga — disse com os olhos em Guilherme. Neste instante, ele se distraiu, olhando para o lado de fora, observando a Raquelzinha na piscina brincando alegremente dando tapas nas águas, espirrando para todos os lados na maior inocência.

— O que está aprontando? Pelo amor de Deus, fica fora disto, por favor! — implorei com meus lábios trêmulos, já imaginando ela se envolvendo nesta conspiração perigosa. Ela jogou mais uma vez o olhar sobre Guilherme ainda entretido.

— A reunião de hoje é para ajustar as coisas, todos estamos do seu lado. — Eu gesticulava que não com a

cabeça, nervosa com uma porção de coisas ruins passando por minha mente. Ninguém mais precisava se arriscar, estava decidida a entregar toda a fortuna em troca da minha paz e da minha tia. *Meu Deus, me ajuda, só você por me amparar, por favor!* — Até o Fernando está empenhado. — Meu coração se apertou com aquela informação. Desesperada, apertei suas mãos.

— Por favor, não envolva o Fernando, pelo amor de Deus! — murmurei abafado com as mãos unidas em forma de oração. — Eles vão machucá-lo. — Uma lágrima pulou do meu olho. Ela me olhava penalizada. — Por favor, amiga, não deixa isso acontecer... Eu suplico, por tudo o que for mais sagrado! Faça com que ele se afaste da cidade, proteja-o para mim, por favor. — Meus lábios tremiam, eu não podia suportar se algo acontecesse com ele.

Ela não teve tempo de resposta, logo se levantou rapidamente quando o ranger da porta do banheiro soou ao redor e sorrindo sem graça se dirigiu para a cozinha. Engoli em seco e me levantei permanecendo de costas, alguns segundos a fim de esconder o meu estado.

— Vamos, Mary — chamou-me ríspido. Concordei.

Enquanto ele falou algo com o Guilherme, que assentia obedientemente com a cabeça, eu entrei na caminhonete e estranhei quando somente ele veio até mim.



Fernando

— Será que poderia dar um tempo, Fernando?! — explodiu Leonardo. — Esta sua agitação está me dando nos nervos.

Paralisei no meio do quarto do hotel onde estávamos hospedados, com os protestos do meu irmão incomodado, como eu estava. Não havia como ser diferente, tudo dentro de mim estava um reboliço, eu não estava me aguentando de ansiedade. Temia muito a segurança da Mary, o que poderia estar acontecendo de fato, se realmente o sequestro fosse real, então ela estaria correndo risco de vida. E tudo o que estava fazendo era me punir, afinal a ideia de aceitar a herança partiu de mim. Eu assumia totalmente a culpa.

Na época, eu achei que seria uma luz para minha birrentinha fazer em abundância o que ela tanto amava. E agora eu via de forma completamente diferente. Maldita, na verdade! Eu a enviei ao abismo mais profundo deste mundo.

"Era este seu plano, Deus, era?", questionava com a cabeça erguida e meus olhos impetrados no teto, como se

ali fosse o céu.

— Puta que pariu! — falei em volta alta ganhando o olhar assustado do Leonardo, que tentava cochilar ali na cama.

— Está ficando biruta, Fernando? — comentou com ar sarcástico.

Grunhi e me dirigi à porta de vidro e abri saindo para varanda, eu precisava de privacidade para um particular com Deus. Travei a porta e agarrei a grade de proteção com os olhos em direção ao céu.

Olhei para a imensidão lá em cima e me senti um fracassado ouvindo os roncos dos motores que vinham lá debaixo da avenida principal movimentada que cortava toda a cidade. O sol batia fortemente em meus olhos na tentativa de me cegar, querendo me fazer desistir.

"*Mas eu não vou desistir da minha birrentinha, está sabendo, Deus*?", enfrentei-o com firmeza. Da mesma forma que peitava o sol, mantendo meus olhos fixos nele, a claridade intensa tentava me derrubar, mas não conseguiu. O amor que sentia pela Mary quebrava todas as barreiras, inclusive daquele fenômeno natural que

reinava neste mundo. E venci... me adaptei à luminosidade.

— É isso mesmo, Deus, chega de brincar... cansei de ouvir que o destino escreve certo por linhas tortas, o que estava acontecendo agora não pode fazer parte de caminho, não pode. — Minha voz já saía abafada mentalizando o que ela deveria estar passando agora. Levei as mãos ao topo da cabeça, aflito. E respirei fundo. Ou era apenas um plano para me afastar dela? Ponderei a possibilidade. Será? Ela estava sofrendo justamente porque eu estava forçando a barra, ela não me pertence, é isso, Deus?

Estava confuso, não obtinha as respostas. Apoiei meus cotovelos no parapeito de ferro segurando minha cabeça, esfregando sobre meu rosto quente de tensão e quando meus dedos foram aos meus cabelos para trás, uma freada muito brusca vindo lá de baixo na avenida despertou minha atenção.

Meus olhos caíram rapidamente sobre a caminhonete prata parada no farol, aguardando sinal verde, em total exclusividade dentre tantos outros enfileirados um atrás

do outro. Parei de respirar sentindo borboletas no estômago, e meu coração disparou no peito de felicidade quando a vi dentro daquele veículo. Mesmo vendo o tal do Sérgio ao seu lado, só ela me importava e nada mais neste mundo. Eu não sabia definir o momento, se era um sinal de Deus em resposta às minhas questões: que era me chamando para salvá-la, ou para fodê-la de vez, ou tudo aquilo fosse obra apenas do acaso e eu estava ali procurando pelo em ovo, como disse o Leonardo.

Explodi de emoção, abrindo a porta com brutalidade e entrando fazendo o Leo se sentar à cama assustado.

— Cara, você está extremamente impulsivo! — acusou-me. Eu o ignorei indo em direção à porta e abri. — Onde você vai, seu maluco?

— Atrás da Mary — respondi ganhando o corredor sem fechar a porta. E fiquei apertando freneticamente o botão do elevador, que não chegava nunca. A demora angustiante me fez descer de escadas. Foram muitos lances do sexto andar até o térreo, quando cheguei... a decepção! O farol aberto e todos os carros parados já haviam seguido seu caminho sem eu ter a chance de olhar em seu rosto.

Praguejando com as mãos acima da cabeça, o Leonardo se aproximou.

— As coisas por aqui não estão cheirando nada bem — começou ele quando lancei um olhar especulativo. — Ou vamos embora desta cidade agora, ou vamos neste momento até a delegacia. — Dei de ombros diante da sua sugestão.

— E qual a denúncia que faremos? — Ele deu de ombros, confuso. — Nem sabemos se esta história de sequestro é verídica. — Mordendo os lábios, ele ficou pensativo por alguns instantes e então encarou-me.

— Acha que pode ser uma fantasia? — questionou ainda em dúvida como eu estava.

— Não. — Sacudi a cabeça, negando. — É fato que está acontecendo algo macabro em torno da Mary, algo monstruoso que a impede de fazer a denúncia. Ela está sofrendo, ferida e a todo momento ela demonstrou uma preocupação comigo como se me protegesse. — Ele jogou um olhar castanho-claro de acusação, que me deixou intrigado.

— Razoável, né? Já parou para pensar que talvez sua

ação foi uma vingança por você agredi-lo. — Sua questão me deixou confuso.

Será que é mais uma culpa que terei de carregar? Ele está descontando no meu amor?

Balancei a cabeça para expulsar a ideia, mesmo porque não tinha como voltar atrás. O que estava feito, estava feito! Mas, diante de tudo, eu não me sentia nem um pouco arrependido.

— Acho que estamos perdendo tempo aqui, já sei! — Comemorei com um sorriso contagiante com uma ideia ao qual classifiquei brilhante, que surgiu em minha cabeça. — Denúncia não rola, por enquanto! No entanto, acredito que podemos espiar a região da fazenda... — disse pensando que não fazia sentido algum ficar ali parado sem saber o que estava acontecendo. Tirei do bolso o endereço que o Cristóvão me passou. As sobrancelhas do Leo ergueram relutantes, eu não vacilei — a distância, discretamente...

— Eu não sei não... — Ficou pensativo até que concordou.

Acenei com a mão para um táxi que passava naquele

instante. E ele retornou à avenida seguindo pelo mesmo caminho que veio a caminhonete.

— Espera... — Imediatamente, eu pedi para o motorista estacionar o carro. Ele parou de imediato.

— O que está havendo, Fernando? — indagou Leo do banco de trás, confuso.

— Acho que precisamos ir na direção contrária, ou seja, na direção que a caminhonete seguiu. — Leo deu de cabeça.

— Faz sentido.

E pedi ao motorista que retornou novamente. O sol já não estava tão radiante, de repente as nuvens escuras da manhã retornavam, me dando aquela sensação estranha no peito. Apertei meus olhos com força para dissipar o que veio à minha mente neste instante. Era um medo do fato de que algumas das minhas questões estavam sendo respondidas, senti um calafrio na espinha. *Eu não poderia ser a parte podre da vida da Mary como fui acusado um dia, ou poderia?*

Inclinei-me para frente e, pelo vidro do para-brisa, fixei meus olhos no movimento intenso, como elas

encobriam tudo.

"Não ou sim? Gente, como é difícil."

Por mais que relutasse, estava registrado ali no céu, pela segunda vez consecutiva a escuridão pairava sobre minha cabeça. Será um prenúncio de que devo deixá-la em paz?

Todas aquelas ideias nasciam enquanto meus olhos varriam ao redor à procura da caminhonete estacionada e nada. Seguimos quinhentos metros, depois que passamos do cartório quando o motorista informou que retomaria, que já estávamos saindo da cidade.

— Será que poderia fazer o retorno, e voltar pela rua de trás do cartório — sugeri pensando que talvez por aquelas bandas encontraria a caminhonete. Ele atendeu de imediato.

Meu corpo tomou a forma de um iceberg, quando entramos naquela rua, meus olhos recaíram sobre a caminhonete quase no fim dela, num ponto onde a circulação de carros e pessoas eram menores do que tudo ao redor.

Já passava das cinco e os funcionários em fim de

expediente saíam pela porta de vidro do estabelecimento como em tantos outros, deixando toda a cidade num movimento intenso, além da poluição sonora com as buzinas ecoando ao redor.

Pelo vidro podia ver a pior cena da minha vida, a mais dolorida... eu não podia acreditar naquilo, eu não podia permitir de jeito nenhum. Mesmo ao longe eu via nitidamente o momento crucial que o Sérgio com a mão bem aberta, espalmada, acertou no rosto da minha birrentinha, uma agressão gratuita, tão vulnerável ela levou a mão delicada como ela ao local, chorando muito, como o meu coração estava. Uma raiva que vinha de dentro de mim, como uma chama, tomou a proporção de um grande incêndio com explosões capaz de assustar qualquer um. E foi assim que ficou o Leonardo quando abri a porta do carro ainda em movimento, fazendo o motorista frear bruscamente. Meu corpo foi projetado para frente, fazendo meu peito se chocar no painel do carro.

— Calma, senhor, calma... — falou apavorado o homem, tremendo, segurando o volante.

— O que aconteceu, Fernando? — indagou Leonardo com os olhos arregalados sobre mim. Desci apontando o local do carro.

— Eu te falei, ela está sendo chantageada, olha lá aquele filho da puta socando a Mary dentro daquele carro. — Tanto ele como o motorista jogaram seus olhares na região indicada. Por precaução, o Leonardo jogou uma nota de cem reais no banco em que eu estava sem se importar com o troco e, dando a volta, veio segurar em meu braço, evitando uma tragédia com certeza. Além de aleijá-lo de vez, eu estava a ponto de estrangulá-lo.

— Espera, Fernando, espera! — Ele me arrastou atrás de uma árvore ali na calçada, de tronco largo que foi o suficiente para nos esconder, quando o Sérgio abriu a porta e desceu. Em seguida, tirou a Mary num tranco lá de dentro que doeu em mim. Muito sábio por parte do Leonardo, agora que notei aqueles dois caras brutamontes em frente à porta fechada do cartório, deveriam ser comparsas, com toda certeza.

— FILHO DA PUTA! — berrei quando a mão do Leonardo veio cobrir meus lábios.

— Quer colocar tudo a perder, Fernando... Pense melhor, a Mary é uma mulher adulta, como ativista ela enfrentou coisas terríveis.

— Até ameaças de vida — emendei.

— Então, para ela ceder às agressões é porque a Ana deve estar em apuros e dos graves... — alertou-me e foi como se uma faca bem afiada entrasse no meu peito e rasgasse tudo por dentro. O aperto era tanto que achei que meu coração explodiria. Porém, concordei respirando fundo. E o olhei agora com prudência, pensando numa estratégia que poderia me levar ao centro do problema da Mary, quando uma luz brilhante acendeu dentro da minha cabeça, uma ideia que eu sabia que o Leonardo jamais aceitaria, mesmo assim eu estava decidido. Não permitiria que minha birrentinha sofresse tanto nas mãos daquele calhorda.

— É o seguinte — Ele revirou os olhos. — O retorno deles aqui no cartório deve estar relacionado àquela procuração que o advogado mencionou — falei calmamente com a mão em seu ombro. Seus lábios se abriram num grunhido em desaprovação.

— Ah, nem vem Fernando... — Sacudiu a cabeça, negando. — Eu te conheço e seja lá o que esteja passando pela sua cabeça eu já digo de prontidão que não concordo. Acho que agora temos elementos para fazer a denúncia. — Eu concordei, ansioso.

— Sim, sim... Só que precisamos fazer duas coisas ao mesmo tempo. Porque só com a denúncia a Mary pode negar pelo fato de estar acuada. Então, você vai até a delegacia, e faça a acusação de um possível sequestro e agressão. Caso o sequestro não se formalize, ele vai ter que explicar a agressão. Afinal, tapas como aqueles costumam deixar hematomas e notei que ela já tem algumas marcas. — Leo continuava negando. — O fato é que precisamos levantar suspeitas, acho que este é o caminho.

— Eu vou com você... — retrucou ele. Eu neguei com a cabeça agora.

— Não podemos correr o risco de os caras despistarem. Se apenas ligarmos, a polícia pode demorar e aí perdemos a nossa chance. Eu sigo-os quando saírem daqui do cartório. — Ele negava veementemente,

reticente.

— Você está maluco, cara! Não pode se envolver neste meio sujo, pode ser perigoso e custar a sua vida...

— Escuta, Leonardo — tentei, mas ele estava irredutível. — Assim que souber para onde eles estão indo, eu ligo para você, avisando a localização.

— NÃO! Eu não posso aceitar... — Seus olhos se encheram de lágrimas de preocupação. — Imagina eu chegar em casa com a notícia de que meu irmão está morto! — Seus braços vieram ao meu redor num abraço forte, temeroso. — Pelo amor de Deus, mano, desiste, por favor, eu não posso permitir isso.

— Escuta, Leonardo. — Segurei em seus ombros, obrigando-o a me encarar, seus olhos cintilavam de medo enquanto ainda se recusava a aceitar em sua expressão corporal. — Eu preciso de sua ajuda, pode dar certo e ninguém vai morrer. E que ideia absurda! — tentei tranquilizá-lo com um sorriso confiante.

— A chance de dar certo é mínima, Fernando. — Jogou seus olhos na direção deles no momento em que todos acabavam de entrar no cartório. — Olha só para estes

caras, são marginais... Este tipo de pessoa normalmente não tem nada a perder. — Soluçou. — É matar ou morrer.

Senti meus olhos marejarem e vi a confusão em seus olhos fugindo dos meus.

— Não — ele falou irritado e bateu levemente em meu braço. — É uma insensatez, não percebe?

— Por favor, eu preciso de sua ajuda, Leonardo.

— Ai, meu Deus! — Revirou os olhos e permaneceu lá em cima numa conferência com Ele, acho que pedia a minha proteção, pois sentia sua renúncia e desceu os olhos prendendo nos meus. — Se você morrer, eu mato você! — disse com um meio sorriso.

Comovido eu o puxei para um abraço novamente.

— Ah, vem cá, irmão. — O abracei como nunca tinha abraçado antes, ele fungou disfarçadamente, segurando em seu ombro confirmei com seus olhos brilhando.

— Então, eu vou nessa, cara! Toma cuidado e não morra. — Pisquei e ele acenou para um táxi que passava no momento e seguiu em direção à delegacia.

Eu continuei ali atrás da árvore, aflito com uma porção de coisas nebulosas passando pela minha mente, talvez

fosse o reflexo das nuvens sobre minha cabeça. Por mais que eu forçasse meus pensamentos em direção à luz, as trevas me arrastavam para ela. Era difícil aquela situação, eu me senti no meio de um filme policial, daqueles intensos onde muitos morriam. Comecei a rir e acho que era de nervoso, pensando que era exatamente assim que a minha vida ficou nestes últimos meses, depois do fatídico acidente. Uma aventura alucinante. Revivia cada instante, em uma intensidade incansável. E por isto, mesmo a natureza indo contra ou não, por ela eu lutaria pela minha vida toda. E um calafrio desceu pela minha espinha ao relembrar o tapa e a fúria me tomou. Eu precisei ser forte para não arredar o pé dali, e entrar naquele cartório e socar aquele imbecil até a morte quando a campainha do meu celular soou como uma agulha furando meus tímpanos.

Enrijeci ao ver o número da minha casa. Respirei fundo passando a mão livre pelo cabelo, tentando me acalmar com o meu coração querendo sair pela boca, e não deu muito certo, com a mão trêmula atendi, pensando que poderia ser mais notícias ruins pintando por ali,

preocupado com a saúde da Natalie e meus filhos.

— Alô — disse com voz baixa, apreensivo quando um suspiro profundo aliviado soou do outro lado da linha.

— Fernando, meu amor... — A voz da Natalie soou como uma navalha pronta a decepar minha garganta. Um nó se formou lá dentro e começou a inflar, querendo explodir, fechei os olhos por um instante e ela continuou com o silêncio. — Estou preocupada com você e o Leo, é claro, por que vocês estão em Uberlândia? — indagou me deixando intrigado.

— Como sabe que estamos aqui? — questionei e ela rosnou.

— O Dr. Alexandre Ramos, advogado criminalista — disse ela me deixando confuso. —, este nome te lembra alguma coisa? — Fechei meus olhos e punhos com força, a ironia como falou, como se eu fosse sua propriedade, indicou o quanto ela estava bem. — Achei o cartão dele no quarto do Leo e liguei, ele me deu seu paradeiro.

— Pelo que está parecendo, você esbanja saúde, então faça o seguinte: relaxe e foque na gravidez, vai ser bom para os nossos filhos... — Ela começou a bufar do outro

lado.

— Ah, tá! Como eu posso relaxar, Fernando, sabendo que você está na captura da Mary? Será que você não entende como isto me abala? Além do mais, ele me contou sobre sua prisão, agressão, não percebe que esta mulher só te fode? — Ela foi ao extremo com seu protesto agressivo e me tirou do sério. Eu não podia mais tapar o sol com a peneira, meu coração não suportava mais tanta pressão. "Ninguém me fode mais do que você, Natalie", eu queria muito dizer-lhe a verdade, mas, diante das circunstâncias, omiti.

— Ah, Natalie, para, para... — falei tentando soar calmo e claro, analisando as consequências, apenas deixei meu coração se manifestar da forma mais plena possível. — Natalie, faça um favor para mim: Me deixe em paz...

— Como assim, Fernando, te deixar em paz? Temos interesses em comum, eu não aceito esta traição... — Revirei os olhos e explodi sem pensar em mais nada. Eu estava aflito com a Mary lá dentro daquele cartório sofrendo sei lá que tipo de agressão. Minhas emoções fugiam do meu controle.

— Vai à merda, Natalie! — Ela começou a fungar. Ainda tentei mais um resquício de calma, mais preocupado com meus filhos agora — Por favor, não tenho tempo para este tipo de conversa agora. Eu estou com muita coisa para resolver, você não entende?

— Você é um cretino, Fernando! — ela gritou com voz embargada e fiquei com pena.

— Me desculpa, tá? Mas me deixa em paz, por favor, eu preciso de um pouco dela para conseguir resolver coisas importantíssimas — falei sincero com as lágrimas descendo involuntárias, tinha tanto medo, todos corriam riscos de vida ao meu redor

Ah, Deus... se você existe mesmo, dá um jeito nisto! Não sentia esperanças neste pedido, as nuvens negras agora bloqueavam a passagem do meu pedido em desespero reverberando para dentro do meu peito como um raio, aumentando meu estado de pânico, comecei a tremer.

Ela chorava compulsivamente.

— Me perdoa, prima — falei entre as lágrimas.

— Não chora, Fernando, não fica assim, não gosto de

ver você triste. — *Ela se comoveu de verdade com o meu estado? É isso mesmo que estou entendendo?*

— Como quer que me sinta? Eles vão matar a Mary, você me entendeu? Eles vão matar a Maryyyy...

— Do que você está falando, Fernando? Quem vai matar a Mary? — Ela temia de verdade, eu sabia que sim. Nesta oportunidade aproveitei para descarregar tudo o que estava engasgado na minha garganta.

— Será que você não entendeu ainda, Natalie? — ignorei sua pergunta, mesmo porque saber a verdade onde eu estava enfiado aí sim poderia deixá-la mal. — Não adianta me pressionar, eu nunca vou te amar da forma como você deseja. E não se sinta menosprezada, por favor... Você tem um lugarzinho garantido no meu coração, minha irmãzinha! — Ela soluçou magoada e, pela primeira vez, sem protestar ou dizer algo. — A Mary é a mulher da minha vida, é o ar que eu respiro, se ela morrer eu vou morrer também, porque não terei mais ar para respirar.

— Você está me assustando, Fernando. O que está acontecendo? Me conta! — exigiu em prantos, e seu tom

era outro bem diferente, mais compreensivo, ou algo neste sentido.

— Não se preocupe, eu logo estarei de volta... — menti. Mentia para mim mesmo.

— Você jura que vai voltar logo, não vejo a hora de te abraçar forte, acho que preciso te dizer tantas coisas, Fernando...

— Nosso abraço será apenas de dois primos que se consideram. — Ela apenas fungou. Eu continuei, precisava desabafar: — Desculpe, Natalie... desculpa a sinceridade. Olha! O que aconteceu entre a gente foi um lapso do destino, mas eu não quero magoar você. Por favor, não fique com raiva de mim, e faz um esforço a fim de me compreender, tenta compreender o meu coração, está bem? Eu te amo, priminha — frisei em tom claro. — Te amo como a minha irmãzinha e vou te amar a vida inteira, como vou amar meus filhos, que amo sem mesmo ainda terem nascido, eu prometo. — Ela fungou, forte enquanto eu colocava tudo que me sufocava para fora. — Me perdoa te dizer tudo isso, eu preciso, eu não posso mais enganar ninguém, eu não consigo enganar nem a mim

mesmo, por favor... tchau.

— Fernando, espera, Fernando, não desliga... FERNANDOOOO!

Interrompi a ligação e desliguei o telefone quando no mesmo instante o Sérgio, agarrado ao braço da Mary, acompanhado dos dois comparsas, saía pela porta que foi aberta. Acenei para um táxi passando naquele instante.

— Vai para onde, senhor? — perguntou o homem me olhando pelo retrovisor. Escolhi sentar no banco de trás acreditando ser mais fácil para me esconder. Abri minha carteira e peguei quase todo o dinheiro ali, deixando apenas uma reserva no caso de uma emergência, estendi em sua direção sempre ligado no movimento. O Sérgio acabava de jogar literalmente a Mary para dentro do veículo e os dois comparsas seguiram para outra caminhonete preta um pouco mais à frente.

— Mesmo se eu rodar a cidade inteira por várias vezes, não vai precisar de tanto dinheiro para me pagar pela corrida — falou ele com olhos enormes sobre as notas azuis em sua mão.

— Escute bem, está vendo aquelas duas caminhonetes?

— Apontei e ele seguiu a direção do meu dedo indicador, assentindo. — Eu só preciso que os siga com discrição. E quando chegar ao destino... O senhor tem uma caneta e um papel, por favor? — Muito rapidamente, ele pegou no porta-luvas e me entregou, anotei o telefone do Leonardo e lhe entreguei. — Ligue para este número e dê o endereço onde vai me deixar. — Ele assentiu de prontidão deslumbrado, com os olhos sobre o bolo de dinheiro em sua mão. — Será que consegue fazer isto?

— Com absoluta certeza — respondeu ele dando partida quando as duas caminhonetes passaram por nós. Eu joguei meu corpo sobre o banco a fim de me esconder.

Fui ficando cada vez mais sobressaltado à medida que, após sair da estrada, pegamos uma pista de terra e foi se aprofundando cada vez mais numa área tomada pela vegetação ao redor, exatamente numa trilha que era mais estreita e o mato ficando mais abundante, inclusive com aquelas árvores gigantescas. O vento forte uivava quebrando o silêncio dentro do carro, ambos estávamos apreensivos. Da mesma forma que empurravam as nuvens negras sob o céu começando a escurecer, e açoitava as

copas das árvores arrancando-lhe as folhas caindo sobre o para-brisa do carro.

Enquanto a natureza gritava, meu coração esmurrava meu tórax e acho que do motorista também, seus olhos arregalados fitavam o horizonte, aflitos. Seu veículo novo sem barulho facilitava a nossa discrição.

— Senhor, acho que está ficando muito perigoso... talvez seja mais prudente retornarmos e ir à delegacia — disse ele agarrado ao volante jogando o carro para o canto quando chegamos a uma clareira com árvores enormes derrubadas, por desmatamento ilegal. Num ponto onde tínhamos a visão de um pequeno galpão que, com certeza, foi usado pelos criminosos responsáveis por toda aquela devastação. E na porta havia dois homens de guarda, com armas na cintura.

Eu não consegui responder com meu coração arrebentando. Agarrado aos cabelos do meu amor, o Sérgio a arrastava para dentro como se ela não fosse nada, ninguém.

— Filho da puta! — *Ela é tudo...*

— Senhor, acho melhor ligar agora para a polícia. —

Sem esperar por instruções, ele tirou o celular do bolso e discou 190. — Não dá sinal esta porra. — Abri a porta e desci. — O que o senhor está fazendo? — protestou ele, apavorado.

— Retorne e busque sinal — pedi quando liguei meu celular constatando estar sem nenhum sinal. — E então, por favor, ligue para o número que te dei ou mesmo para a polícia — ordenei já me dirigindo em direção ao galpão.

— Senhor, senhor, volta aqui, não posso deixá-lo aqui.

— Vai logo e não discuta comigo. — Acenei com a mão. Ele soltou o ar e resolveu obedecer.

Me aproximei por entre as árvores o máximo que pude quando comecei a ouvir os gritos de dor da Mary e o choro da Ana. Gritos terríveis, suspiros e prantos que ecoavam e se misturavam ao som dos balanços da vegetação, com o vento cada vez mais feroz e a noite começando a reinar com algumas gotas de chuva caindo sobre meu rosto. De repente, comecei a temer a chuva, ela que marcou a nossa história, analisando melhor o seu verdadeiro sentido, e as engrenagens do meu cérebro buscando todos os momentos em que ela esteve presente.

E senti um baita medo ao constatar que logo após ela, sempre nos afastávamos.

Não chove, não!

Eu nunca senti tanto medo em minha vida, medo de perder a Mary.

— CÉUS!

O seu grito de dor se espalhou ao redor, sentia seu sofrimento na minha alma, confirmava os motivos de sua submissão ao ouvir os lamentos de Não da Ana, ela estava se sentindo abandonada, eu sentia que sim.

— NÃO ADIANTA GRITAR, SUA CADELA, E CALE A BOCA, SUA VELHA, QUE A PRÓXIMA É VOCÊ! — Ouvir aquilo doeu fundo, mais forte que a dor física. Meu desespero aumentou, meu coração apertou, eu necessitava socorrê-la. Eu perdi a cabeça, razão tudo... Esqueci-me do perigo e o quanto eu estava vulnerável diante daqueles marginais com armas de fogo disposto a matar e morrer como disse o Leonardo, e corri ao seu socorro. Eu daria um jeito de entrar lá.

— ATIRA, ATIRA... ESTÁ SE APROXIMANDO DE NÓS! — Parei de respirar naquele instante ao ver dois

revólveres apontados em minha direção, e um terceiro homem saía de dentro se juntando a eles, e ao ouvir o som de ambos sendo engatilhados só tive tempo de fechar meus olhos.

BAM!

Em seguida, ouvi outro tiro.

BAM!

Com aquele baque no peito travei a respiração e tudo o que ouvi foram os estalos semelhantes a um trovão que cortou o ar.

Capítulo 16

Mary

Sentia minha cabeça girando, parecendo um ataque forte de labirintite, nunca havia sentido estas coisas antes. Tudo dentro de mim se tornou confuso com aquele enjoo dos infernos, com aquele ímpeto que subia em direção à minha garganta, como se minhas tripas quisessem se ver livres do meu corpo. Meu estado piorou muito depois que a Gisele comentou que eles estavam do meu lado, e a maior angustia era pensar que o Fernando estava envolvido.

“Ah, meu Deus... o proteja, por favor... Eu não me importo de morrer, mas não deixe que nada de mal aconteça com ele, por favor, por favor...”, implorava resmungando, e não sentia dor com as unhas do Sérgio cravadas na carne do meu braço, enquanto me arrastava para dentro daquele galpão.

Sérgio me agredia verbalmente como se quisesse se vingar de mim, estava ciente de que eu atrapalhei seus planos, porém eu estava consertando. Todo o controle

voltou para suas mãos, não saímos do cartório antes da procuração ser registrada. Então, por que ele me agredia daquela forma?

— Para com esse choro idiota, sua maldita! — Da porta, ele me atirou para dentro. Espalmadas no chão, minhas mãos me protegeram de arrebentar minha cara no concreto úmido e fedorento abaixo de mim. Mas não evitaram de sentir uma dor latejante em minha cabeça, intensificando a tontura.

Respirei fundo, quase em pânico, e me deixei cair de bruços, mas sem esforço para levantar a cabeça. Segurando meus ombros, cravando suas unhas, o Sérgio me colocou em pé, agora como ele conseguiu aquela proeza eu não sei dizer, ele estava mesmo possuído, só assim para suportar a dor sem reclamar.

— Me solta, está me machucando! — reclamei com a mão na dele para não apertar tão forte. Entrei em desespero gigantesco, quando meus olhos capturaram a cena mais triste da minha vida, lágrimas de medo, angústia, desespero e raiva escorreram pelo meu rosto, molhando minha camisa. Na outra parede daquele galpão

sem reboco cheirando a mofo, iluminado apenas com um lampião ao gás, abafado com apenas uma janela, que estava fechada, minha tia estava sentada naquela cadeira de madeira escura. Seus tornozelos amarrados nas pernas do móvel, os punhos nos braços, a sua mão direita com uma faixa empapada de sangue, que embrulhou meu estômago novamente ao visualizar seu dedo decepado dentro da caixa. Sua boca estava vendada por uma fita. Assustada ao me ver naquelas condições, ela tentava se soltar, mas não conseguia, seus gritos eram abafados pela mordaça. E atrás dela, Adenir, com seu chapéu horroroso, segurava em seu ombro. Eu sempre desconfiei que os dois estavam juntos, como fui burra!

— Pelo amor de Deus, Sérgio, solte-a, não faça isso com a minha tia, por favor. Por que diabos está agindo desta forma? — Conforme eu falava, ele ria zombando. Soluçando, eu não desistia. — Eu já passei a procuração, não há necessidade de nos manter presas. Eu passo tudo para você, não quero nada. Apenas nos deixe em paz. Ou, pelo menos, a minha tia.

Gargalhando, ele segurou em meu queixo, me puxando

para mais perto. Seu hálito fétido revirou ainda mais meu estômago. Olhando aquela figura asquerosa à minha frente causava-me arrepios, eu queria tanto que a bílis invadisse minha boca! *Ah, como eu queria!*

— Você é uma pedra no meu sapato, sabia? — rosnou jogando sua saliva contaminada no meu rosto, arqueei para me livrar delas. Ele estalou os dedos para o Adenir, e ele jogou-lhe dois pedaços de cordas.

— Por favor, Sérgio, o que vai fazer? — eu gritava recuando quando o homem deixou minha tia e veio pelas minhas costas, me abraçando forte.

Prendeu meus braços e Sérgio amarrou meus punhos com muita força. Depois ele me deitou de costas, levantando minhas pernas e, por mais que tentasse me livrar de suas mãos, foi impossível pelo tamanho da sua força. Prendendo minhas pernas, que se debatiam, Sérgio amarrou meus tornozelos e as soltou despencando no chão. Não tinha mais forças para lutar, o mal-estar retornava com força total. Minha tia se debatia na cadeira em pânico total — O que é isso que vai fazer? — Ele não me dava atenção, me ignorando por completo.

— Mostrar para você quem é que manda, patroinha. — Ele estava muito magoado. Maldita hora que eu transei com ele, e o mandei calar a boca, eu o subestimei, mais uma coisa que aprendi nesta vida. *Jesus!* — Devia ter ficado lá em Porto Alegre cuidando dos seus pobrinhos. Mas não, né? Tinha que vir atrás da herança que já me pertencia por direito. Fiz muito por merecer ela. — Pausou e olhou para o Adenir. — Tira a mordaça da velha e saia. Ah, liga para o Guilherme colocar em ação nosso plano, aqueles idiotas numa hora desta estão no templo rezando para o Deus invisível deles, ignorantes! — ordenou.

— É para já! — Adenir sorriu satisfeito com a ordem. Como se fosse exatamente o que ele esperava. Saiu apressado pela porta.

Gelei com os olhos verdes malditos voltando a atenção sobre mim, ali no chão.

— Não há necessidade de agressões, eu já te disse: passo tudo, tudo mesmo — garanti com o coração querendo explodir lá dentro. Rindo, ele se abaixou, ficando com os joelhos ao meu redor com sua expressão

de dor. Eu via a morte diante de mim com ele tão próximo.

— Não dá para ser assim, Mary. — Suas mãos seguraram firme meu rosto, obrigando-me a encará-lo.

— Solta a minha sobrinha, seu maníaco! — gritou minha tia. Ele apenas esticou a mão para trás de forma ameaçadora e ela silenciou de imediato entendendo o recado.

— Vamos nos casar no civil com comunhão total de bens, depois eu vejo como farei. Talvez lhe darei o mesmo destino que dei a Lúcia. — Eu gelei com suas palavras e ele riu orgulhoso como se houvesse feito a coisa mais maravilhosa do mundo.

— V-você a ma-matou? — gaguejei. Meu soluço atravessou minhas palavras. E, de repente, os meus se misturavam aos da minha tia. Nós imaginávamos como seria nossa vida dali por diante. Eu precisava fazer alguma coisa para tirá-la daquela confusão. E rezava para o Fernando não se envolver nesta imundície.

— Fiz ela engolir de uma vez regado ao uísque todos seus remédios de depressão e calmante.

A revelação explica a overdose que o Dr. Fabrício

comentou. Céus, ele não era mesmo de brincadeira! Inspirei todo o ar para os meus pulmões, temendo somente pela minha tia.

— Aquela safada... — resmungou ele. — Só depois que dei cabo dela foi que fiquei sabendo sobre a herdeira, mas como se recusou, fiquei tranquilinho até você resolver requerer o que não lhe pertencia.

Ele levantou a mão para me bater, eu me debatia em prevenção e minha tia começou a gritar alto, desesperada.

— NÃO ADIANTA SE DEBATER, SUA CADELA! — E deu uma rápida virada na direção da minha tia em total desespero, chorando muito. — E CALE A BOCA, SUA VELHA, QUE A PRÓXIMA É VOCÊ!

O alívio veio com dois estalos lá de fora, que tive a certeza de serem tiros. Sua mão parou no ar e ele se levantou apressado do jeito dele. E esbravejou em voz alta, bem na hora em que o tiro foi disparado.

— O que é isso? — Tomado pela curiosidade, ele se dirigiu para a porta para averiguar e saiu, enquanto eu chorava muito, me encolhendo com muitas dores agudas. Ele me feriu fisicamente e muito mais emocionalmente.

— Mantenha a calma, minha filha, não o provoque... este rapaz está muito perturbado — aconselhou-me ela tentando ser forte, mas eu via que o seu desespero era maior do que o meu. Eu chorava pela dor da minha alma e pelo orgulho dela ser tão forte diante daquela situação monstruosa que estávamos vivendo.

— Seu dedo, tia... — falei ofegante, e ela riu de forma até divertida, me deixando encafifada.

— Meus dedos estão aqui, minha querida, não se preocupe! Este vermelho é tinta, ele armou apenas para forçá-la a fazer o que queria, deve ter arranjado aquele dedo em algum necrotério.

Suspirei aliviada e horrorizada em pensar que um ser humano pudesse pensar em algo daquela natureza. E ficamos em silêncio, prestando atenção às conversas dos homens do lado de fora.

— Alvejaram alguém, o que aconteceu? — sua voz em tom autoritária soou ardilosa que me causava arrepios no corpo. Ofegantes, tanto eu como a minha tia buscávamos a compreensão do que era dito, apreensivas com o próximo acontecimento. Estávamos às escuras e a morte parecia

estar muito perto.

— Avistamos um animal vindo em nossa direção, sem conseguir identificar no escuro atiramos por precaução — falou outra voz masculina que não conhecia.

— Deve ser uma onça parda, surge algumas por esta região — falou Sérgio. — Fique aqui. Os demais me acompanham, precisamos ter certeza.

O farfalhar das folhas sendo pisoteadas indicavam que se afastavam, um momento de paz que logo deu lugar ao pânico novamente com mais um estalo e, então, ouvimos passos apressados se aproximando de nós.

Fernando

Meu coração palpitava forte, e a adrenalina corria rápida em minhas veias com meus olhos cheios de lágrimas quando a vi naquele estado sub-humano, amarrada sob o chão úmido e frio, naquele lugar maldito. E, mais uma vez, questionei a exigência de Deus, duvidava claramente. Agora eu comecei a questionar tudo, tudo mesmo. Pois ela se doou de corpo e alma para seus filhos e agora ela estava ali, naquela situação de quase morte...

Não... Deus... você precisa me explicar isso direitinho, viu? Me ajudar a descobrir o que tudo isso significa e por que assim?

A Ana amarrada naquela cadeira era de cortar o coração de qualquer mortal.

— Ah, meu filho, você caiu do céu! — exclamou Ana entre as lágrimas de alívio. Eu fiquei meio confuso a qual das duas eu socorria primeiro.

— Fernando? — Meu coração aqueceu quando sua voz chorosa me chamou manhosamente.

— Ah, meu amor. — Corri para perto dela me atirando

de joelhos ao seu lado, puxando sua saia para baixo, desamarrei-a por completo com ela se desmanchando em lágrimas, passei as mãos pelas suas costas e a puxei para meus braços. — Ah, meu anjo, o que eles fizeram com você?

— Ah, Fernando... — Muitas lágrimas deixaram seus olhos, seus soluços não a deixavam falar. Abracei-a como se minha vida dependesse daquilo. Minhas lágrimas amargas, sedentas por vingança e desesperadas desceram enquanto eu a apertava. Ela era o meu bem maior e mais precioso. Com o rosto afundado na curva do meu pescoço, ela foi se acalmando, ficou tranquila quando percebia que estava segura nos meus braços.

— Precisamos sair daqui logo antes que eles retornem — falei com pressa ajudando-a se levantar, mas ela cambaleou e eu a segurei pela cintura. — Você está bem, Mary? — perguntei sondando seu rosto marcado pela violência e um ódio me dominou. Como não havia tempo para pensar nisto, eu segui para soltar a Ana.

— Fernando, precisamos avisar a polícia, o Sérgio deu uma ordem para atacar os funcionários no templo. —

Enrijeci com a informação e quando terminei de tirar a última corda, libertando a Ana, me levantei e enlacei a sua cintura notando sua fraqueza.

— Precisamos contar com a sorte. O motorista de táxi que me deixou aqui deve ter chegado à cidade e avisado as autoridades sobre o nosso paradeiro. Aqui não há sinal de celular. — Segurei em sua mão a arrastando para fora. — Vamos sair daqui, vem.

A frente do galpão estava livre e me orientei com a luz do celular, corremos em direção a mata quando sons de trovão e raios cortavam o céu. Eu não disse nada, só rezava para a chuva não cair. Eu estava com muito medo dela. Na noite escura, a floresta se tornou um labirinto.

A Mary aparentava fraqueza, reclamando de tonturas e enjoos com persistência. Quando alcançamos a parte de vegetação mais densa, onde as copas das grandes árvores se fechavam acima de nós, considerei o lugar ideal para nos esconder até a ajuda chegar. Enquanto a Ana se jogou sentada encostada num tronco de uma generosa árvore, e a Mary em outra um pouco mais distante.

— Não é o lugar perfeito para se esconder, mas

acredito que estaremos em segurança — disse abrindo suas pernas e me ajoelhando em sua frente. Eu precisava olhar para ela. Um sorriso fraco, exausto, surgiu em seu rosto.

— Ah, meu amor... eu só consigo pensar nos funcionários da fazenda, o que este maluco do Sérgio está planejando? Deus queira que nada de ruim aconteça. — Grunhi com minha ira se manifestando.

— Já detonei o escroto daquele cretino, esmagando suas bolas. Deixá-lo aleijado não foi o suficiente, agora só falta matar aquele desgraçado. — Ela arqueou a cabeça buscando meus olhos, rindo e chorando ao mesmo tempo, tão lindamente sofrida.

— Então foi você que o feriu... — Com o polegar esfreguei seus lábios lindos. — Agora eu estou entendendo as razões por ele estar tão bravo, vingativo... — Levou a mão aos ferimentos no rosto, me lembrando.

— Me perdoe, Mary! É tudo culpa minha, me perdoe. — Meu peito se apertou em culpa por tudo o que estava acontecendo.

— Não... Não é culpa sua, o Sérgio é um marginal da

pior espécie. Ele revelou que matou a antiga proprietária, ele planejava me matar também. — Meus lábios se abriram, surpresos.

— É sério isso? Então, ele é um psicopata! — Ela concordou de cabeça e ficou pensativa e, linda, não resisti.

— Eu te amo, meu anjo, te amo muito. — Inclinei-me unindo nossos lábios, já estava acostumado a sentir o gosto salgado de suas lágrimas.

— Eu também te amo... mas está se arriscando aqui... Por que não foi embora? — sussurrou em meus lábios. Segurei em seu rosto, beijando-a sem parar.

— Eu só posso viver se você viver, minha birrentinha! — murmurei beijando-a. Ela grunhiu entre as lágrimas e ouvia a Ana em silêncio, fungando de emoção conosco ali, em nosso chamego. Era sempre assim quando estávamos juntos, esquecíamos o mundo ao nosso redor. Perdia-me no tempo, eu não me cansava de olhá-la, passei com cuidado as pontas dos meus dedos sob os hematomas em sua face, ela gemeu se encolhendo.

— Estou horrível, né? — falou com voz chorosa.

Neguei, porque não tinha como ela ficar feia.

— Você é simplesmente perfeita. — Ela riu abraçando meu pescoço. — Você está linda, amor — sussurrei em seu ouvido e enfiei minha língua sentindo-a se encolher e arrepiar em meus braços. Ela era tudo para mim.

E nos encolhemos ao notar fachos de luzes passeando entre a vegetação e, em seguida, vozes.

— Shhh... — Com o dedo indicador direito sobre meus lábios, eu pedi silêncio e me levantei, dando lhe a mão ajudando-a a se levantar também. Ana correu até a sobrinha. E, enrijecidas, ambas se abraçaram.

— CARALHO! — Meu sangue subiu à cabeça ao ouvir a voz do calhorda, mas o ruído de uma arma sendo engatilhada me fez mudar o foco. Seus passos crescendo indicavam que eles estavam bem próximos. — Elas não devem ter ido longe... QUE PORRA! Só queria entender como conseguiram escapar!

Ana soluçou ruidosamente.

— Shhh... — novamente pedi silêncio. Eu estava temeroso e desarmado diante daqueles bandidos. A solução que encontrei a fim de garantir o silêncio devido

ao tremor das duas foi abrir meus braços, abraçando-as como um escudo de proteção. — Quietinhas — articulei com os lábios, muito receoso. E ambas assentiram.

— Vamos encontrá-las. Fica sossegado — outra voz grossa masculina soou ao redor. E Ana não se conteve, gemeu alto. A escuridão que era quase total com o céu carregado de nuvens negras ganhou fachos de luzes das lanterna, iluminando-nos.

— Ilumina ali, eu ouvi alguma coisa! — gritou Sérgio.

— Ai, Céus! — gritou Ana em desespero.

Prendi a respiração, temia apenas por elas e mais do que depressa, peguei na mão de ambas e juntos saímos correndo dali.

— ATIRA NAQUELE IMBECIL! — berrou o calhorda com as minhas costas expostas para eles. Em total proteção, eu corria a um passo das duas, tentando dar o máximo de cobertura.

O estalo ecoou pela floresta fazendo os animais noturnos se assustarem e fugirem.

— Cuidado, Fernando! — gritou a Ana ao olhar para trás em prantos e ver e ouvir outra arma sendo

engatilhada. Seu instinto quase materno a fez largar da mão da Mary, se virou e recuou correndo de frente aos bandidos e passou por mim deixando seu peito exposto ao segundo tiro. O disparo me fez perder o fôlego, eu só tive tempo de agarrá-la pela cintura e me joguei com ela no chão.

— NÃOOOOO! — gritou a Mary com a mão na boca vindo em nossa direção.

— Foge, Mary, foge... Se salve, amor! — Meu grito foi em vão. Idiota eu achar que a minha Mary nos deixaria ali, à mercê da própria sorte.

— Ah, sua vagabunda... — Sérgio agarrou-a pela cintura, e com a bengala acertou minhas costas com muita violência, enquanto me levantava de cima da Ana desacordada. — Mata este filho da puta! — ordenou quando eu caí sobre a Ana, inerte, gemendo com a pancada nas costas. Apesar da dor, eu estava preocupado com a Mary, com o que o psicopata faria com ela em seu poder, e também se Ana ali embaixo de mim fora alvejada. O cano em minha nuca tirou-me dos meus devaneios, a gravidade ficava cada vez mais clara.

— Por favor, Sérgio... Não faça isso, eu te imploro! Adenir não aperta este gatilho...

Embora estivesse querendo explodir, eu escolhi pela vida da minha birrentinha, me segurei ali na mesma posição, temendo que qualquer ação por minha parte se voltasse contra ela. Eu já a fiz sofrer demais. Basta!

Em resposta ao seu pedido veio mais uma bengalada bem dada nas minhas costas. Gritei de dor.

— Ai...

— Fernando, meu amor... — Ao ouvir meu gemido de dor, ela se tornou uma leoa, sua força foi capaz de se soltar do Sérgio e se jogou de joelhos ao meu lado. Curvando-se, me abraçou e deitou a cabeça em minhas costas. Respirei fundo sentindo o calor de seu corpo contra o meu. — Então, mate todos nós! — rosnou ela, lindinha.

— Que ceninha linda de amor! — esnobou ele. E pediu para o comparsa tirá-la de cima de mim.

Ela começou a chorar, gritar e espernear me deixando desesperado.

— Me larga, me larga!

O seu desespero era imenso, com toda aquela situação, inclusive com a tia ali desmaiada. Olhei rapidamente e não notei sangue, o que me deu certo alívio e me concentrei na Mary. Que, aliás, ela tinha muitas habilidades nas pernas, não era à toa que eu sempre dizia que ela parecia ter rodinhas nos pés. Foi preciso dois homens para afastá-la e com isso baixaram as armas.

Foi o meu momento de agir, sem estar na mira do revólver, eu me levantei num impulso.

Largando-a, ambos ergueram as mãos apontando-me as armas. Ela correu para os meus braços.

— ATIREM NELES PARA MATAR! — berrou o Sérgio. — ATIRA, ADENIR...

Em seguida, nós ouvimos as sirenes da polícia se aproximando e logo um monte de luzes piscando se espalharam ao redor, e latidos de cães e vozes que se propagaram em toda a floresta.

— Não creio! — exclamou Sérgio cobrindo as duas mãos no rosto.

— É a polícia, Sérgio o que faremos? — perguntou o homem grandão, ele usava chapéu.

— Calma, me deixa pensar... Estamos em vantagem, não tem como entrar com a viatura aqui — falou o Sérgio, pensativo.

— Vai logo, cara! Atiro? — insistiu o tal Adenir, suas mãos tremiam. Ainda pensativo, Sérgio fechou os olhos. Sua expressão estava mais para rendição do que medo.

— Não, por favor, Adenir. Não faça esta besteira — aconselhou Mary, nervosa.

Sérgio agarrou-a pelo braço puxando-a para seu lado, enquanto o outro homem baixou sua arma e saiu correndo se embrenhando no meio da mata.

Ele revirou os olhos.

— Atire logo, vamos amargar cadeia mesmo. Pelo menos eu, né? — Sérgio ordenou decidido, olhando para si reconhecendo sua limitação para fuga. — Se quiser pode zarpar.

Adenir negou com a cabeça.

— Não vou deixar você, meu irmão.

— Não, Adenir! — A Mary agarrou em seu braço. Irritado, ele desviou a arma, posicionando sobre a cabeça dela.

— Vai ser um prazer matar você, sua folgada!

— Atire em mim e não nela — pedi com cuidado, com as mãos estendidas em suas direções.

Ele abriu um sorriso diabólico fitando-me diretamente nos olhos.

— Tchu, tchu, tchu... — Pressionou o cano com mais força fazendo a Mary pender a cabeça para o lado.

A Mary fechou os olhos quando ouviu o engatilhar da arma.

— Parados! — Uma policial gritou apontando a arma, em seguida mais dois policiais surgiram também com armas em punhos, nos cercando.

Adenir jogou o olhar para Sérgio, que ergueu as mãos. Então, ainda hesitante voltou para Mary.

— Baixe a arma! — ordenou a policial.

Ele finalmente baixou a arma, se entregando, enquanto a Mary se jogou ali no chão ao lado da tia.

— Tia? Tia... — Se sentando no chão e colocando a cabeça da Ana em seu colo. Batendo levemente em seu rosto. — Tia, por favor, acorda... — implorou.

Eu me ajoelhei ao seu lado, dando apoio emocional

com a mão em suas costas.

— É melhor não movimentá-la. Já solicitamos uma ambulância e está a caminho — informou a policial antes de efetuar a prisão do Sérgio e do Adenir.

Logo outros policiais que estavam na busca voltavam com os outros homens algemados.

— Ela vai ficar bem, meu amor — garanti verificando a pulsação se estava normal. E ganhei um sorriso confiante. — Não há vestígios de tiros em seu corpo.

— Tia, tia... — Neste instante as pálpebras da Ana se moveram e por fim se abriram. — Ah... — A Mary começou a rir e a chorar ao mesmo tempo. — Que bom que acordou... — A mão da Ana veio em seu rosto e depois no meu.

— Pelo jeito vejo que acabou tudo bem, né? — comentou olhando ao redor.

— Graças a Deus, Ana. Estamos todos bem — falei com alívio.

— Ainda não... Precisamos correr até a fazenda, ainda há aquele bandido do Guilherme — lembrou a Mary.

— Fernando, Mary, Ana... Vocês estão bem? —

Leonardo gritou assim que desceu da quarta viatura que acabou de chegar. E se jogando de joelhos me abraçou tão apertado que a Mary e sua tia ficaram emocionadas com tamanho amor entre nós. — Graças a Deus está vivo, assim eu não preciso matar você — falou com humor batendo até forte nas minhas costas.

— Pega leve, Leo — reclamei rindo, e todos riram ao mesmo tempo.

— Você merecia uma surra, isso sim... — completou ele, segurando em meu rosto. — Vem aqui, vai! — Me puxou para mais um abraço bem forte e gostoso que aqueceu meu coração.

A Ana foi levada ao hospital apenas para observação, pois tudo indicava que o desmaio foi mesmo pelo estresse do momento. A Mary não conseguiu acompanhá-la, seu coração estava lá na fazenda, nos riscos que seus funcionários estavam correndo.

Aflita, com os nervos à flor da pele, eu precisei ampará-la em meus braços, seguimos com uma viatura até sua fazenda. E o Leonardo foi em outra.

— Meu Deus, meu Deus! — ela começou a gritar antes

mesmo de atravessar a portaria da fazenda. De longe podíamos ver o clarão do incêndio iluminando a noite e uma cortina branca de fumaça subindo ao céu. — Ah, por favor, vá mais rápido.

— Calma, meu amor, calma. — Apertei seu ombro em contato com o meu enquanto ela se debulhava em lágrimas.

— Que loucura, Fernando, que loucura; é inacreditável o que está acontecendo. — Beijei sua testa em silêncio e ela fez todo o caminho respirando fundo.

Ela abriu a porta da viatura e saltou do carro em movimento, como uma louca, e eu corri atrás dela, desesperados na mesma sintonia. Eu não suportava ver seu sofrimento.

— Que horrível, meu Deus! Este Sérgio não é humano, não é... — ela gritava com as mãos à cabeça ouvindo os gritos de socorro que vinham lá de dentro do galpão, era um desespero geral.

— Fica calma, Mary — tentei consolá-la com a mão em seu ombro.

Chorando, ela negou com a cabeça.

— Como, Fernando? — Sua voz saiu entre o soluço de desespero. — Estão todos lá dentro, este galpão é usado como um templo de oração.

Eu me senti impotente diante da situação. Solidário segurei em sua cabeça e beijei sobre os cabelos.

Enquanto os policiais estacionavam e corriam pelos fundos onde o fogo ainda era brando, antecipando os socorros até os bombeiros chegarem. Na frente onde estávamos, o fogo tomava uma boa parte do templo, devido aos produtos inflamáveis usados na reforma. O crepitar e estalos das chamas fez uma parte do telhado desabar e a fumaça subia em direção ao céu.

Abracei-a pelo ombro sem muito o que dizer, ela tremia em meus braços, quando o Leonardo desceu correndo da viatura.

— Pai do Céu, proteja cada um deles, por favor! — Algumas pessoas que deduzi serem funcionários rezavam. A Mary gritava com o mesmo gesto. Eu fiquei comovido. A cada dia eu a amava mais e aprendia com ela. Ela nunca se preocupava consigo, tudo pertencia aos outros.

Corremos ao fundo quando a parede estourou e as

pessoas saíram de lá todas gozando de plena saúde, pois o fogo ainda não estava intenso.

A Mary se soltou dos meus braços e foi abraçar Gisele, que tossia muito, mas parecia bem. Ambas choravam uma nos braços da outra. Solidário ao sofrimento delas repousei minhas mãos em suas costas.

— Ah, graças a Deus... — falou a Mary quando se afastou. — Estão todos bem, saíram todos de lá? A Raquelzinha, onde ela está? — Mary começou a andar entre as pessoas à sua procura.

E nisso deu um estalo na Gisele, agora mais consciente.

— MAMÃE, MAMÃE, SOCORRO! ESTOU AQUI DENTRO, MAMÃE! — A vozinha de uma menina explodiu lá de dentro, e comovidos todos se aproximaram do local com as chamas aumentando. Os policias criaram uma barreira bloqueando devido ao risco de explosão.

— Por favor, se afastem — pediu o oficial.

Repousei a mão no ombro da Mary em sinal de apoio, ela estava desesperada.

— MINHA FILHA, MARY! MEU DEUS, ALGUÉM ME AJUDA? — ela gritava quando a Mary segurou forte

em seu braço. Eu fiquei ao seu lado sem ação.

— Policiais, vocês precisam entrar lá, tem uma garotinha lá dentro! — gritava a Mary.

— É minha filha, moço, por favor, salvem a minha filha! — Gisele chorando, gritando como louca, deixando todos em prantos. Mary abraçou-a. Logo as sirenes dos bombeiros soavam ao redor se aproximando.

Uma rajada de vento iniciou naquele instante esvoaçando os cabelos dourados criando uma aura dourada ao seu redor, os trovões foram tornando-se cada vez mais ensurdecedores juntos aos raios riscando o céu, os gritos de socorro, os lamentos, as sirenes dos bombeiros chegando, uma mistura de sons, que era quase musical. De repente, senti um aperto no peito. A expressão corporal da Mary ali abraçada àquela mãe desesperada me deu um estalo, uma angústia que não me deixava respirar. Um ou dois passos à sua frente, notei um brilho diferente em seus olhos, o mesmo de uma estrela brilhante numa noite de céu limpo. Muito semelhante. Ali, eu sentia sua entrega e me desesperei, me sentia sendo conectado a esta energia, uma força, que nunca vi antes

surgia ao nosso redor e a puxava de mim como um alerta para protegê-la de algo, uma sensação que me assustou. E mesmo antes de agarrá-la com força e envolvê-la em meus braços, os gritos da garotinha ecoou ao redor.

— MAMÃÃE, MAMÃÃE, SOCORRO! — E, em seguida, ouvimos uma crise de tosse da Raquelzinha. Naquele momento veio uma explosão de amor em torno da Mary. Seus braços se soltaram de Gisele, se libertando das minhas mãos em suas costas.

— Eu não posso ficar aqui de braços cruzados — disse ela num tom de voz decidida, que eu entendia muito bem aonde sua generosidade e seu coração do tamanho do mundo, como todos diziam, a levaria. — Não se preocupe. — E correu em direção à entrada, confirmando o meu pressentimento.

— NÃO, MARY! — gritei correndo ao seu encontro. Não deu tempo, ela conseguiu vencer a barreira policial, mas eu não. Passou a frente de dois que seguiam na mesma direção e cruzou aquela porta quando a rajada de vento atiçou uma chama, que cresceu até a altura da porta impossibilitando a entrada de qualquer outra pessoa.

— MARY, MARY! — eu berrava angustiado com as mãos no alto da cabeça. Gente, que ser humano era esse? Ela não pensou nela, sua preocupação era somente na garotinha lá dentro. Ali era mesmo uma verdadeira entrega. Uma como eu nunca pensei que existisse neste mundo.

Leonardo assumiu o lugar da Mary, enlaçando as mãos ao redor do corpo de Gisele, que estava angustiada em sua dor materna. Minhas lágrimas desciam em abundância ao imaginar minha birrentinha em meio às chamas.

— MARY, MARY!

— Meu Deus! — Era um coro generalizado, angústias, tudo... De repente, várias pessoas se ajoelharam no chão de terra num clamor fervoroso. Aquela onda de amor me contaminou, me tornando um guerreiro e avancei sobre a barreira.

— FERNANDO? FERNANDO... — A voz do Leonardo ficava cada vez mais distante, todo meu corpo e minha alma estavam tomados por ela. Eu não poderia existir sem ela. Olhei para trás.

— Eu sinto muito — articulei com a boca. — Se ela

morrer, eu morro junto. — Seus braços se soltaram da Gisele. — Não faça isso, meu irmão. — Ele correu em minha direção para me impedir, mas nada me faria mudar de ideia. Eu arriscaria a minha vida para salvar a Mary.

Um pensamento que fez a chuva anunciada despencar do céu e invadir o interior do galpão, onde o telhado deixou seu espaço, apagando muito do fogo, como num presságio, aquele que eu não acreditei. Comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo, agora entendia os motivos de Deus, ele acabara de responder as minhas questões.

A chuva, que sempre esteve presente entre nós, era muito mais do que importante, era um prenúncio deste dia fatídico: ela a salvou de se ferir, era especial como a minha Mary. Tudo foi uma prova, ela nasceu para salvar a vida de alguém. Ela não era uma pessoa qualquer, eu tinha certeza que não! Além de ser a dona do meu coração, era uma pessoa especial que este mundo necessitava muito ainda.

Eu sabia que nosso encontro não foi uma casualidade, um amor como o nosso não poderia mesmo ser obra do acaso. Tudo se encaixava agora, eu fui um instrumento na

sua vida, para guiá-la até aqui, e ela com seu amor absoluto, para trazer alegria e paz para todas estas pessoas. Além de arriscar sua vida por elas, sem pensar em recompensas, apenas em doação, retribuindo um amor incondicional como o nosso também. Eu estava feliz e agradecido por ser o escolhido. E por isso mesmo era minha obrigação fazer a minha parte, a chuva só veio confirmar todo este meu raciocínio.

Respirei fundo, encorajado, sem medo algum, antes mesmo dos bombeiros chegarem, e os policiais se prepararem para entrar, agora com as chamas diminuídas pela chuva abençoada que vinha do céu enviada por Deus, eu deveria fazer as honras, esta era a minha missão. Ofegante e com o coração trasbordando de amor, eu empurrei um dos policiais que fazia a barreira, com tantas pessoas querendo entrar lá e invadi.

— MARY, MARY! — Abaixando o máximo que pude mais próximo ao chão me protegi, porque havia ainda um pouco de fumaça aquecida que pairava acima, gritei sem conseguir vê-la enquanto me movimentava. A chuva inundava e encharcava criando uma densa fumaça escura

que tomou conta do local. — Mary, onde está você, meu amor? — gritava abafado com a mão à boca evitando respirar a fumaça tóxica que ardia em meus olhos. — Me responde, pelo amor de Deus!

Os únicos sons eram os de fora, gritos de desespero e lamentos e os vindos dos ruídos do telhado frágil. Os ruídos anunciavam que sua queda era questão de tempo, aumentando meu desespero.

— Mary! Mary! — Meu oxigênio em meus pulmões estava com seu estoque quase esgotado, eu precisava de uma inalada a fim de continuar acordado. Foi quando a avistei e comecei a chorar. No canto da parede intacta aonde o fogo não chegou, havia uma mesa de ferro e sobre ela uma linda imagem sacra, ainda encoberta por um plástico que derretia expondo aquela abençoada imagem, que tinha certeza de que cuidava da minha Mary. Ali embaixo da mesa, encurvada sobre uma garotinha de corpo frágil, ela a protegia como se fosse um filho em seu ventre. Com algumas leves queimaduras nos braços, ela respirava e eu notava o movimento de sua respiração em suas costas, sua cabeça pendia para o lado, desmaiada

estava totalmente coberta com um pano encharcado pingando água no chão. Água provavelmente do balde que estava ao lado das duas.

— Mamãe, mamãe! — A voz abafada da garotinha embaixo dela me deixou emocionado. Ela usou o último recurso para salvar ambas. Corri ao seu encontro.

— Mary, Mary! — gritei me jogando ao seu lado, a tirando de cima da menina cobrindo o rostinho dela. — Não tire o pano do rosto — falei rápido envolvendo a Mary em meu colo, e parei de respirar. EU ESTOU AQUI COM VOCÊ, AMOR..., pensei com os lábios em sua testa, com a cabeça em meu peito, mas eu sabia que ela me escutava. Ela precisava me escutar.

— Mamãe? — a garotinha chamou, tirando o pano do rosto que a protegia.

— Não tire o pano do rosto! — alertei-a com urgência.

E logo houve uma invasão de policiais no interior, paramédicos, bombeiros. Beijando meu amor, saí com ela em meus braços. A chuva tão bela como ela caindo entre nós.

— Mary, minha amiga... — A Gisele veio correndo ao

nosso encontro, em prantos, o Leonardo e Cristóvão aflitos também. — Ela está viva, Fernando? — murmurou.

— Graças a Deus sim, a chuva a salvou! — gritei saindo do meio da multidão, levando-a em direção à ambulância. Os paramédicos logo a tiraram do meu colo levando-a para dentro e iniciaram os procedimentos de salvamento.

— Minha filha! — Ainda ouvi a Gisele gritar quando o bombeiro saía com ela sem nenhum ferimento, o que me deu o maior orgulho, pois era recompensador vê-la bem depois de todo o esforço da Mary.

Capítulo 17

Mary

Sentia-me estranha, como se um bloco de concreto estivesse sobre mim, minha respiração estava profusa, eu não conseguia me mover. A voz rouca e deliciosa do Fernando assumia minha mente: "EU ESTOU AQUI COM VOCÊ, MEU AMOR!". Uma grande emoção me tomou, tudo o que desejava era abrir meus olhos, eu precisava muito dele, muito, muito, muito. Mas ainda me sentia incapaz, apenas esfregava meus lábios um sobre o outro, e movimentava meus olhos sob as pálpebras fechadas, quando senti uma pressão no meu braço direito e tentei puxá-lo.

— Doutor, ela está acordando! — Uma voz feminina e ansiosa invadiu meus sentidos, franzi a testa em seguida e consegui finalmente abrir os meus olhos. Vi um rosto jovem e bonito à minha frente, seus olhos negros e cintilantes me fizeram suspirar. — Bem-vinda de volta... — disse ela muito gentil e, ao mesmo tempo, feliz.

— Mary, você acordou, minha menina! — Desviei meus

olhos para aquele senhor de cabelos tão brancos quanto o jaleco que ele usava, confusa. Fixei meus olhos no seu nome gravado em azul-marinho "Dr. Bruno Cardoso" e retribui com um sorriso. — Você não imagina quantas pessoas têm lá fora aguardando você acordar! — anunciou ele.

— O Fernando, onde está o Fernando? — murmurei com muito esforço e olhei ao redor, só nele que eu conseguia pensar. E me dei conta de que estava no hospital. E meu cérebro projetou toda a retrospectiva: minha tia sendo levada de ambulância para o hospital, o momento em que entrei debaixo da mesa onde sempre foi considerado o altar para todas aquelas pessoas desesperadas, juntamente com a Raquelzinha. Tudo veio à minha cabeça como avalanche e me desesperei. — Por favor, a Raquel, ela está bem, por favor — falei tentando me levantar, aflita. Com as mãos nos ombros, o médico forçou-me a me deitar novamente.

— Fica calma, minha querida, ela está ótima, graças a você. Foi muito inteligente quando se escondeu com a garota embaixo da mesa enquanto a fumaça quente ficou

na parte de cima, e o pano encharcado salvou a ambas. — Bateu levemente em meu rosto e fechei os olhos sentindo o calor de suas mãos. — Você tem um grande admirador lá em cima. — Apontou o dedo indicador ao teto. — Ele mandou a chuva no momento crucial, salvando vocês.

Comecei a rir, com uma onda de alegria me tomando e o temor retornou ao pensar na minha tia.

— E a minha tia, Ana Lemos, o senhor sabe dela?

Ele sorriu calmamente me transmitindo serenidade.

— Ela está ótima, sem nenhuma lesão considerável, apenas arranhões nos braços.

Soltei o ar, aliviada.

— Que bom, que bom — murmurei. — E onde ela está? O Fernando...

— Devem estar todos aí fora, ansiosos. Aliás, tem uma multidão! — falou rindo. — Tenha paciência, se recupere um pouco mais, que daqui a pouco eu deixo suas visitas entrarem.

— Agora, por favor... — implorei ansiosa com meu coração querendo sair pela boca. — Estou me sentindo ótima — afirmei.

Sorrindo, ele alisou meu braço exposto sobre o lençol.

— Eu sei que está, Mary. Seu contato com a fumaça foi mínimo, o desmaio foi ocasionado por outra razão. — Seus olhos de suspense se fixaram nos meus e, confusa, levantei a sobrancelha.

— Que razão seria esta, doutor? — questionei curiosa com o seu suspense.

— Olhei em sua ficha e ao me constatar que você é solteira, achei melhor falar com você em particular. — A palavra solteira me deixou ofegante com o óbvio. Os sintomas persistentes de tontura, enjoos dores pelo corpo. Meus lábios se abriram e minha testa ganhou vincos aparentes.

— Você está grávida, minha jovem — informou ele rapidamente.

Meus olhos marejaram com a notícia e meu coração pulou com a dúvida que me bateu ao me lembrar das agressões..

— Doutor, com as agressões, acha possível ter afetado a gestaç...

Ele me interrompeu com um leve movimento negativo

de cabeça.

— Está tudo em ordem com o seu bebê e com você, não precisa se preocupar — garantiu ele com um sorriso confiante.

Meus olhos umedecidos se perderam pelo quarto, era sem dúvida um instante crucial da minha vida. E novamente revivi a retrospectiva de tudo o que passei, mas foi além do incêndio. Toda a minha vida cruzando minha mente de forma rápida e intensa, causando uma tempestade dentro de mim. Comecei a chorar ao me deparar com a Natalie com a saúde debilitada, os filhos do Fernando que ela carregava no ventre vulneráveis. Tudo isto poderia deixar o Fernando perdido...

— É uma boa notícia, Mary? — indagou ele vendo minhas lágrimas e soluços. A enfermeira se postou ao seu lado, ambos comovidos com meu estado.

— Maravilhosa! Só que há ressalvas, doutor... Ela vai trazer sofrimentos a algumas pessoas. Na verdade, eu não sei como lidar com isso...

Ele acenou de cabeça antes de comentar:

— Por isso mesmo que achei mais razoável um

particular, afinal tem muitas pessoas lá fora, inclusive um rapaz desesperado. Ele já fez até um pequeno escândalo querendo invadir quarto. — Fechei meus olhos com a frase que não saía da minha cabeça. Mil borboletas povoaram meu estômago. Com todo amor neste mundo segurei minha barriga e chorei feliz, muito feliz. Ele plantou uma semente em meu ventre, a mesma que plantou no meu coração e na minha alma.

— É o Fernando, doutor, o meu amor... — Ele sorriu e a moça ao seu lado sorriu também, oscilando olhares entre eles. — É o homem da minha vida, porém há tantas barreiras que nos impedem de ficar juntos — fui sincera. Ele suspirou profundamente.

— Talvez agora com um filho, vocês conseguirão superar e vencer estas barreiras... Um filho une as pessoas... — garantiu ele em um sorriso confiante. Para mim soou com uma dor em meu coração.

— Outras pessoas inocentes podem sofrer com a nossa união — desabei —, eu não sei se estou preparada. Baixei meus olhos, pensando nos últimos acontecimentos e me arrepiei. Eu precisava da minha família e amigos ali

comigo.

— Deixe-os entrar, por favor... — Ele sorriu diante da minha necessidade.

— Tem certeza de que está bem? — Assenti forçando um sorriso.

— Vou autorizar a entrada apenas dos familiares. — Indicou ele saindo da sala.

— Ah, meu amor — Sentado na beirada da cama com as mãos embaixo das minhas costas, o Fernando me puxou para um abraço, eu me agarrei nele, enfiando o rosto na curva do seu pescoço, esfregando meu nariz em sua pele perfumada que eu amava tanto, sentindo-o tremer em meu corpo, me deixando arrepiada, excitada, apaixonada.

O Fernando era tudo para mim, tudoooo e agora nosso elo era ainda maior. “Oh, Deus, arranje as coisas para nós, por favor”.

— Fiquei com tanto medo — sussurrou ele no meu ouvido e me encolhi eriçada, com ele me envolvendo ainda mais... — Eu te amo, te amo, te amo... — rosnou ele. Eu gemi de tesão quando ele afrouxou os braços e arqueou para me fitar apreensivo. — Desculpa, eu estou

machucando você, tão delicada... É que eu quero te devorar... — O brilho dos seus olhos verdes acinzentados se ampliara, me dando a chance de atravessar por eles e chegar em sua alma. Inclinei-me beijando sobre suas pálpebras, que se fecharam com um carinho imenso.

— É desejo, amor, prazer... — rugi entredentes e ele sorriu amorosamente. — Minha calcinha encharcou aqui — Pisquei. —, não quer conferir? — Ele fez biquinho, rosnando baixinho, entrando na minha brincadeira.

— Achei que estava demorando demais para acordar, e já ia medicar você com um remedinho poderoso! — disse com um humor safado e piscou, eu ri do seu jeito. — Ótimo... chá de miapica... — Ri muito e coloquei a mão no seu rosto. Lindo, ele apertou minha mão em seu ombro.

— Este remédio é muito bom mesmo... — comentei, ele confirmou de cabeça e me puxou para mais um abraço.

— Cura todos os males, amor — sussurrou em meu ouvido circulando-o todo com a língua. Estremeci. Todos os pelos do meu corpo ficaram em pé.

O ranger da porta ao se abrir despertou-nos do nosso momento chamego...

Entrou primeiro a minha tia, ao seu lado o Leonardo e torci a boca de vê-lo de mãos dadas com Gisele, que corou de imediato com meu olhar especulativo. E o Cristóvão entrou logo atrás.

— Ah, minha filha, que alegria te ver bem.

O Fernando deu espaço para ela se sentar e me abraçou maternalmente. Choramos uma no ombro da outra.

— Me contaram que você foi uma heroína, minha querida. Você é linda demais. — Ela segurou em meu rosto, beijando em cada canto dele. —Estou tão orgulhosa da minha sobrinha...

— Você está bem mesmo, tia? — Ela assentiu beijando-me sem parar, emocionada.

— Eu também preciso lhe dar um abraço, Mary... — Com os olhos marejados, Gisele se aproximou do outro lado da cama e nos abraçamos. — Arriscou a vida pela da minha filhota — disse em meus ouvidos, senti seu sopro de agradecimento. — Muito obrigada, que Deus esteja sempre contigo, minha amiga. — Sua mão calejada pelo serviço duro pousou em forma de concha sobre a minha face e eu ri com orgulho para ela.

— Fiz o que qualquer outro faria, imagina! — Ela recusou com um movimento de cabeça.

— Não seja modesta, minha amiga! Você é um anjo que Deus enviou a Terra para nos salvar, nos libertar...

— Não. — Sacudi a cabeça com o rosto franzido, era um título muito acima do que eu poderia merecer. — Só fiz o que deveria ter feito.

— Não, senhora... — Nos pés da cama, Fernando pressionou o dedão do meu pé e descobriu um dos meus pontos fracos, caí na gargalhada das cócegas. Ele apertou os lábios de forma malandrona tipo: "te peguei". — Você é um bem precioso para todos nós.

Enquanto ele falava, o médico entrou no quarto com uma prancheta, havia um sorriso largo no rosto e piscou para mim.

— Acabaram de sair as conclusões dos exames — informou ele e olhou em minha direção. — A boa notícia é que foi confirmado, você quase não inalou fumaça devido à rapidez como agiu e também por causa da chuva que logo amenizou o local dos efeitos tóxicos. Então, o desmaio que sofreu provavelmente foi ocorrido devido ao

alto nível de estresse.

— Estou feliz que esteja bem, Mary. — Leonardo se aproximou da cama e novamente segurou na mão da Gisele, aumentando a minha curiosidade.

— Obrigada, Leo — falei ao subir meus olhos até os dele. Envergonhada, Gisele soltou da mão dele. Suas sobrancelhas se levantaram em protesto sem cerimônia. Em seguida, olhei para o Fernando, que deu de ombros, e rimos disfarçadamente.

— Até quando a Mary vai precisar ficar no hospital, doutor? — questionou minha tia quando o Fernando chegou bem perto, quase arrancando-a da cama, e tomou seu lugar. Inclinou-se, beijando-me a testa com afago.

— Esta é uma boa pergunta — emendou ele.

— Ficará mais um dia em observação — explicou o médico. — Amanhã, as dez da manhã, eu libero ela.

Todos aplaudiram comemorando.

— Eu vou cuidar muito bem de você, amor — ele cochichou em meus lábios enquanto todos saíam do quarto seguindo o conselho do doutor.

— Eu vou ficar aqui com ela — afirmou ele e o médico

concordou.

Ele praticamente passou o dia deitado ao meu lado, não falamos de problemas, apenas ficamos no maior chamego, momento inesquecível que aproveitei ao máximo. Me sentia angustiada, precisava dar-lhe a notícia. Só não sabia como poderia fazer isso sem ferir ninguém. Era quase impossível conseguir este objetivo.

Acordei na manhã seguinte sem o Fernando ao meu lado naquela cama, olhei ao redor e não o vi. A enfermeira entrou neste momento.

— Por favor, você viu o rapaz que dormiu aqui comigo? — Segurando em meu braço, ela retirou o soro.

— Ele saiu na madrugada... — respondeu ela, me deixando intrigada. — Está de alta — mudou o assunto. — A sua tia já está assinando a sua alta.

— Minha tia? — Fiquei estranha com aquilo, pensando no pior.

— Sim... — respondeu quando terminou de tirar a agulha do meu braço e saiu do quarto me desejando boa sorte. E eu precisava mesmo!

Já estava vestida quando minha tia entrou no quarto.

— Bom dia, meu amor. — Ela entrou toda sorridente, e logo atrás dela a Gisele e o Cristóvão. Beijou minha testa com um sorriso enorme no rosto. Eu não conseguia me sentir como ela. — Vamos para casa?

— Tia, cadê o Fernando? — perguntei baixo com medo da resposta. Ela torceu a boca, apreensiva. Me escondia algo, eu a conhecia muito bem. Cobrava com um olhar agoniado, a contragosto ela cedeu:

— Houve um imprevisto em São Paulo, mas ele fez mil recomendações para não preocupar você.

— Que imprevisto seria este?

— A Natalie — balbuciou ela com olhar receoso. Senti um baque no coração, levei a mão ao peito.

— Fala logo o que aconteceu, não vê que estou aflita?

— A pressão dela foi às alturas, pelo que entendi ela vai ter que fazer o parto prematuro para se salvar e aos bebês. — Meu coração acelerou de um jeito difícil de respirar, o ar me faltou com a tontura. Sentei a beirada da cama, ela se sentou ao meu lado segurando a minha mão fria.

— Não fique assim, minha querida, isso pode acontecer

numa gravidez e não é nenhuma novidade, ela vem apresentando estes sintomas deste o início. — Fechei meus olhos. Com o sentimento de culpa me tomando, respirei fundo para controlar a respiração, com as mãos em meu ventre. Com culpa ou não, eu deveria ser forte por ele. Fechei meus olhos, podia sentir a pulsação do seu coraçãozinho e chorei emocionada. Eu não poderia fraquejar, não agora. E decidi que o meu lugar, mesmo escondida da sua família, seria ao lado do Fernando.

— Eu vou a São Paulo — falei decidida. Ela se recusava a aceitar minha decisão.

— Não, senhora, precisa de repouso, depois de todo este estresse.

— Nós vamos esperar lá fora — avisou Cristóvão ao notar o calor da discussão em família e a Gisele o acompanhou.

— Eu só preciso do Fernando, tia... — afirmei balançando a cabeça veementemente e ela soltou o ar, cedendo, pois viu no meu olhar o caminho que tracei.

— Estou vendo que não adianta ser do contra, sua decisão já está tomada — disse ela reticente. — No

entanto, preciso deixar claro: eu não estou de acordo. — Emocionada, segurei em seu rosto com ela revirando os olhos, hesitante, e então seus braços maternos vieram ao meu redor. O calor do seu corpo aqueceu meu coração e eu senti a necessidade de partilhar com ela a minha felicidade. — Ah, Mary, você ainda me mata, menina!

— Eu preciso dele mais do que nunca, tia. — Afastando-me segurei em seu rosto novamente. Sua testa franziu desconfiada. — Estou grávida, tia.

Seus lábios se abriram no formato de um "O" e com coração disparado, eu aguardei sua reação, que foi a melhor do mundo.

— Eu não acredito, não acredito. — Ela me abraçou forte e beijou minha face repetidas vezes — É uma notícia maravilhosa, Mary.

Eu ria e chorava com a sua alegria, ela se afastou colocando a mão sobre minha barriga.

— Oi, amor, é a titia, Ana — falou ela toda eufórica e me encarou. — Já contou para o Fernando?

Eu neguei consternada, pensando na pressão que ele já vinha sofrendo.

— Ainda não.

Ela reprimiu os lábios solidária. Entendia minha preocupação.

— Por isso mesmo eu preciso ir a São Paulo, ficar ao seu lado, a senhora entende? — Ela deu de ombros.

— Na verdade, eu entendo, o amor de vocês realmente é algo extraordinário. Precisa dar-lhe rápido esta notícia.

Eu assenti, sorrindo emocionada.

— Sim, claro! Este é mais um motivo para estar ao lado dele.

Soltando o ar com força, ela concordou e saímos dali, abraçadas.

Passei em casa apenas para fazer minhas malas e foi um Deus nos acuda para convencer a minha tia a ficar na fazenda. Por fim, o Cristóvão me ajudou a convencê-la sem muita dificuldade, pois o carinho que ele se dirigia a ela me deixou desconfiada, ainda mais com o rosto dela corado com algum comentário insinuante dele.

Decidi enviar mensagem a ligar, avisando que estava a caminho de São Paulo, ele já me esperava sair do desembarque.

Apesar das olheiras nítidas, exausto, ele estava lindo de morrer, vestido casual todo de preto, o deixando muito charmoso e sexy combinando com os cabelos escuros penteados para trás. E como sempre, os primeiros botões abertos. Ainda suspensa do chão, beijei seu tórax o nutrindo totalmente, sentindo sua pele arrepiar ao meu carinho.

— Você deveria estar de repouso, amor... — repreendeu-me carinhosamente em meus lábios e abaixou até meus pés tocarem o chão, olhares curiosos e risinhos vinham de todos os lados com o nosso chamego ali, em meio ao saguão do aeroporto.

— Estamos chamando muita atenção. — Olhei ao redor. — Todo mundo está olhando para nós. — Ele deu de ombros segurando em meu rosto e beijando meus lábios repetidas vezes.

— Deixem olhar... Não me importo com isso — disse em meus lábios. Eu me sentia realizada em seus braços e, ao mesmo tempo, apreensiva. Precisava contar-lhe a novidade, mas não poderia fazer isto agora, não com tantos problemas em torno dele. Seria mais um fardo que

eu queria poupá-lo. Eu precisava dar um jeito de unir tudo. Havia muito ainda a se resolver em nossas vidas. Nem imaginava como seria o nosso futuro.

— E como está a Natalie? — indaguei com medo da resposta.

— Em observação. Os médicos estão tentando protelar um pouco mais a gestação — explicou, chateado.

— Se Deus quiser, vai dar tudo certo. — Apertei seu joelho e ele sorriu confiante.

— Vai sim...

Eu insisti para me hospedar no hotel, e quando estávamos dentro do carro, ligaram do hospital para ele levar alguns documentos da prima. Entretanto, ele não aceitou, pois ao notar que eu sentia tonturas ocasionais ficou muito preocupado.

— Agiu errado, Mary. — Fitei-o com o tom de bronca. — Não deveria ter viajado, ainda mais sozinha...

Dei-lhe um beijo bem intenso.

— Nunca mais quero ficar longe de você, principalmente num momento delicado que está vivendo — falei em seus lábios e ele me abraçou muito forte por

alguns instantes.

Ligou para uma funcionária de confiança de sua casa e mandou que ela me fizesse companhia na sua cobertura. Eu aceitei, pois o mal-estar me deixou desconfortável.

— Eu volto logo, meu amor. — Segurando meu rosto, seus lábios roçavam devagarzinho nos meus, com seu corpo colado ao meu, sentia seu pau duro como pedra me causando arrepios pelo meu corpo. — Descanse, amor, se sentir algum mal-estar me liga que corro aqui para te dar o meu chazinho. — Meus lábios se abriram num riso divertido.

— Vejo que você é muito entendedor de medicina natural.

— Sou excelente, médicos não entendem nada de medicamento — afirmou ele em meus lábios, sorrateiro.

— Acho que estou mesmo precisando deste bendito chá! — Ele trincou os dentes, rosnando antes de responder.

— Eu garanto que vai lhe fazer um bem danado! — Enfiei a língua em sua boca e ele chupou gostoso.

— Eu conheço bem os efeitos... Safadinho!

— Falando sério agora, não fuja desta vez, por favor. — Eu neguei suspirando com as pernas bambas roçando nele, louca para senti-lo.

— Se não fosse tão urgente, eu juro que seguraria você aqui... — sussurrei com os olhos fechados. Ele arqueou o suficiente e ficou ali me olhando emocionado, jorrando seu hálito delicioso sobre meu rosto, me levando às nuvens.

— Eu amo você... — Abri meus olhos me derrapando com os deles marejados e sorri fraco. — Eu preciso muito resolver a nossa vida. Não dá mais para continuar como está, não dá — concordei de cabeça. Com meu coração apertado por omitir uma alegria como a que estava sentindo, respirei fundo ajeitando sua camisa.

— Vai lá, meu amor, resolve seus problemas. Eu juro que estarei aqui quando voltar. — Sorrindo, trêmulo, ele beijou-me mais uma vez.

— Você jura?

— Juro por tudo o que é mais sagrado.

— Mesmo fazendo figa — disse com humor. Rindo, enlacei seu pescoço jogando a cabeça para trás com seus

beijos descendo pelo meu queixo, pescoço e centralizou no colo dos meus seios, arfei arrepiada. Seu pênis pulsou forte em contato comigo, uma entrega que suas mãos deliciosamente atrevidas fizeram a curva da minha cintura e deslizaram para baixo, até apalpar minhas nádegas. Ele gemeu me apertando contra ele. Nossos gemidos se misturaram a uma sintonia musical, um momento único só nosso que foi interrompido com os passos saindo pela porta da cozinha. Nos afastamos, rindo.

— Espera por mim, eu não demoro, tá? — Assenti levemente de cabeça sem soltar do seu pescoço, ganhando mais um beijo na ponta do nariz. — Linda!

E então ele saiu apressado e tinha razões óbvias para isso, eu fui para o quarto espaçoso e luxuoso e fiquei ali, observando a paisagem de São Paulo através da grande janela de vidro do chão ao teto. Refletindo sobre minha vida, exausta, me joguei de costas na cama, olhava para o teto branco, para a linda luminária, como toda decoração, rindo orgulhosa, alisando minha barriga.

— Viu só como o papai tem bom gosto? — falei com o meu bebê e sabia que ele me entendia, como eu e o pai

dele nos compreendíamos através de nossas almas.



Fernando

Estava angustiado com o estado de saúde da Natalie internada, a pressão nas alturas complicava muito a gestação, colocando em risco a sua saúde e a dos meus filhos. Apesar de como tudo aconteceu, depois da última ultrassonografia eu desenvolvi um sentimento forte de amor pelos pequenos. Mas agora com a Mary por perto, e disposta a seguir ao meu lado, tudo se tornava mais leve, eu me sentia mais seguro com ela. Como eu a amo!

Consertaria toda a bagunça depois que os bebês nascerem bem, e se Deus quiser, a Natalie também ficaria bem. Nunca lhe desejei o mal, ela sempre foi e será uma prima querida. Apesar do mal que ela me causou, eu não conseguia odiá-la e também não queria. Todos em casa já estavam cientes da minha decisão, e por incrível que pareça todos, sem exceção, ficaram ao meu lado. Até mesmo a Natalie, desde que cheguei a notei distante, pensativa. Não me pressionou em nenhum momento, o que foi um alívio. Estava farto de explicar sobre os meus sentimentos.

Assim que entrei em casa, o Leonardo estava na sala de

TV colocando um CD para rodar, na poltrona de frente ao telão enquanto a minha mãe cochilava sentada na grande poltrona, exausta. Também passou a noite no hospital fazendo companhia a Natalie!

— Entra aí, Fernando, a Suzane conseguiu recuperar o HD. Quero te mostrar um lugar que estive na Europa que lembra muito a fazenda da Mary. É demais... Se realmente investir num novo negócio para me encaixar, então que seja como este da Mary — disse ele todo eufórico. Afinal, ele ficou mesmo apaixonado pela região, os negócios, e claro, pela Gisele! Ele veio durante todo o voo falando dela, o quanto ela era maravilhosa, generosa, que cuidava de todo mundo, além de ser linda e uma excelente mãe. Ele tinha razão, a Raquelzinha, que a minha Mary amava, conquistou meu coração e o do meu irmão também. Minha mãe acordou se endireitando.

— Conseguiu, Leonardo? — perguntou bocejando. Fiquei morrendo de pena dela e me sentei ao seu lado passando a mão pelo seu ombro. Ela deitou nele e eu beijei sua testa.

— Precisa ser rápido, ligaram do hospital pedindo

umas documentações da Natalie.

— É rapidinho, vou avançar até a região, depois a gente vê o resto com calma, só quero mostrar-lhe a semelhança para ver se não tenho razão! — disse ele finalmente quando as imagens lindas iniciaram. — Eu também vou ao hospital. — comentou rapidinho.

Não há como explicar o que eu estava sentindo, nós três travamos, com o queixo caído, com a imagem que se revelou, quando a fita avançou sozinha e parou no meu quarto. Meu ritmo cardíaco foi à altura, e acredito que o da minha mãe também, e duvido se com o Leo foi diferente.

Apenas vestida num biquíni minúsculo, na cor marrom, a Natalie estava no meu quarto, sentada em frente ao laptop conversando por chamada de vídeo com um homem de pele jambo, cabelos e olhos pretos e deveria ter a minha idade. Não havia som, mas pelas gargalhadas deles, pareciam bem íntimos.

— E porque a Natalie está no seu quarto indecente deste jeito? — questionou minha mãe torcendo a boca.

Eu fiz um movimento negativo de cabeça, estava tão

surpreso quanto ela. E algo me dizia que precisava prestar atenção aos detalhes. Isto não está me cheirando bem.

Então, ela virou a cabeça em direção à porta e voltando, comentou algo com o homem antes de apertar qualquer botão ali e a tela se apagou. Em seguida, ela se levantou e saiu do quarto.

— Nada de mais, ela deveria estar apenas usando o laptop — comentou o Leo indo com o dedo para avançar a imagem.

— Espera um pouco, Leo — pedi me lembrando por cima daquela roupa escura, quando ela me recebeu à porta de casa, quando o taxista apertou a campainha. Ele rosnou qualquer coisa, porém atendeu ao meu pedido.

Alguns minutos depois, ela entrou comigo no quarto. Eu estava com minhas pernas moles, arrastando pelo chão e meus olhos fechados. Eu estava bêbado que nem um cavalo, de um jeito que nunca estive antes. Totalmente desorientado. Ela me jogou sobre a cama e subiu sobre ela. Com os joelhos ao meu redor, ela me despiu totalmente e ficou ali beijando meu corpo inerte, chupou meu pau, que sequer tomou conhecimento, ele dormia mais

do que eu. Mesmo sem o som, eu tive absoluta certeza de que roncava com a boca aberta daquela forma.

A baba escorria pelas laterais do meu rosto molhando o colchão abaixo de mim. Totalmente inocente diante das ações perversas da Natalie.

Eu corei com a presença da minha mãe.

— Que horror! — ela balbuciou com a mão na boca, seus olhos se encheram de lágrimas decepcionadas.

— Mamma miaaaa! — exclamou Leonardo, abismado com aquela atitude grotesca e nojenta.

Em choque, eu apenas fiquei ali, sem acreditar na imagem que arrebentou meu coração. De repente, todo o amor que sentia pela minha prima foi se esvaindo de mim. Era muito sórdido aquela atitude... Inacreditável!

Suas atitudes a seguir foram de alguém muito irritada sem respostas ao seu carinho, então ela saltou da cama e saiu do quarto. Retornando alguns minutos depois com uma caixa de amido de milho e um copo descartável. Na mesa, onde encontrava o laptop que filmou na íntegra, com a ajuda de uma colher, também descartável, ela colocou aquele pó dentro do copo que havia água e misturou tudo,

criando uma gosma muito semelhante ao esperma.

E veio à cama melecando todo meu pau, tirou a sua roupa e passou um pouco nela também. Vestiu o meu roupão que estava pendurado perto da porta e saiu novamente do quarto com todos aqueles objetos e retornou depois com as mãos vazias. Tomou o cuidado de recolocar o roupão marrom da forma que estava antes, e veio se deitar ao meu lado. E todas as outras partes que me lembrava foram filmadas.

Houve um tortuoso silêncio, pois estávamos pasmos... Meu coração parecia que ia explodir dentro do meu peito, eu comecei a chorar e rir ao mesmo tempo, incrédulo como meus neurônios na maior confusão. E quando dei por mim, eu mais ria do que chorava e minha mãe me olhava espantada. É claro que não transei com ela, e ela escorregou numa de nossas conversas: "A gente sequer transou". Burro, eu nem prestei atenção. CARALHO! Deveria ter desconfiado com aquela puta cara vermelha que ela ficou, como pude deixar passar um detalhe importante, deste. Gente!

— Como você pode rir de uma situação tão monstruosa,

meu filho? — indagou ela em desespero. Rindo muito dei de ombros.

— Depois de tudo o que passei, isso soa como um refresco — respondi rindo, sem comentar o meu deslize. E pensar que poderia ter descoberto isso antes! Fechei os olhos e ergui as mãos ao alto em total e absoluto alívio. Ambos me olhavam, confusos. — Eu estou livre do inferno, pensei que nem ia ter a chance do purgatório. — Soltei o ar cansado. Naquele momento todo o estoque de angústia saiu pela minha boca me libertando, nunca na minha vida me senti tão leve. Parecia que qualquer vento poderia me carregar. — Eu sabia que não era tão mau assim, imagina! Seduzir uma criança... ainda mais a minha irmãzinha.

— Ah, meu filho!!! É inacreditável que a Natalie tenha feito algo tão colossal! — exclamou ela em meio a um suspiro indignado.

Depois do alívio, minha mente se abriu para o choque. Aí sim veio outro sentimento de indignação, realmente era difícil digerir toda aquela trama, acreditar no que aquela filha da puta me privou: de ser feliz, pois me manteve

longe do amor da minha vida. Por um capricho mafioso. *Eu vou matar você, Natalie!*

— Caraca... — Leonardo quebrou o silêncio. — Que criatividade da Natalie. Céus, eu quero morrer amigo dela. Nossa! Que imaginação... A mulher é um perigo!

— É UMA ORDINÁRIA! — explodi sem conseguir me conter. — EU JURO QUE VOU MATÁ-LA! — O tom da minha voz saía muito alto e mesmo assim não sobrepôs o barulho ensurdecedor do meu coração.

— Eu não acredito — minha mãe se manifestou em prantos. — Eu não creio que havia um monstro deste aqui dentro da minha casa. — Segurando em minhas costas, repousou a cabeça sobre ela. — Eu sinto muito, meu filho, muito...

Revirei meus olhos para o teto, eu não sabia distinguir os meus sentimentos.

— Eu sabia, nunca eu colocaria as mãos nela, nem bêbado. E isso foi provado agora. Com toda esta armação, ela tirou o melhor de mim, me privando de ser completamente feliz, a Mary quase morreu... — Fechei meus punhos com força na lateral do corpo. — e mesmo

assim eu não consigo odiá-la. — era verdade. O carinho que sempre senti estava ali dentro de mim, ainda. E eu não entendia por quê.

— Será que o homem com que ela conversava é o pai destes bebês? — Leonardo levantou a questão. Dois pares de olhos pensativos recaíram sobre ele, que deu de ombros. — Pela intimidade com que eles se comunicavam é bem provável — concluiu.

Balancei a cabeça. Isso não me importava em nada porque eu só queria dar a notícia a Mary. De alguma forma, uma onda de alegria tomou o meu coração. Agora não havia mais obstáculos, estávamos livres para viver o nosso amor, sem culpa, sem remorso.

Corri para a sala social e disquei o número da minha cobertura, coloquei no viva-voz, não precisava me esconder de mais ninguém, a minha vida daqui para frente seria um livro aberto. E fiquei ali, andando de um lado ao outro, eufórico. Ela atendeu no primeiro toque.

— Amor, amor... — Eu estava afobado, não conseguia completar a frase, nem segurar o aparelho de tão trêmulas que estavam as minhas mãos.

— *Fernando... O que foi, por que está assim?*

Minha mãe e o Leonardo entraram na sala naquele instante e eu nem tomei conhecimento porque estava disposto a gritar para o mundo a minha felicidade.

— Ah, meu amor, você não vai acreditar, acabou, acabou o nosso sofrimento.

— *Como assim, Fe...*

— Estamos livres para viver nosso amor... Quero me casar com você ainda hoje. Levar você para o altar na igreja mais linda de São Paulo e dizer em voz bem alta que sim, sim, sim... — falar era pouco, eu queria gritar para o mundo ouvir. Sua felicidade era densa e todos podiam ouvir e sentir. Meu irmão abraçou minha mãe e sorriam felizes com a minha alegria plena. — Você aceita se casar comigo, ser a mãe dos meus filhos?

— *É claro que sim, meu amor, e a Natalie?*

— É mentira, eu nunca transei com ela, os filhos que ela carrega no ventre não sãos meus... Ela armou, meu amor... armou... Acabamos de descobrir, o laptop do Leonardo gravou tudo.

— *Ah, Fe...* — Ela começou a chorar de alegria. Peguei

o aparelho grudando em meus lábios, ali chorávamos. Era como sentir nossos suspiros através do aparelho. — *Isto é maravilhosoooo você não faz ideia... Tenho uma grande notícia para lhe dar, meu anjo...*

— Notícia... então me diga, meu amor, que notícia? — hesitei por um segundo. — Mas, por favor, tem que ser boa, tá? Não cabe mais coisas ruins em nossas vidas — alertei-a. Ela riu muito, fungando,

— *Você não faz ideia... Vem pra cá, estou te esperando ou você quer que vá até aí?*

— Não... me espera aí... Vou dar um pulinho no hospital, preciso tirar satisfação, aliás, a atitude infantil dela causou muitos sofrimentos, não é justo que ela fique numa boa. Estou muito irado.

— *Não, não, não, Fernando, você não pode nutrir este sentimento de ódio no coração pela sua prima, pelo amor de Deus, este sentimento faz mal para gente mesmo. Nós defendemos quando amamos. Como você e eu, ela só defendeu o amor dela.* — Quando eu achava que conhecia tudo da Mary vinha mais surpresas.

— Como você pode ter este coração tão generoso,

birrentinha? Eu não acredito que ainda encontre este amor dentro do seu coração depois de tudo o que ela te fez. — Seu jeitinho meigo e puro me emocionava.

— *Foi o jeito que ela encontrou para defender o que ela ama. As pessoas tendem a fazer certas coisas sem pensar... por amor. Erros são humanos, não podemos jogar pedras, julgar porque nós também escorregamos algumas vezes na vida.* — Ri revivendo o vídeo editado. — *Você já me perdoou, tem que encontrar um jeito de perdoá-la também.* — Como poderia ser diferente com o poder de convencimento dela. Olhei minha mãe fungando e o Leonardo comovido.

— Verdade, Mary. Você tem razão, você é linda, meu amor, LINDAAAAA.

— *Vai lá no hospital, converse direito com ela, lhe dê toda assistência possível, eu te espero aqui, preciso muito te falar uma coisa, a melhor de todas.* — Suspirei diante da emoção que ela transmitia.

— Estou curioso, me adianta alguma coisa — pedi e ela estalou a língua freneticamente.

— *Quando chegar aqui, eu conto. Vê se não demora,*

tá?

— Não vou demorar, eu prometo. Beijos, eu te amo.

— Eu também te amo, fica com Deus. — E desliguei, respirando fundo. Me sentia mais leve depois de falar com ela. Ela tinha este poder com sua energia positiva.

— Esta garota é incrível. — A voz da minha mãe atrás de mim me fez suspirar.

— Ela é muito mais do que isso — afirmei. Ela sorriu orgulhosa.

— Você ganhou a sorte grande, e você merece!

Abracei minha família em um abraço triplo, um momento de paz me tomava e acho que de certa forma a sensação era de todos. E logo peguei os documentos solicitados pelo hospital e saí rapidamente, estava com pressa para ajeitar as coisas.

A vontade de estar com a Mary, curtir este momento agora sem nenhuma barreira, sem medo de ser feliz era tamanha que meu coração se acelerou e parecia estar saindo do meu peito, aquele friozinho na barriga, além, é claro, do meu pau latejando que doía apertado dentro das calças. Eu concordei com a birrentinha que não guardaria

rancor no coração e não guardei, só que a necessidade Mary era maior do que qualquer coisa. Eu não reprimi ao chamado do meu corpo, agarrei o volante com força, e sem pensar se era ou não urgente, desisti do hospital. Entrei no primeiro retorno em direção à minha cobertura.

O pôr do sol se iniciava nesta noite quente em São Paulo, o céu ganhava uma cor avermelhada aquecendo meu coração batendo numa intensidade fora do comum. Ele vinha confirmar a minha alegria. Agora eu tinha a minha birrentinha por completo, sem barreiras, não havia mais motivos para medo, ela nunca mais fugiria de mim, nunca mais.

Entrei no estacionamento vazio, pois muitos dos moradores estavam em horário de expediente, larguei o carro de qualquer jeito e apertei o botão do elevador repetidamente, como se resolvesse sua velocidade, mas ele atendeu a minha necessidade e veio muito rápido. Com a minha chave acionei minha cobertura e respirei fundo quando as portas se abriram, a imensa sala que eu tanto amava se revelou à minha frente. Aspirei seu perfume floral que me deixou excitado, pois meu pau ganhou um

volume assustadoramente imenso pressionando o zíper da minha calça, querendo sair para guerrear.

Corria pela cobertura à sua procura, seu perfume estava em todos os lugares, em cada cômodo, mas eu não a encontrava, nem a mulher que contratei. Deduzi que ela deve ter saído para comprar algo que estava faltando. E quando entrei no meu quarto, meu coração veio à garganta, podia sentir sua pulsação ali, com o barulho do chuveiro. Ofegante, eu entrei silenciosamente pela porta.

A água do chuveiro caía impiedosa sobre seus cabelos dourados, fiquei deslumbrado com a imagem dela de costas para mim, era como se eu estivesse vendo-a pela primeira vez: corpo perfeito, seios fartos, barriguinha definida, bundinha empinadinha, durinha e minha, só minha agora... tomando banho peladinha, tão gostosa... tão minha...

Meu pau latejava dentro das calças, alucinado, enquanto ela ensaboava seu corpo devagar, tão sensual, sexy, deixando o rastro da espuma perfumada que me dava água na boca. Meu garotão duro começou a latejar dentro da calça de um jeito que começou a doer. Eu rugia cheio

de tesão, mas eu desejava apreciar mais, sofrer mais. Afinal, hoje era um dia especial, sem barreiras, ali eu tinha a certeza de que ela nunca mais fugiria de mim, não precisava nem aprisioná-la, porque eu sabia que o seu coração me pertencia assim como o meu.

De forma sensual e muito excitante, ela passou o sabonete com todo carinho em sua linda vagina raspadinha, linda! Aquilo foi desesperador.

— Não pare, não... — rosnei apertando meu pau sobre a calça. Ela se virou em minha direção arfando quando abriu o boxe. Meus olhos apaixonados vislumbravam seu corpo escultural e meu, só meu...

— Fe... — ela arfou quando eu entrei com ela debaixo do chuveiro com roupa e tudo, devorando seus lábios num beijo quase animal, selvagem, feroz, com a mão na sua bunda apertando-a contra minha ereção, deixando claro o quanto nós a desejávamos. — Ah... — ela gemeu gostoso em minha boca, eu mordi o seu lábio inferior e puxei enquanto deslizava meus dedos entre seus lábios vaginais, macios e excitantes, arrancando suspiros dela. Devorava deliciosamente e explorava sua boca. E a cada carícia ela

ficava ainda mais molhada de tesão e escorria totalmente por minha mão.

— Ah, amor... como você é gostosa — rosnei em sua boca com ela gemendo para mim, toda entregue —, deliciosa, quentinha... Estou viciado em você. — Infiltrei meu dedo até o final e parei. Ela soltou um gemido alto, arqueando a cabeça levemente para trás. Fiquei ainda mais louco de tesão.

— Nossa, isso é muito bom... Ahhh... — Alucinado, circulei a língua ao redor dos lábios entreabertos dela antes de invadi-los em total possessão, um beijo quente e devasso. Uma loucura! Nosso desejo era algo que não havia como explicar. Nossos corpos tremiam e nossos corações transbordavam de amor, uma loucura dos céus! — Eu te amo, Fernando, te amo, te amo... — ela não parava de se declarar, eu fazia o mesmo.

Gemendo assustadoramente alto em meus lábios e recebendo o carinho em sua xaninha, seus dedos delicados abriam devagar cada botão da minha camisa, beijando meu pescoço. Eu arqueei, dando espaço, ela fazia tudo muito devagar, quase me torturando com tanta expectativa.

Tocou no meu peito, bem onde estava meu coração e colocou o ouvido, fechou os olhos ouvindo-o enquanto o sentia batendo forte.

— É tão bom estar aqui com você, meu amor — murmurou ela.

Suspirei profundamente segurando em seu rosto trazendo seus lábios para os meus num beijo devorador. Com minha língua inteira em sua boca, seus lábios me sugavam de uma maneira sensual, ao mesmo tempo que gemia muito, arfando.

Então empurrou meus braços para trás e tirou a camisa por eles. Riscou meu tórax com as unhas até meu pênis, deixando um rastro de arrepios e depois foi a vez de sua boca copiando seus dedos, depositando beijinhos.

— Me deixa sentir ele — sussurrou na minha pele subindo seus lábios, enquanto abria o cós da minha calça e abaixou junto com a cueca. Estremeci na expectativa.

— Deixo tudo, minha linda! Tudo...

Nós estávamos loucos para fodê-la e meu presentão robusto e duro pulou para fora. Ela suspirou com seus olhos brilhando sobre ele e segurou, pressionando-o com

força, que até latejava pulsante em sua mão. Eu rugia com seu afago, totalmente entorpecido.

— É inacreditável que tudo isto seja meu. — Suspirou com seus olhos presos aos meus, então seus lábios foram para meu pescoço e subiu roçando até meu queixo, enquanto eu me arrepiava com tantos carinhos de uma só vez. E bem devagar ela retornou, depositando selinhos em meu abdômen, deliciosamente torturante sentir o calor de sua boca.

— É só seu, Mary... Pode tomar posse, lamber, chupar... Fazer o que você quiser, está tudo liberado. — Nem acreditava que não precisávamos mais ficar longe um do outro, isso parecia um sonho...

— Eu não suportava mais a distância, Fernando! Eu te amo — sussurrou. As palavras flutuavam sobre a cabeça do meu pau, segurando-o pela base. Arrepiei-me com seu sopro. E, em seguida, o olhou deslumbrada à sua frente. — Ele é todo meu mesmo, Fernando?

— Todinho, amor, só seu... Faz tempo que passei a ser um homem fiel e você conseguiu esta proeza, merece de longe um Troféu Imprensa. — Juntei seus cabelos num

rabo de cavalo e fui puxando sua boca em direção a ele, latejando, alucinado para sentir o interior dela. Ela arqueou fugindo, judiando. Passava a língua devagar por toda extensão da glande rosada, circulando-a totalmente de um jeito muito gostoso que só ela sabia fazer. Esta mulher era especial em tudo, como isso era possível*? É a perfeição em pessoa e minha.*

— Ah, Mary... assim você me mata, amor. — Ela respondeu abocanhando com seus lábios carnudos apenas a cabeça, aplicando uma sucção deliciosa. Rosnei jogando a cabeça para trás. — Eu nunca mais vou deixar você escapar de mim, nunca mais, Mary...

— Nem eu quero, amor — disse uma frase curta antes de enterrá-lo totalmente na boca até a garganta me fazendo gritar alto.

— QUE BOCA GOSTOSA DO CARALHO! — rosnei em transe com ela me chupando forte e rápido, gemendo nele, me fazendo arfar e gemer. — Gulosa! Chupa... isso, amor... gostoso...

— Hum... tão saboroso... tem um gosto especial, único e específico com a água do chuveiro lembrando nossa

chuva — balbuciou por um instante que o tirou de sua boca, e no outro estava com ele todinho dentro dela de novo, me levando ao êxtase.

— A chuva é mais do que especial na nossa vida, amor. Ela salvou você para mim... — Senti meus olhos marejarem e ela fungar. Chorava tão mexida como eu.

"E pensar que eu senti medo dela", questionei Deus.

Agora era um momento de dar prazer e se permitir sentir. Era o momento do amor verdadeiro, queria fazer tudo que estava com vontade com a minha amada! Fechei meus olhos com ele pulsando e crescendo ainda mais em sua boca quente, latejando dolorosamente gostoso. Sua língua fazia um trabalho de mestre... Céus, que mulher, que mulher. — gemia delirantemente.

Estava com vontade de enterrar tudo nela, ele doía de tanto que pulsava, segurando em seu ombro a trouxe até mim. Precisei me segurar, eu necessitava dar a ela o prazer que recebi. Minha mão subiu para sua nuca firmando-a contra mim e a beijei, e a outra mão massageei seu clitóris inchado, meladinho. Delícia! Soltei meus lábios dos seus, desci minha boca pela sua mandíbula e

subi deslizando até sua orelha. — Você é tão cheirosa, macia, linda. — Ela estremeceu em meus braços e continuei na tortura, adorando seu jeitinho meigo. Mordisquei lentamente, em seguida desci meus lábios até o seu pescoço de pele macia fazendo-a suspirar o tempo todo. Arrepiadinha, soltava pequenos gemidos, linda! E mordisquei por ali também, sempre levemente. E alcancei seus seios deixando-a tremendo, agarrada à minha cabeça, pressionando contra eles.

— Que boca gostosa... — rosnou ela soprando sobre meus cabelos. Os chupei firme sem machucá-la, fazendo gemer, mordisquei levemente seus mamilos e passei a ponta da minha língua na aréola de um e depois no outro e, então, trilhei o caminho por sua barriga lisinha até sua vagina tão minha, sentindo a tremer para mim.

— Amor, abre as pernas para mim, por favor — implorei com as mãos no interior de sua coxa ajudando-a afastá-la. Com as mãos levantadas acima da cabeça, ela rebolava na minha frente me deixando alucinado.

— Ah. Amor, isso... rebola para mim, rebola — rosnava entredentes pedindo, passando a mão pelo seu

corpinho. — Isso, gostoso, continua tesuda! — Ela fazia o movimento de forma muito sensual. Deliciosa... — Você é linda, amor, é formosa demais...

Fiquei ali deslumbrado diante do que me pertencia e que ninguém mais colocaria a mão, além de mim...

— Ela é só minha, não é? — Levantei meus olhos. Meiga, ela abriu um sorriso que derreteu meu coração.

— É tudo seu, meu amor... — balbuciou trêmula ansiosa.

Empurrei-a gentilmente até suas costas se chocar levemente com a parede de mármore branco. Abri seus lábios vaginais com o polegar e o indicador e rugi com um puta tesão com o contato visual do clitóris enrijecido, passei a ponta da minha língua sentindo o néctar mais doce do mundo melar minha língua, ela gritou extremamente alto. — PUTA QUE PARIU, QUE GOSTOSO... — Ela arqueou o corpo e segurou espalmado na parede. Até um palavrão vindo dela soava de forma sexy. Sua entrega me deixava ainda mais maluco. E beijei cada canto com ela segurando em minhas mãos, ofegante, eu concentrei no seu grelinho, introduzindo

minha língua gentilmente e deslizava de cima para baixo, ela endoidou gemendo cada vez mais de prazer e isso me excitava extremamente, meu pau latejava dolorosamente. Introduzi os dedos e lambi tudo ao mesmo tempo fazendo ela gritar e rugir como uma louca.

— Está curtindo, minha gostosa, está? — perguntei sobre ela, fazendo a estremecer totalmente entregue a mim. Gente, era perfeita para mim, era tudo o que precisava nesta vida.

— Sem palavras, Fe... — Arfante, seus dedos entraram por meus cabelos, me puxando. Beijei sua boca molhadinha, agarrada ao meu membro robusto, pressionando-o.

Segurando em suas nádegas ergui-a do chão, suas pernas circularam meu quadril, ela gritou e eu rosnei com a ponta do pau tocando em seu clitóris e a levei para fora do boxe, depositando-a sentada na enorme e larga bancada de mármore, podia até se deitar ali em cima.

Voltei para os beijos.

— Ah, minha linda, eu quero te foder todinha hoje, você me libera tudo — sussurrei em seus lábios segurando meu

pau passando entre seus lábios meladinhos enquanto gemia em minha boca.

— Está tudo liberado, Fe... tudo, tudo, tudo...

Enfiei minha língua dentro de sua boca, comendo, devorando enquanto ela o tomou da minha mão guiando-o até a entrada, deitou na bancada. E lentamente pressionei, ela parou de respirar por um momento e fui enterrando, aguardando o tempo para ajustar a delicadeza de seu canal me acolhendo apertado. Ele entrava arrochado.

— Ah, que delícia, que apertadinha... que saudade... Eu nunca mais quero ficar sem isso, nunca mais — rosnei em sua boca.

— Nem eu — ela balbuciou rebolando e fui deslizando preenchendo-a, sentindo aquele calor intenso e soltei um gemido, empurrando bem fundo, ouvindo-a gritar para mim, respirando ofegante. *Muito delirante a Mary, meu Deus!*

Eu a beijava com gula, enfiando minha língua profundamente na sua boca. Enquanto tirei meu pau, ela arfou e então arremeti com tudo a fazendo se contorcer, quando ela hesitou por um minuto me deixando

preocupado. E parei.

— Machuquei você, meu amor?

Ela sorriu com a mão em meu rosto suado.

— Está uma delícia, mas eu preciso que vá com um pouco mais de calma hoje...

Selei seus lábios com calma.

— Me desculpa, é que você me deixa afoito, acabei me esquecendo das suas tonturas, me perdoa — sussurrei em sua boca. Gemendo e rebolando nele ela assentiu.

Escorreguei meus lábios até os dela e segui para os seios fartos chupando, um e outro, bombeando gostoso. E voltei à sua boca, um gemendo na boca do outro. Nunca foi uma transa entre nós, nós fazíamos amor.

Meu pau parecia que ia explodir de prazer, segurei os peitões que amava, lindos e abocanhei enquanto fodia ela todinha, porém mais devagar. E mesmo assim a sensação era imensamente boa. Metia meu pau segurando sua cintura, ela ia me beijando e gemendo com sua vagina engolindo e apertando-o com suas contrações. Um preso ao olhar ardente do outro, queimando de prazer.

— Ai, Fe, eu vou gozar, amor... eu vou gozar — ela

rosnou alto, me levando à loucura.

— Goza pra mim, goza, meu anjo — Segurei em seu peito e apertei, estocando com uma força controlada para não machucá-la, e deu certo, ela não reclamou, apenas gemia me encorajando e fazia tudo muito gostoso.

No limite do prazer, os espasmos foram tomando conta dos nossos corpos e engoli seus lábios molhadinhos, movimentando rápido e rosnando, sentindo sua vagina apertar meu pênis e logo ela soltou um suspiro atrás do outro junto com os gemidos. Segurando em sua cintura, arqueei puxando contra mim, uma posição que me deu maior acesso e continuei penetrando-a profundamente com movimentos fortes e extremamente alucinantes me deixando arrepiado, como ela estava.

Nossa entrega era total, de uma maneira inexplicável.

Ela gritou quando puxei-a pela nádega de encontro a mim, tirando-a da bancada, com suas pernas ao redor de mim, com jeito estoquei fundo e um tremor vibrante tomou o corpo dela.

Sussurrava em seu ouvido palavras amorosas como ela merecia, e ela retribuía no mesmo ardor, me deixando

cada vez com mais tesão, eu estava por um fio de gozar, estocando dentro dela, passando o polegar no seu ânus desejando ele com loucura, ela gemia ofegante, cansada... e eu amava isso.

Depositei-a novamente sentada sem sair de dentro dela e ela me abraçou no pescoço, enquanto eu a estocava e ao mesmo tempo a beijava, segurando sua bunda por baixo. O ar me faltava e meu coração parecia que ia saltar do peito com o movimento de entra e sai, só conseguia continuar beijando e tateando aquele corpo que eu amava.

Estava louco, sentia algo diferente com ela hoje e queria devorá-la, mas eu sabia que precisava de controle. E aquilo me deixou ainda mais louco, eu queria tudo dela e com ganância. Em êxtase total consegui o equilíbrio e nem sei como! Arremetia com mais calma e, então, a puxei para cima de mim, tirando-a da bancada, ela estava na mesma sintonia que a minha e rebolou gostoso no meu pau, subindo e descendo.

Senti meu saco todo melado com sua excitação enquanto devorava seus peitões tão meus. Mais saborosos hoje, muito mais...

— Você está cada dia melhor, Fernando... Mete mais forte, vai, eu vou gozar, eu vou gozar — rosnava ela em transe absoluto.

E eu aumentei o ritmo de vai e vem incansavelmente com seus lamentos constantes com lágrimas nos olhos, ela já estava fraca e quase não gemia de tanto prazer e logo senti seu orgasmo quente banhar meu pênis, que entrou em combustão. Mas eu me segurei porque precisava de mais um pouco dela. Eu queria tudo... sem reserva e ela autorizou.

Suspirei, passando a mão pela sua testa, jogando seus cabelos grudados no suor de seu rosto para trás. Amava olhar em seu rosto, exausta, pós-foda, suas lágrimas de prazer brilhavam em seus olhos magníficos... linda...

— Amor... — murmurei.

— Hum... — ela balbuciou. — Eu quero um pouco mais. — Ela capturou minha boca em um beijo, acabando com qualquer distância entre nossos corpos.

— É claro, meu amor.

Com as mãos em sua bunda, arrastei-a para fora da bancada. Em pé, a virei de costas e ela se debruçou sobre

a bancada empinando bem sua bundona para mim. Me curvei sobre ela. — Relaxa, amor... — ofegante na expectativa, ela assentiu.

Peguei meu pau meladinho e pressionei em seu canal com ela prendendo a respiração. Eu fechei meus olhos com ele latejando e meu corpo todo arrepiado. Com todo o cuidado, empurrava-o e naturalmente ele ganhava espaço. Ela rosnou longamente, como se estivesse num choro profundo. — Se estiver doendo, eu paro, minha linda.

— Está maravilhoso, continua, por favor — Ela me deixou louco entorpecido, implorando com aquela vozinha chorosa que só ela tinha,

— Eu te amo, meu amor. — Com a mão livre acariciei seu clitóris inchado com delicadeza como ela merecia, ela merecia tudo de melhor neste mundo. Por tudo o que ela significava para mim, por tudo o que ela fez a este mundo... Por sua doação completa e incondicional sem esperar nada em troca. Um coração capaz de perdoar as pessoas que mais lhe fizeram mal.

Apertando-a contra mim, beijando suas costas macias e

acariciando seu clitóris, eu a ouvi gemer como eu. Arrepiados e trêmulos, eu bombeava. Eu só queria dar-lhe prazer, um prazer intenso como ela me proporcionava. Eu estocava fundo e bem devagar, tudo foi mais devagar hoje e muito bom... E neste vai e vem delicioso meu corpo enrijeceu. Senti uma sensação maravilhosa com ele latejando e crescendo dentro dela.

— Amor, amor... eu vou gozar. — Fiquei sem ar quando explodi dentro dela. Todo meu sêmen foi depositado em seu interior nos unindo de corpo e alma. — Eu te amo, Mary. Te amo, meu amor... — sussurrei em suas costas com ela mole ali embaixo de mim. — Mary Lemos, casa comigo... Seja a mãe dos meus filhos... — ela começou a chorar alto, soluçando, me deixando preocupado.

Saí de dentro dela, a tomando em meus braços.

— O que foi, amor, eu machuquei você? — Meu corpo tremia de pavor por ter dito algo que a deixasse tão sensível. Alisando seus cabelos molhados na lateral de sua cabeça, eu selei seus lábios. — Mary, está me assustando. O que foi? — Ela tremia enquanto soluçava. Eu optei pelo silêncio, sentia um tremendo receio do que

poderia estar vindo por aí.

Eu a peguei em meu colo e a levei para baixo do chuveiro dando-lhe um banho rápido e nos secando. Depois a levei para o quarto em meu colo, deitando-a sobre os lençóis macios de algodão. Ela sorria e chorava ao mesmo tempo.

— Por favor, não me diga que vai me abandonar de novo? Que não podemos ficar juntos. — Ela se sentou, cruzando as pernas sobre a cama, e estendeu as mãos me chamando.

Fui até ela de joelhos com minha respiração acelerada, fixei meus olhos aos dela, nervoso. Um sorriso lindo se abriu em seu rosto, eu não conseguia identificar nada negativo instalado ali. Sua mão direita voou até a minha face quente pelo calor subindo. Fechei meus olhos segurando em sua mão e trouxe até meus lábios e beijei.

— Eu nunca mais vou deixar você, Fernando — Abri os olhos com meu coração subindo pela minha garganta e a tomei em meus braços sentindo-a tremer em contato com meu corpo.

— Graças a Deus, eu não suportaria viver nenhum dia

mais sem a minha birrentinha. A gente já passou tempo demais afastado um do outro, Mary. — Eu arqueei fiando-a. As lágrimas desciam em abundância de seus olhos, eu as sequei com os polegares. — Por que você está chorando, então? Eu não entendi tanta comoção.

— Emoção — Sorri diante do seu jeito meigo. Minhas sobrancelhas se ergueram em curiosidade.

Ela se ajoelhou à minha frente segurando em meu rosto, com os olhos fechados, roçava a ponta do seu nariz nos meus como num beijinho de esquimó, arfando, um respirando o ar do outro. Linda!

— Fala logo, amor, por que está estranha assim?

Ofegante e sem se desgrudar de mim, ela pegou a minha mão levando sobre seu ventre. Olhei em seus olhos, incrédulo, eu sabia exatamente o significado daquele gesto. E entendi o porquê de ela pedir cautela.

— É... — perdi o fôlego.

— É... Você já é pai do meu filho, ou filha, ainda não dá para saber. — sussurrou ela em meio às lágrimas de felicidade me fazendo explodir da mesma.

— Mary! — Eu parecia um garotinho que acabava de

ganhar um brinquedo muito esperado. Sem nenhum juízo, eu me atirei sobre ela jogando-a de costas na cama, caindo sobre ela, enchendo-a de beijos. — Ah, meu amor, que notícia maravilhosa... Bem que notei você diferente, uma energia diferenciada. — Beijei-a com todo amor que existia neste mundo. — Você está grávida? Eu não acredito. — Beijava-a sem parar Enquanto chorávamos.

— Sim, meu amor, fiquei sabendo ontem quando acordei no hospital.

— Por que você não contou, meu anjo? — Com as mãos na cama ao seu redor, arqueado, eu sondava seu rosto, absorvendo cada traço dela. Ela deu de ombros. — Ah, deixa pra lá, isso não importa.

— Importa sim... — ela falou alisando meu rosto com as costas dos dedos. — Não falei porque ontem você ainda era o pai dos filhos da Natalie... — Sorri aliviado por não ser nada disto. — Não queria dar mais peso para você, amor. — Minhas lágrimas caíam sobre seu rosto e ela fechou os olhos para recebê-las, linda!

— Sempre ficando em segundo plano para pensar no próximo... — Selei seus lábios suspirando e, ao mesmo

tempo, emocionado por ter sido eu o escolhido para cuidar dela. — Você é o meu bem mais precioso.

— Eu te amo, Fernando, muito, muito...

— Eu também, meu amor... Agora sim, está claro para mim. Deus escreve certo por linhas tortas, nosso caso é a prova disto. A nossa curva foi tão acentuada, né? — Ela concordou.

— Sim... Foi preciso todos estes desencontros para chegarmos até aqui... — Segurando em meu rosto, ela me puxou para um beijo. — Mas agora tudo se resolveu.

— Preciso dar a notícia para a minha mãe, o Leonardo... — Pulei da cama e peguei meu celular na bancada do banheiro. Em seguida, voltei para a cama e disquei no número da minha mãe. Precisava partilhar da minha felicidade.

— *Fernando...* — ela pausou chorando muito quando o Leonardo pegou no telefone. — *Fernando, achei que estava aqui no hospital, onde você está meu irmão? A notícia que tenho para lhe dar não é legal, cara!* — Fechei meus olhos já imaginando qual seria tal notícia. E me levantei dando as costas para não preocupar a Mary,

mas muito espertinha ela notou e se levantou segurando em meu ombro e ficou escutando a conversa.

— Acabei vindo para a cobertura primeiro. O que aconteceu? — perguntei baixo quando ele falou diretamente.

— A Natalie... ela não está bem, vem para cá urgente, Fernando. — Gelei com sua urgência.

— Estou indo, estou indo. — Desliguei o celular com as mãos trêmulas de nervoso. Aflita, a Mary se posicionou em minha frente segurando-as forte. Sentir seu calor sempre me deixava mais seguro. — Preciso ir ao hospital. — Ela assentiu lindamente e nas pontas dos pés beijou embaixo do meu queixo com carinho, me transmitindo força.

— Eu vou com você. — Linda! Eu a beijei.

— Estou com medo, Fernando — Tudo ao redor dos olhos azuis da Natalie tomou um contorno vermelho. Os médicos não conseguiam controlar a eclampsia, a necessidade do parto prematuro de seis meses se tornava uma realidade causando pânico em toda a família, ali

reunida no hospital. Suas mãos frias apertavam as minhas. Ali, em pé ao lado da sua cama, comovido com o seu estado, todo aquele rancor dissipou e eu só conseguia sentir carinho pela minha prima.

— Vai dar tudo certo, não se preocupe. Estamos todos juntos aqui com você — garanti. Ela olhou pelos meus ombros para minha mãe, Leonardo e o tio Gustavo. A Mary aguardava na sala de espera.

— Tenha fé, minha filha. — A voz da minha mãe soou fria. Ela era a única que não conseguiu digerir seu deslize. Porém, não esboçou nenhum comentário. Apenas pediu licença depois da palavra de força e se retirou do quarto. Meu tio se aproximou da cama e segurou em sua mão.

— Força, garota. Caso precise tirar os bebês antes da hora, mantenha sua fé que tudo vai dar certo. — Ela sacudiu a cabeça incerta e o próximo foi o Leonardo, que passou a mão pelo seu cabelo e fixou seus olhos nos meus.

— Ah, minha priminha tão desmioladinha... — comentou ele, fazendo-a rir com expressão de dor. A leitura de sua pressão apareceu no monitor e aquilo nos deixou em alerta.

— Para com isso, Leo, eu não posso rir, dói tudo! — reclamou com voz chorosa.

— Desculpa. — Ele ergueu as mãos ao alto.

— Leo, será que você poderia me deixar sozinha com o Fernando — pediu ela me deixando intrigado. Ele jogou seu olhar castanho significativamente sobre mim tipo perguntando se estava tudo bem. No fundo, temia pela minha reação, conhecendo meu temperamento explosivo quando ficava nervoso. Eu assenti.

— Tudo bem. — Beijou-lhe a testa.

— Eu nem sei como vou te dizer isto, Fernando — começou ela e eu fixei nos olhos que já foram azuis, mas que agora ganhou uma tonalidade cinza, estranha.

— Feche os olhos e diga — sugeri e ela riu animadinha.

— Desde aquele dia que liguei para você em Uberlândia que venho remoendo um remorso enorme dentro de mim. Agora eu entendo o mal que lhe fiz, a dor que você sentia pela Mary me abalou profundamente... — Pausou para respirar. Eu franzi a testa aguardando até onde aquela conversa daria.

— Acho melhor esquecer este assunto, Natalie.

Concentre-se nos nossos filhos. — Uma lágrima fugiu dos seus olhos quando balançou a cabeça negativamente.

— Apenas meus filhos — disse ela seriamente e franziu a testa incrédula com minha reação imparcial. — Você entendeu o que eu falei, Fernando? — Eu fiquei imóvel apenas focando em seus olhos. Fiquei até com medo de falar e sem querer deixar sair alguma palavra ofensiva. No estado em que ela estava poderia ser perigoso. — Eu menti... e estou arrependida.

— Descobri sua armação agora há pouco — falei com meus olhos baixos, os sons dos equipamentos indicando a aceleração do seu batimento cardíaco me fez levantar os olhos, ela estava ofegante e aquilo me preocupou. — O que foi, quer que chame o médico? — Ela negou.

— Como descobriu?

— O laptop do Leonardo sobre a mesa do meu quarto filmou tudo. Assistimos à recuperação das imagens do HD que a Suzane conseguiu... — Um vermelho intenso ganhou seu rosto.

— Sua mãe, o Leo... todo mundo viu? — Eu assenti com as sobrancelhas erguidas.

— Céus, que vergonha! — Ela cobriu o rosto com as mãos, mas eu as tirei. — Que vacilo o meu... — fechou os olhos com força contraindo o rosto. — Aquele dia eu estava usando o computador do seu quarto porque o meu não queria abrir, deu pau.

Ergui a sobrancelha enquanto ela falava, incrédulo com a sua atitude. É como o meu irmão falou: A mulher é um perigo!

— E foi quando a campainha tocou e eu acabei descendo para ver quem era. E quando vi você naquele estado, me aproveitei da situação. — Grunhiu, rindo da sua própria armação.

Eu franzi a testa sem achar a menor graça, ela fodeu minha vida literalmente. Ordinária! Balancei a cabeça na tentativa de afastar o ódio que começou a se avolumar em meu coração. Sem rancor, Fernando, sem rancor! Seguir os conselhos da Mary me pareceu mais prudente, e apesar de tudo o carinho que sempre senti por ela ainda estava ali, num cantinho do meu coração.

— E o cara com que você estava conversando é o pai destas crianças, Natalie? — Ela começou a chorar,

soluçando.

— Não, não. É um cliente que queria marcar um encontro comigo. — Deu de ombros.

Cliente? Notei seu rosto mais corado do que o normal. Agora, é tarde para se envergonhar, priminha! Estava um pouco engasgado, queria dizer algumas verdades, porém não fiz. Relevei pensando no estado de sua saúde e de seus filhos. Filhos que depois destes meses os considero também.

— Na verdade, Fernando, eu não tenho a menor ideia de quem seja o pai.

— Como assim, cliente? — questionei com os braços abertos, ela deu de ombros como se aquilo não tivesse importância alguma. Desajuizada total.

— Desde que completei 17 anos, eu faço programas... — confessou me deixando pasmo. — Sou uma garota de programa, mas de luxo. — Como se aquilo mudasse alguma coisa.

— Acompanhante de luxo, Natalie? — Ela assentiu. O vermelho em seu rosto tomou a proporção de um tomate bem maduro de tão vermelho que ficou. — Se precisava

de dinheiro era só pedir e...

— Não se tratava só de dinheiro — interrompeu-me ela —, eu sempre fui revoltada mesmo e agindo assim era uma forma de me vingar... Poxa, como eu me arrependo de tudo o que fiz. — Seu olhar parecia sincero e partiu meu coração. — Você sempre foi tão bom para mim, toda a sua família acolheram a prima bastarda! Perdão, Fernando.

— E por que fez isso comigo, Natalie? — Meu coração doía, eu me segurava para não explodir.

— Eu sempre te amei, Fernando, sempre! Quando descobri que estava grávida, achei que seria uma oportunidade de ter você... — Fixou seus olhos, agora quase cinza nos meus apertados, indignado. — Sabia que daria certo, que a minha gravidez o seguraria ao meu lado com este seu instinto de proteção. — Irritantemente deu de ombros novamente. — E agi rápido vendo o que acontecia em seu coração. Foi isso — disse friamente e aquilo me deixou possesso.

— Mas, Natalie... — Ela estendeu a mão engolindo o choro.

— Eu sei que não há como consertar o passado, mas eu

não quero mais fazer você sofrer. Quando as crianças nascerem, eu vou embora com elas. Você pode seguir sua vida com a Mary, peça desculpas para ela por mim. Eu só queria te pedir duas coisas... — Eu assenti.

— Pode falar.

— Que você me perdoe, estou muito arrependida mesmo. E que se caso eu morrer no parto, cuida dos meus meninos, por favor. Não os desampare nunca! Me promete isso, Fernando?

— Você não vai morrer, Natalie! Pare de falar besteiras. — Ela me empurrou para longe da cama.

— Agora saia do quarto — disse séria limpando as lágrimas. — Me faz mal ficar olhando para você com o tamanho do sofrimento que eu lhe causei. Como eu disse, eu não sou merecedora de carinho, eu só atrasei a sua vida. Eu não mereço sua presença. Só quero o seu perdão e que cuide deles para mim, caso eu lhes falte — pediu com as mãos abaixo do ventre.

— Eu vou ficar...

— Vai embora agora, Fernando. — Sua voz exasperou e eu concordei, saindo do quarto.

Parei ali no corredor, ainda pasmo, e minha mãe segurou em minha mão e apertou.

— Se acalma, filho! Tudo vai correr bem... — disse ela. Eu respirei fundo e a encarei.

— Tomara... — Desejei do fundo do meu coração — Se a senhora soubesse o que a Natalie me confidenciou agora, não vai acreditar! — A minha voz de suspense fez com que o Leo e meu tio se aproximassem e a Mary segurou na minha outra mão, deitando a cabeça em meu ombro.

Contei em detalhes toda a conversa que tivemos lá dentro.

— Olha — falou minha mãe —, sempre me incomodou muito a maneira ousada que ela dava em cima de você, aquela forma indecente de andar pela casa... — Balançou a cabeça horrorizada e suspirou profundamente. — Só que devemos olhar para o lado bom. Pelo menos, ela se arrependeu. — Sorriu mais aliviada, agora.

Todos ali concordamos com ela.

— Vou até o quarto, preciso lhe dar um abraço — disse se afastando.

A Mary se colocou à minha frente e, nas pontas dos pés, me deu um beijo rápido e me fitou, preocupada.

— Você está bem, Fe?

Sorrindo com os lábios reprimidos, assenti e a beijei novamente.

— Que desordem a priminha causou, né? — comentou o Leonardo.

— Nem me fale!

Neste instante, minha mãe saiu do quarto, e pelo corredor começou um movimento de enfermeiras vindo em direção a ela ali parada à porta.

— Por favor, rápido — implorou desesperada e nos aproximamos correndo quando a enfermeira bloqueou a nossa entrada.

— Não podem entrar agora — a enfermeira falou e entrou. Logo veio o obstetra que cuidava da Natalie e em questão de minutos saíram com ela na maca. Sua respiração acelerada causou agonia em todos nós e seguimos até a porta que dava para o centro cirúrgico.

Estávamos todos aflitos na sala de espera, e uma hora ou um pouco mais, o médico entrou informando sobre o

nascimento dos meninos que, apesar de prematuros, estavam bem e já na incubadora. E o mais triste, foi o anúncio do óbito da Natalie.

Entrei em choque sem conseguir reter as lágrimas, todos ficamos tristes com a perda e conscientes de que o perdão necessário foi na hora certa.

O médico nos explicou que não conseguiram evitar sua morte. Ela chegou a tomar várias bolsas de sangue, mas nada continha a hemorragia e veio a falecer vítima da eclampsia.

— Eu não queria um fim deste para a Natalie, eu juro que não. — eu me sentia angustiado. A minha birrentinha segurou firme em meu rosto e beijou minha face inundada de lágrimas — E as crianças sem a mãe...

— Nós vamos cuidar deles, dos três — cochichou. Eu a abracei forte. Ela era sem dúvida o melhor de todos os apoios. — Já iniciaremos nossa vida formando uma família, enorme. Tá bom? — sussurrou em meu ouvido.

— Minha linda. — Ficamos um bom tempo ali abraçados. Com a sua presença os problemas se tornavam mais fáceis.

— Que Deus a tenha... — orou minha mãe. — Quando vamos poder ver as crianças? — Sua voz saiu abafada com a pergunta.

— Hoje não será possível, eu sinto muito — respondeu ele ainda abalado. — Os pediatras estão fazendo os procedimentos necessários para o bom desenvolvimento deles, na incubadora — explicou.

— Que bom... Estas crianças são muito bem-vindas — falou o Leonardo na maior certeza do mundo e todos concordamos com ele.

— Vamos cuidar delas muito bem — afirmei e a Mary sorriu, me abraçando pela cintura.

— Claro que vamos, mano... — respondeu Leo com os olhos fixos nela. — Estou muito feliz por vocês, viu?

Ela suspirou de alegria e eu a apertei ainda mais em meus braços.

— Obrigada, Leonardo — respondeu suspirando, muito fofa.

— Agora ela está presa, vai ficar juntinho de mim — falei num misto de tristeza e alegria. Beijei sua testa.

Ele riu fraco. Eu tinha que trazer alguma alegria para a

nossa família, apertei-a fitando-a. Entendendo a minha intenção, ela permitiu com a cabeça.

— Bem... não sei ao certo se o momento é oportuno, embora para mim qualquer momento a partir de hoje seja. — Todos nos olharam. — Vidas se perdem, mas também se ganham. Se preparem porque a nossa casa vai ficar cheia de crianças gritando e correndo pelo nosso lar.

— O quê? — questionou um incrédulo Leonardo. — Ah, vai me dizer que...

— Exatamente, a Mary está gravidíssima...

— Mentira! — ele exclamou com um sorriso largo de orelha a orelha. — O meu irmão vai ser papai de verdade... Gente!

— Esta informação procede, filho ? — Minha mãe colocou a mão no meu rosto e oscilou o olhar entre mim e a Mary coradinha. Eu beijei sua testa para deixá-la mais relaxada, ela estava tensa.

— Sim, mamãe, agora é real e oficial. Você será vovó...

— Meus parabéns, meu amor... — A Mary se afastou. Segurando meu rosto, ela me beijou umas três vezes, rindo com seus olhos umedecidos. E segurou nos ombros da

Mary, ficando olho a olho.

— Estou sem palavras... — Seus olhos percorriam o rosto do meu amor de forma maternal, aquilo aqueceu meu coração. Era um acolhimento de afeto, eu sabia que sim.

— Deus sabe das coisas — começou a Mary. Minha mãe concordou.

— Apesar de ser um momento triste, bem... a Natalie nunca será esquecida, estará sempre em nossos corações. Mas estou alegre com esta notícia maravilhosa. Parabéns...

— Obrigada. E meus sentimentos.

— Obrigada, minha linda. Olha, eu quero que saiba que faço muito gosto neste relacionamento com o Fernando. Vocês merecem tudo de bom, sofreram tanto...

Mary me olhou tão fofa sorrindo, com um sorriso de um lado ao outro no rosto.

— Eu creio que Deus nunca nos dá um fardo maior do que podemos carregar, e também que não podemos fugir do nosso destino, passamos o que temos que passar nesta vida. Eu creio que estava no nosso caminho.

Elas conversaram mais um pouco, eu fui me juntar com

meu tio e o Leo, sempre de olho nela, orgulhoso por ela ser minha, só minha...

E quando voltou até mim ela me abraçou forte.

— Meu sentimento, meu amor... — sussurrou no meu ouvido e afastou apenas um pouco para fitar-me. Eu analisava seu rosto meigo de feições benevolentes.

— Com suas palavras generosas, evitou que eu guardasse rancores da Natalie no meu coração. Eu poderia estar sentindo muito remorso agora. Obrigado... — Abracei-a forte deitando a cabeça em seu ombro.

— Desta vida a gente não leva nada... É um momento da família se reunir numa ocasião triste desta. — Concordei, suas palavras eram sempre sábias até demais para alguém tão jovem.

Capítulo 18

Mary

Duas semanas depois...

Houve muita comoção no velório da Natalie. Eu permaneci ao lado do meu amor lhe dando todo amparo que ele necessitava e consegui fazer isto muito bem. Até os enjoos que me atacavam antes cooperaram dando uma trégua.

Com os gêmeos passando uma temporada no hospital, batíamos cartão, preocupados com os garotos. As 72 horas após o nascimento foram cruciais e eles finalmente tinham tirado o CPAP, o aparelho que ajuda a respirar. Era incrível o sentimento de amor que me tomou, eu ansiava para poder pegá-los no colo, meu coração já os havia adotados como meus filhos.

E nesta comoção, eu e o Fernando chegamos a casa de sua mãe. Encontramos na cozinha minha tia, que chegou pela manhã para nos visitar. Ela preparava o feijão tropeiro que ele tanto amava.

— Que cheiro bom! — exclamou ele me soltando assim

que cruzamos a porta da cozinha e se aproximou por trás da minha tia. Abraçou-a pela cintura e com a cabeça inclinada sobre o fogão, aspirou com prazer. — Estava sentindo falta deste aroma, é de aguçar a fome da gente — brincou.

Minha tia ria toda animada e eu também, orgulhosa da minha nova e grande família.

— Pensei em você quando decidi preparar este prato — disse ela ao se virar.

— E acertou, estou faminto. — Segurando no ombro dela, ele beijou sua testa. Beijo que foi recebido com olhos fechados. Ela o puxou para um abraço lindo.

— Eu estava precisando te dar este abraço, meu filho — disse ela ao seu ouvido. — Me desculpa, eu acho que falhei com você... — fungou e se afastou. Me olhando, ela estendeu sua mão me chamando. — com vocês... — completou segurando forte minha mão e a do Fernando. — Eu deveria ter feito mais para ficarem, juntos.

O Fernando negou.

— Não há o que se desculpar, Ana. Você fez algo extraordinário quando se arriscou por mim naquela

floresta, poderia ter morrido. Muito obrigado. — Ela riu orgulhosa.

— Não poderia permitir que a minha sobrinha ficasse viúva antes mesmo de se casar.

Nós rimos com seu comentário humorado.

— Você é uma segunda mãe para nós dois — disse ele. — E não precisa se desculpar por nada, agiu conforme o seu coração. — Beijou sua testa, mais uma vez. — E agora basta deste assunto, temos coisas mais importantes para nos preocupar — disse com a mão em minha barriga.

Concordei em meio a um sorriso de consternação e minha tia notou.

— O que há, meu amor? — Sua mão cheirando a alho, veio a minha face.

— Estava aqui pensando nos gêmeos.

— Logo você poderá segurá-los em seus braços, minha querida — consolou-me ela me abraçando e o Fernando se juntou a nós. — Eu abençoo a união de vocês. Vocês serão muito felizes — proferiu com a voz embargada.

Foi um jantar maravilhoso com nossas famílias unidas. A minha tia voltou para a fazenda no dia seguinte, havia

muito o que se fazer por lá. Mas não deixou de comparecer em São Paulo mais duas vezes para visitar seus novos sobrinhos.

A doação finalmente foi efetivada, e muitos dos funcionários haviam abandonado a fazenda para trabalharem em suas próprias terras. Eu apoiei cada um deles, pois tudo o que desejava era a felicidade daquele povo que sofreu tanto nos últimos oito anos.

E não afetou em nada a fazenda, que se tornou ainda mais próspera com os novos funcionários que vieram. Além de serem bem instalados com as casas todas reformadas, agora todos eram remunerados dignamente.

Apaixonado pela Gisele, o Leonardo partiu para Uberlândia, o que eu achei uma excelente ideia, pois ele agora se tornou o administrador e com a ajuda do Cristóvão e da sua nova namorada as coisas andavam de vento em popa. Além, é claro, de garantir que daria conta da fazenda da Flórida também. A sua ajuda contribuiu para me sentir mais tranquila, até porque o Fernando queria me poupar de preocupações, mas como eu poderia me preocupar com ele ao meu lado? Não havia a menor

possibilidade.

Eu me arrastava com ele para qualquer canto, uma forma de compensar o tempo que passamos separados.

Era uma manhã fria e de ventania e mesmo o sol fazendo as honrarias, eu admirava a paisagem que me era apresentada. Em pé na grande janela do chão ao teto, às costas do Fernando, ali sentado em sua mesa despachando as montanhas de contratos, distraído, meus olhos percorriam a beleza de São Paulo.

— É admirável a cidade de São Paulo, você não acha, amor? — Ele girou em sua cadeira e cruzou os braços me encarando, sem prestar atenção no horizonte. Seu olhar verde acinzentado enigmático com um sorriso malicioso se levantou no canto da boca. Ele sorriu e eu me derreti por aquele homem, ele estava simplesmente lindo, charmoso no terno azul-marinho com a camisa branca sem gravata e aqueles botões abertos revelando seu tórax definido para mim, que fiquei com vontade de sentir. Sem reprimir, me aproximei dele com um olhar de safada. Ele mordeu o lábio inferior, segurou em meu quadril deslizando a mão para cima, levantando meu vestido

junto. E me colocou sentada em seu colo com uma perna de cada lado e me beijou intensamente.

— Eu não consigo enxergar nada além de você, minha birrentinha — sussurrou em meus lábios e mordeu o lábio inferior levemente antes de escorregar para meu pescoço, e aspirou sobre minha pele. Em êxtase e de olhos fechados eu me arrepiava com seu carinho delicioso. Logo em seguida seus lábios macios beijaram meu ombro afastando a roupa, indo para meu ouvido, e mordeu levemente minha orelha. — Só você me importa — sussurrou novamente soprando em meu ouvido e estremeci em seus braços, sentindo seu pau cutucar minha vagina já excitado. Enfiou a mão por baixo do vestido alcançando minha barriga, passando a mão totalmente por ela com delicadeza. — e o nosso filho...

— Ah, amor. — Apaixonada agarrei sua cabeça contra meu seio. Ele gemeu alto, senti seu pau pulsando contra mim e me desesperei de prazer com ele me pressionando para baixo. — Tem como fazer amor aqui? — Rindo, ele levantou meu vestido até o pescoço abocanhando meu seio sobre o sutiã.

— Eu estava justamente pensando nisto — rosnou nele quando rapidamente abaixou minha roupa com uma batida leve na porta. Rindo, eu saí do seu colo e ele me ajudou a recompor-me, mas o vestido enroscou e corri para o corredor do banheiro. — Pode entrar — autorizou ele com humor, me olhando ali no corredor e piscou.

— Ah, Fernando, você não vai acreditar, encontramos o lugar ideal para... — Seu tio entrou falando todo entusiasmado e o Fernando estendeu a mão, o interrompendo.

— NÃO, TIO... — O Fernando quase gritou quando saí do corredor e entrei na sala. Seu rosto ganhou um vermelho intenso.

— Me des-desculpa, eu não sa-sabia que tinha vi-visita — ele gaguejou. — Como vai, Mary? — Ele veio até mim segurando em meus ombros e beijou minha face. Já me considerava como uma sobrinha. Todos na família do Fernando me acolheram muito bem.

— Muito bem, obrigada. — Olhei para o Fernando. — Se quiser, posso sair e esperar você lá fora, e... — Havíamos combinado que depois dele despachar irmos ao

hospital para ver nossos garotos: o Felipe e o Thiago Lemos Albuquerque. Que graças a Deus se desenvolviam muito bem. Até o Felipe se recuperava bem, apesar do sopro no coraçãozinho, que não demonstrava a necessidade de nenhuma intervenção cirúrgica. Fernando negou e veio até mim, enlaçou minha cintura me puxando, colando nossos corpos, e beijou minha boca. Seu tio sorriu com carinho.

— Não há necessidade, meu amor. Conversamos sobre os negócios depois, né, tio?

Eu notei que o senhor Gustavo, no seu terno bege muito elegante, passou as mãos agitadas pelos cabelos, concordando.

— É claro que sim — respondeu ele enquanto o Juliano entrou em seguida na mesmo euforia e travou quando o tio Gustavo acenou com a cabeça, o repreendendo. Ele sorriu, entendendo. Eles falavam em código e, rindo, eu não questionei, afinal era sua empresa e devia mesmo ter muita coisa que deveria ser sigilosa.

— Tudo bem, Mary? — cumprimentou-me depois da resolução de olhares entre eles.

— Bem sim, obrigada, e você?

— Tudo bem também... Fernando, eu só queria avisar que deixei toda a documentação em ordem, só precisa agora da sua assinatura — disse ele calmamente sorrindo orgulhoso. O Fernando assentiu.

— Depois resolvemos isto. Muito obrigado pela sua dedicação, Juliano. — Ele deu de ombros.

— É meu trabalho — respondeu ele quando o Fernando se aproximou repousando a mão em seu ombro em sinal de desculpas, eu acho! Fiquei confusa.

— Apesar do que eu te fiz, você se relevou competente, continuou desempenhando sua função extraordinariamente bem, eu só tenho a agradecer. — Deu de ombros novamente com indiferença.

— A culpa não foi sua. Quando um não quer dois não fazem — explicou ele jogando seu olhar vacilante sobre mim e o Fernando também.

— Pode continuar, não tenho segredos com a Mary — afirmou ele. Surpresa com o que vinha, minhas sobrancelhas se ergueram na expectativa. Eu acho que estava receosa.

— Se existe um culpado, este é a Késsia... ela não se deu o respeito, afinal não posso crucificá-lo porque um dia eu fiz isto também quando me deram mole — confessou ganhando o sorriso satisfeito do Fernando e o descrente meu. Seu Gustavo ficou com os olhos arregalados como se não acreditasse no rumo da conversa. — Não foi legal de sua parte, afinal me senti traído pelas costas. — Fernando abriu a boca para falar, mas ele falou que não com a mão à sua frente. — Mas compreendo... me livrou de me casar com aquela vagaba, mentirosa... ela sujaria meu nome. Como deu mole para você, com certeza daria para qualquer um. Apesar de tudo, eu não guardo rancor dela. Inclusive, ela foi a minha casa, ontem. — O Fernando torceu a boca, curioso. — Ela apareceu com um garoto de seis anos, disse que era seu filho — comentou Juliano sem nenhuma emoção no rosto. — Mas enfim... passou. Ela pediu uma carta de recomendação para um emprego que conseguiu no Nordeste. Eu autorizei o departamento pessoal fazer. Fernando grunhiu antes de comentar:

— Fez muito bem, meu amigo. — Fernando bateu em

seu ombro, em aprovação.

Meu coração disparou no peito e fechei os olhos tentando controlar minha respiração, eu não queria participar daquele assunto sórdido e ameacei sair pela porta, o Fernando me impediu segurando em minha mão.

— Por favor, querida, fique. Eu só preciso consertar algumas coisas do meu passado. — E olhou para o Juliano. — Estamos bem, então? — Ele assentiu, sorrindo confiante.

— Estou namorando uma garota decente agora. Estou bem.

— Fico muito feliz por você. E gostaria de deixar registrado que estou estudando em colocá-lo como sócio em uma de nossas empresas. Você merece, ajudou muito as coisas a prosperarem. Faz parte de tudo isso aqui. — Abriu os braços no sentido amplo deixando o funcionário abobado, ele ficou tão ofegante que fiquei na dúvida se não ia desmaiar bem ali no meio da sala. Respirou fundo, feliz, orgulhoso

— Puxa, Fernando, eu nem sei como agradecer...

— Continuando lutando conosco — disse por fim

encerrando a conversa e se dirigiu à sua mesa juntando todos os papéis e chamou a secretária pelo interfone. — Agora preciso ir ao hospital ver meus garotos. E o resto vocês, por favor, cuidem de tudo.

— Fica tranquilo, Fernando, deixa conosco — disse em tom de suspense, me deixando intrigada.

Ele sorriu e pegou sua maleta e segurando em meu braço disse:

— Vamos, querida. — Eu assenti acenando para os dois homens, nos olhando fixamente. Seguimos em direção à porta quando o Fernando freou bruscamente. — Ah, e não se esqueça de verificar com a moça do tempo — disse ele oscilando um olhar autoritário aos dois, torci a boca.

— Eu não entendi essa — retruquei. Ele deu de ombros.

— Nem precisa, são apenas códigos que usamos aqui na empresa — respondeu curto e seco sem maiores explicações.

Enlaçado a minha cintura, caminhamos pela empresa em direção ao corredor, o sorriso no rosto do Fernando era contagiante e todos os cumprimentavam com orgulho. Não havia como não sentir orgulho deste homem.

— Eu entendi direito, você traçou a mulher do seu melhor funcionário? — questionei curiosa com uma linha de ciúmes em minha expressão, pois agora ele era meu, somente meu... quando a porta do elevador se fechou.

— Eu era um lixo antes de conhecer você. — Passou a mão pelo meu ombro colando o dele, eu virei capturando seus olhos com os meus flamejando. — É passado, querida... e não me venha fazer cobranças do passado, ou se esqueceu que o seu também não foi o paraíso, sua santinha do pau oco? — Franzi o cenho com o comentário humorado dele. — Além de trair o noivo comigo... — falou, rindo, distanciando o olhar pensativo. — Como é mesmo o nome dele?

— Luiz Gustavo — respondi.

— É, este babaca aí. — Caí na gargalhada com seu jeito enciumado. — Ninguém me tira da cabeça que transou com aquele bandido do Sérgio... — Travei com sua acusação. — Foi com ele que tentou me esquecer, não foi?

Mordi o lábio inferior e ele me puxou pela cintura colando nossos corpos e beijou-me com carinho.

— Que papo idiota este, só serve para nos ferir — sussurrou em minha boca me deixando com as pernas moles. — O que importa é daqui para frente, amor.

— Tem razão, passado tem que ficar no lugar dele, no passado... — Ele concordou. — Bem, vamos nos concentrar no nosso final de semana, na viagem para Uberlândia e no nosso casamento na quarta-feira que vem.

Não estava nos planos ir tão cedo a Uberlândia, a intenção era deixarmos esta viagem para depois da data marcada do casamento, que foi o Fernando quem escolheu. Riscando o sábado, que ele julgava sagrado com o argumento que este dia seria reservado para nosso descanso, sem ser importunado. *Ficar na cama o dia inteiro me comendo.*

Eu até tentei mudar esta data por achar que ficaria tudo muito corrido, devido a necessidade de ir a audiência marcada no foro de Uberlândia, onde o Fernando respondia por agressão ao Sérgio. Mas o Fernando estava irredutível, afinal ele mesmo quem cuidou desta parte, garantindo que poderíamos fazer tudo ao mesmo tempo. Aceitei sua condição, eu não queria contrariá-lo.

— Estou sonhando com este dia, minha birrentinha. — Beijou-me carinhosamente — Já escolheu o vestido? Precisa ser o mais lindo como a Paróquia Nossa Senhora do Brasil. — Estremeci toda ansiosa.

— Ah, não vejo a hora de chegar quarta-feira... Espera, estamos na quinta-feira, porém ainda precisamos esperar mais seis dias, estão tão longos... — reclamei fazendo biquinho quando a porta do elevador se abriu e nos deparamos com a garagem repleta de carros, com o horário de expediente.

— Também acho — falou ele beijando minha cabeça, agarrando em minha cintura. Caminhávamos em direção ao seu carro e ele abriu a porta para mim, como um perfeito cavalheiro.

— Fernando? — Ele sorriu com minha vozinha vacilante.

— Hum...

— Depois do casamento, nós vamos sair com meu carrinho, tudo bem? — Rindo, ele revirou os olhos. — Ah, para de ser chato, ele faz parte da nossa história! — Ele gargalhou balançando a cabeça, lindo!

— Mas, Mary, a Paróquia fica no Jardim América, um dos bairros mais chiques de São Paulo... — Eu dei de ombros.

— E daí? — disse em tom de birra, o fazendo rir ainda mais me olhando tão bonitinho. — Você não se importou quando bateu em mim — retruquei inocente e ele segurou em meu queixo me puxando para um beijo.

— Tudo bem, meu amor... mas sem aquelas latinhas barulhentas amarradas atrás do carro, vai além do brega, hein! Ok? — exigiu zombeteiro, ainda incerto. Eu caí na gargalhada sem responder.

— Eu acharia mais elegante a chuva, pois ela sim marcou a nossa história e garantiu sua vida para mim. — Ele suspirou e eu soltei o ar triste pensando no clima seco.

— É triste, amor, mas acredito que a chuva não rola. — Seu olhar apertou com uma linha de sorriso nos lábios. — Então dê uma chance ao meu carrinho, e se dê por satisfeito — brinquei.

E foi neste clima divertido que seguimos para o hospital. Os garotos estavam cada dia mais fortes,

cresciam assustadoramente. O senhor Gustavo se prontificou a permanecer no hospital com a nossa ausência. E passamos um final de semana maravilhoso na fazenda, tudo estava na maior perfeição, o Leonardo se mostrou um grande fazendeiro.

A Raquelzinha ficou muito enciumada com a minha gravidez, o Fernando não me deixava fazer nada, cauteloso com o calor forte da região. Ela estava muito feliz, porque o Leonardo garantiu que nas próximas férias a levaria para a Disneylândia e ela mesma poderia escolher o seu tão sonhado Mickey.

— Deixa! — Ela deu de ombros com desdém, magoada, quando o Fernando impediu que eu a acompanhasse numa voltinha pela fazenda de cavalo. — O Leonardo prometeu que vai me levar na Disney. — Ela estava lindinha na calça laranja com uma bota marrom e uma camisa xadrez bem clarinha com os cabelos lindos caindo sobre os ombros, lembrando uma amazona. Abracei-a e beijei sua bochecha corada, queimando. Ela tinha a mania de ficar correndo embaixo do sol forte.

— Chame o Henrique, tenho certeza de que ele vai

adorar te fazer companhia — sugeri. Ela abriu um sorriso contagiante tipo "ah, é?" com as sobrancelhas levantadas, confirmando de cabeça, e saiu toda afoita à procura dele. Seu pai, o Nelson, era um dos que estavam cuidando da sua própria terra, e o Henrique preferiu ficar assumindo o cargo de administrador do povo que lhe ofereci. Ele acompanhava, e muito bem, os tratamentos que os funcionários recebiam.

— Eu posso saber para quando é essa viagem, Leonardo? — indagou dona Vera ao Lado da minha tia, interrompendo a conversa com o doutor Fabrício Oliveira, que sorriu destacando o bigode sempre impecável. Ele deu uma passadinha para me parabenizar pelo feito na fazenda e também pelo meu casamento, se desculpando que não poderia comparecer em São Paulo. Muito atencioso ele, um fofo.

As duas mulheres faziam um pouco de charme, elas pensavam que não notei. O que me deu uma peninha do Cristóvão que andava com gracinha para o lado da minha tia, ele observava a cena preocupado. Ambas estavam com chapéus enormes sobre a cabeça. A dona Vera,

elegante como sempre, numa calça branca com detalhes dourados combinando com a bota bege com o mesmo detalhe da calça. Uma camisa azul claríssima, linda! Embora mais discreta, a minha tia vestia uma calça jeans e uma camisa branca. Estava muito sensual. Cristóvão estava esperto, não arredou o pé dali e num determinado momento, quando teve a oportunidade escorregou para mais perto dela e seus braços colaram. Ela corou olhando em minha direção e sorriu sem graça. Eu pisquei, pois fazia muito gosto se este relacionamento vingasse. Só esperava que ele não se chateasse com ela se engraçando para o advogado.

— Em breve. — Abraçou a Gisele pela cintura, a puxando para mais perto. Acho que eu reparei no vermelho pela pele morena. — Depois do casamento do Fernando, e os garotos tiverem alta, então eu, a Gisele e a Raquelzinha partiremos para os Estados Unidos, aliás, tenho uma fazenda na Flórida também para cuidar agora. — Foi um coro de "uau" com a novidade!

— Será que vem vindo por aí outro casório? — indagou Fernando e todos os olhares foram para cima dos

dois, aí que a Gisele corou de verdade, era possível notar o tremor pelo seu corpo esbelto. Solidário, o Leonardo abraçou-a com mais força dando-lhe um selinho romântico.

— Possivelmente, né, amor? — respondeu com seus olhos nos dela. Ela assentiu suspirando. E voltou a olhar para a plateia. — Vamos aproveitar esta viagem em família para nos conhecer melhor.

— Ah, meu filho! — Dona Vera correu para abraçar os dois. — Que felicidade, meus dois filhos se ajeitando na vida, o Fernando foi absolvido no caso da agressão como autodefesa... Meu Deus, obrigada por tantas felicidades... — disse ela amorosamente e todos nos abraçamos numa extrema felicidade.

— Bem, me deixe ir... minha esposa me espera para um jantar — disse o doutor Fabrício. Foi como despejar um balde de gelo em dona Vera com aquela cara decepcionada ao comentar seu estado civil, minha tia sequer prestou atenção na informação, estava muito ocupada no momento recebendo e aceitando o carinho das mãos do Cristóvão nas suas. *Safadinha!* Fernando também

notou, ergueu a sobrancelha buscando meu olhar e eu ri de canto para não causar constrangimento.

— É uma pena que não possa ir ao nosso casamento, doutor — comentei pegando em sua mão sacudindo efusivamente.

— Eu faria muito gosto, minha jovem — disse cordialmente. — O problema que será no mesmo dia do casamento de uma sobrinha. — Fiz cara de "sinto muito" e ele sorriu gentil. — Mas estarei por aqui comemorando junto com você, com certeza.

— Obrigada. — Fernando apertou-lhe a mão também. Ele juntou a minha mão e do Fernando sobre a dele com força.

— Eu desejo tudo de melhor para vocês dois. Esta energia que emerge é contagiante, alegra nossos corações. — Suspirando, eu olhei para o Fernando, que me mandou um beijo no ar. Lindo!

— Obrigado, doutor, e fica aqui o convite para nos visitar em São Paulo em breve — convidou-o, Fernando.

— Será um grande prazer interagir com pessoas como vocês. — Fixou seus olhos em mim e sorriu com carinho.

— Tenho muito orgulho de você, mocinha! E sei que onde a Lúcia estiver sente o mesmo que eu. Como eu te disse outro dia: ela deixou tudo nas mãos da pessoa certa. — Olhou ao redor, os funcionários cumpriam suas missões com sorrisos de um lado ao outro no rosto. — O trabalho que tem feito é esplendoroso. Parabéns!

— Sabe que estes dias eu pensei nela? — Ele sorriu com orgulho ao falar dela. — Gostaria de tê-la conhecido... Se aquele imbecil do Sérgio não a tivesse assassinado... — fui sincera. Ele movimentou a cabeça de um lado ao outro em tom negativo.

— E que ele amargue muitos anos na cadeia e vai pegar o máximo que a lei permite, com certeza. — Balançou a cabeça, inconformado. — Com todos os crimes: tentativa de estupro contra você, agressão, cárcere privado e homicídio duplamente qualificado, bem como a hipótese da morte do marido da Gisele por envenenamento, já que o homem gozava de plena saúde e, de repente, ter uma infecção generalizada é uma possibilidade que estão sendo investigadas pela polícia, embora sem a confissão do Sérgio, eles já concluíram que ele foi o responsável

pelo assassinato. — Respirou fundo antes de continuar: — A Lúcia confiou nele de olhos fechados e ele conspirou às suas costas, como fez com você. — Estalou a língua antes de continuar: — Mas vamos nos dar como satisfeitos, na minha opinião, não tinha que ser. Deus sabe o que faz, tudo tinha que ser assim — abriu os braços —, como está... os acontecimentos foram uma forma de te trazer aqui e causar toda esta mudança extraordinária. — Fernando passou a mão no meu ombro e beijou minha testa.

— A minha birrentinha nasceu para trazer conforto a muitos corações, inclusive ao meu — brincou e todos rimos.

Fernando

Eu estava explodindo por dentro de felicidade, parecia um sonho que finalmente eu teria a minha birrentinha só para mim, na minha vida. E, além de tudo, trazia consigo uma semente do nosso amor. O nosso filho, ou filha, qualquer um seria muito bem-vindo. Ela existia para mim e eu para ela, esta era a maior e única certeza deste mundo.

Meu nervosismo estava nítido em minhas mãos trêmulas, eu não conseguia dar o nó na gravata do meu smoking preto.

— Fernando, eu posso entrar? — Meu irmão bateu à porta do meu quarto, soltei o ar aliviado.

— Pode entrar, Leo, você caiu do céu, cara! — Ele entrou se divertindo com o meu nervosismo ali em frente ao espelho, batendo o pé irritado. — Este caralho de gravata não decide nunca... — rosnei, impaciente.

— Calma, Fernando... — disse ele serenamente. Eu precisava disto neste instante e se colocou a minha frente. — Deixa eu te ajudar, meu irmão. Seus olhos claros e tranquilos acompanharam seus dedos laçando o tecido

com conhecimento, eu sorri mais calmo.

— O próximo casamento é o seu... como está se sentindo, Leo? — Ele levantou os olhos cintilantes, apaixonado.

— Ansioso como você. — Franzi a testa, confuso. Ele não parecia nada ansioso. Aliás, era mesmo de se estranhar tanta calma para uma pessoa que nunca parou quieta.

— Não está me parecendo isso! — retruquei e ele grunhiu em meio a um sorriso. E finalizou o nó, segurando em meus ombros, fitando-me.

— O amor muda a gente, Fernando, agora eu entendo — começou ele. — Fez de você um cara calmo, sensato, numa dinamite pronta a explodir. E explodiu muitas vezes. — Caí na gargalhada concordando com ele.

— Verdade, mano... — Ri e ele também. — Depois que conheci a Mary foi uma tempestade atrás da outra... mas quer saber? Nunca fui tão feliz na minha vida. Me sinto um cara abençoado por ter sido o escolhido para cuidar dela. Ela precisa muito de mim, muito... como eu preciso dela.

— Ah, nisso eu tenho que concordar, também... Nossa, este instinto que ela tem de se enfiar nos problemas dos outros só acaba em confusão... Você não viu lá em Uberlândia, quando fomos à cidade tomar um sorvete. Ela se juntou às pessoas que estavam sendo expulsas do terreno invadido. Estas coisas sempre acabam em confusão, além de ser perigoso — alertou-me ele. Eu trinquei os dentes arrepiado só de pensar nisto.

— Este é o coração dela, nunca vai ser diferente, porém eu já estou cuidando disto. — Ele deu de ombros.

— E como pretende resolver?

— Surpresa, mano, surpresa. — Bati em seu ombro e pegando o controle remoto que assumia todos os mecanismos do quarto abri a janela analisando o céu. As nuvens cinzas carregadas até estavam lá, mas o vento não passava de uma brisa suave, que quase não balançava as folhas. — Com ou sem você, eu vou fazer acontecer! — Deixei meu pensamento escapar pela boca, causando curiosidade no Leonardo.

— O que foi que disse? — Rindo, eu dei de ombros. Tudo era uma surpresa para minha birrentinha.

— Pensando alto aqui. — Segurando em seu ombro o puxei em direção a porta. — Vamos, que já estamos em cima da hora.

A decoração da paróquia estava impecável, simplesmente linda. Minhas pernas ficaram bambas e as batidas do meu coração assemelhavam às batidas de um tambor fazendo junção com o sino quando soou a entrada da minha noiva e daqui a pouco a minha mulher oficial. E as portas se abriram, as lágrimas de emoção saíam involuntárias com a minha Mary entrando linda de noiva, a mais linda que já vi na vida! Seu vestido definia seu jeito natural e meigo de ser, um vestido levemente rodado, tomara que caia deixando à mostra seus ombros eretos que eu amava beijar, lamber, chupar, morder, tudoooo meu, tudinhoooo, um penteado lindo... mais natural, dando aquele ar vintage, cabelos dourados caindo sobre os ombros, guiada pelo meu mano...

Não era fácil descrever o que eu estava sentindo: era alegria, felicidade, encantamento, realização, tudo junto... A confirmação da concretização de tantos sonhos e projetos, a gente merecia aquele momento mágico e

inesquecível.

E compartilhávamos nosso amor com tantas pessoas queridas reunidas, não faltou ninguém, eram pessoas de Uberlândia, São Paulo, Porto Alegre, todos vieram compartilhar este momento único, depois de tudo o que enfrentamos para estar aqui, curtindo esta alegria imensa. Cada rosto que eu descobria naquela pequena multidão me passava uma felicidade e uma paz indescritíveis, mostrando-me que não era apenas um sonho, era real: a Mary seria minha, só minha e para vida inteira! Eu lhe prometi o mundo, e era muito pouco a meu ver, ela merecia muito mais que isso, muito mesmo!

— Ela é toda sua — anunciou Leonardo ao entregar-lhe a mão, trêmula. Seus olhos cintilavam em lágrimas como os meus. Seus lábios rosados pelo batom se abriram estonteantes e eu fiquei louco para lamber sua boca, arrancar aquele batom com minha língua. Queria chupar ela inteirinha.

— Está linda! — Suspirei junto com ela, pois estávamos emocionados! Seus olhos se enchiam ainda mais de lágrimas. — Eu te amo! — falei baixinho ao seu

ouvido ao inclinar-me para beijar sua face quentinha e tão minha...

— Eu também te amo, Fe... muito, muito... muito. Nós te amamos — finalizou linda descendo os olhos em direção à sua barriguinha sequinha ainda e toda minha...

A nossa cerimônia matrimonial foi simplesmente magnífica, ali no altar estavam as nossas famílias e os amigos mais próximos. Quando meu olhar parou na Ana, ela corou, pois Cristóvão segurava forte a sua mão, aliás, era só o que ele fazia o tempo todo, apaixonado. E ela ainda não havia se acostumado com esta sua nova vida. A cada palavra do sacerdote selando nossa união diante de Deus, nossos olhares se perdiam um no outro, arfando.

Nossa saída pelo tapete vermelho através do corredor foi lenta, após cumprimentarmos os padrinhos no altar. E me estaquei na porta da igreja quando avistei seu carrinho velho estacionado à porta da paróquia, com um adesivo de um lado ao outro com o nosso nome e o mais bizarro: "As latinhas amarradas" e um monte de arroz caiu sobre nós.

— Para com esta frescura, Fernando, ele não poderia

faltar neste dia tão importante, marcou nossa história... Metido! — ela rosnou baixinho olhando para minha cara simulando desaprovação. E caímos na gargalhada, encaminhando em direção ao carro.

Ah, Mary... espera só para ver a minha surpresa, amor! Havia ausência de estrelas no céu e, apesar das nuvens escuras se exibirem, não havia sinal de que choveria com a noite extremamente quente de ar seco com apenas um vento leve soprando.

— Vem. — Eu a puxei pela mão e parei com ela no meio da calçada enquanto todos os convidados já fora da igreja se afastaram cientes da minha surpresa.

Grudei na cintura dela colando nossos corpos, enfiando o rosto na curva do seu pescocinho perfumado e alvo. — Se prepara para a minha surpresa, amor. — Ela enrijeceu nos meus braços e abriu a boca para perguntar, mas não deu tempo. Neste instante, o caminhão pipa que contratei parou na rua bem em nossa direção, e com uma mangueira tamanho família esguichou água sobre nós, como se fosse uma tempestade daquelas, nos deixando encharcados. E todos os fotógrafos contratados registraram nosso instante.

— Pronto, amor, aí está a nossa chuva! Acho que não faltou mais nada — sussurrei ao seu ouvido. Ela agarrou em meu pescoço, as gotas da nossa chuva improvisada se misturavam às suas lágrimas, emocionada, linda! Conectados, nossos olhares penetravam um no outro, éramos capazes de ver nossas almas, felizes em comemoração. Nesta sintonia profunda, seus lábios vieram aos meus num beijo diferente, profundo, com o maior carinho do mundo.

— Nossa, amor, que lindo isso! — Sua voz embargada comoveu a todos em uma explosão de aplausos.

— A moça do tempo errou — comentei olhando para o céu. O vento começou a ficar furioso neste momento, com rajadas ele chicoteava os fios de cabelos dourados molhados da Mary em seu rosto, que eu precisei segurar para beijar seus lábios. — Mas chuva que é bom nada. Não poderíamos nos casar sem ela.

Ela suspirou de boca aberta.

— Estou sem palavras, Fe...

— Tudo isso é para você e ainda não acabou — Ela sacudia a cabeça, rindo comovida com tudo o que

preparei para ela. Segurando em sua mão, a puxei para o carrinho velho de guerra, ajudei-a a entrar e dei a volta para entrar e acenei para a família toda me seguir.

O veludo cinza claro, que um dia foi preto, e surrado que cobria o banco velhinho ficou numa inundação só. Eu comecei a rir enquanto dava a partida, só pegou na quarta tentativa.

— Já passou da hora de você aposentar o velhinho — comentei quando procurei o cinto de segurança e vi que não tinha, apenas caí na risada e dei seta saindo com o carro pipocando com seu corpo sendo jogado para frente. Ela desviou para não ser atingida pelo retrovisor que se soltou e foi para cima dela. — Oh lata velha! — Ela caiu na gargalhada segurando no puta que pariu, me fazendo rir também. — É disto que estou falando...

— Ah, Fernando, para de desfazer do meu carrinho, ele já me quebrou muito galho! — disse ela tão meiga com vozinha chorosa. Segurei em sua mão olhando-a rapidamente com os olhos cerrados, enquanto ela se segurava para não rir.

— Amorzinho da minha vida — falou entredentes numa

advertência, humorada.

— Amor, só estou lhe dando um toque! — comecei sério e ela segurando para não explodir em gargalhada, eu devo ter feito uma cara daquelas mesmo. — Não é você mesmo que vive dando a vida pelos injustiçados? — Quase rindo, ela deu de ombros. — Então, isso já é exploração de idosos. — Foi uma explosão de risos, estávamos sem fôlego.

— Você é um tremendo palhaço — disse ela batendo em meu ombro quando foi possível.

Juliano, Gisele, todos os amigos da Mary, os convidados que não sabiam da surpresa seguiram para o salão de festas.

Não havia quem não parasse para olhar em nossa direção, as latinhas faziam um barulhão dos infernos, mas estava valendo, era muita alegria.

— Para onde estamos indo, Fe? — Lancei um olhar apaixonado. Ela estava linda ensopadinha, sua maquiagem derretendo... Muito fofa... — Eu devo estar parecendo um pinto molhado — disse baixando os olhos. Rindo, meti a mão mesmo nos seus seios explodindo para fora com o

vestido tomara que caia descendo, literalmente. Ela se encolheu arrepiada.

— Não posso dizer, é surpresa! Acredito que esta será a maior e melhor de todas as elas.

Ela riu sarcástica.

— Não vai colocar fogo em mim, né? — Caí na gargalhada com a piada dela. — É, porque depois do banho só me falta isso. — Dei de ombros pensando numa ideia, mas não direi... mostrarei na prática.

— Acho que também... — respondi quando chegamos ao local. Parei o carro bem em frente. Desliguei, com a costas na porta eu fiquei de frente a ela, me derretendo todo com sua expressão atônita, seus lábios trêmulos entreabertos, seus olhos brilhando enormes focado no prédio à sua frente.

"Centro de Solidariedade Unificada MLemos"

— Fernando? — ela me chamou sem olhar para mim, em choque.

— Hum... — Inclinei-me para beijá-la.

— É o que estou pensando? — Seus olhos me fitaram,

sua expressão assumiu uma mistura de alegria e curiosidade, incrédula.

— Foi a forma que encontrei de você praticar o que mais gosta, cuidar dos problemas dos outros de forma mais organizada e segura. — Rindo e chorando ela atarracou em meu pescoço.

— Você não existe, não existe...

Esfreguei meu nariz nos dela. Estávamos ofegantes.

— Eu que digo isso para você... — E ainda consegui patrocínios de várias empresas interessadas nesta parte social. E não foi difícil com os resultados positivos do projeto de Porto Alegre. — Ficou feliz?

Ela assentiu.

— Muito, muito... Então, era isso que o seu tio entrou falando na sala e você o bloqueou...

Assenti.

— Ele e o Juliano me ajudaram muito. E agora você está sossegada, com o Leonardo cuidando do agronegócio você pode tocar aqui e ainda me dar uma forcinha na empresa. Eu preciso de alguém com a sua criatividade, além disso, exijo sua presença 24 horas por dia. —

Beijei-a.

— Nós somos incríveis juntos, não acha?

— Nunca tive tanta certeza na minha vida. — Pincelei seu nariz. Ela riu, lindinha. — Nem acredito que estamos casados, Mary.

— Nem eu, meu amor... — Suspirei.

— Agora chega de confusão, conflitos, pelo amor de Deus... — bufei. — Puta que pariu, daqui a pouco minha cabeça vai encher de cabelos brancos.

— Vou aprender a me comportar — ela riu e piscou enquanto eu peguei na sua mão.

— Vamos olhar de perto o espaço, é maravilhoso.

O prédio tinha cinco andares e ocupava um terreno de dois mil metros quadrados, um espaço perfeito para atender a população carente em suas necessidades. Todos que vieram testemunhar este momento já haviam se despedido de nós e seguiram para a festa. Encantada, a Mary fazia o reconhecimento à câmara lenta, emocionada.

— Puxa! — Ela ficou sem palavras diante de tudo muito organizado. Cada andar foi separado para uma finalidade e necessidade de cada um. — O espaço é

excelente! — disse por fim engasgada, fascinada.

— Realmente é um bom espaço para o seu trabalho, Claro! — ressaltei. — Não o suficiente para resolver todos os problemas do mundo, né, Mary? — Ela riu.

— Eu só quero fazer a minha parte, até onde eu posso... e o resto eu deixo com Deus. — Abracei-a forte, rindo orgulhoso dela. — Você é incrível! — Apertei-a tanto que acordou meu garoto arisco e já ficou ali, cutucando o que era dele.

— Hummmm... — rosnou assanhadinha se esfregando nele. — Está me deixando com um apetite!

— Somos dois — respondi entredentes, com as mãos abertas segurando sua bunda sobre o vestido molhado, pressionando contra meu corpo. Nós estávamos trêmulos.

— Bem que a gente podia aproveitar já que precisamos trocar de roupa... — sugeriu manhosa.

— Sugestão aceita.

Nem deixei ela terminar a frase, já atarraquei na sua mão e a puxei em direção ao elevador parado no andar.

— Espera aí, mocinha! — Com as mãos abertas, eu a bloqueei com o braço. Ela olhou para mim rindo,

desconfiada.

— Ah, Fernando, o que mais você vai aprontar, amor? — A peguei no colo antes de responder e entrei com ela na sala.

— Já vai saber. — Entrei com ela no quarto e só então a coloquei em pé no chão e cerrei meus olhos, simulando estar furioso. Seus olhos cresceram.

— Que olhar é esse? Está me assustando, eu não conheço este Fernando! — Ela recuou quando eu avancei um passo com os punhos cerrados... Com seus olhos nos meus, arquejou.

— Não mesmo... — rosnei abaixando seu vestido e o tirei deixando-a só de calcinha e arranquei as minhas roupas. Meu pau, duro como uma rocha, apontava na sua direção. — Agora você vai conhecer o verdadeiro Fernando — rugi, esticando o braço esquerdo batendo nele com a mão direita com força, marcando meus dedos. — Vai sentir na pele, sua filha de uma boa mãe, tudo o que me fez passar... Agora é hora da minha vingança — ela riu, descrente como se eu estivesse brincando. — Ah, está duvidando, é?

— O que você vai fazer, seu maluco? — Ela correu para cima da cama e eu atrás dela.

— Vem aqui, agora você vai ver a cobra piar, passarinho rugir, a vaca latir e por aí vai... Vai se arrepender por tudo o que me fez passar.

— Ah, socorro! — gritou baixinho entrando no banheiro e eu corri atrás dela. Agarrando pela cintura suspendi-a do chão, recuando com ela para o quarto. Enquanto ela se debatia delirantemente, eu tirava proveito roçando a cabeça do meu pau na sua bundinha durinha, empinadinha e gostosa. E a joguei sobre a cama, rosnando com meus olhos flamejando percorrendo o corpo delicado.

— Ai, amor, vai doer? — a safadinha perguntou com a voz manhosa passando a ponta da linga em volta dos lábios, com as mãos estendidas agarrada na cabeceira, ela se contorcia me provocando... Me deixando ensandecido. Ai, que tesão!

— AH, VAIIIII... — rosnei pulando para cima dela arrancando sua calcinha com os dentes sentindo-a tremer. — VAI DOER PRA PORRA!!! — rosnei ainda mais alto.

— ESPERA SÓ PARA VER...

Rindo, ela abriu as pernas deixando à minha disposição aquele clitóris rosadinho, inchado e brilhando com sua excitação escorrendo em direção ao seu ânus. — Hum... Delícia! — urrei. — Vou devorar você, minha filha! — Meu dedo entrava e saía e acariciando seu grelinho a deixei louca, se contorcendo e gritando para mim.

— Uauuuu, que dor imensa que estou sentindo, Fe... — gemeu entredentes empurrando contra meu dedo melado com seu néctar adocicado, que eu não pude deixar de experimentar.

— Chora, neném, chora... — Soprei antes de deslizar minha língua, chupei, tomei tudo dela, que delícia de mel.

Gemendo, inesperadamente ela virou de costas para mim empinando sua bundinha para cima, deixando tudo aquilo à minha disposição. Um delírio.

Fiz um trabalho de mestre em todas as suas aberturas maravilhosas enquanto massageava sua vulva com o dedão, ela já não sabia o que fazer com as mãos me procurando e abrindo suas nádegas, pedindo sem palavras para eu não parar, eu massageava seu clitóris inchado e

seu ânus com gentileza, ouvindo-a gemer, gemendo com ela.

— Ah, Fe... Que loucura! Os convidados estão nos esperando, amor — murmurou rosnando com todo aquele carinho que recebia.

— Tem razão, amor, tem razão... mas não dá para parar agora, sem preliminares, apenas uma rapidinha. Depois a gente vai, tudo bem? — sussurrei e deslizei minha língua para sua grutinha dura, inchadinha e degustei de todo aquele banquete. Ela se contorcia muito, introduzi minha língua.

— Tudo bem... Ah, vem para mim... enfia logo esse pau gostoso dentro de mim, por favor — E se ajoelhou sem eu deixar de passar a língua faminta em todas suas aberturas apetitosas mais uma vez, ajeitei meu garotão alucinado na portinha enterrando devagar. Ela travou a respiração na expectativa linda. Adorava isso nela... e com uma das mãos acariciando seu clitóris bem lentamente, fui preenchendo-a.

Penetrei fundo até meu quadril se chocar com sua bundinha.

— Que delícia, que delícia! — ela gemia alto, suspirando. — Coloca tudo, eu quero tudo, Fe... A sensação é ótima.

Eu dava-lhe tudo o que ela queria com muito tesão e cuidado também, pensando em nosso herdeiro. Estocando enlouquecidamente, eu arremeti vendo ela gritar e tirei tudo arremetendo novamente. Fazia um vai e vem delicioso, alternando minha mão nos seios fartos e seu clitóris saboroso. Meu pau foi aumentando de tamanho dentro dela de tanto prazer que me proporcionava.

— Assim eu vou gozar, amor, ai, ai...

— Segura um minuto, amor — supliquei rosnando. A virei de frente, e coloquei meu menino na sua boca, ela chupou com força, lambeu a cabeça brilhante inchando, eu estava a ponto de gozar na boca dela.

— Ai, amor, acho que podemos deixar uma mais deliciosamente completa para depois da festa... — Ela concordou em êxtase, respirando forte, suando como eu.

— Volta para mim, agora, por favor — implorou apenas uma vez. Logo enfiei tudo estocando fundo e saindo, e parei, sentindo seu calor úmido no canal apertadinho. Ela

rebolava gostoso na minha dureza. Olhando em seu rostinho tomado pelo desejo, sua respiração curta, disse: — Está linda demais, meu amor! — Apertei ele dentro dela e tirei lentamente fazendo-a prender a respiração.

— Mais forte, amor, isso... — Trêmulo, com espasmos pelo corpo acelerei ao seu pedido. — ai, eu vou gozar... — Aumentei a velocidade com ela se contorcendo de prazer.

— Isso, rebola para mim, amorzinho, rebola — Soprei em seu ouvido.

Gritamos juntos com extremo tesão. Eu soquei forte e rápido e quando estava quase perdendo o ar, seu líquido quente de realização molhou meu pau, estremeci com a sensação de outro mundo. Ela foi ficando mole, exausta, e eu bombeei um pouco mais, e não demorou para eu chegar ao clímax violento e gostoso, inundando seu interior com o meu esperma, urrando.

— Ah, linda! — Estava tão ofegante que mal conseguia falar, realizado. — Mesmo rapidinha é muito bom... Nossa! — sussurrei na curva do seu pescoço recuperando o fôlego.

— Show... sensacional... — murmurou ofegante.

Joguei-me na cama ao seu lado ficando de frente a ela, com meu coração cheio de ternura por ela e pelo ser que trazia em seu ventre. Ofegante, eu deitei a cabeça sobre ele subindo e descendo, e fechei meus olhos, acariciando seu rosto, pescoço, a ponta de sua orelha... curtindo o momento sublime. — Menino ou menina? — Ela sorriu suspirando. — O que você sente, Mary?

E então ela arqueou sobre mim me jogando de costas na cama, suas unhas riscando meu peito até meu pênis, que pulou safado, pronto para uma nova guerra, me deixando arrepiado. Seus olhos desceram e sorrindo ela me fitou.

— Qualquer um dos dois, vindo com saúde é o que importa.

Eu concordei.

— Acho melhor a gente tomar um banho e voltar para a festa, devem estar perguntando dos noivos.

Concordei agarrando sua cintura, puxando-a para cima de mim.

— Só mais um minutinho, amor... Não se esqueça que a nossa vida vai ficar repleta de afazeres com tantas

crianças. Vieram todos num pacote só.

Ela riu gostoso junto comigo.

E então nossos olhos se fitaram naquela linguagem próprias deles por um longo e delicioso momento silencioso, que a chuva batendo incansavelmente contra a janela do quarto fez questão de quebrar.

— Fe... a chuva! — a Mary gritou e já pulou da cama correndo para perto da janela e eu fui atrás dela.

A fúria do vento projetava as gotas que escorriam pelos vidros. A paisagem lá fora era de tirar o fôlego. As gotas que caíam do céu usavam as folhas das árvores plantadas na calçada ao lado, onde o carrinho velho da Mary estava estacionado, como conchas. E ao transbordar o banhava.

— Estava frustrado com a ausência dela. A moça do tempo não errou, ela tardou, mas não falhou. — Vem, vamos descer... — Já peguei na mão dela, puxando-a para o closet, onde todas nossas roupas já estavam arrumadinhas.

— Toma, vista isto. — Joguei o vestido branco sobre ela, porque ela ficava uma delícia sem calcinha. Rindo, obedeceu. Eu vesti a calça velha de guerra do agasalho

cinza, a camiseta de decote V justa e um chinelão, e descemos atrás da nossa chuva.

— Seu maluco... e os convidados? — Ela ainda retrucou quando entramos no elevador.

— Eles podem esperar um pouquinho mais...

Agarrado a sua cintura fomos nos beijando até a garagem, o portão acabava de ser aberto por um carro que, parado à frente, nos deu farol alto, decerto nos chamando de loucos. E nós éramos mesmo! Dois loucos, apaixonados.

Ignorando a tudo e a todos saímos correndo em direção à chuva. E na calçada agarrei a sua cintura erguendo-a do chão, ela com o tronco arqueado e braços abertos, eu de cabeça arqueada girava com ela em meus braços, tomando muito daquela água abençoada como numa unção divina.

Buzinas vinham de todos os lados, mas eu não estava nem aí.

— Eu sabia que ela não faria esta desfeita! Não faltaria num dia como hoje! — gritei.

— Ai, Fernando, você é lindo, amor, é lindo demais... — gritando, ela inclinou-se agarrando a minha cabeça.

Passei a língua entre o vão dos seus seios, degustando da sua carne e tomando do vinho divino que Deus enviava do céu como prova da sua existência.

Abaixei-a segurando em seu rosto, ela passou seu polegar sobre meus lábios e sem tirar os olhos de mim. Meu polegar acariciava suas sobrancelhas enquanto seus dedos traçaram o contorno de minha boca entreaberta. A ternura crescia em nossos corações. Inclinando, ela passou a língua me provocando, gemendo e eu a mordi levemente.

— Obrigado por existir, birrentinha — murmurei.

Ela fechou os olhos.

— Acho que eu só existo porque você existe, amor... — disse ela com a voz macia.

Ondas de arrepios ganharam meu corpo e nem a água fria da chuva dava conta de esfriar as nossas temperaturas nas alturas.

— Pode ser que sim, já pensei muito sobre isto — confessei.

Ela suspirou e me beijou. Meu garotão apaixonado com nossos corpos molhados grudados, acordou nervoso, ela

riu e eu também.

— Agora sou eu, você e a chuva... Só que agora você não vai mais embora, eu nunca mais vou deixar você partir.

Éramos conscientes de nossas obrigações, afinal tínhamos a vida inteira para nos curtir, e agora era real... Não existiam barreiras, estávamos livres para constituir nossa família que foi, com certeza, abençoada por Deus.

— Vamos, amor, a nossa festa de casamento... a gente merece.

— Merecemos sim.

Trocamos um beijo molhado, longo e gostoso com amor, com tesão... e então entramos por aquela garagem com a promessa de que nosso amor seria como a promessa que fizemos diante de Deus no altar.

"Até que a morte nos separe."

Enquanto isso em um presídio de Uberlândia...

Os corredores das celas estavam à meia-luz, com todos detentos com suas esposas, namoradas em visitas íntimas, até mesmo o Adenir, menos Sérgio Arantes.

Sentado na cama dura da pequena cela, suas calças estavam arriadas, seus olhos flamejando de ódio, enquanto sua mão furiosa apertava seu pênis amolecido, inerte, tentando colocá-lo em pé, sem sucesso.

Depois da agressão do Fernando, ele nunca mais conseguiu uma ereção, ficou rendido.

— Se eu sair daqui vivo, eu vou me vingar! — rosnou com muito ódio no coração.

Biografia

ELISETE DUARTE



Elisete Duarte, nasceu em 1 de novembro de 1967, na cidade de Osasco (SP), hoje vive em Barueri com seu

marido e seu filho.

Descobriu seu dom da escrita em 1998 quando começou a sofrer com a Síndrome do Pânico. Na mesma época, teve um sonho com um senhor de óculos que lhe entregou um caderno de brochura e um lápis já desgastado e pediu a ela que escrevesse muito, porque assim aliviaria a dor de sua alma. Daí em diante não parou mais.

Publicou Talvez um dia, Além dos Olhos, Eternamente Eu, Príncipe Imortal, Meu vizinho, minha perdição, Conexão imortal, Um dom perigoso, entre outros.

Contato

Acesse as redes sociais da autora:

Site

http://eliseteduarte.com.br/

Facebook

https://www.facebook.com/eliseteduarte01

Twitter

https://twitter.com/elisete_duarte

Google +

https://plus.google.com/u/0/112644688405109628687

YouTube

https://www.youtube.com/channel/UCSnaAMr-CXXZc16VzRoZ7uw

Instagram

https://www.instagram.com/autora.eliseteduarte/

Outras obras

ETERNAMENTE EU



Já à venda: Amazon.com.br

Um romance envolvente, emocionante, hot e apaixonante.

O que você faria se, de repente, seu coração começasse a bater mais forte pelo homem mais desejado por todas as

mulheres, lindo demais, arrogante demais, rico demais?

Foi apenas um simples esbarrão como qualquer outro e o suficiente para virar a cabeça de Lucy de cabeça para baixo. Chris ajoelhou-se à sua frente e enquanto ele a ajudava a juntar o seu material caído pelo chão, ela olhou para as suas mãos tão próximas e não conseguiu conter um calor se espalhando pelo seu corpo. Levantou seus olhos e se deparou com aqueles incríveis olhos de cor castanho-mel tão lindos e brilhantes. Ele olhava no fundo dos seus olhos a deixando nervosa.

Lucy vê sua vida mudar ao se esbarrar com o milionário Chris Caster, um encontro que muda os seus destinos, com apenas um olhar Chris a deixava perdida, excitada.

De repente, toda a arrogância do Chris se transforma em interesse, ele não consegue se manter longe, Lucy desperta nele seus desejos mais profundos, ele a deseja com intensidade e não vai medir esforços para tê-la.

Um relacionamento tumultuado com preconceitos e rejeições. Um amor que, de repente, é colocado à prova pela própria vida, e eles são obrigados a encarar uma

verdade terrível.

ETERNAMENTE EU: A morte era só o começo



Já à venda: Amazon.com.br

Às vezes nos deparamos com algumas incertezas na vida. Mas para mim tudo era incerto, até a minha própria vida.

O vazio dentro de mim, com a certeza de que me faltava algo, me levava ao desânimo e a acreditar que eu vivia

num mundo que não pertencia, que eu fazia parte de algo muito maior que ficou para trás, em algum lugar de um passado, que eu desconhecia.

Dezoito anos se passaram e Chris nunca se conformou com a perda do seu grande amor. Lucy está em tudo, em todos os lugares e, principalmente, na praia: o lugar onde tiveram momentos apaixonados que viveram e que ficaram marcados para sempre em seu coração.

Mas algo se tornou diferente, real, naquela manhã de sol forte. Deitado na espreguiçadeira, colocou as mãos atrás da cabeça e respirou profundamente o ar para dentro dos seus pulmões. E ao fechar os olhos algo inusitado tomou seu coração.

Ouvia sua Lucy o chamando pelo nome: “Chris... Chris...".

E foi só abrir os olhos e ele começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, sem acreditar, que a via caminhando lentamente sobre as águas do mar em sua direção, tão linda e charmosa, com seus cabelos esvoaçando com o vento.

Sonho ou realidade?

Ele sabia que era um sonho, ela o havia deixado para sempre... Mas ele se recusou a pensar nisto, queria só o momento, queria sua Lucy... Tudo parecia tão real, como se ele ganhasse uma segunda chance.

MEU VIZINHO, MINHA PERDIÇÃO



Já à venda: Amazon.com.br

Quando a gente menos espera, as coisas acontecem em nossas vidas! Destino ou Coincidência?

Foi o que aconteceu com Emily. Morando sozinha desde a morte trágica de seus pais ela se vê deprimida, sozinha. Além do vazio, ainda carrega em seu coração a dor da culpa.

Escritora, ela mergulha de cabeça em suas histórias paralelas, com a esperança de encontrar conforto, sem sucesso. Nada do que viveu nestes últimos anos foi capaz de trazer paz ao seu coração.

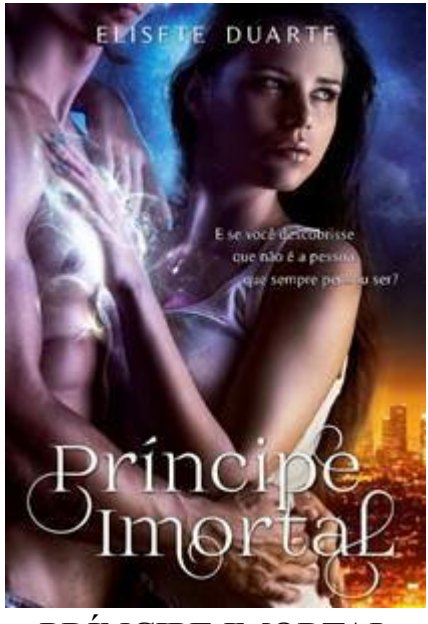
E quando decide dar um ponto final neste tormento, eis que surge Dillan, lindo, estranhamente delicioso. Ele a convence desistir da loucura que estava prestes a fazer e a envolve em seus braços despertando nela emoções desconhecidas...

Dillan jamais pensou em se envolver, só queria salvar aquela linda e maluca que tirou dele seu momento de concentração para colocar seus planos em prática a fim de salvar seu pai sequestrado. Sofrendo perseguições e chantagens, ele se vê acuado. E agora o destino lhe prega uma peça dessa!

Sem saber, Emily acaba sendo envolvida nesta rede de intrigas e agora Dillan precisa salvá-la novamente, o

difícil seria não se envolver...

Um encontro perigoso, quente! Uma aventura inebriante, Meu Vizinho, Minha Perdição é emocionante, erótico e um romance delicioso, totalmente viciante, que vai prender você!



PRÍNCIPE IMORTAL

Primeiro volume da duologia Príncipe Imortal

Já à venda no formato digital: Amazon.com.br

E se você descobrisse que não é a pessoa que sempre pensou ser?

Carol mal teve tempo de se recuperar de um rompimento traumático, e sua vida parece querer dar uma

nova sacudida. Enfrentando um momento difícil, sentindo-se triste e vulnerável, ela acaba reabrindo uma porta sombria do passado, trazendo à tona fantasmas que a assombraram durante toda a infância, além dos medos e angústias que ela pensava terem sido superados.

Então Nicolas surge em sua vida de forma repentina, seu novo e misterioso vizinho, sexy e incrivelmente charmoso, com hipnotizantes olhos verdes. Quando pensou que ele fosse sua chance de mudar o destino do qual sempre fugiu, Carol tem uma grande surpresa: é o próprio Nicolas quem a leva mais fundo nesse mundo sombrio, onde ela descobre fazer parte de um plano sórdido de assassinos cruéis com planos maquiavélicos capazes de colocar a vida de todos em perigo. Sem estar preparada, Carol embarca numa terrível missão que a levará a decidir entre a luz e as trevas.

A primeira parte da duologia Príncipe Imortal é um romance eletrizante, sobrenatural, apaixonante e cheio de surpresas.

Confira também outras obras: AQUI!